

DEDC  
Departamento de Educação  
Campus XI – Serrinha



UNEB  
UNIVERSIDADE DO  
ESTADO DA BAHIA

**ANAIIS DO SEMINÁRIO DO NUPE**  
“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”  
21 a 23 de novembro de 2018

**Organização:**  
**Janeide Bispo dos Santos**

**EdUnEb**  
Editora da Universidade do Estado da Bahia

**Grupos de Pesquisa:**



GASB  
GEO(BIO)GRAFAR



LEPEGE  
NEDER





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534

José Bites de Carvalho  
REITOR

Marcelo Duarte Dantas de Ávila  
VICE - REITORIA

Jean da Silva Santos  
DIRETOR DO DEDC XI

Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso  
DIRETORA SUBSTITUTA

Ana Cristina S. de Oliveira Pereira  
COORD. DO COLEGIADO DE PEDAGOGIA

Macário Protázio Costa Júnior  
COORD. DO COLEGIADO DE GEOGRAFIA

Janúzia Souza Mendes de Araújo  
COORD. DO COLEGIADO DE ADMINISTRAÇÃO

Janeide Bispo dos Santos  
COORD. DO NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO – NUPE

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Alâine Araújo dos Santos  
Alan Barbosa Barros  
Alana Ramos dos Santos  
Ana Cristina S. de Oliveira Pereira  
Cenilza Pereira dos Santos  
Diná Santana de Novais  
Georgman Santos Cedraz  
Geivison Silva dos Anjos  
Ione Góes da Silva  
Janúzia Souza Mendes Araújo  
Jean da Silva Santos  
Jeane Ferreira de Oliveira  
Janeide Bispo dos Santos  
Josianne da Silva Lima  
Jucélia Macêdo Pacheco  
Juliana Melo Leite  
Lorena Ferreira de Souza Almeida  
Macário Protázio Costa Junior  
Maria Claudete Marques Barbosa Estrela  
Nélia de Mattos Monteiro



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Vanessa Luciano Brito  
Virgínia Gonçalves de Souza Santos

## Comitê Científico

Profa. MSc. Ana Conceição Alves Santiago (FAT)  
Profa. Dra. Ana Cristina de Mendonça Santos (UNEB)  
Profa. MSc. Ana Cristina S. de Oliveira Pereira (UNEB)  
Profa. MSc. Ana Margarete Gomes da Silva (UNEB)  
Prof. MSc. Carlos Rangel Portugal Pereira (UNEB)  
Profa. Dra. Cenilza Pereira dos Santos (UNEB)  
Profa. MSc. Claudene Ferreira Mendes Rios (UNEB)  
Prof. Dr. Cleber de Souza Couto (UNEB)  
Profa. Dra. Edineiran Marinho Maciel (UNEB)  
Profa. MSc. Gildaite Moura de Queiroz (UNEB)  
Profa. MSc. Gelcivânia Mota Silva (UNEB)  
Profa. MSc. Isabel de Jesus Santos dos Santos (UFRB)  
Profa. Dra. I sabelle Sanches Pereira (UNEB)  
Profa. Dra. Isaura Santana Fontes (UNEB)  
Profa. Dra. Janúzia Souza Mendes de Araújo (UNEB)  
Profa. Dra. Jusceli Maria Oliveira de C. Cardoso (UNEB)  
Prof. MSc. Jean da Silva Santos (UNEB)  
Profa. MSc. Jocely Santos Caldas Almeida (UNEB)  
Profa. Dra. Jussara Fraga Portugal (UNEB)  
Profa. Dra. Lícia Maria Barbosa (UNEB)  
Profa. MSc. Lídia Barreto da Silva (UNEB)  
Profa. MSc. Luciana Rios da Silva (FAT)  
Profa. Dra. Luzeni Ferraz de Oliveira Carvalho (UNEB)  
Profa. MSc. Madryacy Ferreira C. M. Ovídio (UNEB)  
Profa. Dra. Maria Jucilene Lima Ferreira (UNEB)  
Profa. Dra. Maria Nalva Rodrigues Araújo Bogo (UNEB)  
Profa. MSc. Miriam Barreto de A. Passos (UNEB)  
Profa. Dra. Mônica Moreira de Oliveira Torres (UNEB)  
Profa. MSc. Nayana Sepúlveda Suzart (UNEB)  
Profa. Esp. Nívia Valéria Carneiro Rosas Vencimento (UNEB)  
Profa. MSc. Renata Adrian Ribeiro S. Ramos (UNEB)  
Profa. MSc. Rita de Cássia Santana de Oliveira (UNEB)  
Profa. Dra. Rosana Mara Chaves Rodrigues (UNEB)  
Profa. Dra. Sandra Regina Magalhães Araújo (UNEB)  
Profa. Dra. Simone Santos de Oliveira (UNEB)  
Profa. MSc. Telma Regina Batista Nascimento (UNEB)

## DIAGRAMAÇÃO

Jeane Ferreira de Oliveira



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## FICHA CATALOGRÁFICA Sistema de Bibliotecas da UNEB

Maria Claudete Marques Barbosa Estrêla - CRB/ BA 806

Seminário de Pesquisa e Extensão do NUPE Campus XI (9: 2018: Serrinha, BA)

Anais do IX Seminário do NUPE: ensino, pesquisa e extensão na universidade pública no contexto da reestruturação neoliberal, 21 a 23 de novembro de 2018, Serrinha. / Organizado por Janeide Bispo dos Santos. – Serrinha: 2018.

Evento realizado pela: Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação Campus XI, Núcleo de Pesquisa e Extensão – Serrinha-Ba.

1. Pesquisa - Congressos. 2. Iniciação Científica - Congresso. 3. Educação - Congressos. I. Santos, Janeide Bispo. II. Universidade do Estado da Bahia.

CDD: 001.4



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b>	10
<b>Objetivos</b>	10
<b>Programação Geral</b>	12
<b>Resumos dos Posterres</b>	22
<b>Eixo1: Educação, Cultura e Diversidade</b>	

<b>Autor(es)</b>	<b>Título do Trabalho</b>	<b>Pág</b>
Edna Silva Santos Eva Maria Mattos de Quintela	Brincadeiras: Como elas acontecem na prática da educação infantil	23
Emille Santana Moreira Nunes Lícia Maria de Lima Barbosa	Relações Étnico Raciais nas Licenciaturas	24
Givanildo Santos de Almeida Hemily Araújo dos Santos Marco Luciano Fagundes Magalhães	A gestão de pessoas na educação: Um diálogo possível	25
Janieli Lopes Ferreira Rute Araujo da Silva	O Ser Surdo na Cultura Ouvinte: Uma análise do Documentário “Sou Surda e Não Sabia”	26
Luzia Aparecida Silva Irlana Jane Menas da Silva	Ser Mãe e Professora: Desafios das Mulheres no percurso da carreira docente no século XX	27
Nélia de Mattos Monteiro Lucimara Morgado Pereira Lima Tháise Lisboa de Oliveira	Recursos Pedagógicos: construção, uso e difusão incentivada através do Ciclo de Cursos de Braille	28
Vanessa Lima de Jesus Alana Cerqueira de Oliveira Barros José Marcos Silva Ribeiro	Geografia Escolar e Recursos Didáticos Pedagógicos: O uso de maquetes para o ensino da Geomorfologia	29

### **Eixo2: Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título do Trabalho</b>	<b>Pág</b>
Adailma de Araújo Souza Laise Souza Santos	A relação entre família e escola na realidade da Educação Infantil: Um estudo no contexto do Município de Serrinha – BA	30
Ana Clara Evangelista Nascimento Itamara da Luz Santos	A importância de atividades lúdicas na rotina da Educação Infantil: Um estudo realizado por estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	31



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Autor(es)	Título do Trabalho	Pág
Ana Paula de Oliveira Simone Santos de Oliveira	Pedagogia histórico-crítica: Uma referência teórica e metodológica para ensinar geografia escolar	32
Bárbara Pereira de Carvalho Oliveira Derivânia de Jesus Santos Gelcivânia Mota Silva	Relato de experiência do Estágio I: Campanha de conservação do acervo da Biblioteca Paulo Freire: De quem é essa tarefa?	33
Bianca de Jesus França Ilana Santos dos Anjos	A organização do espaço físico da sala de aula de Educação Infantil e as interferências na qualidade do trabalho pedagógico	34
Caroline Biscardi de Araújo Michele Oliveira de Almeida	A importância da creche para o desenvolvimento integral da criança: Um estudo desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	35
Denise Santos Carvalho Jaqueline Santana de Miranda Sara Carvalho de Souza	Ludicidade e aprendizagens cartográficas: Experiências do Estágio Supervisionado em Espaços Não-escolares	36
Irani Almeida de Jesus Barreto Sineide Cruz da Costa Gildaite Moura de Queiroz	A sala de aula – experiências formativas do(o) pedagogo(a) no estágio curricular	37
Jaciene Bispo Pereira Jénife Santos de Araújo Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos	A importância da adaptação da criança na escola de educação infantil: Um estudo realizado por bolsistas do PIBID/CAPES no contexto de Serrinha-BA	39
Jandacira Janaína dos Santos Railda dos Santos Araújo	Educação Infantil: Espaço físico e o desafio da acessibilidade	40
José Marcos Silva Ribeiro Tailson Oliveira Silva Carine Oliveira Santos e Santos	Narrativas de formação no PIBID: Atelier geográfico temático e diversas linguagens	41
Leandra de Jesus Junqueira Kassia Carvalho Queiroz Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos	O espaço físico da escola e sua interferência no desenvolvimento da prática educativa da professora	42
Liza Maria Gonçalves de São Leão Adriana Silva Teles Boudoux José Ernane Carneiro Carvalho Filho	Os desafios, experiências e aprendizados proporcionados pelo PIBID	43



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Autor(es)	Título do Trabalho	Pág
Lizandra Almeida Souza Lidiane da Paixão Ana Carla Ramalho Evangelista Lima	Pedagogia das diferenças: Repensar a formação e a prática pedagógica	44
Malena Gonzaga da Silva Mariane Santos de Oliveira Humberto Cordeiro Araújo Maia	O Estágio Supervisionado em Geografia no Ensino Fundamental II: Compartilhando saberes na escola do Campo	45
Manuela da Mota Souza Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso	Entrelaces entre histórias de vida e experiências no processo de alfabetização nos cenários do território do sisal baiano: o método em questão	46
Marizane Figueredo Vieira Jacqueline Nunes Araújo	Implicações da formação docente nas práticas dos professores da Educação Infantil do Campo	47
Michele de Araujo Brandão Gessiane Carneiro Oliveira	A relação entre a qualidade do espaço físico e o desenvolvimento da prática docente na realidade da educação infantil: análises tecidas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	48
Natiele Rios Rosario Emille Santana Moreira Nunes Isaura Santana Fontes	Vivências e experiências do Estágio Curricular II: A cultura do brincar	49
Priscila Horraine dos Santos Oliveira Deilma Ramos Santos	A efetivação do Planejamento Pedagógico em uma escola de Educação Infantil do Município de Serrinha – BA na perspectiva dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	50
Rair Matos Santos Simone Santos de Oliveira	A linguagem cinematográfica e o Nordeste brasileiro: Em cena, o cinema de animação na geografia escolar	51
<b>Eixo4: Movimentos Sociais, Questões Socioespaciais e Resistências Contra-Hegemônicas</b>		
Autor(es)	Título do Trabalho	Pág
Mikaele dos Santos Silva Araujo Isabelle Sanches Pereira	Educação e movimentos sociais no enfrentamento as violências contra as mulheres	52





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **Eixo 5: Gestão, Planejamento, Territorialidade, Estudos Ambientais e Sustentabilidade**

<b>Autor(es)</b>	<b>Título do Trabalho</b>	<b>Pág</b>
Deise Mercedes Silva Souza Jocely Santos Caldas Almeida	Gestão de pessoas e suas ferramentas: Um estudo na empresa LEAGOLD S/A	53
Gessiane Carneiro Oliveira Michele de Araujo Brandão Marco Luciano Fagundes Magalhães	Gestão de Pessoas: Liderança e motivação como ferramenta de melhoria no processo de ensino e aprendizagem escolar	54
Leonardo Silva Pinto Daniela Magalhães Costa	A Paradinha de Anitta se chama Marketing: Um estudo de caso da internacionalização da carreira de 2013 a 2017	55
<b>Artigos de Comunicação Oral</b>		56
<b>Eixo1: Educação, Cultura e Diversidade</b>		

<b>Autor(es)</b>	<b>Título do Trabalho</b>	<b>Pág</b>
Adriele de Lima Costa Damires da Mota Oliveira Leiriane de Souza Queiroz	Relações étnico-raciais no ensino de Jovens e Adultos: Uma análise na Escola Municipal de Barrocas-BA	57
Andressa Thalia Vitória Oliveira Vandrelito Carneiro Araújo Lima Edriane Gordiano da Silva	Entre chamadas e manchetes, as geografias do Nordeste presentes nos jornais e revistas	68
Carla Assueira Silva Oliveira Emille Santana Moreira Nunes Claudene Ferreira Mendes Rios	A Etnomatemática na Práxis Docente	80
Dailza Araújo Lopes	Multiculturalismo e Educação: Relato de experiência sobre a dimensão formativa da extensão na Universidade do Estado da Bahia	92
Irlana Jane Menas da Silva	A Pessoa Idosa nas aulas de Dança de Salão na Universidade Aberta à Terceira Idade: Leitura e Imagens Fotográficas	102
Jadson Santiago dos Santos Mikaele dos Santos Silva Araújo	Experiências intergeracionais: Compartilhando vivências das ações extensionistas do Progrma Universidade Aberta À Terceira Idade– Campus XI	113
Janicleide Brandão de Jesus Renato Leone Miranda Léda	Paisagem e lugar como categorias para uma aproximação humanista à Geografia da Literatura	124





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Autor(es)	Título do Trabalho	Pág
Joicy Santos Cordeiro Leomárcia Caffé de Oliveira Uzêda	A Gestão Escolar e a relação escola-família na Educação Infantil do Campo: Desafios e possibilidades	141
Luciana Freitas de Oliveira Almeida Elizabeth Pereira Barbosa	Tempo de viver a infância: A Educação Física na Educação das Crianças do Campo	151
Patrícia da Silva Silveira Leane Liny dos Santos Lima Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos	O Projeto Político pedagógico e suas implicações na prática docente: olhar de bolsistas de Iniciação à Docência	163
Tainá das Mercês Oliveira	A Gestão do Patrimônio Público Universitário	174

## Eixo2: Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico

Autor(es)	Título do Trabalho	Pág
Alan Barbosa Barros Dilmara Menezes Santos Vanessa Luciano Brito	A diversidade cultural e o currículo da Educação de Jovens e Adultos	190
Alana Ramos dos Santos	O Estágio com Pesquisa: Reflexões sobre o Núcleo de Pesquisa e Extensão na UNEB/XI	201
Ana Roberta Carneiro Araújo Alana Ramos dos Santos	A articulação teoria e prática no ensino da Matemática: Descrevendo experiências de Estágio Extracurricular na Educação Infantil	218
Camila Santos de Jesus Isaura Santana Fontes	As Inter-Relações Escolares na Educação Infantil: Educandos, Docentes e Agentes Educativos	230
Cintia Araújo Ferreira	Professora Sim, Pedagoga Talvez: Um olhar nas experiências de Docentes em Formação Inicial em curso de Pedagogia	245
Dálete de Oliveira Santana Muller Sampaio dos Santos Silva	Liberdade com Responsabilidade: Análise sobre uma experiência de estágio numa turma do Ensino Fundamental.	262
Helton Lima da Silva Irlana Jane Menas da Silva	Tecnologias em Sala de Aula: Desafios para professoras que atuam em um Colégio Estadual de Feira de Santana – Bahia	275
Hiago Borges Moreira Elizabeth Pereira Barbosa	Desafios trilhados para a inserção da Educação Física na Educação do Campo	288



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Autor(es)	Título do Trabalho	Pág
Itamara da Luz Santos Carla Priscila Borges da Silva Madryacy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio	Histórias infantis: Quais conhecemos? Tecendo uma alternativa de valorização étnico-racial na Educação Infantil	299
Jaqueline Santana Almeida	O uso das Mídias Digitais como material didático no ensino de História: Observações no Estágio Supervisionado I	311
Karyne Santiago de Oliveira Claudene Ferreira Mendes Rios	As Contribuições de Intervenções Pedagógicas na aprendizagem da Divisão de Números Naturais por estudantes de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental	323
Layne Alves de Souza Alana Ramos dos Santos Cenilza Pereira dos Santos	Propriedades do Estágio Curricular: Reflexões necessárias à atuação docente	338
Leane Liny dos Santos Lima Luiz Carlos Jandiroba	Olhares discentes sobre o Componente Curricular Antropologia e Educação no curso de Pedagogia	352
Marilza da Silva Santos Ismário de Araújo Maciel Jones Costa Lima	Meio Ambiente: Educação Ambiental e o exercício da cidadania na Terceira Idade	367
Tâmires Lima da Silva Morais Lívia Pinho dos Santos e Santos Isadora Pinto dos Santos Pereira	Nas entrelinhas das Canções: A Música como recurso didático para entender conteúdos geográficos	379
Virginia Gonçalves de Souza Santos Ana Roberta Carneiro Araujo Mikaele dos Santos Silva Araujo	Pedagogo em Espaço Não Escolar: Uma experiência de Estágio na Universidade Aberta à Terceira Idade	392
<b>Eixo5: Gestão, Planejamento, Territorialidade, Estudos Ambientais e Sustentabilidade</b>		
Autor(es)	Título do Trabalho	Pág
Alana Cerqueira de Oliveira Barros Renato Leone Miranda Léda	Clientelismo: Conceito, contextualização e escalas de atuação	403



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



<b>Autor(es)</b>	<b>Título do Trabalho</b>	<b>Pág</b>
Claudio de Jesus Silva Jocely Santos Caldas Almeida	Planejamento e Gestão de Carreira sob a percepção dos estudantes do curso de Administração: Um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, Serrinha	418
Cleber de Souza Couto Carlos Rangel Portugal Pereira Adriana Batista Mattos	Dinâmica da paisagem e localização espacial das empresas do ramo de autopeças em Feira de Santana/BA	440
Liliane Rangelia Alves de Queiroz Jacqueline Nunes Araujo	Gestão Escolar a sua importância no cotidiano da Educação Infantil do Campo	457



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## APRESENTAÇÃO

O IX Seminário do Núcleo de Pesquisa e Extensão intitulado "Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal", do Departamento de Educação/Campus XI - Serrinha da Universidade do Estado da Bahia, é organizado e executado pelos diversos segmentos que compõem sua comunidade acadêmica.

O evento visa analisar e discutir com a comunidade interna e externa a relação entre a conjuntura sociopolítica neoliberal e seus impactos no funcionamento das atividades de pesquisa, ensino e extensão da universidade, além de potencializar a socialização e a discussão da produção científica e das ações extensionistas.

Portanto, o evento possibilita o intercâmbio de atividades científicas e culturais interinstitucional na relação com a sociedade civil e na divulgação das pesquisas e ações extensionistas. No que tange a sua nona edição, será espaço de análise e de debates sobre as políticas neoliberais que atacam o funcionamento da universidade pública no seu tripé essencial - ensino, pesquisa e extensão - e nas políticas de permanência estudantil. Tais ações terão o intuito de provocar atos de enfrentamento para a resistência e permanência da universidade pública

## OBJETIVOS

- Promover o debate sobre a conjuntura atual e os impactos das políticas neoliberais no ensino, na pesquisa e na extensão universitária, bem como os rebatimentos no âmbito territorial;
- Articular o diálogo com a Educação Básica, os movimentos sociais, a rede de economia solidária, os sindicatos e as organizações governamentais e não governamentais do Território do Sisal, através das experiências empreendidas na comunidade acadêmica e na comunidade externa;
- Mobilizar os diversos segmentos da comunidade universitária para socializar, analisar e discutir os resultados das pesquisas científicas e ações extensionistas realizadas no Departamento e no Território do Sisal;
- Oportunizar as condições para publicação das experiências científicas e extensionistas;
- Fortalecer as redes e grupos de investigação e cooperação no âmbito departamental, interdepartamental e interinstitucional;
- Viabilizar o debate sobre os limites e possibilidades da formação profissional nas áreas de Educação, Administração e Geografia no atual contexto da universidade pública;



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



- Integrar a comunidade da discussão, planejamento e desenvolvimento de ações de pesquisa e extensão no Departamento de Educação/ CAMPUS XI.

## EIXOS TEMÁTICOS

- ✓ **EIXO1:** EDUCAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE;
- ✓ **EIXO2:** ENSINO, FORMAÇÃO, CURRÍCULO E TRABALHO PEDAGÓGICO;
- ✓ **EIXO3:** POLÍTICAS PÚBLICAS, GESTÃO E EMPREENDEDORISMO;
- ✓ **EIXO4:** MOVIMENTOS SOCIAIS, QUESTÕES SOCIOESPACIAIS E RESISTÊNCIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS;
- ✓ **EIXO5:** GESTÃO, PLANEJAMENTO, TERRITORIALIDADE, ESTUDOS AMBIENTAIS E SUSTENTABILIDADE;



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## PROGRAMAÇÃO GERAL

### DIA 21/11/2018 - QUARTA-FEIRA

#### Manhã

07:30 – 09:00 – Credenciamento. Local: Hall de Entrada.

08:30 – 09:00 - Atividade Cultural - Coral da UATI. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

09:00 – 09:30 - Abertura oficial do evento: Direção, Coordenação NUPE, Colegiados e Representante dos Técnicos e Representante Estudantil. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

09:30 – 11:40 - **Conferência de Abertura - A Conjuntura atual e a ameaça à Universidade Pública** - Prof. Dr. Paulo José Riela Tranzilo (UEFS). Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

#### Tarde

14:00 - 17:00 - **Roda de Conversa: diálogo entre Cursos de Graduação** (UNEB, UNIVASF, UFOB E UFPB). Mediadora: Profa. Dra. Janeide Bispo dos Santos. Local: Sala 04 do anexo.

14:00 - 17:00 – **II Colóquio de Combate ao suicídio - Resiliência e vida universitária: desafios e enfrentamentos no cotidiano acadêmico** - Profa. Ms. Nayana Sepúlveda Suzart e Profa. Ms. Nizaneia Matos Nascimento. Mediadora: Profa. Ms. Ana Cristina Silva de Oliveira Pereira. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

16:30 – 17:30 - Sessão de Pôster.

Local: Sala em frente ao Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

### EIXO1: EDUCAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Edna Silva Santos Eva Maria Mattos de Quintela	UNEB	Brincadeiras: Como elas acontecem na prática da educação infantil	PIBID
Emille Santana Moreira Nunes Lícia Maria de Lima Barbosa	UNEB	Relações Étnico Raciais nas Licenciaturas	IC
Givanildo Santos de Almeida Hemily Araújo dos Santos Marco Luciano Fagundes Magalhães	UNEB	A gestão de pessoas na educação: Um diálogo possível	Relato de experiência
Janieli Lopes Ferreira Rute Araujo da Silva	UNEB	O Ser Surdo na Cultura Ouvinte: Uma análise do Documentário “Sou Surda e Não Sabia”	Relato de experiência
Luzia Aparecida Silva Irlana Jane Menas da Silva	UEFS	Ser Mãe e Professora: Desafios das Mulheres no percurso da carreira docente no século XX	IC



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Nélia de Mattos Monteiro Lucimara Morgado Pereira Lima Tháise Lisboa de Oliveira	UNEB	Recursos Pedagógicos: construção, uso e difusão incentivada através dos Ciclos de Curso de Braille	Relato de experiência
Vanessa Lima de Jesus Alana Cerqueira de Oliveira Barros José Marcos Silva Ribeiro	UNEB	Geografia Escolar e Recursos Didáticos Pedagógicos: O uso de maquetes para o ensino da Geomorfologia	PIBID

## EIXO2: ENSINO, FORMAÇÃO, CURRÍCULO E TRABALHO PEDAGÓGICO

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Adailma de Araújo Souza Laise Souza Santos	UNEB	A relação entre família e escola na realidade da Educação Infantil: Um estudo no contexto do Município de Serrinha – BA	PIBID
Ana Clara Evangelista Nascimento Itamara da Luz Santos	UNEB	A importância de atividades lúdicas na rotina da Educação Infantil: Um estudo realizado por estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	PIBID
Ana Paula de Oliveira Simone Santos de Oliveira	UNEB	Pedagogia histórico-crítica: Uma referência teórica e metodológica para ensinar geografia escolar	TCC
Bárbara Pereira de Carvalho Oliveira Derivânia de Jesus Santos Gelvânia Mota Silva	UNEB	Relato de experiência do Estágio I: Campanha de conservação do acervo da Biblioteca Paulo Freire: De quem é essa tarefa?	Relato de experiência
Bianca de Jesus França Ilana Santos dos Anjos	UNEB	A organização do espaço físico da sala de aula de Educação Infantil e as interferências na qualidade do trabalho pedagógico	PIBID
Caroline Biscardi de Araújo Michele Oliveira de Almeida	UNEB	A importância da creche para o desenvolvimento integral da criança: Um estudo desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	PIBID
Denise Santos Carvalho Jaqueline Santana de Miranda Sara Carvalho de Souza	UNEB	Ludicidade e aprendizagens cartográficas: Experiências do Estágio Supervisionado em Espaços Não-escolares	Relato de experiência





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Noite

19:00 – 19:30 - Atividade Cultural - Peça Saber de Cor (Grupo de Teatro “Os Cênicos” da cidade de Biritinga). Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

19:30 - 22:00 - **Mesa Redonda 1 - A importância da Universidade Pública na formação profissional e social** - Profa. Dra. Lícia Maria de Lima Barbosa (UNEB) e Profa. Dra. Jucélia Bispo dos Santos (UNILAB). Mediadora: Profa. Ms. Lorena Ferreira de Souza Almeida. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

## DIA 22/11/2018 - QUINTA-FEIRA

### Manhã

08:00 - 08:30 - Atividade Cultural - Voz e Violão - Guêu Anjos. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

08:30 – 11:00 - **Mesa Redonda 2 - A BNCC e a reforma do Ensino Médio: impactos na formação do(a) professor(a) e na Educação Básica** - Prof. Dr. Átila Menezes de Lima (UNIVASF) e Profa. Ms. Ivânia Paula Freitas de Souza Sena (UNEB). Mediadora: Profa. Dra. Cenilza Pereira dos Santos. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

10:30 - 12:00 - Sessão de Pôster

Local: Sala em frente ao Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

## EIXO2: ENSINO, FORMAÇÃO, CURRÍCULO E TRABALHO PEDAGÓGICO

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Irani Almeida de Jesus Barreto Sineide Cruz da Costa Gildaite Moura de Queiroz	UNEB	A sala de aula – experiências formativas do(o) pedagogo(a) no estágio curricular	Relato de experiência
Jaciene Bispo Pereira Jénife Santos de Araújo Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos	UNEB	A importância da adaptação da criança na escola de educação infantil: Um estudo realizado por bolsistas do PIBID/CAPES no contexto de Serrinha-BA	PIBID
Jandacira Janaína dos Santos Railda dos Santos Araújo	UNEB	Educação Infantil: Espaço físico e o desafio da acessibilidade	PIBID
José Marcos Silva Ribeiro Tailson Oliveira Silva Carine Oliveira Santos e Santos	UNEB	Narrativas de formação no PIBID: Atelier geográfico temático e diversas linguagens	PIBID
Leandra de Jesus Junqueira Kassia Carvalho Queiroz Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos	UNEB	O espaço físico da escola e sua interferência no desenvolvimento da prática educativa da professora	PIBID



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Liza Maria Gonçalves de São Leão Adriana Silva Teles Boudoux José Ernane Carneiro Carvalho Filho	UNEB	Os desafios, experiências e aprendizados proporcionados pelo PIBID	PIBID
Lizandra Almeida Souza Lidiane da Paixão Ana Carla Ramalho Evangelista Lima	UEFS	Pedagogia das diferenças: Repensar a formação e a prática pedagógica	Relato de experiência
Malena Gonzaga da Silva Mariane Santos de Oliveira Humberto Cordeiro Araújo Maia	UNEB	O Estágio Supervisionado em Geografia no Ensino Fundamental II: Compartilhando saberes na escola do Campo	Relato de experiência
Manuela da Mota Souza Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso	UNEB	Entrelaces entre histórias de vida e experiências no processo de alfabetização nos cenários do território do sisal baiano: o método em questão	TCC
Marizane Figueredo Vieira Jacqueline Nunes Araújo	UEFS	Implicações da formação docente nas práticas dos professores da Educação Infantil do Campo	IC
Michele de Araujo Brandão Gessiane Carneiro Oliveira	UNEB	A relação entre a qualidade do espaço físico e o desenvolvimento da prática docente na realidade da educação infantil: análises tecidas por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	PIBID
Natiele Rios Rosario Emille Santana Moreira Nunes Isaura Santana Fontes	UNEB	Vivências e experiências do Estágio Curricular II: A cultura do brincar	Relato de experiência
Priscila Horraine dos Santos Oliveira Deilma Ramos Santos	UNEB	A efetivação do Planejamento Pedagógico em uma escola de Educação Infantil do Município de Serrinha – BA na perspectiva dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)	PIBID
Rair Matos Santos Simone Santos de Oliveira	UNEB	A linguagem cinematográfica e o Nordeste brasileiro: Em cena, o cinema de animação na geografia escolar	TCC

11:00 - 12:00 - Reunião do Observatório da Questão Agrária na Bahia.  
Mediação: Profa. Dra. Guiomar Inez Germani (UFBA). Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Tarde

13:40 - 17:00 - **Mesa Redonda 3 - As políticas de ataque às Universidades Públicas e seus rebatimentos socioterritoriais** - Prof. Dr. Marco Antonio Mitidiero Junior (UFPB) e Prof. Dr. Tiago Rodrigues Santos (UFRB) e Prof. Dr. Valney Dias Rigonato (UFOB). Mediadora: Profa. Ms. Josianne da Silva Lima. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

## Noite

18:00 - 18:30 - Atividade Cultural - Recital de Poesias - Prof. Ms. Edson Barreto Lima. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

18:30 – 19:30 – Sessão de Pôster.

Local: Hall de Entrada.

## **EIXO4: MOVIMENTOS SOCIAIS, QUESTÕES SOCIOESPACIAIS E RESISTÊNCIAS CONTRA-HEGEMÔNICAS**

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Mikaele dos Santos Silva Araujo Isabelle Sanches Pereira	UNEB	Educação e movimentos sociais no enfrentamento as violências contra as mulheres	Relato de experiência

## **EIXO5: GESTÃO, PLANEJAMENTO, TERRITORIALIDADE, ESTUDOS AMBIENTAIS E SUSTENTABILIDADE**

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Deise Mercedes Silva Souza Jocely Santos Caldas Almeida	UNEB	Gestão de pessoas e suas ferramentas: Um estudo na empresa LEAGOLD S/A	TCC
Gessiane Carneiro Oliveira Michele de Araujo Brandão Marco Luciano Fagundes Magalhães	UNEB	Gestão de Pessoas: Liderança e motivação como ferramenta de melhoria no processo de ensino e aprendizagem escolar	Relato de experiência
Leonardo Silva Pinto Daniela Magalhães Costa	UNEB	A Paradinha de Anitta se chama Marketing: Um estudo de caso da internacionalização da carreira de 2013 a 2017	TCC

18:30 – 20:00 - Sessão de Comunicação Oral

Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## EIXO 5: GESTÃO, PLANEJAMENTO, TERRITORIALIDADE, ESTUDOS AMBIENTAIS E SUSTENTABILIDADE

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Alana Cerqueira de Oliveira Barros Renato Leone Miranda Léda	UNEB	Clientelismo: Conceito, contextualização e escalas de atuação	TCC
Claudio de Jesus Silva Jocely Santos Caldas Almeida	UNEB	Planejamento e Gestão de Carreira sob a percepção dos estudantes do curso de Administração: Um estudo de caso na Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, Serrinha	TCC
Cleber de Souza Couto Carlos Rangel Portugal Pereira Adriana Batista Mattos	UNEB	Dinâmica da paisagem e localização espacial das empresas do ramo de autopeças em Feira de Santana/BA	Dissertações e Teses
Liliane Rangelia Alves de Queiroz Jacqueline Nunes Araujo	UEFS	Gestão Escolar a sua importância no cotidiano da Educação Infantil do Campo	IC

20:00 - 22:00 - **Palestra - Os impactos da contingenciamento imposto às Universidades Públicas na formação profissional e social** - Prof. Esp. Rodrigo Ludovice da Silva (UNEB). Mediadora: Profa. Ms. Nayana Sepúlveda Suzart. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

### DIA 23/11/2018 - SEXTA-FEIRA

#### Manhã

08:00 - 08:30 - Atividade Cultural - Voz e Violão - Guêu Anjos. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

08:30 - 12:00 - **Mesa Redonda 4 - Impactos das Políticas Neoliberais na Extensão Universitária, na Assistência Estudantil e nas Ações Afirmativas** - Profa. Ms. Adriana dos Santos Marmori Lima (UNEB/PROEX); Profa. Ms. Amélia Tereza Santa Rosa Maraux (UNEB/PROAF); Profa. Ms. Elivânia Reis de Andrade Alves (UNEB/PRAES) e Profa. Dra. Marluce de Lima Macêdo (UNEB/Campus XIV). Mediador: Prof. Ms. Luiz Rogério de Lima Macêdo. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

#### Tarde

13:30 - 16:00 - Sessão de Comunicação Oral

**EIXO1: EDUCAÇÃO, CULTURA E DIVERSIDADE**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Local: Sala 01

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Adrielle de Lima Costa Damires da Mota Oliveira Leiriane de Souza Queiroz	UNEB	Relações étnico-raciais no ensino de Jovens e Adultos: Uma análise na Escola Municipal de Barrocas-BA	Relato de Experiência
Andressa Thalia Vítório Oliveira Vandrelito Carneiro Araújo Lima Edriane Gordiano da Silva	UNEB	Entre chamadas e manchetes, as geografias do Nordeste presentes nos jornais e revistas	Relato de Experiência
Irlana Jane Menas da Silva	UEFS	A Pessoa Idosa nas aulas de Dança de Salão na Universidade Aberta à Terceira Idade: Leitura e Imagens Fotográficas	Relato de Experiência
Jadson Santiago dos Santos Mikaele dos Santos Silva Araújo	UNEB	Experiências intergeracionais: Compartilhando vivências das ações extensionistas do Programa Universidade Aberta À Terceira Idade– Campus XI	Relato de Experiência
Tainá das Mercês Oliveira	UNEB	A Gestão do Patrimônio Público Universitário	Relato de Experiência

Local: Sala 02

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Carla Assueira Silva Oliveira Emille Santana Moreira Nunes Claudene Ferreira Mendes Rios	UNEB	A Etnomatemática na Práxis Docente	Relato de Experiência
Dailza Araújo Lopes	UFRB	Multiculturalismo e Educação: Relato de experiência sobre a dimensão formativa da extensão na Universidade do Estado da Bahia	Relato de Experiência
Janicleide Brandão de Jesus Renato Leone Miranda Léda	UNEB	Paisagem e lugar como categorias para uma aproximação humanista à Geografia da Literatura	TCC
Joicy Santos Cordeiro Leomárcia Caffé de Oliveira Uzêda	UEFS	A Gestão Escolar e a relação escola-família na Educação Infantil do Campo: Desafios e possibilidades	IC



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Luciana Freitas de Oliveira Almeida Elizabeth Pereira Barbosa	UEFS	Tempo de viver a infância: A Educação Física na Educação das Crianças do Campo	IC
Patrícia da Silva Silveira Leane Liny dos Santos Lima Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos	UNEB	O Projeto Político pedagógico e suas implicações na prática docente: olhar de bolsistas de Iniciação à Docência	Relato de Experiência

## EIXO2: ENSINO, FORMAÇÃO, CURRÍCULO E TRABALHO PEDAGÓGICO

Local: Sala 03

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Alana Ramos dos Santos	UNEB	O Estágio com Pesquisa: Reflexões sobre o Núcleo de Pesquisa e Extensão na UNEB/XI	Relato de Experiência
Ana Roberta Carneiro Araújo Alana Ramos dos Santos	UNEB	A articulação teoria e prática no ensino da Matemática: Descrevendo experiências de Estágio Extracurricular na Educação Infantil	Relato de Experiência
Dálete de Oliveira Santana Muller Sampaio dos Santos Silva	UNEB	Liberdade com Responsabilidade: Análise sobre uma experiência de estágio numa turma do Ensino Fundamental.	Relato de Experiência
Jaqueline Santana Almeida	UNEB	O uso das Mídias Digitais como material didático no ensino de História: Observações no Estágio Supervisionado I	Relato de Experiência
Layne Alves de Souza Alana Ramos dos Santos Cenilza Pereira dos Santos	UNEB	Propriedades do Estágio Curricular: Reflexões necessárias à atuação docente	Relato de Experiência
Virginia Gonçalves de Souza Santos Ana Roberta Carneiro Araujo Mikaele dos Santos Silva Araujo	UNEB	Pedagogo em Espaço Não Escolar: Uma experiência de Estágio na Universidade Aberta à Terceira Idade	Relato de Experiência





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## EIXO2: ENSINO, FORMAÇÃO, CURRÍCULO E TRABALHO PEDAGÓGICO

Local: Sala 04

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Alan Barbosa Barros Dilmara Menezes Santos Vanessa Luciano Brito	UNEB	A diversidade cultural e o currículo da Educação de Jovens e Adultos	Relato de Experiência
Camila Santos de Jesus Isaura Santana Fontes	UNEB	As Inter-Relações Escolares na Educação Infantil: Educandos, Docentes e Agentes Educativos	TCC
Hiago Borges Moreira Elizabeth Pereira Barbosa	UEFS	Desafios trilhados para a inserção da Educação Física na Educação do Campo	Pesquisa Vinculada a Grupo de Pesquisa
Itamara da Luz Santos Carla Priscila Borges da Silva Madryracy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio	UNEB	Histórias infantis: Quais conhecemos? Tecendo uma alternativa de valorização étnico-racial na Educação Infantil	Relato de Experiência
Karyne Santiago de Oliveira Claudene Ferreira Mendes Rios	UNEB	As Contribuições de Intervenções Pedagógicas na aprendizagem da Divisão de Números Naturais por estudantes de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental	TCC
Marilza da Silva Santos Ismário de Araújo Maciel Jones Costa Lima	UNEB	Meio Ambiente: Educação Ambiental e o exercício da cidadania na Terceira Idade	Relato de Experiência
Tâmires Lima da Silva Morais Lívia Pinho dos Santos e Santos Isadora Pinto dos Santos Pereira	UNEB	Nas entrelinhas das Canções: A Música como recurso didático para entender conteúdos geográficos	PIBID

## EIXO2: ENSINO, FORMAÇÃO, CURRÍCULO E TRABALHO PEDAGÓGICO

Local: Sala 05

AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Cintia Araújo Ferreira	IF BAIANO	Professora Sim, Pedagoga Talvez: Um olhar nas experiências de Docentes em Formação Inicial em curso de Pedagogia	TCC





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



AUTOR(ES)	INSTITUIÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO	ORIGEM DO TRABALHO
Helton Lima da Silva Irlana Jane Menas da Silva	UEFS	Tecnologias em Sala de Aula: Desafios para professoras que atuam em um Colégio Estadual de Feira de Santana – Bahia	Pesquisa Vinculada a Grupo de Pesquisa
Leane Liny dos Santos Lima Luiz Carlos Jandiroba	UNEB	Olhares discentes sobre o Componente Curricular Antropologia e Educação no curso de Pedagogia	Relato de Experiência

16:00 - 17:00 – Encerramento. Local: Auditório Prof. Dr. Roberto Sidnei A. Macêdo.

\*Programação sujeita a alterações



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## RESUMOS DOS POSTERES



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## BRINCADEIRAS: COMO ELAS ACONTECEM NA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO INFANTIL<sup>1</sup>

**Edna Silva Santos**

Universidade do Estado da Bahia, Campus- XI

[ednapoop@hotmail.com](mailto:ednapoop@hotmail.com)

**Eva Maria Mattos de Quintela**

Universidade do Estado da Bahia, Campus- XI

[evinhaquintelinha@gmail.com](mailto:evinhaquintelinha@gmail.com)

### Resumo:

Neste trabalho objetivamos conhecer a realidade de aspectos da prática educativa no contexto de uma escola pública do município de Serrinha-BA da Educação Infantil, parceira do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), destacando a importância das brincadeiras e a maneira como elas acontecem no espaço da Educação Infantil. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada por bolsistas do Programa em fase inicial do mesmo, de onde emergiu o problema, assim sistematizado: De que maneira as brincadeiras vivenciada pelos sujeitos do espaço educativo da Creche, especificamente em relação à Docência na Educação Infantil, interfere na prática educativa? Assim, cabe evidenciar que este recorte que fizemos da ação da pesquisa desenvolvida, articula-se com o eixo Cultura, Diversidade e Aprendizagens deste IX seminário. Quanto à metodologia, realizamos uma pesquisa de campo que possibilitou coletar os dados por meio da observação participante e entrevista semiestruturada com uma professora, além da análise documental. Em relação a todas as etapas da pesquisa como embasamento teórico, dialogamos com Carvalho e Rubiano (1994), Myles (2002) e Kishimoto (1998) na perspectiva de estudar e conhecer que, é na escola que a criança se relaciona e interage com as outras, trazendo contribuições para o desenvolvimento de suas aprendizagens e habilidades. Já quanto aos resultados desta atividade formativa, percebemos que enquanto bolsistas do PIBID, futuros docentes, tivemos a oportunidade de elaborar projetos e desenvolvê-los no próprio local de estudo, o que contribuirá para a nossa formação. Os resultados dos trabalhos foram parcialmente satisfatórios, pois a organização do espaço infantil precisa ser bem preparado para atender as necessidades das crianças, inclusive para as brincadeiras, assim como também proporcionou aproximarmo-nos da realidade e perceber que a brincadeira é uma das maneiras mais naturais e divertidas de construir conhecimento, possibilitando o desenvolvimento da autonomia da criança.

**Palavras-chave:** Brincadeiras. Docência. Espaço físico.

---

<sup>1</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS NAS LICENCIATURAS

**Emille Santana Moreira Nunes**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[emille.nunes@live.com](mailto:emille.nunes@live.com)

**Licia Maria de Lima Barbosa**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[lbarbosa@uneb.br](mailto:lbarbosa@uneb.br)

### Resumo:

Esta pesquisa cujo tema é Relações Étnico Raciais nas Licenciaturas partiu da evidência que as produções acadêmicas relacionadas ao tema Relações Étnico-raciais e Educação vêm sendo abordada no DEDC/CAMPUS XI da UNEB. Assim a proposta consistiu em mapear a produção científica em torno deste tema, de relevância social, e por isso, necessária de ser investigada, de modo a fortalecer exigências da implementação da Lei 10.639/03. Como objetivo geral: mapear pesquisas sobre relações étnico-raciais nos TCC's dos cursos do PARFOR – Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, oferecidos pelo campus XI da UNEB, no período de 2010 a 2016. E como objetivos específicos: identificar as pesquisas que abordam o tema classificando-as em função das interfaces com outras categorias; analisar produções e possíveis repercussões associadas às pesquisas identificadas; publicar e apresentar resultados da pesquisa em diferentes fóruns acadêmicos. A metodologia da pesquisa foi de base documental, realizada nas plataformas oficiais da UNEB, portais oficiais do Ministério da Educação e documentos de instauração do PARFOR no campus XI, nos arquivos dos cursos do PARFOR/DEDC/Campus XI. A coleta, mapeamento e seleção dos TCC's evidenciaram como resultado uma súbita queda de produção na temática educação das relações étnico raciais nas licenciaturas, possível reflexo da oferta da maior ou menor quantidade de componentes curriculares que se relacionam com a temática pesquisada. O baixo quantitativo de TCC's em relação ao tema repercute no silenciamento, na pouca visibilidade, na reprodução de estereótipos em relação à história e cultura afro-brasileira e africana na educação. Urge repensar a oferta dos componentes curriculares, a fim de propor uma matriz curricular mais diversificada na qual as relações étnico raciais sejam trabalhadas de forma interdisciplinar Com incentivo, fomentando mais estudos, pesquisas, publicações no campo das relações étnico-raciais e educação, que se estimule grupos de pesquisas, se amplie e valorize a temática.

**Palavras-chave:** Relações étnico-raciais. Licenciaturas. Pesquisa.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A GESTÃO DE PESSOAS NA EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

**Givanildo Santos de Almeida**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[givanildoalmeida365@gmail.com](mailto:givanildoalmeida365@gmail.com)

**Hemily Araújo dos Santos**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[hemily.araujo1@gmail.com](mailto:hemily.araujo1@gmail.com)

**Marco Luciano Fagundes Magalhães**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[marco.luciano@bol.com.br](mailto:marco.luciano@bol.com.br)

### Resumo:

O presente trabalho intitulado: "A gestão de pessoas na educação: um diálogo possível", desenvolve uma discussão que busca relacionar a gestão de pessoas com a educação. O mesmo trará uma importante contribuição para o eixo temático, visto que, a reflexão aqui levantada, nos leva a perceber a semelhança existente, e o diálogo possível entre as duas áreas de conhecimento, o que poderá possibilitar um trabalho educacional fundamentado na teoria da gestão de pessoas. Está escrita se trata de uma experiência no componente curricular Gestão de Pessoas e propõe a seguinte questão problema: Como a gestão de pessoas pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem? O objetivo geral desse trabalho é discutir a possível relação entre a gestão de pessoas e a educação, dando ênfase à gestão escolar. A fim de contemplar esta proposta, propomos como objetivos específicos: desenvolver uma conversão entre autores da área da administração e da educação, analisar a possibilidade de uma gestão escolar que considere aspectos da gestão de pessoas e refletir sobre a gestão de pessoas por meio de uma perspectiva democrática e participativa. Para subsidiar a nossa produção, nos apoiamos em alguns teóricos, a exemplo de: Chiavenato (2014), Gil (2007), Vergara (2005), Luck (2000), Mutim e Freitas (1999), Portela e Atta (2007). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que segundo Severino (2007, p. 122), “[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.”. Esta metodologia de pesquisa nos oferece a possibilidade de utilizar categorias teóricas desenvolvidas anteriormente por outros pesquisadores. Por meio desse trabalho, é possível afirmar que a gestão de pessoas que na empresa gerencia os comportamentos, na escola pode se ressignificar garantindo a consolidação dos processos socioeducativos nas instituições escolares.

**Palavras-chave:** Gestão de Pessoas. Gestão Escolar. Escola. Sociedade.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## O SER SURDO NA CULTURA OUVINTE: UMA ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO “SOU SURDA E NÃO SABIA”

**Janieli Lopes Ferreira**

UNEB/UNEAD

[janieliferreira2014@gmail.com](mailto:janieliferreira2014@gmail.com)

**Rute Araujo da Silva**

UNEB/UNEAD

[ruty.geografia@gmail.com](mailto:ruty.geografia@gmail.com)

O presente artigo foi desenvolvido no Componente Curricular Psicologia do Desenvolvimento da Pessoa Surda do Curso de Especialização em Formação de professores Letras/Libras da UNEB-UNEAD e teve como objetivo analisar às narrativas do Documentário “Sou surda e não sabia” que relata a trajetória de vida de uma menina surda que ao longo de sua infância foi vista como uma deficiente auditiva que precisava de tratamentos médicos para se “curar” da surdez. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo, tendo como aporte teórico os seguintes autores: Andrade (2018), Dalcin (2009), Moreira (2008), Mattos (2018) e Vygotsky (2011). A análise do Documentário revelou que os surdos necessitam interagir com os sujeitos pertencentes à mesma cultura, no intuito de evitar a construção da identidade enquanto deficiente auditivo que, por vezes, é uma construção forjada a partir das relações com a cultura ouvinte. Por meio da análise, foi possível compreender que o contato com a Língua Brasileira de Sinais corrobora para o fortalecimento da identidade dos sujeitos surdos à medida que esta língua representa um símbolo de identidade social, da história, dos valores e costumes dos surdos. O documentário analisado revelou também a necessidade de inserir os estudantes surdos em uma escola que tenha como princípios norteadores de seu projeto político pedagógico que as pessoas pertencentes à cultura surda, fazem parte de um grupo linguístico cultural e não de pessoas “doentes” que precisam ser curadas.

**Palavras-chave:** Identidade Surda. Cultura Surda. Língua Brasileira de Sinais.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## SER MÃE E PROFESSORA: DESAFIOS DAS MULHERES NO PERCURSO DA CARREIRA DOCENTE NO SÉCULO XX

**Luzia Aparecida Silva**

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

[lumarifsa@gmail.com](mailto:lumarifsa@gmail.com)

**Irlana Jane Menas da Silva**

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

[irlanamenas@hotmail.com](mailto:irlanamenas@hotmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho abordará sobre alguns dos desafios vivenciados por mulheres, que eram professoras durante o século XX, para conciliar as atividades domésticas à profissão. Tal investigação foi possível através da pesquisa de Iniciação Científica que teve como agência financiadora a PROBIC-UEFS, sendo esta desenvolvida no Grupo de Estudos e Pesquisas em História, Educação e Gênero (GEPHEG) em Feira de Santana, Bahia. A curiosidade pela temática surgiu a partir de debates durante o terceiro semestre no curso de Licenciatura em Pedagogia, no qual tínhamos discussões a respeito do processo de inserção das mulheres no mercado de trabalho (especificamente na docência). Nesse período foram surgindo algumas inquietações sobre como as mulheres, que eram professoras e mães, conseguiam conciliar a profissão com os afazeres domésticos, visto que ainda se tinha como predominância o pensamento que atribuíam a elas como únicas responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos? Neste estudo, pautado na abordagem qualitativa, tivemos como objetivos, analisar os desafios enfrentados pelas mulheres que eram professoras e mães no século XX, bem como, conhecer as estratégias que elas utilizavam para conciliar suas atividades domésticas com a função docente. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com três professoras formadas no período entre 1962 a 1973, bem como, recorreremos aos estudos de Fidalgo (2003), Louro (2017), Uchôa (2016), dentre outros que auxiliaram nessa análise. Quanto aos resultados, estes parecem indicar que as professoras tiveram que lidar com situações como o preconceito por parte da sociedade e até do esposo para conseguirem adentrar ao espaço de trabalho. Quanto aos desafios para conciliar a profissão docente aos afazeres domésticos, elas recorreram a estratégias como o planejamento, bem como, através dos relatos, percebeu-se de grande importância a necessidade de uma rede de apoio como a família (parentes) ou empregada doméstica para que obtivessem êxito no desenvolvimento das tarefas.

**Palavras-chave:** Desafios. Profissão Docente. Dona de Casa.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## RECURSOS PEDAGÓGICOS: CONSTRUÇÃO, USO E DIFUSÃO INCENTIVADA ATRAVÉS DO CICLO DE CURSOS DE BRAILLE<sup>2</sup>

**Nélia de Mattos Monteiro**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XI

[neliamm@hotmail.com](mailto:neliamm@hotmail.com)

**Lucimara Morgado Pereira Lima**

CAPENE

[morgadomara@hotmail.com](mailto:morgadomara@hotmail.com)

**Tháise Lisboa de Oliveira**

CAPENE

[thaiselisboa@hotmail.com](mailto:thaiselisboa@hotmail.com)

### Resumo:

O V Ciclo de Curso de Braille, objetiva complementar/suplementar os conhecimentos de professores, pais e interessados. A pergunta que norteou a proposta foi: o aprendizado do Braille pelo professor influencia na construção de novas práticas pedagógicas para com o estudante cego? Tendo como objetivo geral a difusão do uso do Braille como suporte ao aprendizado da pessoa cega; e específicos: refletir sobre o cotidiano da pessoa com deficiência; conhecer o universo do Braille e suas possibilidades pedagógicas; aprender o uso de recursos como a máquina Braille e demais. O referencial teórico baseou-se em Mantoan (2008); Brasil (2011); Manzini (2009) entre outros. A metodologia ancorou-se em três momentos: o primeiro, presencial, tendo como foco os conhecimentos teóricos e práticos de Braille, a partir do sóciointeracionismo vigotskiano; o segundo, também presencial, que é a construção de projetos para realização de oficinas pelos cursistas; o terceiro, com execução de oficinas nas escolas. Desta forma, a construção de recursos pedagógicos, colabora com as relações interpessoais na sala de aula e contribui para a inclusão. As oficinas já realizadas pelos cursistas, até então, contemplaram 07 municípios circunvizinhos (Bandiaçu, Barrocas, Biringinga, Conceição do Coité, Feira de Santana, Teofilândia e Valente), com resultados muito positivos. Por fim, percebemos que a pergunta da pesquisa apresenta resultados relevantes e de fato há influência das práticas pedagógicas quando se tem conhecimentos sobre o Braille e estes são incorporados à prática. Então, pensar na produção de um material didático para a diversidade perpassa na possibilidade de transformação de uma sociedade, de uma escola mais igualitária e inclusiva, onde todos possam se reconhecer como parte integrante, com todos os seus direitos e deveres preservados.

**Palavras-chave:** Deficiência Visual/cegueira. Braille e Recursos Pedagógicos. Inclusão.

---

<sup>2</sup> Trabalho orientado pela Profa. Dra. Márcia Raimunda de Jesus Moreira da Silva.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## GEOGRAFIA ESCOLAR E RECURSOS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS: O USO DE MAQUETES PARA O ENSINO DA GEOMORFOLOGIA<sup>3</sup>

**Vanessa Lima de Jesus**

Universidade do Estado da Bahia / Campus XI

[nessinha15t@hotmail.com](mailto:nessinha15t@hotmail.com)

**Alana Cerqueira de Oliveira Barros**

Universidade do Estado da Bahia / Campus XI

[alanabarros4@hotmail.com](mailto:alanabarros4@hotmail.com)

**José Marcos Silva Ribeiro**

Universidade do Estado da Bahia / Campus XI

[msr\\_marcos15@hotmail.com](mailto:msr_marcos15@hotmail.com)

### Resumo:

Este texto é resultado de ações didático-pedagógicas desenvolvidas no âmbito do V Atelier Geográfico Temático, no contexto do subprojeto “*Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – de Geografia da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI. O objetivo deste trabalho é tecer algumas reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Leandro Gonçalves da Silva, numa turma de 6º ano do Ensino Fundamental II, a partir dos conteúdos referentes a unidade letiva, a saber: o relevo terrestre, na qual focamos nas questões dos agentes estruturantes e modeladores do relevo, as formas de relevo e a relação do homem com esse suporte físico. Assim, destacamos que tratar do caráter puramente físico do relevo, significa desprezar vários aspectos que afetam diretamente a sociedade. Partindo dessa realidade, nossa proposta foi explorar os conteúdos através do uso de maquetes visando que os alunos compreendessem que o relevo não é algo inerte e que o homem é considerado um dos agentes capazes de alterar as mais variadas formas e os mais diversos espaços, seja para habitação, abertura de estradas e/ou exploração do potencial econômico de certas áreas. Para isso, utilizamos maquetes, uma representando as formas de relevo: planaltos, planícies, depressões, montanhas, morros. Outra representando uma forma de relevo que havia sido ocupada por construções e que supostamente teria sido alvo de uma erosão pluvial, acarretando no deslizamento de terra. Neste contexto, ressaltamos a importância do uso de maquetes, que de acordo com Santos (2009), Simielli (2007) e Morais (2013), é de grande relevância na prática pedagógica, pois sua elaboração auxilia na leitura, interpretação e análise de fatos, fenômenos e processos geográficos.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia. Práticas pedagógicas. PIBID.

---

<sup>3</sup> Orientado pela professora Jussara Fraga Portugal.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NA REALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO NO CONTEXTO DO MUNICÍPIO DE SERRINHA – BA<sup>4</sup>

**Adailma de Araújo Souza**

UNEB/*Campus XI*

[adailmasouza374@gmail.com](mailto:adailmasouza374@gmail.com)

**Laise Souza Santos**

UNEB/*Campus XI*

[laisesouza@gmail.com](mailto:laisesouza@gmail.com)

### **Resumo:**

Esse escrito parte de uma pesquisa para construção de diagnóstico escolar, que objetiva refletir a relação entre família e escola na realidade da Educação Infantil. A mesma foi desenvolvida por estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenadoria de Pessoal do Ensino Superior (CAPES), vinculado ao Colegiado de Pedagogia – UNEB/*Campus XI*, subprojeto: Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas Contribuições para o Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança. Diante da proposta de pesquisa desenvolvida e pela natureza do programa e subprojeto o presente trabalho relaciona-se ao eixo: ensino, formação, currículo e trabalho pedagógico. Sobre a pesquisa: partiu-se da seguinte questão norteadora: de que maneira a realidade do espaço de educação infantil interfere na qualidade da prática educativa no contexto de uma escola parceira do PIBID, no município de Serrinha/Ba? Objetivou-se: conhecer a realidade de aspectos da prática educativa, no contexto de uma escola pública de Educação Infantil. As reflexões foram ancoradas em estudiosos como Oliveira (2011), Chraim (2009) e Portes (2011). Utilizou-se a abordagem qualitativa de pesquisa, sendo desenvolvido um estudo de campo que teve como procedimentos de coleta de dados: a entrevista semiestruturada junto à professora da classe de crianças de 5 a 6 anos, análise documental do projeto pedagógico (PP) da escola, bem como da observação participante no contexto da sala e da escola como um todo. Notou-se que o PP traz que havia resistência dos moradores em matricular as crianças na educação infantil. As observações apontam para uma relação de cooperação estabelecida entre a família e a instituição, fato confirmado na fala da professora durante a entrevista. Então, a relação estabelecida entre educação infantil e família parece ser cooperativa. Partindo disso, intenciona-se desenvolver novos estudos para aprofundamento do tema e intervenções pedagógicas no sentido de contribuir na valorização da escola.

**Palavras-chave:** Família. Escola. Prática educativa.

---

<sup>4</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A IMPORTÂNCIA DE ATIVIDADES LÚDICAS NA ROTINA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO REALIZADO POR ESTUDANTES BOLSISTAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)<sup>5</sup>

Ana Clara Evangelista Nascimento

UNEB

[aana.clara@hotmail.com](mailto:aana.clara@hotmail.com)

Itamara da Luz Santos

UNEB

[itamarasantos@gmail.com](mailto:itamarasantos@gmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho objetiva discutir a importância de atividades lúdicas na rotina da educação infantil, no contexto de uma escola pública de Educação Infantil no município de Serrinha-Ba. O estudo relaciona-se ao eixo Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico pela pertinência do tema para o desenvolvimento do trabalho pedagógico e pela prática formativa do PIBID. A proposta formativa desenvolvida pelo subprojeto: Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, do Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O estudo parte da construção de um diagnóstico escolar inicial, realizado por bolsistas de ID. Nesse sentido, buscamos responder seguinte questão de pesquisa: de que maneira a realidade do espaço de educação infantil interfere na qualidade da prática educativa no contexto de uma escola parceira do PIBID, no município de Serrinha/Ba? Para embasar as reflexões desse trabalho utilizamos estudiosos do campo da educação infantil, tais como: Andrade (2010), Moyles (2002), Leão (1999), Silva (2017). A pesquisa utilizou-se da abordagem de cunho qualitativo, sendo aplicado um estudo de campo na realidade de um espaço de educação Infantil de Serrinha/Ba, parceiro do subprojeto. Neste caminho, utilizamos de observações participantes na sala de aula de educação infantil, com crianças de 2 a 3 anos, no período de agosto e setembro de 2018. Por meio desse estudo pode-se perceber que as atividades lúdicas estão presentes, em momentos como conto de histórias, acolhida. Porém, as atividades lúdicas precisam ser mais potencializadas em atividades como a hora do lanche, banho e até mesmo no almoço, que são consideradas mais da especificidade do cuidar. Acredita-se que esses momentos podem ser potencializados com um planejamento pedagógico que envolva com maior ênfase os interesses, necessidades das crianças e ludicidade.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Rotina. Atividades Lúdicas.

---

<sup>5</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: UMA REFERÊNCIA TEÓRICA E METODOLÓGICA PARA ENSINAR GEOGRAFIA ESCOLAR

Ana Paula de Oliveira

UNEB

[paulalub123@hotmail.com](mailto:paulalub123@hotmail.com)

Simone Santos de Oliveira

Geo(bio)grafar/UNEB

[ssoliveira\\_valentec3@yahoo.com.br](mailto:ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br)

### Resumo:

Trata-se de um trabalho de conclusão de curso, fundamentado, sobretudo, nas discussões de Saviani (2005), Lacoste (1988), Callai (2003), Duarte (2008) e Moreira (2011), cuja problemática foi: Como os professores de Geografia da Escola Básica podem trabalhar para potencializar a aprendizagem dos estudantes, auxiliando-os a compreenderem os conhecimentos da ciência geográfica, quando não há uma aparente conexão entre a teoria e prática? Os objetivos que nortearam este estudo foram: - discutir a necessidade de um ensino fundamentado em uma teoria educacional capaz de ajudar os estudantes a apreenderem a realidade social que os envolve, buscando superar a realidade subjetiva para a realidade objetiva; - compreender os fundamentos teórico-práticos da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC); - conhecer a prática docente de alguns professores de Geografia da escola Centro Educacional 30 de Junho para entender quais relações estes estabelecem com as teorias pedagógicas no contexto do seu trabalho docente, além de sugerir a PHC como uma possibilidade metodológica para a prática docente nas aulas de Geografia da Escola Básica. A metodologia esteve ancorada no levantamento bibliográfico, observações *in loco* (sistemática não participante), uso de entrevista estruturada e questionário semiestruturado. Ao propor um ensino crítico e contextualizado, a partir da PHC, da prática social dos discentes, o professor possibilita aos estudantes uma reflexão sobre sua condição social e sua capacidade de, através da educação, apropriar-se do conhecimento científico historicamente produzido pela humanidade para superar a condição de explorados. Dessa forma, práticas pedagógicas ancoradas na Pedagogia Histórico Crítica contribui para a equidade social, através da educação, sobretudo na formação crítica dos estudantes, em seus processos de escolarização, cujo objetivo maior é contribuir com uma formação cidadã que busque uma sociedade igualitária, de bem estar social, onde todas as pessoas possam ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades.

**Palavras-chave:** Pedagogia Histórico-Crítica. Ensino. Geografia Escolar.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## RELATO DE EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO I: CAMPANHA DE CONSERVAÇÃO DO ACERVO DA BIBLIOTECA PAULO FREIRE: DE QUEM É ESSA TAREFA?

**Bárbara Pereira de Carvalho Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[barbaracarvalho08@hotmail.com](mailto:barbaracarvalho08@hotmail.com)

**Derivânia de Jesus Santos**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[derivanciasantos8@gmail.com](mailto:derivanciasantos8@gmail.com)

**Gelcivânia Mota Silva**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[gelshiva@gmail.com](mailto:gelshiva@gmail.com)

### Resumo:

Este trabalho apresenta uma experiência desenvolvida em Pesquisa e Estágio I: Espaços não Escolares na UNEB – CAMPUS XI/Serrinha, sobre orientação da professora Gelcivânia Mota. Partindo da concepção de estágio supervisionado enquanto pesquisa como eixo formativo, defendida por Pimenta e Lima (2004), realizamos o estágio na Biblioteca Paulo Freire com o projeto intitulado **Campanha do Acervo: de quem é essa tarefa?** Com a intenção de compreender melhor a ação pedagógica nesse espaço, a pesquisa teve como objetivo explicitar para a comunidade acadêmica a importância e a necessidade do zelo e da preservação do acervo da biblioteca enquanto patrimônio institucional público, bem como mobilizar para necessidade de instaurar ações que permitam a durabilidade do acervo, pois as formas inadequadas de utilização dos livros terão repercussões para as gerações futuras. O projeto ancorou-se nos seguintes autores: Campello e Silva (2000); Freire (1979); Luccas e Seripeirri (1995); Minayo (2001) e os PCN's. Para atingir os objetivos propostos utilizamos como método de investigação a pesquisa bibliográfica, e a análise dos levantamentos realizados pela própria biblioteca. Sobre o acompanhamento de uma pedagoga, foi possível perceber a relevância do eixo 2: Ensino, Formação, Currículo, e Trabalho Pedagógico, visto que é indispensável a articulação dos saberes teórico-práticos, para compreender os múltiplos papéis, exigindo que o pedagogo em formação, vivencie experiências diversas que permitam a construção da sua identidade docente. A pesquisa se desdobrou em uma curta, porém proveitosa, campanha de divulgação. De acordo com os resultados obtidos percebemos que há um agravante no que se diz respeito ao estado em que se encontra o acervo da biblioteca e para que haja a preservação dos documentos é necessário criar mecanismos de sensibilização com ações concretas, pois há uma carência de políticas que assegurem e definam as medidas que devem ser tomadas caso ocorra alguma violação das regras estabelecidas.

**Palavras-chave:** Estágio. Pesquisa. Formação.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO FÍSICO DA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS INTERFERÊNCIAS NA QUALIDADE DO TRABALHO PEDAGÓGICO<sup>6</sup>

**Bianca de Jesus França**

Universidade do Estado da Bahia, campus XI  
[francabianca725@gmail.com](mailto:francabianca725@gmail.com)

**Ilana Santos dos Anjos**

Universidade do Estado da Bahia, campus XI  
[ilanasantos@hotmail.com](mailto:ilanasantos@hotmail.com)

### Resumo:

Este trabalho objetiva apresentar algumas reflexões sobre a organização do espaço físico da sala de aula em uma escola de educação infantil e as interferências na qualidade do trabalho pedagógico. Relaciona-se ao eixo Ensino, Formação, Currículo, e Trabalho Pedagógico porque tece considerações de pesquisa pertinentes do trabalho pedagógico. O estudo foi desenvolvido na proposta formativa do subprojeto: Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, financiado pela Coordenadoria de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e vinculado ao Colegiado de Pedagogia, UNEB, *Campus XI*. O estudo desenvolvido por bolsistas de iniciação docência teve como questão de pesquisa: de que maneira a realidade do espaço de educação infantil interfere na qualidade da prática educativa no contexto de uma escola parceira do PIBID, no município de Serrinha/Ba? Objetivou-se conhecer a realidade de aspectos da prática educativa, no contexto de uma escola pública de Educação Infantil. A fundamentação teórica se baseou em estudiosos como Oliveira (1996), Kramer (1999), dentre outros. A pesquisa está ancorada na abordagem qualitativa. Foi desenvolvido um estudo de campo, tendo como *locus* uma escola de Educação Infantil do município de Serrinha-Ba, parceira do subprojeto do PIBID, no período de agosto e setembro de 2018. Procedimentos de coleta de dados: a entrevista semiestruturada realizada com a professora da classe de crianças de 2 anos de idade; a observação participante desenvolvida na classe e na escola como um todo. Sobre os resultados: percebeu-se que a sala de aula é pequena, mal iluminada e pouco arejada. A organização do espaço pedagógico pode ser mais bem estruturada, planejada, para que as crianças possam participar das atividades de forma mais autônoma. Logo, a organização do espaço físico interfere na dinâmica e qualidade do trabalho pedagógico. Partindo disso, pode-se contribuir para intervenções pedagógicas contributivas no espaço.

**Palavras-chave:** Organização do Espaço Físico. Interferências. Qualidade do Trabalho Pedagógico.

---

<sup>6</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A IMPORTÂNCIA DA CRECHE PARA O DESENVOLVIMENTO INTEGRAL DA CRIANÇA: UM ESTUDO DESENVOLVIDO POR BOLSISTAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)<sup>7</sup>

**Caroline Biscardi de Araújo**

Universidade do Estado da Bahia

[biscardecaroline@gmail.com](mailto:biscardecaroline@gmail.com)

**Michele Oliveira de Almeida**

Universidade do Estado da Bahia

[michele.19@outlook.com](mailto:michele.19@outlook.com)

### Resumo:

O trabalho relaciona-se ao eixo 2: “Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico”, pois trata aspectos da discussão da creche e desenvolvimento integral da criança, elementos importantes do trabalho pedagógico na Educação Infantil. É oriundo de estudo realizado junto ao subprojeto Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, do Programa institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao Colegiado de pedagogia, Campus XI, UNEB, Serrinha-Ba, financiado pela Coordenadoria de Pessoal do Ensino Superior (CAPES). Partiu-se da construção de um diagnóstico escolar inicial, desenvolvido por bolsistas de iniciação à docência. Buscou-se responder seguinte questão de pesquisa: de que maneira a realidade do espaço de educação infantil interfere na qualidade da prática educativa no contexto de uma escola parceira do PIBID, no município de Serrinha/Ba? Objetivou-se conhecer a realidade de aspectos da prática educativa, no contexto de uma escola pública de Educação Infantil. Aportou-se o estudo na abordagem qualitativa, com o uso da pesquisa de campo, sendo que utilizamos como procedimento de coleta de dados da observação participante na sala e na escola de educação infantil como um todo e da entrevista estruturada junto a uma professora da classe de crianças de 0 a 3 anos creche, em um espaço de educação infantil parceiro do projeto PIBID. As reflexões estão baseadas em estudiosos do campo da Educação Infantil como: Oliveira (2007), Kramer (1999) e Pereira (2002). Partindo do estudo pode-se perceber a importância do espaço de educação infantil para as crianças, colaborando com a atenção à primeira infância, e com a qualidade de vida das famílias. O estudo reforça a importância da Educação Infantil e sugere para os bolsistas do Programa intervenções pedagógicas que potencializem ainda mais o desenvolvimento integral da criança.

**Palavras-chave:** Creche. Desenvolvimento. Criança.

---

<sup>7</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## LUDICIDADE E APRENDIZAGENS CARTOGRÁFICAS: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM ESPAÇOS NÃO - ESCOLARES

**Denise Santos Carvalho**

UNEB, Campus XI

[denisesantoscavalho@hotmail.com](mailto:denisesantoscavalho@hotmail.com)

**Jaqueline Santana de Miranda**

UNEB, Campus XI

[jaqueline.mars@hotmail.com](mailto:jaqueline.mars@hotmail.com)

**Sara Carvalho de Souza**

UNEB, Campus XI

[saracarvalho2014.1@gmail.com](mailto:saracarvalho2014.1@gmail.com)

### **Resumo:**

Os conhecimentos cartográficos possibilitam que os sujeitos tenham domínio no processo de reconhecimento espacial, visto que, a Cartografia se constitui como uma das ciências que buscam desenvolver análises acerca dos condicionantes naturais e agentes sociais responsáveis pela configuração e organização espacial. Entretanto, dado à sua complexidade, é de suma importância que o trabalho com a Cartografia seja iniciado desde a educação básica, visando enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, favorecendo principalmente a produção do conhecimento geográfico. As experiências aqui relatadas são resultados de ações desenvolvidas no componente curricular Estágio supervisionado III, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus XI, realizado por meio da parceria estabelecida entre a brinquedoteca Criação, da referida instituição e o projeto denominado AABB comunidade, financiando pela Associação Atlética do Banco do Brasil, localizada na cidade de Serrinha-Ba. Buscamos com o estabelecimento dessa parceria, promover atividades lúdicas e diversificadas, cujo principal objetivo foi demonstrar as influências que os saberes cartográficos exercem na vida e formação desses sujeitos. Dessa forma, o presente texto busca destacar como a utilização dos jogos e brincadeiras podem favorecer o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos cartográficos, pois, assim como os autores Ferreira (2011), Passini (2012), Simielli (2013) destacam, compreendemos que as aprendizagens se tornam mais significativas para o sujeito, a medida em que se valoriza os conhecimentos já apropriados por eles, por meio das experiências vivenciadas em seu cotidiano.

**Palavras-chaves:** Alfabetização Cartográfica. Ludicidade. Ensino de Geografia.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A SALA DE AULA – EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS DO(O) PEDAGOGO(A) NO ESTÁGIO CURRICULAR

**Irani Almeida de Jesus Barreto**

EPODS - Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[irani Almeida de Jesus Barreto@gmail.com](mailto:irani Almeida de Jesus Barreto@gmail.com)

**Sineide Cruz da Costa**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[sineidecruz2014@hotmail.com](mailto:sineidecruz2014@hotmail.com)

**Gildaite Moura de Queiroz**

[gildaitemq@gmail.com](mailto:gildaitemq@gmail.com)

EPODS - Professora da Universidade do Estado da Bahia- UNEB

### Resumo:

O presente trabalho buscou contextualizar as experiências vivenciadas no estágio supervisionado e sua importância na formação docente por meio da articulação teoria e prática, na Escola Municipal Jose Ramos de Menezes, para tanto tem, como questão norteadora: quais as contribuições do estágio na formação profissional? como objetivo geral: relatar as experiências e vivências do Estágio Curricular na Educação Infantil, e como objetivos específicos: refletir os acontecimentos e as experiências adquiridas no estágio; discutir como o estágio pode contribuir para a construção do conhecimento no processo formativo; refletir a relevância e aprendizagem adquirida no estágio supervisionado. A pesquisa teve a abordagem qualitativa e os procedimentos para coleta de informações foram à observação, caracterização da realidade escolar a partir do roteiro diagnóstico; o projeto de intervenção; os planos de aula e o registro da aula. O aporte teórico que embasaram o estudo foram: Pimenta e Lima (2004), Layrargues (2004) dentre outros. O estágio supervisionado foi dividido por momentos que permitiram as estagiárias compreender a realidade no espaço em que foi desenvolvido o estágio. O primeiro momento do estágio foi a observação das aulas e do ambiente escolar como um todo. Durante a observação, as estagiárias tiveram a oportunidade de analisar o processo de ensino-aprendizagem que ocorre na escola e na sala de aula, ver possibilidades e dificuldades para buscar possíveis contribuições a partir de uma ação pedagógica através do projeto de intervenção. O segundo foi construído o projeto de intervenção pelas estagiárias com ajuda da professora supervisora do estágio e o terceiro momento a aplicação do projeto através da regência. Partir do projeto de intervenção “Sustentabilidade na escola: Construindo a horta escolar no 4º ano do ensino fundamental” foi possível proporcionar o conhecimento e a conscientização dos alunos do Ensino Fundamental do 4º ano da Escola Municipal Jose Ramos de Menezes e a importância da horta escolar e da sustentabilidade dentro do âmbito educativo a partir da construção da horta nas área da escola desenvolvido pelos estudantes com auxílio das estagiárias e da professora regente. Os resultados apontam que aplicação do projeto, contribuiu de forma significativa tanto no processo formativo das estagiárias quanto da turma. A ênfase no desenvolvimento da prática pedagógica permitiu as estagiárias



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



compreender/apreender saberes acerca das atividades desenvolvidas no decorrer do estágio, pois as aulas foram marcantes, à medida em que construíram um vínculo de ensinamento e aprendizado. Ademais, a realização do estágio estabeleceu uma experiência que contribuíra para uma aprendizagem mas consolidada sobre a profissão.

**Palavras-chave:** Estagio Supervisionado. Sala de aula. Experiência formativa no ensino fundamental.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **A IMPORTÂNCIA DA ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL: UM ESTUDO REALIZADO POR BOLSISTAS DO PIBID/CAPES NO CONTEXTO DE SERRINHA-BA**

**Jaciene Bispo Pereira**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[jaceanadejesus@gmail.com](mailto:jaceanadejesus@gmail.com)

**Jênife Santos de Araújo**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[srjennycapistrano@gmail.com](mailto:srjennycapistrano@gmail.com)

**Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[renataadrianuneb@hotmail.com](mailto:renataadrianuneb@hotmail.com)

### **Resumo:**

O presente trabalho relaciona-se ao eixo Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico porque traz reflexões acerca da importância da adaptação da criança e o desenvolvimento do trabalho pedagógico na Escola de Educação Infantil, ainda possibilitou o estudo voltado à construção do diagnóstico escolar, desenvolvido por estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento Pessoal do Nível Superior (CAPES), vinculado ao Colegiado de Pedagogia – UNEB/*Campus XI*, subprojeto: Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas Contribuições para o Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança. Na pesquisa buscamos responder ao questionamento: de que maneira a realidade do espaço de educação infantil interfere na qualidade da prática educativa no contexto de uma escola parceira do PIBID? cujo objetivo foi conhecer a realidade de aspectos da prática educativa, no contexto de uma creche municipal de Serrinha-Ba. O estudo se baseou na abordagem de pesquisa qualitativa, sendo desenvolvida uma pesquisa de campo, onde os instrumentos da coleta de dados foram a observação participante em sala com a turma de 2 e 3 anos da creche e o espaço como um todo, e como referencial teórico, dialogamos com Rizzo (1991), Laville e Dionne, (1999), Marconi e Lakatos (2002) e Santana (1998). Enfim percebemos reações externadas pelas crianças ao serem levadas a creche, em virtude da ausência dos pais, cabendo ao professor à função de suprir essa lacuna, ganhando a confiança das crianças e também a adequação das crianças ao espaço. Além disso, percebe-se que a formação do professor deve perpassar por todo esse processo, por que a prática legitima sua identidade profissional.

**Palavras-chave:** PIBID. Adaptação. Educação Infantil. Criança/professor.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## EDUCAÇÃO INFANTIL: ESPAÇO FÍSICO E O DESAFIO DA ACESSIBILIDADE<sup>8</sup>

**Jandacira Janaína dos santos**

UNEB - Campus XI

[janayna.deus22@hotmail.com](mailto:janayna.deus22@hotmail.com)

**Railda dos Santos Araújo**

UNEB - Campus XI

[railda.araujo18@gmail.com](mailto:railda.araujo18@gmail.com)

### **Resumo:**

Este trabalho objetiva tratar de desafios para efetivação da acessibilidade escolar no espaço de educação infantil, e insere-se no eixo “Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico”, pois apresenta aspectos da discussão relativos do trabalho pedagógico. Partiu da pesquisa realizada por bolsistas de iniciação à docência no contexto de formação do PIBID, do subprojeto: Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que está vinculado ao Colegiado de pedagogia, *Campus XI*, UNEB, Serrinha-Ba, financiado pela Coordenadoria de Pessoal do Ensino Superior (CAPES). O estudo foi realizado no espaço de uma escola de educação infantil parceira do projeto no município de Serrinha, partindo do seguinte problema: de que maneira a realidade vivenciada pelos sujeitos do espaço educativo da creche criança interfere na prática educativa? Objetivou-se: Conhecer a realidade de aspectos da prática educativa no contexto de uma escola pública de educação infantil do município de Serrinha-Ba. Para fundamentar as reflexões do estudo dialogou com estudiosos como: Carvalho e Rubiano (2000), Oliveira (2000) e está ancorado na abordagem qualitativa, sendo que foi desenvolvido um estudo de campo em uma escola parceira do subprojeto, no período de agosto a setembro de 2018. Como procedimentos de coleta de dados utilizou-se: a entrevista semiestruturada junto a uma professora da instituição, observação participante no espaço escolar e análise documental do Projeto Pedagógico (PP). Partindo disso, evidenciou-se que o PP afirma a existência de aspectos da acessibilidade no espaço, porém verificou-se que não há efetivação disso, pois não há rampas, banheiros adaptados e outras necessidades relativas à acessibilidade no espaço de Educação Infantil. Logo, existem desafios no campo dos investimentos para que aja modificação dessa realidade e desafios no campo político, no sentido de cumprimento das leis sobre o direito à acessibilidade.

**Palavras-chave:** Acessibilidade. Espaço Físico. Educação Infantil.

---

<sup>8</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## NARRATIVAS DE FORMAÇÃO NO PIBID: ATELIER GEOGRÁFICO TEMÁTICO E DIVERSAS LINGUAGENS<sup>9</sup>

**José Marcos Silva Ribeiro**

Universidade do Estado da Bahia / Campus XI

[msr\\_marcos15@hotmail.com](mailto:msr_marcos15@hotmail.com)

**Tailson Oliveira Silva**

Universidade do Estado da Bahia / Campus XI

[tailson1oliveira@gmail.com](mailto:tailson1oliveira@gmail.com)

**Carine Oliveira Santos e Santos**

Universidade do Estado da Bahia / Campus XI

[carineolliver52@gmail.com](mailto:carineolliver52@gmail.com)

### Resumo:

Este trabalho decorrente das ações – Espaços de Diálogos e Práticas; Planejamento do trabalho pedagógico e Atelier Geográfico Temático – vivenciadas no âmbito do subprojeto *Formação docente e Geografia escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico*, desenvolvido na Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XI, no curso de Licenciatura em Geografia (2014-2018), intenciona discutir e socializar saberes e práticas docentes ancorados nos princípios teóricos metodológicos da pesquisa (auto)biográfica, a partir das narrativas de professores de Geografia no processo de formação inicial e nas diversas linguagens – cinema, literatura, crônicas, literatura de cordel, música, cartografia, postais, mapas, desenho, charges, tiras, HQ, revistas, fotografias, tabelas, gráficos, dentre outras – enquanto dispositivos didáticos-pedagógicos para ensinar e aprender conceitos e temas da Geografia Escolar. O texto, busca compreender através das narrativas docentes, a importância do PIBID na formação e atuação profissional, bem como, o potencial pedagógico das diversas linguagens no contexto da sala de aula. Num referencial teórico embasado nas perspectivas de Souza (2014); Portugal (2013,2018); Passeggi (2017); Castrogiovanni (2007); Tonini (2015) e outros, buscamos apresentar experiências de formação, a partir das escritas narrativas, as quais são concebidas no referido subprojeto como estratégias didáticas que possibilitam outros modos de narrar e praticar a docência.

**Palavras-chave:** Formação de professores de Geografia. Diversas Linguagens. PIBID.

---

<sup>9</sup> Orientado pela professora Jussara Fraga Portugal.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## O ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA E SUA INTERFERÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA EDUCATIVA DA PROFESSORA

**Leandra de Jesus Junqueira**

UNEB/Campus XI

[leajunqueira11@gmail.com](mailto:leajunqueira11@gmail.com)

**Kassia Carvalho Queiroz**

UNEB/Campus XI

[kassiaqueiroz08@outlook.com](mailto:kassiaqueiroz08@outlook.com)

**Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[renataadrianuneb@hotmail.com](mailto:renataadrianuneb@hotmail.com)

### **Resumo:**

O presente trabalho se insere no eixo “Ensino, formação, currículo e trabalho pedagógico”, trazendo informações benéficas para a compreensão da importância do espaço físico escolar no desenvolvimento da prática educativa, sendo imprescindível para o contexto acadêmico. Esta proposta está vinculada às experiências de diagnóstico do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), ao qual estamos inseridas, estando relacionado ao núcleo de Infância e Educação Infantil, tendo como projeto “Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança”. A questão norteadora da pesquisa é: De que maneira a realidade vivenciada pelos sujeitos do espaço educativo da escola, especificamente em relação ao espaço físico da instituição, interfere na prática educativa do professor? A fundamentação teórica está embasada nos seguintes autores: Zabalza (1998); Carvalho e Rubiano apud Oliveira (2000); Kramer (2000) Faria e Palhares (2007). O objetivo do referido trabalho consiste em conhecer a realidade de aspectos da prática educativa, no contexto de uma escola pública do município de Serrinha- BA de Educação Infantil, parceira do PIBID. Assim, o objetivo da pesquisa visa compreender como a realidade vivenciada pelos sujeitos do espaço educativo da escola, especificamente em relação ao espaço físico da instituição, interfere na prática educativa do professor. Quanto à metodologia da pesquisa, esta se embasa na abordagem qualitativa, tendo como instrumentos de coleta de informações a pesquisa de campo, com observações e entrevista. As informações coletadas a partir dos instrumentos mostram que o espaço físico da instituição interfere de modo considerável no desenvolvimento das atividades pedagógicas, pois limita a possibilidade de avançar nos diversos aspectos pedagógicos, sendo este um item imprescindível para um desempenho significativo do planejamento almejado. É importante que o professor no ato de planejar leve em consideração os aspectos espaciais que interferem na prática educativa.

**Palavras- chave:** Educação infantil. Práticas pedagógicas. Espaço.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## OS DESAFIOS, EXPERIÊNCIAS E APRENDIZADOS PROPORCIONADOS PELO PIBID

**Liza Maria Gonçalves de São Leão**

Uneb Campus XIV, Conceição do Coité-Ba.

[lizamariagoncalves@hotmail.com](mailto:lizamariagoncalves@hotmail.com)

**Adriana Silva Teles Boudoux**

Uneb Campus XIV, Conceição do Coité-Ba

[adrianaboudoux@yahoo.com.br](mailto:adrianaboudoux@yahoo.com.br)

**José Ernane Carneiro Carvalho Filho**

Uneb Campus XIV, Conceição do Coité-Ba

[ernanefilho5@hotmail.com](mailto:ernanefilho5@hotmail.com)

### **Resumo:**

Esse artigo tem como objetivo mostrar as experiências nas quais o PIBID proporciona para que sejamos um profissional ainda melhor e que faça a diferença na educação com os conhecimentos adquiridos ao longo da graduação. Nele será relatada a primeira experiência de uma aula com base no tema do projeto pensado e executado pelo Colégio Estadual Polivalente de Conceição do Coité, na Bahia, no qual atuei como bolsista, que resultou na Feira de Conhecimento. O projeto cujo o tema foi “Lugar de mulher é em todo lugar”, teve como o objetivo principal, mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser. Esse tema foi trabalhado desde o início do ano, até o dia das apresentações, que ocorreram nos dias oito e nove de novembro de dois mil e dezessete no Centro Cultural de Conceição do Coité. A outra experiência foi de uma aula planejada, sobre o “Iluminismo”, termo utilizado pelo livro didático. Foi feita a junção do assunto com o uso da tecnologia. O intuito foi usar a tecnologia a nosso favor, ela pode ser uma ferramenta fantástica que muitas vezes, se não a maioria, facilita o aprendizado do estudante e torna a aula do professor mais diversificada, atrativa, não deixando de reconhecer o valor que uma aula expositiva tem, ela é de extrema importância. Essas experiências que aqui serão compartilhadas contribuíram de forma ímpar para o meu aprendizado e o meu crescimento enquanto futura professora historiadora. Serviu para mostrar que o que planejamos pode ser executado de forma excelente, mas também pode não sair como queríamos.

**Palavras-chave:** PIBID. Ensino de História. Novas tecnologias.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **PEDAGOGIA DAS DIFERENÇAS: REPENSAR A FORMAÇÃO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**Lizandra Almeida Souza**

UEFS

[lizameidasouza@gmail.com](mailto:lizameidasouza@gmail.com)

**Lidiane da Paixão**

UEFS

[lidypaixão15@gmail.com](mailto:lidypaixão15@gmail.com)

**Ana Carla Ramalho Evangelista Lima**

UEFS

[acrelima@gmail.com](mailto:acrelima@gmail.com)

### **Resumo:**

O presente texto constitui-se em um relato de experiência, resultado de um estudo realizado no componente curricular EDU 926 - Gestão do Trabalho Docente no Ensino Fundamental do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS e está articulado com Eixo 2, Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico. O estudo originou-se na abordagem acerca das competências profissionais para ensinar, apontadas por Perrenoud (2000), que busca nortear a formação contínua de modo coerente e em sintonia com as necessidades que emergem do sistema educativo. Buscamos discutir e compreender como conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação no processo de aprendizagem dos alunos. A questão norteadora foi: como agir diante das dificuldades de aprendizagem dos alunos e superá-las? Como suportes teóricos Perrenoud (2000), André (1999), Pimenta e Lima (2008), Vygotsky (1984) e Zabala (1998), ajudaram na fundamentação. A metodologia foi de base qualitativa, com a opção pela pesquisa de campo e uma entrevista semiestruturada, o sujeito foi um professor dos anos iniciais do ensino fundamental em uma escola da rede pública de um município do interior da Bahia. Detectamos que o professor não apontou quais as suas opções teóricas ou se reconhece as teorias que embasas a sua prática, de maneira explícita, contudo, percebemos que o professor reconhece a importância de realizar diagnósticos individuais, de detectar os conhecimentos prévios, trabalhar na zona de desenvolvimento proximal, estabelecer critérios para organização de grupos e, refletir sobre os objetivos de aprendizagem. Este estudo significou ampliar os nossos conhecimentos sobre as competências para ensinar e que a pedagogia das diferenças não é diferenciar o ensino, mas, sim, buscar alternativas na prática pedagógica entendendo que o desenvolvimento do aluno é singular.

**Palavras-chave:** Formação. Competências. Prática Pedagógica.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## O ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II: COMPARTILHANDO SABERES NA ESCOLA DO CAMPO

**Malena Gonzaga da Silva**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI  
[malenagonzagamale@outlook.com.br](mailto:malenagonzagamale@outlook.com.br)

**Mariane Santos de Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI  
[mary\\_anecarneiro@hotmail.com](mailto:mary_anecarneiro@hotmail.com)

**Humberto Cordeiro Araújo Maia**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI  
[betumaia2@hotmail.com](mailto:betumaia2@hotmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho surgiu a partir das atividades desenvolvidas no âmbito do componente curricular Estágio Supervisionado II, do curso de Licenciatura em Geografia, da UNEB XI, no qual foi possível vivenciar o cotidiano escolar e perceber sua rotina e funcionamento, para então, adentrar à docência a partir da atividade de regência. Após o primeiro contato com a escola foi possível desenvolver um projeto que buscasse atender os conteúdos programáticos propostos pelo professor regente da turma, assim sugeriu a elaboração e desenvolvimento da oficina pedagógica na Escola Municipal Dermeval Oliveira, na turma do 7<sup>ª</sup>A localizada na zona rural de Serrinha-Ba. Na oficina pedagógica o conteúdo desenvolvido foi Regiões do Brasil teve com objetivo despertar nos alunos a capacidade de compreender a dinâmica das regiões brasileiras uma vez que cada região tem características próprias que foram fundamentais para a formação da sua população, nesse sentido as atividades desenvolvidas no estágio se deram partir da seguinte questão: *qual dinâmica espacial das Regiões do Brasil e quais fatores contribuem para o povoamento de modo desigual no Brasil?* Para embasar teoricamente, buscou-se dialogar com diversos autores, com ênfase em Saviani (2008) e Damasceno (2014), entre outros. Desse modo foram desenvolvidas atividades dinâmicas, com análise da música *Aquarela Nordestina de Luiz Gonzaga* e da charge *Seca no Nordeste*, assim as atividades do estágio foram direcionadas e correlacionadas com o contexto vivido dos estudantes. Portanto pôde-se constatar que obteve o relativo desempenho alcançado pelos discentes perante as ações, onde os discentes participaram contribuindo com subsídios para o desenvolvimento do projeto em uma escala local contextualizando com as vivências.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado. Ensino de Geografia. Aprendizagem.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## ENTRELAÇES ENTRE HISTÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NOS CENÁRIOS DO TERRITÓRIO DO SISAL BAIANO: O MÉTODO EM QUESTÃO

**Manuela da Mota Souza**

UNEB-Campus XI

[mannusouza.gl@hotmail.com](mailto:mannusouza.gl@hotmail.com)

**Jusceli Maria Oliveira de Carvalho Cardoso**

UNEB-Campus XI

[jcardoso\\_02@hotmail.com](mailto:jcardoso_02@hotmail.com)

### **Resumo:**

A pesquisa baseou-se no estudo sobre processos de alfabetização, buscando compreender o desenvolvimento de metodologias e práticas docentes, cujo título é “Entrelaces entre histórias de vida e experiências no processo de alfabetização nos cenários do território do sisal baiano: o método em questão” surgiu através da necessidade de realizar estudos sobre a temática, numa abordagem discursiva atual e como tema pertinente à formação docente. A questão de pesquisa consiste em verificar quais foram os métodos e estratégias que as alfabetizadoras utilizavam para contribuir com o processo de ensino/aprendizagem de seus alunos e em que podem contribuir nas práticas atuais? O objetivo da pesquisa foi mostrar a diferença entre práticas de alfabetização e as contribuições de alfabetizadoras para a formação docente, os objetivos específicos basearam-se em: enfatizar e identificar os métodos utilizados para alfabetizar; perceber que as experiências e as diferentes épocas trazem saberes e ensinamentos diversificados; exibir histórias de vida, enfatizando a importância das contribuições metodológicas no âmbito educacional. Como suporte teórico dialogamos com autores como: Soares (2007), Freire (2004), Cagliari (1990), Ferreiro (1996), Dreyer (2011) dentre outros. Neste sentido, adotamos a abordagem qualitativa, sendo este um estudo configurado como de natureza autobiográfica, guiado por métodos e técnicas de construção dos dados, pautados por: entrevistas, narrativas orais, grupos focais, análise de documentos. A partir de tais técnicas, efetivamos de modo colaborativo a pesquisa de campo, entre os meses de fevereiro a julho de 2018, sendo que colhemos material e estamos em fase de processamento e análise das falas, depoimentos, documentos, textos produzidos no itinerário do estudo.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Metodologias. Formação docente.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## IMPLICAÇÕES DA FORMAÇÃO DOCENTE NAS PRÁTICAS DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO

**Marizane Figueredo Vieira**

Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

[marizanefigueredo@gmail.com](mailto:marizanefigueredo@gmail.com)

**Jacqueline Nunes Araújo**

Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS

[jacnunes3@gmail.com](mailto:jacnunes3@gmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa em andamento, tem como objetivo geral: analisar como o professor articula os saberes da sua formação docente com a prática em sala de aula na Educação Infantil do Campo (EIC). A Educação do Campo é responsabilidade das unidades federativas, deverão promover uma educação que contemple a educação básica, tendo como objetivos universalizar o acesso, permanência e a qualidade do ensino (BRASIL, 2008). Entretanto, há uma distância entre o prescrito e o vivido, o acesso, permanência e a garantia de aprender nas escolas de EIC é precário. Em geral, o cenário das escolas de EIC, apresentam uma infraestrutura ineficiente e ausência na formação dos docentes. É imprescindível pensar na implementação de políticas de formação docente, aliados as práticas pedagógicas para os sujeitos do campo. Buscaremos responder a esta questão: Como a formação docente inicial afeta na prática de sala de aula dos professores das escolas da EIC? A temática justifica-se pela ausência de estudos relacionados ao tema. A pesquisa é de natureza qualitativa, observações *in locu*, pesquisa documental, entrevistas com os docentes serão aplicadas como subsídios para analisar o tema do trabalho. Recorremos aos seguintes autores: Augusto (2013), Leal (2013), Rebouças (2012), Nogueira (2015), Souza (2008), que discutem sobre o tema. Por meio de levantamentos de artigos apresentados no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação - ANPED, especificamente nos Grupos de Trabalho: GT 05- Estado e Política Educacional, GT 07- Educação de crianças de 0 a 6 anos e GT 08- Formação de Professores, entre os anos de 2008 a 2016, constatamos que existem poucas produções acadêmicas sobre a EIC. Essa busca contribui no entendimento da complexidade do sistema educacional na implementação de políticas públicas, em especial na EIC e a insuficiência da produção nesse campo.

**Palavras-chave:** Escolas do campo. Educação Infantil. Formação docente.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A RELAÇÃO ENTRE A QUALIDADE DO ESPAÇO FÍSICO E O DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA DOCENTE NA REALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL: ANÁLISES TECIDAS POR BOLSISTAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)<sup>10</sup>

**Michele de Araujo Brandão**

Universidade do Estado da Bahia

[miaraujobrandao19@hotmail.com](mailto:miaraujobrandao19@hotmail.com)

**Gessiane Carneiro Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia

[gessiane-@hotmail.com](mailto:gessiane-@hotmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho objetiva discutir a relação entre qualidade do espaço físico e o desenvolvimento da prática docente na realidade da Educação Infantil; reflete considerações de pesquisa advindas da fase inicial, diagnóstica, vivenciada por estudantes bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao subprojeto “Práticas pedagógicas lúdicas na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança”, do Colegiado de pedagogia, *Campus XI*, UNEB-Serrinha-Ba. O referido programa é financiado pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). A proposta de estudo relaciona-se ao eixo: Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico pela discussão no que tange ao trabalho pedagógico. Sobre a pesquisa: desenvolvemos uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, na realidade de uma escola de educação infantil do município de Serrinha-Ba, parceira do subprojeto. Partimos do seguinte problema: de que maneira a realidade do espaço de educação infantil interfere na qualidade da prática educativa no contexto de uma escola parceira do PIBID, no município de Serrinha/BA? Objetivamos: conhecer a realidade de aspectos da prática educativa, no contexto de uma escola pública de Educação Infantil. Utilizamos para coleta de dados: a observação participante no contexto da escola como um todo e da sala de aula e a entrevista semiestruturada com uma professora da classe de crianças de 5 e 6 anos. Para fundamentar as discussões baseamos nossa fundamentação teórica em estudiosos como: Bassedas, Huguet, Solé (1999), Zabalza (1998), Oliveira (2007). Quanto aos resultados: o espaço não é satisfatório para o desenvolvimento das atividades pedagógicas dirigidas às crianças e que, há um esforço para dinamização do espaço físico de sala de aula para o desenvolvimento da prática docente de forma mais satisfatória. Devemos investir em intervenções pedagógicas viáveis que valorizem o planejamento do espaço.

**Palavras-chave:** Educação infantil. Espaço físico. Prática docente.

---

<sup>10</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO CURRICULAR II: A CULTURA DO BRINCAR

**Natiele Rios Rosario**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI

[natielierosr6@gmail.com](mailto:natielierosr6@gmail.com)

**Emille Santana Moreira Nunes**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI

[emille.nunes@live.com](mailto:emille.nunes@live.com)

**Isaura Santana Fontes**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI

[isaurafontes@hotmail.com](mailto:isaurafontes@hotmail.com)

### **Resumo:**

Esta pesquisa cujo tema **Vivências e Experiências do Estágio Curricular II: a cultura do brincar surge como relato de experiência de dialogar o brincar na educação infantil e o resgate das memórias do brincar dos idosos da UATI, o estágio foi realizado na brinquedoteca e a escola da zona rural de Serrinha-BA. Como objetivo geral: incentivar a criança a desenvolver as habilidades sócio cognitivas com as brincadeiras geracionais; e como objetivos específicos: aflorar valores sociais entre as gerações a partir do brincar e proporcionar um conhecimento significativo, valorizando a troca de experiências por meio da ludicidade. Para fundamentar a pesquisa utilizamos Kishimoto (2006) e Andrade(2018), para realizar o diálogo teórico prático pedagógico entre comunidade e espaço acadêmico, e vivenciar e compreender a atuação do pedagogo tanto na educação infantil quanto na brinquedoteca Criação. A metodologia deste trabalho é de base qualitativa, partindo de uma observação participativa dos *locus* da pesquisa (Brinquedoteca, UATI e Escola) e realizar um relação do brincar entre eles. Resultados dessa experiência a construção da nossa identidade nesses espaços, não como algo acabado mas dinâmico, e a compreensão dos múltiplos espaços de atuação pedagógica, a realização da pesquisa e estágio na educação infantil, incentivará e possibilitará um conhecimento pelas práxis de um pesquisador "encarnado" naquilo que fomenta sua formação e inquietação.**

**Palavras-chave:** Brincar. Experiências. Resgate.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A EFETIVAÇÃO DO PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL DO MUNICÍPIO DE SERRINHA – BA NA PERSPECTIVA DOS BOLSISTAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)<sup>11</sup>

**Priscila Horraíne dos Santos Oliveira**  
UNEB-CAMPUS XI

[priscilahorraíne13@gmail.com](mailto:priscilahorraíne13@gmail.com)

**Deilma Ramos Santos**  
UNEB-CAMPUS XI

[deilmaramossantos@hotmail.com](mailto:deilmaramossantos@hotmail.com)

### Resumo:

O trabalho objetiva abordar a efetivação do planejamento pedagógico pelas professoras, no contexto de uma creche do município de serrinha – BA, na perspectiva dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência PIBID. Partiu de um estudo diagnóstico através do subprojeto: Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, vinculado ao Colegiado de Pedagogia, UNEB, *Campus XI*. Agrega-se ao eixo Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico pela especificidade do tema e sua relação com a pedagogia na Educação Infantil; ao eixo pela natureza formativa do PIBID no campo docente. Foi uma pesquisa de campo desenvolvida para construção de um diagnóstico inicial. Intencionou-se responder a questão: de que maneira a realidade do espaço de educação infantil interfere na qualidade da prática educativa no contexto de uma escola parceira do PIBID, no município de Serrinha/Ba? Objetivou-se conhecer a realidade da prática educativa, de uma escola pública de Educação Infantil. As discussões baseiam-se em: Lüdke e André (2014) e Portela e Atta (2007). A pesquisa qualitativa desenvolvida em uma escola parceira do PIBID tem como coleta de dados a observação participante; entrevista estruturada com a professora da classe do grupo dois e análises documentais, do Projeto Pedagógico, plano anual e planejamento. Percebeu-se que a aula é lúdica. A rotina não é feita nos horários planejados, no entanto, não atrapalha o seguimento das aulas. Na entrevista desvendou-se o espaço físico, o planejamento, execução da avaliação e outras relevâncias. A análise documental trouxe conhecimento sobre a escola e seu funcionamento. O planejamento auxilia na aprendizagem integral, sendo fundamental para a prática pedagógica. Partindo disso, esse estudo traz a necessidade de aprofundamento sobre o planejamento na dinâmica formativa do PIBID e aponta possíveis intervenções que possam ser construídas para aprimoramento pedagógico na sua elaboração.

**Palavras-chave:** Planejamento. Educação Infantil. Bolsistas. PIBID.

---

<sup>11</sup> Orientado pela professora Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA E O NORDESTE BRASILEIRO: EM CENA, O CINEMA DE ANIMAÇÃO NA GEOGRAFIA ESCOLAR

**Rair Matos Santos**

Universidade do Estado da Bahia

[rair-matos@hotmail.com](mailto:rair-matos@hotmail.com)

**Simone Santos de Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia

[ssoliveira\\_valentec3@yahoo.com.br](mailto:ssoliveira_valentec3@yahoo.com.br)

### Resumo:

Trata-se de Trabalho de Conclusão de Curso em andamento que versa sobre a utilização do cinema de animação no contexto da educação básica enquanto metodologia de ensino capaz de promover a formação do sujeito problematizador, crítico e reflexivo. O problema que mobiliza o estudo é: - Quais contribuições o cinema de animação pode oferecer às aulas de Geografia de modo que o professor possa mediar temas e conteúdos referentes ao Nordeste brasileiro? Os objetivos desta investigação foi caracterizar o cinema como uma arte em movimento, enfatizando sua potencialidade didática para o ensino da Geografia Escolar; - discutir a linguagem cinematográfica como importante dispositivo didático-pedagógico para a Geografia Escolar; - abordar o cinema de animação – “Vida de Maria” (RAMOS, 2006); “Calango lengo” (MILLER, 2008); “Morte e Vida Severina” (MELO NETO, 2013) e “Câmara Municipal” (MAURÍCIO RICARDO, 2014) – como uma importante linguagem para discutir temas e conceitos relacionados ao nordeste brasileiro; - sugerir proposições didáticas com o cinema de animação para discutir questões voltadas para a temática do Nordeste brasileiro. Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, cujos procedimentos metodológicos baseiam-se em análise de conteúdo. O trabalho apresenta uma discussão teórica sobre o contexto da educação no Brasil, educação e suas metodologias, o surgimento do cinema, o cinema, em especial – o cinema de animação - enquanto linguagem e suas contribuições na discussão sobre Região Nordeste e conceitos geográficos no espaço escolar, bem como a educação enquanto promotora de uma ascensão sociocultural do sujeito. Para tal discussão foi de fundamental importância ter como base os pensamentos de autores como Oliveira (2011), Santos (2010), Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), Freire (1987), Kaercher (2010), Minayo (2007), Figueiredo, Calixto e Cleve (2012), Couto (2009), Saviani (1997), entre outros. Por fim, tece propostas metodológicas de como utilizar o cinema de animação, enquanto dispositivo didático-pedagógico na educação básica.

**Palavras-chave:** Cinema de animação. Educação Básica. Geografia Escolar. Dispositivo didático-pedagógico.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS NO ENFRENTAMENTO AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

**Mikaele dos Santos Silva Araujo**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)- Campus XI

[mikaelesantos94005@gmail.com](mailto:mikaelesantos94005@gmail.com)

**Isabelle Sanches Pereira**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)- Campus XI

[bellauneb@gmail.com](mailto:bellauneb@gmail.com)

### **Resumo:**

Este trabalho versa sobre experiência de ensino-extensão desenvolvida no curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) - Departamento de Educação Campus XI/Serrinha, no componente TEC Educação e Movimentos Sociais em parceria com a Linha de Pesquisa Cultura, Corporeidades e Identidades do Grupo Tecemos e outros Departamentos que juntos realizaram a Campanha “Dezesseis Dias de Ativismo no Enfrentamento a Violência contra as Mulheres”. Os casos de violências contra as mulheres, feminicídios no município de Serrinha e no Brasil como todo, tem se tornado fator cada vez mais preocupante, ocasionando grandes mobilizações dos movimentos sociais e feministas por todo o país. Neste contexto foi realizado o I Seminário sobre “Movimentos Sociais: no enfrentamento as violências contra as mulheres” e teve como tema: “UNEB: juntas/os contra o assédio, lesbofobia, feminicídio, racismo e transfobia”, com intuito de alertar a toda comunidade externa e acadêmica acerca das desigualdades de gênero existentes em nossa sociedade, além de debater os diferentes tipos de violências contra as mulheres e relatar experiências de violências vividas por mulheres. Assim, o presente trabalho tem como objetivo apresentar processo de articulação, mobilização e organização de ações coletivas, por meio de atividades de ensino e extensão voltadas para a desnaturalização de violências contra as mulheres. A questão norteadora é: de que maneira foram realizadas as ações coletivas de conscientização sobre as violências contra as mulheres ocorridas no I seminário de educação e movimento sociais? Como aporte teórico foi utilizado os estudos de: Abreu (2011), Alves (2005), Faleiros (2007), Crenshaw (2003), e Carneiro (2008). As violências contra mulheres são resultantes das relações de poder existentes dentro de uma sociedade, onde a educação é dimensão estratégica na intervenção política contra as práticas de violências.

**Palavras-chave:** Educação. Mulheres. Movimentos Sociais.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## GESTÃO DE PESSOAS E SUAS FERRAMENTAS: UM ESTUDO NA EMPRESA LEAGOLD S/A

**Deise Mercês Silva Souza**

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

[deisemercessouza@gmail.com](mailto:deisemercessouza@gmail.com)

**Jocely Santos Caldas Almeida**

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

[jcaldas@uneb.br](mailto:jcaldas@uneb.br)

### **Resumo:**

O sucesso empresarial está intrinsecamente ligado às pessoas que compõem a organização. Em meio a um mercado cada vez mais competitivo, muitas empresas estrategicamente aplicam técnicas de Gestão por competência na Gestão de Pessoas para obterem um diferencial competitivo ante seus concorrentes. O Departamento de Recursos Humanos, responsável por gerir o capital humano vem ganhando visibilidade dentro das organizações por ser o setor responsável pela Gestão de Pessoas, bem como encontrar e lapidar os talentos dentro da empresa. A utilização dos métodos de Recrutamento e Seleção, bem como de Treinamento, Desenvolvimento e Avaliação de Desempenho, auxiliam não só na maior assertividade na escolha do candidato, como também em sua capacitação para a atividade proposta. Nesse viés, o objetivo geral deste artigo é analisar e discutir a importância da Gestão de Pessoas e a utilização de suas ferramentas no processo de desenvolvimento de competências, na empresa Leagold S/A e, como objetivos específicos, apresentar a Gestão de Pessoas e a evolução desse conceito ao longo da história, como também apresentar suas práticas contemporâneas que quando aplicadas de forma correta geram resultados positivos. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica tecendo um diálogo com autores que abordam a temática a exemplo de Gil (2010), Tachizawa (2016), Vergara (2012), Shein (2014) e, em seguida foi desenvolvida uma pesquisa de campo com aplicação de entrevistas. Resultados preliminares indicam que a utilização das ferramentas de Gestão de Pessoas, de maneira adequada, pode ajudar no desempenho das pessoas.

**Palavras-chave:** Gestão de Pessoas. Ferramentas de Gestão de Pessoas. Desempenho.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **GESTÃO DE PESSOAS: LIDERANÇA E MOTIVAÇÃO COMO FERRAMENTA DE MELHORIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM ESCOLAR**

**Gessiane Carneiro Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI  
[gessiane-@hotmail.com](mailto:gessiane-@hotmail.com)

**Michele de Araujo Brandão**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI  
[miaraujobrandao19@hotmail.com](mailto:miaraujobrandao19@hotmail.com)

**Marco Luciano Fagundes Magalhães**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI  
[marco.luciano@bol.com.br](mailto:marco.luciano@bol.com.br)

### **Resumo:**

Este trabalho apresenta uma explanação sobre as relações que podem ser estabelecidas entre a Gestão de Pessoa e a Gestão Escolar, o mesmo irá trazer contribuições significantes para o eixo temático, pois apesar de serem distintas, há suas aproximações que juntas podem contribuir para uma educação significativa, este é resultado de uma experiência na disciplina Gestão de pessoas, e apresenta a seguinte questão problema, Como a Gestão de Pessoas e a Gestão Escolar podem contribuir para a aprendizagem dos alunos, trabalhando com a motivação tanto deles quanto dos professores, e como o professor pode tornar-se uma liderança na sala de aula? O tema buscará responder aos seguintes objetivos, compreender a relação da Gestão de Pessoas com a Gestão Escolar de forma que trabalhem com os princípios de liderança e motivação, bem como discutir a relação de gestão de pessoas com a gestão escolar; abordar a relação do professor e do aluno através da motivação no ambiente escolar; dialogar a respeito da importância de liderança e motivação no espaço educacional. Para subsidiar nossa escrita utilizamos os autores Chiavenato (2014); Libâneo, Oliveira, Toschi (2012); Hora (2012); Luck (2013); Placco (2003); Veiga (2004); Gil (2007); Boruchovitch (2001), os mesmos têm ideias que se aproximam e se distanciam mais que foram fundamentais para compreendermos o tema proposto. Como pressuposto para a realização desse artigo foi feito o uso da pesquisa bibliográfica, segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com ênfase em matérias já elaboradas, como os livros e artigos científicos. Dessa forma, compreender a relação da gestão de pessoas com a gestão escolar de maneira que estas trabalhem com os princípios de liderança e motivação é enxergar as possibilidades para um ensino diferenciado, ancorado na participação e envolvimento e na promoção da democracia no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Gestão de pessoas. Motivação. Liderança.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A PARADINHA DE ANITTA SE CHAMA MARKETING: UM ESTUDO DE CASO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA CARREIRA DE 2013 A 2017

**Leonardo Silva Pinto**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[lsp\\_pinto@hotmail.com](mailto:lsp_pinto@hotmail.com)

**Daniela Magalhães Costa**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB

[danielamagalhaes\\_20@hotmail.com](mailto:danielamagalhaes_20@hotmail.com)

### Resumo

Com o avanço da tecnologia onde as informações circulam cada vez mais rápido e atingem muito mais pessoas a cada dia, os consumidores tem se tornado mais exigentes com os produtos que adquirem e as empresas tendo que identificar as necessidades dos clientes para mais rápido satisfazê-las, antes dos concorrentes e fideliza-los. No mundo da música não é diferente, os artistas precisam buscar meios de valorizar o seu trabalho. Marketing foi a palavra que revelou ser o segredo por trás da cantora Anitta, diferenciando-a dentre os concorrentes. O marketing foi empregado como estratégia de imersão no mercado internacional. O presente artigo objetiva, de forma geral, conhecer as estratégias de internacionalização da carreira da cantora Anitta no período de 2013 a 2017 e, especificamente, objetiva: citar a trajetória da cantora até o presente momento; conceituar os tipos de estratégias e marketing e sua utilização; e demonstrar o que se esperou com essas estratégias e o que elas proporcionaram. Por meio do método dedutivo e pesquisa exploratória, a partir de estudo de caso e análise documental com base em consultas em sites especializados em música e por meio de artigos e trabalhos desenvolvidos sobre o assunto, o trabalho visa responder questionamentos sobre as estratégias de marketing que a cantora vem utilizando no processo de expansão de sua carreira para possibilitar o uso dessas estratégias para outros artistas. O referencial teórico foi produzido sob a ótica dos estudiosos de maior destaque no campo das estratégias e marketing, como Las Casas(2012); Oliveira (1999); Kotler (2007); dentre outros. Como resultados, a pesquisa apresentou algumas técnicas empregadas por Anitta como gestão de marca ou *branding* e alianças estratégicas e como ela obteve resultados a partir de sua utilização, sendo assim possível o uso para demais profissionais da área.

**Palavras-chave:** Anitta. *Branding*. Marketing.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública  
no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **ARTIGOS DE COMUNICAÇÃO ORAL**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA ANÁLISE NA ESCOLA MUNICIPAL DE BARROCAS-BA

**Adriele de Lima Costa**

Universidade do Estado da Bahia

[adrielecosta1@outlook.com](mailto:adrielecosta1@outlook.com)

**Damires da Mota Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia

[damirisbidy@gmail.com](mailto:damirisbidy@gmail.com)

**Leiriane de Souza Queiroz**

Universidade do Estado da Bahia

[leirianeuneb@gmail.com](mailto:leirianeuneb@gmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho tem como intuito fazer uma breve discussão sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) e das questões de raça e etnia nessa modalidade, relatando, em forma de entrevista, algumas dificuldades, experiências e aprendizados encontrados nas ações pedagógicas e no cotidiano escolar desse ensino na Escola Municipal de Barrocas, localizada no município de Barrocas – BA. As informações foram coletadas a partir de uma entrevista feita com o suporte de um questionário, sendo esse direcionado à coordenadora pedagógica, uma professora de Geografia, e uma aluna, todas fazem parte da EJA na escola citada. Foram abordadas questões sobre o perfil dos alunos da modalidade, da professora de Geografia e da gestão; as dificuldades apresentadas, tanto pelos alunos, quanto pelo professor e gestão; a evasão escolar; os benefícios e a motivação para a permanência desses alunos na escola; como os conteúdos curriculares são trabalhados em sala de aula e como são abordados os temas de raça e etnia tanto na sala de aula, quanto na escola. Sendo assim, esse trabalho tem por objetivo discutir sobre os assuntos mencionados e entender como funciona essa modalidade de ensino (EJA) na Escola Municipal de Barrocas.

**Palavras-chave:** EJA. Entrevista. Raça e etnia.

### Introdução

Sabendo da importância do espaço escolar para a formação do indivíduo, onde os alunos se relacionam constantemente, podendo haver trocas de conhecimentos e experiências de vida, pode ser destacado que, a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



escola atua como um meio de emancipação do indivíduo, um espaço de encontro e formação de diversas identidades sociais.

Por isso a relevância da inserção dos jovens e adultos dentro desse espaço formativo, pois, ao adentrar nesse espaço, há uma construção do pensamento crítico e uma análise acerca das relações presentes no seu cotidiano, além do mais, é um espaço onde há a oportunidade daqueles que não conseguem frequentar o turno diurno, construir conhecimentos científicos que darão subsídios para seguirem a vida acadêmica ou profissional, se assim for desejado.

Diante disso, Strelhow pontua que,

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever. (STRELHOW, 2010, p. 49)

Com o passar do tempo, essa ideia de alfabetizar com o intuito de somente aprender a ler e escrever, vem sendo desmistificada. Apesar de ainda existir o estereótipo de que a EJA é uma modalidade que tem como único intuito, alfabetizar aqueles que não tiveram oportunidade de estudar na infância e adolescência, ou aqueles que por algum motivo tiveram de abandonar a escola, pode-se perceber que o público participante é bem diversificado e atende a várias faixa etárias.

Dessa forma, o conceito dessa modalidade vem mudando e entre os grandes desafios para esse tipo de ensino, agora se inclui também a preparação para o mercado de trabalho e para o ensino superior.

Além de ter por finalidade, propiciar o desenvolvimento do aluno, prepara-lo para o acesso de competências básicas, facilitando sua entrada para o mundo do trabalho e para o ensino superior, tem também o papel de capacita-lo para interagir socialmente de forma sadia e responsável dotando-o de criatividade e senso crítico para exercer a cidadania de forma plena e digna. Isso inclui ter consciência de que ao ser transformado, possa também transformar a sociedade em que vive.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Ao falarmos de construção de pensamento crítico e transformação da sociedade em que vive por meio deste, não poderíamos deixar de mencionar as questões de raça e etnia. Sabendo da diversidade de pessoas na EJA, é de fundamental importância abordar temas que possam atender as necessidades do público presente, fazendo com que o mesmo se sinta pertencido naquele espaço, entretanto, esses conteúdos pouco são trabalhados nas modalidades de ensino, principalmente na EJA, fazendo com que o racismo e o preconceito continuem existindo nas escolas e conseqüentemente, o público que sofre com as perseguições ocorridas devido a esses estereótipos, acabem abandonando a escola por falta de apoio por parte das autoridades da escola.

Diante disso, esse ensino precisa ser diversificando, abordando temas que estimule o aluno a pensar, não só aprender para se destacar no mercado de trabalho. O estudante tem que refletir sobre essas questões de raça e etnia para que ele possa se reconhecer e entender que existem diferenças na nossa sociedade e que elas devem ser respeitadas.

Dessa forma, para fazer o levantamento dos dados obtidos, foi aplicado questionários com a gestão, com a professora e uma aluno na Escola Municipal de Barrocas, escola essa situada na Rua Antônio Pinheiro da Mota, nº 320, centro – Barrocas-BA, onde atende ao ensino Fundamental II durante o turno matutino e vespertino e ao ensino da EJA no Noturno, acolhendo nessa modalidade cerca de 100 alunos do 6º ao 9º ano.

A partir da entrevista aplicada, pode-se concluir que, o alunado é vindo de famílias de baixa renda que vivem basicamente da lavoura ou de outras atividades pouco remuneradas (autônomo), ou recebem ajuda do governo federal. As alunas geralmente são mães com filhos ainda pequenos que dividem seu tempo entre o trabalho doméstico e a escola. Já o público masculino, também trabalham durante o dia, alguns usam ou já usaram drogas, ou são pessoas que não tiveram um bom desempenho escolar em outra modalidade de ensino.

## **A Educação de Jovens e Adultos**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino amparada por lei, que tem como intuito atender aquelas pessoas que não tiveram acesso ao ensino regular na idade apropriada. Tem como intuito, tentar auxiliar seu público com algumas questões, como a marginalização, exclusão social e exploração, fazendo com que se tenha oportunidade de fazer uma leitura crítica na sociedade em que vive.

Diante disso, para que ocorra de fato essa construção de conhecimentos com esse público, foi implementado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), que segundo Martins e Agliardi (2013),

Trata da Educação de Jovens e Adultos no Título V, capítulo II, como modalidade da Educação Básica, superando sua dimensão de ensino supletivo, regulamentando sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental. De acordo com o artigo 37, “a Educação de Jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. (MARTINS; AGLIARDI, 2013, p. 7)

Essa Lei possibilita a inserção de um público que acaba sendo excluído da escola no turno diurno, por não conseguir acompanhar a rotina determinada. Por ser um público diferenciado, onde muitas vezes não têm disponibilidade durante o dia, por conta do trabalho ou de outros afazeres, não conseguem frequentar a escola para concluir os estudos, e com a lei da LDB 9.394/96, isto está sendo possível, pois, o intuito da modalidade é se adaptar as demandas do público alvo e auxiliar nessa mediação do conhecimento, de uma forma crítica e criativa, para que esse público consiga mudar a realidade vivida, adquirir criticidade e se inserir no mercado de trabalho.

## **Questões étnico-raciais no campo da Educação de Jovens e Adultos (EJA)**

Tendo em vista a necessidade de haver melhorias na educação da população brasileira e da implementação de temas pouco discutidos na escola,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



foi pensado trabalhar esse ensino através de ações afirmativas, sendo esse, um conjunto de medidas especiais direcionadas a grupos discriminados e vitimizados por processos de exclusão social, passados e presentes.

Dessa forma, foi implementada a lei 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, na qual, teoricamente, se dá mais ênfase à pluralidade cultural e étnica.

A implementação dessa lei, vem tentando mudar o cenário nacional, uma vez que este era totalmente moldado pela cultura das classes dominantes. Diante disso, a inclusão da temática raça e etnia nos currículos escolares aliada à valorização de grupos culturais subordinados traz para os estudantes, principalmente os da EJA, assuntos essenciais que irão dialogar com a sua realidade.

Segundo Nogueira, Felipe e Teruya,

Os conceitos de raça e etnia ao serem trabalhados na sala de aula em uma perspectiva da valorização da(s) identidade(s) dos múltiplos sujeitos que convivem no mesmo espaço da escola devem ter um posicionamento político, a fim de desconstruir os estereótipos e os estigmas que foram atribuídos historicamente à alguns grupos sociais. (NOGUEIRA; FELIPE; TERUYA, 2008, p.3)

Sendo assim, é de fundamental importância que o professor trabalhe os conceitos de raça e etnia com seus alunos na sala de aula, informando-os de seus direitos perante a sociedade, pois, ao ter seus direitos garantidos, o indivíduo busca afirmá-los no meio social, fazendo com que eles sejam cumpridos.

Assim, essas temáticas têm que ser discutidas na escola, para que não sejam ignoradas as identidades sociais e que o público possa se reconhecer e entender o que se passa, para que possa se conscientizar e lutar por seus direitos, no entanto, para haver essa articulação, é necessário que o docente tenha formação para fazer a mediação dessas temáticas.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **Raça e etnia no Ensino de Jovens e Adultos na Escola Municipal de Barrocas-BA**

Pensar a temática de raça e etnia na escola, principalmente na modalidade EJA é muito importante para se refletir sobre a identidade dos sujeitos que compõem a escola, a fim de evidenciar caminhos de superação das opressões aos quais são submetidos cotidianamente em diferentes contextos sociais.

Diante disso, para fins de análise dessa temática na Escola Municipal de Barrocas, foi elaborado algumas perguntas sobre as questões de raça e etnia no ensino da EJA na escola citada, sendo aplicada para alguns membros, sendo elas: a coordenadora da modalidade, uma professora de Geografia e uma aluna do 8º/9º ano.

A coordenadora entrevistada se chama Josineide Alves Queiroz, licenciada em História pela FTC e pós-graduada em Gestão Educacional, exerce o cargo de coordenadora pedagógica e tem cinco anos de exercício na função.

Para iniciar o questionário, foi perguntado o perfil atendido na escola na modalidade EJA. A coordenadora respondeu que são alunos carentes, a maioria negros e desempregados, filhos de pais semianalfabetos, que moram com os pais em casas próprias e apresentam comportamento razoável.

Quanto aos planejamentos das atividades da EJA, foi informado que acontecem uma vez por mês, os professores se reúnem para fazer o planejamento mensal, os semanais e os diários são feitos em casa.

Em relação aos momentos de estudos sobre temáticas atuais de educação e formação docente da EJA, informaram-nos que acontecem nas jornadas pedagógicas e encontros pedagógicos por unidade com professores e coordenação pedagógica.

Sobre as questões socioeconômicas e raciais, segundo a coordenadora, elas não influenciam na demanda dos alunos da EJA.



## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Sobre a trajetória histórica do negro foi perguntado se é estudado somente em datas comemorativas ou faz parte do currículo escolar, sendo tratado no decorrer do ano letivo, foi respondido que é tratado durante todo o ano, mas nas datas comemorativas, a temática é intensificada.

Em relação aos casos de racismo na EJA, não foi constado até o momento nenhum caso na escola.

Considerando as respostas dadas pela coordenadora, pode se dizer que, aparentemente, a escola não passa por problemas étnico-raciais já que os mesmos são trabalhados não só em datas comemorativas, mas durante todo o ano letivo. Segundo a coordenadora, há também, momentos para formação dos professores dessa modalidade, fazendo com que haja apoio por parte da gestão para com os professores/as e alunos/as. Vale destacar também, que a coordenadora pontua que as questões raciais e socioeconômicas não influenciam na demanda do público presente, havendo uma contradição da realidade observada.

Já a professora entrevistada, se chama Renilza Santos, tem graduação em Geografia pela FTC com conclusão no ano de 2009, não possui pós-graduação. Tem dez anos no exercício da docência, sendo que apenas quatro desses anos foi ensinando Geografia e três desses, ensinando Geografia na EJA.

Perguntando sobre as discussões relacionadas a étnico-raciais na sala de aula, a professora diz ser necessário haver, para auxiliar na formação dos indivíduos com uma mentalidade voltada para a construção de uma sociedade mais igualitária e menos pautada no preconceito.

Sobre a abordagens dessas questões na sala de aula como conteúdo, foi informado que não são abordadas de forma particular. De acordo com a professora, a escola introduz possibilidades de leitura como um todo, interligando de forma interdisciplinar como ponto de partida para compreensão da complexidade dos fenômenos sociais em suas contradições.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Referente a escolha de conteúdos trabalhado no decorrer do ano letivo, a professora relatou que se utiliza de conteúdos relevantes relacionado ao cotidiano dos alunos e o currículo utilizado na escola.

Ao perguntar acerca dos conteúdos que ela considera importante trabalhar com seus educandos e não consegue devido aos limites dos conteúdos curriculares, ela respondeu que, os conteúdos que considera importante, já estão introduzidos nos eixos temáticos, ou temas, possibilitando modificações necessárias.

Quanto às dificuldades encontradas na prática de ensino, a professora afirma que para tentar solucionar o problema ela busca resposta na LDB e lê artigos sobre a modalidade EJA.

Diante das respostas explanadas pela professora, pode-se perceber que, a mesma segue o padrão exigido no currículo escolar, trabalhando com os alunos apenas o que foi determinado. Ela considera de fundamental importância trabalhar os conteúdos de raça e etnia, entretanto, não os trabalha no cotidiano das aulas, deixa apenas para falar sobre, nas datas comemorativas.

Por fim, foi feita a entrevista com aluna entrevistada Juscélia de Jesus Queiroz, com idade de quarenta anos, gênero feminino e se considera negra. A estudante não tem renda fixa, trabalha na lavoura. Antes de entrar para a EJA, a estudante frequentou aulas no turno vespertino.

Foi perguntado o motivo que a levou a voltar a estudar e foi respondido que foi a dificuldade de ensinar as atividades escolares aos filhos e o que a motiva para ir à aula, é aprender para poder passar os conhecimentos para os mesmos.

Ao indagar sobre as questões raciais, a aluna relatou nunca ter sofrido racismo na modalidade EJA, mas já sofreu no ensino fundamental II da mesma escola e relata, que a comunidade escolar a apoiou, incentivando a buscar seus direitos, mas não chamou a atenção da pessoa que praticou o ato.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



No que diz respeito a abordagens sobre racismo e preconceito na sala de aula, a estudante sente falta dessa abordagem, porque, segundo ela, muita gente ainda sofre com isso e na escola é pouco abordado.

A aluna acredita que essas questões raciais têm que ser tratada durante todo o ano letivo e não só em datas comemorativas e ainda cita algumas sugestões de como poderia ser abordado esse tema, falando que poderia ser intensificado as propostas de trabalhos e projetos relacionados ao tema, para que assim as pessoas se conscientizem.

A partir das respostas da aluna, podemos perceber que há uma identidade presente na sua fala, onde ela diz se considerar negra. Apesar de nunca ter sofrido racismo, ela acredita ser muito importante trabalhar a temática durante todo o ano letivo, não só em datas comemorativas, como a escola costuma fazer.

Diante disso, pode-se considerar que há uma disparidade entre as respostas das entrevistadas, onde, de um lado, a coordenadora afirma que as questões socioeconômicas e raciais não influenciam no público da EJA e do outro, uma das alunas se considera negra.

Outra divergência que ocorre, é sobre a questão da formação, onde a coordenadora afirma haver momentos de estudos sobre temáticas atuais de educação, mas a professora destaca procurar outros recursos na hora de sanar as dúvidas e dificuldades.

Outro aspecto a ser analisado, é a questão da discussão sobre essa temática, onde a coordenadora afirma haver durante todo o não letivo, tanto em projetos como na sala de aula, entretanto, a professora e a aluna destacam que sente necessidade desse tema ser abordada durante o ano letivo, não só em datas comemorativas.

## **Considerações finais**

A Educação de jovens e adultos (EJA), tem o poder de alfabetizar o indivíduo e transforma-lo em um ser crítico e pronto para seguir a vida



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



acadêmica ou profissional, porém isso só é possível se for feito com eficiência e dedicação, tanto por parte do alunado, tanto por parte do professor e da gestão, pois como se trata de um público diferenciado de estudantes, na maioria das vezes, trabalhador, é necessário haver a articulação do conhecimento de uma forma criativa, atrativa e que envolva a sua realidade, fazendo articulações com temas que os alunos se identifiquem e que possam auxiliá-los no seu dia-a-dia, para que assim não ocorra a evasão.

É importante também, abordar temas relacionados a raça e etnia, nessa modalidade, já que é um tema pouco discutido na escola e que é de fundamental importância, pois faz parte da realidade desses discentes e que por falta de conhecimento e aceitação nos espaços em que frequentam, acabam se afastando desses.

Assim, a partir dos dados coletados e analisados, podemos perceber que, assuntos relacionados a raça e etnia na Escola Municipal de Barrocas é pouco discutido, geralmente só são abordados em datas comemorativas, fazendo com que muitos alunos não se sintam pertencidos e acabem achando que aquele espaço não os compete.

Diante disso, as entrevistas realizadas serviram de subsídios para a análise da modalidade EJA e a implementação das temáticas: raça e etnia, na Escola Municipal de Barrocas, na qual conseguimos perceber a realidade e as dificuldades existentes nesse ensino. Pode-se perceber que as dificuldades encontradas vão da gestão ao alunado. A falta de recurso, oportunidade e formação, podem agravar ainda mais o caso, podendo ser a causa dos fatos mencionados na entrevista.

Tendo isso em vista, pode-se dizer que, a modalidade EJA na escola entrevistada, pode ser melhorada para auxiliar nos resultados positivos. É necessário haver mais investimento em projetos que envolvam os alunos e a comunidade escolar, onde eles possam participar da criação e evolução desses conhecimentos, fazendo com que os alunos se sintam pertencidos nesse espaço e queiram de fato mudar a realidade de vida existente.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



É importante também, que os professores (as) não sigam somente o que é imposto no currículo, é essencial que se faça mais buscas para aperfeiçoar os conteúdos e os conhecimentos, é importante também, que os professores não sejam o único mediador do conhecimento, tem que haver a participação dos estudantes nesse processo, dando oportunidade de refletirem sobre os conteúdos e que possam interagir e contribuir com seus saberes.

É necessário haver também, uma articulação dos conhecimentos com a realidade vivida, com a participação dos envolvidos e de uma maneira crítica, fazendo indagações e relações, para que esses estudantes consigam fazer melhores associações e possam aprender, assim poderá fazer análises críticas do espaço em que vive.

## Referências

MARTINS, A, O, de; AGLIARDI, D, A. **A legislação de educação de jovens e adultos a partir da constituição federal de 1988.** Anais do seminário: Diálogos com a educação. Desafio da EJA na contemporaneidade. Caxias do Sul, 2013. P. 7.

NOGUEIRA, J, K; FELIPE, D, A; TERUYA, T, K. **Conceito de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar.** Fazendo Gênero8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008, p.3.

QUEIROZ, Josineide Alves de. Entrevista concedida a Adriele, Damires e Leiriane. Barrocas, 13 jun. 2018.

QUEIROZ, Juscélia Jesus de. Entrevista concedida a Adriele, Damires e Leiriane. Barrocas, 13 jun. 2018.

SANTOS, Renilza. Entrevista concedida a Adriele, Damires e Leiriane. Barrocas, 13 jun. 2018.

STRELHOW, T, B. **Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil.** Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689/7256>. Acesso em: 29 jun. 2018.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## ENTRE CHAMADAS E MANCHETES, AS GEOGRAFIAS DO NORDESTE PRESENTES NOS JORNAIS E REVISTAS

**Andressa Thalia Vitório Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia

[thalia.thaly@hotmail.com](mailto:thalia.thaly@hotmail.com)

**Vandrelito Carneiro Araújo Lima**

Universidade do Estado da Bahia

[vando.carneiro@yahoo.com](mailto:vando.carneiro@yahoo.com)

**Edriane Gordiano da Silva**

Universidade do Estado da Bahia

[edriane.ros@hotmail.com](mailto:edriane.ros@hotmail.com)

### Resumo:

O referido trabalho é resultado do projeto do componente curricular Estágio Supervisionado em Geografia I, do curso de licenciatura em Geografia do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia - Campus XI-Serrinha/BA, ocorrido no primeiro semestre de 2018 cujas ações foram desenvolvidas na Escola Municipal de Barrocas, na cidade de Barrocas com o 7ºB do Fundamental II. Nosso objetivo central foi explorar a região nordeste por meio de suas imagens e representações, com ênfase em jornais e revistas, discutindo os principais impactos sociais no espaço físico. As ações didático-pedagógicas deste projeto possibilitaram um importante momento de interações entre discentes e docentes, assim como alunos entre através do diálogo e ações que viabilizem uma aprendizagem significativa a ponto de desmistificar os estereótipos criados a respeito do Nordeste, como também despertar o interesse dos alunos para explorar através da leitura as riquezas contidas nessa região e assim poder contribuir na construção do conhecimento geográfico escolar. Buscamos através deste instrumento pedagógico demonstrar que a Geografia está presente na vida dos educandos e que este componente que faz parte do currículo escolar pertence ao cotidiano dos mesmos.

**Palavras-chave:** Região Nordeste. Geografia Escolar. Linguagens dos Jornais e Revistas.

### Introdução

Sabemos que a Região Nordeste é caracterizada pela gama de variedades referentes à diversos aspectos. Dessa forma, há quem afirme que a região compreende vários Nordestes, deixando um legado da grande diversidade geográfica dessa imensa região.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Porém, nos livros didáticos é mais destacada a partir dos aspectos físicos, como relevo, clima e vegetação, onde há um domínio de paisagens exuberantes de chapadões, de praias, assim como se contradiz com uma paisagem de vegetação rasteira e seca que muitas vezes caracteriza o Nordeste como um lugar onde só existe a “Seca”. Vemos que o conteúdo de Geografia, nos livros didáticos e conseqüentemente nas aulas expositivas, aparece com informações meramente informativas, mostrando o espaço como algo pontual, muitas vezes não levando o aluno a refletir sobre a sociedade na qual estão inseridos. Entendendo que não se pode estudar o espaço geográfico sem antes descrever, o professor não pode se prender apenas a esta descrição, é importante fazer com que o aluno pense, reflita e construa conceitos a partir do seu cotidiano, ou seja, das suas vivências, como também da análise integrada dos conteúdos que são trabalhados em sala, pois, desta forma, podemos compreender que o espaço geográfico constitui o lócus de vivência do sujeito e nele encontramos elementos que podem viabilizar uma discussão geográfica para abordar temáticas da Geografia Escolar. Neste sentido:

O conteúdo de Geografia, neste contexto, é o material necessário para que o aluno construa o seu conhecimento, aprenda a pensar. Aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com os outros saberes (do professor, de outros interlocutores), o seu conhecimento. Este conhecimento, partindo dos conteúdos de geografia, significa ‘uma consciência espacial’ das coisas, dos fenômenos, das relações sociais que se travam no mundo. (CASTROGIOVANI; CALLAI; KAERCHER, 2008, p; 95).

Com isso, vemos que, muitas vezes, nossa região é compreendida apenas pelos fatores climáticos, discurso alimentado historicamente pela mídia e por políticos, com o ideário de trazer desenvolvimento para a região que segundo eles, vivem na penúria, sofrido por ter destino doloso de ter nascido nesse espaço. A partir disso, propomos com esse trabalho uma tentativa de fragilizar esse ideário, como também dos estereótipos de que a Região Nordeste é afetada pelo fenômeno climático, pois sabemos que isso se



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



constitui muito mais por falta de políticas públicas que proporcione o seu desenvolvimento, do que pelo fator da sua localização geográfica. Dessa forma, faremos uma associação da migração na região, abordando a questão da indústria da seca com esses fenômenos e, por fim, mostrar e analisar a diversidade cultural da região e seus aportes turísticos.

Esse projeto teve a intenção de discutir o nordeste brasileiro e suas geografias, com enfoque sobre as experiências do componente curricular *Estagio I*, permitindo aos docentes um outro norte para as práticas no ensino de Geografia, através da leitura e interpretações de jornais e revistas visando possibilitar os discentes uma análise mais prazerosa dos conteúdos proposto no livro didático acerca do nordeste brasileiro cujo foco: A Região Nordeste e sua população; Organização econômica do Nordeste; A literatura de cordel.

Apresentando uma forma diferenciada de trabalhar o jornal como riquíssima fonte de informações e excelente material para motivar a leitura, fornecendo aos alunos possibilidades de conhecer o Nordeste de uma forma mais ampla, obtendo uma nova visão a respeito do mesmo.

## **Uso de jornal e revistas nas aulas de geografia**

O processo educativo requer empenho do professor, a partir de pesquisas em torno dos conteúdos a serem abordados em sala de aula, assim como a respeito de sua própria prática. No contexto atual, onde temos uma sociedade na era da informação, reforça ainda mais a necessidade de atualização constante.

A velocidade de informação assim como a falta de interesse dos estudantes faz-se necessário com que o professor de Geografia esteja cada dia mais revendo sua metodologia, a fim de despertar no aluno aptidão para a obtenção de novos e também na construção de conhecimentos, dessa forma melhorará o processo de ensino-aprendizagem. Uma das maneiras de trabalhar os conteúdos e conceitos chaves da ciência geográfica para esta se tornar atrativa é a partir da utilização de vários dispositivos didáticos. Esses



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



dispositivos didáticos podem ser pautados nas diversas linguagens como as que propomos neste projeto.

Assim, podemos dizer que:

A adoção do uso das diferentes linguagens, para uma melhor abordagem científica do ensino da geografia, contribui para uma maior compreensão da sociedade como o processo de ocupação dos espaços naturais, baseado nas relações do homem com o ambiente, em seus desdobramentos políticos, sociais, culturais e econômicos. (ALVES, 2016 p. 29)

Então, podemos afirmar que trabalhar com as diversas linguagens pode ser uma alternativa para uma melhor prática em sala de aula e para uma melhor compreensão dos estudantes a respeito do que é ensinado na escola e para um melhor desenvolvimento sobre a visão de mundo a ponto de ter autonomia para criar as suas próprias concepções.

Dentre as diversas linguagens, destacamos o uso de jornais e revistas como dispositivos didáticos, com a intencionalidade de melhorar a compreensão dos estudantes e potencializar a prática do professor. C.Ostrovski (2009) aponta que “o trabalho com textos jornalísticos coopera para diminuir dificuldades no processo da aprendizagem, ao coligar os acontecimentos sociais no contexto escolar, tornando o ensino atrativo e significativo para o aluno”.

Assim podemos perceber que há uma associação da realidade tratada nos noticiários, principalmente, com os conteúdos vistos em sala de aula, chamando, portanto, a atenção e fazendo com que o componente faça sentido para o aluno, tornando assim, a aprendizagem significativa.

A geografia escolar pode e deve utilizar os jornais/ revistas impressas ou da Internet, pois o jornal e revista são recursos que leva para sala de aula situações, vivenciadas pelos alunos, por ser fácil acesso para os alunos podendo ter acesso a qualquer momento na tela do computador, gerando informações que poderão promover aprendizagem, contribuindo para a criticidade do aluno. “Representando mais um entre tantos recursos que o professor tem disponíveis em sala de aula entre livros didáticos, cartazes, lousa e giz.” (ANHUSSI,2009, p.38)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Segundo Moraes, alguns estudantes vão à escola por obrigação, então, cabe ao professor transformar essa obrigação em vontade própria, através de um ensino contextualizado e dinâmico, onde o estudante se reconheça nesse espaço. Dessa forma, citamos D.Ostrovski e C.Ostrovski (2015) onde explicam que “Informar, atualizar, criticar, viver a realidade no seu dia a dia, com informações obtidas nos jornais e revistas cada vez mais acessíveis pelos meios digitais de comunicação é uma forma de promover o conhecimento atualizado e dinâmico”. E, para Morin, (2003, p. 24). Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma tradução e uma reconstrução, a partir de sinais, signos, símbolos, sob a forma de representações, ideias, teorias, discursos...” daí a importância do uso, dessas ferramentas nos espaços de apreensão e construção dos saberes.

## **O viés metodológico da proposta didática**

O projeto foi dividido duas partes para facilitar as formas como foi trabalhado. Primeira etapa: Aquisição de conhecimentos sobre o nordeste brasileiro: atividade diagnóstica em folhas mimeografadas; logo em seguida apresentação do tema através das músicas: Asa Branca e a Volta da Asa Branca, ambas de Luiz Gonzaga, “o Rei do Baião” que fala sobre o Nordeste, posteriormente uma discussão a respeito dos conteúdos.

Segunda etapa: Como a turma dividida em equipes cada um preparou uma atividade direcionada para apresentar às demais (Cordel, Jornal Falado, Revista em Quadrinho, Cartas) com base notícias de jornais e revistas impressas que foram distribuídas para os mesmos. Cada equipe foi liderada por um dos integrantes que foi escolhido na hora da divisão e supervisionado por um dos estagiários, que ficou responsável por orientar os passos da produção. Após as atividades elaboradas ouvi a continuidade com a execução das mesmas, que iniciou com as apresentações dos componentes sobre os temas escolhidos. Assim, cada equipe mostra a sua produção, atraindo e envolvendo toda a turma. Por fim, ocorreu avaliações: quantitativa, feitas pelos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



próprios colegas sobre os trabalhos e a avaliação oculta feita pelo alunado sobre a aplicação da oficina.

Quanto aos métodos e procedimentos, o presente projeto teve como principal objetivo explorar a região nordeste por meio de suas imagens e representações com ênfase em jornais e revistas, discutindo os principais impactos sociais no espaço físico. Possibilitando um importante momento de interações entre discentes e docentes, assim como alunos entre através do diálogo e ações que viabilizem uma aprendizagem significativa a ponto de desmistificar os estereótipos criados a respeito do Nordeste como também despertar o interesse dos alunos para explorar através da leitura as riquezas contidas nessa região e assim poder contribuir na construção do conhecimento. Seguindo os conteúdos da unidade: A Região Nordeste e sua população/ Vida de Migração. Organização econômica do Nordeste; A literatura de cordel.

E como objetivos específicos: Compreender os fatores responsáveis pela ocorrência da seca no Nordeste; Verificar as principais características populacionais da região; discutir os principais fluxos migratórios da população nordestina a partir das matérias impressas em jornais e revistas; conhecer e valorizar a cultura nordestina a partir do uso de cordéis.

Desde o primeiro contado na escola através das observações, começamos a pensar como iríamos elaborar o projeto, quais seriam os assuntos e como encacharíamos Jornais e revistas. Assim elaboramos uma proposta de intervenção para os alunos do 7º Fundamental II. Vislumbramos um possível trabalho a ser desenvolvido e que agora passa a ser relatado.

O presente projeto foi dividido em 2 etapas, sendo a primeira da seguinte forma: no 1º Momento: Começamos a aula com uma atividade diagnóstica em folhas mimeografadas, para ver quais os conhecimentos sobre o Nordeste brasileiro, e correção feita oralmente, ao fazer a correção da atividade percebemos que muitos alunos erraram até onde fica o Nordeste está localizado.





## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Foto: Alunos respondendo atividade diagnóstica. (OLIVEIRA, 2018)

No 2º Momento: A cada aluno entregamos um folheto com as duas músicas de Luiz Gonzaga: Asa Branca e A volta da Asa Branca, colocamos no som e cantamos todos juntos, ao término, abordamos o tema migração fazendo questionamentos exemplo: *Quem tem parentes que moram em São Paulo?; Quem conhece alguém que já foi mora fora e retornou?; Quem conhece pessoas que saíram de sua cidade em busca de emprego?*



Foto: Alunos cantando as músicas de Luiz Gonzaga (OLIVEIRA, 2018)

No 3º Momento: A sala foi dividida em grupos, para a produção das atividades: Cordel, Jornal Falado, Revista em Quadrinho e Cartas Enigmáticas, a divisão foi feita através de sorteio.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Foto: Organização da sala em equipes. (OLIVEIRA, 2018)

Já no 4º Momento, com a sala já dividida em quatro grupos, explicamos que cada produção irá ser elaborada com base fragmentos de jornais e revista que foram entregues junto com alguns modelos do que seriam produzidos. Nos organizamos para fazer as orientações da execução dos produtos que seriam posteriormente apresentados aos demais colegas.



Foto: Orientações em grupo. (OLIVEIRA, 2018)

A segunda etapa foi desenvolvida desta forma: 1º Momento: Organizamos a sala novamente em grupo, onde os mesmos começaram a elaborar suas respectivas atividades em grupo.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Foto: Confecção de materiais para apresentação. (OLIVEIRA, 2018)

O 2º Momento ocorreu da seguinte forma: Ao término da elaboração das atividades, cada equipe apresentou aos demais colegas as suas produções as quais, colocamos expostas nas paredes da sala. A 1ª equipe do Jornal Falado criou um jornal nomeando de “Jornal Noticias Quentes” escolhendo notícias de dos jornais que foram entregues a eles, simulando entrevistas. A 2ª equipe da revista em quadrinho, criou uma revista usando o tema “Festa Junina”. A 3ª equipe da carta enigmática elaborou cartas usando recortes dos jornais. A 4ª equipe do cordel criou dois cordéis com o tema nordeste brasileiro.



Foto: Apresentação da 1 Equipe. (OLIVEIRA, 2018)

Já no 3º Momento: Após as apresentações, pedimos que os alunos fizessem uma avaliação quantitativa, sobre os trabalhos das equipes e a avaliação qualitativa, oculta, sobre a aplicação da oficina.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



*A experiência foi ótima além de conhecer vocês, tive a oportunidade de fazer atividade que nunca tinha feito com nossa professora, eu amei falar do Nordeste e com os jornais. (Aluno 1)*

*Me suspendi e amei saber que minha aula foi escolinha para fazer esse trabalho, [...] não sabia que dava para trabalhar com o jornal assim[...] esse trabalho foi bem legal pois eles nos ensinaram novas coisas. (Aluno 2)*

Desse modo, os fragmentos das narrativas mostram com o contado com os jornais e revista é uma alternativa para torna mais atrativa as aulas de geografia, sendo uma alternativa para melhorar a prática em sala de aula.

## Considerações Finais

Diante das informações apresentadas e das experiências relatadas podemos perceber que os alunos reconheceram a importância dos jornais e revista como ferramenta didática dinamizadora, e atrelando a discussão do nordeste brasileiro levou para a sala de aula algo que para eles são situações vivenciadas, gerando trocas de informações e conhecimentos que promove umas aprendizagens mais significativa. Ressaltando que é imprescindível que o professor trace um planejamento de como o jornal e revistas pode ser trabalhado para que não se configure uma atividade meramente ilustrativa.

No estágio são tecidos os fundamentos e as bases indenitárias da profissão docente, não só desenvolvendo os conhecimentos teóricos e metodológicos, mais também de uma postura ética e profissional que levem o aluno estagiaria a exercer a profissão, comprometida com a qualidade do ensino.

A construção e o fortalecimento da identidade e o desenvolvimento de convicções em relação à profissão estão ligados às condições de trabalho e ao reconhecimento e valorização conferida pela sociedade a categoria profissional. Essa forma, os saberes, a identidade profissional e as práticas formativas presentes nos cursos de formação docente precisam incluir aspectos alusivos ao modo como a profissão é representada e explicada socialmente (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 66)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Essa prática nos revelou como é possível acreditar numa proposta coletiva, vamos descobrindo caminhos pelos quais nos levam a conhecer melhor esse universo que é a docência, por meio dessa experiência aprendemos a trabalhar em grupo e entender o seu verdadeiro valor. Ao ler cada relato dos alunos sobre nossa oficina é que podemos ver realmente o quando nosso trabalho valeu apena.

*[...] foi muito legal eu achei muito interessante o trabalho dos estagiários sobre o Nordeste, falaram sobre coisas que ainda não sabia e fazer um jornal falado, igual a jornalista foi bom demais. (Aluno 3)*

*As coisas boas que eu e meus colegas fizemos foi fazer trabalho, apresentar, cantar Asa Branca falar sobre o Nordeste. [...] (Aluno 4)*

A experiência de estágio se configurou como algo imprescindível a nossa formação docente, por meio desta pudemos fazer a relação da teoria com a prática. Ficará em nossa memória o registro de toda essa trajetória percorrida. Buscando a partir dessa vivência, a ousadia e o desafio de estarmos sempre em busca de nos esforçamos ao máximo para fazermos uma aula melhor.

## Referências

ALVES, Cícera Cecília Esmeraldo. Ensino de geografia e suas diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem: perspectivas para a educação básica e geográfica. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (3), p. 27 - 34, Fev. 2016.

ANHUSSI, Elaine Cristina. **O uso do jornal em sala de aula: sua importância e concepções de professores**. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente: S.n., 2009. XIV, 156f.: il.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

OSTROVSKI, Crizeli Silveira. **Interdisciplinaridade e o uso do jornal digital**. Curitiba: Prottexto, 2009.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



OSTROVSKI, Dalésio; OSTROVSKI, Crizieli Silveira. **O jornal como recurso pedagógico no ensino da geografia.** EDUCERE, Out. 2015.1.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2004

MORIN, Edgar; CIURANA, Emilio-Roger; MOTTA RAÚL, Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana.** São Paulo: Cortez, 2003.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A ETNOMATEMÁTICA NA PRÁXIS DOCENTE

**Carla Assueira Silva Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[carlaassueira@gmail.com](mailto:carlaassueira@gmail.com)

**Emille Santana Moreira Nunes**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[emille.nunes@live.com](mailto:emille.nunes@live.com)

**Claudene Ferreira Mendes Rios**

Universidade do Estado da Bahia – Campus XI

[claudenefmr@uol.com.br](mailto:claudenefmr@uol.com.br)

### Resumo:

Este artigo discute aspectos relevantes sobre a etnomatemática e prática pedagógica de professores tencionando o fomento de uma prática para a práxis. Partimos, então, da seguinte questão norteadora: Em que medida a etnomatemática é desenvolvida na práxis docente? Para consubstanciar tal problemática, este artigo tem como objetivo compreender a etnomatemática na perspectiva da práxis docente de acordo com a concepção de educação como ato político. Sendo assim, a práxis docente é entendida como uma ação intencionalmente desenvolvida que envolve as subjetividades dos sujeitos e as objetividades que o processo educacional abarca.. Portanto, a etnomatemática na perspectiva de práxis docente deve evidenciar o fortalecimento das identidades dos sujeitos por meio da valorização da diversidade cultural e étnica. Essa pesquisa é de natureza qualitativa, por compreender a subjetividade da temática e envolver um imaginário social dos colaboradores junto a uma percepção e valores de sua práxis, do tipo bibliográfica exploratória, apresenta as considerações de teóricos como D’Ambrosio (1990/2001), Gelsa Knijnik (1996), Dilce Melo e Iata Oliver (2012), Vásquez (1997) e Ghedin (2002), como estratégia de coleta de dados um questionário com professoras da Educação Básica. Dividido em três seções, este trabalho dialoga na perspectiva de uma reconfiguração da relação etnomatemática e prática pedagógica no sentido de impulsionar a práxis docente, na busca por um ensino matemático vivo e significativo que trará resultados, na medida em que o currículo faça-se contextualizado compreendendo as pluralidades. Como prévias desta pesquisa, afirma-se que há necessidade de disseminar a temática de modo a transcender para uma práxis cotidiana, do chão da escola, pois os significados dos termos etnomatemática e práxis são confundidos e por vezes, não fluem nas práticas pedagógicas conscientemente. Podemos inferir que, mesmo inconscientemente, as professoras engatinham para uma práxis, embora não explicitando conhecimentos do significado destes termos considerados relevantes para o ensino de matemática..

**Palavras-chave:** Etnomatemática. Práxis docente. Prática Pedagógica.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Introdução

Neste artigo, propomo-nos a discutir algumas concepções dos processos educacionais do ensino da matemática percebendo o diálogo entre conhecimentos científicos e conhecimentos culturais. Nesta dialogicidade, ainda continua sendo um grande desafio a não sobreposição de um sob o outro, entretanto, é importante articular os saberes na perspectiva de uma educação significativa tanto para o docente que media esses saberes, quanto para o discente que acomoda suas experiências aos diversos conhecimentos necessários.

Partimos da concepção de educação como ato político. Sendo assim, a práxis docente não é entendida como uma ação neutra, incapaz de influenciar na formação da consciência política e social dos alunos, e sim como um fazer e fazer-se num processo de construção mútua no qual professores e alunos revelam, às vezes inconscientemente, suas crenças, valores, identidades e culturas.

Na busca em compreender essa *equilíbrio* entre os conhecimentos e suas articulações como práxis na etnomatemática, surgem algumas inquietações acerca do conceito de práxis docente e etnomatemática bem como suas inter-relações no processo de ensino e de aprendizagem. Assim, este artigo parte da seguinte problemática: em que medidas a etnomatemática é desenvolvida na práxis educativa? Para consubstanciar nossas inquietações, buscamos, de modo geral, compreender a etnomatemática na perspectiva da práxis docente buscando entender a relação desta práxis dentro do conceito da etnomatemática fazendo tessituras sobre o currículo e a colaboração entre a matemática da realidade e a matemática presente nos livros didáticos.

Perceber a matemática em nosso entorno e o modo em que cada cultura insere um significado de uso diferente, é pensar uma escola flexível e que dialoga com esses imaginários sobre a matemática. A etnomatemática e o fazer teórico/prático como ponto articulador desta discussão é vista como ponte para a compreensão da necessidade de que na formação do professor há



## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



dissociação entre as culturas dos sujeitos e a aquisição e acomodação dos conceitos matemáticos na sala de aula e seu valor utilitário.

Desta forma, realizamos pesquisas sobre os conceitos de práxis docente e etnomatemática em estudos realizados por teóricos como Ubiratan D'Ambrosio, Gelsa Knijnik e Adolfo Sánchez Vásquez. Também nos debruçamos sobre algumas discussões dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's da matemática, no intuito de alcançar como se vêm produzindo uma educação conciliada com a cultura na consecução da matemática.

Neste sentido, por perceber a baixa disseminação da temática sob a ótica contextualizada neste estudo, esta pesquisa é de natureza qualitativa do tipo exploratória e bibliográfica visto que sobreleva a subjetividade que a temática tangencia e o imaginário social dos colaboradores junto a uma percepção e valores de sua práxis. Para tanto, realizamos buscas de informações no acervo da Biblioteca Paulo Freire do Departamento de Educação – Campus XI da Universidade do Estado da Bahia, a fim de analisar criticamente os dados encontrados. Ainda no intuito de coleta de informações, utilizamos como estratégia a aplicação de um questionário com três professores, duas do Ensino Fundamental (EF) e uma da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Deste modo, como requisito de uma aplicação ética da pesquisa, as colaboradoras não serão literalmente identificadas, tendo suas falas referenciadas pela modalidade de ensino em que lecionam. Assim, as professoras do ensino fundamental serão identificadas com EF1 e EF2 e a de terceira com EJA.

Doravante, afirmamos que entender essa conciliação entre o que é a etnomatemática, sua presença na práxis docente, torna-se fundamental para o processo de formação de professores no sentido de possibilitar uma mediação/articulação dos educandos e seu imaginário social entorno da matemática e o fazer matemático no dia a dia. Tendo ainda como intuito disseminar a temática principalmente na formação docente, campo em que se preocupa com os conhecimentos relacionados ao *Que fazer* e *Como fazer*



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



norteadores da prática de professores que realizam esse processo de mediação nas escolas.

Trazer a matemática em sua função social e dá criticidade à formação na sala de aula para formação de cidadãos participativos socialmente, é de responsabilidade da escola e, sobretudo do professor, e estes são instigados a usarem as múltiplas vozes e identidades dos estudantes no processo educacional. O PCN de matemática norteia objetivos em que as unidades escolares empenhem-se qualitativamente em auxiliar no desenvolvimento de cidadãos, enfatizando:

A constatação da sua importância apoia-se no fato de que a Matemática desempenha papel decisivo, pois permite resolver problemas da vida cotidiana, tem muitas aplicações no mundo do trabalho e funciona como instrumento essencial para a construção de conhecimentos em outras áreas curriculares. Do mesmo modo, interfere fortemente na formação de capacidades intelectuais, na estruturação do pensamento e na agilização do raciocínio dedutivo do aluno. (PCN's matemática, 1997, p.15)

Desta forma, os conteúdos devem transcender os espaços áulicos, a fim de desenvolver participação e interação significativas, colocando os saberes matemáticos de forma interativa com outras áreas do conhecimento, isto é, de modo interdisciplinar. Pombo (1994) chama a atenção para um ensino que não se aplica apenas a matemática, para uma articulação e diálogo entre conteúdos escolares e não escolares, que possibilite aos educandos uma formação múltipla em consonância as suas culturas e identidades.

Ainda na perspectiva dos PCNs, percebe-se que uma das características da importância da matemática é que esta agrega conhecimentos para situações cotidianas. O cotidiano, segundo D'Ambrósio (1990), é o universo no qual repousam tanto as expectativas quanto as angústias dos sujeitos e a etnomatemática é percebida como parte deste cotidiano. Neste sentido, podemos dizer que se faz presente, neste processo, outras instâncias da vida do aluno de modo que exige-se uma prática educativa docente que evidencie o saber/fazer. Nas ideias de D'Ambrósio (2012), o saber/fazer relaciona-se com a ação de pôr em prática a teoria, entretanto, esta é uma articulação que se projeta para o futuro. Isto significa dizer que os resultados da transposição de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



conhecimentos acumulados num tempo passado para o presente, ou seja, o pôr em prática, será notado somente no futuro e denotará se este saber/fazer foi desenvolvido equivocadamente ou não.

Desse modo, desenvolver a práxis educativa implica incorporar ao processo de ensino as posições filosóficas de vida do professor e também do aluno de maneira que percebe-se tanto as posições culturais quanto as identidades e maneiras próprias de construção de conhecimento e aprendizagens.

## **Diálogos entre etnomatemática e práxis educativa**

As discussões sobre etnomatemática no campo da Educação Matemática e nas formações inicial e continuada de professores ainda é um pressuposto que merece atenção particular. Vejamos nas palavras da professora do Ensino Fundamental, quando perguntada se possui conhecimento sobre etnomatemática e se os tem exercido em sua prática pedagógica:

Sim. Sim, colocando os alunos para fazer entrevista, trabalhos de campo etc. (EF 1, 2017)

Na fala da professora, entendemos que o exercício da etnomatemática é “colocar os alunos para fazer”. Fazer pesquisas, fazer entrevistas, fazer trabalhos, etc. Não obstante, cabe-nos indagar que concepção de etnomatemática é adotada? A etnomatemática relaciona-se apenas com o fazer?

Adotaremos então, a conceituação de etnomatemática construída por D’Ambrósio (2012) que utiliza as raízes do termo *tica*, *matema* e *etno* para explicitar que a etnomatemática refere-se às “várias maneiras, técnicas, habilidades (*tica*) de aplicar, de entender, de lidar e de conviver (*matema*) com distintos contextos naturais e socioeconômicos da realidade (*etno*)” (p.101)

Para além das técnicas e das maneiras, o que faz a diferença na conjectura etimológica do termo é a presença da partícula *etno*. Isso significa dizer que ao conceito de matemática são agregados os fatores culturais e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



identitários. Gelsa Knijnki (1996), em suas discussões sobre a etnomatemática, faz referência a D’Ambrósio (1990 p 17-18) quando este afirma que

etno refere a grupos culturais identificáveis, como por exemplo sociedades nacionais-tribais, grupos sindicais e profissionais, crianças de uma certa faixa etária etc, e inclui memória cultural, códigos, símbolos, mitos e até mesmo maneiras específicas de raciocinar e inferir. ( D’AMBRÓSIO APUD KNIJNKI, 1996, P17-18)

Assim, a densidade do conceito de etnomatemática possibilita aos professores da Educação Básica repensarem sua práxis docente dando início ao processo de reconfiguração desta práxis passando da simples ação de ensinar para focar na mediação do aprender a aprender. Esta transição exige que “os discursos pré-formatados do professor devem ser substituídos pelo personagem capaz em mediar, orientar e oportunizar alternativas, metas e caminhos em busca de interação de saberes da escola e da vida” (MELO e OLIVER 2012, p 64).

Em outra concepção do professor da EJA, quando indagado também sobre seus conhecimentos sobre etnomatemática e se os tem exercido em sua prática pedagógica, o mesmo nos trouxe uma ótica complementar a da professora EF1, quando diz:

Conheço. Uma das coisas que internalizei relacionado à etnomatemática e que desenvolvo nas minhas falas, no meu modo de dar aula, é o fato de contextualizar o conteúdo a ser trabalho de acordo com a realidade dos estudantes. Pois, usar o clássico exemplo da corrida de taxi para inserir o conteúdo de função do primeiro grau (com o intuito de facilitar a compreensão da ideia de função) não faz muito sentido para os estudantes, se estes nunca pegaram um taxi ou não esse objeto não faz parte do seu cotidiano (vê-los nas esquinas, passando pelas ruas, etc.). Busco sempre saber a origem do aluno para poder, ao máximo, dialogar o conteúdo sobre o meio que aquele estudante vive. (EJA. 2017)

Essa concepção do professor da EJA nos traz outra vertente desse processo de contextualizar e buscar compreender a identidade e cultura dos estudantes, pois evidencia uma compreensão mais condizente da etnomatemática na práxis docente, que se compromete em aprendizagem, não exclusivamente da escola, mas que se apropria de outras linguagens para uma aquisição significativa. Essa sensibilidade revela uma associação da





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



etnomatemática como legado cultural de uma cidadania, de valorização da diversidade, das relações interpessoais de democracia e interação.

Neste movimento de articulações, importa que o professor seja reflexivo, exercite a habilidade de questionar sobre os objetivos que norteiam sua práxis bem como os contextos que a sustentam. Segundo Ghedin (2002), são estes questionamentos que geram as intervenções e estas, por sua vez, a mudança. Desta forma, “[...] a práxis é um movimento operacionalizado simultaneamente pela ação e reflexão, isto é, a práxis é uma ação final que traz, no seu interior, a inseparabilidade entre teoria e prática (p. 133)”. As práticas pedagógicas, portanto, não acontecem sem bases teóricas, ao contrário, são desenvolvidas intencionalmente e ancoradas em teorias que as fundamentam e dão suportes essenciais para alcançar os objetivos os quais se propuseram.

Neste íterim, “refletir sobre a própria prática também é refletir sobre a própria história de estudante e profissional” (MELO e OLIVER, 2012 p. 66) é fazer uma retrospectiva do caminho educacional seguida até à formação inicial bem como o modo como o professor se propõe a realizar suas práticas que dizem muitos sobre as teorias e concepções que outrora nortearam seu próprio processo educacional. Destarte, há o entendimento da etnomatemática como uma construção humana individual e coletiva, ou seja, inerente à natureza humana e cada sociedade desenvolve sua etnomatemática. Portanto, falamos em etnomatemáticas, as maneiras próprias de cada sociedade, de modo geral medir, classificar, contar, concluir etc. e, de modo específico, a forma peculiar como cada indivíduo realiza as atividades.

## **O currículo como articulador da etnomatemática na práxis docente**

O comprometimento de uma educação matemática de valorização das múltiplas identidades, não consolida-se apenas na práxis docente, mas também nas concepções de currículo que orientam os processos educacionais e, principalmente, a prática pedagógica. A princípio, é crucial pensar uma concepção de currículo que seja capaz de incluir a etnomatemática tendo em vista o caráter culturalizador da educação.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Na concepção de Ilma Passos Veiga (2004 p.26), o currículo é entendido como “uma construção social do conhecimento pressupondo a sistematização dos meios para que essas construções se efetive”; neste processo de sistematização estão presentes os aspectos sociais, econômicos, psicológicos e culturais dos alunos por que o currículo expressa uma cultura, é historicamente situado e culturalmente determinado

Um outro aspecto que também consideramos importante sobre o currículo, é a sua não neutralidade, ao contrário, o currículo possui caráter ideológico. Assim,

toda a gama de visões do mundo as normas e s valores dominantes são passados aos alunos no ambiente escolar, no material didático e mais especificamente por intermédio dos livros didáticos, na relação pedagógica, nas rotinas escolares. (VEIGA, 2004 p.27)

O currículo capaz de incluir a etnomatemática na práxis docente, problematiza as ideologias dominantes, sobretudo quando estas não estão pautadas nos princípios de valorização, construção de sentidos e significados próprios dos alunos de acordo com sua etnomatemática. Neste sentido, D’Ambrósio (2012) afirma que há necessidade de instaurar o currículo dinâmico, contextualizador rompendo a ideia cartesiana de currículo, que estrutura previamente a prática educativa em princípios estáticos, que não envolve as identidades/culturas de um contexto e, as vezes, não consideram as formas próprias de cada sujeito calcular, medir, inferir, segundo seus particulares processos de desenvolvimento humano, sua etnomatemática.

Visto que o saber matemático da vida cotidiana está pautado em um currículo oculto das práxis docente que reflete nas transformações pelo saber, Silva (*apud* Branco e Lima 2010, p. 78), define que “o currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”.

A conciliação da etnomatemática junto à práxis docente perpassa por essa compreensão de currículo vivo e ou oculto, que mesmo com os PCN’s de matemática, norteando ações de valorização dos legados culturais, ainda se



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



faz distantes dos currículos implantados nas escolas, para tanto a autonomia do professor deve proporcionar uma reconfiguração curricular na sala de aula, em que sua identidade seja também valorizada. Acerca desta compreensão de autonomia e identidade, a professora EF2, respondendo sobre o desenvolvimento da sua autonomia indentitária frente a esse currículo, afirma:

Matemática é muito exata e nos permite encontrar resultados por diferentes e diversos caminhos. A lógica matemática na teoria é muito complicada. Na prática costuma ser mais suave. Minha identidade costuma ser explícita, a dos alunos sempre. (EF2, 2017)

Sendo a práxis processo em que o docente depende de sua compreensão de mundo, dando significados subjetivos que resultam de suas vivências, internaliza a teoria pela contextualização de suas experiências evidenciadas em uma práxis que dialoga com a diversidade de saberes. Deste modo, a práxis docente refere-se às diferentes formas de fazer, ou seja, das práticas, e do saber, as teorias. Vásquez (1997) afirma que “a práxis é, na verdade, atividade teórico-prática; ou seja, tem um lado ideal, teórico, e um lado material, propriamente prático [...]”. isto significa dizer que a atividade humana é atividade da práxis, portanto, envolve subjetividades e objetividades.

Vejamos como o professor EJA quando questionado também sobre esses processos, dialogou com as concepções da professora EF2, expondo que:

Não acredito em um professor 100% neutro (ou um ser humano). A formação política, moral, a crença, entre outras coisas que formam o ser, estas fazem parte da sala de aula, do ser professor. Logo, sim, a minha identidade é explícita. E, penso que a forma como se conduz a aula é o que fará com que a identidade dos estudantes venha à tona. Logo, creio que permito esse manifestar de identidade nas minhas aulas. (EJA, 2017)

Essa transcendência ao currículo tradicional, nas falas do professor e da professora, traz um reconhecimento, não apenas no ensino da matemática, mas em outras áreas, de reconhecimento da necessidade do diálogo dos saberes e a importância da articulação teoria e prática como indissociáveis e complementares numa concepção de ensino que tem como função a socialização destes saberes.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Contudo, registramos que o currículo articulador da práxis docente está valoriza o conhecimento humano em suas mais variadas situações pois este conhecimento “ em seu conjunto integra-se na dupla e infinita tarefa do homem de transformar a natureza exterior e sua própria natureza” (VÁSQUEZ, 1997 p 192) porém, não se limita na fronteira da transformação, ultrapassa-a em detrimento das finalidades as quais desejam chegar. Isto é possível quando a educação se manifesta como ato político que é construída por e para os sujeitos que atuam socialmente.

## Considerações finais

Diante das considerações, podemos dizer que a etnomatemática é cotidiana e deve ser vivenciada na prática pedagógica de maneira interdisciplinar transcendendo o absolutismo do currículo escolar. Para que a prática pedagógica do professor chegue à condição de práxis, é preciso muito mais do que a articulação teoria e prática; é necessária transformação da realidade na qual a ação educativa está inserida.

Em contextos educativos como os atuais, pensar uma práxis docente inovadora e a reconfiguração do currículo são fatores importantes para melhorar a qualidade do processo de ensino aprendizagem na Educação Matemática. Por se tratar de um processo que envolve identidade dos sujeitos e sua cultura, em que a etnomatemática articulada com a práxis educativa, dará um espaço de valorização da pluralidade e de uma matemática viva. Esta pesquisa denunciou que professores e professoras do Ensino Fundamental ou da Educação de Jovens e Adultos, independente da modalidade, pesquisem, informem-se e desenvolvam práxis, atividades humanas que consolidam as intenções e os objetivos também subjetivos dos sujeitos.

A EJA, sobretudo, oferece um leque variado de possibilidades de práxis por se tratar de jovens e adultos que já construíram muitas experiências e possuem objetivos tanto de vida quanto educativos definidos. As crianças do Ensino Fundamental, ainda em processo de construção tanto de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



aprendizagens escolares quanto sociais e pessoais, quando olhadas com outros olhos além da carência de aprender algum conteúdo, construirão sentidos e experiências ainda mais duradouros se os professores abrirem-se para questionarem-se a si mesmos.

A mola propulsora da práxis e também da valorização da etnomatemática em nossas escolas, acontece no momento em que enxergamos o caminho que comporta tanto os nossos saberes quanto os saberes de outrem e estes podem ser os alunos, a comunidade, o vizinho da escola etc. Etnomatemática se desenvolve com articulação teoria – prática – ação – transformações.

## Referências

BRANCO, Rodrigo e LIMA, Lucia Ceccato de. PRÁTICA DOS PROFESSORES FRENTE AO CURRÍCULO OCULTO: aula para além do planejado no ensino da matemática. **EDUCERE**. Curitiba.p.1-10. 2015. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20718\\_9780.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20718_9780.pdf). Acessado em: 19 de dezembro de 2017.

BOAVENTURA, Edivaldo M. Educação planetária em face da globalização. **A construção da universidade baiana: objetivos, missões e afrodescendência** . Salvador: EDUFBA, 2009. pp. 1-17. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/4r/pdf/boaventura-9788523208936-13.pdf> . Acessado em: 19 de dezembro de 2017.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Educação Matemática: da teoria à prática**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2002

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Etnomatemática: arte ou técnica de explicar e conhecer**. Editora Ática. São Paulo, 1990.

GHEDIN, Evandro. Professor Reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (org.) **Professor reflexivo na Brasil: Gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2002 p. 129 - 150

KNIJNIK, Gelsa. **Exclusão e resistência: educação matemática e legitimidade cultural**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1996

MELO, Dilce e OLIVER, Iata. **A arte de inovar a práxis docente**. São Paulo: Biblioteca 24 horas, 2012



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



VASQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Educação Básica e Educação Superior: projeto político pedagógico**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004 (P 26-28)





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## MULTICULTURALISMO E EDUCAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A DIMENSÃO FORMATIVA DA EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

**Dailza Araújo Lopes**

UFBA/POS-AFRO/UFRB/UNIT

[dailzaaraujo@gmail.com](mailto:dailzaaraujo@gmail.com)

### **Resumo:**

O presente trabalho refere-se ao relato de experiência do Curso de extensão Formação de professores e diversidade Cultural. Teve como objetivo descrever as contribuições formativas do respectivo curso de extensão. A metodologia desenvolve-se a partir de relato de experiência com base num estudo descritivo do curso de extensão Formação de professores e diversidade cultural, ofertado no ano de 2016 no Campus I da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O curso foi iniciado em outubro de 2016 e finalizado em novembro de 2016, com aulas bastante dinâmicas e, sendo realizadas duas vezes por semana, totalizando uma carga horária de sessenta horas, sendo um curso de extensão, mediado pela professora Msc. Katia Barbosa, apesar de ser aberto para a comunidade, o perfil de alunos era em sua maioria oriundos do curso de Pedagogia do Departamento de Educação da UNEB Campus I. Participar do referido curso fortaleceu aspectos teóricos sobre a prática da Lei 10.639/2003, contribuiu para aquisição de conhecimento a respeito da abordagem sobre multiculturalismo relacionado à educação e a formação de professores, o que me permitiu relacionar como as perspectivas culturais atravessam a realidade da sala de aula, a produção dos currículos escolares e as políticas públicas para a educação.

**Palavras-chave:** Extensão. Multiculturalismo. Formação de professores. Diversidade.

### **Introdução**

Este estudo refere-se a um relato de experiência vivida como cursista, no do curso de extensão “Formação de professores e diversidade cultural”, realizado no ano de 2016 nas dependências do Departamento de Educação, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Campus I, localizado em Salvador/BA.

As discussões levantadas durante o curso, bem como o conteúdo ministrado durante os dois meses de aulas, deram conta de abordar a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



importância da diversidade cultural na formação de professores e na prática docente, trazendo reflexões para o campo do multiculturalismo, e esse como uma possibilidade para a construção de currículos e práticas educativas que deem conta de contemplar a diversidade na sala de aula. O referencial teórico utilizado no presente relato é construído, a partir dos textos discutidos durante o curso, que pelo viés dos Estudos Culturais e das Teorias críticas de currículo (SILVA, 2010), trazem a perspectiva multicultural dentro do debate da educação e da formação de professores.

Hall (2006, p. 50) aponta o multiculturalismo como “refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais”, por isso o caráter interdisciplinar da abordagem multicultural, permite que sejam tecidas reflexões em vários campos do conhecimento.

As práticas educativas podem se dá em vários espaços e modalidades, uma vez que “pela educação pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais” (BRASIL, 2006, p.39). E a escola enquanto espaço formal onde ela é praticada deve ter esse compromisso com a formação humana, de combater desigualdades e educar autonomia.

## **Dimensão formativa da extensão na Universidade do Estado da Bahia**

A extensão universitária faz parte de um tripé indissociável entre o ensino, a pesquisa e a extensão. De acordo com documento resultado do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2006), aponta que permitindo refletir sobre as concepções de currículo constituídas a partir dos processos históricos, e partir deles pautar uma flexibilização curricular tendo estes três elementos como ponto de partida para uma nova perspectiva de educação superior. Assim, pode-se pensar sobre a dimensão formativa da extensão como uma forma de permitir discussões que podem ir além do currículo praticado dentro da sala de aula.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A Universidade do Estado da Bahia - UNEB, está há mais de trinta anos, formando profissionais das mais diversas áreas do conhecimento. Por sua característica multicampi e multiterritorial, permite que um fluxo grande pessoas tenha acesso ao ensino superior da capital ao interior do Estado da Bahia.

“A UNEB possui 29 Departamentos instalados em 24 campi: um sediado na capital do estado, onde se localiza a administração central da instituição, e os demais distribuídos em 23 importantes municípios baianos de porte médio e grande”<sup>12</sup>. Alicerçada sob o tripé ensino-pesquisa-extensão, a Universidade do Estado da Bahia, cumpre seu papel social, de formar o cidadão a partir das várias dimensões da formação humana, e “as ações extensionistas que realiza alcançam a maioria das microrregiões do Estado da Bahia e têm como base o princípio da construção coletiva de saberes voltados para as demandas sociais emergentes”<sup>13</sup>.

De acordo com o documento do Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX, 2006), pensa a extensão e flexibilização curricular, reintera no Plano Nacional de Extensão Universitária, (2001) a indissociabilidade do ensino, da pesquisa e da extensão, e aponta a

Extensão como processo acadêmico – justificando-lhe o adjetivo “universitária” –, em que toda ação de Extensão deverá estar vinculada ao processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento, tendo o aluno como protagonista de sua formação técnica para obtenção de competências necessárias à atuação profissional, e de sua formação cidadã – reconhecer-se agente da garantia de direitos e deveres, assumindo uma visão transformadora e um compromisso. Na aplicação dessa diretriz abre-se um capítulo especial, o da participação da Extensão Universitária na flexibilização da formação discente, contribuindo para a implementação das diretrizes curriculares nacionais, com reconhecimento de ações de Extensão no processo curricular, com atribuição de créditos acadêmicos. (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2001)

<sup>12</sup> Mais informações disponíveis em: < <https://portal.uneb.br/a-uneb/>>. Acesso em 09 de out. de 2018.

<sup>13</sup> Mais informações disponíveis em: < <https://portal.uneb.br/proex/>>. Acesso em: 09 de out. de 2018.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Dentro dessa perspectiva, a dimensão formativa da extensão na UNEB, possibilitou a ampliação de horizontes a respeito da diversidade na sala de aula, e a importância da abordagem multicultural na formação de professores, que através do ensino e da pesquisa, permitiu que pudéssemos discutir sobre o Plano Nacional de Educação (PNE 2010-2020) e sobre projetos em vigência na área de educação, como por exemplo, o da “Escola sem partido” e da Reforma do Ensino Médio.

## **O curso de extensão em Formação de professores e diversidade cultural: formação continuada e outras possibilidades**

Considerando as Informações já expostas, o curso de extensão em “Formação de professores e diversidade cultural” está inserido dentro da proposta de “ações de extensão<sup>14</sup>” da Universidade do Estado da Bahia, foi executado a partir de uma temática específica, compreendendo que com a inserção do eixo de Pluralidade Cultural como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs abre-se uma discussão a respeito, dos currículos praticados dentro das escolas e, na forma como estes, ocultam os diferentes sujeitos do processo educativo, o que acaba fortalecendo, portanto, eixos de desigualdade sociais, culturais e educacionais, semelhantes àqueles processos civilizatórios perpetrados em tempos outros, baseados no silenciamento de tudo que era considerado diferente.

O curso foi iniciado em outubro de 2016 e finalizado em novembro do mesmo ano, com dois encontros semanais sendo realizados nas salas disponíveis do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Campus I, localizado em Salvador/BA, totalizando uma carga horária de sessenta horas.

Como prevê algumas ações extensionistas, de ser abertas ao público externo e a comunidade acadêmica, o referido curso teve inscrições abertas atendendo a comunidade externa e a comunidade acadêmica. Os (as)

---

<sup>14</sup> Mais informações disponíveis em: <https://portal.uneb.br/proex/wp-content/uploads/sites/62/2018/02/A%C3%87%C3%95ES-DE-EXTENS%C3%83O.pdf> >. Acesso em 13 de out. de 2018.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



participantes do referido curso, em sua maioria, eram estudantes graduandos em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia do Campus I, com apenas duas participantes da comunidade externa. Cerca de mais de vinte estudantes com um perfil bastante diverso tanto no que diz respeito à faixa etária quanto na perspectiva de gênero.

As aulas eram sempre iniciadas com dinâmicas que permitiam a integração, a reflexão e a desconstrução, quais também estavam sempre relacionadas com a proposta da aula. Todas as aulas traziam como reflexão inicial contos e mitos em sua maioria de origem africana, os desdobramentos desse momento contribuía para desmistificar algumas das compreensões a respeito do continente africano, além abordar sobre as relações étnicorraciais, nos levando a pensar sob uma perspectiva ancestral da história, portanto, compreendo aqui, uma das dimensões formativas do curso de extensão de formação de professores e diversidade cultural, que se configura a partir do fortalecimento da Lei 10.639/2003.

O curso foi iniciado com discussões teóricas envolvendo a abordagem do campo da formação de professores, trazendo aspectos históricos e teóricos sob a luz das ideias de Saviani (2011), que para este momento foi importante, pois foi possível compreender alguns dilemas na formação docente, a partir das resoluções e pareceres do Ministério da Educação, apontando que as orientações formativas da formação de professores no Brasil ainda possuem desconexões com a realidade, o que resulta num paradoxo pedagógico, que influencia dentre muitas coisas, na formação identidades e na prática docente.

Pelo viés dos Estudos Culturais, a professora condutora do curso, aponta o desafio de uma formação de professores que seja voltada para práticas plurais, considerando que vivemos em uma sociedade heterogênea, e que essa diversidade chega até a sala de aula, tanto por meio dos alunos em seus diversos contextos culturais, como através dos currículos praticados nos espaços escolares e nas instituições de ensino superior, que oferecem cursos de formação de professores.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



No decorrer do curso, foi possível compreender de forma mais acentuada, que a formação de professores deve ir além de questões didático-pedagógicas, deve combinar as dimensões política, cultural, pedagógica, histórica e social, de forma que possa acompanhar os fenômenos educacionais dentro e fora da escola.

Assim, Canen e Xavier (2005), apontam reflexões significativas no que diz respeito a uma formação de professores que pense e pratique a perspectiva multicultural de educação, como forma de refletir sobre as entrelinhas da prática pedagógica:

Formar o professor multiculturalmente orientado implica, conforme temos argumentado, em trabalhar em prol de um modelo de professor apto a compreender o conhecimento e o currículo como processos discursivos, marcados por relações de poder desiguais, que participam da formação das identidades. Implica em tensionar conteúdos pré-estabelecidos e pretensões a verdades únicas, procurando detectar vozes silenciadas e representadas nesses discursos curriculares, de forma a mobilizar a construção de identidades docentes sensíveis à diversidade cultural e aptas a formular alternativas discursivas transformadoras, desafiadoras do congelamento de identidades e dos estereótipos. (CANEN; XAVIER, 2005, p. 336)

A participação no curso de formação de professores e diversidade cultural me permitiu compreender ainda mais a importância na formação continuada na profissão docente, pois mesmo que durante o curso eu estivesse terminando o curso de mestrado na área de estudos étnicos e africanos, tendo contato direto com leituras e discussões em torno da cultura, da etnicidade, de raça, etnia, gênero, classe, a perspectiva multicultural apreendida durante do curso, foi de fundamental importância para compreender alguns processos didático-pedagógicos sobre desigualdade e como ela chega à sala de aula. Assim, percebe-se que a abordagem multicultural traz inquietações tanto para os currículos de formação de professores quando para a formação continuada.

Desta forma, diante desse contexto, e refletindo a minha própria formação, concordo

com problemas crescentes nos cursos de formação inicial de professores, a ideia de formação continuada como aprimoramento





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



profissional foi se deslocando também para uma concepção de formação compensatória destinada a preencher lacunas da formação inicial”. (GATTI; BARRETO, p. 200)

Considerando a reflexão das autoras acima, o curso de extensão, permitiu dentre muitas questões repensar a minha formação, aliada a necessidade atual dos vários grupos que chegam até as nossas salas de aula em busca de um espaço inclusivo que supere a prática monocultural de educação.

## **Multiculturalismo e educação: caminhos para a diversidade em sala de aula**

Nessa sessão, torna-se importante situar a importância do curso de extensão “Formação de professores e diversidade cultural”, para a compreensão em torno do multiculturalismo em diálogo com a educação, como mecanismo que pode possibilitar o debate da temática da diversidade nos espaços educativos. Tomando como referência as ideias de Candau (2008, p.13) quando diz que “não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que está situada”, percebe-se que é necessário um empreendimento por parte dos professores, a fim de combater práticas discriminatórias decorrentes de culturas hegemônicas, baseadas na ideia de inferioridade e superioridades que permeiam os ideários de alguns grupos sociais.

Desta forma, Pasini e Nenéve (2008) trazem a seguinte reflexão a respeito dessas questões:

a educação multicultural propõe uma ruptura aos modelos pré-estabelecidos e práticas ocultas que no interior do currículo escolar produzem um efeito de colonização em que os estudantes de diversas culturas, classes sociais e matizes étnicas ocupam o lugar dos colonizados e marginalizados por um processo de silenciamento de sua condição. Espera-se que, por meio de uma prática educativa multicultural, os estudantes possam analisar as relações de poder envolvidas na produção de mecanismos discriminatórios ou silenciadores de sua cultura, criando condições para reagir e poder lutar contra esses mecanismos que pregam a superioridade científica, tecnológica e cultural de determinados grupos economicamente dominantes. (PASINI; NENEVÉ, 2008, p. 32)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Essa luta a que a citação acima se refere, foi enfatizada veemente durante do curso de extensão em questão. O que me levou a compreender de forma mais didática a forma como os movimentos organizados, tem pautado a diversidade em sala de aula, por isso que Arroyo (2014) aponta que os “Outros sujeitos” tomam consciência políticas, e obrigam a repensar-se os processos de sua produção teórica, epistemológica, trazendo interrogações para o campo da docência, do pensamento pedagógico, e das práticas de educação popular e escolar, pressionado para serem reconhecidos, e tendo essa prática da diversidade, vai dando destaque as categorias como raça, étnica, gênero, sexualidade e dentro delas vão surgindo outros debates a partir de experiências múltiplas tanto individuais como coletivas, a partir dos movimentos sociais e outras organizações intencionalmente motivadas objetivando a diminuição das desigualdades.

Assim, Candau e Moreira (2008) a prática pedagógica pensando a partir de uma perspectiva multicultural, reconhecendo a pluralidade dos grupos e categorias, e por assim ser fomentar a luta contra a opressão e a discriminação dos grupos culturalmente dominados. “Nesse sentido, multiculturalismo em educação envolve, necessariamente, além de estudos e pesquisas, ações politicamente comprometidas”. (idem, p. 07).

Desta forma, enfatizo a importância do curso na minha trajetória profissional e pessoal, uma vez que compreender a importância de visibilizar dos diversos saberes, vai muito além do campo da prática educativa, pois permeia o social, o político e o cultural. Portanto, as diferenças na sala de aula devem ser compreendidas como uma expressão da diversidade, e devem ser valorizadas, colocando-as em evidência, não como um problema, mas como uma premissa de uma educação igualitária e emancipatória.

## **Considerações Finais**

Compreendemos a partir do presente relato de experiência a importância do tripé ensino-pesquisa-extensão, e a indissociabilidade destes três campos, como forma de fortalecer a formação inicial e continuada de professores. Aqui,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



aparece à importância da Universidade do Estado da Bahia, nessa construção formativa, devido a seu alcance institucional e acadêmico no Estado da Bahia.

No presente relato de experiência, a extensão enquanto categoria indissociável da pesquisa e do ensino cumpre seu papel formativo, tanto na formação inicial, quanto na formação continuada de professores, além de permitir que a universidade do Estado da Bahia possa cumprir seu papel social, político e acadêmico.

O curso “Formação de professores e diversidade cultural”, me trouxe ao longo das aulas, ministradas pela professora Mestra Kátia Barbosa, a reflexão sobre a minha formação enquanto Pedagoga, aspectos teóricos que fortaleceram a prática da Lei 10.639/2003, além de contribuir para aquisição e ampliação do conhecimento, sobre a abordagem do multiculturalismo relacionado à educação, a formação de professores e a diversidade, como estas categorias se inter-relacionam e atravessam a realidade da sala de aula, a produção dos currículos escolares e as políticas públicas para a educação.

## Referências

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2.ed.Petrópolis: Vozes, 2014.

BARRETO; Elba Siqueira de Sá; GATTI, Bernadete Angelina. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.

CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flávio (org.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 2. ed. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2008. p.13-37.

CANEN, Ana; XAVIER, Gisele Pereli de Moura. 2005. Multiculturalismo, pesquisa e formação de professores: o caso das Diretrizes Curriculares para a formação docente. **Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação**. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v.13. n.48. jul./set.2005. p.333-334. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n48/27553.pdf>>. Acesso em 20 de set. de 2018.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



FORPROEX. Fórum de Pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. 2006. **Indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão e a flexibilização curricular**: uma visão da extensão. Porto Alegre: UFRGS; Brasília: MEC/SESu, 2006. Disponível em: <[http://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade\\_ensino\\_pesquisa\\_extensao.pdf](http://www.uemg.br/downloads/indissociabilidade_ensino_pesquisa_extensao.pdf)> Acesso em 13 de out. de 2018.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de Extensão** Universitária - Edição Atualizada. SESU/MEC, Brasília. 2001. Disponível em: <<https://portal.uneb.br/proex/wp-content/uploads/sites/62/2018/02/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>>. Acesso em: 13 de out. de 2018.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11 Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 2006.

NENEVÉ, Miguel; PANSINI, Flávia. 2008. Educação multicultural e formação docente. **Currículo sem Fronteiras**, v.8. n.1. Jan/Jun, 2008. p.31-48. Disponível em: <[http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1/articles/pansini\\_neneve.pdf](http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1/articles/pansini_neneve.pdf)>. Acesso em: 14 de nov. de 2016.

SAVIANI, Dermeval. 2011. Formação de Professores no Brasil: dilemas e perspectivas. **Póiesis Pedagógica**, v. 9, n. 1, p. 7-19, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/15667>>. Acesso em 10 de out. de 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis: Vozes, 2013.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A PESSOA IDOSA NAS AULAS DE DANÇA DE SALÃO NA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE: LEITURA E IMAGENS FOTOGRÁFICAS

**Irlana Jane Menas da Silva**

Universidade Estadual de Feira de Santana

[gepehg.uefs@gmail.com](mailto:gepehg.uefs@gmail.com)

### Resumo

Este estudo faz parte de um projeto da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, localizada no interior da Bahia, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, denominado Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI). Esta comunicação apresenta resultados obtidos por meio de oficinas de dança de salão durante um semestre de atividades. O objetivo é descrever as múltiplas leituras e aspectos interpretativos das vivências do cotidiano dos sujeitos envolvidos no estudo. Para isso, o primeiro momento se constituiu em conversas sobre as fotografias de álbuns de família que provocaram suas lembranças. No segundo momento, as conversas giraram em torno de fotografias tiradas durante as aulas até o espetáculo intitulado “As fotografias revelam...”. Esse material se configurou como um suporte de leitura a ser analisado à luz dos estudos de Manguel (2001), Freire (2003), Aranha (1996), Sontag (2004). Os resultados apontam que as leituras de imagens constituem ecos educativos, pois estes provocam nos idosos um processo de rememoração e reflexão, desafiando-os para o contato simbiótico entre o material fotográfico e a dança de salão, em um campo fundante da autonomia leitora e recriação dos saberes sobre si mesmo e sobre o mundo circundante, através de ações dinamizadoras de leitura, que podem construir outra forma de pensar a partir das imagens que as fotografias trazem à memória dos sujeitos da terceira idade.

**Palavras-chave:** Leituras. Imagens fotográficas. Terceira idade.

### Introdução

Este estudo se configura como uma tentativa de ressignificação das imagens fotográficas de pessoas idosas, que frequentaram a oficina de dança de salão, no ano de 2005, no Programa Universidade Aberta à Terceira Idade – da Universidade Estadual de Feira de Santana-BA

Durante as aulas, foram realizadas algumas atividades referentes às leituras das imagens, que emergiam significativamente da memória dos idosos. As fotografias trazidas para as aulas faziam remissão a dúvidas, inquietações, lembranças, desejos, saudades relativas às pessoas. Esse cenário firmou-se como testemunhas de momentos de vida dos idosos, as quais, nas aulas de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



dança de salão, contribuindo assim, para o processo de reflexão sobre o sentido e a experiência de vida de cada aluna (o).

A origem deste trabalho está ligada a reminiscências da minha infância por não ter fotos que a registre, o que me causou sentimentos de lacunas nas minhas recordações. Na minha família não era comum registrar os momentos significativos ou não através de fotos.

Durante a adolescência só me vem à memória a fotografia única da minha formatura no Magistério. Na minha fase adulta, para preencher esse vazio emocional busco construir uma cultura fotográfica ainda que, timidamente.

Como profissional da educação e da dança aos poucos começo a perceber que a imagem recupera a história dos momentos já vividos, traz à tona recordações, aviva a memória, testemunha fases da vida que vou bordando em pontos coloridos ou descoloridos.

No momento, em que tive a oportunidade de trabalhar como professora de dança de salão, na Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI mobilizei-me para realização de um estudo envolvendo os alunos, o qual poderia dar suporte a uma pesquisa, com o objetivo de provocar mudança de postura, de anseios, de valores, de percepções. Nesse sentido a fotografia revela, denuncia, denota, constrói, combate, difama, instiga, provoca, avalia, destrói, inclui, exclui, favorece, valoriza as ações do cotidiano.

Assim, as fotografias se constituem em estratégias de trabalho problematizador, com o intuito de descrever aspectos vivenciais e relacionais, que podem ser percebidos nos alunos idosos, a fim de analisar sobre como estes se percebem e o que as fotografias lhes revelam.

À medida que tomo como referência as fotografias, consigo perceber como elas vinculam sentimentos guardados, mantidos enclausurados durante anos, ora sofridos, tristes, de raiva, de dor, ora alegres, festivos, de amor. Esta forma de leitura só foi possível, porque cada foto conta uma história do sujeito, que é seu autor ou modelo. A fotografia aponta na direção do que já aconteceu e se torna mensageira das relações existentes entre a imagem e o que esta





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



significa ou diz, assim como na dança, conforme postula Barreto (“2004, p.103) “[..] é possível pensar que o ato de dançar estimula relacionamentos estéticos com outras pessoas e com o mundo”.

## Um passeio pela leitura de imagens

De acordo com a história sobre as primeiras imagens rupestres apresentadas nas cavernas podemos deduzir que a humanidade sempre se preocupou com a tradução em desenhos daquilo que era vivida. Produzir imagens foi uma das formas encontradas para destacar um aspecto da realidade que chama à atenção.

Ao observar uma foto, temos um olhar mais detalhado e buscamos resgatar os detalhes que esta nos traz. Assim, quem fotografa escolhe, delinea, decide e analisa aquilo que deseja focalizar na foto, diferentemente de quem posa, pois esta se preocupa em demonstrar beleza, suavidade, alegria e prazer. Nas fotos que são tiradas inesperadamente, o modelo aparece sem uma estética estruturada, escolhida, definida a priori.

Nesse processo de construção de uma estética fotográfica, Barthes *apud* Samain, (2005, p.127) pensa o olhar sobre esse momento da realidade como “em sua descontinuidade, na sua fragmentação, no seu recorte, na sua extraordinária singularidade”. Nesse sentido, é possível afirmar que, na hora da foto, o recorte espacial está ali posto, além do congelamento daquele exato instante em que a luz reflete o ocorrido.

Assim, se constitui a fragmentação da realidade numa imagem presente, que se transforma em passado para, posteriormente, ser vista no futuro cada vez mais próximo e se tornar parte fundamental dos momentos vindouros. Dessa maneira, se pode pensar que “fotografar é apropriar-se da coisa fotografada”. (SONTAG, 2004, p.14), pois tornamos acessível a todo o momento o objeto fotografado e acumulamos informações a respeito dele, guardando-o, tomando-o como posse própria.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Com o passar do tempo, a tecnologia da câmera, no século XX, traz a fotografia como um modelo de democratização, desde que fotografar pode ser considerado como um entretenimento “um rito social, uma proteção contra a ansiedade e um instrumento de poder.” (SONTAG, op cit, p.18).

No final do século XIX, verificamos que as câmeras fotográficas tornavam-se frequentes na vida familiar, consagrando os momentos de união das famílias, os aniversários, os casamentos, os encontros, os nascimentos, as mortes, os batizados, as formaturas eram momentos formais em que as poses são esperadas e mantidas como elemento de elegância e de demonstração dos valores atribuídos àquela família. Por outro lado, momentos informais eram também fotografados, como as férias, brincadeiras, viagens. Enfim, a construção da história do álbum de família, que passa a se tornar fonte da memória dos acontecimentos mais relevantes daqueles que produzem a imagem no instante fotografado, e por aqueles que terão a oportunidade de ver estas fotos posteriormente, são “os momentos alegres de solidariedade, encobrendo os conflitos e as transgressões” (LEITE, 2005, p. 37).

Percebe-se comumente que “Fixar as fotografias, avaliá-las e distribuí-las é papel feminino.” (LEITE, op. Cit, p. 38) porque parece que a mulher é sempre vista como guardiã dos valores morais, éticos, culturais, afetivos e estéticos. A mulher é quem tem se preocupado em guardar na memória fotográfica a história da família, seu passado, seu relacionamento, seus antepassados, seus amores e dissabores, seus entes queridos.

Dessa maneira, o álbum como fonte de pesquisa e memória da família traz consigo lembranças daquilo que passou, pois a foto permanece no tempo, bem como quem participa da foto. A qualquer momento, podemos rever os fatos ocorridos em nossas vidas. Através das fotografias, contamos as histórias ali contidas desde o momento em que esta foi tirada até o momento em que foi recebida por alguém que a tirou ou mandou tirar. Assim, alteramos os dados ali instalados, omitimos o que nos fez sofrer, ampliamos aqueles que nos deram prazer e nos emocionaram com suas lembranças, num “complexo e fascinante processo de criação / construção da realidade.” (KOSSOY, 2005, p. 44).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Alimentamos, então, nosso modo de ver aqueles momentos revelados, refazemos novas emoções mantidas em sigilo, emitimos opiniões e valores diante das situações reveladas atribuindo novos significados à realidade da fotografia, na qual, podemos enumerar várias interpretações e representações do que pode ter sido fielmente acontecido ou não.

Nessa perspectiva, ausente ou presente a foto evoca a imagem de alguém ou de fatos. Nesse contexto, a fotografia resgata a memória, como nos diz Andrade (2002), mas algum vestígio de magia perdura, por exemplo, em nossa relutância a rasgar ou jogar fora a foto de uma pessoa amada, sobretudo, quando morta ou distante, visto que fazer isso pode ser considerado um gesto cruel de rejeição. Suscita, assim, remoer emoções esquecidas ou reprimidas. Estas podem apresentar uma leitura do mundo que vai ser dada de acordo com o que cada pessoa observa. Nessa relação, cada um vai se inserindo e escrevendo dados reais ou fictícios, a partir deste olhar que também revela, fundamenta e transforma aquilo que nos identifica, nos modifica e nos leva à construção do conhecimento.

## **A pessoa idosa: um olhar sobre as fotografias**

O envelhecimento da população, atualmente, tem sido considerado um grande avanço, mas também um desafio. Este causa grandes impactos nas demandas sociais e econômicas. Nesse sentido, as políticas e programas de apoio a terceira idade se torna fator de grande importância. O Programa da UATI está organizado a partir de três eixos: saúde e movimento, atividades socioeducativas e atualização e aquisição de conhecimentos.

As atitudes desfavoráveis da sociedade em relação à pessoa idosa são internalizadas e se traduzem muitas vezes em diversos tipos de estereótipos que cercam esta fase da vida. Porém, sabemos que as mudanças do processo de envelhecimento não ocorrem no mesmo ritmo ou não afetam todas as pessoas com a mesma intensidade. Nesse sentido, não podemos acreditar, inicialmente, que o idoso seja sempre uma pessoa improdutivo, de difícil



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



convivência. Quando a pessoa assume uma atitude saudável de aceitação do seu processo evolutivo como algo natural, ela se adaptará melhor a esta etapa da vida. Lehr (1999) indica que é preciso haver uma mudança de valores, sobretudo no que tange à imagem negativa que a sociedade propaga dos idosos, de fragilidade e dependência.

Para Hayflick apud Hamer

O envelhecimento não é mera passagem do tempo. É a manifestação de eventos biológicos que ocorrem ao longo de um período. Não existe uma definição perfeita para o envelhecimento, mas, como ocorre com o amor e a beleza, as pessoas o reconhecem quando o sentem ou veem. (HAYFLICK apud HAMER, 1996, p. 55)

A sociedade, ao dialogar com os idosos, oportuniza encontros com leitores que se lembram de experiências já vividas, através de suas histórias e daquelas que não são mais vistas ou lidas atualmente. Estes momentos concretizam ações dinamizadoras de leituras que podem construir uma nova forma de pensar, a partir das imagens que as fotografias trazem à memória dos idosos.

Na experiência vivida com os idosos nas aulas de dança de salão, eles foram capazes de fazer a leitura das fotografias pessoais, que possibilitaram um olhar revelador de emoções e sentimentos. Por outro lado, imbuído de mistérios que não desejavam revelar, a contemplação das fotos trazidas para as aulas remetiam à leitura da expressão pessoas do pensamento: “O olhar é ao mesmo tempo cognitivo, e ao mesmo tempo passional”. (BOSI, 2002, p. 10).

Da mesma maneira que o olhar pode formar, informar, perceber, incluir, interpretar, assimilar uma reflexão sobre a imagem, pode modificar as relações existentes entre o leitor e o objeto fotográfico. Este olhar interpretativo pode provocar mudanças na sua forma de ver o mundo, de criar outros significados para aqueles momentos captados pela imagem. Essas influências, decorrentes do momento presente sobre o passado, levam os leitores idosos a mergulhar no mundo de reflexões sobre sua vida.

Como instância mediadora entre o idoso e a imagem, a dança possibilitou a reconstrução de sentimentos adormecidos que, invadindo o



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



campo da palavra, da semiótica, da metáfora, das imagens, despertaram o limiar de uma leitura contemplativa que diz o não dito. Desse modo, cada leitor, sua vivência singular, vai ressignificando seu viver, assumindo o resgate de sua identidade e de sua autoestima. Conectado com estas ideias, Duarte (2004:102) assinala que a dança como uma manifestação humana no mundo, é uma maneira de vivenciar a corporeidade, integrando o sensível e o racional, pensamento e a ação, no corpo que é o ser que dança expressa e comunica.

O corpo se movimenta numa inter-relação entre suavidade e tensão no instante próprio da dança. Evidencia-se em elos integrativos que atinge o corpo do idoso, a dança e fotografia.

## **As fotografias revelam....**

A fotografia esteve presente nos encontros com os idosos desde as primeiras aulas, mas para este registro, o grupo foi consultado, até porque era necessário tornar público o estudo e o destino das fotografias. Tal permissão foi fundamental, uma vez que uma produção expressiva é parte de seu criador. Fotografá-la sem a devida autorização torna-se um ato de violação ao direito de quem não quer ser fotografado. Além disso, as fotografias possuem um caráter expressivo e revelam dados que, por vezes, as pessoas querem camuflar.

A autoimagem ajuda na expressão significativa das vivências cotidianas dos idosos. Estes passam a revelar suas atitudes, seus modos de viver, as ideias preconcebidas, as normas e valores que direcionam seu caminho, a trajetória de seus desejos, os sonhos esquecidos, as alegrias vividas, o desbotamento desiludido de algumas experiências ocorridas. Assim, neste processo, as pessoas interagem, entretanto, revelam ao grupo, apenas o que deseja.

Por isso, a ideia deste estudo é fazer uma leitura descritiva do repertório de fotografias vinculadas ao processo de expressividade dos alunos idosos, que construíram seu percurso dançante em um constante movimento do



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



refazer de suas posturas e de seu modo de se ver e de se olhar, perante os colegas, a si próprio e os professores.

Na representação imagética, através da fotografia, podemos registrar alguns fatos existenciais que denotam e refletem formas de fazer e de agir. Apesar de a emoção ficar congelada na fotografia, esta revela a partir de quem a analisa, sentimentos aflorados de satisfação ou estranhamento.

Os caminhos que levam à transformação do saber vivenciados nas oficinas de Dança de Salão disponibilizaram a experimentação por meio de um repertório concreto do idoso/da idosa no âmbito da construção de leitores de imagens visuais, retiradas de seu baú de lembranças.

## **Interfaces: leitura, dança e fotografias**

As fotografias são cercadas de certa magia de natureza simbólica, visto que nelas está implícito um espaço interpretativo que o leitor desvela através de seu olhar. As leituras realizadas buscam elementos que vão dar sentido à imagem ali composta. Nesse movimento de ir e vir, o sentido dado às fotografias configura-se em novas formas de ler, de interpretar, de reconhecer. Nestes aspectos as vivências pessoais e grupais propiciam informações referentes àquele determinado grupo, como cada um se situa no coletivo e como estabelece suas relações interativas. Segundo Solé

[...] Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio, daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que existe objetivamente. Esse processo remete à possibilidade de relacionar de uma forma não-arbitrária e substantiva o que já se sabe e o que se pretende aprender (SOLÉ, 1998, p. 44-45).

De qualquer forma, as fotografias revistas são motivos de cada idosa (o) contar suas histórias. As fotos remetem ao resgate da auto-imagem e auto-estima, pois servem como possibilidade de reconhecimento social e familiar.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Neste diálogo, são considerados o respeito, a cultura, a consciência crítica de cada um é respeitado.

O essencial muitas vezes escapa e acaba-se por conhecer muito da superfície das coisas e pouco da profundidade, do que realmente significa construir e desconstruir saberes que podem modificar a realidade, mexer com as emoções. Cada passo da dança desafia o idoso a expressar seus sentimentos que residem no recôndito de seu ser.

Nesse campo de saberes entre leitura, dança e fotografia, as relações servem para mobilizar valores, ideias e conhecimento sobre si mesmo e o mundo circundante, no sentido de elevar sua autoconfiança e conseqüentemente, a qualidade de vida biopsicossocial.

O espaço das aulas de danças de salão, pelas fotografias apresentadas, organiza-se de maneira a atender aos seguintes aspectos: desmistificar a ideia de que a pessoa idosa não aprende, de que a mudança de valores sobre a autoimagem e auto aceitação é possível e de as aulas provocam bem-estar aos idosos.

Dessa maneira as explorações conceituais e reflexivas sobre este estudo evidenciam que esse processo se fez estruturado e dinâmico porque os aprendizes se educaram através do espaço da leitura, da construção de vínculos afetivos com os colegas por confiar em revelar dados de suas vidas pessoais. Nessa troca, foi possível compartilhar pensamentos, ideias, experiências, vivências e, assim aprender e ensinar a partir da cultura visual da fotografia vinculada à interpretação pessoal como eixo norteador da descrição.

## Considerações

Diante do exposto, no diálogo entre leitura, dança e fotografia cada pessoa pode se educar, se humanizar, dialogar com outras pessoas, através das diversas formas de leituras realizadas no contato com as fotografias. Isto ocorreu as oficinas de dança de salão que a cada encontro submeteu



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



atividades aos idosos que remetiam às suas lembranças e a importância que dava à fotografias, o que dependeu das intenções deste estudo.

No campo fundante da autonomia, leitora, os idosos se afirmam na dança como arte propulsora para a recriação de saberes e de revitalização das emoções advindas da ação de dançar e de conectar-se com o prazer e o sentir.

Os desafios apresentados neste trabalho inauguraram um convite à potencialidade intelectual, mental, afetiva, física e social dos idosos, que substituíram as limitações físicas pelas potencialidades artísticas.

O que inundou o palco de prazer, sentimentos, alegria e da capacidade de poder ser útil, desmistificar a ideia de que o idoso não aprende. Assim, o espetáculo advindo deste trabalho resultou em um evento apresentado no teatro do CUCA em Feira de Santana, em que a plateia lotou suas dependências com familiares, amigos e convidados que aplaudiram de pé a concretização deste trabalho. Assim, pudemos constatar que a pessoa idosa é capaz de admirar-se com o que pode fazer e tornar-se admirável pela estética apresentada nos passos e movimentos que a dança de salão possibilita. Estética e harmonia dançaram juntos com os idosos.

## Referências

ARANHA, Maria Lúcia, MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BARBOSA, Severino Antônio M. **Redação: Escrever é Desvendar o Mundo**. 15.ed. Campinas: Papyrus, 2002.

BARRETO, Débora. **Dança, ensino, sentidos e possibilidades na escola**. São Paulo : Autores Associados, 2004

DOLL, Johannes. **Educação e envelhecimento** – fundamentos e perspectivas. In: Revista A Terceira Idade. V 19 n. 43. p.9. São Paulo : SESC, 2008.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler** – em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2003.



## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



HAMER, Denyse Mary. **Uma experiência de educação com idosos**. In: *Memorialidades: revista da UESC*. Ano 1, n. 1. Ilhéus : Editus, 2004 p. 55-60

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre : ArtMed, 2000.

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 3ª edição, 2002. 149p

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PROUST, M. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes, 1991.

SONTAG, Susan. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 223p.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling. 6 ed. Porto Alegre : ArtMed, 1998.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS: COMPARTILHANDO VIVÊNCIAS DAS AÇÕES EXTENSIONISTAS DO PROGRAMA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE– CAMPUS XI

**Jadson Santiago dos Santos**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[jadson-d.j@hotmail.com](mailto:jadson-d.j@hotmail.com)

**Mikaele dos Santos Silva Araújo**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[mikaelesantos94005@gmail.com](mailto:mikaelesantos94005@gmail.com)

### Resumo:

Este trabalho versa sobre um relato de experiências obtidas por meio da monitoria de extensão universitária, desenvolvida no Programa: Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), promovido pela Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação *Campus XI* (UNEB-DEDC), dentre os anos 2015 à 2018. A UATI possui enquanto público alvo, pessoas cuja idade é igual ou superior a 60 anos, estando de acordo com o Estatuto do Idoso lei nº 10.741/03 e a Política Nacional do Idoso lei nº 8.842/94, deste modo, os sujeitos que se enquadram nesta condição, são consideradas idosos/as. As ações realizadas no referido programa, possuem enquanto objetivo central o empoderamento da terceira idade bem como a melhoria da qualidade de vida destes sujeitos. Com isso, o objetivo desta produção—é a socialização do conhecimento adquirido durante as ações extensionistas desenvolvidas por meio de monitoria nas oficinas e atividades realizadas. Pretendemos assim, desvelar olhares sobre a experiência intergeracional, numa perspectiva colaborativa do ensinar e aprender bem como a ressignificação da imagem forjada historicamente acerca do/a idoso/a. Os principais resultados observados durante o período da monitoria a partir das oficinas: Expressão Corporal, ficando perceptível uma elevação da autoestima e melhoria da coordenação motora, em Artes e Artesanato Regional observou-se uma melhoria e desenvolvimento das habilidades motoras, na oficina de informática visou à integração dos idosos ao contexto digital, por fim, em Direito do Idoso, proporcionou uma apropriação legal e teórica acerca de direitos previstos em leis, possibilitando serem sujeitos mais autônomos, despertando suas habilidades e competências.

**Palavras-chave:** Monitoria de extensão, Relato de experiência. Programa UATI.

### O idoso no Brasil: um “Novo perfil populacional”

O envelhecimento populacional tem ganhado uma maior visibilidade nos últimos anos, e junto com o crescimento numérico da população idosa, surge uma maior demanda no âmbito da melhoria da qualidade vida e participação



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



social destes sujeitos, que por diversas vezes são vítimas de uma visão estereotipada, vistos como seres improdutivos ou incapazes de aprender.

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, foi possível perceber um aumento do quantitativo da população idosa no Brasil (Tabela 1) e conseqüentemente um aumento na expectativa de vida da população brasileira (Tabela 2). Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) o Brasil dentre o período destacado, apresentou um notório processo de envelhecimento de sua população, que em 1900 possuía uma expectativa de vida em torno dos 34 anos, se formos comparar com as leis vigentes<sup>15</sup> em nosso país, a expectativa de vida estava bem abaixo da idade mínima para ser considerado idoso (60 anos), atualmente a expectativa de vida do brasileiro está em um pouco mais de 75 anos.

**Tabela 1:** Percentual da população idosa no Brasil (2000 a 2020)

	2000		2010		2020	
	Masculina	Feminina	Masculina	Feminina	Masculina	Feminina
Proporção de população idosa (60 e mais)	7,8%	9,3%	8,4%	10,5%	11,1%	14,0%
<i>Proporção da população</i>						
<i>Grupos de idades</i>						
60-64	46,8%	53,2%	46,4%	53,6%	45,6%	54,4%
65-69	45,8%	54,2%	45,2%	54,8%	44,5%	55,5%
70-74	44,8%	55,2%	43,2%	56,8%	42,8%	57,2%
75-79	43,9%	56,1%	40,2%	59,8%	39,9%	60,1%
80 ou mais	39,9%	60,1%	34,7%	65,3%	33,8%	66,2%
<b>População idosa</b>	<b>6.533.784</b>	<b>8.002.245</b>	<b>7.952.773</b>	<b>10.271.470</b>	<b>11.328.144</b>	<b>15.005.250</b>

**Fonte:** Secretaria de direitos humanos

Além disso, gostaríamos de chamar à atenção que os maiores índices de expectativa de vida, estão ligados a população feminina, uma vez que este é o público predominantemente da UATI.

<sup>15</sup> Estatuto do Idoso lei nº 10.741/03 e a Política Nacional do Idoso lei nº 8.842/94



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



**Tabela 2:** Quantitativo médio de Idade por período de Tempo

Quantitativo médio de envelhecimento apresentado por Keclache et. all (1987)				
InT*	Início do século XX	Década de 50	Década de 80	Anos 2000
M/Idade**	33,7 anos	43,2	63,5	68,5

\* Intervalo de tempo

\*\* Média de Idade

Fonte:Keclache et. Al (1987); Elaboração, DAMASCENO, Geilson (2017);

A medida que estes dados refletem um “novo perfil populacional”, podemos identificar um avanço significativo quanto a qualidade de vida da população, estando expresso no aumento da expectativa de vida. Principalmente se comparados com outros momentos da história.

Com o envelhecimento da população, emergiu em nossa sociedade novos desafios culturais, políticos, econômicos, infraestruturais, tornando-se necessário uma adequação a este “novo perfil populacional”. Um dos reflexos desta mudança é—necessidade da criação de espaços significativos de participação social do idoso, podendo aumentar a visibilidade de tal segmento, empoderando-os e lutando por direitos de cidadania, contra a exclusão social e preconceito (BORGES 2003).

## Contextualizando vivências

Diante do exposto, torna-se justificável a existência do projeto de Extensão Universitária: Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), integrando um dos três pilares da universidade que consistem em pesquisa, ensino e na extensão. Ancorado nos primórdios da pedagogia social e gerontologia o programa busca por meio da extensão, convidar a universidade a partilhar uma mais explícita inserção no fazer sociopedagógico (GUERRA 2012).

As ações/atividades promovidas/organizadas a partir deste projeto de extensão possibilita a existência de um espaço importante para o exercício da cidadania, e também de socialização de conhecimento entre os idosos. Assim,





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



como Gohn (2006) e Gadotti 2005, compreendemos que o processo educacional perpassa pelos variados espaço (escolares e não escolares), no caso da UATI ocorre possibilitando aos idosos, despertar de uma consciência política. Havendo um estímulo a compreensão da realidade, da reivindicação de direitos negligenciados, proporcionando uma melhoria na qualidade de vida, sendo possível através da reflexão sobre as diversas concepções de velhice no cenário da contemporaneidade (GUERRA, 2012). Pois, é necessário que o idoso se reconheça enquanto indivíduo que possui um papel na sociedade, exercendo assim sua autonômica<sup>16</sup>.

Devido às características que a UATI apresenta , é possível perceber uma articulação entre o ensino e a pesquisa, possibilitando um diálogo com as contribuições de Silva, Ribeiro e Silva Junior (2013), pois, a dinâmica que este projeto possui, possibilita a realização de pesquisas relacionadas ao idoso, a extensão universitária e a educação não formal, sendo um espaço onde estudantes e pesquisadores podem realizar ações educativas, conciliar e/ou exercitar questões teóricas e práticas, sendo assim, uma experiência importante, principalmente para os que irão atuar na docência, pois, é no processo de educar e na troca de experiências/conhecimento que também aprendemos, amadurecemos e a partir de um processo de reflexão de nossa prática, podemos no (re)qualificarmos. Por fim, para participação e inserção dos estudantes da graduação em projetos de extensão universitária, na condição de bolsista ou voluntário.

Na UATI as atividades diárias, são realizadas em formato de oficinas, possibilitando o uso de dinâmicas, jogos, apresentações, músicas. Estando presente na maioria dos encontros a ludicidade, uma vez que auxiliam na explicação e enriquecem do aprendizado e bem-estar dos idosos/as. Assim as atividades realizadas no programa, além de propiciar um maior interesse pelas temáticas discutidas, ocasionam para este grupo, conhecimentos importantes para seu empoderamento e auxílio na melhoria da qualidade de vida, uma vez

---

<sup>16</sup>Gostaríamos de destacar que compreendemos que podem existitr diferentes consições locomotoras e psíquicas de idosos, onde, pode-se encontrar em total dependência de terceiros



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



que estão envolvidos ouso das habilidades locomotoras e cognitivas, respeitando as limitações de cada um.

## **Um pouco sobre a UATI: suas ações e atividades**

Atualmente o programa UATI oferece, três oficinas com uma carga horária individual de 04 horas, ocorrendo nos respectivos dias. Segunda-feira: Direito do idoso, nela são aprimoradas as questões teóricas e legais sobre o sujeito idoso, proporcionando uma base para o desenvolvimento da autonomia e reivindicação dos seus direitos. Na Terça-feira, ocorre a oficina de Teatro, cujo são trabalhadas a expressão oral e corporal, da memória (criatividade) e movimentos locomotores. Já na Quarta-feira, acontecem duas oficinas, a de Canto Coral, onde são trabalhadas exercícios de respiração e afinação, trabalho com o cuidado com a voz, os benefícios e efeitos da música nos sujeitos. Ainda neste mesmo dia são realizadas atividades que exploram todos os aspectos supracitados a partir de jogos, brincadeiras, da construção de objetos, por meio do curso de Ludicidade na Terceira idade, por fim, na Sexta-feira, acontece novamente o Canto Coral.

Uma preocupação da Coordenação deste projeto é a avaliação das oficinas, julgando a sua alteração e/ou permanência. Um bom exemplo é a realização de um curso de informática básica, a partir de uma parceria com o Centro Territorial de Educação Profissional do Sisal (CETEPS), outra oficina importante foi a de desenvolvimento da leitura e escrita, o grande diferencial desta, foi o fato de ser organizada pelos próprios estudantes, contando com a ajuda de uma aluna do programa (professora aposentada), ambas foram realizadas no ano de 2015. Em 2015 e 2016, a oficina de Artes e Artesanato Regional, causou uma grande mobilização por parte das alunas do programa, pois, muitas possuíam habilidades com o artesanato, podendo assim, aprimorar suas técnicas, bem como expor suas produções, mostrando a relevância para o aumento da autoestima dos envolvidos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



De modo paralelo, as atividades mencionadas acima, também são realizados encontros e palestras, abordando temáticas da contemporaneidade, e atividades culturais artísticas e de lazer. Dentre estas atividades está o seminário da UATI realizado anualmente e que já se encontra em sua terceira edição. Nele são discutidos temas relevantes não somente para os idosos, mas também, para a população local, pois, acreditamos que há uma necessidade de uma desconstrução de imagem forjada historicamente, acerca do idoso, que, em sua maioria está atrelada a invalidez, a dependência (financeira, psicológica, física). No entanto, quando nos deparamos com os alunos da UATI, percebe-se uma contradição entre senso-comum e realidade, pois, em sua maioria são idosos/as ativos/as que viajam, vão para festas (organizam as próprias festas), dançam, bebem, pulam, correm, discutem, etc. Com isso, identifica-se a necessidade da promoção de formas de organização social em que os idosos possam estar e sentir-se inclusos na sociedade, podendo usufruir de serviços oferecidos nos diferentes espaços de uso públicos e privados. Além disso, este seminário conta com um intercâmbio entre os alunos da UATI do Campus XI (Serrinha/BA) e o Campus XIV (Conceição do Coité/BA).

Outra atividade anual promovida é o “Mis e Mister UATI”, que possui como objetivo a valorização da beleza do bem-estar na maturidade, ocorrendo em duas fases, na etapa local, é feita uma seleção interna dos representantes de cada campus. Já na segunda fase, é escolhido um casal vencedor, levando o Título de Mis e Mister UATI. Além de uma experiência única aos envolvidos, é importante destacar os aspectos valorativos da aparência dos idosos.

Observamos enquanto monitores do programa, o quanto estas pessoas desenvolvem e aprimoram suas habilidades motoras artísticas, as quais na vida cotidiana são deixadas de lado por familiares, e pela sociedade que ainda possui visões estereotipadas da figura do idoso/a. Os alunos do programa encontram um espaço onde podem atualizar e transmitir seus conhecimentos as novas gerações e vice-versa, mostrando a importância de incentivarmos e dar a oportunidade para que os idosos busquem novos conhecimentos, estas



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



relações intergeracionais também possuem um papel essencial para manutenção e promoção da saúde física e mental do idoso Ramos (2002).

## **Reflexões teóricas resultados e discussões**

A monitoria no programa UATI, nos possibilitou experienciar situações únicas e que foram de grande importância para um amadurecimento pessoal e profissional, alicerçada nos princípios do respeito e cuidado com o sujeito idoso, sendo possível uma reconstrução e ressignificação da compreensão que possuíamos sobre o Segundo Dias (1998) é uma concepção tradicionalista sobre velhice, possuindo a seguinte compreensão

O ser velho representa um conjunto de atribuições e transformações negativas que estão ligadas ao conceito tradicional de velhice. No imaginário social o velho está diretamente associado à estagnação e perdas que levam à ruptura e ao isolamento; inflexibilidade decorrente de apego a valores ultrapassados e cristalizados que também levam ao isolamento social. (DIAS, 1998, p.67)

Destacamos que reconhecemos que possam existir idosos que apresentem uma limitação física ou cognitiva, devido a sua idade avançada, a fatores físicos, sociais, de saúde, podendo possuir um perfil mais sedentário, porém, o que queremos chamar a atenção é que as características supracitadas não podem ser atribuídas de maneira preconceituosa e genérica aos idosos.

No processo de troca de experiências com os idosos/as foi possível perceber e desvendarmos novos olhares, sobre a terceira idade, desmitificando estereótipos, os alunos/as do programa nos mostram que nunca é tarde para aprender. Conforme Oliveira

Os idosos também possuem potenciais a ser desenvolvido, e a impotência dessa clientela com relação à aprendizagem não é senão um preconceito criado e sustendo socialmente o idoso é capaz de aprender como também de se adaptar às novas condições e exigências de vida. Apenas deve ser respeitado o seu ritmo individual que, muitas vezes, pode evidenciar-se mais



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



lento do que na juventude. Ritmo diferenciado não se configura como incapacidade. (OLIVEIRA, 2001, p.26)

Através do contato com os/as idosos/as da UATI, surgiram diversas reflexões acerca do tratamento que eles devem, ou ao menos deveriam receber desta forma compreendemos que a população idosa necessita de um tratamento mais delicado e cuidadoso, onde pudesse contar com um sistema de saúde que de fato atenda suas necessidades, com programas que melhorem sua autoestima, com oportunidade de acesso à educação básica e superior, uma segurança de qualidade, melhorias nas condições infra estruturais das cidades e principalmente uma mudança cultural, onde o idoso seja respeitado e possua visibilidade, sendo assim, estes são alguns fatores que acreditamos que pode possibilitar uma melhoria a qualidade de vida, não somente da população idosa, mas, para a população como um todo.

Reconhecendo que a população idosa carece de condições específicas para exercerem sua “liberdade” e cidadania, (realizar atividades físicas, se locomover, expressar-se culturalmente, relacionar-se) identificamos que a cidade de Serrinha-Ba, apresenta uma precariedade de serviços (Unidades especialista em atendimento ao idoso, programas etc.), além da questão das condições infraestruturais das vias públicas, que em sua maioria apresentam desnivelamento das calçadas, buracos, falta de rampas ou são mal projetadas, dificultando assim, o exercício da locomoção (DAMASCENO, SANTOS, 2017).

Percebe-se que o crescimento pessoal e elevação da autoestima foram e são importantes para os idosos/as do programa UATI, compreende-se que o envelhecimento é algo natural e inevitável para o ser humano, no entanto cabe ressaltar a relevância da ocorrência de um envelhecimento digno, principalmente quando os aspectos mencionados citados anteriormente são contemplados.

Além do trabalho realizado na UATI potencializar a autoestima dos alunos, ele também atua na prevenção de doenças, sejam pelos exercícios realizados durante as oficinas, ou, pelo encaminhamento as unidades de saúde básica.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Sendo assim, programas tais como a UATI tornam-se indispensáveis para a sociedade, na academia esse contato intergeracional entre os alunos/as da UNEB e alunos/as do programa é de grande relevância para formação dos acadêmicos e vice-versa. Com efeito, a UATI proporciona o experienciar de forma prazerosa, exercendo a sua autonômica, numa fase tão preciosa da vida que é a velhice. Quanto aos monitores e demais alunos que possuem contato com o projeto, passam a ter um “olhar” de respeito com o idoso.

## Considerações finais

O programa da UATI está presente em (vinte e um) departamentos sendo único programa de extensão universitária que funciona na UNEB, e, além disso, diante do contexto atual de envelhecimento da população brasileira, a existência de programas como este, torna-se justificáveis e necessários, pois, contribuem para uma melhoria na qualidade de vida da população idosa, além de proporcionar-lhes visibilidade na sociedade. Com isso, no cenário nacional a UATI é o maior programa de extensão universitária da Bahia e do Norte e Nordeste.

Concordamos que a monitoria este programa foi uma experiência fantástica e prazerosa, a convivência com pessoas alegres e com um espírito jovem apesar de possuírem uma longa trajetória de vida, nos possibilitou uma desconstrução de uma imagem sobre a pessoa idosa. Além disso, a existência de momentos para troca de experiências intergeracionais, sendo de extrema relevância para nosso crescimento pessoal e profissional.

Mediante vivências durante o período de monitoria, acreditamos que os objetivos da UATI, em proporcionar uma melhoria na qualidade de vida, uma maior autonomia e autoestima aos idosos/as, estejam sendo alcançados, podendo ser percebidos pela grande procura do programa, bem como as rematrículas de muitos alunos. Além disso, ficou perceptível uma alteração no perfil de alguns alunos, pois, alguns eram mais tímido/retraídos, e hoje, apresentam uma postura mais aberta ao diálogo, em alguns casos





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



demonstrando um impressionante domínio sobre si, expondo, alguns dos encantos do empoderamento da terceira idade, rompendo com preconceitos, tornando-os alunos/as do programa mais ativos no convívio social.

## Referências:

BORGES, M. C. M., (2003). Políticas públicas e sociais no Brasil. IN: SIMSON, O. R. M. V., & Neri, A. L., & Cachioni, M. (Org) **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BRASIL (2003). **Lei nº 10.741**, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 3 out. 2003. Disponível em: <http://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:federal:lei:2003-10-01;10741>. Acesso: 18 julho 2017.

DAMASCENO, Geilson; SANTOS, Jadson Santiago dos. O idoso no espaço urbano da cidade de serrinha: reflexões e desafios. In. VIII Seminário do Nupe – “Universidade, Ciência e Culturas: Aproximações necessárias”. **Anais...Serrinha/BA, NUPE, 2017.**

DIAS, A.C.G. **Representações sobre velhice: o ser velho e o estar na terceira idade**, Porto Alegre: Edit. Síntese, 1998.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal /não-formal**, Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, 2005.

GHON, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Rio de Janeiro: **Revista Ensaio-Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 11-25, 2006.

GUERRA, Sérgio Armando Diniz. **Os caminhos da UATI**. Salvador: EDUNEB, 2012.

KALACHE, A. et al. **O envelhecimento da população mundial**. Um desafio novo. Rev. Saúde públ, S. Paulo, 21:200-10, 1987.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. **Docência para a terceira idade**. In. Olhar de professor, Ponta Grossa, 2001. Disponível: <http://www.revista2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1359/1003> acesso em 16 de maio de 2017.

RAMOS, L.R **Fatores determinantes do envelhecimento saudável em idosos residentes em centro urbano**: Projeto Epidoso, Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v.19, n.3, p.793-798, mai-jun. 2002.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



**SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS.** Dados sobre o envelhecimento no Brasil. Disponível em <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-da-pessoaidosa/publicacoes/dadossobreenvelhecimentonobrasil.pdf>. Acesso em setembro 2018.

SILVA, A. F. L.; RIBEIRO, C. D. M.; SILVA JÚNIOR, A. G. Pensando extensão universitária como campo de formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Interface**, Botucatu, v. 7, n. 45, p. 371 -384, 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832013000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000200010)>. Acesso em 12 de agosto de 2017.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## PAISAGEM E LUGAR COMO CATEGORIAS PARA UMA APROXIMAÇÃO HUMANISTA À GEOGRAFIA DA LITERATURA

**Janicleide Brandão de Jesus**

Universidade do Estado da Bahia

[jncl@hotmai.com](mailto:jncl@hotmai.com)

**Renato Leone Miranda Léda**

Universidade do Estado da Bahia

[renatolmleda@gmail.com](mailto:renatolmleda@gmail.com)

### Resumo:

O trabalho aqui apresentado constitui uma tentativa de formulação teórico-conceitual, direcionada à fundamentação de uma abordagem humanista a partir das categorias geográficas de paisagem e lugar, tendo em vista uma aproximação à Geografia da Literatura, campo de estudos ainda em amadurecimento no Brasil. O artigo é fruto de uma parte de pesquisa monográfica em fase final de elaboração, no âmbito da graduação em Geografia, a qual trata de obras específicas dos romancistas baianos Herberto Salles e Jorge Amado, mas que deriva de leituras e reflexões há muito cultivadas pelas curiosidades e inquietações que se movem entre os campos da geografia cultural, da geografia regional e da geografia histórica. Assim, este trabalho se coloca como esboço de uma proposta de aproximação entre Geografia e Literatura, vislumbrando possibilidades e potencialidades das categorias paisagem e lugar como ferramentas valiosas para o exercício de produção do conhecimento no entremeio das visões e linguagens da ciência e da arte.

**Palavras-chave:** Paisagem; Lugar; Literatura.

### Introdução

A Geografia, no campo das ciências humanas, pode ser entendida como uma entre múltiplas maneiras de ler o mundo vivido. Por outro lado, a Literatura pode ser considerada importante nas investigações geográficas, por ser um elemento que faz parte da consciência espacial e da memória histórica de uma sociedade, ao tempo em que também alimenta e enriquece constantemente tais consciência e memória. Partindo do pressuposto de que entre Geografia e Literatura há um vasto “território” de conhecimentos a serem explorados, o trabalho aqui apresentado constitui uma tentativa de formulação teórico-conceitual, direcionada à fundamentação de uma abordagem humanista a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



partir das categorias geográficas de paisagem e lugar, tendo em vista uma aproximação à Geografia da Literatura, campo de estudos ainda em amadurecimento no Brasil. O artigo é fruto de uma parte de pesquisa monográfica em fase final de elaboração, no âmbito da graduação em Geografia, a qual trata de obras específicas dos romancistas baianos Herberto Salles e Jorge Amado, mas que deriva de leituras e reflexões há muito cultivadas pelas curiosidades e inquietações que se movem entre os campos da geografia cultural, da geografia regional e da geografia histórica. Assim, este trabalho se coloca como esboço de uma proposta de aproximação entre Geografia e Literatura, vislumbrando possibilidades e potencialidades das categorias paisagem e lugar como ferramentas valiosas para o exercício de produção do conhecimento no entremeio das visões e linguagens da ciência e da arte.

## **Paisagem e lugar como categorias geográficas**

O termo paisagem possui diversas conotações dependendo da área científica e abordagens que lhes são atribuídas. Assim, dentre as definições possíveis, aqui pretende-se desenvolver uma ideia a partir da concepção de que a paisagem como categoria geográfica é um “instrumento” de aproximação/apropriação da realidade através do qual determinando espaço pode ser conhecido/interpretado, expressando não apenas características físicas/naturais, mas sobretudo desvelando uma relação estreita entre os indivíduos e o ambiente no qual estão inseridos. Os sujeitos encontram-se culturalmente situados, portanto, o modo como estes veem e leem a paisagem é sobretudo cultural, e dotado de uma singularidade.

Através das paisagens lemos as épocas em contextos históricos distintos. Na paisagem as expressões históricas do lugar são refletidas. Conforme Feitosa (2013, p. 33), “o termo “paisagem” é produto da elaboração cultural e é referido em diversas áreas do conhecimento como manifestação da condição humana que motiva a visão de mundo de indivíduos e de grupos.” O



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



modo de ver ou ler as paisagens confere uma multiplicidade de formas para compreender o espaço geográfico, porquanto entendemos que a paisagem está para além de um “texto” no qual está escrito a história da humanidade, ela é também uma expressão da existência humana na terra.

A paisagem abrange fatores que transcendem os aspectos estéticos (visíveis) que a configuram, ela possui uma dimensão histórica e cultural. Nesse sentido, para leitura da dinâmica do espaço geográfico, a paisagem fornece elementos imprescindíveis para as análises. Na Ciência Geográfica a paisagem possui diversas interpretações, na Geografia Humanista/Cultural, matriz de abordagem desta pesquisa, ela representa uma forma de ler o espaço social e historicamente construído, seja pelas relações humanas estabelecidas nos lugares ou na forma como a sociedade se organiza e vive nesses espaços. Segundo Claval (2012, p. 21), “a geografia humana assim concebida situa-se na interface entre natureza e fatos sociais, natureza e cultura [...]”. A paisagem como categoria de análise é fortemente marcada pelos processos históricos, que por sua vez possibilitam uma leitura dos fenômenos do mundo físico (meio ambiente natural), assim como aspectos sociais decorrentes das atividades humanas que através dela se pode investigar. Nessa perspectiva,

[...] A paisagem geográfica apresenta simultaneamente várias dimensões que cada matriz epistemológica privilegia. Ela tem uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criadas pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relação entre suas diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo, a paisagem apresenta uma dimensão histórica. (CORRÉA; ROSENDAHL, 1998, p. 8).

A paisagem assim interpretada se configura como representação das relações entre sociedade e espaço geográfico, “[...] se a paisagem diz alguma coisa ao ser humano que a considera, é fundamentalmente porque a paisagem é marcada pela historicidade” (BESSE, 2014, p. 95). Dessa maneira, há uma manifestação de características naturais e humanizadas impressas nas paisagens, que revelam fatos ou acontecimentos de determinados períodos. Essa concepção propõe novas reflexões para os geógrafos, no sentido que



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



indica um entrelaçamento de traços do passado com momentos atuais, num processo dinâmico, constante e carregado de significados. O que pode nos “contar” uma paisagem sobre certos contextos e lugares?

De acordo com Claval (2012, p. 246), “o termo paisagem aparentemente não tem mistério. Surgiu no século XV, nos Países Baixos, sob a forma de *landskip*. Aplica-se aos quadros que apresentam um pedaço da natureza [...]”. Inicialmente paisagem se apresentava como uma forma pictórica, partindo de uma ideia de contemplação da natureza “estática” contida na pintura de um quadro, por exemplo. Corroborando com essa análise destaca-se que, “a paisagem surge na pintura em consequência da ruptura com a visão teológica medieval, integrando-se numa série de acontecimentos que vão dar corpo ao projeto de modernidade” (SALGUEIRO, 2001, p.37). Assim, paisagem se configurava como sinônimo de um tipo de pintura, ou seja, um ramo da arte pictórica.

Maciel e Lima (2011, p. 160) apontam que para Venturi (2004), “no século XIX o conceito de paisagem com os naturalistas alemães, recebe um significado científico na ciência geográfica (*landschaft*) derivando-se em paisagem natural (*naturlandschaft*) e paisagem cultural (*kulturlandschaft*).” A paisagem geográfica assume um papel importante nesse contexto a partir da descrição da sua fisionomia, um modo de descrever a terra e apreender a natureza através dos aspectos físicos. “Os estudos da paisagem, inicialmente muitos focados na descrição das formas físicas da superfície terrestre, foram progressivamente incorporando os dados da transformação humana do ambiente no tempo” (SALGUEIRO, 2011, p. 41). Assim, paisagem na Geografia vai ganhando múltiplos significados. Conforme o autor Cosgrove (1998, p. 99) existem três implicações sobre o complexo conceito desta: “um foco nas formas visíveis de nosso mundo, sua composição e estrutura espacial; unidade, coerência e ordem ou concepção racional do meio ambiente; a ideia da intervenção humana e controle das forças que modelam e remodelam o mundo.” Com essa maneira de pensar a paisagem, o autor reforça os laços entre natureza e existência humana.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Através da paisagem tem-se uma nova forma de ver o mundo, como um conjunto de mecanismos complexos cujas características podem ser lidas nas suas fisionomias e interfaces. “Os geógrafos exploram também a maneira como se concebe o ambiente. O que é a natureza para as pessoas? [...] Quais são as relações com o meio ambiente? O que é uma paisagem?” (CLAVAL, 2012, p. 53).

A abordagem cultural é um subcampo da geografia que a partir da Europa difundiu-se. A paisagem cultural despertava o interesse pela cultura por ser entendida como resultado da ação transformadora dos grupos humanos sobre a paisagem natural. A produção da cultura resultava da ação humana sobre a natureza. Assim, a complexidade das relações entre os grupos sociais e o ambiente físico fomentou estudos de diversos geógrafos inclinados a compreender a diversidade espacial através do gênero de vida<sup>17</sup> (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, apud CLAVAL, 1999).

Embora tenha se difundido na Europa, a vertente da Geografia Cultural tradicional ganha expressividade mediante aos estudos de Carl Sauer. Nesse contexto, as pesquisas focalizavam sobretudo aspectos históricos de determinadas sociedades antigas, revelando fortes influências antropológicas. “[...] a Escola de Berkeley tinha estudos voltados principalmente para: paisagem cultural, cultura, história da cultura e ecologia cultural” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003, p. 22).

Por privilegiar somente os aspectos citados acima, a Escola de Berkeley recebeu diversas críticas, sobretudo por não dar ênfase em trabalhos que abordassem questões a respeito das mudanças decorrente da urbanização-industrialização em voga na época, mudanças essas que se expressavam nas paisagens. Todavia, os estudos de Sauer contribuíram significativamente com a Ciência Geográfica e para a renovação da Geografia Cultural posteriormente.

---

<sup>17</sup> Vidal de La Blache considerava o gênero de vida um atributo próprio de áreas ou fragmentos da superfície terrestre, marcados pela presença e atuação do homem como agente de diferenciação e individualização: “É preciso partir da ideia de que uma área (*contrée*) é um reservatório onde dormem energias das quais a natureza depositou o germe, mas cujo emprego depende do homem. É ele que, ao submetê-la ao seu uso, ilumina sua individualidade”. (La BLACHE, 1999, p. 143).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Michel Collot (2012, p. 28) afirma que: “A paisagem é uma interface entre espaço objetivo e subjetivo: sua percepção põe em jogo, ao mesmo tempo, o reconhecimento de propriedades objetivas e a projeção de significações subjetivas”. Assim sendo, a paisagem pode ser compreendida como conceito científico funcional e objetivo como também expressão da vida, do mundo, dos lugares, uma confluência entre a base material objetiva e a concepção subjetiva.

Na perspectiva fenomenológica a paisagem se constitui como fenômeno vivido, sentido e apreendido através da subjetividade de cada sujeito. Vista para além de sua materialidade a paisagem abrange também um significado simbólico e assim analisada, correlaciona os diversos olhares sobre como se vê, se sente, e se vive o ambiente. Cheia de significados a paisagem é parte de um sistema que conecta a humanidade na sua experiência com o meio.

Nesse sentido, há uma conexão entre o ser (pessoa) e a paisagem, relação que não se dá apenas pela forma de compreensão da natureza como base material física, mas também pelas relações estabelecidas com o mundo em volta. Nas palavras de Dardel (1967, p. 30, “[...] a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma impressão, que une todos os elementos.” As sociedades imprimem sobre o espaço suas marcas, suas formas de viver com o meio. Essa ideia evoca significados subjetivos que encontram-se manifestados na vida cotidiana, mais especificamente no movimento relacional do ser humano com o espaço geográfico.

Assim como a paisagem, o lugar na condição de categoria de análise também possibilita uma leitura sobre o social inserido em um contexto histórico específico. Nas palavras de Tuan (1930, p. 198), “o lugar é um mundo de significado organizado.”

“Desde a implantação da geografia como disciplina acadêmica - a partir de uma ideia positivista da ciência - o lugar foi eventualmente estudado pelos geógrafos, mas sempre em um plano secundário” (HOLZER, 1998, p. 67). Holzer (1998), ainda elucida que embora o conceito de lugar seja fundamental



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



para a Geografia, somente na década de 1980 ele ganha importância para essa disciplina.

Vidal de La Blache, em 1913, propôs que “A geografia é o estudo dos lugares.” Assim, La Blache sinaliza a ideia de gênero de vida e o estudo sobre a especificidade dos lugares enquanto espaço das vivências humanas e sociais, em estreita relação com o substrato material (natural), poder-se-ia dizer, traduzindo o pensamento de Vidal em termos atuais.

A leitura do lugar como base analítica fundamental para pesquisas geográficas emerge pela necessidade de se traçar o entendimento sobre aspectos sociais que muitas vezes eram marginalizados pela ótica positivista. Porém, apesar da importância desse legado vidaliano, deve-se contrapor que “Na geografia clássica, do início do século, quando o estudo e a confecção de mapas eram um dos fundamentos da disciplina, o lugar em seu sentido locacional era utilizado para definir a geografia” (HOLZER, 1998, p. 67). Por essa ótica, as explicações sobre lugar se apresentavam de certo modo ineficientes para analisar a complexa teia de relações que emergiam na sociedade, uma vez que o foco principal estava voltado para uma cartografia “naturalizadora” deixando de contemplar a complexidade/contextualidade do espaço geográfico em permanente movimento.

Para a geografia crítica, por outro lado, conforme Lopes (2012, p. 27), “o lugar tem qualidade de construção social que se dá ao longo da história, isto é, uma construção sócio-histórica, que cumpre determinadas atribuições na lógica social”. Essa construção histórica tem grande relevância para compreender o espaço. Dentro da ciência geográfica essas abordagens trouxeram uma significativa contribuição no que tange às possibilidades de entender dialeticamente as contradições inerentes a funcionalidade do mundo. Nesse contexto muitos geógrafos se preocuparam em relacionar o lugar com o global. Conforme sinaliza Santos (2001, p. 213), “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, ou seja, há uma comunicação e uma interação entre os lugares pela mediação da ação humana.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Do ponto de vista da geografia humanista o lugar revela uma ideia de pertencimento a determinado ambiente. É no lugar que o acontecer da vida se expressa, segue uma organização singular, ou seja, uma especificidade perante a generalidade do mundo.

Assim concebido, o lugar assume um papel de concretização das experiências objetivas, para além disso o lugar possui um significado simbólico. A cidade, o bairro, a casa, a igreja, o campo de futebol, a escola, ganham status de lugar ao passo que lhes são atribuídos significados, ou seja, uma valoração que o diferencia de espaço.

De acordo com Santos (1998, p. 10), “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja a sociedade em movimento.” Desse modo, o espaço representa o todo e o lugar, o que é específico, porção do espaço a qual damos sentido. O espaço geográfico é resultado das relações estabelecidas entre sociedade e natureza, correlacionando os múltiplos aspectos: físicos (naturais), sociais, históricos, culturais, políticos e socioeconômicos, elementos estes indissociáveis para uma análise profunda. Essa distinção entre espaço e lugar é necessária, uma vez que tem significados e proporções escalares diferenciadas, por conseguinte não cabe analisá-los como sinônimos.

Ao considerar o lugar como “locus” das vivências e interações sociais, investigá-lo torna-se tarefa indispensável para os geógrafos. O que faz do lugar uma categoria tão fundamental para a Geografia? Partindo disso, Claval (2006, p. 17), diz que “os homens devem conhecer o meio onde vivem para explorar e organizar; têm de se orientar e de ter pontos de referência; só se identificam como os lugares onde vivem se estes contiverem signos que compreendam e símbolos que partilhem.” O conhecimento dos lugares possibilita um “domínio” relacionado ao ambiente, por meio da observação da realidade constrói-se saberes indispensáveis que viabilizam ler criticamente as contradições explícitas ou implícitas nos lugares.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Daí que existe uma distinção (e complementariedade) no uso dos termos lugar (no singular) e lugares,

Geografia como estudo de lugares refere-se à descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam como o mundo. (RELPH, 2014, p. 22).

Essa última abordagem nos interessa visto que fornece suporte para investigar certos contextos a partir da análise do lugar. Um exemplo pertinente é como podemos compreender as relações sociais e cotidianas através dos estudos dessa categoria. É desse lugar da vida, dos conflitos e contradições que partimos no intuito de ler o lugar criticamente e, sobretudo, geograficamente. É preciso, pois, firmar um ponto de vista básico: o “lugar”, como categoria abstrata e transcendente para a interpretação do ser humano no mundo, deriva de vivências e práticas em “lugares”, partes específicas e tangíveis das múltiplas e inumeráveis experiências dos seres humanos “neste mundo”.

## **Paisagem literária: uma representação do real**

O que mais há na terra, é paisagem. Por muito que do resto lhe falte, a paisagem sempre sobrou, abundância que só por milagre infatigável se explica, porquanto a paisagem é sem dúvida anterior ao homem, e apesar disso, de tanto existir, não se acabou ainda. Será porque constantemente muda: tem épocas no ano em que o chão é verde, outras amarelo, e depois castanho, ou negro. E também vermelho, em lugares, que é cor de barro ou sangue sangrado ( José Saramago).

A criação literária é rica em descrições dos ambientes nos quais se passam as tramas romanescas. O que vem a ser uma paisagem literária? Ao compor a obra o escritor e/ou escritora cuida de desvelar para o leitor as características do “cenário”, seja ele uma cidade, uma vila, um bairro, uma fazenda ou qualquer outro espaço que componha a narrativa. O interesse pela paisagem é bastante manifestado na Literatura, não apenas como pano de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



fundo, fruto do imaginário ou necessidade de retratar a fisionomia dos lugares, mas também como elemento fundamental que propicia uma interação entre sujeito-personagens e o meio ambiente descrito na história. Desse modo,

Quando me encanto com uma paisagem, sei muito bem que não sou eu que a estou criando, mas sei também que sem mim, as relações que se estabelecem diante dos meus olhos entre as árvores, a folhagem, a terra, a relva, em absoluto não existiriam. (SARTRE, 1989, p. 43).

Nesse aspecto, as características fisionômicas visíveis na paisagem é o ponto inicial para descortiná-la, contudo, é preciso ir além do que está diante dos olhos, significá-la a partir dos processos de contextualização histórica. Essas correlações explícitas ou implícitas nas obras literárias são tencionadas por quem as escrevem, tendo como base, muitas vezes, acontecimentos da realidade objetiva. Nas palavras de Sartre (1989, p. 34), “[...] toda obra literária é um apelo. Escrever é apelar ao leitor para que este faça passar a existência objetiva o desvendamento que empreendi por meio da linguagem.” Os conhecimentos que os livros nos transmitem reconhecemos na realidade que nos cerca. Esse diálogo proposto entre o mundo real e o mundo ficcional no enredo de um romance, é possível, no sentido de que no ato de projetar essas nuances de “mundos” o/a romancista transforma a palavra escrita em representação da realidade vivida, o jogo das palavras representa o “jogo” da vida em suas múltiplas dimensões.

A paisagem “inventada” num romance tem em muitos aspectos traços factuais, a construção de uma obra literária decorre também de fenômenos observados do mundo material. “Apesar de romântico, o romance que inventa a paisagem traz a exigência do realismo, anunciando uma atitude de objetividade frente ao material observado, através da presença do pormenor, da sua especificação e da mudança” (FIGUEIREDO, 2012, p. 148). A reunião de detalhes do ambiente de uma época, de um momento histórico, pode trazer à cena um reflexo de realidade impressa na escrita. Um contraste entre o objetivo e o subjetivo, tecido pelo olhar do autor/autora.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Quando o(a) escritor(a) evidencia elementos paisagísticos na composição do romance, para o leitor a paisagem torna-se uma experiência, uma vez que este ao adentrar na leitura, inevitavelmente transporta-se para o local-lugar evocado na narrativa. Conforme Nuñez (2010, p.79), “a literatura como se vê goza de uma autonomia sobre o mundo exterior que lhe faculta empreender não as cópias ou reproduções da “realidade”, mas representações do real, às custas de experiências existenciais imaginárias.” Através do ato de imaginar a paisagem ficcional no texto literário, o sujeito-leitor vê-se parte desse universo, e desse ponto de vista a paisagem-ficção se confunde com a paisagem real, uma “viagem” entre mundos espacialmente distintos.

A paisagem literária passa a exprimir uma conexão com o mundo fomentada a partir da language. Nesse sentido, “[...] a questão da paisagem nada tem de exterior à literatura, e que permite compreender melhor as estratégias de uma poética moderna, considerada, ao mesmo tempo, como arte da criação verbal e recriação do mundo” (COLOTT, 2013, p. 61). A relação entre paisagem e textualidade nesse caso, encontra-se atrelada a construção do imaginário, que retoma a realidade por meio das interpretações humanas.

Nas obras *Cascalho* (Herberto Sales) e *Terras do Sem Fim* (Jorge Amado), por exemplo, há uma intensa relação das personagens com a paisagem e o lugar, esse universo descrito pelos autores se reportam às paisagens e lugares reais. A primeira trata-se de uma trama que retrata a Chapada Diamantina na conjuntura que remonta o auge da exploração de diamantes na Bahia. A paisagem construída por Salles se inspira na realidade conhecida e vivida da região citada. Os elementos constitutivos desse universo paisagístico com rios, serras, montes, vales, vilas, fazendas, faz parte de um cotidiano conflituoso vivido por sujeitos de várias classes sociais. Cada um desses respectivos sujeitos possuíam uma forma de conceber e se relacionar com o meio ambiente e o lugar, as personagens vivem em tom de simbiose com a paisagem, quando esta faz parte das sensações humanas. Nesse romance impregnado da história de uma região e dos povos que ali habitavam



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



a paisagem literária liga o universo ficcional ao mundo concreto, no qual o drama social e humano é um fato.

Já a segunda obra, enfoca a luta pela conquista de terras em Ilhéus também na Bahia. O cenário de uma paisagem natural substituída pela implantação de grandes fazendas de cacau é o ponto principal para o desenvolvimento do romance. Essa paisagem na qual os elementos predominantes eram as árvores dos frutos “preciosos” do cacau, nos conduz a um cotidiano peculiar e lugares de entaves sociais, um drama que tem nuances realistas sobre o período histórico que marcou essa região. Jorge Amado, cria um ambiente fortemente pautado nas lutas decorrentes (e constitutivas) de um cenário composto por uma paisagem que produz um ideário de riqueza conferida pelo ciclo do cacau. A composição social é diversificada e gira em torno da “valiosa paisagem” cacauzeira, núcleo central que permeia a temática da obra. Assim, a Chapada Diamantina e Ilhéus não são simplesmente pano de fundo para o contar de uma “estória”, mas também representam realidade onde metaforicamente os autores situam os embates da vida humana.

## Do lugar geográfico ao lugar literário

[...] Até os pássaros, consoante os lugares, vão sendo diferentes. Ou são os tempos, travessia da gente? (Guimarães Rosa).

Os significados atribuídos ao lugar são vários, na abordagem da geografia cultural humanística o lugar pode ser interpretado como espaço da experiência vivida, do pertencimento, da afetividade e “palco” das mais distintas relações humanas e sociais. Conforme Marandola Junior (2014, p. 228), “é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base da nossa experiência no mundo.” As contradições cotidianas estabelecidas no lugar podem ser analisadas e discutidas sob muitas perspectivas. Geograficamente o lugar pode ser abordado tanto como sentido de localização, quanto aos propósitos humanos da sua construção social. Para Tuan (2012), o



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



lugar transcende o sentido de localização, visto que é um conjunto especial dotado de história e significado.

Cada lugar expressa uma série de processos históricos particulares, exercendo uma dinamicidade que é própria do espaço geográfico. O lugar como recorte espacial carregado de sentido histórico é singular e plural. Os lugares geográficos como um conjunto de singularidades, onde se dá a existência humana, traduzem recortes do espaço, espaço que é base da reprodução da vida, da socialização entre os indivíduos em determinados contextos.

Na Literatura os lugares são construídos em função da vida e da experiência com o ambiente, a criação de um universo subjetivo dotado de significado é essencial na constituição do cenário que ambienta as personagens. Nesse sentido, Brosseau (2007, p. 94) traz uma colocação: “[...] em sua exploração dos diferentes aspectos da existência, o romance, como “forma que busca”, recorre ao espaço e aos lugares – o espaço romanesco (humanizado ou natural) é decididamente antropológico.” Dessa forma, ao adentrar o “universo” literário nos apropriamos de obras que suscitam outros caminhos para ampliar o conhecimento sobre o espaço e os lugares dos seres humanos. Os romances direcionam os leitores a um “contato” com o mundo descrito no seu interior, fomentando novos olhares e interpretações voltadas às questões socioespaciais.

Em Cascalho, descortina-se um ambiente do garimpeiro, dos coronéis (donos de serras), o local do labor, a rua, a taberna, a vila, a praça. O mundo descrito por Sales tem uma base geográfica evidente, a região das Lavras Diamantinas, lugares historicamente marcados pela exploração do diamante. Nas linhas e entrelinhas de Cascalho, Sales retratou o testemunho de uma época em que viveu, e fez do romance uma forma de denunciar as mazelas sociais (OLIVEIRA, s/d.). Assim sendo, o recorte espacial explícito no romance não se limita ao plano puramente ficcional, encontra-se respaldado numa realidade que inspirou o perfil do texto literário. Para Brosseau (2007, p. 80), “o recurso ao romance, no âmbito de uma reflexão geográfica sobre os lugares,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



inscreve-se em uma perspectiva precisa, que se apoia no reconhecimento no caráter distinto do modo de expressão romanesca.” A pertinência do romance para análises histórico-geográficas referentes ao espaço é assim ressaltada por permitir ler e ver o mundo como desvendamento, além de promover novas abordagens para apreender a escritura dos lugares. Em Cascalho temos uma configuração que transita entre o lugar literário e o lugar geográfico, nota-se na voz do narrador ao referenciar as intermediações do Rio Paraguaçu na passagem seguinte,

No povoado da Passagem, à margem do Rio Paraguaçu agora de monte a monte, rajadas de vento cortavam de alto a baixo as ruas êrmas, quando os garimpeiros, lúgubre vozerio irromperam pela praça alagada com enxurradas descendo para o areão. (SALES, 1953, p.15).

Nesse universo descrito detalhadamente, ilustra-se um lugar que pode ser do acolhimento, da pertença ou também da repulsa que decorrem da práxis cotidiana na qual se assentam as relações socialmente construídas no lugar. O espaço real é incorporado na ficção como elemento imprescindível da narração, há desse modo um realismo que envolve a obra que convém realçar.

Em Terras do Sem Fim o leitor é conduzido a uma época cuja contextualização não pode ser negada. As plantações de cacau nas fazendas do sul da Bahia foram um marco histórico na conformação do lugar. A despeito disso, Jorge Amado representou de forma perspicaz essa configuração na sua trama, evidenciando o fluxo do vivido com fios mesclados entre a fantasia e a realidade. O texto ficcional de Amado, precedeu de processos reais que constituíram a história local. Em face desses acontecimentos concretos é que foi inspirado o romance. A fração do território na qual se estabeleceu os eventos que se passa no texto literário é palco das mais diversas composições sociais, um entrelaçamento de culturas que perpassa pelas histórias do auge do cacau nas fazendas do sul da Bahia, além da composição sociocultural que se constituiu no lugar. Nas palavras de Adonias Filho (1976, p. 14), “o cacau, à proporção que altera a paisagem, a empurrar e diminuir a selva, a abrir fazendas, a estabelecer um sistema de comércio, conforma culturalmente uma



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



região.” Assim sendo, na tessitura de Terras do Sem Fim, há uma representatividade dessa chamada “sociedade do cacau”, que imprimiu nas paisagens e lugares da Bahia a história de uma saga humana culturalmente complexa. O lugar delineado na narrativa reúne uma multiplicidade de sujeitos vividos nas figuras do trabalhador alugado, coronéis, jagunços, políticos, prostitutas, latifundiários, religiosos e lavradores. Portanto, “nessas terras de Ilhéus e Itabuna, [...] fui buscar homens de uma rude humanidade para traçar com eles a saga da conquista da terra, a grandeza e a miséria dos coronéis e do latifúndio, o nascimento de uma civilização [...]” (MENEZES, apud AMADO, 2015, p. 72). Desse ponto de vista, a Literatura lança luz aos estudos dos lugar(es) geográficos.

## REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BLACHE, Paul Vidal de La. Quadros da Geografia da França. In: **GEOgraphia** – Ano. 1 – No 1 – 1999.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura, In: CORREA, Roberto Lobato, ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagens, texto e identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2004. p. 13-74.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Tradução Ida Alves ... [et al.]. 1 ed. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

COSGROVE, Denis. A Geografia Está em Toda Parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens Humanas. In: CORREA, Roberto & ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de JANEIRO: EdUERJ, 1998.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



FILHO, Adonias. **Sul da Bahia chão de cacau: uma civilização regional**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1976.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia de. O romance e a invenção da paisagem brasileira: O caso Itacema. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé (Orgs.). **Literatura e Paisagem em Diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. Disponível em: Acesso em: 22 abr. 2016.

HOLZER, W. O lugar na geografia humanista. In: **Revista Território**. Rio de Janeiro. Ano IV, nº 7. p. 67-78. jul./dez. 1999. Disponível em: [www.revistaterritorio.com.br/pdf/07\\_6\\_holzer.pdf](http://www.revistaterritorio.com.br/pdf/07_6_holzer.pdf). Acesso em: 20 fev. 2018.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. In: **Revista Raega**. Curitiba, n. 8, 2004. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/download/3391/2719>. Acesso em: 10 nov. 2017.

NEGREIROS, C.; LEMOS, M.; ALVES, I. **Literatura e Paisagem em diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. Disponível em: <http://edicoesmakunaima.com.br/catalogo/2-critica-literaria/12-literatura-e-paisagem-em-dialogo>. Acesso em: 20 mai. 2018.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Uma odisseia no espaço: a geografia na literatura. In: CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Temas e caminhos da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 73-113.

OLIVEIRA, A.V. P. Herberto Sales: o romance e a busca de si mesmo. In: **Revista a cor das letras**. V. 5 . n 1, 2004. Disponível em : <http://periodicos.uefs.br/index.php/article/viewFile/1699/1140>. Acesso em: 10 nov. 2017.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SALES, H. **Cascalho**. São Paulo: É Realizações, 2011.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Paisagem e Geografia. In: **Revista Finisterra**. Ano XXXVI, vol. 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teórico e metodológico da Geografia. 1988. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/.../santos-milton---metamorfoses-do-espaco-habitado>. Acesso em: 15 fev. 2018.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Ática, 1989, p. 231.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A GESTÃO ESCOLAR E A RELAÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

**Joicy Santos Cordeiro**

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

[joicycordeiro16@hotmail.com](mailto:joicycordeiro16@hotmail.com)

**Leomárcia Caffé de Oliveira Uzêda**

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

[leomarciauzeda@yahoo.com.br](mailto:leomarciauzeda@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente estudo se constitui em um recorte do projeto de pesquisa intitulado Educação Infantil na zona rural: caracterização e análise do cenário de implementação das políticas de educação do campo no município de Feira de Santana, faz parte de uma das linhas de pesquisa do Centro de Estudos e Documentação em Educação (CEDE), objetiva analisar como se efetiva a relação escola-família na Educação Infantil do Campo (EIC) a partir da concepção de professores e gestores escolares. De cunho qualitativo, se aproxima do tipo de pesquisa estudo de caso e tem como lócus de pesquisa uma escola que atenda Educação Infantil na zona rural de Feira de Santana e como sujeitos da pesquisa gestores escolares que atuam na instituição pesquisada. Compreende-se a partir de levantamento bibliográfico inicial que há ínfimas produções sobre que abordem sobre concepções e práticas da gestão escolar voltadas para atendimento e participação das famílias que tem seus filhos e filhas matriculados (as) na EIC, o que demonstra não só relevância do estudo, mas a necessidade de pesquisas e ações voltadas para tais questões no contexto acadêmico e escolar da EIC.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Educação Infantil do Campo. Relação escola-família.

### Apresentação

O presente trabalho, que se institui a partir de um recorte do projeto de pesquisa intitulado “Educação Infantil na zona rural: caracterização e análise do cenário de implementação das políticas de educação do campo no município de Feira de Santana”, faz parte de uma das linhas de pesquisa do Centro de Estudos e Documentação em Educação (CEDE), se propõe a analisar a Educação Infantil do Campo no Município de Feira de Santana com base em dois aspectos importantes: a relação escola-família e o papel da gestão pedagógica nesse contexto.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A intenção do estudo é identificar e compreender como se efetiva essa relação escola e família e de que maneira essa relação contribui para a formação das crianças que moram na zona rural e frequentam instituições de Educação Infantil. A metodologia é de cunho qualitativo, o trabalho está em andamento, tem como sujeitos colaboradores da pesquisa gestores de uma escola de Educação Infantil que atenda crianças da zona rural de Feira de Santana. As gestoras serão ouvidas através de entrevistas e suas narrativas colaborarão para analisarmos o lugar que ocupa a relação gestão e família no universo da Educação Infantil do Campo.

De início, compreende-se que é acordo na literatura acadêmica que diversos fatores podem influenciar no acompanhamento e participação das famílias nas escolas existentes na zona rural, como: à distância, a falta de transporte, horários de trabalho, entre outros motivos. Contudo, compreende-se também, que é preciso que a gestão escolar esteja ciente de seu papel frente aos desafios cotidianos daqueles que povoam o campo e possa, assim, criar possibilidades para que se estabeleça uma relação melhor entre ambos em prol da formação digna, humana e pela defesa dos direitos das crianças e de suas famílias no sentido mais amplo.

## **Reflexões iniciais sobre o tema**

Há concordância entre educadores e pesquisadores que se debruçam sobre a Educação Infantil no Brasil, que a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - 9.394/96) são marcos históricos, políticos, conceituais no que se refere a garantia de direitos às crianças. Foi a partir da Lei 9.394/96 que Educação Básica passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio. (KISHIMOTO, 2001; BRASIL, 1996)

A efetivação da Educação Infantil, considerada a primeira etapa da Educação Básica brasileira, se deu por meio de lutas através de Movimentos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Sociais, os quais os movimentos feministas foram protagonistas. A necessidade de se ter Escolas de Educação Infantil emerge em decorrência de um cenário no qual, inevitavelmente, grupos de mulheres/mães precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar seus filhos. Ao longo dos períodos históricos (décadas de 1970, 80, 90), o processo de atendimento às crianças em creches e pré-escolas passou, através de muitas lutas, de uma ação assistencialista para uma política educativa e de garantia de direitos às crianças pequenas e suas famílias. (KISHIMOTO, 2001)

Refletir sobre a Educação Infantil como um direito da criança e das suas famílias é considerar todas as lutas e conquistas obtidas ao longo de processo. Segundo Kuhlmann Jr. (1998, p.16), o significado da infância como categoria social, política emerge em função das transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas ao longo do período histórico, em especial, no Brasil, no final do século XX e início do século XXI. Além disso, a concepção de criança como um sujeito de direitos e produtor de cultura terá implicações diretas no seu atendimento em instituições escolares formais se transformando, também, em uma conquista.

No que diz respeito ao atendimento em instituições de Educação Infantil na zona rural, as conquistas também se originam de lutas constantes. Os Movimentos Sociais que emergiram no/do campo em prol da melhoria de vida daqueles que habitam o campo, apoiaram as lutas das mulheres camponesas não só para garantirem o ingresso de seus filhos/filhas, mas para permanência destes (as) em escolas que os atendessem com qualidade em todas as dimensões que envolvem uma instituição escolar. E a luta foi além da Educação Infantil, e sim por todos os níveis de ensino, ou seja,

[...] O povo do campo sempre foi visto como receptor agradecido de dádivas das elites compassivas, abrir uma escolinha rural era uma dádiva do fazendeiro ou do novo prefeito. Os povos do campo de agradecidos receptores de dádivas – a escola, a professora – passaram a sujeitos políticos coletivos, não pedintes, mas exigentes de políticas públicas. Um fato que inverte a lógica em que por séculos equacionamos as políticas públicas educativas para o povo do campo (ARROYO, 2006 apud SOUZA, 2006).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A Educação Infantil do Campo é uma área pouco discutida. Apesar das conquistas relacionadas a esta etapa de ensino, observa-se que desde sua conquista, a Educação Infantil do Campo foi concebida como caridade, o que faz inferir que sua trajetória acompanha os desafios, histórias de luta e conquistas desta etapa de ensino até se configurar como importante e inquestionável para formação das crianças que habitam o campo desde a tenra idade.

Não obstante, outro tema que pouco se tem debatido e/ou se tem produzido diz respeito a relação estabelecida entre família e a escola, assim como sobre as concepções e práticas da gestão escolar voltadas para atendimento e participação das famílias do campo. Considera-se importante a relação escola-família no que tange não só ao acompanhamento das crianças no ambiente escolar, em suas tarefas, mas, se constitui em uma parceria inquestionável para fortalecimento da formação humana das crianças desde muito pequenas. (ARROYO, 2007; PALUDO, 2014; PASUCH, 2013)

No que tange a gestão escolar, esta precisa propor e acolher a participação das famílias, compreendendo estas como indispensáveis às discussões e tomadas de decisões no âmbito escolar. O conceito de participação efetiva destas famílias refere-se à partilha do poder e tomada de decisões que favorecerão o crescimento em todos os sentidos não só das crianças, mas da comunidade externa e interna que faz parte da escola (PARO, 2004).

De maneira geral a participação das famílias no contexto escolar não é estimulada e nem sempre se efetiva de maneira harmônica, encontrando-se, então, repleta de desafios. No caso das localidades rurais, a relação entre Gestão escolar e comunidade está prevista, inclusive em lei específica que são as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Esse dispositivo legal assevera que:

[...] Art. 10. O projeto institucional das escolas do campo, considerado o estabelecido no artigo 14 da LDB, garantirá a gestão democrática, constituindo mecanismos que possibilitem estabelecer relações entre a escola, a comunidade local, os movimentos sociais, os órgãos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



normativos do sistema de ensino e os demais setores da sociedade. Art. 11. Os mecanismos de gestão democrática, tendo como perspectiva o exercício do poder nos termos do disposto no parágrafo 1º do artigo 1º da Carta Magna, contribuirão diretamente: I - para a consolidação da autonomia das escolas e o fortalecimento dos conselhos que propugnam por um projeto de desenvolvimento que torne possível à população do campo viver com dignidade; II - para a abordagem solidária e coletiva dos problemas do campo, estimulando a autogestão no processo de elaboração, desenvolvimento e avaliação das propostas pedagógicas das instituições de ensino.

A partir do exposto, enfatiza-se que escola precisa se atentar e escutar mais a comunidade que está inserida. Os verdadeiros problemas e interesses. Segundo Paro (1997, p. 27), “A questão que se poderia aventar diante da necessidade de se superarem esses condicionantes do autoritarismo na escola é que tal superação depende de um esforço coletivo de todos os envolvidos na situação escolar/direção, professores, demais funcionários, alunos e pais.”

Quanto ao debate sobre Educação do Campo, vale ressaltar que este se deu na década de 1990, a partir do Encontro Nacional de Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA). Este encontro foi organizado por movimentos importantes como o MST, que lutavam pela Reforma Agrária e incluíam outras pautas de permanência no campo, entre elas educação de qualidade para suas crianças. As conferências realizadas pelos movimentos sociais fizeram com que fossem ampliadas as discussões da Educação do campo. Logo após, surgiu o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) que também se constitui em marco histórico e conceitual para Educação do Campo no Brasil. De acordo com Munarim,

[...] Antes de tudo, é bom afirmar que a luta pela reforma agrária constitui a materialidade histórica maior de seu berço nascedouro, uma espécie de pano de fundo, de maternidade. A experiência acumulada pelo Movimento Sem Terra (MST) com as escolas de assentamentos e dos acampamentos, bem como a própria existência do MST como movimento pela terra e por direitos correlatos, pode ser entendida como um processo histórico mais amplo de onde deriva o nascente Movimento de Educação do Campo. (MUNARIM, 2003, p. 3)

Ainda que se constitua em avanço, de uma forma simplificada, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, Resolução nº 5, de





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



17 de Dezembro de 2009, legislação contemplam a Educação Infantil das crianças do campo, mas sem relacionar suas especificidades, ou analisá-las a contento, muito menos no que se refere a relação escola-família. Esta última pauta ainda se constitui em elemento que precisa ser discutido e garantido para além das orientações iniciais de textos normativos. Há que se pensar, em um cenário de subtração de direitos que é histórico, que a relação escola-família é inquestionável para formação plena das crianças e de seus pares.

A implementação da Resolução citada anteriormente não quer dizer que, de fato, a lei esteja sendo executada nas suas definições e orientações. Muito pouco se fala sobre o posicionamento da escola frente a esta lei, e, principalmente no que diz respeito à relação escola e família como condição para desenvolvimento das crianças de maneira ampla e ainda mais digna.

As lutas para que estas conquistas sejam efetivas estão longe de ter um fim. Mas, o posicionamento frente ao fato é quem diz se o caminho está certo, pois, quando se deixa levar pelo esquecimento a história de lutas de mulheres e suas famílias do campo por uma educação pública e de qualidade para seus filhos e filhas, deixamos para trás, também as possibilidades de superação deste estado de esquecimento e abandono aos quais foram historicamente ocupados pelos povos do campo. Contudo, a escola deve estar aberta a realidade de seus participantes, aos desafios das famílias e deve lutar junto, e por em prática os direitos e deveres que lhe forem atribuídos.

## **Metodologia: primeiras intenções**

A metodologia do estudo é de cunho qualitativo e tem o intuito de compreender o tema a partir de procedimentos e interações cotidianas junto aos participantes da pesquisa. De acordo com Vieira e Zouain (2005), a pesquisa qualitativa atribui importância fundamental aos depoimentos dos atores sociais envolvidos, aos discursos e aos significados transmitidos por eles. Nesse sentido, o principal objetivo da pesquisa é ter uma compreensão do tema a partir dos procedimentos e nas interações cotidianas.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



É sabido sobre existência de várias escolas de Educação Infantil situadas na zona rural de Feira de Santana, município que fará parte do trabalho e que possui oito (8) distritos rurais. Por tal motivo fica inviável o levantamento de dados em mais de uma instituição. Deste modo, a pesquisa será realizada em uma instituição de Educação Infantil da zona rural de Feira de Santana junto aos gestores que atuam na escola. Para obtenção dos dados, serão realizadas entrevistas semi-estruturadas com os gestores e visitas a instituição escolhida.

## Resultados parciais

Destaca-se o valor de promover debates e pesquisas acerca da temática que é atual, pouco debatida, contudo, de importância social e acadêmica. O estudo torna-se relevante especialmente para profissionais que atuam na Educação Infantil do Campo, uma vez que podem apontar elementos importantes que tem desdobramentos nas práticas e concepções dos professores, dos gestores escolares, gestores públicos que desenvolvem suas ações atreladas ao cotidiano escolar das crianças da zona rural. A Educação do campo teve várias conquistas na década de 1990,

[...] As conquistas da década de 1990 podem ser agrupadas em três frentes. A primeira diz respeito ao fortalecimento do caráter coletivo da prática educativa, a exemplo das experiências do MST, dos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhos, jovens e adultos, para citar alguns. São sujeitos de direitos – coletivos – que, aos poucos, modificam a história, ao buscar o reconhecimento territorial e a diversidade sociocultural. (SOUZA, 2012, p. 753)

A pesquisa que está em andamento e vivendo uma etapa de revisão bibliográfica, já sinaliza a parca produção no campo da relação entre Gestão Escolar e as famílias de crianças que frequentam a Educação Infantil na zona rural, sinalizando o quanto é preciso definir pesquisas e ações voltadas para essa área. Enquanto primeira etapa de análise da produção sobre o tema tomou-se como referência inicial, os Pôsteres e Trabalhos aprovados nas



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Reuniões Anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no período de 2002 a 2017, considerando quatro grupos de trabalhos, a saber; GT-03 Movimentos Sociais e Educação; GT-05 Estado e Política; GT-06 Educação Popular; GT-07 Educação da Criança de 0 a 6 anos.

Até o presente momento, nas pesquisas realizadas até o ano de 2005 não foram encontrados trabalhos que falem especificamente sobre gestão e Educação Infantil e nenhum deles trata sobre a Educação Infantil do Campo. O ano de referência para iniciar a leitura das produções em cada ano de realização da reunião, considerou como marco legal a Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002 que institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (DOEBEC), pois se

[...] constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal. (BRASIL, 2002)

A partir deste documento (DOEBEC), de caráter mandatório, entre outras produções, pesquisas, eventos e movimentos em prol da educação do campo, nota-se um leve crescimento na literatura que trata do tema. Contudo, no que tange a Educação Infantil do Campo, apesar da sua importância, observa-se que são poucas as referências em destaque. A pesquisa nos anais da ANPED, ainda está em decurso e espera-se encontrar produções que contribuam ainda mais com o debate.

Vale ressaltar que a viabilidade do estudo se dá pelo apoio inicialmente do Centro de Estudo e de Documentação em Educação (CEDE) pertencente à Universidade Estadual de Feira de Santana que dispõe de condições apropriadas para que as pesquisas possam ser desenvolvidas. Além do CEDE destaca-se também a Equipe de Estudos e Educação Ambiental (EEA) ambos os grupos de estudos voltados para temática da pesquisa e que ampliam os debates sobre o tema, pois conjuntamente realizam encontros de formação e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



estudos sobre o tema e os que se aproximam deste. Todos estes elementos objetivos e teóricos colaboram para o desenvolvimento do trabalho.

Desta forma, os resultados deste estudo podem oferecer subsídios para outras investigações e pesquisadores, professores da Educação Infantil, profissionais que se interessam pela temática abordada.

## Considerações finais

São várias as lutas para se constituírem em sujeitos históricos, políticos e de direitos, tanto os povos do campo, como as crianças. O projeto inicial do estado sempre foi a negação de tais direitos á essas populações. É preciso entender tais lutas e identificar quais são esses sujeitos que compõem o campo. Há em curso, um debate contínuo sobre sua importância e a necessidade de irmos além das contendas sobre este tema e tornarmos as bandeiras de luta em ações concretas. É necessário também, rememorar quais são os embates travados a principio por esses movimentos e quais necessidades emergiram. Com as crianças e infância do campo não há de ser diferente.

Sabe-se que a Educação Infantil do Campo é um direito estabelecido em lei para as crianças e dever do estado, diante disso, é preciso garantir uma educação de qualidade para que as crianças. Uma educação que valorize a criança do campo visando uma formação humana, seu desenvolvimento irrestrito, reforçando o conceito são sujeitos produtores de conhecimento, de educação e de cultura.

Nesse sentido, o presente trabalho busca contribuir e subsidiar possíveis discussões e avanços no que diz respeito à relação escola-família e a gestão escolar no contexto da Educação Infantil do Campo e assim, problematizar a efetivação da participação da escola na comunidade uma vez que a mesma te exigido, historicamente, esta participação da comunidade.

## REFERÊNCIAS



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ARROYO, M. G. **Políticas de formação de educadores(as) do campo**. Campinas: Caderno Cedes, vol. 27, n. 72, p. 157-176, maio/ago. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622007000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010132622007000200004&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em 25 de abril 2018.

\_\_\_\_\_. Introdução. In.: SOUZA, M. A. de. **Educação do campo: propostas e práticas pedagógicas do MST**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 dez.1996, Brasília: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002 que institui as **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília: MEC, 03 abr. 2002.

CAMPOS Rosânia ; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. BNC e educação infantil Quais as possibilidades?. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 17, p. 353-366, jul./dez. 2015.

DE SOUZA, Maria Antônia. **Educação do campo, desigualdades sociais e educacionais**. Educação & Sociedade, v. 33, n. 120, 2012.

KUHLMANN Jr., Moysés. **Infância e Educação Infantil: uma abordagem histórica**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LEAL, F.L.A. PASUCH, J. In: BRASIL. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA**. Salto para o futuro. Ano XXIII, Boletim 11, Junho 2013. Brasília, DF: MEC/SEB, 2013, p. 1-22.

MUNARIM, Antonio. **Movimento Nacional de Educação do Campo: uma trajetória em construção**. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, v. 31, p. 1-17, 2008.

PALUDO, C.; SILVEIRA, D. M. **Contribuições para a história da educação infantil do campo no Brasil**. Contrapontos, Itajaí, SC, v. 14, n. 1, p. 170-185, abr. 2014.

PARO, V.H. **Participação da comunidade na gestão democrática da escola pública**. Idéias, São Paulo, FDE, n.12,p.39-47, 1992.

VIEIRA, M. M. F. e ZOUAIN, D. M. **Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## TEMPO DE VIVER A INFÂNCIA: A EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DO CAMPO

**Luciana Freitas de Oliveira Almeida**

Universidade Estadual de Feira de Santana

[luh\\_feira@hotmail.com](mailto:luh_feira@hotmail.com)

**Elizabete Pereira Barbosa**

Universidade Estadual de Feira de Santana

[beteuefs@gmail.com](mailto:beteuefs@gmail.com)

### Resumo:

Educação Física na Educação Infantil do Campo, em uma escola municipal, de um distrito de Feira de Santana. Tem como objetivo fazer uma análise sobre as contribuições dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil do Campo de uma escola municipal, de um distrito de Feira de Santana. Para tanto utilizou-se a abordagem qualitativa de pesquisa. Buscou-se fazer um levantamento, dos últimos cinco anos (2010 a 2015) no banco de dados da ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação) E Portal do MEC (Ministério de Educação), dialogando também com autores que debatem sobre educação do campo, educação infantil, jogos e brincadeiras. Os achados do estudo durante a revisão/levantamento bibliográfico revelam que a utilização dos jogos e brincadeiras nas aulas da Educação Infantil do Campo contribuem para o desenvolvimento, aprendizagem, valorização dos saberes e culturas das crianças camponesas. Na escola pesquisada os jogos e brincadeiras são trabalhados como estratégia metodológica e como conteúdo presente nas aulas de Educação Física. Os jogos e brincadeiras são trabalhados de formas sistemáticas e os professores compreendem a importância do conteúdo para o desenvolvimento integral da criança.

**Palavras-chave:** Educação do Campo. Educação Infantil. Jogos e brincadeiras.

### Introdução

O presente texto é resultado da pesquisa intitulada “Contribuições dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil do Campo”, que teve como objetivo fazer uma análise sobre as contribuições dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil do Campo de uma escola municipal, de um distrito de Feira de Santana. Trata-se de um recorte do projeto de pesquisa maior, vinculado ao Centro de Estudo e Documentação em Educação (CEDE) intitulado: “Educação infantil na





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



zona rural: caracterização e análise do cenário de implementação das políticas de educação do campo no município de Feira de Santana”.

Este trabalho justifica-se porque os jogos e brincadeiras se fazem necessários para o desenvolvimento da criança na Educação Infantil do Campo e não foi encontrada na literatura pesquisada, uma investigação sobre esse tema com foco na escola do campo. Neste cenário a questão de pesquisa que norteia é qual a contribuição dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil do Campo?

Ao pensar sobre o lugar que os jogos e brincadeiras ocupam dentro da Educação Infantil do Campo, cabe retomar o ordenamento jurídico. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394/96, estabelece no Art. 28, a necessidade de adaptações na oferta de educação básica para a população rural, considerando os conteúdos, metodologias, organização escolar própria, adequação do calendário e a organização do trabalho pedagógico à natureza do trabalho na zona rural.

Diante do exposto e compreendendo a importância do direito a educação para todos os indivíduos do campo, em particular as crianças, é necessário salientar que a Educação Infantil do Campo deve ser considerada com todas as suas particularidades, ressaltando a importância da permanência na escola e as aulas precisam envolver as crianças com o prazer e o encanto em aprender.

Nesse sentido, no artigo 29, da mesma Lei 9.394/96 no que diz respeito à Educação Infantil fica estabelecido que a Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). As afirmações consideradas nestes artigos fomentaram a necessidade de ampliar o estudo em torno do tema Educação Infantil do Campo e suas relações com a Educação Física. Isso porque essa mesma lei no parágrafo 3º, do artigo 26 institui que a Educação Física, integrada a proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL, 1996)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Material e métodos ou metodologia

Para analisar a contribuição dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil do Campo foi utilizada a abordagem qualitativa de pesquisa (ANDRÉ, LUDKE, 1986) em conformidade com o projeto principal que originou este plano de trabalho. Sabendo que Feira de Santana tem 8 distritos, foi selecionado apenas um destes, o distrito de Jaguará. Em seguida foi realizado uma caracterização dos aspectos administrativos e pedagógicos, após este processo foram feitas entrevistas semiestruturadas com os dois professores que aceitaram participar. Os professores se disponibilizaram a participar e assinaram devidamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a partir das entrevistas foram feitas as transcrições das narrativas dos professores e posteriormente a análise de suas falas.

Durante o período de revisão, fez-se um levantamento de dados da ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação) com um recorte temporal de cinco anos (2010 a 2015) e no Portal do MEC (Ministério de Educação) onde foram encontrados textos, ordenamento jurídico no que tange a Educação Infantil, como: as Diretrizes Curriculares para Educação Infantil, os volumes 1 e 2 dos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil e os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil e, no que diz respeito ao jogos e brincadeiras, foi encontrado o livro e o documentário do Território do Brincar : diálogos com escolas e um documento técnico de brinquedos e brincadeiras com a finalidade de orientar os professores

O texto dialoga com as produções de autores como: Caldart (2009); Friedmann (1996); Freire & Scaglia (2003); Darido & Rangel (2005); Silva (2005); Saviani (2016), que debatem sobre as temáticas Educação do Campo, Educação Infantil, Jogos e brincadeiras. Foram utilizados também o ordenamento jurídico e os documentos oficiais tais como: Lei de Diretrizes e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Bases da Educação nº 9.394/96 (BRASIL 1996), Portal do Ministério da Educação e Portaria 09/2017 (FEIRA DE SANTANA)

## Resultados e/ou discussão

Para Caldart (2009), a Educação do Campo nasce como uma crítica à realidade da educação brasileira, em particular, à respeito ao tipo de educação do povo que trabalha e vive no/do campo.

Uma crítica prática: lutas sociais pelo direito à educação, configuradas desde a realidade da luta pela terra, pelo trabalho, pela igualdade social, por condições de uma vida digna de seres humanos no lugar em que ela aconteça. É fundamental considerar para compreensão da constituição histórica da Educação do campo o seu vínculo de origem com as lutas por educação nas áreas de reforma agrária e como, especialmente neste vínculo, a Educação do campo não nasceu como uma crítica apenas de denúncia: já surgiu como contraponto de práticas, construção de alternativas, de políticas, ou seja, como crítica projetiva de transformações. (CALDART, p. 39)

A Educação do Campo surgiu e se fortaleceu através das lutas dos movimentos sociais do campo, em particular o MST, para que o trabalhador do campo tenha acesso ao conhecimento historicamente acumulado e produzido na sociedade e problematizá-los para se colocar como sujeitos críticos. Se posicionando firme, agindo e tendo uma característica própria, a Educação do Campo não desiste da universalidade, muito pelo contrário, luta para sua inclusão nela.

Neste sentido, é preciso que desde a educação infantil a criança seja orientada a ter um posicionamento crítico, para que fortaleça sua identidade como sujeito pertencente ao campo. Baseando-se na pedagogia histórico-crítica que inicia-se pela prática social, com alunos e professores, onde se estabelece diretamente com o cotidiano do aluno, identificando o problema para assim o professor preparar os materiais teóricos e práticos para o seu entendimento e solução através da instrumentação, sistematizar o conhecimento e através da catarse, o aluno fará uma síntese do que foi aprendido por ele, para que ao final seja retornado a prática social. Saviani



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



(2016) esclarece dizendo que a pedagogia histórico-crítica é entendida como mediadora da prática social global.

Sabe-se que a escola tem um papel importantíssimo na formação da criança, e que desde a na Educação Infantil fica claro o desejo da criança em conhecer os fenômenos que as cercam diante de suas manifestações, principalmente, em coisas desconhecidas. Sendo o jogo uma invenção do homem, um ato de intencional de representações de ações e reações da realidade, que resultam na forma criativa e imaginária de modificar a situação presente, se constitui como um importante instrumento para contribuir para o desenvolvimento infantil. “O jogo apresenta-se como elemento básico para a mudança das necessidades e da consciência”. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.46). O jogo possibilita uma liberdade de ação e invenção e o que parece ser difícil, torna-se fácil através dele, são essenciais para o desenvolvimento da criança proporcionando simulações lúdicas da realidade.

Para ampliar esta análise da realidade é necessário desde a Educação Infantil preparar os sujeitos do campo num contexto educativo que favoreça sua formação crítica e consciente das condições históricas e atuais em que está inserido. Porém a literatura revela que a Educação Infantil do Campo é tratada de forma marginalizada. Um exemplo ilustrativo foi o resultado da análise da produção dos trabalhos publicados nos últimos cinco anos (2010 a 2015) no banco de dados da ANPED (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação).

Para melhor selecionar os textos, utilizou-se três palavras-chave (Educação Infantil, Educação do Campo e Jogos e Brincadeiras). Foram encontrados 45 trabalhos com a temática, todos lidos na íntegra, porém, dos 45 encontrados apenas 5 textos que dialogam sobre o tema jogos e brincadeiras no contexto da educação infantil; dentre esses 5 textos, apenas dois da mesma autora dialogam com os jogos e brincadeiras na educação infantil do campo.

No texto a autora explica como é feita a intervenção da professora nas brincadeiras das crianças ribeirinhas em uma escola de educação infantil, numa comunidade da Amazônia.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A brincadeira de faz-de-conta é uma das maneiras que a criança encontra para interagir com seu contexto histórico e cultural e constituir-se como sujeito. Uma criança brinca para tornar-se humana. Para aprender como pensam, falam, agem e sentem os sujeitos de seu grupo cultural e assim tornar-se um deles. No entanto, ao mesmo tempo em que a criança se apoia em sua realidade social, pois extrai as regras para as brincadeiras diretamente da sua cultura, efetua transformações, no plano simbólico, recompondo os significados e ultrapassando as condições concretas impostas pelo real. (TEXEIRA, 2012, 1p.)

Neste sentido a autora reforça a importância do ato de brincar e como o significado da brincadeira de faz-de-conta pode contribuir no processo de formação e conhecimento da criança. Em outro momento a autora traz a relação da cultura e subjetividade nas brincadeiras de faz-de-conta de crianças ribeirinhas da Amazônia.

A brincadeira de faz de conta é um dentre os vários sistemas de relações da criança, que contribui para constantes reconfigurações de sua subjetividade, particularmente, no que se refere à possibilidade de pensar e de agir diante de sua realidade. Ao lidar com parceiros e com vários “eus” ou “eus” fictícios, a criança amplia as concepções sobre si e sobre os outros, experimenta os lugares de “outros” de seu grupo cultural, enriquecendo a sua identidade e desenvolvendo a alteridade. (TEXEIRA, 2013, 3p.)

Desse modo, o texto reafirma a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil, onde a subjetividade da criança se reconfigura nas diversas possibilidades de agir e pensar que a brincadeira oferece. Ela destaca que a brincadeira de faz-de-conta se faz presente no processo pedagógico, onde é observado a organização do ambiente da educação infantil de modo a favorecer o acontecimento das brincadeiras. Teixeira (2012) apresenta quatro formas diferentes em que a professora utiliza para efetuar tal organização: Organização do espaço; Organização do tempo; Organização dos grupos e Organização dos brinquedos ou outros materiais para as crianças brincarem. Diante disso, a autora identifica como a professora organiza sua prática pedagógica nas brincadeiras de faz-de-contas que intervém diretamente no processo de construção de significados e utiliza a brincadeira como um instrumento para o ensino de um determinado conteúdo disciplinar.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Considerando que a brincadeira de faz de conta é uma atividade típica das crianças pré-escolares, é plausível afirmar que ao participarem de espaços coletivos de educação infância, elas também, certamente, brincarão nesses contextos. No entanto, brincar na escola não é a mesma coisa que brincar em casa. Na escola tem a presença de um currículo, de objetivos educacionais, de outras crianças e de um adulto com uma formação profissional específica para educar as crianças - o professor ou professora. Esses aspectos legitimam a importância de se estudar as brincadeiras de faz de conta que ocorrem no cotidiano de turmas de Educação Infantil. (TEXEIRA, 2013, 7p.)

O brincar é um dos tópicos presente no documento BRASIL(1998), Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) pois é a partir do brincar que a criança irá desenvolver a sua identidade e sua autonomia. Uma das brincadeiras apontadas pelo RCNEI é o faz-de-contas, onde, a partir dele a criança irá representar papéis sociais, estabelecer interação com outras crianças, e conseqüentemente reconhecer o seu eu enquanto sujeito gestor das ações e reações de sua imaginação.

Brincar constitui-se, dessa forma, em uma atividade interna das crianças, baseada no desenvolvimento da imaginação e na interpretação da realidade, sem ser ilusão ou mentira. Também tornam-se autoras de seus papéis, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo pensar e solucionar problemas de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata. (BRASIL, 1998, p.23)

Ainda segundo o RCNEI, o brincar é um ato que se desenvolve no campo da imaginação, ou seja, a criança que brinca é preciso que conte com o domínio da linguagem simbólica. Diante disso, na brincadeiras de representações de papéis ou de faz-de-contas, é preciso haver uma consciência da criança na diferença existente entre a brincadeira e a realidade imediata que o concedeu conteúdo para realizar/representar tal brincadeira de sua imaginação.

Nesse sentido, para brincar é preciso apropriar-se de elementos da realidade imediata de tal forma a atribuir-lhes novos significados. Essa peculiaridade da brincadeira ocorre por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada. (BRASIL, 1998, p. 27)





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Dialogando também com outros autores e analisado que na infância a criança vê o mundo de uma forma sincrética, onde a realidade ainda é confusa. Assim, é neste momento que o professor deve fazer a mediação com o aluno.

O primeiro ciclo vai da pré-escola até a 3ª série. É o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade. Nele o aluno encontra-se no momento da síncrese. Tem uma visão sincrética da realidade. Os dados aparecem (são identificados) de forma difusa, misturados. Cabe à escola, particularmente ao professor, organizar a identificação desses dados constatados e descritos pelo aluno para que ele possa formar sistemas, encontrar as relações entre as coisas, identificando as semelhanças e as diferenças. Nesse ciclo o aluno se encontra no momento da "experiência sensível", onde prevalecem as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento. O aluno dá um salto qualitativo nesse ciclo quando começa a categorizar os objetos, classificá-los e associá-los (COLETIVO DE AUTORES, 1992p. 23)

O jogo como conteúdo da Educação Física, é necessário ser trabalhado na escola, tendo como premissa não ser negado esse saber aos alunos como acervo da cultura corporal e portador do conhecimento acumulado historicamente pelo homem. Os conteúdos são conhecimentos necessários à apreensão do desenvolvimento sócio-histórico das próprias atividades corporais e à explicitação das suas significações objetivas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 43)

Além disso, o documento (BRASIL, 1997) os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para a Educação Física estabelece que os jogos são um dos conteúdos da cultura corporal e que devem se fazer presente na proposta pedagógica da Educação Física Escolar, definindo jogo como:

Os jogos podem ter uma flexibilidade maior nas regulamentações, que são adaptadas em função das condições de espaço e material disponíveis. (...) Incluem-se entre os jogos as brincadeiras regionais, os jogos de salão, de mesa, de tabuleiro, de rua e as brincadeiras infantis de modo geral. (BRASIL, 1997, p.49)

Além das visíveis contribuições que os jogos e brincadeiras trazem para o desenvolvimento integral da criança, Darido e Rangel (2008) apresentam como um dos conteúdos mais acessíveis e com maiores facilidades de aplicação por algumas razões. Dentre elas os autores defendem que os jogos e brincadeiras são conhecidas pelas crianças; não exigem espaço ou material



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



aprimorado; flexibilidade nas regras; podem ser praticados em qualquer faixa etária e são divertidos e agradável para seus participantes. Assim, desenvolvem na criança a percepção cognitiva e corporal concomitantemente pois, a criança passa a lidar e ter domínio do próprio corpo, começa a entender o limite do próprio espaço ao jogar com o outro, a entender que o outro também tem que ter o seu espaço respeitado. É o que há de mais natural na essência da criança, permitindo que ela cresça e se desenvolva sem perder o tato de se imaginar dentro de uma realidade muito maior

Na escola investigada, tem dois professores de Educação Física que atuam durante a reserva de carga horária dos professores de acordo com o que estabelece a Portaria 09/2017 (FEIRA DE SANTANA, 2017). Para tanto a LDB 9394/96 no parágrafo 3º, do artigo 26, institui que a Educação Física, integrada a proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica (BRASIL, 1996). Os jogos e brincadeiras são trabalhados sistematicamente, com dia e carga horárias reservados para tal proposta, o professor A esclarece que sua atividade é como professor reserva de carga horária, estabelecidos na Portaria 09/2017, e como tal é feita uma vez por semana, e que em sua aula gosta de dedicar pelo menos uma hora para trabalhar com jogos e brincadeiras. Já para o professor B, em especial para o grupo 05 no qual ele trabalha, a aula é totalmente dedicada para jogos e brincadeiras.

Percebeu-se nas falas dos professores A e B que utilizam estratégias metodológicas diferentes, um desenvolve suas aulas mais voltadas para a questão motora, já o outro voltado mais para questão da interatividade, utilizando-se dos jogos e brincadeiras. Além disso, o professor B ressalta que além das atividades diárias, desenvolve projetos na escola voltados para a valorização do distrito. Não se trata apenas do conteúdo específico da Educação Física, mas a valorização da identidade das crianças do campo, como por exemplo o projeto “Feira quero te ver” e o “Horta escolar.” Também foi questionado se trabalha com jogos e brincadeiras nas suas aulas e como organiza, o professor A diz que trabalha muito, pois os jogos e brincadeiras traz



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



muito desenvolvimento às crianças, além de acalmá-los. Já o professor B, diz que antes de iniciar a aula apresenta o conteúdo, mostra aos alunos, esclarecendo o objetivo da brincadeira. Darido e Rangel (2005) e o Coletivo de Autores (1992) compartilham da mesma ideia, que os jogos e brincadeiras são vistos como sinônimos, compreendidos indistintamente. O jogo possui uma liberdade de ação e invenção, o que parece ser difícil torna-se fácil através do jogo. Defendem que os jogos e brincadeiras são essenciais para o desenvolvimento da criança.

Não é apenas trabalhar com jogos e brincadeiras sem intencionalidade é importante desenvolver nos alunos a consciência crítica a respeito do que está sendo apresentado na aula, para que o aluno entenda o porquê de tal atividade, qual o objetivo e como pode resolver tais jogos e brincadeiras, desenvolvendo o raciocínio lógico, a autonomia, criticidade, criatividade, responsabilidade, interação e cooperação.

Segundo Friedmann (1996) o jogo é mais que o simples ato de brincar. Através dele a criança se comunica com o mundo e também está se expressando. Nesse sentido a importância do jogo vai para além do simples ato do brincar por brincar, e sim, através do jogo observar as comunicações das crianças expressando a realidade por eles observada nesse momento do brincar. Ainda, segundo Friedmann(1996), a educação deve instrumentalizar as crianças de forma a tornar possível a construção de sua autonomia, criticidade, criatividade, responsabilidade e cooperação.

Portanto, os jogos e brincadeiras contribuem significativamente para o desenvolvimento da criança e sua inserção na vida social. Transmitem cultura, história, desenvolvem habilidades motoras complexas. Vistos como sinônimos, os jogos e brincadeiras contribuem para a criança desenvolver a sua identidade e sua autonomia, além de os jogos e brincadeiras são conhecidas pelas crianças, não exigem espaço ou material aprimorado; flexibilidade nas regras; podem ser praticados em qualquer faixa etária, podem representar papéis sociais, estabelece relações com outras crianças que é o princípio da interação.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Conclusão

Diante do exposto, ficou evidente que ainda existe a necessidade em pesquisar e discutir sobre os jogos e brincadeiras na Educação Infantil do Campo e sobre a presença do professor de Educação Física no ambiente escolar para trabalhar seu conteúdo, pois a produção na literatura sobre a temática é limitada. Os achados do estudo durante a revisão/levantamento bibliográfico revelam que a utilização dos jogos e brincadeiras nas aulas da Educação Infantil do Campo contribuem para o desenvolvimento, aprendizagem, valorização dos saberes e culturas das crianças camponesas.

Na escola pesquisada os jogos e brincadeiras são trabalhados como estratégia metodológica e como conteúdo presente nas aulas de Educação Física. Os jogos e brincadeiras são trabalhados de formas sistemáticas e os professores compreendem a importância do conteúdo para o desenvolvimento integral da criança.

Nesse sentido, o estudo evidenciou que a Educação Física pode desenvolver /ajudar as crianças a aproveitarem a infância, os jogos e brincadeiras são muito importantes e por isso precisam ser trabalhados na Educação Infantil de forma regular e sistemática, sabendo que o mesmo desenvolve na criança habilidades de raciocínio rápido, autonomia, criticidade, criatividade, responsabilidade e cooperação. Tal estratégia possibilita que as crianças se desenvolvam através das relações que elas mesmas vão estabelecer com os diferentes objetos, ambientes e sujeitos ali presentes.

## Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. e LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

BRASIL. **Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm) Acesso em: 05. maio.2018.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**/Secretaria de Educação. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. MEC/CNE/CEB. Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009.

Institui **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**.

Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/index//.pdf12992:diretriz-paraeducacaobasica>: Acesso em: 10/03/2017

CALDART, R. S. **Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso**. Trab.Educ.Saúde,Rio de Janeiro,v.7 n.1,p.35-64,mar./jun.2009

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. São Paulo. Guanabara Koogan, 2005

FEIRA DE SANTANA. A SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE FEIRA DE SANTANA. Portaria 09/2017. Feira de Santana, 24 de Abril de 2017. Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/seduc/arg/portaria032016.pdf> > Acesso em: 17 de dez. de 2017.

FRIEDMANN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender - O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Editora Moderna, 1996

SAVIANI, Demerval. A Pedagogia Histórico-Crítica na Educação do Campo. In: **Pedagogia histórico-crítica e educação no campo: história, desafios e perspectivas atuais**. São Carlos: Pedro & João Editores e Navegando, 2016. 305p

SILVA, Eduardo Jorge Souza da. A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 26, n.3, maio 2005.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. A relação cultura e subjetividade nas brincadeiras de faz de conta de crianças ribeirinhas da Amazônia. . In **Anais da 36ª Reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação 2013**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sobre-anped> . Acesso em: 15 de Novembro de 2016.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## O PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE: OLHAR DE BOLSISTAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

**Patrícia da Silva Silveira**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[silveira.patricia1518@gmail.com](mailto:silveira.patricia1518@gmail.com)

**Leane Liny dos Santos Lima**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[leanelife@hotmail.com](mailto:leanelife@hotmail.com)

**Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[renataadrianuneb@hotmail.com](mailto:renataadrianuneb@hotmail.com)

### Resumo:

O presente estudo surge de vivências de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e aborda sobre a relevância do Projeto Político-Pedagógico (PPP) de uma instituição pública de Educação Infantil na atuação docente. Justifica-se no eixo Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico por apresentar relatos de experiência das bolsistas com o currículo norteador da instituição e a influência deste na atuação docente. Proporciona diálogos sobre a importância de contextualizar o PPP de uma instituição com a prática docente. Tem como questão norteadora: como o Projeto Político-Pedagógico influencia a atuação docente? Objetiva, então, compreender como o Projeto Político-Pedagógico pode influenciar nas práticas pedagógicas realizadas pelo docente em sala de aula. Além disso, tem por objetivos específicos conhecer o processo de elaboração do PPP de uma creche municipal, identificar os projetos contidos no PPP que estão sendo executados em sala de aula e contextualizar a influência do PPP na atuação docente. Os caminhos metodológicos percorridos levaram a uma abordagem de pesquisa qualitativa, e, como técnicas de coleta de dados, a observação participante, a análise documental e a entrevista semiestruturada. Fundamenta-se em Leão (1999), Thomazi e Azinelli (2009), Scarinci e Pacca (2015) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Conclui-se pontuando perspectivas das bolsistas sobre a relevância do PIBID e as constatações sobre a influência do PPP na atuação docente.

**Palavras-chave:** Projeto Político-Pedagógico. Educação Infantil. Docência.

### Considerações iniciais

Este estudo surge das vivências e análises das bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – (PIBID), numa creche da rede pública do município de Serrinha-BA, na fase diagnóstica do subprojeto do Curso de Pedagogia do Departamento de Educação Campus XI – Serrinha, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), articulado com o núcleo Educação e





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Infância, intitulado: “Práticas Pedagógicas Lúdicas na Educação Infantil e Suas Contribuições Para o Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança” a partir de uma pesquisa orientada pelas coordenadoras<sup>18</sup> de área e respaldada pela supervisora. O PIBID é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e tem por objetivo fomentar a formação inicial e continuada de profissionais do magistério básico, numa articulação entre as Instituições de Ensino Superior públicas e privadas e os espaços escolares de educação básica.

E, objetiva desenvolver ações para formação qualificada dos estudantes bolsistas de iniciação à docência e constituição de saberes pedagógicos específicos da Educação Infantil, considerando a relação dialética entre os aportes teóricos e metodológicos que resultam na atuação interdisciplinar, criativa e lúdica do professor em sala de aula e dos futuros pedagogos.

Quanto à pesquisa desenvolvida, consiste na primeira fase do subprojeto definida como diagnóstica e descritiva, pois descreve o campo empírico, as ações, perspectivas e relações dos sujeitos na creche, as informações encontradas nos documentos que planejam e organizam as práticas pedagógicas da instituição e como estes fatores se relacionam.

No âmbito do embasamento teórico, buscamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDB) nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que sobre esta abordagem estabelece a relevância do planejamento dos estabelecimentos de ensino no que tange a abordagem da prática pedagógica da instituição. Assim, o Projeto Político Pedagógico de uma instituição tem como intuito ser um contextualizador entre a realidade histórica, social e cultural e as práticas pedagógicas exercidas no âmbito escolar.

Quanto ao eixo do IX Seminário que percebemos dialogar com este nosso trabalho é o Eixo 2: Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico por contemplar relatos de experiência das bolsistas com o currículo norteador

---

<sup>18</sup> Professora Mestre Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos – coordenadora Efetiva do Subprojeto e professora Mestre Claudene Ferreira Mendes Rios – coordenadora Voluntária.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



da instituição e a influência deste na atuação docente. Além de proporcionar diálogos sobre a importância de contextualizar o PPP de uma instituição com a prática docente.

Neste contexto, a questão norteadora formulada foi: como o Projeto Político-Pedagógico influencia a atuação docente? Para compreender como o Projeto Político-Pedagógico pode influenciar nas práticas pedagógicas realizadas pelo docente em sala de aula como objetivo geral e, conhecer o processo de elaboração do Projeto Político-Pedagógico (PPP) de uma creche municipal, identificar os projetos contidos no PPP que estão sendo executados em sala de aula, e contextualizar a influência do PPP na atuação docente, como objetivos específicos.

Os caminhos metodológicos percorridos nesta fase do Subprojeto levaram a uma abordagem de pesquisa qualitativa, pois, busca direcionar o olhar tanto para as causas como consequências do objeto de estudo. Para que isto ocorra, como afirma Lüdke e André (2014), “é preciso promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico construído a respeito dele”.

Logo, este confronto acontece quando o pesquisador compreende as subjetividades dos sujeitos e as informações presentes no campo empírico a ser estudado e dialoga com os teóricos estudados para alcançar os objetivos trilhados no estudo.

Como técnicas para coleta de informações utilizou-se a observação participante, a análise documental e a entrevista estruturada por notarmos que esta tríade nos possibilitaria destrinchar/desvelar qualquer dúvida enfrentada ao longo do percurso do estudo.

O campo empírico deste estudo foi uma creche municipal em Serrinha-BA, onde a supervisora com graduação em Pedagogia com Habilitação em séries iniciais e especialização em Educação Infantil e 8 anos de atuação na docência, dos quais 6 anos na Educação Infantil foi o nosso sujeito pesquisado. Sua turma é composta por 15 estudantes com faixa etária de 2 a 3 anos. A professora conta com uma professora auxiliar em sua atuação na sala de aula.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Quanto a fundamentação, destacamos: Leão (1999), Thomazi e Azinelli (2009), Scarinci e Pacca (2015) e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

O estudo encontra-se dividido por esta parte introdutória, seguida pela relevância da metodologia trilhada; depois a abordagem do histórico da instituição; posteriormente, as informações colhidas sobre a estrutura física da creche. Seguimos com relatos sobre a relação família, escola e comunidade encontrada no Projeto Político da instituição; com análise dos documentos entrelaçando com o testemunho da supervisora; apontamos a perspectiva das bolsistas sobre a prática da supervisora em sala de aula; e finalizamos com as percepções das bolsistas no que tange a relevância dos achados na formação acadêmica enquanto futuras pedagogas.

## **Caminhos trilhados**

Fizemos uso da pesquisa qualitativa por proporcionar ao pesquisador a interpretação do objeto de estudo considerando as influências do contexto social, histórico e cultural na constituição das subjetividades. Segundo Filho e Gamboa (2009, p. 14), uma compreensão interpretativa do objeto de pesquisa. Portanto, o método escolhido adequa-se às demandas do presente estudo.

Inicialmente, utilizamos da observação participante entre 27 de setembro e 21 de agosto de 2018 no turno matutino, na qual consideramos a escola e seus aspectos físicos e organizacionais, e, em seguida, o âmbito da sala de aula e a relação entre a supervisora e sua turma. Compreendendo, assim, como se dão as relações interpessoais e o cotidiano de uma instituição municipal de Educação Infantil em Serrinha-BA.

Sobre a técnica de observação participante, Gil (2008, p. 103) nos diz que “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”. Logo, pode-se inferir que, quando se insere no grupo a ser estudado, o pesquisador apreende os significados ao



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



aproximar-se do cotidiano dos sujeitos, ao mesmo tempo, que mantém os objetivos que norteiam seus estudos.

Posteriormente, realizamos a análise do Projeto Político-Pedagógico da creche entre os dias 10 e 13 de setembro de 2018. A respeito da análise documental, Lüdke e André pontuam:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LUDKE; ANDRÉ, 2014, p. 41)

Pode-se compreender, então, que os documentos fundamentam as ações e declarações dos sujeitos da pesquisa ao modo que revelam as concepções de práticas pedagógicas efetivadas na creche. Além de possibilitar ao pesquisador contrastar o contexto de formulação dos documentos e a atual realidade do espaço empírico e as relações dos sujeitos.

Por fim, fizemos uso da entrevista com autorização prévia e permissão para a divulgação do nome do sujeito, a professora e supervisora, no dia 18 de setembro de 2018 no hall de entrada do Departamento de Educação Campus XI - Serrinha da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Percebemos a relevância dos testemunhos da supervisora, pois “permite correções, esclarecimentos e adaptações que a tornam sobremaneira eficaz na obtenção das informações desejadas”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 40). Nesta perspectiva, esta técnica nos permitiu ter conhecimento da identidade e perspectiva do sujeito sobre os acontecimentos e ações no campo empírico estudado, como também a realização do contraste entre o que consta nos documentos que norteiam a organização pedagógica da instituição, a ação do sujeito e sua percepção sobre esta ação.

Utilizamos da entrevista estruturada como técnica por apresentar um roteiro fixo com poucas variáveis. Gil (2018) aponta que uma das vantagens desta modalidade de entrevista é a rapidez na obtenção de respostas. Diante



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



disso, a entrevista estruturada possibilitou às pesquisadoras respostas objetivas para análise posterior.

## **Análise do Projeto Político Pedagógico da creche**

O Projeto Pedagógico é de 2016, mas sua elaboração começou a ser construída em julho de 2015, a partir de inquietações das professoras e auxiliares que exerciam suas funções dentro daquela instituição. Foi elaborado com o auxílio dos funcionários que compunham o quadro de trabalho do local, e dos órgãos responsáveis com o intuito de analisar e diagnosticar a comunidade que compõem seu interior. Esse movimento se fez necessário para definir a ação que seria traçada dentro da creche, para assim nortear os trabalhos e as estratégias nos segmentos que eram necessários adotar um olhar específico.

Apresenta a trajetória histórica da instituição, as características estruturais, administrativas e pedagógicas, problemas e prioridades, concepções e definições de educação, educação infantil, infância e criança, missão, visão, valores, objetivos, dez metas, plano de ação e dados dos funcionários.

Tem como concepção de Infância uma fase de descobertas, de Criança como protagonista e sujeito histórico, cultural e social, seguindo, assim, uma Pedagogia Construtivista, na qual:

[...] a educação deve possibilitar à criança o desenvolvimento amplo e dinâmico desde o período sensório-motor até o período operatório abstrato. A escola deve levar em consideração os esquemas de assimilação da criança e partir deles. Deve favorecer a realização de atividades desafiadoras que provoquem desequilíbrio (“conflitos cognitivos”) e reequilibrações sucessivas, para que promovam a descoberta e a construção do conhecimento. (LEÃO, 1999, p. 201)

Seguindo a perspectiva da autora sobre a Pedagogia Construtivista e relacionando com o PP, durante o período da Educação Infantil, atividades problematizadoras que promovam o desequilíbrio devem ser realizadas para favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, considerando-a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



como um sujeito integral. No que tange o Projeto Pedagógico da creche, a professora revela sua importância e influência:

O PPP é o alicerce da escola, porque, sem o PPP, nós não temos um direcionamento, pois é nele que está escrito onde a gente quer chegar para com nossos alunos, então influencia em toda a nossa prática, por que nós planejamos de acordo com o que está lá. (SUPERVISORA, 2018)

Corroborando com esta afirmação da professora, a LDB n° 9.394/96 em seu Art. 12, parágrafo I, estabelece que os estabelecimentos de ensino têm a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica. Neste viés, é imprescindível este planejamento e organização da instituição para constituir a identidade da creche e dos objetivos das práticas pedagógicas desenvolvidas.

Pontuamos que este não foi elaborado com participação da família e da comunidade, não aborda sobre gênero e sexualidade, afirma não existir diretora na instituição e apresenta contradições no que tange a acessibilidade, pois, difere da realidade observada pelas bolsistas na instituição, no que se refere ao espaço físico da instituição e as melhorias pontuadas no documento. Portanto,

A ação de planejar ultrapassa o planejamento propriamente dito, pois implica as relações de poder que se estabelecem entre os atores da instituição escolar. O planejamento ao mesmo tempo reflete e interfere nas relações entre: direção, supervisão, professores, além dos alunos e de suas famílias. (THOMAZI; AZINELLI, 2009, p. 182)

Neste viés, o PP, enquanto instrumento contextualizador e curricular, reflete intrinsecamente a hierarquização das relações dos sujeitos inseridos na escola, mas promover o diálogo entre estes sujeitos é o caminho para promover a aproximação, o protagonismo e, conseqüentemente, a efetivação de uma escola significativa para os docentes, gestores, familiares e comunidade.

## **A relação do Projeto Político-Pedagógico e a atuação docente**





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



No dia 21 de setembro de 2018, após o cancelamento da aula no dia anterior, executamos a observação participante, notamos que houve uma redução significativa da quantidade de alunos: de quinze matriculados na turma, compareceram apenas oito crianças.

Durante a acolhida, percebemos que a proposta de rotina elaborada pela coordenadora pedagógica e que foi entregue a professora não foi realizada. A atividade que ocorreu foi o brincar livre.

Na primeira abordagem de conteúdos, a professora retomou a história “A princesa e o sapo” retirando os personagens confeccionados em emborrachado de dentro de uma lata ornamentada. Questionando as crianças sobre o roteiro da história, pois estes já tinham conhecimento da mesma. Posteriormente, realizou-se a atividade de colagem de emborrachado dourado na bola, relacionando-se com a história contada pela professora.

No que tange a contação de história realizada nos dois dias de observação em sala, faz parte do projeto de leitura realizado pela instituição, segundo fala da professora:

Nós normalmente desenvolvemos um projeto piloto todo ano que, está relacionado a questão da leitura e escrita por entender que a leitura e a escrita são os principais eixos para, principalmente, as turmas do pré, na creche nem tanto. Eu creio que um dos principais eixos é trabalhado com a criança na creche acredito que a questão mesmo é brincar e aprender, mas a sociedade, como exemplo dos pais, que querem de fato que a criança aprenda logo a ler e a escrever, mas a gente vai assim devagarinho. E um dos projetos que a gente tem várias experiências é o projeto de leitura, uns contos clássicos, todo ano a gente faz esse projeto, e é um projeto muito bom, as crianças se encantam e internalizam as histórias, contam aos pais, os pais falam para a gente como foi. Então assim é gratificante, e além desses nós trabalhamos a questão de outros trabalhos também na creche além dos conteúdos programáticos, também trabalhamos com projetos menores além desse projeto piloto. (SUPERVISORA, 2018)

O projeto de leitura citado pela professora é expresso como meta no PPP da creche e é o que está sendo efetivado. Tal projeto de leitura tem recebido um retorno significativo dos familiares porque as crianças conseguem assimilar o que tem sido apresentado a eles em sala de aula. Porém, pontua-se sobre a exigência dos familiares no que tange a alfabetização. Isso demonstra



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



uma necessidade de abordagem e conscientização da creche com os pais sobre as habilidades que de fato devem ser trabalhadas na Educação Infantil.

Contudo, outras propostas de projetos são citadas no PPP tendo como temáticas a saúde, a reciclagem, a preservação ambiental, a valorização da cultura local e a aproximação escola e família, que podem ser colocados em prática ou alternados em anos letivos. Não identificamos propostas de projetos voltadas a temática de sexualidade e violência. Carece, então, analisar como e quando estas propostas de projetos podem ser efetivadas pela instituição de ensino. Neste ponto, o planejar torna-se imprescindível para o bom andamento das aulas. No que diz respeito ao planejamento da aula, as autoras Scarinci e Pacca abordam que:

O processo pedagógico de planejar refere-se à delimitação de um eixo para o planejamento (um objetivo geral a ser alcançado), à escolha de atividades para direcionar o aprendizado, com a determinação dos objetivos gerais e específicos, e à localização dessas atividades numa sequência pedagógica coerente e orientada para a aprendizagem (PACCA, 1992 *apud* SCARINCI; PACCA, 2015, p. 254).

Logo, planejar vai além de uma receita pronta. É um ato que exige do professor, além do domínio técnico, conhecimento sobre os processos que levam seus alunos a alcançarem a aprendizagem de determinado conteúdo para realizar uma transposição didática<sup>19</sup> significativa de acordo às subjetividades encontradas na sala de aula.

## Considerações finais

A partir das situações vivenciadas pelas bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na instituição municipal de Educação Infantil em Serrinha - BA, percebemos a Educação Infantil com um novo olhar e aguçamos nossa sensibilidade em relação à atuação do

---

<sup>19</sup> A noção de transposição didática estuda a seleção que ocorre através de uma extensa rede de influências, envolvendo diversos segmentos do sistema educacional. Segundo Ives Chevallard (1991, *apud* PAIS, 2001, p. 19), “um conteúdo do conhecimento, tendo sido designado como saber a ensinar, sofre então um conjunto de transformações adaptativas que vão torna-lo apto a tomar lugar entre os objetos de ensino. O trabalho que, de um objeto de saber a ensinar faz um objeto de ensino, é chamado de transposição didática”.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



pedagogo na creche enquanto docente e as influências da infraestrutura da instituição na prática pedagógica e na inter-relação dos sujeitos.

Através dessa inserção no âmbito escolar possibilitada pelo Subprojeto articulado com o PIPB, podemos relacionar teoria e prática e enxergar a Educação Infantil como um nível de ensino em potencial, à medida que identificamos as peculiaridades vivenciadas em sala de aula e o currículo da instituição materializado no PPP com mais sensibilidade para desenvolver ações significativas com ênfase no desenvolvimento e na aprendizagem da turma.

Diante do exposto, notamos que o PPP de uma instituição considera os fatores de constituição física do espaço, as concepções de criança, infância e educação como também da prática pedagógica da atuação docente. No que tange a esta última, o PPP possibilita tanto a gestão como uma percepção dos caminhos que o docente deve procurar percorrer para uma significativa atuação pedagógica.

Por fim, cabe à instituição estudada analisar as demais propostas de projetos pontuadas pelo PPP e avaliar a necessidade de inserção de outros e sua efetiva execução. Logo, o Projeto Político-Pedagógico é um instrumento em potencial e cabe ao docente e a instituição compreender a sua relevância para uma aprendizagem e desenvolvimento significativos dos sujeitos inseridos no âmbito escolar.

## Referências

BRASIL. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 dez 1996.

CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL PEQUENO GÊNIO. **Projeto Pedagógico**. Serrinha: Centro Municipal de Educação Infantil Pequeno Gênio, 2016.

FILHO, J. C. dos S.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S. A., 2008.

LEÃO, D. M. M. Paradigmas contemporâneos de Educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, nº 107, julho/1999. p. 187-206.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: E. P. U., 2014.

PAIS, Luiz Carlos. **Didática da matemática**: uma análise de influência francesa. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2001.

[PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência](#). Fundação CAPES, Ministério da Educação, 20 jul. 2018. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 21 set. 2018.

SCARINCI, A. L.; PACCA, J. L. A. O planejamento do ensino em um programa de desenvolvimento profissional docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.3, n.02, Abr/Jun, 2015. p. 253-279

THOMAZI, A. R. G.; AZINELLI, T. M. T. Prática docente: considerações sobre o planejamento das atividades pedagógicas. **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 181-195, editora UFPR, 2009.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A GESTÃO DO PATRIMÔNIO PÚBLICO UNIVERSITÁRIO

**Tainá das Mercês Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia

[tainamercês@hotmail.com](mailto:tainamercês@hotmail.com)

### **Resumo:**

Este artigo tem por finalidade demonstrar os resultados do projeto de extensão Conservação do patrimônio público com a participação da comunidade acadêmica desenvolvido por uma técnica de nível superior que atua na coordenação administrativa com o apoio de monitores voluntários e também da pesquisa sobre educação patrimonial desenvolvido em uma Universidade pública. Para fundamentar esse projeto foram necessárias pesquisas bibliográficas sobre projeto de extensão e patrimônio público. A pesquisa foi norteada pela seguinte pergunta: existe dano ao patrimônio público da Universidade? A metodologia usada foi exploratória, explicativa, qualitativa e quantitativa. Foi realizado um estudo de caso e foram realizadas visitas em sala de aula e aplicação de questionários com os estudantes do departamento. Espera-se que uma Universidade Pública não contenha danos causados ao patrimônio, pois se compreende que o cidadão educado não cometerá danos, no entanto, foram comprovados danos causados ao patrimônio universitário e registrados em fotografias. No contexto de contingenciamento, com a redução do repasse do orçamento, faz-se necessário pensar em maneiras de reduzir os custos com processos de reformas e aquisições quando a causa for de mau uso dos bens. A gestão dos recursos financeiros é de suma importância para o funcionamento das atividades administrativas e finalísticas principalmente na atual conjuntura de crise.

**Palavras-chave:** Educação Patrimonial. Patrimônio Público. Gestão Pública

### **Introdução**

O patrimônio viabiliza o cumprimento de atividades administrativas e finalísticas da Universidade pública. A partir dos processos orçamentários e financeiros a gestão, com responsabilidade e planejamento, prioriza os recursos para aquisição de bens e manutenções de acordo com as demandas e as necessidades. Desta forma é imprescindível o cuidado e o zelo com o patrimônio público.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Patrimônio público é o conjunto dos bens e direitos de valor econômico, artístico, estético, histórico, arqueológico ou turístico, ou ainda de caráter ambiental. Esses interesses compreendidos na noção de patrimônio público podem ser defendidos em juízo tanto pelo próprio Estado, como pelo cidadão ou pelo Ministério Público. (MAZZILLI, 2001, p.153)

A partir de projeto de extensão é possível que estudantes participem de forma ativa na construção de idéias para redução aos danos do patrimônio e permite a visibilidade pela comunidade acadêmica da importância de preservar e conservar o bem público.

O objetivo geral do projeto de extensão Conservação do patrimônio público com a participação da comunidade acadêmica foi o de criar ações de intervenção e conscientização para que toda a comunidade acadêmica compreenda a respeito da importância da conservação do patrimônio público e participem de forma ativa nesse processo. Os objetivos específicos foram: reduzir os custos com a manutenção e reformas dos bens da Universidade causados por mau uso a partir da conscientização e da participação da comunidade acadêmica nesse processo. Conhecimento dos processos administrativos pela comunidade acadêmica para compreender as dificuldades de recursos para conseguir realizar a aquisição dos bens. Conscientizar a comunidade acadêmica para reduzir o retrabalho por parte da equipe de limpeza, propor um ambiente limpo e conservado para o bem-estar de todos.

O que se espera desse projeto de extensão é a redução da destruição ou depredação do patrimônio público a partir da conscientização da comunidade acadêmica. A partir de ações que desenvolva ao cidadão o aprendizado dos processos para aquisição de bens, noção de custos com reparos de bens e a diminuição deles, respeito aos funcionários da limpeza ao saber das funções deles, maior preocupação pela comunidade acadêmica com os bens existentes e a sua conservação, pois outros indivíduos também necessitarão usar no futuro, sinalização ao setor responsável pelo patrimônio ou aos responsáveis a qualquer sinal de anormalidade sobre os bens, conscientização dos métodos de uso dos equipamentos aos usuários.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (BRASIL, LDBEN, 1996, art. 1º).

## Patrimônio público

A gestão do patrimônio acontece com bastante cuidado, para isso os órgãos públicos preocupam-se em criar manuais que contenham as normas e procedimentos para suprir os objetivos dos processos de aquisição, guarda e controle de material e patrimônio, disciplinando as ações.

O patrimônio público pode ser conceituado como conjuntos de bens, dinheiro, valores, direitos (inclusive morais) e créditos pertencentes aos entes públicos (União, Estados, Distrito Federal e Municípios), através da administração direta ou indireta e fundacional cuja conservação seja de interesse público e difuso, estando não só os administradores, como também os administrados, vinculados a sua proteção e defesa. Tais elementos, mesmo sob a posse de particular, nunca perderão a qualidade de domínio público dada sua origem: o ente público. Sempre lembrando que os bens públicos podem ter, ainda, natureza artística, histórica, estética e turística. (MARTINS, 2010, p.388)

O controle patrimonial necessita da colaboração de todos os envolvidos no ambiente da Universidade. Na Universidade do Estado da Bahia existem as pessoas responsáveis e competentes para determinadas funções patrimoniais:

A SUMAPA- Subgerência de Material e Patrimônio é responsável pelas atividades de acompanhamento das aquisições, emissão da AFM- Autorização de Fornecimento de Materiais, baixa das notas fiscais junto ao SIMPAS, lançamento de bens móveis e atualização do SIAP- Sistema de Administração de Bens Móveis, recepção, guarda, distribuição de material, cadastro, registro, controle e movimentação dos bens móveis da UNEB. (MANUAL DE PROCEDIMENTOS UNEB, 2010, p.4)

Falar de educação patrimonial requer compreensão geral de conteúdos. Segundo Castro (2010) a interdisciplinaridade permite entender sobre a educação patrimonial e para uma melhor compreensão é fundamental



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



desmistificar esse assunto e torná-lo parte do currículo. Este conteúdo tem relação com a cidadania que é importante para formação do indivíduo, sendo crucial a conscientização do espaço ao qual pertence. Não é possível garantir que o trabalho de educação patrimonial seja efetivado ainda que existam diversos programas, iniciativas, cartilhas, dentre outros, apesar de ampliar a participação dos cidadãos, pois depende da adesão dos professores que podem ou não se utilizar dos programas e demais sugestões a eles apresentados.

Segundo Martins (2010) o acervo do patrimônio público é formado por bens, créditos, valores, dinheiros e direitos que pertencem aos órgãos da Administração Pública, assim como pela moralidade, sendo necessária a sua defesa e proteção. Estas ações colaboram na inclusão social.

Para a conservação do patrimônio ser efetiva é crucial o apoio de todos nesse processo. Sendo de fundamental importância que o cidadão saiba sobre as leis referentes aos danos causados ao patrimônio público.

Ato lesivo não é somente aquele que causa prejuízo ao erário público, mas, todo aquele que ofende os princípios da Administração. Em sendo assim, para se atacar um ato, não é mais necessária a comprovação de perda monetária, bastando a simples ofensa a um dos princípios que regem a coisa pública. (LIMBERGER, 1988, p. 52)

Segundo Mazzilli (2001) cabe ao ente da Administração Pública (Federal, Estadual ou Municipal) ser responsável pela construção, manutenção e conservação da Escola Pública. Sendo a responsabilidade gestores, professores, alunos, funcionários e toda a comunidade que utiliza os serviços públicos - a responsabilidade de preservar o bem público.

A Lei 2.848/40 do Código Penal Brasileiro reza, pelo artigo 163, que: destruir, inutilizar ou deteriorar coisa alheia, gera pena de detenção de um a seis meses, ou multa. Entretanto, pelo parágrafo único – Se o crime é cometido: III - contra o Patrimônio da União, Estado ou Município, a pena de detenção, será de seis meses a três anos, e multa (ALEXANDRINO, 2008, p. 49).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Projeto de extensão

O projeto de extensão é considerado um dos pilares da Universidade pública. O projeto de extensão possibilita educar e colaborar com a sociedade ao difundir o senso de responsabilidade sobre temas importantes, demonstra o papel do cidadão. Assim como consta na Constituição Federal (1988) que afirma que as Universidades obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O projeto de extensão sobre conservação do patrimônio público tem finalidade de sensibilizar e mobilizar a comunidade acadêmica sobre o tema de educação patrimonial para que todos pudessem refletir e questionar o espaço público como um local de responsabilidade da comunidade acadêmica quanto a sua conservação e reduzir os custos com reparos dos bens que podem ser avaliados como: bom, regular, precário e inservível. Existem situações que o tempo desgasta esse bem ou fluxo de uso. No entanto esse projeto de extensão analisa os bens que se tornaram precários ou inservíveis devido ao mau uso.

Durante a realização do projeto de extensão foram encontrados danos ao patrimônio detectados durante os períodos letivos 2018.1 e 2018.2 no Campus XI tanto em termos de análise dos bens quanto em termos de sujeira no ambiente. Foram identificadas cadeiras riscadas o que torna sujo tendo mais custos com o uso de produtos naquele objeto;

As cadeiras destruídas pelos usuários que sentam no lugar inadequado tornando os bens inservíveis, ou que gera processo de reparo ou aquisição de novas;

Foi possível encontrar chicletes colados nas cadeiras o que gera trabalho extra ao pessoal da limpeza, falta de higiene no ambiente e danifica o material da cadeira na tentativa de retirada;

Riscos e pinturas nas paredes geram mais custos com novas pinturas ou reparos;



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Quadros riscado com pincéis não apropriado sendo necessário serviço para troca da lousa;

Má utilização do elevador com quantidade superior do permitido que irá gerar mais custos com a manutenção não programada em contrato e arranhões no espelho do equipamento que além de dificultar a visualização gera custo com a substituição;

Descargas usadas de forma errada gerando desperdício de água, vazamentos e mais custo com aquisição ou serviço de reparo;

Torneiras abertas sem uso que gera desperdício de água, lixo no chão e nas plantas gera retrabalho do pessoal da limpeza;

Sofás rasgados gera novo processo de reforma ou aquisição de outro;

Desprogramação do ar-condicionado gera impactos nos compressores e pode gerar mais custos nos reparos;

Lâmpadas acesas sem ninguém no ambiente que gera mais custo com energia;

Quebra de persianas que gera novo processo de manutenção;

Quebra de janelas que gera risco a segurança da comunidade acadêmica e para o reparo é necessário processo de manutenção;

Retirada de papéis higiênicos inteiros e absorventes o que gera o desperdício de material e entope os vasos gerando transtornos aos próximos usuários e mais processo de manutenção;

Desperdício de papel toalha o que gera mais custos;

As sujeiras nos banheiros causadas por sacudir as mãos no chão e pisar em seguida o que gera riscos de acidentes por se tornar escorregadio e também desvia o pessoal da limpeza para realizar novamente um trabalho já executado;

Uso errado das fechaduras e perda das chaves de acesso o que gera novo processo de reparo ou aquisição, danificação nos filtros que gera transtornos aos indivíduos que estão no ambiente e gera novo processo de manutenção e retiradas dos fios e tomadas sem prévia autorização o que pode



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ocasionar problemas elétricos ao quebrar ou danificar os fios e necessidade de processo para revisar a situação.

## Metodologia

Os conceitos de patrimônio público foram encontrados a partir da pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2002) a principal vantagem da pesquisa bibliográfica é que permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Os dados foram coletados na Universidade do Estado da Bahia – Campus XI- Serrinha. A escolha do estudo de caso é devida a aproximação com a realidade, sendo possível obter conhecimento sobre o objeto estudado. Assim como afirma Gil (2008) que o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado.

Assim também como diz Yin (2005) que a partir do estudo de caso é possível investigar o contexto da realidade, sendo um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas.

A pesquisa sobre o patrimônio pode ser classificada como: exploratória, explicativa, qualitativa e quantitativa.

Para Rudio (1992) a abordagem qualitativa faz com que o pesquisador procure interpretar os fatos, procurando solução para o problema proposto. Assim para Godoy (1995) que diz que recentemente a pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Segundo Gil (1999), a pesquisa quantitativa abrange a coleta sistemática de informação numérica, geralmente mediante condições de controle, além da análise dessa informação, utilizando métodos estatísticos. Segundo Marconi (1999) e Lakatos (1999) a abordagem quantitativa, tem como a finalidade



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



explorar a realidade e quantificar a magnitude e a distribuição de um evento em uma determinada localidade, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-los e interpretá-los.

Gil (1999) diz que a partir do questionário é possível traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas e define questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas e outros.

No decorrer do projeto foram analisados os estados dos bens do Campus XI assim como os impactos das ações realizadas. Foram aplicados 300 questionários aos estudantes de geografia, pedagogia e administração com perguntas relacionadas ao tema como: os conhecimentos referentes ao patrimônio público, a conservação patrimonial, a conscientização patrimonial, aos danos que podem ser causados aos bens da Universidade como: riscar paredes, desperdiçar recursos, jogar lixo fora da lixeira, quebrar as cadeiras, grudar chicletes em mesas, cadeiras e escadas, quebrar portas e maçanetas pela forma de manusear, sobre os custos de aquisição dos bens, atribuições da equipe de limpeza, impostos que mantêm o Ensino Superior e foram analisadas as intervenções nas salas de aula referente ao apoio docente e questionamentos dos discentes.

Nas intervenções em sala de aula, os estudantes participaram de uma dinâmica em que é mostrado um saco transparente com os chicletes retirados do auditório e é solicitado um voluntário para retirada de chicletes das cadeiras da sala de aula, após esse momento é perguntado se foi fácil executar a ação e isso conseguiu demonstrar a dificuldade desse procedimento.

Foi solicitada a colaboração de idéias para redução dos danos causados ao patrimônio público. As sugestões foram criação de eventos que contemplem o tema e mais diálogos nas salas de aula sobre a educação patrimonial, intervenção que demonstre a importância da conservação na chegada dos





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



novos estudantes, criação de equipes para fiscalizar os bens e o desenvolvimento de cartilha sobre a conservação do patrimônio.

A partir da necessidade de intervenção foram criadas ações para o processo de conscientização como: visitas em sala de aula para apresentação com slide do projeto de extensão e abertura para diálogo entre os professores, alunos e a equipe do projeto para juntos construir soluções para o problema do dano. A colagem de cartazes com mensagens de conscientização e imagens dos danos no Campus XI e nas áreas pertencentes ao Campus como: a RUES - Residência Universitária e o CPCT- Centro de Pesquisa Ciência e Tecnologia.

Para auxiliar no desenvolvimento do projeto foram usadas ferramentas e métodos como o ciclo PDCA “O método de melhorias PDCA reúne os conceitos básicos da administração, apresentado em uma estrutura simples e clara – através de um ciclo – de ser compreendida e gerenciada por qualquer organização.”. (ANDRADE, 2003, p.4)

O ciclo PDCA para controle de processos é o método de gerenciamento da qualidade proposto pelo TQC. Esse método gerencial é composto de quatro etapas básicas sequenciais, formando um ciclo fechado, que são: planejar (plan), executar (do), verificar (check) e agir corretivamente (action) (TUBINO, 2009, p.166)

Para criação do projeto de extensão utilizou-se o PMBOK - Project Management Body of Knowledge como o guia das melhores práticas de gerenciamento de projetos e o método Canvas que é um método utilizado em criação de negócios.

O PMBOK (2013) define projeto como um esforço temporário empreendido para criar um produto, serviço ou resultado exclusivo e nele consta os planos de gerenciamento de escopo, integração, tempo, custo, recursos humanos, riscos, aquisição, qualidade e comunicação.

**Resultados da pesquisa do patrimônio e do projeto de extensão  
Conservação do patrimônio público com a participação da comunidade acadêmica**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

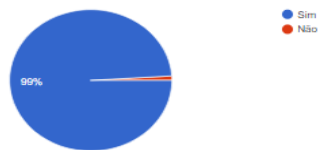
21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



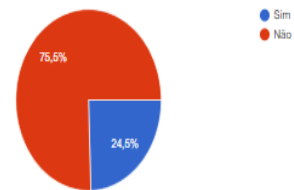
Nas perguntas do questionário referente aos danos encontrados, os estudantes responderam em significativa porcentagem já terem visto algum dano ao patrimônio da Universidade.

1- Você tem conhecimento sobre o que é o patrimônio público?  
300 respostas



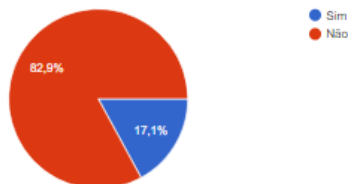
Fonte: Gráfico da pesquisa (2018)

2- Você já teve alguma orientação sobre Conservação do Patrimônio Público na Universidade do Estado da Bahia, Campus XI?  
298 respostas



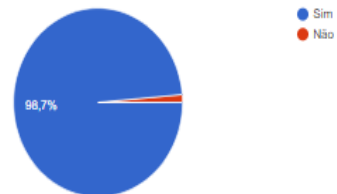
Fonte: Gráfico da pesquisa (2018)

3- Você já viu alguém da comunidade acadêmica danificando o Patrimônio Público no Campus XI?  
299 respostas



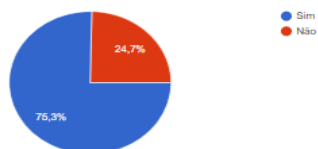
Fonte: Gráfico da pesquisa (2018)

4- Você acredita que a conscientização da comunidade acadêmica influencia na conservação do Patrimônio Público?  
298 respostas



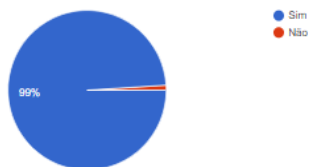
Fonte: Gráfico da pesquisa (2018)

5- Você já encontrou chiclete grudado nas cadeiras, mesas ou chão no Campus XI?  
300 respostas



Fonte: Gráfico da pesquisa (2018)

14- Você tem consciência de que a danificação do patrimônio público gera mais custos para o Campus XI?  
298 respostas



Fonte: Gráfico da pesquisa (2018)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Percebem-se a partir dos gráficos, que apesar da maioria dos estudantes afirmarem conhecer sobre o patrimônio público e concordarem que a danificação causa mais custos ao Campus XI, foram encontrados danos causados ao patrimônio do departamento.

Para a maioria dos estudantes a conscientização da comunidade acadêmica influencia na conservação do patrimônio público e foi detectado que no Campus XI a maioria não recebeu orientação sobre a conservação do patrimônio.

Desta forma foram realizadas diversas ações de intervenção e conscientização para a comunidade acadêmica como comunicação oral pelo departamento e em salas de aula, colagem de cartazes com informações sobre o uso dos espaços, diálogos com estudantes do projeto Universidade para todos, vídeo na televisão do Campus XI.

Esta pesquisa atrai novos questionamentos sobre o comportamento dos usuários dos bens da Universidade pública, entender os motivos que levam ao dano torna-se complexo diante da exigência de fiscalização em tempo real e a imediata comprovação de quem comete o dano. Ficou evidente que apesar de existir o dano ao patrimônio, menos de 50% dos estudantes presenciou o acontecimento de tais atos. O que se espera em um ambiente de futuros educadores é que este seja um espaço de exemplo aos que estarão chegando.

Alguns professores se ausentaram no momento da conscientização, ocorreram críticas destrutivas dos próprios colegas de trabalho que não concordaram que são responsáveis pelos danos assim como os estudantes, docente que questionou os minutos que o projeto necessitou tirar da aula para tal ação e também não houve a concordância com a metodologia usada, da crítica sobre a qualidade dos itens disponíveis pelo site Compras.net Bahia e nas explicações que alguns discentes usaram para justificar o dano ao patrimônio devido ao quantitativo de pessoas que usam os bens.

De acordo com a experiência administrativa para se obter um efetivo controle patrimonial faz-se necessário compreender conceitos de administração patrimonial que envolve alienação, almoxarifado, aquisição, avaliação, baixa,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



bem patrimonial, benfeitoria, bens de terceiros, bens desativados, bens imóveis, bens móveis, bens públicos, bens relacionados, cadastramento, cessão de uso, compra, concessão de bens públicos, dação em pagamentos, depreciação, doação de bens imóveis, doação de bens móveis, incorporação, indenização, inutilização, inventário, material, material antieconômico, material irrecuperável, material obsoleto, material ocioso, material recuperável, movimentação, movimentação temporária, patrimônio público, permissão de uso, permuta, reaproveitamento, reavaliação, registro patrimonial, termo de responsabilidade, tombamento, transferência e venda.

Compreender tais conceitos possivelmente pode colaborar aos usuários perceberem o trabalho que envolve a conservação do patrimônio público.

## Considerações Finais

Foi encontrado dano ao patrimônio público da Universidade do Estado da Bahia - Campus XI - Serrinha e de acordo com a análise dos dados do questionário percebe-se que os estudantes necessitam de eventos que falem mais sobre o tema.

É fundamental a presença de projetos de extensão que contemplem esse tema, contribuindo com a educação sobre o patrimônio público e o desenvolvimento social. Existe a necessidade que os docentes falem a cada semestre com seus alunos sobre o benefício da conservação do patrimônio público, que consiga conscientizar e demonstrar que o zelo e o manuseio dos bens afetam diretamente os serviços prestados pela Universidade. Faz-se necessária a intervenção do gestor do departamento para colocar em prática as leis sobre o crime dos danos ao patrimônio quando for comprovado por câmeras ou testemunhas.

Diversos são os riscos do projeto de extensão, mas o que se destaca é o da comunidade acadêmica não colaborar com a redução do dano ao patrimônio.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Este projeto de extensão tem a intenção de conseguir o apoio da Instituição para ampliar o alcance das ações nos outros Campi da UNEB e também com extensão municipal nas redes de ensino da região.

Diversas foram às ideias que podem ser colocadas em prática na Universidade ou nas redes públicas a partir das ações de intervenções realizadas no projeto de extensão como:

- Visitas frequentes em sala de aula;
- Criar uma cartilha sobre a preservação e conservação do patrimônio;
- Fazer um mutirão para verificar os espaços e fazer ações corretivas;
- Na chegada dos novos estudantes fazer eventos sobre o tema;
- Verificar a qualidade dos produtos antes da aquisição devido ao fluxo de pessoas que utilizam;
- Manter cartazes sobre o tema de patrimônio na Universidade;
- Professores falarem sobre o tema em sala de aula;
- Mapear as sujeiras dos espaços e verificar onde está sendo a maior demanda para intervenções;
- Criar um e-mail para denúncia anônima;
- Criar um mural da “vergonha” com as imagens dos bens danificados;
- Fazer os estudantes se sentirem parte do processo criando a identidade visual do projeto e fazendo um movimento que impacte a comunidade marcando território;
- Encontros de salas para construção coletiva de melhoria quanto a conservação do patrimônio;
- Dinâmicas sobre a conservação;
- Punição a depredação do patrimônio através das leis;
- Criar gincanas que incentivem a limpeza do ambiente;
- Abordar temas de sustentabilidade;
- Apadrinhar os setores e salas para que as pessoas tenham responsabilidade e se sintam pertencentes do ambiente e possam sinalizar os possíveis danos;



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



- Realizar viagens para locais que permita a comunidade perceber a conservação dos bens patrimoniais e os benefícios.

É fundamental que as críticas sejam construtivas para a continuidade de projetos como esse que tem como objetivo colaborar com a Universidade e ajudar a preservar o bem de todos.

A conservação do patrimônio público promove um ambiente adequado no presente e influencia no futuro da Instituição, pois existirão novos usuários que precisarão usar o mesmo espaço. Vale ressaltar que ao reduzir os custos com os danos é possível alocar os recursos a outras prioridades. Por isso, quando consegue diminuir a depredação ao patrimônio acontece uma economia.

O cidadão precisa compreender o seu papel na sociedade como exemplo cuidar do patrimônio público, pois é um dever de todos. Após a realização do projeto é possível que a comunidade acadêmica encontre nas salas de aula, banheiros, corredores os cartazes de intervenção com a campanha: “A Universidade é nossa, devemos cuidá-la”, o passo-a-passo do uso dos bens ao lado dos mesmos, e também na televisão do departamento as mensagens para redução dos danos.

Foram retirados os chicletes grudados nas cadeiras do auditório do departamento e alguns das salas de aulas. Foram solicitadas idéias dos estudantes sobre redução dos danos ao patrimônio e elaborado uma ideia de evento com roda de conversa sobre o tema para que a comunidade possa entender mais e possivelmente colaborar com a conservação. Desta forma o papel de ação sobre conscientização foi cumprida pelo projeto de extensão.

## Referências

ALEXANDRINO, Marcelo. **Direito Administrativo Descomplicado**. Rio de Janeiro: Editora Impetus, 2008.

ANDRADE, F. F. de. **O método de melhorias PDCA**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Construção Civil e Urbana) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



BRASIL. **Constituição Federal de 1988. Promulgada em 5 de outubro de 1988.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)> Acesso em: 14 de outubro de 2018.

BRASIL. Presidência da República. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 13 de outubro de 2018.

CASTRO, Magali; BITTENCOURT, Daphne Lorene Alves; MALTÊZ, Camila Rodrigues; MARTINS, Lilian Nascimento; MIRANDA, Kelly dos Reis; SOBRINHO, Cristiane Paula Corrêa. **Educação e Patrimônio: O papel da Escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural.** Disponível em <[http://www4.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE\\_ARQ\\_REVIS\\_ELETR20121204110023.pdf](http://www4.pucminas.br/graduacao/cursos/arquivos/ARE_ARQ_REVIS_ELETR20121204110023.pdf)>. Acesso em 13 de outubro de 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** - 5.ed. – São Paulo: Atlas, 1999;

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas, v. 35, n. 3, Mai./Jun. 1995, p 20-29;

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica/** Eva Lakatos, Marina de Andrade Marconi. – 2.ed. – São Paulo: Atlas, 1991;

LIMBERGER, Têmis. **Atos da administração lesivos ao patrimônio público – os princípios constitucionais da legalidade e da moralidade.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1998.

MALTÊZ, C. R.; BITTENCOURT, D. L. A.; MARTINS, L. N. **Educação e Patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do Patrimônio Cultural.** In: Pedagogia em ação, vol. 2, n. 2, nov. 2010. 39-49.

MANUAL DE PROCEDIMENTOS UNEB. **Administração de Material e Patrimônio.** Salvador, 2010.

MARTINS, Fernando Rodrigues. **Controle do Patrimônio Público: comentários à lei de Improbidade administrativa.** - 4. Ed.rev. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



MAZZILLI, Hugo Nigro. **A defesa dos interesses difusos em juízo: meio ambiente, consumidor e outros interesses difusos e coletivos**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

PROJECT MANAGEMENT INSTITUTE. **Um guia do conjunto de conhecimento em gerenciamento de projetos** (Guia PMBOK®. (5a. ed.). Project Management Institute, Four Campos Boulevard, Newton Square. 2013.

TUBINO, Dalvio F. **Planejamento e controle da produção**. Teoria e prática. 2ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 17. ed Petropolis: Editora Vozes, 1992. 121p.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A DIVERSIDADE CULTURAL E O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

**Alan Barbosa Barros**

Universidade do Estado da Bahia

[alanbarbosabarro@gmail.com](mailto:alanbarbosabarro@gmail.com)

**Dilmara Menezes Santos**

Universidade do Estado da Bahia

[dhu\\_menezes1@outlook.com](mailto:dhu_menezes1@outlook.com)

**Vanessa Luciano Brito**

Universidade do Estado da Bahia

[vanessavanessabrito@outlook.com.br](mailto:vanessavanessabrito@outlook.com.br)

### Resumo:

A referida pesquisa foi realizada na cidade de Serrinha – Bahia, no Colégio Estadual Rubem Nogueira, o qual compõe a rede estadual de ensino. Buscamos com ela, compreender como o currículo está sendo operacionalizado na sala de aula, com o público da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Entendemos que o currículo compreende diversas temáticas, já que é um documento que norteia todas as relações presentes dentro do espaço escolar. Assim, elegemos a temática – diversidade cultural – para compreendermos de que forma ela está sendo discutida dentro da sala de aula. A metodologia consiste numa análise de como a diversidade cultural está sendo abordada na Educação de Jovens e Adultos pelo professor de Geografia e entender como os conteúdos trabalhados em sala de aula contemplam a diversidade cultural dos estudantes ali presentes.

**Palavras-chave:** Currículo. EJA. Diversidade Cultural.

### Introdução

O currículo se configura como um documento, este norteia as relações que são estabelecidas dentro do espaço escolar, desde a relação professor-aluno à funcionários-alunos. Assim, conhecer como o currículo de uma escola está estruturado e como ele é operacionalizado nesse espaço, diz muito sobre a formação que os estudantes estão recebendo.

Quando nos dispomos a analisar a operacionalização do currículo com o público da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, é necessário saber que dentro dessa modalidade a abordagem dos conteúdos não pode ser feita da mesma forma que é feita com os estudantes do ensino regular. Quando



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



consideramos os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, devemos entender que estes estudantes já adentram à escola com uma carga de conhecimento diferente, já que possuem uma idade muito maior em relação ao ensino regular, são pessoas que abandonaram a escola em alguma época da sua vida por “n” motivos, mas que não significa que sabem menos que os outros, mas sabem de maneira diferente. Sua carga de conhecimento foi adquirida dentro de outros espaços, seja estes, associações, movimentos sociais, dentre outros.

Sendo assim, o currículo deve considerar todas essas questões, a operacionalização, ou seja, a concretização do que está no currículo dentro da sala de aula deve também considerar esses elementos.

Portanto, buscamos com essa pesquisa compreender como essas questões estão sendo consideradas e agregadas nas aulas de Geografia das turmas do Colégio Estadual Rubem Nogueira, no que concernem as discussões sobre a diversidade cultural dos educandos.

Como aporte teórico-metodológico utilizamos obras de autores que desenvolveram pesquisas na área, tais como: Almeida e Corso (2015), André (2012), Cuche (2002), Dutra e Alves (2017), Morin (2002) e Silva (2004).

## **Diversidade cultural e multiculturalismo: uma abordagem na educação**

As manifestações culturais são produzidas pelos grupos sociais em espaços geográficos distintos ao longo da história, logo, compreendemos que ao decorrer de todo o processo histórico originaram-se diversas manifestações culturais. Então, podemos afirmar que as culturas são flexíveis, dinâmicas e históricas. As formas culturais expressam os costumes, as crenças, o conhecimento popular, as diferenças étnicas, religiosas, artísticas, opções de gênero, o estilo de vida e todas as manifestações expressas pelos indivíduos de uma determinada sociedade, sendo assim, cada indivíduo e cada sociedade apresenta particularidades que as tornam identitárias para os mesmos. Segundo Morin:



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



[...] uma cultura é um conjunto de saberes, de *savoir-faire*, regras, estratégias, hábitos, costumes, normas, interdições, crenças, ritos, valores, mitos, ideias, aquisições, que se perpetua de geração em geração, reproduz-se em cada indivíduo e alimenta por geração e regeneração a complexidade individual e a complexidade social. A cultura constitui, assim, um capital cognitivo, técnico e mitológico não inato. (MORIN, 2002, p. 300)

Pensar que todas as culturas e todos os indivíduos a elas pertencentes são iguais seria uma atitude muito simplista, pois cada cultura apresenta uma história única, valorização e necessidades diferentes, estas então precisam ser observadas e problematizadas não somente para efeito de reconhecimento, mas também para serem aceitas e respeitadas pelos seus valores e pelas suas riquezas na busca do asseguramento dos direitos e de ocupação nos espaços de atuação.

As diferenças culturais percorrem a história desde o “advento da cultura”, e num contexto de classe dominante/opressora *versus* classe dominada/oprimida, essas diferenças culturais são muitas das vezes utilizadas como forma de discriminação e imposição de uma cultura, tida como “mais bonita”, “mais importante”, sob a outra que é tida “inferior”. Nesse sentido, Cuche:

As culturas nascem de relações sociais que são sempre relações desiguais. Desde o início, existe então uma hierarquia de fato entre as culturas que resulta da hierarquia social. Pensar que não há hierarquia entre as culturas seria supor que as culturas existem independentemente uma das outras, sem relação umas com as outras, o que não corresponde à realidade. (CUCHE, 2002, p. 143-144)

Ainda nessa perspectiva de dominação e subordinação, Cuche (2002) afirma:

[...] uma cultura dominada não é necessariamente uma cultura alienada, totalmente dependente. É uma cultura que, em sua evolução, não pode desconsiderar a cultura dominante (a recíproca também é verdadeira, ainda que em um grau menor), mas que pode resistir em maior ou menor escala à imposição cultural dominante. (CUCHE, 2002, p. 145)

Em decorrência desse processo onde as diferenças socioculturais são cada vez mais evidentes e marcantes, a sociedade se posiciona de forma a reivindicar uma política de reconhecimento tanto de suas diferenças e de suas



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



múltiplas identidades quanto de suas desvantagens e desigualdades sociais, diferenças essas oriundas da discriminação social de raça, de religião, de opção sexual, de origem regional, dentre outros aspectos. Dessa forma, a diversidade cultural vai se (re)construindo no processo de (re)conhecimento dessas diferenças.

Percebemos assim, que tratar de cultura é também considerar as relações de poder vigentes em uma dada sociedade, já que a determinação de qual cultura será considerada “mais importante” irá partir de qual classe deter mais poder.

Frente a essa conjuntura de respeito as diversas formas de cultura vigentes, surge o multiculturalismo, um movimento ambíguo que ora “é um movimento legítimo de reivindicação dos grupos culturais dominados no interior daqueles países para terem suas formas reconhecidas e representadas na cultura nacional.” (SILVA, 2004, p. 85). Ou seja, por um lado se configura como um movimento de busca de visibilidade para culturas menosprezadas e diminuídas dentro da sociedade, ora “pode ser visto, entretanto também como uma solução para problemas, que a presença de grupos raciais e étnicos coloca, no interior daqueles países, para a cultura nacional dominante.” (SILVA, 2004, p. 85). Já que a classe dominante que impõe sua cultura sobre os dominados pode se apropriar de elementos dos menosprezados, para assim mascarar os problemas referentes a falta de visibilidade. Como ocorre com a comemoração de alguns festejos católicos que correspondem com as datas comemorativas de religiões de matrizes africanas, apropriando-se também de alguns costumes e incorporando aos seus festejos. Assim como destaca Silva (2004), tanto de uma forma quanto de outra o multiculturalismo perpassa pelas relações de poder.

Movimentos como o multiculturalismo que agem com o intuito de reconhecer as sociedades historicamente menosprezadas, conseguiram garantir a inserção de temas do âmbito cultural no currículo escolar, porém, não somente o apelo ao multiculturalismo irá garantir a equidade cultural nos espaços escolares. É necessário que a escola seja um agente nesse contexto,





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



e desenvolva ações que contemplem as diferenças culturais, a fim de assegurar o conhecimento e reconhecimento das mesmas.

O espaço escolar se constitui rico e fértil no qual se expressam as mais diversas manifestações culturais. Nesse espaço, há a intersecção, hibridização e interação das culturas através do contato entre os diferentes. Diante disso, é necessário que se desenvolva um trabalho para conscientização desses indivíduos, no que diz respeito ao convívio plural em sociedade, tais como o respeito mútuo as diferenças existentes, a liberdade de expressão e manifestação em relação aos outros. Para que isso seja de fato efetivado, os profissionais da educação e educandos precisam sentir-se seres integrantes e representantes de uma determinada cultura, concomitantemente a esse processo, precisam estar abertos às influências que partem de ambos os lados, procurando compreendê-las. A diversidade cultural é parte integrante do cotidiano escolar, ela se expressa através da culinária, da dança, da música, da língua e em outras inúmeras atividades do dia a dia. Para destacar o sentido pedagógico e a importância dessas manifestações culturais, João Maria André afirma:

O teatro, a dança, a música e a pintura, por exemplo, oferecem-se frequentemente como espaços de interiorização e de aprofundamento da mestiçagem entendida como diálogo intercultural e o seu acontecimento sob a forma festiva e celebrativa inscrevem as suas propostas como excelentes interfaces para uma vivência plural de fundos, materiais, horizontes e modos de sentir que se misturam e procuram harmonias que a discussão das ideias nem sempre consegue. (ANDRÉ, 2012, p. 103-104)

Assim como no espaço escolar, o cotidiano dos alunos fora desse espaço também é rico de manifestações culturais que se adequam ao seu tempo. Através dessa observação, percebe-se que nos dias atuais estes alunos estão inseridos em um universo de produtos culturais, tais como: *smartphones*, jogos de computador, alimentos industrializados, serviços de *streaming* (*Netflix*, *Spotify*, *YouTube*, etc), modos de se vestirem, filmes, acesso à internet, dentre outros.

O homem, como sujeito social, não existe fora do contexto da sociedade que vive. Dessa forma, o aluno traz consigo ao ambiente escolar muitas



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



informações que dizem respeito ao seu modo de vida, a sua realidade e conseqüentemente ao seu contexto cultural e social. Logo, conclui-se que nos espaços escolares os alunos devem ser compreendidos como seres humanos que são, apresentando assim as suas singularidades e sua maneira de interagir com os demais.

Quando consideramos a Educação de Jovens e Adultos, entendemos que os alunos que compõem essa modalidade adentram a escola carregados de conhecimentos que foram adquiridos durante sua trajetória de vida, a partir de suas relações cotidianas, seu contato com a sabedoria popular, etc... No que concerne ao processo de escolarização desses indivíduos, deve-se relacionar o conteúdo de cunho científico com o que estes estudantes trazem consigo na sua bagagem intelectual. Por isso, a necessidade de um currículo que considere essas especificidades e que contemple as diversas manifestações culturais presentes no espaço escolar. Essas manifestações culturais podem ser incluídas dentro do cenário educacional através de iniciativas como a da Prefeitura Municipal de Recife - Pernambuco. Algumas experiências da educação de jovens e adultos foram criadas neste âmbito, vinculadas à valorização da educação e da cultura popular e à ampliação da participação das massas no processo político. É o caso do Movimento de Cultura Popular (MCP), criado em 1960, pela Prefeitura Municipal do Recife, e, posteriormente, estendido pelo governo do estado de Pernambuco a algumas cidades do interior do estado. Para o MCP, a educação concebida como um meio que proporciona as condições intelectuais para o esclarecimento dos trabalhadores ampliaria o engajamento deles no processo de transformação social. (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1289).

## **Diversidade cultural na educação de jovens e adultos**

A Educação de Jovens e Adultos surge num contexto de precarização da educação brasileira, em prol de garantir o acesso de jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de ingressar ou permanecer na escola, contudo é uma modalidade com uma forte marca da política, com programas voltados



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



para a educação brasileira, em geral a alfabetização, como afirma Almeida e Corso (2015, p. 1286):

No Brasil, a primeira iniciativa pública, visando especificamente o atendimento do segmento de adolescentes e adultos, ocorreu em 1947 com o lançamento da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), iniciativa do Ministério da Educação e Saúde e coordenada por Lourenço Filho. (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1286)

Desta forma, cabe salientar que a estruturação da Educação de Jovens e Adultos foi definida de acordo a vários processos históricos ocorridos no Brasil, sobretudo do capitalismo o qual alterou as formas de trabalho, influenciando também no ensino escolar, pois houve a inserção de disciplinas técnicas voltadas para o trabalho e a indústria fabril. No entanto, era mantido um controle sobre a classe trabalhadora, havia a necessidade de estudar para o trabalho e não para formar cidadãos críticos reflexivos. Muitas das vezes são trabalhos exploradores e mal pagos. Segundo Almeida e Corso (2015, p. 1294):

No atual mundo do trabalho precarizado – subcontratado, de tempo parcial, temporário, por conta própria, sem-carteira – os trabalhadores se submetem ou mesmo incorporam a cultura da flexibilidade e da rotatividade de empregos como meio de manutenção da empregabilidade, aceitando as diferenças salariais e a perda dos direitos e benefícios sociais em relação aos trabalhadores formais. (ALMEIDA; CORSO, 2015, p. 1294)

Devido à necessidade de se manter numa sociedade capitalista, o indivíduo se sente excluído e é submetido a trabalhos com características exploradoras, a busca de um emprego pressiona-o a submeter-se a situações de um emprego com condições precarizadas, muitas vezes perdendo até os seus direitos no que diz respeito a um trabalhador formal.

O ensino da Educação de Jovens e Adultos deve ser uma educação libertadora a qual o indivíduo seja capaz de vivenciar a sua cultura e compartilhar com os demais. Deve haver uma inclusão baseada nas questões de gênero, identidade, raça, questões sociais e econômicas, uma inclusão acolhedora, ressignificada no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, Dutra e Alves dizem que:



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



[...] deve-se estudar a diversidade cultural da EJA, assim como definir o papel da escola e do professor nos tratamentos pessoais, coletivos e culturais dos alunos, sendo relevante para a compreensão do nosso processo educacional contemporâneo. (DUTRA; ALVES, 2017, p. 410)

Nessa perspectiva Dutra e Alves (2017, p. 412) reafirmam:

Respeitar a diversidade cultural da EJA significa assim, remontá-la a outro nível de atuação. É romper com o tradicionalismo da adaptação mais lenta que se encontra presente em outros níveis de ensino e na existência da “ditadura do saber” que tem como alvo o professor, embutido num papel de “ditador do conhecimento”. (DUTRA; ALVES, p. 410)

No entanto é necessário haver uma valorização da cultura vinda de cada aluno, pois ele é um detentor de conhecimento, nesse sentido, o professor deve ser um mediador, para que haja uma boa relação e interação na sala de aula.

Partindo da discussão das relações entre mundo do trabalho e Educação de Jovens e Adultos é notório o abandono da escola por esses indivíduos devido à necessidade de trabalhar. Considerando esse aspecto, essa modalidade de ensino deve estar estruturada de forma que permita a esses estudantes que ingressam tardiamente na escola o desenvolvimento de um pensamento crítico, e que sejam capazes de refletir sobre sua realidade a fim de que não se tornem meros fantoches do mercado de trabalho.

O ensino da Educação de Jovens e Adultos deve ser uma educação libertadora a qual o indivíduo seja capaz de vivenciar a sua cultura e compartilhar com os demais, e isso só será possível se o currículo instigue o pensamento crítico e contemple as diferentes manifestações culturais no seio do espaço escolar.

Como instrumento para obtenção de resultados da nossa pesquisa, aplicamos três questionários que contemplaram a vice-diretora do turno noturno, o professor de Geografia e um estudante da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos, do Colégio Estadual Rubem Nogueira.

O referido colégio fica localizado na cidade de Serrinha – BA, situado na praça Astrogilda Guimaraes, S/N. Quanto o quadro administrativo, a escola



## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



possui um coordenador, um diretor e três vices, os quais todos possuem formação acadêmica. No que se refere às modalidades de ensino que a escola contempla são elas: o ensino integral, a EJA, o ensino técnico e o ensino fundamental.

A gestora entrevistada foi a Sr<sup>a</sup> Rita de Cássia Nunes Carvalho, licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, concluinte do ano de 1996. É funcionária efetiva.

O professor entrevistado foi o Sr. Eridson Renan Souza Silva, licenciado em Geografia pela UCSAL (1992), possui pós-graduação em Metodologia da Educação pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). É professor concursado e exerce à docência na modalidade de ensino EJA a 8 anos.

O aluno entrevistado foi o Sr. Clécio da Silva Mota, 23 anos, residente da área urbana do município de Serrinha.

A temática norteadora dos questionários aplicados era a diversidade cultural, os quais foram os instrumentos utilizados para que pudéssemos compreender como o currículo da escola aborda este eixo temático.

Segundo, Rita Carvalho, a escola contempla a modalidade de EJA a 15 anos, a qual segue as diretrizes da Secretaria de Educação do Estado no que concerne ao currículo seguido. No ano de 2018, foram matriculados 188 alunos, os quais estudam no turno noturno, único turno que contempla tal modalidade, o que já configura como uma dificuldade para a inserção de estudantes nessa modalidade na escola, já que se deve considerar as especificidades do público atendido. Essa instituição está inserida numa cidade na qual boa parte dos estudantes residem em área rural que nem sempre é contemplada com transporte escolar noturno, o que se configura como uma barreira para que esses estudantes ingressem nesse ambiente.

Quando perguntada se as atividades desenvolvidas pela escola contemplam a diversidade cultural dos estudantes da EJA, a mesma nos respondeu que os estudantes são inseridos nessas atividades, mas não deu detalhes de como essa inserção acontece. Quanto aos projetos interdisciplinares desenvolvidos na escola, foi questionado se estes abordam a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



diversidade cultural e de que forma essas atividades são desenvolvidas, a mesma se limitou apenas a informar quais eram as atividades, que são elas: Gincana cultural, Escolas Culturais, Pontos de Cultura NACOM (Núcleo de Arte, Cultura e Comunicação na Comunidade) e Desfile de Beleza Negra.

Quanto ao questionário aplicado ao senhor Eridson Silva, foi questionado quais as maiores dificuldades encontradas por ele na realização das atividades desenvolvidas dentro da sala de aula com esses estudantes e nos foi respondido que a não continuidade dos estudos ocasiona dificuldades na assimilação dos conteúdos. Quanto aos dispositivos que são utilizados em sala de aula para o ensino de Geografia, foi nos respondido que são utilizados livros, eventos, viagens, teatro, semana da cultura, gincana, mas não nos foi respondido como esses dispositivos são utilizados em sala, quais os métodos de sua aplicação.

Quanto à dificuldade de assimilação dos estudantes quando se refere aos conceitos-chave da Geografia, novamente nos foi respondido que a não continuidade dos estudos desses alunos dificultam sua compreensão desses conceitos.

No que se refere à diversidade cultural dos educandos e como ela é abordada na sala de aula, o professor afirmou que tal abordagem é feita contextualizando com as relações econômicas dos indivíduos. Ao tratar de sua visão sobre o que é diversidade cultural, o mesmo nos apenas respondeu que "deve ser debatida e respeitada de forma constante, para o bem de toda a sociedade."

## Considerações Finais

Diante das discussões aqui apresentadas embasadas em diversos teóricos, compreendemos que as diversas manifestações culturais representam um papel fundamental na formação de cidadãos críticos-reflexivos e no reconhecimento da diversidade cultural existente na sociedade, e que as mesmas desenvolvem nos alunos valores importantes para a convivência em harmonia nos dias atuais. Sendo assim, se a diversidade cultural fosse tratada





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



com mais ênfase nas nossas escolas certamente estaríamos vivendo em uma sociedade onde as questões etnicorraciais, de gênero, religião seriam tratadas mais respeitosamente entre os indivíduos. Porém, ao analisar o questionário aplicado na escola observamos que a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos ainda encontra dificuldades para tratar de temas referentes as diversas manifestações culturais, dado ao fato que esta modalidade de ensino surgiu com a intencionalidade de formar apenas para o desenvolvimento das atividades nas fábricas, e não com o intuito de formar cidadãos críticos-reflexivos, sendo então uma das justificativas para que haja essa deficiência na aplicabilidade desses temas.

## Referências

ALMEIDA, A. de, e Maria Corso, A. (2015). **A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIAIS**. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE. [online] CURITIBA: Champganat, pp.1284 - 1299. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753\\_10167.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/22753_10167.pdf). Data de acesso: 20 Jun. 2018.

ANDRÉ, João Maria. **Multiculturalidade, identidades e mestiçagem: o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião**. Lisboa: Ed. Palimage, 2012.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DUTRA, Tomaz Caetano; ALVES, Maria Adriana Leite. A DIVERSIDADE CULTURAL DA EJA: O PAPEL DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO VOLTADA AO TRATAMENTO DAS IDENTIDADES PESSOAIS, SOCIAIS E CULTURAIS. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, [s.l.], v. 2, n. 2, p.406-415, 12 set. 2017. *Revista de Pesquisa Interdisciplinar*. <http://dx.doi.org/10.24219/rpi.v2i2>. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/pesquisainterdisciplinar/issue/view/15>>. Acesso em: 22 jun. 2018.

MORIN, Edgar. **O método 5. A humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## O ESTÁGIO COM PESQUISA: REFLEXÕES SOBRE O NÚCLEO DE PESQUISA E EXTENSÃO NA UNEB/XI

**Alana Ramos dos Santos**<sup>20</sup>

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[nanarsantoss@gmail.com](mailto:nanarsantoss@gmail.com)

### Resumo

Este estudo refere-se a um trabalho de conclusão de estágio vivenciado no Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) da UNEB/DED CXI, e tem como objetivo descrever as experiências de estágio através dos conhecimentos construídos com ênfase no desenvolvimento de uma pesquisa. A pesquisa intitulada “A Pesquisa e a Extensão no espaço acadêmico do Campus XI: contribuições do NUPE para o engajamento estudantil do curso de Pedagogia”, partiu do questionamento de como NUPE pode incentivar os estudantes de Pedagogia a estarem engajados nos movimentos de pesquisa e extensão que estão constituídos como princípios relevantes na graduação? Isto devido as inquietações durante a trajetória acadêmica ao conhecer a importância da pesquisa e da extensão para o processo formativo. Então, a pesquisa objetivou de modo geral compreender como o NUPE pode incentivar os estudantes a estarem engajados nos movimentos de pesquisa e extensão que são constituídos como princípios relevantes do processo formativo acadêmico. Pretendeu-se especificamente: investigar as concepções de pesquisa e extensão que norteiam o trabalho do NUPE do Campus XI; inteirar-se sobre as formas que o NUPE incentiva os estudantes de Pedagogia a estarem engajados na pesquisa e na extensão; conhecer as perspectivas de pesquisa e extensão adotadas pelos estudantes universitários e promover ações voltadas a informar os estudantes sobre o significado e importância da pesquisa e da extensão para o processo formativo acadêmico. Destarte, este trabalho explana os conhecimentos aprendidos através do estágio no NUPE e a realização das primeiras etapas da pesquisa desenvolvida no Campus XI.

**Palavras Chave:** Estágio. Pesquisa. Processo Formativo.

### Apresentação

Este artigo é resultado de um trabalho de conclusão do estágio curricular, desenvolvido no componente Pesquisa e Estágio I: espaços não escolares e tem como objetivo descrever as experiências de estágio a partir dos conhecimentos construídos com ênfase no desenvolvimento e

---

<sup>20</sup> Orientada pela Prof<sup>a</sup> MSc Gelcivânia Mota da Silva da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Campus XI.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



considerações de uma pesquisa. Nessa perspectiva, este estudo torna-se pertinente às discussões do eixo temático intitulado “Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico” por oportunizar reflexões de assuntos relevantes à trajetória acadêmica e à formação profissional, tais como a articulação entre ensino pesquisa e extensão, a função do estágio e a possibilidade de vivenciá-lo com a pesquisa, o protagonismo estudantil voltado a experiências com a pesquisa e com a extensão, a importância do Núcleo de Pesquisa e Extensão para a universidade, dentre outros.

Assim, partindo do pressuposto da indissociabilidade entre teoria e prática, concebeu-se a formulação do estágio como “atividade teórica instrumentalizadora da práxis” (PIMENTA, 1994, p.121). Para vivenciar as primeiras experiências de estágio, foi escolhido o Núcleo de Pesquisa e Extensão – NUPE – setor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB – do Departamento de Educação Campus XI. Esta escolha se deu devido ao reconhecimento da importância do trabalho que o mesmo visa desempenhar para o “sucesso” da instituição universitária. Além disso, a curiosidade sobre como o trabalho do pedagogo é desenvolvido naquele local, saber da relevância da pesquisa e da extensão para a formação acadêmica e as inquietações sobre o engajamento estudantil em relação aos trabalhos do Núcleo, foram propulsores na escolha deste setor.

Nesse segmento, o estágio foi realizado com a carga horária de 60 horas/aula, sendo que as 10 primeiras horas foram destinadas aos contatos iniciais para entrevista e observação participante com a Pedagoga, e as outras 50 horas de efetivo estágio. Entretanto, foi necessário um período de acréscimo, para a conclusão da pesquisa fruto dos conhecimentos construídos nesse processo.

A partir disso, o estágio possibilitou não apenas conhecer o setor, o trabalho da Pedagoga, e desenvolver atividades propostas por ela, mas, intensificou as inquietações voltadas ao engajamento estudantil na pesquisa e na extensão. Daí emergiu a questão norteadora da pesquisa no estágio intitulada “A Pesquisa e A Extensão no espaço acadêmico do Campus XI:



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



contribuições do NUPE para o engajamento estudantil do curso de Pedagogia na pesquisa e na extensão” que indaga: como o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) da UNEB/CAMPUS XI pode incentivar os estudantes a estarem engajados nos movimentos de pesquisa e extensão que estão constituídos como princípios relevantes na graduação? Dessa forma teve como objetivo geral compreender como o NUPE pode incentivar os estudantes a estarem engajados nos movimentos de pesquisa e extensão que são constituídos como princípios relevantes do processo formativo acadêmico.

Para tanto, objetivou-se especificamente: investigar as concepções de pesquisa e extensão que norteiam o trabalho do NUPE do Campus XI; inteirar-se sobre as formas como o NUPE incentiva os estudantes de Pedagogia a estarem engajados na pesquisa e na extensão; conhecer as perspectivas de pesquisa e extensão adotadas pelos estudantes universitários e promover ações voltadas a informar os estudantes sobre o significado e importância da pesquisa e da extensão para o processo formativo acadêmico.

Nessa perspectiva, o trabalho de conclusão de estágio curricular teve como trajetória metodológica a realização de uma pesquisa sustentada nos princípios da abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de informações a aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas visando o diagnóstico necessário para identificar as ações que possam ser propostas como contribuição de pesquisa com os sujeitos colaboradores da mesma. Contando com a colaboração de 50 estudantes podendo ser do 3º, 4º, 5º, 6º ou 7º semestre do curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – Campus XI.

Destarte, o presente artigo está subdividido em cinco sessões que tratam sequencialmente da: explanação sobre o NUPE a partir das concepções de pesquisa e extensão que o fundamentam e as ações que são desenvolvidas; descreve sobre o projeto de pesquisa, e como esta foi desenvolvida; e, finalmente, apresenta as importantes considerações através da realização do trabalho de conclusão de estágio.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A importância da pesquisa e da extensão para o processo formativo

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 207 evidencia a obrigação dada as universidades em obedecer ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, sendo reafirmada na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 da educação brasileira no artigo 43 que compete a finalidade da educação superior, mais especificamente nos incisos III e VII que, respectivamente, tratam do incentivo ao trabalho de pesquisa e investigação científica e a promoção da extensão aberta à participação da população. (BRASIL, 1996).

Além dos preceitos legais há que se perguntar, como lembra Botomé (1996, p.25): “O que delimita a identidade da Universidade enquanto uma instituição entre tantas outras na sociedade?” O mesmo autor prossegue afirmando que essa identidade está vinculada àquilo que fazem os seus agentes. Lembra ainda que o profissional da universidade precisa ser especialista em uma determinada área, pesquisador ou cientista, professor e administrador, mas há dificuldades no processo formativo inicial desse profissional, o que vem repercutindo no processo identitário dessa universidade, porém é preciso reafirmar o seu papel enquanto produtora de conhecimentos inovadores decorrentes da pesquisa e estas precisam estar a serviço da coletividade.

Isto posto, considera-se a princípio, a pertinência em perceber a importante articulação entre ensino, pesquisa e extensão, para os processos de formação sujeitos reflexivos, críticos, com um posicionamento investigativo, sob o qual se firma o desenvolvimento das habilidades de produção científica e construção de significados contextualizados que levam a uma trajetória de formação profissional qualificada e de acordo com o que rege a legislação federal.

Nessa perspectiva de articular o ensino à pesquisa e à extensão, é relevante entender sobre o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) que, a princípio, se constitui como um setor que atua na gestão das atividades de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



pesquisa e extensão da universidade. As atividades de pesquisa são desenvolvidas de acordo com a política institucional a fim de contribuir para o aprimoramento do corpo acadêmico, no campo sociocultural, respeitando os princípios de ética e cidadania.

Além disso, é relevante considerar o Regimento Interno dos Departamentos da Universidade do Estado da Bahia, que em sua sessão III refere-se ao funcionamento dos Núcleos de Pesquisa e Extensão, informando principalmente em seu artigo 9º, que o Núcleo de Pesquisa e Extensão (NUPE) “é órgão consultivo vinculado ao Departamento e tem por finalidade incentivar, estruturar, coordenar, sistematizar, divulgar e acompanhar as atividades técnicas, didáticas e científicas, nas áreas de ensino, pesquisa e extensão”.

A partir disso, é notória a importância dos trabalhos que são desenvolvidos no NUPE para a universidade, afinal, é através deste que a pesquisa e a extensão se consolida eficazmente no âmbito acadêmico, abrindo possibilidades para que haja a articulação com o ensino. Assim sendo, é essencial que nas práticas de ensino dos professores universitários seja evidenciado e proporcionado de algum modo esse entrelaçamento aos estudantes, fazendo com que despertem para uma postura reflexiva e investigativa, interessados pelos processos de pesquisa e extensão, que são tão enriquecedores para a formação profissional, visto que ambos caracterizam o processo de construção de conhecimentos por meio da ação ativa do sujeito, de modo que haja interação e aproximação com os diversos contextos.

Vale salientar que, o reconhecimento da importância desta articulação para o processo de formação profissional foi-me possibilitado a partir do engajamento com a pesquisa, do interesse em compreender a extensão universitária, e, principalmente, nas experiências do período de estágio curricular vivenciado no Núcleo de Pesquisa e Extensão do Departamento de Educação UNEB/XI.

Assim, cabe destacar a definição de Pimenta e Lima (2004, p. 45) ao dizer que “o estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta, sim, objeto da





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



práxis”, desse modo, não deve ser considerado como uma atividade exclusivamente prática para que o estudante apreenda técnicas do como fazer além do mais, na trajetória formativa é perceptível entender que essa é uma concepção de estágio ultrapassada e inadequada para os propósitos da educação superior na atualidade.

Nesse sentido, realça-se ainda que “a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará” (PIMENTA E LIMA, 2004, p. 45) e que o mesmo deve ser compreendido como “uma investigação das práticas pedagógicas nas instituições” (PIMENTA E LIMA, 2004, p. 47). Concordando com essas autoras, permito-me descrever o estágio curricular como uma vivência planejada no currículo para que seja possível articular teoria e prática no processo de formação com vista a conhecer o trabalho pedagógico desenvolvido nos espaços não escolares, possibilitando assim o desenvolvimento de uma postura investigativa que inclui a pesquisa como procedimento essencial para construção de conhecimentos significativos.

Tendo dito isto, é possível destacar que mediante tais reflexões a pesquisa passa a ser vista de um modo mais significativo visto que ela se concretiza numa real possibilidade de construção de conhecimentos que ultrapassa a visão de aprendizagem que por vezes está estabelecida dentro das salas de aula. Isto implica uma descoberta de como aprender a profissão com o reconhecimento de que a universidade pode potencializar a produção de novos conhecimentos através de procedimentos de pesquisa que possibilitem não apenas a compreensão do contexto educativo e do trabalho pedagógico, mas, inclui o desenvolvimento de uma autonomia profissional que fomenta uma formação acadêmica de qualidade.

## **A Pesquisa no Estágio: o alcance dos primeiros objetivos**

No período do estágio foi construído o projeto de uma pesquisa. Isso intensificou o crescimento acadêmico ampliando as aprendizagens planejadas para essa atividade curricular. Nesse sentido, nesta sessão serão descritas as etapas da pesquisa que já foram desenvolvidas.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O primeiro objetivo específico da pesquisa intitulada “A Pesquisa e a Extensão no espaço acadêmico do Campus XI: contribuições do NUPE para o engajamento estudantil do curso de Pedagogia na pesquisa e na extensão” foi o de investigar as concepções de pesquisa e extensão que norteiam o trabalho do NUPE do Campus XI.

Para o alcance deste objetivo foram realizadas as observações do trabalho da Pedagoga do setor e algumas análises dos depoimentos dela ao explicá-lo. Dessa maneira, é possível relacionar a concepção de extensão à definição do Plano Nacional de Extensão Universitária. Assim, a extensão é entendida como,

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. (PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2012, p. 15)

Destarte, nota-se uma concepção de extensão de modo esclarecedor e associável ao que é consolidado pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão. Esta que é constituída com base em concepções de formação profissional, de conhecimento, de aprendizagem, de sociedade e de sujeito.

Como por exemplo, para os profissionais do setor a formação profissional ultrapassa as salas de aula para consolidar-se num processo de construção de conhecimentos direcionado pela postura investigativa para a pesquisa e numa consciência coletiva de compartilhamento do conhecimento produzido. O conhecimento não é uma propriedade de privilegiados, mas, um bem que se torna acessível a todos quando é edificada uma ponte entre Universidade – estudantes e professores pesquisadores – e comunidade externa – sociedade, realidade investigada – reconhecendo uma associação indispensável para compreender os objetos de estudo em sua totalidade, além de possibilitar emancipação e transformação como efeitos sociais relevantes.

Nessa perspectiva, a pesquisa aparece semelhantemente definida como “um trabalho de produção de conhecimento sistemático, não meramente



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



repetitivo, mas produtivo, que faz avançar a área de conhecimento a qual se dedica” (GOLDENBERG, 1997, p. 105).

Então, considerando que nenhuma prática pedagógica acontece sem que haja concepções que a direcionem, foi essencial a busca por conhecer quais concepções direcionam o trabalho do NUPE e perceber que as explicações das profissionais do setor são condizentes com as ações que nele são desempenhadas. Sucessivamente, foi pretendido inteirar-se sobre as formas como o NUPE incentiva os estudantes de Pedagogia a estarem engajados na pesquisa e na extensão. Nessa perspectiva, as pedagogas do setor foram ouvidas e elas explicaram que as ações eram voltadas ao planejamento e realização de Seminários (Eventos) de compartilhamento de trabalhos acadêmicos e outras pesquisas, em que os estudantes poderiam participar como ouvintes, monitores e/ou apresentando os próprios trabalhos. Nessa perspectiva, os meios de incentivo são as discussões propiciadas nos eventos e a divulgação dos mesmos no Departamento e nos espaços virtuais.

Essas ações além de terem sido descritas pelas profissionais do NUPE, foram observadas nas vivências dos eventos participando de todas as maneiras possíveis e, portanto, ficou perceptível isso no Departamento e, enquanto estagiária justamente no período de organização do VIII Seminário do NUPE. Dessa maneira, sabendo as formas que NUPE utiliza para incentivar os estudantes, posteriormente, buscou-se conhecer as perspectivas de pesquisa e extensão adotadas pelos estudantes universitários.

Esta terceira etapa foi para finalizar a fase diagnóstica da pesquisa, na busca de responder à questão norteadora da mesma e a partir de então planejar as ações de contribuição e efetivação da pesquisa. Para conhecer as perspectivas de pesquisa e extensão adotadas pelos estudantes universitários e a através disso promover ações voltadas a atentar os estudantes sobre o significado e importância da pesquisa e da extensão para o processo formativo acadêmico, utilizou-se da aplicação de questionários e em seguida, estava previsto a realização entrevistas semiestruturadas. No entanto, o período de estágio não foi suficiente para efetivação dos dois procedimentos



## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

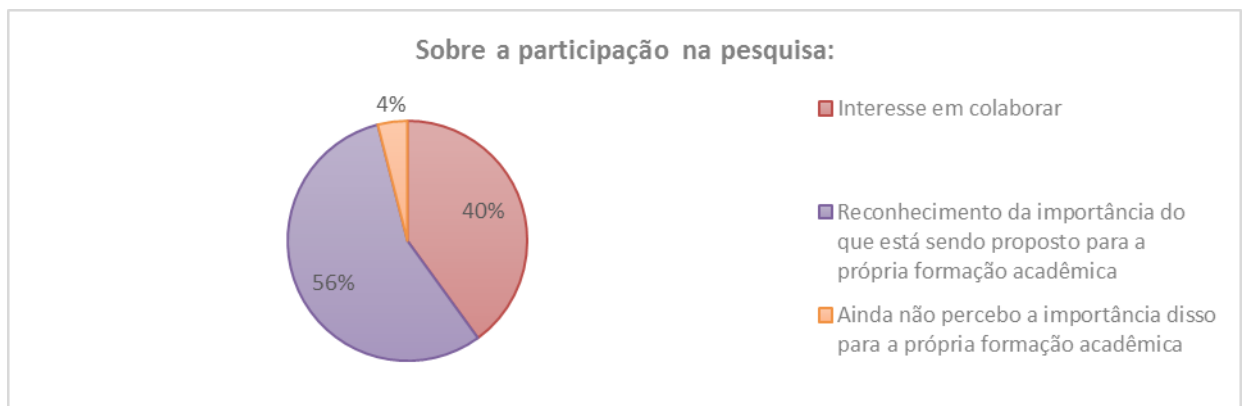
ISSN 2595-8534



metodológicos escolhidos. Por isso, esse artigo—limita-se a descrição da aplicação e análise dos resultados dos questionários.

Os questionários foram aplicados nas turmas do terceiro ao sétimo semestre. Nesse procedimento, a pesquisa foi descrita para todos das turmas e os estudantes que quisessem participar se voluntariaram. Neste momento, foi possível perceber um pouco de desinteresse por partes dos estudantes devido a quantidade de voluntários por turma e a demora em começar a aparecer os voluntários. A proposta da pesquisa foi explicada de modo a ressaltar que a aplicação dos questionários iria demonstrar o envolvimento dos estudantes com o Núcleo de Pesquisa e Extensão. Isto porque, possibilitaria constatar a ênfase que tem sido dada ao mesmo, e conseqüentemente, a pesquisa e a extensão nos processos de formação.

A primeira pergunta do questionário referiu-se ao motivo da participação de cada estudante:



Como mostra o gráfico acima, a maior parte dos estudantes diz participar da pesquisa por reconhecer a importância do que estava sendo proposto para a própria formação acadêmica, no entanto, grande parte dos estudantes respondeu que quiseram participar para colaborar com a pesquisa, no sentido de contribuir com o trabalho de uma colega de curso apenas. Logo, pouquíssimos estudantes disseram não perceber a importância do que estava sendo discutido para a própria formação. Então, isso indica uma certa valorização com a pesquisa, seja por reconhecimento da importância da



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

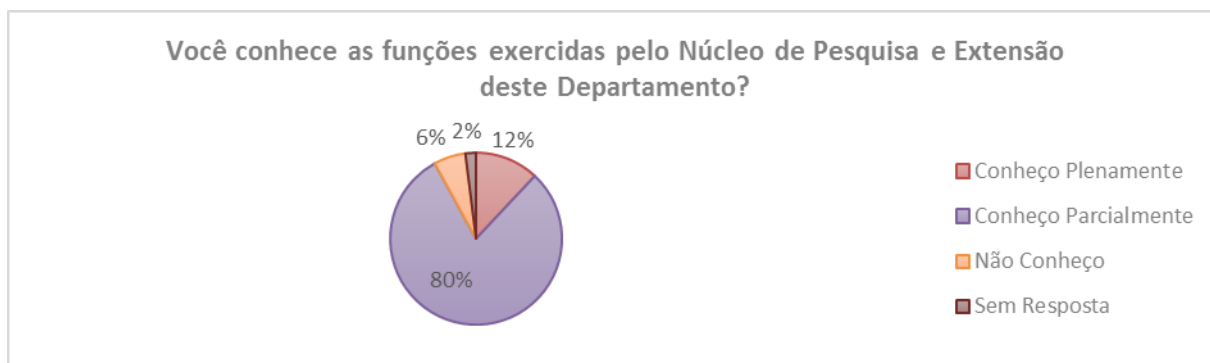
21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



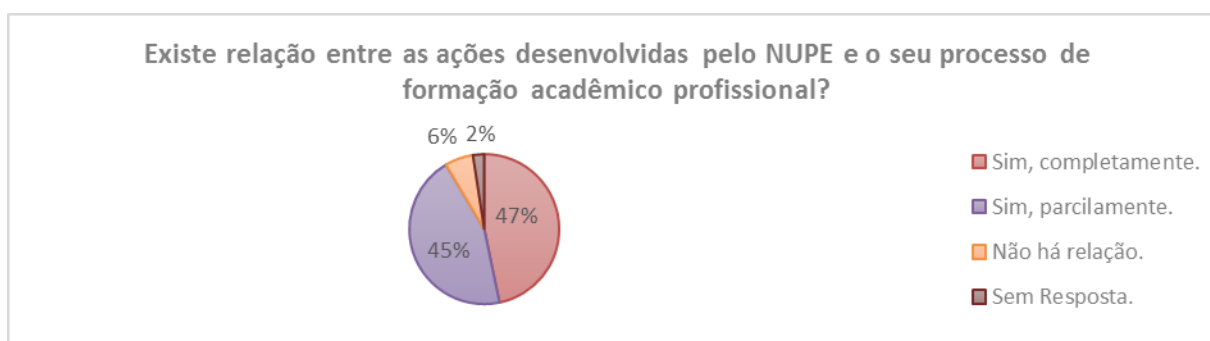
temática abordada ou, pela ação de estudante pesquisadora que estava sendo apresentada naquele momento.

Em seguida, foi questionado se os estudantes conhecem as funções exercidas pelo NUPE, como mostra no gráfico abaixo.



Os resultados indicam que a maioria dos estudantes diz conhecer parcialmente, demonstrando pouco conhecimento sobre o Núcleo de Pesquisa e Extensão e as ações que nele são desenvolvidas. Desse modo, aparece o desinteresse em buscar entender mais sobre o setor e como o ele pode contribuir para o aprimoramento do processo formativo, pois, as profissionais do Núcleo estão à disposição para o esclarecimento de quaisquer dúvidas além de disponibilizar no site do departamento e nas páginas virtuais específicas do setor, tudo que diz respeito ao mesmo.

A terceira pergunta do questionário, indagou aos estudantes sobre a relação das ações desenvolvidas pelo NUPE e, o processo de formação acadêmico, os resultados foram os seguintes:





## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

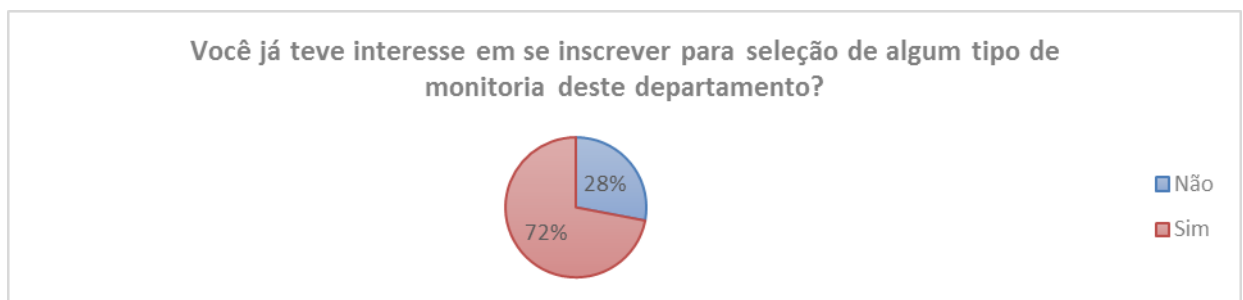
21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O gráfico acima evidencia uma divisão dos estudantes em considerar ações do NUPE completamente relacionadas ao processo formativo ou parcialmente relacionadas, apesar de 2% a mais terem respondido que há sim, completamente. A minoria dos estudantes disse não haver relação alguma, o que pode ser associado à falta de conhecimento sobre o papel exercido pelo setor na Universidade.

A quarta pergunta do questionário se referiu ao interesse dos estudantes a inscrever-se para monitoria disponibilizadas pelo NUPE. Isso foi posto em questão, por considerar as experiências de monitoria intensamente significativas para a compreensão e valorização da pesquisa e da extensão para a trajetória acadêmica, e sobre isso os resultados indicam que:



A maioria dos estudantes disse interessar-se nas monitorias, que podem ser de pesquisa, de extensão ou de organização de eventos. A partir disso, foi possível refletir sobre o significado pessoal dado a cada experiência que é do sujeito, ou seja, a monitoria é uma oportunidade de estar ainda mais engajado na pesquisa e na extensão, mas, que é a postura do sujeito no aproveitamento e significado da experiência que vai definir o crescimento pessoal e acadêmico através de cada possibilidade.

E sobre a participação nos eventos e nos grupos de pesquisa, os resultados revelam que:



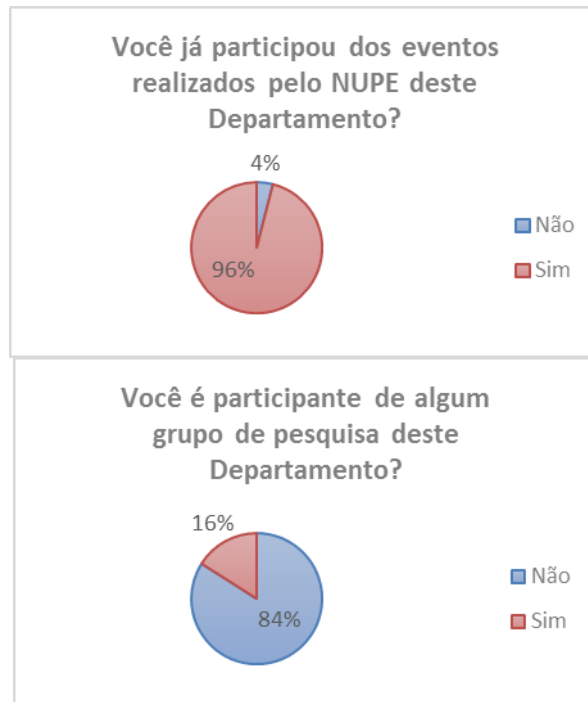


# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

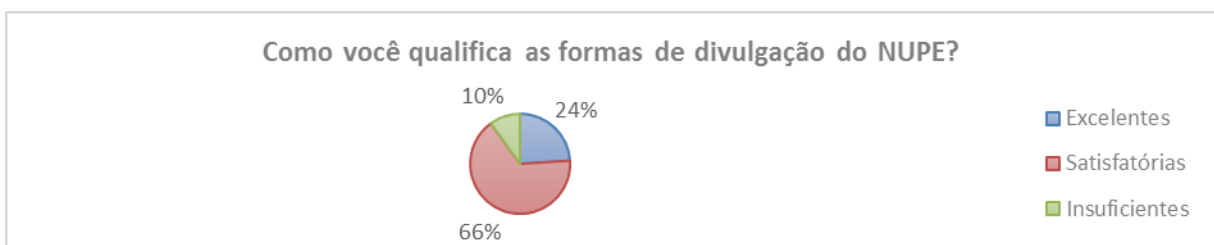
21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Quase todos os estudantes já participaram dos eventos do Departamento, o que indica que estes buscam por alguma razão vivenciar os momentos de partilha dos conhecimentos produzidos. Porém, sobre a participação nos grupos de pesquisa a maioria dos estudantes não participam o que confirma a pouca valorização e requerimento da pesquisa para o processo formativo.

Sobre as formas de divulgação do NUPE, os estudantes disseram que:



Mais da metade dos estudantes colaboradores da pesquisa, considera as formas de divulgação satisfatórias, uma pequena porcentagem classifica como excelentes e outra ainda menor diz ser insuficientes, justificando ser pouco utilizar os murais do departamento e as redes sociais para divulgação.



# Seminário do NUPE

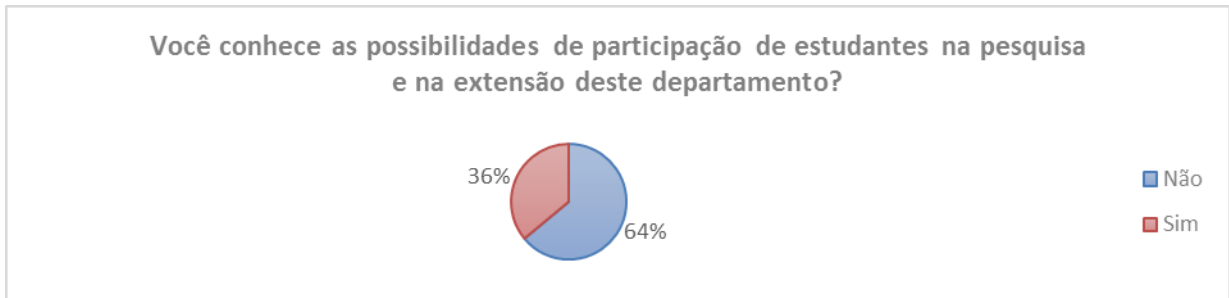
“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534

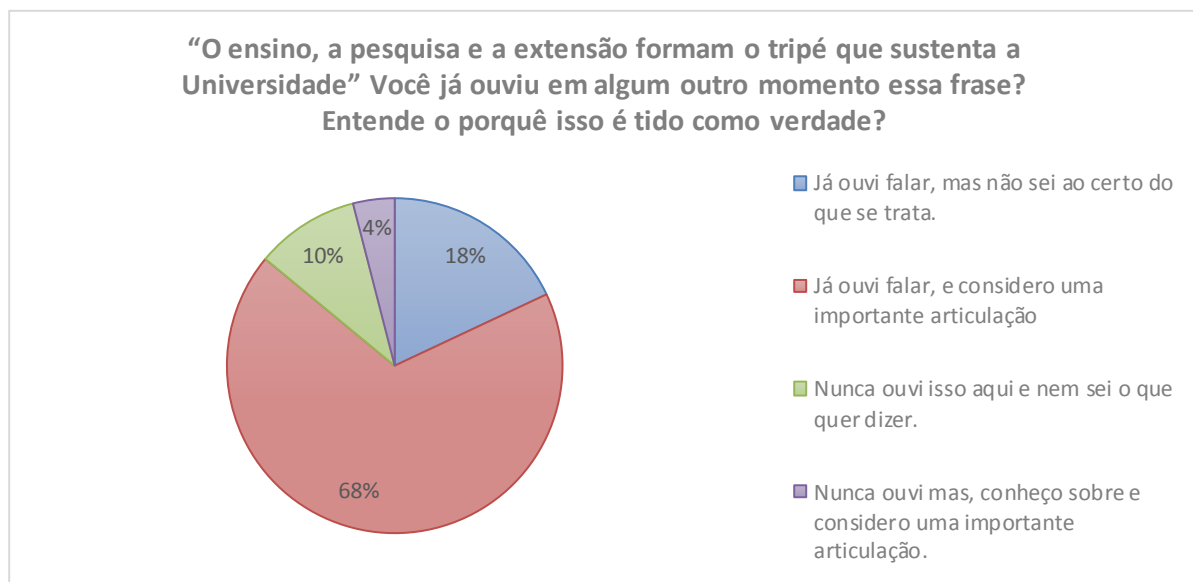


A oitava questão, tratou do conhecimento sobre as possibilidades de participação na pesquisa e na extensão, e os estudantes responderam:



A maioria não conhece essas possibilidades, diminuindo ainda mais o engajamento dos estudantes nesses movimentos e o reconhecimento da importância disto para a formação acadêmica.

Finalizando, os estudantes foram questionados sobre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão para o sustento e sucesso da Universidade:



As respostas revelam, que a maioria dos estudantes diz já ter ouvido falar sobre esta articulação e reconhecem a importância da mesma. Porém, em uma porcentagem bem menor, mas, significativa, dizem não saber ao certo do que se trata e por que o ensino a pesquisa e a extensão constituem o tripé que



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



sustenta a Universidade. Isto comprova o desinteresse com a temática por parte destes e a ausência de significado disso para a formação profissional, mas, evidencia também, a necessidade de haver uma maior ênfase nas discussões voltadas a esta temática nos espaços das salas de aula. O ensino é essencial no processo de compreender a pesquisa e a extensão para o aprimoramento da trajetória acadêmica e profissional.

A partir das informações coletadas através dos questionários será elaborada a entrevista para maior aprofundamento e compreensão das perspectivas de pesquisa e extensão dos estudantes. Dos cinquenta estudantes que colaboraram com a primeira etapa vinte e um se disponibilizaram para responder às entrevistas. Isso significa que quase a metade dos estudantes se interessa em compreender melhor sobre o que a pesquisa propôs e falar sobre o NUPE relacionado ao processo de formação.

## **Para finalizar: importantes e provisórias considerações**

Tendo em vista as aprendizagens proporcionadas pelo estágio no NUPE, é possível dizer que o trabalho pedagógico ali desenvolvido, tem grande ênfase em ações burocráticas, mas, que para além disso, compete ao profissional habilidades de coordenar, organizar, planejar, articular, gerir, entre outras. Então, pode-se dizer que são ações pedagógicas que requerem conhecimentos que orientem atividades como análises de projetos de pesquisa e extensão e acompanhamento dos mesmos; planejamento de eventos voltados a compartilhar as produções acadêmicas com a comunidade interna e externa concomitantemente ao incentivo para que haja mais produções científicas; organização de seminários de divulgação da pesquisa acadêmica e dos resultados dos projetos de extensão proporcionados; coordenação e acompanhamento de atividades estudantis como monitorias de pesquisas, projetos e eventos; além da divulgação das possibilidades de engajamento dos acadêmicos na pesquisa e na extensão universitária para aprimoramento do processo formativo.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Para além das aprendizagens mencionadas sobre o trabalho pedagógico desenvolvido no NUPE, é interessante ressaltar a dimensão detalhista do mesmo, levando em consideração a organização de eventos/seminários<sup>21</sup>.

É importante acentuar que estes eventos/seminários acadêmicos são de extrema relevância tanto para o Núcleo de Pesquisa e Extensão por possibilitar divulgação de atividades, compartilhamento de produções científicas, realização de debates e palestras sobre temas contemporâneos que se fazem essenciais para o desenvolvimento do ensino, da pesquisa e da extensão, quanto para os estudantes em processo de formação profissional. O período do estágio coincidiu com a fase de organização e realização do VIII Seminário de Pesquisa e Extensão do NUPE, e por isso foi potencializado o processo em perceber de modo ainda mais evidente o quanto exige empenho e dedicação dos profissionais do NUPE e, principalmente, a importância de todas as funções que o cabe para uma formação acadêmica de qualidade.

O estágio foi um período intenso de aprendizagens e crescimento acadêmico. Primeiramente, devido a forma que esta experiência foi vista desde o princípio, como um ambiente de descobertas, de possibilidades de pôr em prática e entender a partir das teorias o trabalho pedagógico desempenhado fora da escola.

A experiência do estágio aconteceu não apenas com a observação de modo “passivo”, mas, com a construção de uma postura de estudante reflexiva e pesquisadora naquele espaço e de colaboração com o mesmo. “O estágio concebido como espaço de pesquisa requer do estagiário o caminhar para a reflexão a partir da realidade” (MIRANDA, 2015, p. 9). Assim, construção e desenvolvimento da pesquisa no estágio, intensificou todos os conhecimentos que estavam sendo aprendidos, cada etapa da pesquisa confirmava a

---

<sup>21</sup>Caracterizando este trabalho, tem-se as ações sequenciais voltadas a: estruturação dos objetivos do evento; organização das etapas que incluem período de inscrição de ouvintes, seleção de monitores; período de inscrição de produções acadêmicas para apresentar; escolha e convocação dos integrantes do comitê científico para avaliação dos trabalhos inscritos; divulgação dos resultados dos trabalhos inscritos através da elaboração e envio das cartas de aceite; elaboração, impressão e registro de certificados de participação; construção da programação de cada atividade prevista para o evento incluindo convite a palestrantes e apresentações culturais; entre diversas outras ações que vão direcionando à promoção de eventos adentrando à efetiva realização do trabalho atribuído ao Núcleo de Pesquisa e Extensão.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



importância desse processo para a minha formação. Logo, consolidou-se em aprendizagens com base em aprender a fazer, refletir sobre o fazer e aprender a ser profissional reflexivo e competente no desenvolvimento das ações pedagógicas.

Nessa lógica, tornou-se compreensível que o trabalho pedagógico em espaços não escolares requer aprofundamento teórico e reflexão sobre o mesmo, pois, assim como Miranda explica,

o espaço não escolar, como campo e local de estágio para o pedagogo, busca solidificar um espaço de atuação para esse profissional. Não simplesmente para ocupar uma função, mas para desempenhar, com respaldo teórico e metodológico, ações educativas em contextos não escolares. Significa conceber, planejar, desenvolver, avaliar e reorganizar ações do trabalho pedagógico nos contextos não escolares, as quais, muitas vezes, demandam o trabalho coletivo, o pensar e o agir de forma interdisciplinar. (MIRANDA, 2015, p. 6)

Dessa maneira, aprendi que o processo formativo não se refere ao estudo de teorias para serem aplicadas no espaço de trabalho, mas que as teorias estão presentes no ambiente de trabalho na medida em que elas explicam tudo o que ali está presente e qualificam o profissional quando ele busca entender e desempenhar suas ações associando-as e refletindo-as através dos estudos teóricos.

Com tudo, é imprescindível ressaltar que a pesquisa iniciada no estágio terá as próximas etapas desenvolvidas e explanadas em outro estudo, mais aprofundado e detalhado.

## Referências:

ARAÚJO, Edineide Jezine Mesquita. **As Práticas Curriculares e a Extensão Universitária**. Belo Horizonte.2004.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP. Autores associados, 2000. – (Coleção educação contemporânea).



## Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



MIRANDA, Joseval dos Reis. O Estágio Supervisionado no curso de Pedagogia em espaços não escolares como lócus de pesquisa: novas configurações, velhos desafios. In: XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 10, 2015, Paraná. **Anais Eletrônicos.**

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência: diferentes concepções.** ed. Cortez. São Paulo, 2004.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## A ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO ENSINO DA MATEMÁTICA: DESCRREVENDO EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EXTRACURRICULAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Ana Roberta Carneiro Araújo**

Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

[anarobertah1223@gmail.com](mailto:anarobertah1223@gmail.com)

**Alana Ramos dos Santos**

Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

[nanarsantoss@gmail.com](mailto:nanarsantoss@gmail.com)

### Resumo:

Este artigo é um relato de experiência inspirado nos princípios autobiográficos que emergiu de inquietações de estudantes no exercício da docência na Educação Infantil no estágio extracurricular. A questão norteadora desenvolvida foi: como acontece a articulação teoria e prática no ensino da matemática da Educação Infantil? E, teve como objetivo geral compreender a articulação teoria e prática no ensino da matemática a partir da descrição de algumas experiências de estágio extracurricular. Além disso, objetivamos identificar as teorias que fundamentam as práticas de ensino de matemática; descrever experiências que evidenciam a articulação teoria e prática; evidenciar a importância da articulação teoria e prática para o processo formativo e para o desenvolvimento do ensino. Nessa perspectiva, buscamos aprofundamento em Tardif e Lessard (2002), Moreira (1982), Mizukami (2011), Smole (2000), Freire (1998), Souza (2006) entre outros, através da pesquisa bibliográfica exploratória, porque o ato de pesquisar é formativo e nos faz refletir sobre o que fazemos e lemos. Então, fizemos descrições de algumas das experiências de estágio e análises das mesmas por meio de reflexões, com vistas a compreender a articulação teoria e prática no proceder do ensino da matemática na Educação Infantil e a importância disso para a formação profissional. Nesse estudo, consolidou-se o posicionamento reflexivo de estudantes em formação profissional que perceberam a relevância em compreender o que se faz na docência a partir das teorias que subjazem as práticas de ensino e a importância disto para que haja clareza e competência profissional na Educação Infantil.

**Palavras Chave:** Ensino da Matemática. Teoria e Prática. Experiências Docentes.

### Apresentação

A discussão proposta neste artigo articula-se com o Eixo 2 do Seminário: Ensino, formação, currículo e trabalho pedagógico, por trazer reflexões em torno de práticas de ensino da Matemática de estudantes em estágio



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



extracurriculares, com vistas a evidenciar a importância da busca em construir uma identidade docente. Nesse âmbito, faz-se análise das concepções e teoria/s que fundamentam as práticas do ensino de matemática na Educação Infantil em que são consideradas conscientes ou inconscientes. Por estas razões, nossa discussão contribui para sensibilizar os/as estudantes a conscientizar-se sobre quanto o processo formativo acadêmico profissional, com base na autorreflexão e na pesquisa, direcionam ações transformadoras e eficazes na efetivação do ensino e da aprendizagem.

Nos atuais contextos educativos tem sido perceptível que as práticas de ensino da matemática na Educação Infantil precisam ser refletidas sobre o que está subjacente a mesma, isto é, indagar-se com base em que ela se desenvolve, principalmente, por se tratar do período em que as crianças devem construir a base do raciocínio matemático que lhe dará o subsídio necessário para os futuros avanços no desenvolvimento de aprendizagens que são consideradas complexas nas etapas finais de escolarização.

Isso significa dizer que, as práticas de ensino da matemática devem partir de um princípio inicial de reconhecimento sobre a complexidade desta ciência no desenvolvimento dessas aprendizagens, tendo em vista a qualificação do/a profissional docente que se coloque a direcionar esses processos educativos na etapa dos primeiros anos de escolarização.

Então, partindo do pressuposto de que é preciso um/a profissional docente competente para o ensino da matemática na Educação Infantil e da importância deste período para toda a trajetória escolar dos educandos, emergiu das nossas experiências a questão norteadora: como acontece a articulação teoria e prática no ensino da matemática da Educação Infantil? A partir disso, buscou-se de modo geral, compreender a articulação teoria e prática no ensino da matemática através da descrição das experiências de estágio extracurricular, além de: identificar as teorias que fundamentam as práticas de ensino da matemática; descrever experiências que evidenciam a articulação teoria e prática; e evidenciar a importância da articulação teoria e prática para o processo formativo e para o desenvolvimento do ensino.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Porém, para realizar este estudo com qualidade acadêmica buscamos auxílio nos estudos de Tardif e Lessard (2002), Moreira (1982), Mizukami (2011), Smole (2000), Freire (1998), Souza (2006) entre outros, por nos possibilitar o exercício da reflexão a partir de experiências vivenciadas.

Pondera-se que os professores precisam estar conscientes sobre o que subjaz suas práticas de ensino, com base em quais teorias estas práticas são desenvolvidas e para que se realiza o trabalho pedagógico no ensino da matemática. Nesse sentido, partimos do princípio de que “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 1996, p. 38).

Diante disso, justifica-se que o desenvolvimento deste estudo foi impulsionado devido às experiências de estágio extracurricular na Educação Infantil em escolas públicas da zona rural, e por sermos professoras em formação (já estarmos lecionando desde o quarto semestre do curso de Pedagogia), tendo como responsabilidade conduzir processos educativos de crianças de quatro e cinco anos de idade.

Nesta nossa trajetória escolar percebemos que as aprendizagens matemáticas sempre tiveram um grau de dificuldade mais elevado do que as outras disciplinas, e que em alguns casos causam até frustrações e impossibilidade de obter sucesso nas etapas subsequentes de escolarização. Daí a necessidade de haver um olhar sensível e atento sobre as práticas de ensino de matemática, para que o compromisso com as crianças seja o de proporcioná-las o maior desenvolvimento possível nessa área do conhecimento.

E, para o alcance dos objetivos propostos, a trajetória metodológica consistiu em relatar algumas das nossas experiências de estágio extracurricular no ensino da matemática, até porque segundo Souza

experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como percurso de formação e de conhecimento, porque se ancora nos recursos experienciais engendrados nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento. (SOUZA, 2006, p. 136)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Assim, esta produção está inspirada em princípios autobiográficos da pesquisa qualitativa por conta de relatos narrativos e em pesquisa bibliográfica qualitativa para aprofundar os estudos sobre a articulação teoria e prática sobre o ensino da matemática e do desenvolvimento profissional possibilitado por meio do estágio extracurricular. Aliás,

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22)

Ademais, este artigo está organizado em três sessões as quais evidenciam a relevância em posicionar-se como estudantes pesquisadoras e professoras reflexivas, para que as práticas de ensino sejam desenvolvidas com competência, compromisso com os educandos em formação escolar e, conseqüentemente de modo que o processo de formação acadêmica seja valorizado e visto como subsídio que fundamenta o que se faz e o porquê se faz na docência.

## **Teorias que fundamentam as práticas: reflexões de estudantes no estágio extracurricular**

A Educação Infantil é uma etapa de escolarização que se constitui como um período extremamente relevante para toda a trajetória escolar do sujeito. É durante esse tempo – de 0 a 5 anos – que a criança entra em contato com os primeiros processos de ensino planejados para que aprendizagens essenciais se efetivem e sirvam de base propulsora de todo desenvolvimento escolar. Na verdade, o ser humano passa por fases de desenvolvimento de maturação e inteligência desde o seu nascimento e encontra na escola um subsídio fortalecedor nesta fase de vida.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Desse modo, é primordial que seja dada a real importância a esta etapa, principalmente pelos professores que se colocam a conduzir processos educativos nesse contexto. Assim sendo, considera-se aqui essencial refletir sobre o fato de que “a prática educativa não sucede no vazio, mas tem por base, necessariamente, uma concepção de homem, de sociedade e de escola que sustentam e dirigem o fazer docente.” (FARIAS, 2011, p. 31)

Falar em prática pedagógica e principalmente sobre a docência é se remeter a um pluralismo de teorias que podem fundamentar a prática. Isto é, existem várias concepções de escola, homem, mundo, sociedade, ensino e aprendizagem que classificam e constituem as diferentes teorias (MIZUKAMI, 2011). Assim, o/a Pedagogo/a em seu processo formativo deve conhecer e se aprofundar nestas teorias, para escolher qual irá conduzir a sua prática de ensino, pois, deve possuir uma identidade docente, para que sua ação seja clara, consciente e dotada de conhecimento.

Enfatizando o ensino da matemática, especificamente na Educação Infantil, ponderamos a princípio que o docente em sua prática, para que ocorra de fato a aprendizagem, deve estar a par da teoria que subjaz a sua ação. Segundo Smole,

o conhecimento matemático não se constitui num conjunto de fatos a serem memorizados; que aprender números é mais do que contar, muito embora a contagem seja importante para a compreensão do conceito de número; que as ideias matemáticas que as crianças aprendem na Educação Infantil serão de grande importância em toda a sua vida escolar e cotidiana. (SMOLE, 2000, p. 9)

Então, é evidente que esta fase de desenvolvimento e aprendizagem da matemática é crucial para o sujeito, pois, é por meio dela que se inicia este conhecimento matemático de maneira formal, assim nos é atribuído um dever que não é fácil e necessita de maior empenho e compreensão na realização de ensinar e aprender. Ou seja, para identificar e compreender as teorias que podem fundamentar as práticas no ensino da matemática optou-se por relatar algumas experiências que tivemos em nossa prática de ensino. Escolhemos três conteúdos básicos: as formas geométricas, as operações e os números, e,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



quanto às descrições que faremos, nossos relatos serão nomeados por P1 e P2.

Sobre a experiência vivenciada com as formas geométricas:

No ensino das formas geométricas, primeiramente, apresentei objetos que são manuseados no dia a dia deles, que visivelmente é perceptível a presença das mesmas, e aconteceu por meio de um círculo no chão. Assim apresentando-as de forma não vaga e sim demonstrando a sua participação e importância na vida deles. Além disso, foi contada uma história na qual as formas geométricas estavam presentes, e a partir da história solicitei que desenhasse os objetos e as coisas que haviam sido ditas, como por exemplo uma casa. (P1, 2017)

No dia em que me propus a trabalhar com “as formas geométricas” convoquei as crianças a desenhar uma casa comigo. Na lousa fomos imaginando como seriam os traços para desenhar uma casa e as crianças foram me dizendo o que tem no desenho da casa e eu fui riscando. Em seguida, comecei a questioná-las sobre algumas figuras que eu tinha num papel recortado: um triângulo, um quadrado, um retângulo e um círculo, e fui mostrando e apresentando os nomes das figuras. Em seguida eu pedi que mostrassem na casa os lugares em que os formatos pareciam com as figuras que eu estava mostrando. Depois eu pedi que as crianças desenhassem as casas delas e me contassem como construíram. Depois eu entreguei uma folha de ofício para cada criança e em cada folha tinha uma figura geométrica que elas iriam pintar de tinta guache e apresentar qual era a sua obra de arte (P2, 2017)

A partir desses relatos é possível constatar uma prática voltada para a construção do conhecimento, quando ao apresentar as formas geométricas inserimos as crianças no processo de ensinar e aprender, em que tivemos a intenção de propiciar interação e atribuição de significado, quando foram colocadas questões que estão próximas a elas, ou seja, uma relação do conteúdo formal com a vida social. Assim, nos aproximamos da abordagem cognitivista, em que o “ensino que procura desenvolver a inteligência deverá priorizar as atividades do sujeito, considerando-o inserido numa situação social” (MIZUKAMI, 2011, p. 75).

É importante ressaltar que estas ações em colocar situações que são próximas às crianças, que fazem parte do dia a dia delas estão relacionadas com a teoria de Ausubel, que Moreira discuti:





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Para Ausubel, aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo. [...] A aprendizagem significativa ocorre quando uma nova informação ancora-se em *conceitos relevantes* preexistentes na estrutura cognitiva de quem aprende. (MOREIRA 1982, p. 7)

Desta forma, em nossa prática, de ancorar o que a criança já possui de experiência para o que precisa alcançar futuramente, pode favorecer na ampliação do seu conhecimento, mas, com características formais dos conteúdos necessários. Além disso, é preciso frisar, que os estudos de Ausubel ancoram a abordagem cognitivista, o que nos sinaliza que nossa prática está de acordo com o processo de construção do conhecimento.

O segundo conteúdo foram as operações:

Para as operações, apresentei estas as relacionando com objetos de manuseio do dia a dia deles, como: moedas, lápis, borracha, brinquedos. Distribuí para eles objetos, depois comecei a contar uma história e fui envolvendo os alunos, juntamente com as operações. Chamava de um por um e apresentava situações problemas que estavam dentro da história para resolverem. A participação e o interesse por parte das crianças iam acontecendo de forma natural. (P1, 2017)

Quando fui trabalhar as operações matemáticas com as crianças eu passei com uma caixa de lápis de cor e fui dando quantidades diferentes as crianças que estavam sentadas em círculo, umas vendo as outras. Dei seis a um, oito a outro, quatro a outro e por aí vai... Depois de um em um eu fui pedindo que contassem os lápis e me dissessem quantos lápis tinham em mãos, algumas crianças contavam os lápis e já conseguiam rapidamente me dizer quantos tinham, outras crianças contavam mais no final da contagem não sabiam dizer que a quantidade é representada pelo último número falado na contagem. Aí eu fui percebendo que algumas crianças tinham noção de conjunto, outras apenas de unidades, não conseguiam ainda agrupar objetos. Depois eu fui dando a cada criança mais lápis e em voz alta pedia para que elas juntassem aos que já tinham e falassem com quantos ficaram. Do mesmo jeito eu fui depois tirando alguns lápis e perguntando com quantos as crianças ficaram em mãos. Eu dava brinquedos para as crianças e diziam que todos eles deveriam ficar com as mesmas quantidades em mãos ou seja, eles teriam que dividir igualmente os brinquedos. Alguns conseguiam e outros vinham reclamar dizendo que o colega tinha mais, ou dizendo que estava com menos do que o outro colega. Então assim, as operações foram sendo trabalhadas de modo natural. Fui percebendo que na educação infantil as crianças aprendem de modo natural e não imposto. (P2, 2017)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Neste conteúdo específico, que diferente do primeiro – mas que são complementares – uma prática voltada a construir o conhecimento, é colocar situações-problema que as crianças sintam desejo de responder, mediada pelo professor, que deve instiga-las a pensar sobre as quantidades e registrá-las por numerais e ou desenhos de modo que o raciocínio construído seja discutido, apresentado ao grupo, de modo que todos percebam que estão construindo aprendizagens.

O ensino nessa abordagem “deve estar baseado em proposições de problemas (problemas ou operações que contenham em si um esquema antecipador)” (MIZUKAMI, 2011, p.77), ou seja, uma prática que contém soluções de problemas, pesquisas, investigação e descobertas que buscam efetivar a compreensão do conhecimento.

O terceiro e último conteúdo foi os números e nós desenvolvemos da seguinte forma:

Para o conhecimento e reconhecimento dos números utilizei o jogo da memória de 0 a 9. Em primeiro lugar, apresentei os números relacionando a quantidade, assim, eles iam associando os números que pegaram no jogo, observando onde o par igual do número está e tinham que dizer qual era o número se soubesse responder, caso não sabiam sempre intervia para a compreensão e aprendizagem do mesmo. (P1, 2017)

Então, na aprendizagem dos números eu usei um quebra cabeça de borracha com os formatos dos números de 0 a 9 e as crianças na medida em que iam montando os quebra-cabeças iam me perguntando que formato era aquele, o que significava tal formato e eu ia explicando que era o número 4 que significava a contagem de coisas...Contava os dedos, os objetos, e ia tentando fazer com que as crianças associassem aquela escrita às quantidades. (P2, 2017)

Neste relato, assim como os outros, o ensino construtivista se mostra mais uma vez presente, pois se constata a utilização de jogos de forma intencional; a participação constante das crianças em situações-problema e fazendo-as envolver-se em refletir e indagar sobre a atividade proposta.

Além de serem recursos que ajudam na aprendizagem matemática, os jogos e as brincadeiras apresentam regras que precisam ser respeitadas e seguidas, que contribuem também para o desenvolvimento do subjetivo social.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Assim sendo, a postura de docentes conduziu-nos a interação entre professor-crianças nas atividades, de maneira que observamos o comportamento, conversamos com elas, intervimos quando foi preciso, e principalmente, pensamos em colocar situações que são capazes de serem resolvidas, que aconteceu a partir de uma atividade prazerosa, livre de tensões.

Na verdade,

O aluno deve ser tratado de acordo com as características estruturais próprias de sua fase evolutiva e o ensino, precisa, conseqüentemente, ser adaptado ao desenvolvimento mental e social. Cabe ao aluno papel essencialmente ativo (a atividade é uma forma de funcionamento do indivíduo) e suas atividades básicas, entre outras, deverão consistir em: observar, experimentar, comparar, relacionar, analisar, justapor, compor, encaixar, levantar hipóteses, argumentar etc. (MIZUKAMI 2011, p. 78)

Nesta perspectiva, evidenciou-se então que o ensino da matemática a partir das nossas experiências e das práticas descritas está centrado na abordagem cognitivista, que é predominantemente interacionista e busca a construção do conhecimento, respeitando a fase de desenvolvimento da criança.

Em síntese, ao analisar nossa prática de ensino, podemos afirmar que buscamos fugir do ensino tradicionalista, onde o aluno é mero espectador, um aprendiz passivo, que até hoje se faz presente nas práticas de muitos/as professores/as. E, nesse processo de reflexão, construímos, ainda que incipiente, a consciência de que a sociedade contemporânea exige da escola sujeitos criativos, críticos e autônomos, e estes não se constroem a partir de uma prática embasada na abordagem tradicionalista, em que:

a ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são “instruídos” e “ensinados” pelo professor. Comumente, pois, subordina-se a educação à instrução, considerando a aprendizagem do aluno como um fim em si mesmo: os conteúdos e as informações têm de ser adquiridos, os modelos imitados. (MIZUKAMI, 2011, p. 13)

Logo, para nós, este ensino que é vertical, em que o professor é detentor do saber, no qual o ensino acontece de forma transferível, e a criança



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



um ser passivo não conduz a aprendizagem significativa e eficaz. Assim, para a “quebra” desta prática, visando mudança no ensino e principalmente, no ensino de matemática na Educação Infantil é que buscaremos continuar a conduzir nossas práticas de ensino na abordagem cognitivista, em que o conhecimento se constrói “a partir da troca do organismo com o meio, por meio das ações do indivíduo” (MIZUKAMI, 2011, p. 78), ou seja, deixando de lado o professor como centro do saber e passando a ser o mediador do conhecimento.

De qualquer modo, não podemos dizer que nossa prática de ensino está estabelecida e que nos consideramos professoras construtivistas, pois estamos num processo de formação acadêmica e construção de uma identidade docente.

## **Considerações finais com ênfase no processo formativo profissional**

O processo de formação profissional acadêmico perpassa pela construção de diversos conhecimentos que são essenciais para a compreensão do fenômeno educativo e, portanto, do trabalho pedagógico. Nesse contexto, a docência se faz como profissão consolidada a partir do aprofundamento em conhecimentos teóricos e experienciais que são possibilitados durante o percurso formativo.

Assim, todas as nossas considerações sobre as experiências docentes na Educação Infantil que vivenciamos desde o terceiro semestre do curso de Pedagogia, por meio estágio extracurricular, são essenciais para a nossa consolidação como futuras professoras, pois ao pensar, rememorar e refletir sobre o que fazemos, as aprendizagens sobre o como fazer em sala de aula se tornam mais eficazes, principalmente com a preocupação que nos acompanha de entendermos a prática de forma articulada com as teorias da aprendizagem. Segundo Tardif e Lessard (2005, p. 261), “os primeiros anos de prática profissional são decisivos na aquisição do sentimento de competência e no



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



estabelecimento de rotinas de trabalho, ou seja, na estruturação da prática profissional”.

E, a articulação teoria e prática para nós são importantes por percebermos que toda a trajetória acadêmica não apenas nos instrui sobre a docência, mas nos forma para a mesma, logo, tudo o que é estudado não pode ser considerado distante da escola básica, tampouco do desenvolvimento das práticas de ensino. As teorias da educação - ou abordagens pedagógicas como aqui especificamente são tratadas – dão fundamentos para o que faz o/a professor/a em sala de aula, além de explicar o que está imerso a ela. Ademais, é preciso que o/a professor/a saiba reconhecer que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.” (FRIRE, 1996, p. 22)

Mas, ressaltando as experiências que tivemos na Educação Infantil no ensino da matemática, percebemos a importância da articulação entre teoria e prática para a aprendizagem real e significativa, por nos instigar a: buscar qualificação para enfrentarmos os problemas que corriqueiramente acontecem na sala de aula; estar consciente da(s) teoria(s) que fundamenta(m) a(s) prática(s); a necessidade de reconhecer que o ensino da matemática deve acontecer de maneira a saber claramente, o que, como, e porquê está sendo posto em prática.

É evidente que, não é o mais indicado termos assumindo uma turma, pois ainda estamos no processo formativo acadêmico, e desta forma poderíamos ou de fato pode ter ocorrido falhas no aprendizado daquelas crianças, mas, a partir das descrições fica evidenciado a nossa busca em tentarmos fazer o melhor. Mesmo não sabendo de modo aprofundado, buscamos uma teoria que fundamentasse a nossa prática que estivesse de fato conduzindo todo o processo de ensino e aprendizagem – nas ações, nas atividades proposta de forma oral e escrita, nas avaliações dos estudantes, na própria avaliação da prática, nas tarefas de casa, na arrumação da sala de aula, dentre outros aspectos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Assim, assumir o desenvolvimento educativo escolar, principalmente no ensino da matemática nas primeiras experiências do sujeito é um desafio tanto para aqueles que já estão “formados” e “aptos” para exercerem sua função, quanto para nós que ainda estamos em formação acadêmica. Por outro lado, se são as experiências que vivenciamos que nos ajudam na nossa formação, concluímos que todo esse processo foi fundamental para nós e que discutir a relação teoria e prática é fundamental para uma formação integral consistente.

## Referências

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. 3. ed. Brasília: Liber, 2011. ISBN 9788598843759. Capítulo 1: Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis. (p.39 a 57)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. / Suely Ferreira Deslandes, Otávio Cruz Neto, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Organizadora). – Petrópolis, RJ : Vozes, 1994.

MOREIRA, Marcos Antônio. **Aprendizagem Significativa**: a teoria de David Ausubel, São Paulo: Moraes, 1982.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: E.P.U., 2011.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SMOLE, Kátia Stocco. **Brincadeiras infantis nas aulas de matemática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SOUZA, E. C. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: Interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (org). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006b, p. 135-147.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## AS INTER-RELAÇÕES ESCOLARES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EDUCANDOS, DOCENTES, E AGENTES EDUCATIVOS

**Camila Santos de Jesus**

Universidade do Estado da Bahia

[camilajesus64@gmail.com](mailto:camilajesus64@gmail.com)

**Isaura Santana Fontes**

Universidade do Estado da Bahia

[isaurafontes@hotmail.com](mailto:isaurafontes@hotmail.com)

### Resumo:

Este escrito traz uma breve discussão abordada em um trabalho monográfico de mesmo título, onde, discorreremos sobre conflitos que podem emergir dessas relações, e da importância da boa relação entre educando e docente, salientando sobre a necessidade da formação continuada para agentes educativos e docentes na perspectiva de que através da formação possam transformar e mudar essas inter-relações para melhor. Neste sentido, a questão norteadora foi: quais as implicações formativas das inter-relações dos docentes e agentes educativos da Educação infantil com as crianças da Educação Infantil numa escola na cidade de Serrinha-BA? Objetivo geral foi compreender quais as implicações das inter-relações dos docentes e agentes educativos da Educação infantil com as crianças de Educação Infantil numa escola na cidade de Serrinha-BA e os específicos foram identificar concepções de relação de agentes educativos e docentes; refletir sobre implicações das inter-relações; discutir as consequências de diferentes práticas na escola com as crianças. Os autores que fundamentaram foram Alencar e La Taille (2007), Kramer (1999), Drouet (1990), dentre outros. A metodologia se pautou na abordagem qualitativa, com método inspirado na etnopesquisa, com análise de documentos legais e utilização de questionário com uma docente. Os resultados elucidaram que, a formação continuada é necessária para o aperfeiçoamento e reflexão das práticas de docentes e agentes educativos e que, docentes precisam se atentar para o papel que estão desenvolvendo inter-relacionalmente e suas implicações para a criança. Assim sendo, faz se necessário e fundamental discutirmos as temáticas da educação inclusiva, nos seus aspectos relacionais, pois, estas se apresentam em nosso cotidiano e fazem parte das nossas relações em sociedade e conseqüentemente na escola. Além disso, a forma como os docentes e agentes educativos se relacionam com as crianças precisa ser pensada com cuidado, pois, estas inter-relações são de extrema importância para a formação da criança.

**Palavras-Chave:** Inter-relações étnico-raciais. Formação. Educação inclusiva.

**Introdução: A escola como campo inter-relacional**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A escola é o espaço da sociedade no qual se concentram pessoas de diferentes culturas, portanto, com diversidade étnica e religiosa, bem como de diversas condições socioeconômicas. Sendo, portanto, um espaço de encontro das diferenças propiciando a construção e manutenção de relações dos sujeitos entre si, estudante-estudante, estudante-professor e estudante-agentes educativos (coordenação, auxiliar de serviços gerais, cozinha, portaria, gestão).

Estas relações surgem pela convivência no espaço escolar, no entanto, também surgem os conflitos como a discriminação, o preconceito e o racismo. Uma questão bastante tratada por diversos teóricos é sobre esse conflito na relação estudante-estudante. Mas ainda há pouco diálogo sobre os conflitos que surgem nas relações entre agentes educativos-educandos-docentes. Casos que ocorrem com frequência nos espaços da escola, com atenção especial na Educação Infantil, no contexto do município no qual atuamos, onde isso pode ser observado com facilidade, frequência e de forma menos explícita do que em outras etapas de ensino.

As inter-relações positivas são importantes e necessárias principalmente à criança de creche que se encontra no período de construção de identidade – com base nas referências que possui ao seu redor – e da construção de novas relações, desenvolvimento e aprendizado com quem se relaciona. Criar e manter inter-relações na escola, onde passa maior parte do dia, se torna inevitável.

As inter-relações humanas são inerentes entre os sujeitos, e implicam na construção de si por meio do outro. E o outro também se constrói nesta inter-relação. Kramer, Nunes e Corsino (2011) parafraseando Bakhtin (1976), diz que:

[...] Para Bakhtin (1976), o discurso da vida e o discurso da arte têm o outro como interlocutor. A alteridade supõe a diversidade e a pluralidade, já que o outro – situado fora de mim – tem horizontes vivenciados não coincidentes com o meu. Nas inter-relações entre eu e o outro se confrontam múltiplos discursos e, nesta arena, nos constituímos e somos constituídos mutuamente (KRAMER; NUNES; CORSINO, 2011, p. 76).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O ser humano se constrói na interface e a partir do olhar diferente do outro sobre si. No conjunto, na harmonia e no conflito com o outro. Cresce psicologicamente também nessa reciprocidade. Em uma relação bem estruturada, sem desequilíbrio de poder entre as pessoas e o ambiente, este ambiente e as pessoas irão proporcionar um processo de formação positivo a criança e a sua identidade. (BRONFENBRENNER apud GOLDBERG; YUNES; FRESITAS, 2005, p. 98).

A Educação Infantil é um período de inserção e adaptação da criança no universo escolar, em que ela se sente distante de sua casa e das pessoas com quem convive no ambiente doméstico. Entretanto, o estudante em determinadas situações torna-se vítima de exposição constrangedora diante das demais crianças.

## **As relações étnico raciais na relação docente-educando no contexto escolar da educação infantil**

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), as crianças da Educação Infantil estão em processo de desenvolvimento nos seus “aspectos físico, psicológico, intelectual e social” (BRASIL, 1996), aprendendo sobre o mundo que a cerca, e da cultura que está inserida.

A criança está em processo de construção da sua identidade com base nas referências que tem ao seu redor, e com base no retorno positivo ou negativo que obtém acerca das características que vão compondo sua identidade ela também vai delimitando-a.

Neste sentido, a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), garante que conhecer-se é um direito da criança na Educação Infantil:

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2017, p. 36)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Isto significa que se precisam trabalhar nos currículos os mais diversos aspectos que englobam a criança como a sua cultura, aspectos físicos, tradições, entre outros. Apesar deste mesmo documento ter uma ideologia que corrompe este processo da criança, que é uma especificidade do período da Educação Infantil, fundante no desenvolvimento humano.

Ao frequentar este novo espaço que é a escola, a criança passa a socializar com outras pessoas e estas passam a ser também referência na construção da sua identidade, e se obtém um retorno negativamente das mesmas, especialmente das pessoas adultas, por força das relações de poder, inclusive pelas vias afetivas, a criança poderá tender a omitir e negar a si mesma, ao seu corpo, a sua cultura.

Questões como o racismo, afetam a criança neste processo pela qual ela está passando, por mais que apareça somente de forma implícita afeta diretamente a criança, que discriminada, entenderá que é inferior em relação a outras crianças que recebem este retorno positivo para seus comportamentos, ou aspecto físico, por exemplo, que para ela tenha sido negativo.

Nas situações de racismo a escola se torna responsável em trazer à vista a diversidade cultural fornecendo subsídios para a formação de identidade da criança (NEVES, 2009). A escola não pode ser um espaço de conflito de desconstrução de identidades culturais em favor de outra, pois não há uma “melhor” ou “pior”.

É necessário que ela seja um ambiente onde a criança negra, indígena ou cigana sintam-se pertencida e respeitada diante de seus aspectos. Pois, é a escola um ambiente formativo responsável por receber e acolher para a convivência amistosa e respeitosa as diversas etnias convivendo em um mesmo espaço. Desta forma, esta relação de respeito e valorização de culturas na escola é um campo de lutas estratégico que permeia toda a sociedade, mas também é atravessada por ela, como ela se imiscui e dela e nela se constitui.

A escola é o ambiente onde os grupos sociais estão em constante diálogo e conflito, sob o desafio do respeito à diversidade. O ambiente escolar para a criança negra pode ser o espaço para a disposição da sua identidade, cuja construção se inicia no seio familiar; ou ainda, pode vir a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ser o palco onde a construção identidade nega suas raízes étnicas, caso se confronte com relações de exclusão (NEVES, 2009, p. 03).

O papel do professor é complexo e indispensável, pois não se trata apenas de dominar determinado conteúdo e apresentá-lo em sala, para, além disso, o professor compõe um importante papel político e social na vida do educando. Porém, ao se observar a prática de alguns docentes, notamos que nem todos tem noção do seu papel e o quanto isso influencia diretamente no desempenho do estudante.

Desde o primeiro dia de aula em que a criança adentra a escola, de início criará um vínculo mais próximo com o seu professor. E ainda nestes primeiros momentos a depender do tratamento recebido e pelas suas observações feitas diante o tratamento do professor, o estudante criará suas primeiras impressões. A autora Drouet afirma que:

Ao entrar em contato com professor, o aluno poderá gostar dele ou não. Se a reação que o comportamento do professor despertar for agradável, o aluno passará a admirá-lo; se, ao contrário, o professor tiver um comportamento inibidor, punitivo e repressor, o aluno reagirá afastando-se ou rebelando-se. O mesmo podemos dizer em relação ao professor que, por seu lado, tenderá a interagir melhor com seus alunos que lhe forem simpáticos e agradáveis, do que com alunos rebeldes e malcomportados. Portanto, professor e aluno são elementos ativos no processo de interação, pois ambos têm sentimentos e percepções (DROUET, 1990, p. 124).

Através do que foi sentido, percebido e vivenciado no momento de encontro durante a aula será capaz de definir qual o tipo de relação será estabelecida entre ambos posteriormente.

Evidenciando-se que esta relação desrespeita não somente a convivência em sala de aula, mas o tipo de relação entre professor/estudante irá influenciar significativamente no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, uma vez que, os sentimentos trocados nesta relação podem significar para a criança que a escola é um ambiente agradável e acolhedor, no qual ela se sente bem em frequentar propiciando o seu desejo em aprender, em estar atenta a aula, pois gosta do professor.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Caso contrário, se os sentimentos trocados nesta relação sejam negativos, a criança sentirá resistência em frequentar a escola e dificuldade em querer aprender com esse professor.

A relação professor/estudante já vem sendo tratada há algum tempo e através de pesquisa para verificar o processo de aprendizagem da criança em decorrência do comportamento do professor (DROUET, 1990, p. 127). É inegável que a forma como o professor se relaciona, o seu tratar com as crianças intervém em como e no quanto a criança pode aprender, a mesma autora acrescenta ainda que:

[...] pesquisas demonstraram que os alunos tendem a reagir em classe, apresentando comportamentos que visam a contestar ou a apoiar os professores, dependendo do tipo de liderança que estes exerçam. Quando o professor se revela um líder do tipo dominador, os alunos se mostram rebeldes, desafiadores e mesmo hostis. Ao contrário, alunos de professores do tipo integrador são amigáveis, calmos, entusiasmados com as aulas e quase não apresentam problemas de disciplina. Portanto, o comportamento do professor condiciona o comportamento de seus alunos (DROUET, 1990, p. 127).

A boa (ou não) relação da conversação, da afetividade e do respeito entre o professor e estudante, consegue atrair o interesse da criança a querer fazer parte e estar na aula. O diálogo em sala de aula é necessário na mediação e articulação das aprendizagens e reflexões dos educandos com o mundo a sua volta (LOPES, 2009).

Evidencia-se, portanto a necessidade da relação empática entre professor/estudante. No entanto, em determinadas relações essa empatia não está presente, ao invés, são construídas relações discriminatórias, de constrangimento, de humilhação e racismo.

Estas situações não são novas na escola, porém, as discussões ao entorno são superficiais apenas retratadas em noticiários que logo são esquecidas ou não se dá muita atenção.

Outrora, o papel a ser cumprido pelo professor parece controverso ao papel que está cumprindo hodiernamente. Uma vez que, é responsabilidade dele dar visibilidade a discussões sobre o racismo e o preconceito, tendo em





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



vista o combate à repercussão dos mesmos no ambiente escolar. Além, do ensino de aspectos das culturas dos estudantes presentes em sala de aula, como forma de valorização e equidade da identidade cultural das crianças.

O/a docente precisa se atentar para o papel que está desenvolvendo e suas implicações para a criança. Para tanto, é necessário à reflexão dessa prática, e melhorá-la através da formação continuada.

Na seção subsequente, discutiremos a necessidade da formação continuada de docentes e agentes educativos, na perspectiva de ampliar e qualificar suas práticas.

## **Percurso metodológico e análise de dados**

Nesta seção discorreremos sobre o caminho metodológico que conduziu a pesquisa, assim como a análise de dados, construída para a compreensão da seguinte questão norteadora: quais as implicações das inter-relações dos profissionais da Educação infantil com as crianças numa escola na cidade de Serrinha-BA?

Esta pesquisa esteve baseada na pesquisa de abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa segundo Macedo (2009) compreende que a crítica e a contradição fazem parte da construção da pesquisa:

Ademais, enquanto acolhimento da crítica, a pesquisa não pode desprezar as contradições. Essas são emergências caras à criticidade. Documentar, compreender contradições e ambiguidades, bem como opinar sobre os conflitos, é parte da construção da complexidade das pesquisas qualitativas. Em vez de descartá-las e substituí-las, são consideradas subsídios ricos para compreensão das realidades humanas (MACEDO, 2009, p. 109).

Foi possível perceber essa característica nesta pesquisa na medida em que, observei situações de conflitos originadas pelo desconhecimento e incompreensão de certos saberes necessários à profissão destes sujeitos envolvidos, e da mesma forma vivenciei enquanto pesquisadora que a pouca instrução, experiência e formação podem nos levar a observações e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



conclusões incoerentes. Sendo assim, ao mesmo tempo em que tecia críticas às situações observadas, em minhas ações me contradisse, o que como afirma o autor acima não deixa de ser um processo legítimo da pesquisa qualitativa e formativa.

Esta pesquisa tem uma inspiração na pesquisa Etnopesquisa formação. Ela se inspira em algumas características da Etnopesquisa formação, como a aproximação no vínculo do pesquisador com a pesquisa. Nesta perspectiva, Macedo (2012) diz que:

Faz-se necessário pontuar que tudo o que fazemos está *vinculado* às nossas implicações, incluindo outro lado, pesquisas fazendo das nossas implicações *um modo de criação de saberes*, transforma-se, da nossa perspectiva, numa inflexão importante no campo das pesquisas antropológicas (MACEDO, 2012, p. 23).

A escolha do objeto de pesquisa está intrinsecamente relacionada com o pesquisador, não se desvinculando das concepções e ideias deste sujeito. Como instrumento de construção de dados, foi elaborado um questionário aberto para ser respondido pelos sujeitos pesquisados. A colaboradora desta pesquisa foi uma docente, formada em Licenciatura Plena de Pedagogia e docente do grupo 1, E que demos o nome fictício de Maria.

Nosso desejo inicial era realizar duas entrevistas coletivas: uma com três agentes educativas e outra com três docentes, em dois momentos. No primeiro momento faríamos questões sobre competências profissionais e concepções de relação e de Educação Infantil. No segundo momento, seria lida uma das situações que observei, e em seguida algumas questões para discutir sobre a situação. Mas devido a uma intempérie<sup>22</sup> decidimos optar por um questionário. No entanto, somente uma docente desejou/ conseguiu participar da pesquisa.

## Concepção de Educação Infantil

---

<sup>22</sup> Após o período de inserção no trabalho de campo e já na fase final, quando faríamos as entrevistas, a comunidade escolar vivenciou uma situação de luto que nos atingiu de modo ineliminável e mudou radicalmente o formato de interlocução nesta etapa.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Essa categoria foi construída a partir dos dados que representam a concepção dos sujeitos de Educação Infantil.

A Educação Infantil possui sua ênfase no desenvolvimento da criança. Observa-se que esta é a fase mais fundante da vida do estudante, além disso, é no ambiente da escola que a criança passa a maior parte do seu dia. Desta forma, reafirmamos a importância da construção de relações saudáveis e positivas para à criança neste ambiente.

Diante da indagação sobre a concepção de Educação Infantil, nossa colaboradora demonstrou compreender bem sobre o desenvolvimento da criança nesta fase:

Uma etapa muito importante na formação do cidadão. Nesta etapa a criança dá seus primeiros passos rumo aos valores sociais, culturais e políticos (MARIA, 2018).

Diante desse relato, evidencia-se que a concepção de Maria é que, a infância é uma fase que possui características próprias, e que a criança é aprendente da vida em sociedade. Para Maria, esta é uma fase de desenvolvimento e formação do sujeito enquanto pertencente a uma sociedade. É também uma fase de aprendizagem dos valores éticos e morais que compõem esta sociedade, além de tornar-se também um sujeito político.

Para atender a este período de desenvolvimento, se faz necessário que a escola consiga garantir condições mínimas. Pois, na fase de “[...] de zero a seis anos, o ser humano sofre transformações muito grandes e que são de fundamental importância para toda a sua vida futura” (DROUET, 1990, p. 47). Esta fase é vivida na Educação Infantil, evidenciando a necessidade de que este ambiente seja planejado, discutido e reorganizado.

## **Concepção de relação**

A concepção de relação é um elemento importante para compreendermos como estes sujeitos se relacionam com a criança e porque se



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



relacionam de tal forma. Pois, as relações são inerentes a todos dentro da escola, assim como em toda a sociedade.

Faz-se importante destacar que os principais sujeitos envolvidos e responsáveis pela modificação e aprimoramento dessas relações são os agentes educativos e docentes.

A seguir será apresentado de que forma a docente compreende sua relação com a criança:

A criança se constitui e se desenvolve pelas interações, relações e práticas cotidianas. É por meio do outro, do mundo que a cerca que as crianças desde pequenas, articulam experiências culturais, artísticas, tecnológicas. É na Educação Infantil que inicia o desenvolvimento de habilidades sócio emocional (MARIA, 2018).

Para Maria a criança se desenvolve através das interações com e por meio do outro, como algo próprio da criança. Neste sentido, Kramer (1999) diz que:

[...] Tenho defendido uma concepção que reconhece o que é específico da infância - seu poder de imaginação, fantasia, criação -, mas entende as crianças cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas (KRAMER, 1999, p. 272).

Percebemos então que Maria compreende muito bem a dimensão das inter-relações com a criança e para a criança, por tanto, essas interações precisam ser pensadas para proporcionar a criança relações positivas.

Observa-se que para Maria a afetividade na relação entre docente e educando é algo muito relevante no desenvolvimento da criança, ela afirmou o seguinte: “[...] o afeto equivale todas as relações no ambiente da Educação Infantil, uma criança conquistada é aprendizagem garantida (MARIA, 2018)”. Percebe-se que Maria compreende a necessidade da boa relação entre estes sujeitos.

**Implicações de diferentes práticas inter-relacionais da escola com a criança**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Nesta categoria apresentamos as diferentes práticas da escola com a criança com base em questões que foram feitas a partir de uma história (APÊNDICE A). A criança necessita sentir-se segura e confortável nos ambientes que frequenta. É indispensável que a escola promova segurança e bem estar para a criança. Observemos que para Maria a situação descrita no questionário aconteceu por falta de conhecimento da docente, e que acha tal situação revoltante, principalmente por ela também ser educadora:

Pela profissão constrangida, por existir tantos profissionais na área despreparados e inconsequentes quanto a função de formar cidadãos éticos, morais, seres sociais (MARIA, 2018).

Podemos perceber diante da fala de Maria, que a mesma acredita na formação continuada como elemento indispensável para a profissão docente. Para reforçar esta concepção ela afirma que faz formação continuada apesar da escola não possuir um grupo de formação na instituição onde atua.

Neste sentido, Maria acredita que a docente da história não possui formação adequada e ainda acrescenta que: [...] a criança deve ser valorizada em todo o seu contexto, histórico e social. O professor deve estimular a autoestima (MARIA, 2018).

Evidencia-se que Maria tem uma concepção de que a criança precisa ser compreendida como um ser social e histórico, que constrói aprendizagens e produz conhecimento, e é produtora de sua cultura e história e desta forma, deve ser valorizada e respeitada com todas as suas características, que corrobora com a perspectiva de Muniz (1999).

Ao dizer o que acha sobre a situação descrita na história, Maria respondeu que é "Lastimável que no setor educativo aconteça tal grau de desrespeito e discriminação (MARIA, 2018)" evidencia-se a preocupação de Maria de que este tipo de situação ocorre dentro de uma escola, que ganha um peso ainda maior por partir de uma docente em momento que deveria ser de aprendizado de valores sociais para a criança. Maria acredita ainda que a relação entre a docente e a criança é de “Muita falta de respeito, muito autoritarismo (MARIA, 2018)”. De fato, estes dois elementos citados por Maria



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



parecem estar presentes nesta relação, uma vez que podemos perceber que não há uma relação respeitosa.

Sendo assim, ressaltamos que “O âmbito escolar é onde a criança desenvolve a capacidade de questionar, ter consciência de sua identidade e a qual grupo pertence” (NEVES, 2009, p. 3). Neste sentido, as práticas escolares apresentam-se como elemento importante enquanto espaço social da criança.

## Considerações Finais

Os resultados do trabalho evidenciaram que em relação ao objetivo analisar as concepções de relação dos docentes e agentes educativos, percebeu-se que há uma resistência por parte de alguns docentes e agentes educativos em discutir suas concepções e ações. O que evidencia uma falha de formação destes sujeitos, uma vez que, sabemos que discutir nossas práticas pode nos fazer repensar a qualidade destas ações e para, além disso, toda esta dinâmica deveria ser parte convencional do processo de formação profissional. Compreendemos que esta é uma questão cultural que precisa ser abordada institucionalmente pelas escolas e pelas políticas públicas de formação continuada. Mas também dizem respeito a cultura da formação inicial que precisa repensar o modus operandi da prática pedagógica dos cursos de licenciatura e de seus estágios.

Entretanto, precisamos ressaltar que tivemos restrições ao acesso das concepções de relação dos agentes educativos e docentes para além da questão da resistência observada, mas sim, que foi determinante a eliminação das entrevistas por fator involuntário que nos envolveu em um sentimento de luto ineliminável.

Em relação ao objetivo refletir implicações das inter-relações, evidenciamos que se faz necessário a compreensão de todas as pessoas sem distinção, que atuem no ambiente escolar da Educação Infantil, da infância e do desenvolvimento do sujeito criança das implicações formativas das inter-





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



relações no sentimento de pertinência, na construção do processo identitário, na autoestima, no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem.

Percebemos que em relação ao objetivo, discutir as consequências de diferentes práticas da escola com as crianças, que as práticas da escola estão convencionalmente ligadas ao nível de formação e instrução dos sujeitos que a compõe. Convencionou-se que quanto mais conhecimento estes sujeitos adquirem, melhor serão as suas práticas e conseqüentemente melhor serão as relações, a educação, o aprendizado e assim por diante. Entretanto, podemos observar que formação é mais ampla do que a instrução, e que em se tratando do foco deste trabalho, as relações e inter-relações estão vinculadas a processos formativos que muitas vezes a escolarização negligência e que outros espaços não escolares muitas vezes fazem com expertise. Assim, acreditamos que as práticas relacionais de pertencimento e de posituação de pertencimento e autoestima observadas no espaço escolar podem também estar relacionadas à formação em outros espaços formativos. O que de modo algum dispensa, a por nós também defendida, necessidade de formação continuada enquanto política pública indispensável para a qualidade relacional na cultura institucional e intervenção educacional a favor de uma sociedade inclusiva. Apenas justifica a existência ou resistência de alguns profissionais que trabalham de modo qualificado, apesar das condições desfavoráveis.

Evidenciou-se que é necessário e fundamental discutirmos as temáticas raciais, pois, estas se apresentam em nosso cotidiano e fazem parte das nossas relações em sociedade.

Percebeu-se que docentes precisam se atentar para o papel que estão desenvolvendo relacionalmente e suas implicações para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança. Para tanto, é necessária a reflexão dessa prática, e melhorá-la através da formação continuada.

Elucidamos que, a formação continuada faz parte do exercício docente e de todos os agentes educativos na perspectiva de ampliar e qualificar suas práticas. A escola precisa acompanhar e se conectar temporalmente com os educandos e os problemas da sociedade. Para tanto, precisamos nos tornar



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



mais reflexivos e flexíveis para aprender e entender que este processo deve ser contínuo.

Ficou explícito que a criança se desenvolve através das relações, e que isto é uma característica muito determinante nesta fase. Fazendo-se necessário promover relações positivas que possam contribuir para a qualidade deste processo de desenvolvimento e aprendizado, destes sujeitos singulares.

## Referências:

BAKHTIN, M. **Discurso na vida e discurso na arte**. Trad. Cristóvão Tezza). In: Voloshinov, V. N. *Freudianism: a Marxist critique*. New York: Academic Press, 1976 (mimeo). *Apud* KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CORSINO, P. Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*. N.1, p. 69-85, jan./abr. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a05> >. Acesso em: 28 mai. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12907:legislacoes&catid=70:legislacoes)>. Acesso em: 29 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Base nacional comum curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/download-da-bncc/>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BRONFENBRENNER, U. (1996). **A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979) *Apud* GOLDBERG, L. G.; YUNES, M. A. M.; FREITAS, J. V. D. O desenho infantil na ótica da ecologia do desenvolvimento humano. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a11> >. Acesso em: 18 mai. 2018.

DROUET, Ruth Caribé Da Rocha. **Fundamentos da educação pré-escolar**. 1 ed. São Paulo: Ática SA, 1990. 216 p.

KRAMER, Sonia et al. Infância e Educação Infantil: o caminho necessário conta a barbárie (Org.). In: \_\_\_\_\_ (Org) **Infância e Educação Infantil**. 1. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1999. cap. 11, p. 269 – 275.

LOPES, Rita de Cássia Soares. **A relação professor aluno e o processo de aprendizagem**. Disponível em: <



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf> >  
Acesso em: 28 ago. 2017.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Prefácio de Nilda Alves. Brasília: Liber Livro, 2012.

\_\_\_\_\_. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. In: MACEDO (org). **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências antropológicas**. Salvador: EDUFBA, 2009, 174 p.

MUNIZ, Luciana. Naturalmente Criança: a educação infantil de uma perspectiva sociocultural . In: KRAMER, Sonia et al. (Org.). **Infância e Educação Infantil**. 1. ed. Campinas, S P: Papyrus, 1999. cap. 10, p. 243- 268.

NEVES, Pollyana Cassiano. **As relações étnicoraciais na educação infantil**. Disponível em: <  
<http://www.simpósioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/cp02.pdf> >.  
Acesso em: 23 ago. 2017.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## PROFESSORA SIM, PEDAGOGA TALVEZ: UM OLHAR NAS EXPERIÊNCIAS DE DOCENTES EM FORMAÇÃO INICIAL EM CURSO DE PEDAGOGIA

**Cintia Araújo Ferreira**

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

[cintiaaraujoferreira81@gmail.com](mailto:cintiaaraujoferreira81@gmail.com)

### Resumo:

O presente artigo intitulado “Professora sim, Pedagoga talvez: um olhar nas experiências de docentes na formação inicial em curso de Pedagogia”. traz relatos de experiências na formação inicial de professoras da escola da Comunidade do Tabuleiro no Município de Serrinha-Bahia. As informações serviram de suporte inicial para o meu amadurecimento docente. Minha implicação a qual resultou nesta pesquisa foi o desejo de saber que contribuições foram considerados significativos na formação inicial dos professores da escola da comunidade de Tabuleiro. Com intuito de “compreender que contribuições foram significativas pelas professoras na sua formação inicial, destacando a importância desta na atuação em sala de aula”. Mas, para atingir esse objetivo amplo, determinei como objetivos específicos: Conhecer concepções sobre formação inicial; buscar nuances no contexto da formação de professores no Brasil; destacar nos relatos das professoras a importância da experiência formativa na atuação em sala de aula. Essa pesquisa foi de abordagem qualitativa, com utilização de método de pesquisa de campo inspirado na etnografia, e os instrumentos utilizados para busca de informações foi observação e a entrevista semiestruturada, com fundamentação de autores: Libâneo (2004), Pimenta (2009) Sacristán (1999) e trabalhos de outros autores. Chegando ao ponto (in)conclusivo da pesquisa os dados constatarem que, na perspectiva de contribuição na prática em sala de aula, ficou claro que todo aprendizado derivado da formação inicial é válido para atuação. Porém a qualidade do uso desse saber no método em sala de aula depende de cada profissional, sua postura com os alunos, o comprometimento com a eficácia do trabalho bem como no percurso da formação, pois as experiências têm grande potencial na qualidade da formação desse sujeito que ensina e aprende. Assim, apesar de ainda possuir falhas e rupturas na qualidade da formação por parte das instituições, a autonomia dos estudantes, em buscar o reforço para o aperfeiçoamento da formação através de atividades extracurriculares faz diferença na segurança do profissional e na prática em sala.

**Palavras-chave:** Formação de professor. Contribuição pedagógica. Trajetória de formação.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Introdução

A formação, na perspectiva de formar seres pensantes e reflexivos, é significativa quando há percepção explícita com presença de mudança no ambiente que o sujeito está inserido. No entanto, essa percepção deverá ser interna, com amadurecimento do ser envolvido no movimento experiencial.

O presente contexto na sociedade exige mais responsabilidades dos profissionais, que têm que dar conta de inúmeros compromissos diários. O caminho se torna árduo quando o professor não sabe o que fazer com a realidade existente nas salas de aulas.

Nesta perspectiva, destaco que a falta de conhecimento na área de educação me fez perceber a necessidade de conhecer experiências vividas por outras pessoas, por ser estudante de Pedagogia e não possuir a formação do Magistério de nível médio. Portanto, minha implicação a qual resultou nesta pesquisa foi o desejo de saber que contribuições foram considerados significativos na formação inicial dos professores da escola da comunidade de Tabuleiro? Comunidade na qual eu moro e meu filho e sobrinhos estudam. Meu intuito é “compreender que contribuições foram significativas pelas professoras na sua formação inicial, destacando a importância desta na atuação em sala de aula”. Mas, para atingir esse objetivo amplo, determinei como objetivos específicos: Conhecer concepções sobre formação inicial; buscar nuances no contexto da formação de professores no Brasil; destacar nos relatos das professoras a importância da experiência formativa na atuação em sala de aula. A abordagem, foi de caráter qualitativa, por se tratar de investigação de fenômeno de relações humanas que pode ser qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa.

Este artigo científico está organizado em três seções: A primeira seção intitulada, “Um breve panorama sobre a Pedagogia”, apresenta as mudanças efetivadas no curso de Pedagogia às quais reafirmam a intensa qualificação na habilitação no viés do campo científico.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A segunda seção: Destaca o encontro do sujeito com o curso de Pedagogia, que mostra como foi encarada o confronto o curso de Pedagogia; e a terceira e última seção sinaliza contribuição da formação das professoras na atuação em sala de aula. A pesquisa foi ancorada nos escritos de autores como: Pimenta (1997), que parcialmente trata de mudanças de paradigmas na história da formação de professor; Sacristán (1999), que destaca a conscientização dos professores na autonomia do exercício e o compromisso com o bom desempenho na prática; Libâneo (2004), que apresenta discussões e especificidades para o fortalecimento da identidade do Curso de Pedagogia e outros trabalhos que ajudaram no entendimento do objeto.

## **Um Breve Panorama Sobre a Pedagogia**

Sabemos que a história da Pedagogia foi marcada por diversas mudanças e reformulações. Inicialmente a licenciatura em Pedagogia era como um bacharelado nos finais dos anos 30 (pois o ensino era voltado para formação de docentes para o Ensino Normal, mas as discussões eram mais teóricas e voltadas para educação). Posteriormente, foram agregadas formações de habilitações específicas, como Administração escolar, Orientação escolar, etc. Em seguida, houve mudança para uma formação geral do educador, quando no entremeio, adquire autorizações parciais do Conselho Federal de Educação (CFE). Essa autorização deu direito ao exercício de várias funções na área de educação, inclusive para o exercício do magistério no início do ensino fundamental.

Nessa perspectiva, as instituições de ensino superior formam os profissionais da educação em habilitações que integram diversas funções voltadas para a área da educação, todavia, ressalta Macedo que “a formação enquanto fenômeno-tema, não é propriedade privada da pedagogia” (MACEDO, 2012, p. 68), Nesse sentido, entende-se que não só a pedagogia e





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



as demais Licenciaturas forma o ser capaz de intervir na sociedade, mas os diversos cursos, nos diversos níveis de ensino, os bacharelados, assim como outros.

Segundo Libâneo (2004), a Pedagogia não é única área que estuda a educação como objeto de estudo científico; ela tem a Sociologia, a Psicologia, a Economia e demais áreas de conhecimentos. Porém, a Pedagogia é a que trabalha com a parte educativa, ou seja, área pedagógica embora não seja superior às outras ciências de educação, possui um lugar diferenciado das outras. Deste modo, ela se constitui em um campo de estudo com problemas e identidade próprias, e deve formar o pedagogo *stricto sensu*, ou seja, o profissional polivalente qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender as demandas socioeducativas em locais de educação formal, não-formal ou informal.

Importante ressaltar que é necessário formalizar uma distinção entre trabalho pedagógico, que atua em diversas atividades de formação humana, e trabalho docente, que assume na sala de aula. A docência em ambos os casos é característica da Pedagogia, sendo que também é campo das demais Licenciaturas que atuam no ensino fundamental e médio. Dessa forma, os campos de atuações ficam organizados, visto que todas as especificidades determinam o currículo viável a cada tipo de habilitação.

Entretanto, “a Pedagogia desenvolveu-se como uma aplicação da Psicologia [...] agrupa um conjunto de aptidões práticas que permitem aplicar os conhecimentos produzidos por uma série de ciências básicas” (SACRISTÁN, 1999, p. 84). Em outras palavras, o conhecimento pedagógico sobre como promover a aprendizagem estudando o comportamento do psico humano. Sacristán (1999) lembra também que o conjunto de comportamento como destrezas, atitudes e valores fazem parte da especificidade do ser professor.

Assim, conforme o contexto em que o professor esteja inserido, o seu “status” no meio social se diferencia em função do nível de escolaridade em que exerce o seu papel. Nesse sentido, o grau de escolaridade diz muito



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



quando o conhecimento é mostrado, mas se o professor tem uma boa preparação e não expõe suas habilidades fazendo a função na qual foi habilitado, o seu status fica abaixo daqueles que não buscou a titulação devida, mas tem atitude de fazer e aprender ao mesmo tempo.

## O Encontro do Sujeito com o Curso de Pedagogia

Vimos que a formação inicial no curso de Pedagogia é necessária para atuação do profissional no ensino a partir da Educação Infantil e ensino fundamental I. Os professores que tiveram o estudo nível médio no Magistério terão que cursar a graduação em Pedagogia para ter a habilitação do ensino de criança e também de Educação de Jovens, Adultos e Idosos. Como afirma o art. 38 da LDB “os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular”, logo, os profissionais que atuarem no ensino regular devem ter a competência de lecionar esse público também com suas especificidades.

Na perspectiva de conhecer os motivos que levaram as colaboradoras a cursarem Pedagogia, indaguei-as sobre o assunto e elas responderam:

*[...] na verdade quando eu fui pra lá fazer a matrícula, eu tinha optado primeiro por Pedagogia, mas não formou turma na época. Aí eu fiquei sem opção e depois eu olhei os cursos que tinha lá, o único que eu achei que dava pra encaixar era História [...] eu cursei Pedagogia pra mim foi um curso que me deu suporte que eu precisava porque História pra área que eu trabalho não me deu esse suporte [...] Aí fui buscar o outro pra mim melhorou bastante minha prática. (Professora SANDRELY)*

*[...] eu fui fazer Pedagogia é porque é fui obrigatório quem não fizesse quer dizer, eu achava é quem não fizesse Pedagogia uma graduação, ia sair de sala de aula [...] no caso quem tivesse trabalhando com criança, ed. Infantil, séries iniciais tinham que ter Pedagogia, então na verdade eu não tinha vontade de fazer Pedagogia meu negócio era Psicologia mais só que eu não tive oportunidade então fiz Pedagogia. (Professora EDNÓLIA)*



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



*[...] é o curso que sempre imaginei fazer mesmo. E eu não vim do Magistério não, porque em Feira quando eu passei para estudar não tinha mais não, fiz Formação Geral. (Professora THAÍS)*

Analisando as falas de duas professoras percebo coincidência no ponto do desejo de cursar, sendo que a colaboradora Sandrely optou primeiramente por habilitação em História, para depois buscar a Pedagogia.

O interessante é que na lógica, a formação inicial da docente Sandrely é História, mas durante a entrevista ela transpareceu a valorização dada por ela à habilitação da área que ela atua, ou seja, ela estudava História em Faculdade privada e conseguiu ingressar na Universidade pública no curso de Pedagogia, tendo que conciliar por mais ou menos um ano estudando as duas graduações. Assim, a formação que trouxe elementos significativos para ela foi a segunda graduação. Salientando que a formação obtida pela docente acima foi através do Programa Plataforma Freire, que tinha uma perspectiva de formação inicial e também em exercício. Ela considerou a formação de Pedagogia inicial, pois ainda não tinha concluído a graduação de História quando ingressou na habilitação de Pedagogia.

Enquanto a Professora Ednólia, trouxe na sua fala o termo “obrigatório” demonstrando certo receio em perder seu posto de regente de sala, quando sinaliza que tinha que ter graduação em Pedagogia para atuar com criança. Ela fez Magistério, mas a legislação atual determina que a habilitação para atuação de profissionais na educação básica seja as licenciaturas. Assim “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação” (LDB, 1996, art. 62). Isso explica a postura dela em acreditar ser necessário buscar uma graduação específica para a manutenção de sua formação e melhorar sua prática em sala.

Por outro lado, ela poderia insistir em manter-se com a formação do Magistério, apoiando na afirmação da LDB que admite como formação mínima para o exercício o magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade normal (art.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



62), porém esse mesmo artigo no inciso 1º diz que os municípios com colaboração de outras instâncias competentes deverão promover a formação inicial e continuada e a capacitação dos profissionais de magistério. Neste sentido, percebe-se que o profissional precisa acatar as oportunidades que aparecerem em benefício do aperfeiçoamento da prática.

A professora Thaís demonstrou em sua fala o desejo de ter uma habilitação para trabalhar com criança. Ela que estudou Formação Geral, deixa transparecer a vontade de ter estudado o Magistério para ser professora, pois ela expôs ter vocação para trabalhar com criança, ao revelar seu encantamento pelo curso. Logo essa vontade foi saciada quando conseguiu ingressar no curso de Pedagogia.

*[...] Primeiro eu sempre gostei de trabalhar com criança, sempre eu imaginava, eu já dava banca gostava assim, muito de trabalhar com criança e eu ficava curiosa de entender como é que eu via esse processo da aprendizagem como eles aprendiam [...] eu tinha o desejo de saber como é, eu podia ser uma professora assim, pra encantar meus alunos através da afetividade. (Professora THAÍS)*

É notável a distinção da vivência no processo do despertar do curso nos sujeitos.

*[...] eu já atuava com criança [...] eu já trabalhava com criança, eu acho importante a pessoa tá ali na área e ter mais conhecimento e adquirir mais conhecimento, enriquecer [...] e eu achei importante fazer Pedagogia. (Professora EDNÓLIA)*

A fala de Ednólia veio com a percepção da importância da busca de conhecimento para enriquecer a prática, o olhar do profissional sobre demandas na prática deve promover reflexão sobre a mesma. “O professor precisa conhecer as diversas maneiras de ensinar e fazer uso delas, levando sempre em conta os vários fatores ligados à comunicação humana” (AYRES, 2004, p. 21). Assim, facilita a mediação do professor quando ele consegue ter o domínio do uso dos métodos que proporcionem o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos através de suas particularidades, ou seja, se o docente conhece seu alunado individualmente e tem diversas maneiras de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



trabalhar as dificuldades desses alunos, fica mais fácil traçar estratégias de instigação para os mesmos.

Entretanto, a docente Thaís mostra a curiosidade de entender o processo de formação do sujeito profissional, como esse profissional consegue desenvolver a aprendizagem do alunado. Este anseio faz parte da identificação do sujeito com o mundo infantil. Mas, “o educador deve, pois, manter-se aberto a um grande número de novas visões a fim de poder, ele mesmo, aprender no contato com as crianças e continuar a aperfeiçoar-se” (MIALARET, 1977), sendo possível o descobrimento de outras habilidades através desse diálogo, além do que lhe foi habilitado.

*[...] eu se pudesse logo no início quando eu fiz o 2º grau no Magistério eu não seria professora eu achava um horror eu não tinha pulso eu não tinha aquela autoridade que eu não tinha sei lá meu Deus o que é que eu pensava, eu só pensava na indisciplina dos meninos como era que eu ia atuar com aquela indisciplina porque eu via. Então eu achava que eu não tinha pulso eu não tinha habilidades pra isso, aí eu pensava em fazer Psicologia pra exatamente entender aquele comportamento porque que eles se comportavam daquela forma e aí eu fiz pra Pedagogia gostei sim gostei muito. (Professora EDNÓLIA)*

A questão de ter ou não oportunidade é relativo, porque a realidade educacional no contexto de hoje para acesso a nível superior é promissor, os profissionais que desejam se atualizar têm tido amplas possibilidades, nunca foi visto antes da última década tanta “facilidade” para ingressar nas universidades no Brasil. Percebi na postura da professora Ednólia quando falou de seu desejo pelo curso de Psicologia, que tem pouco conhecimento no campo da área psicológica, porque não precisa necessariamente cursar Psicologia para entender ou ajudar as pessoas no seu comportamento. Essa área não se resume a isso, como professora é possível ajudar a evitar o desenvolvimento de problema no comportamento humano pelo menos no meio social aprofundando seus estudos na psicologia da educação, pode unir o útil ao agradável.

Assim como o Psicólogo, o Pedagogo também pode estudar o comportamento do aluno, no entanto Ayres afirma que “o professor necessita



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ter sempre em mente que conhecer o universo individual de seus alunos é um imperativo, se desejar ser bem-sucedido em suas exposições” (AYRES, 2004, p. 32). Realmente, conhecer o universo dos alunos particularmente é uma vantagem para o docente desenvolver um bom trabalho, obviamente, isso não nega a possibilidades de novos investimentos em outra profissão com outras potencialidades.

Na perspectiva do ensino da prática projetada no curso de pedagogia, duas colaboradoras trouxeram elementos importantes.

*Um professor ou outro até que trabalhava mais com a prática, mas a maioria deles era aquelas teorias, que agente ia pra sala de aula não relacionava, não era aquilo que eles explicavam porque mesmo sendo um curso de formação de professor tem muitos professores daqueles ali, eu acho que nunca passou na sala de aula, então não tem nem noção de como é que ta a sala de aula hoje, ou se passou foi há muito tempo, não é a mesma coisa de hoje os alunos não são iguais. (Professora SANDRELY)*

*[...] meus estágios foram meios conflituosos, e foi em pouco tempo pra eu conseguir desenvolver ele alguma coisa que leve aprendizagem, hoje mesmo, logo que eu comecei eu ainda quando comecei atuar mesmo, quando passei no concurso encontrei algumas dificuldades, por isso porque os estágios não prepara por completo teoricamente sim, mas pra prática eu aprendi RS RS , quando entrei aprendi mais primeiro ano que eu entrei aprendi mais do que o estágio[...] meu marido trabalhava já na área acho que ele conseguiu absorver mais conhecimento do curso do que eu porque ele relacionava com a prática dele e eu não trabalhava na área comecei agora. (Professora THAÍS)*

Percebo na afirmação da professora Sandrely a expectativa da formação de professor priorizar o ensino da prática, mas ela trabalha na área há alguns anos, o que se espera que ela tenha adquira experiência via a prática, assim, para reforço da compreensão dos fenômenos diários, a teoria se faz necessária. É importante pensarmos, o que mantém essas fragmentações em formações em exercícios? Porém a Thaís traz uma percepção do ou despreparo prático, pois ela não tinha experiência de sala de aula formal. Quando ela ingressou na atividade efetiva na creche surgiram os conflitos, que conhecimentos vão ser postos em prática? Apesar de reconhecer ter acesso a





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



teoria percebe que os estágios do curso não supriram a necessidade do saber fazer na prática.

Na perspectiva de Sacristán (1999), existe uma limitação na parte prática da formação inicial de professores, dificultando o aparecimento de novos esquemas, assim, o profissional não consegue aplicar as estratégias de ensino durante as aulas. Isso compromete a qualidade do ensino dos professores.

Importante ressaltar, que durante o curso de Pedagogia o currículo oferece disciplinas necessárias, sendo algumas consideradas por estudantes como mais transformadoras como componentes curriculares de Estágios em todas as fases, Pesquisa e prática pedagógica, Filosofia da Educação, Sociologia da Educação, Políticas Educacionais, Coordenação Pedagógica etc.

Acerca da colaboração do ensino das disciplinas do currículo, duas professoras trazem;

*[...] Eu acho que aqui nessa parte algo me marcou muito, foi alguns professores, alguns não todos trabalhou com a prática, e que eles ensinavam assim algumas metodologias diferentes pra você lidar com os alunos, aí eu acho que esse professores, é que nos ajudou bastante, que esses traziam dinâmicas, jogos, aí eu acho que esse, aí ajudou bastante na prática. (Professora SANDRELY)*

*[...] Porque sempre eu faço diagnóstico então isso eu relaciono com o que eu aprendi lá, tem coisas que agente, tem professor que marca e essa professora marcou agente no positivo, do lado positivo, aí eu to aqui que faço o diagnóstico, eu lembro logo dela. (Professora EDNÓLIA)*

Para Sandrely que esperava mais atividade com prática, a mediação dos professores que promoveram mais trabalhos práticos marcou sua trajetória. “Os professores mediam quase todos os processos pedagógicos, mas não deixam de ser reprodutores e veículos de outras determinações da prática” (SACRISTÁN, 1999, p. 75), embora o formando também tenha sua parcela de compromisso com o processo essa reprodução só acontece se houver a internalização de quem se coloca na condição de receptor, sem haver um



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



diálogo. Porém a influência dos aspectos externos é sofrida por ambos, os professores e os estudantes.

No entanto, a professora Ednólia transparece na sua fala a relação dos ensinamentos aprendidos no curso mediado por uma docente com sua prática. Esse exercício de reflexão sobre associação da teoria e a prática é positivo para o formando, o que significa que o mesmo compreendeu o assunto e percebeu sua precisão na execução das atividades da sala. Em seguida, a colaboradora Taís sinaliza na fala uma importante reflexão.

*[...] é verdade tem que ta sempre se relacionando, mas agente não tem essa preparação firme no curso, agente se você quer ser um bom profissional você vai relacionando, mais se acontece como todo os outros, médico, advogado como qualquer um, se não é um professor ta preparado ele não relaciona, porque ele não tiveram essa base para relacionar porque eu acho que é muito curto porque os estágios é muito curto pra dar conta disso, dessa relação.*

*(Professora THAÍS)*

Interessante a percepção da professora Thaís, que faz uma denúncia sobre a base fragmentada que o curso deixa como “brecha<sup>23</sup>”<sup>1</sup> na preparação do profissional. Realmente isso pode acontecer em qualquer formação como diz acima, sem base firme de assimilação, após a compreensão crítica dos conteúdos, o formando não consegue relacionar o que foi ensinado com o que é visto ou vivido no ambiente de trabalho. Assim, afirma Macedo (2012) é comum proposições e prática de formação serem mergulhadas no obscuro de conceitos fragmentados reduzidos à faces técnicas, com pouco diálogo e tensão nos termos de explicação, diria que há uma despreocupação, restando o distanciamento no campo da reflexão educativa.

*[...] a aula de Filosofia [...] chamou muito atenção, assim fez eu me encantar mais porque é aquela coisa do por quê, faz agente pensar instigando agente saber o por quê das coisas, ta se perguntando se questionando o professor precisa ser um*

---

<sup>23</sup> Brecha palavra com significado de espaço vazio, rachadura, lacuna, folga, dependendo do sentido da frase. (Dicionário HOUAISS, 2004)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



*eterno questionador é por que minha prática ta assim? Por que não deu certo isso? e por que é precisa ta sempre ta melhorando então lembro muito foi a Filosofia e foi uma coisa que causa muito lado positivo [...] pra mim o que chamou, foi isso a filosofia causou esse impacto mesmo de agente ficar se perguntando sempre o por quê das coisas.(Professora THAÍS)*

*[...] eu achava assim, que professora ela deixava assim como agente é professora, ela falava vocês já são professoras se virem, aí era assim que ela falava vocês se virem, e aí tanto que no finalzinho pra fazer a nossa monografia o projeto foi muito difícil, porque agente não teve essa aula praticamente não teve essa aula (Professora EDNÓLIA).*

Em relação às disciplinas, algumas colaboradoras trouxeram na fala pontos relevantes na experiência. Interessante os posicionamentos das professoras, uma se encanta pelas indagações trazendo significado para a formação com um olhar positivo para a disciplina de Filosofia. A outra desencanta, pois esperava mais da disciplina/componente curricular envolve elaboração e execução de projetos vinculados a prática pedagógica, com base na pesquisa. Sinalizando a postura da docente que confiando na experiência das estudantes porque já atuam em sala de aula, deixou à deriva como afirma Ednólia usando o termo “se virem”. Nesse sentido, se faz necessário interrogar, se o profissional atua em sala com a base do ensino do Magistério, como ele (a) poderá conseguir desenvolver projetos pedagógicos para atuar na coordenação pedagógica, ou mesmo em outro setor fora da docência sem essa formação importante que é a elaboração de projeto?

Percebe-se o começo das dificuldades explícitas na fala de Ednólia já no projeto de pesquisa monográfica dela. Como disse anteriormente as disciplinas do curso são importantes, mas tem aquelas que os estudantes valorizam mais, ou tem mais dificuldade. Concluir o curso e perceber que deixou de aprender conteúdo essencial para seu trabalho é um desencontro uma parte significativa entre o curso e sua mente aprendiz.

## **Contribuição da Formação das Professoras na Atuação em Sala de Aula**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A trajetória de formação remete ao formando um leque de possíveis contribuições no âmbito no qual exerça ativamente na comunidade local ou escolar ou mesmo na complexidade do meio social. Nesse sentido, as professoras pontuam elementos significativos de contribuição que a formação inicial proporcionou para mesmas.

*[...] eu acho que a cada dia precisa se atualizar mais eu aprendi muita coisa, porque antes logo quando eu sair do Magistério eu era totalmente tradicional eu não parava para ouvir meu aluno pra deixar o meu aluno criar, por exemplo se eu fizesse um desenho e aí o aluno o sol e meu aluno pintasse de azul eu ficava apavorada não! Não! tem sol azul eu dava outro desenho para ele pintar o sol de amarelo e hoje não. Eu entendo que o aluno precisa criar, se ele quer o sol azul tem que ser azul, se quer verde, não é ele o autor? É ele que ta criando o sol então pronto, então eu aprendi muita coisa com essa graduação principalmente a deixar o aluno construir, a criar entendeu? A deixar o aluno colocar o aluno a pensar, isso eu aprendi mesmo, mas precisa aprender mais. (Professora EDNÓLIA)*

A professora Ednólia apresenta o quanto mudou a sua concepção de construção de conhecimento. O amadurecimento em relação à postura em sala com os alunos traduz a importância de o profissional ser reflexivo e crescer a cada dia enquanto planeja atividade, na execução das tarefas até mesmo nas aulas lúdicas de brincadeiras. É possível aprender a todo o momento no contato com os alunos.

Nessa linha de pensamento, é importante destacar que “alguns professores construíram certos saberes durante seus estudos e outros o fizeram pela prática [...] a articulação entre os saberes acadêmicos e aqueles provenientes da experiência cotidiana nunca foi valorizada nem exercitada” (PERRENOUD, 2002, P. 53). Relacionando com a fala da professora Ednólia, a articulação dos saberes pontuada pelo autor Perrenoud, é valorizada sim, no momento em haja ação e reflexão sobre a prática em concordância com a teoria aprendida na graduação.

Aqui ela traz um diálogo com alunos que chamou atenção dela:



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



*[...] tem gente que acha um crime agente fazer diagnóstico com crianças que não sabe escrever as letrinhas ainda, mas elas tem a noção, por exemplo, eu conto história e aí depois eu peço pra eles colocar, \_ como você acha que escreve o nome do elefante e da formiguinha e vocês escreve aí, eles falam assim \_pró eu não sei não, \_é do jeitinho que vocês achar que é aí eles vão e escreve aí eu me deparo eu vejo que a formiguinha é pequenininha porque ela é pequenininha eles coloca nome bem pequenininho as letrinhas né.. os garranchinhos e o elefante por ser grande eles coloca assim um monte de rabisco né..não pra eles tem que ser grande então isso eu me deparei e me deparo várias vezes. (Professora EDNÓLIA)*

O professor precisa ter o hábito de investigar para facilitar a seleção do tipo de atividade aplicar e escolha da metodologia deve ser trabalhada. A preparação do profissional tem representação para o exercício na perspectiva de ter a base dos conteúdos no qual deve dominar para o ensino ter qualidade.

Nesse sentido, destaco que no momento que a colaboradora Ednólia sinaliza a postura dela com os alunos e a reação dos mesmos em resposta a ela, esclarece que o movimento apresentado do acontecimento na atividade em sala, correlaciona com abordagens relatadas por outros autores que Ednólia havia conhecido durante a formação, ou seja, após obter os conhecimentos acadêmicos, ela conseguiu fazer um *link* do que viu nos estudo na graduação com os acontecimentos no cotidiano da sala de aula, essa atitude tem grande significado na transformação de profissional em exercício.

Em seguida a professora Thaís apresenta a contextualização dos conhecimentos apreendidos no curso de Pedagogia com ambiente de interação entre alunos.

*[...] eu consegui fazer os cantinhos que Maria Montessori fala que eu não conseguia antes é por conta do espaço [...] só nessas duas semanas eu já pude perceber um avanço na autonomia deles por conta dos cantinhos de brinquedos, dos livros e tal, que ficava os brinquedos tudo junto em uma caixinha antes e tinha o cantinho da leitura e tinha as mesas na sala aí eles não tinha aquela responsabilidade nem responsabilidade pra ta arrumando as coisas mesmo agente conversasse eles arrumava com tempo, mas com os cantinhos ficou mais rápido foi bem mais no início até os choros porque tem muito choro no início foi menos devido aos cantinhos eles se sentiram acolhido os espaços ficou mais confortável e autonomia. Oh! Aquele brinquedo ta ali carrinho aqui e na hora de arrumar eles se*



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



*sentiam responsável ai os brinquedos ficava o tempo todo na sala e na hora de sentar pra rodinha todo mundo ia não se dispersava porque sabia que ali quando terminasse eles tinha autonomia de voltar pra o que eles estavam fazendo então nessa questão esse ano que começou eu percebi a importância dos cantinhos são muitos importantes ajuda muito na prática pedagógica na etapa de creche acho que na educação infantil (Professora THAÍS)*

Neste sentido, percebe-se que há uma reflexão acerca da evolução do olhar voltado para o conceito de leitura, como afirma Perrenoud (2002) que a elevação de nível profissional os torna capazes de aprender com as experiências, através de análise do que faz e ajuste na ação aplicada.

Assim, cada ação pontuada por Thaís tinha objetivos para serem alcançados, e o conhecimento do que deve ser feito para alcançá-lo é importante, pois o profissional é desafiado todos os dias no exercício em traçar estratégia para desenvolver o aprendizado dos alunos. Principalmente educar o olhar da criança que não entende ainda as diversas maneiras de se comunicar, logo sua comunicação é de outras formas. Mas, o que ficou presente na fala da professora é a contribuição significativa que a formação inicial teve nesse processo de adaptação do ambiente necessário para o bom desenvolvimento dos pequenos alunos.

## **Considerações Finais**

Em síntese eu trouxe um pouco do trajeto das professoras, foi justamente isso que me despertou para buscar conhecer a realidade do exercício do professor, essa vontade de compreender a linguagem relatada pelas mesmas fez com que eu buscasse experimentos através de estágio nas escolas públicas. Com isso percebi que entrei na universidade com uma crença (o curso de pedagogia não prepara para sala de aula), que no percurso foi sendo desmistificada, como se nota, hoje eu acredito que a autonomia do formando faz parte da qualidade da formação do mesmo, ou seja, os professores da universidade não fazem milagres, é preciso que a formação do curso seja significativa para os estudantes. Dessa forma, não adianta se formar





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



pedagogas (os) apenas para atuar como coordenadora pedagógica ou como diretora, é preciso conhecer o chão da sala de aula e buscar sua identidade como professora que é o foco principal dessa licenciatura a docência.

Na perspectiva de contribuição na prática em sala de aula, ficou claro que todo aprendizado derivado da formação inicial é válido para atuação. Porém a qualidade do uso desse saber no método em sala de aula depende de cada profissional, sua postura com os alunos, o comprometimento com a eficácia do trabalho bem como no percurso da formação, pois as experiências têm grande potencial na qualidade da formação desse sujeito que ensina e aprende.

Inconclusamente finalizo essa etapa de riquíssima atribuição que esse trabalho trouxe para minha formação, porém com gostinho de quero mais, pois esse processo despertou em mim o desejo de continuar com pesquisas com perspectivas em outro viés. É certo que a atitude de pesquisar e atuar em sala de aula enriquece o saber do profissional, além de proporcionar satisfação pessoal para o sujeito.

## Referências

AYRES, Antonio Tadeu. **Prática pedagógica Competente**: ampliando os saberes do professor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil Executivo. Brasília, 20 de dezembro de 1996, 108º da República, 31 p.

CAMPOS, Edson Nascimento. Ação Social e Construção do Leitor. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Saberes Pedagógicos e atividade docente**. São Paulo. 7º Ed. Cortez, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina. BARRETO, Elba Siqueira de Sá (coord.). **Professores de Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009, 249 p.

\_\_\_\_\_, Bernadete A. Formação de Professores: condições e problemas atuais. Fundação Carlos Chagas. **Revista Brasileira de Formação de Professores**. RBFP. ISSN 1984-5332- vol. 1, p. 90-102, Maio/2009.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo. 7. Ed. Cortez. 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. Atos de Currículo e Formação: O príncipe provado. **Revista Teias**. V.13. n.27. 67-74. Jan/Abr. 2012.

MIALARET, Gaston. **Introdução à Pedagogia**; tradução de Alcidema Franco Bueno Torres. São Paulo. Atlas, 1997.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre. Artmed. 2002. 232 p.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na Formação de Professores: unidade teoria e prática?** São Paulo. 3º Ed. Cortez, 1997.

REIS, Minervina Joseli Espíndola. **O olhar do professor-aluno na sua formação acadêmica: avanços e desafios**. Salvador. Editora EGBA, 2003. 114 p.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, António. (org.). **Profissão Professor**. Porto-Portugal. 2 ed. Porto Editora, 1999. (p. 63-92).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## “LIBERDADE COM RESPONSABILIDADE”: ANÁLISE SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NUMA TURMA DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Dálete de Oliveira Santana**

UNEB, campus XIV

[dai.santana@outlook.com](mailto:dai.santana@outlook.com)

**Muller Sampaio dos Santos Silva**

UNEB, campus XIV

[mullersaampaio@gmail.com](mailto:mullersaampaio@gmail.com)

### Resumo:

Esse artigo busca analisar uma experiência de estágio numa turma de nono ano do Ensino Fundamental, do colégio Polivalente na cidade de Conceição do Coité-BA, tendo como objetivo refletir sobre o fazer-se professor e professora. Buscamos também analisar quais os limites da liberdade e como ela deve ser exercida pelos alunos e alunas, com responsabilidade. Observamos e analisamos os conceitos “liberdade” e “responsabilidade” sob a perspectiva paulofreiriana. Percebemos a prática do ser professor e professora como campo de ação para a construção de saberes, não apenas teóricos, mas também metodológicos. Apresentamos um relato sobre uma experiência específica, que certamente servirá para a reflexão de outros estudantes de licenciatura que terão seus primeiros contatos na sala de aula como professores e professoras regentes no estágio supervisionado.

**Palavras-chave:** Estágio. Liberdade. Experiência.

### Introdução.

Enfrentar uma sala de aula é um grande desafio, já que esta é um ambiente que traz consigo seus próprios conflitos internos. Quando nos foi proposto escolher uma série do Ensino Fundamental para realizarmos o estágio, logo pensamos em assumir um nono ano, pois na nossa percepção seria menos difícil, já que os adolescentes e as adolescentes teriam uma maturidade melhor desenvolvida por conta da idade e por estarem caminhando rumo ao Ensino Médio. Ledo engano. Muito do que aconteceu, já tinha sido alertado, antes mesmo de assumirmos a sala de aula, discutimos o que poderia acontecer ainda na parte teórica do estágio. Também analisamos e debatemos textos sobre o ambiente escolar e a respeito do comportamento de alunos e alunas que compunham esse espaço, porém, mesmo sabendo que tudo que é



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



pioneiro implica seus próprios riscos, acreditávamos que conosco seria diferente, já que éramos o “novo”.

Sabemos que o espaço escolar é um ambiente que nos é familiar, já que de acordo com Tardif, no seu livro sobre os saberes docentes e formação profissional de professores:

Os professores são trabalhadores que foram mergulhados em seu espaço de trabalho durante aproximadamente 16 anos, antes mesmo de começar a trabalhar [...]. Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional.” (TARDIF, 2007, p. 262).

Apesar de conhecermos e já termos vivenciado esse espaço por aproximadamente 16 anos de nossas vidas, como discute Tardif, adentramos nesse território de uma outra maneira, portando novos saberes e em posições diferenciadas, desta vez, como professor e professora. Iniciamos com o período da observação, no qual foi possível notar certo distanciamento entre a professora regente e alguns alunos e alunas. A forma que a sala era organizada se baseava em uma espécie de enfileiramento, mas que na verdade não seguia as filas de forma correta, um grupo se localizava no meio, outro na parte do fundo da sala e, alguns alunos nas laterais. Os grupos que se localizavam ao fundo, muitas das vezes, não observavam o que estava acontecendo na aula, as frequentes conversas paralelas tornava perceptível a distração, podemos afirmar que em alguns momentos não ouviam sequer o que a professora falava. Refletindo sobre essa situação, na posição de meros observadores desse espaço, decidimos depois da análise de conjuntura que, mudaríamos a dinâmica da sala de aula e nossos problemas estariam resolvidos, pois com essa atitude acabaríamos com as conversas paralelas.

Antes de aplicarmos tal ação, conversamos com a professora regente que reafirmou nossa autonomia para tomarmos quaisquer decisões e atitudes necessárias. Propusemos na primeira aula, a mudança na organização das cadeiras, que foram tiradas do “enfileiramento” e colocadas em semicírculo. A professora nos relatou que já havia tentado a mudança das fileiras para a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



formação dos círculos, mas que todas as vezes que ela assim fazia, logo depois de sua saída, as cadeiras eram novamente enfileiradas, sem que ela solicitasse, o que com o decorrer do tempo a cansou, já que tinha que fazer o mesmo processo em todas as turmas. Não levamos em conta que “os professores de profissão possuem saberes específicos que são mobilizados, utilizados e produzidos por eles no âmbito de suas tarefas cotidianas” (TARDIF, 2007, p. 228) e, resolvemos tentar e insistir na tentativa. Com o decorrer das aulas ministradas, percebemos que aquela não seria a solução para acabar com a desordem na sala de aula, bem como para o fim das conversas paralelas que tanto atrapalham o decorrer das mesmas. Do mesmo modo que havia sido dito pela professora, aconteceu. Assim que saíamos da sala, as cadeiras eram prontamente enfileiradas sem que ninguém assim o pedisse.

## Seção 02

A questão relacional deve ser tratada como ponto importante para a experiência com o estágio. A turma não encarava nossa presença como figuras centrais de mediação do saber, em vários momentos durante as aulas, os alunos e alunas nos desafiavam e os acordos não aconteciam de forma tranquila, o diálogo também não era respeitado. Talvez, alguns fatores tenham contribuído para que as alunas e alunos não criassem uma percepção da nossa presença como professora e professor. Então levantamos duas questões como possível explicação, a primeira é sobre a nossa aparência jovem e, possivelmente, a segunda pode estar relacionada aos primeiros contatos de pouca intimidade, e que se iniciou sem uma apresentação mais formal e explicada para a turma. O não reconhecimento da nossa presença como docente criou situações delicadas, de tal maneira que nas primeiras aulas enfrentamos dificuldades com a organização da sala e com o horário de início das aulas.

Os alunos e alunas chegavam muito depois de o sinal ter tocado, impedindo que começássemos as aulas no horário exato, na maioria das vezes perdíamos 15 minutos das mesmas para poder iniciar com um número relativo



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



de estudantes presentes. Devido as atitudes de descompromisso tentamos estabelecer alguns acordos, a pontualidade para início da aula foi uma delas, porém, não tivemos sucesso nas primeiras tentativas. Na busca por elementos que estabelecessem uma organização, fomos obrigados a utilizar a falta como mecanismo de coerção. Na aula de terça-feira foi estabelecido que a chamada fosse iniciada as 07h30min da manhã e quem não estivesse presente, levaria falta. Nas aulas da sexta-feira a chamada aconteceria duas vezes, a segunda seria logo após o toque do sinal de intervalo, assim garantíamos a presença de todas e todos logo nos primeiros minutos de retorno para a aula. O mecanismo empregado dialoga com a ideia de Costa e Maier (s/d), que utilizam Freire (1986) para afirmar que não dá para abrir mão do ensino tradicional, as autoras também asseguram, ser importante apenas não deixar que este seja a única maneira de aprendizagem.

Os estudantes tiveram certa dificuldade de dissociar a afetividade com que eram tratados, do papel de autoridade que necessariamente tínhamos que exercer com a turma. Paulo Freire (1996, p. 141), diz ser preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”, mas logo em seguida traz uma reflexão que nos levou a pensar as causas de certos comportamentos e posicionamentos dos estudantes para com os estagiários. De acordo com Freire:

Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. Não posso condicionar a avaliação do trabalho escolar de um aluno ao maior ou menor bem querer que se tenha por ele (FREIRE, 1996, p.141).

O professor tem que saber dosar a afetividade, de preferência, a construindo com o passar do tempo, já que os estudantes tendem a confundir o carinho com permissividade, fugindo ao controle e deixando de perceber os docentes que os “tratam bem”, como figuras reais de autoridade. Enfrentamos





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



alguns problemas em relação à entrega das atividades avaliativas, alguns desgastes fizeram parte dessa experiência, entretanto, conseguimos de maneira firme contornar essa situação e estabelecer a pontualidade, bem como, o devido respeito à entrega dos trabalhos dentro dos prazos estabelecidos. Talvez a abertura para os acordos e a falta de percepção, por parte dos alunos, diante da nossa figura de docência não estabelecida, tenha se transformado como desculpa para não criar um vínculo de compromisso com as questões solicitadas na aula. Influência que pode ter coordenado a atitude de muitos alunos a não entregarem as atividades no dia combinado. No início fomos estabelecendo outras datas para as entregas, até o momento que percebemos o descompromisso e a utilização da possibilidade de novos prazos para não entregarem as atividades. Situação que nos obrigou a manter uma data exata para a entrega e, quem não entregasse no dia solicitado ficaria com a nota zerada.

Achávamos que os estudantes teriam a autonomia no respeito aos prazos, o que não aconteceu e causou certa frustração, a situação só passou a ser resolvida com o uso da autoridade. Paulo Freire discute em uma de suas obras que o educador que usa sua prática para promover a autonomia dos educandos, deve estar atento à relação autoridade-liberdade. E talvez tenhamos pecado nesse quesito, pois, segundo Freire (1996, p. 104) para que haja a necessária disciplina sem haver autoritarismo ou licenciosidade, o equilíbrio entre ambas é necessário afinal, “a liberdade sem limite é tão negada quanto a liberdade asfixiada ou castrada”, e não construímos com os estudantes e as estudantes a responsabilidade para o exercício da liberdade, antes de a oferecermos. Eles não enxergavam nossa figura de estagiários como pertencentes da mesma autoridade de um docente, por isso não respeitaram os prazos, as conversas paralelas se mantiveram e por vezes houve um desafio direto aos “forasteiros”.

A ausência da escuta foi outro grave problema enfrentado, eles não se escutavam, portanto, não conseguiam estabelecer uma escuta coletiva ao que estávamos expondo durante as aulas, segundo Freire (1996, p. 113), a escuta



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



é muito importante para que o processo educativo ocorra, já que é através da mesma, que a problematização começa a acontecer, o que só é possível quando os educandos constroem seus conhecimentos, escutando ao outro e a si próprio. Com a ausência da escuta o processo educativo ficou comprometido. Os educandos não conseguiram fazer o que Paulo Freire chama de “uso responsável da palavra”, ou seja, o uso correto da fala, que por sua vez deve ser utilizada de maneira autônoma e responsável. Visando uma possível solução, utilizamos uma dinâmica, conhecida como a “dinâmica da peteca”, na qual, os alunos e alunas teriam o poder da palavra no momento exato em que estivessem com a peteca na mão, dessa maneira, evitaríamos os burburinhos e a fala desorganizada de todos ao mesmo tempo. A ânsia da fala é tamanha entre os adolescentes, que não conseguimos fazer com que a dinâmica surtisse efeito.

De acordo com Freire (1996), para que haja uma comunicação através do diálogo, sem autoritarismo ou licenciosidade, é indispensável em sala de aula, a disciplina do silêncio. Silêncio para a escuta do outro, para que desse modo, educando e educador, sejam sujeitos do diálogo. Segundo Freire:

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar em movimento interno de seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (FREIRE, 1996, p. 117).

Conflitos entre as opiniões dos estudantes foram analisados em quase todas as aulas da observação e permaneceram no período em que assumimos a sala. O debate não acontecia para troca de informações ou para acrescentar no conteúdo abordado, em alguns casos o debate acontecia muito mais preocupado em tentar silenciar o outro e mostrar quem era mais inteligente ao invés de uma troca de informação, ou ajudar a construir algum conhecimento. Poucos estudantes participavam dessa disputa enquanto os outros não participavam em momento algum, seja da aula ou das discussões. As atitudes



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



de disputa e necessidade de chamar atenção estiveram, com frequência, associadas à necessidade de se tornarem centro da nossa atenção.

## Como lidar com os “alunos de hoje”?

Antônio Favéro Sobrinho traz algumas reflexões necessárias para pensar nesse novo aluno que, “não é mais aquele” e tem causado dentre os professores:

Um ‘sentimento coletivo de desassossego’ e um profundo estranhamento diante da mudança de comportamento dos estudantes: frequentes manifestações de indisciplina, violência, resistência ao estudo, cenas de namoro, preocupações com a moda, com os celulares (SOBRINHO, 2010, p. 2).

Apresentado esse novo cenário da educação, Sobrinho nos lança alguns questionamentos; o que fazer diante desses novos alunos? Como dialogar com essas diversas realidades, levando em conta a realidade dos docentes, que trazem consigo seu mundo, suas experiências e percepções. É importante pensarmos essas questões a partir da problematização do currículo escolar, tendo em vista que esse ambiente vem sofrendo alterações, da mesma forma em que os alunos estão apresentando outras demandas. O currículo não pode manter-se estável diante dessas mudanças, ele deve acompanhá-las. Segundo a teoria crítica freireana, “o principal objetivo da escola é a formação do aluno para exercer sua cidadania e não apenas formar um profissional integrado ao mercado de trabalho” (CAMPUS, 2007), colocando em cheque um dos pontos centrais do papel da escola pós-revolução industrial, que instituiu como principal função da escola a formação de uma classe trabalhadora qualificada e que permanece com algumas características imbricadas na atual estrutura escolar.

Para encontrarmos saídas na construção de uma educação de qualidade, precisamos pensar sobre a mesma, conversar sobre a mesma, buscar teorias e metodologias. Como dar aulas para os “alunos de hoje em dia”? Quais são as “melhores” alternativas? Não trouxemos respostas prontas,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



porque dar aula não é como fazer um bolo que seguimos uma receita e apresentamos convicção de que no final iremos nos deliciar com o sabor. Estar no ambiente escolar, dando aulas, interagindo e lidando com os alunos e alunas, envolve reflexão constante: antes, durante e depois. A partir do pensamento freireano, Menezes e Santiago (2014, p. 59) afirmam ser importante que; “os processos educativos ofereçam aos estudantes oportunidades de confrontar seus conhecimentos com informações amplas, consistentes e significativas para a construção e ou reconstrução de novos conhecimentos”. No entanto, isso só pode ser realizado a partir do diálogo e na busca pela elaboração de políticas curriculares comprometidas com ações educativas que estejam coerentes com uma proposta libertadora.

E mantendo esse cuidado, permanecemos preocupados com a relação entre o conteúdo abordado, a aprendizagem e a capacidade de assimilação da turma. Arriscamos construir planos de aulas que pudessem manter um contexto com a realidade social e cultural dos estudantes, e assim, desviar da perspectiva de memorização do conteúdo e incentivar na construção de uma consciência crítica. Como discute Menezes e Santiago (2014, p. 49), em relação as características típicas do currículo tradicional, as alunas e alunos não são estimulados(as) a conhecer profundamente os conteúdos, uma vez que não realizam nenhum ato cognitivo do objeto de conhecimento além do caráter verbalista, dissertativo e narrativo. É preciso compreender que o saber ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

## Seção 03

Analisamos nas nossas discussões dos encontros para a preparação das aulas, diversas possibilidades de intervenções. Pensar em metodologias atrativas e que tornassem as exposições mais didáticas, foi uma tarefa interessante e que nos exigiu sensibilidade, jogo de cintura e conhecimento cultural. Reflexões sobre a maneira como o conteúdo seria abordado, de forma



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



que não fosse entediante para as alunas e alunos com idades entre 13 e 15 anos, seguiu acompanhado com a preocupação em torno do tipo de linguagem, qual imagem, que estilo de música e quais charges e vídeos poderiam ser mais atrativos para os adolescentes. A escolha dos diferentes materiais didáticos também foi intencional, tendo em vista que a escola deve exercer o papel de preparação para que o aluno e a aluna possam assimilar as informações presentes no seu dia a dia e, que os mesmos possam exercer uma intervenção crítica entre a informação nova e o conhecimento pré-estabelecido. E assim, conseguir desenvolver suas próprias capacidades de construção do conhecimento e argumentação.

As aulas ministradas no período de estágio tiveram como foco principal os conteúdos sobre a Primeira República do Brasil e a Primeira Guerra Mundial. No primeiro dia fizemos um mapeamento do nível de informações sobre alguns marcos temporais importantes na história do Brasil, como o colonial, imperial e republicano. Ao provocar a turma na reflexão sobre as divisões temporais da história, pretendíamos, também, contribuir na capacidade de assimilação e percepção de características distintas que podem ser marcadas como importantes na divisão das fases da história brasileira, como por exemplo, a organização social e econômica de cada período. Questionamentos sempre eram levantados, incentivando a provocação para que os alunos expressassem suas ideias, e junto com os outros, gerar a interação e a partilha de diferentes concepções que impulsionassem um pensar crítico e problematizador.

Nossa principal metodologia esteve ligada a construção e associação do conteúdo de forma dialógica com a realidade dos estudantes, deste modo, buscando relação entre mudanças, contribuições e permanências do passado no presente. Como exemplo, ao estudar o processo de modernização e higienização das ruas do Rio de Janeiro nas primeiras décadas da Primeira República, foram construídas questões em torno dos procedimentos de urbanização da Cidade de Conceição do Coité, nos últimos 50 anos. Nas discussões foi possível perceber determinada assimilação entre o passado e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



presente de realidades que permanecem distintas, bem como, a compreensão sobre as causas de um processo que não esteve preocupado com as classes mais vulneráveis. A apresentação de uma charge que associava a monarquia como algo velho e a república como algo novo e que apresentaria mudanças, também ajudou na construção do conhecimento e no entendimento sobre a imagem da possível mudança que seria promovida após a instituição da república.

A contextualização do período foi construída entre alguns pontos principais, iniciamos a partir da constituição de 1891; passando pela complexa relação com o direito ao voto; discutindo sobre questões econômicas e o grande poder político e econômico dos grandes fazendeiros; a respeito do processo de industrialização das principais capitais e encerrando com as revoltas desencadeadas nesse período. Os acontecimentos também fizeram parte de algumas relações e questionamentos buscando assimilação com questões regionais, tomando o devido cuidado para não entrar em anacronismo ou desfazer de categorias centrais do conhecimento histórico. A exposição de imagens, pequenos vídeos gráficos e charges foram exploradas ao máximo na abordagem dos conteúdos.

O segundo tema foi a Primeira Guerra Mundial e também esteve metodologicamente ligada as questões dialógicas. Baseadas em Freire, Menezes e Santiago (2014, p. 52) que afirmam que; “a partir da prática dialógica, o sujeito desenvolve suas potencialidades de comunicar, interagir, administrar e construir o seu conhecimento, melhorando sua capacidade de decisão”. Seguindo esse pensamento, permanecemos insistindo na utilização de vários meios didáticos que fossem visuais e provocassem discussões que contribuíssem na construção do saber. Exibimos inicialmente os dois *trailers* oficiais do filme da Mulher Maravilha, o que provocou curiosidade nos estudantes, afinal “o quê que o filme da mulher maravilha tem a ver com a Primeira Guerra Mundial?”. Explicamos que a mulher maravilha, apesar de ter sido uma personagem criada através das Histórias em Quadrinho, no início da Segunda Guerra Mundial, teve seu filme ambientado na Primeira Guerra. Os





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



estudantes foram percebendo no decorrer dos pequenos vídeos quais os aspectos principais da Primeira Grande Guerra: as trincheiras, os usos de gases tóxicos, principalmente pelos franceses e alemães (este segundo país, bem representado no filme pela doutora Veneno) e a atuação feminina.

Os estudantes dispersavam-se de maneira muito rápida. Por isso, sempre buscávamos trazer vídeos de poucos minutos, ou uma música que trouxesse quiçá um aspecto do assunto a ser abordado, para em seguida puxarmos as discussões a serem feitas, o que os ajudava a se voltarem para aquele momento. As estratégias nem sempre funcionavam do modo que esperávamos, afinal sala de aula é laboratório de experimentações. O que detectamos é que a aula fluía de maneira melhor com elementos visuais e sonoros, assim, conseguíamos prender a atenção da turma. Porém, esses elementos (sejam vídeos ou músicas) não poderiam ser longos, pois logo deixavam de chamar atenção e a turma retomava a dispersão e conversas paralelas.

## Considerações finais

A experiência com a docência pode variar de diversas maneiras, em alguns casos, como o nosso, pode ser desafiador e um tanto quanto assustador nos primeiros contatos. E o que pode definir, nem sempre, estará ligada as questões de problema no currículo, na metodologia, ou na didática. No nosso caso, por exemplo, teve influência maior à questão relacional. Ter que enfrentar uma turma que não percebia e não respeitava a nossa representação de mediadores do saber, foi uma tarefa árdua e de enfrentamento quase que diário. A busca por mecanismos que reafirmassem a nossa autoridade se fez presente de diversas formas, o que também nos fez entender que exercer a docência é uma questão complexa e que deve ser pensada e repensada, sempre em busca de novas estratégias. Grande parte da turma não percebeu as nossas presenças e as mudanças ocorridas como



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



algo interessante, e criaram certos mecanismos como maneira de proteção, bem como de enfrentamento.

A escola é um espaço de conflito e mediação, e em muitos momentos algum lado pode sair perdendo, cabe ao professor ou professora estabelecer mecanismos, através do exercício da autoridade consciente, para conseguir conquistar os limites e assim construir diálogos como pontes de transformação das situações conflituosas. Somente os conhecimentos disciplinares adquiridos nas universidades, por mais que sejam um importante ponto de apoio para novas perspectivas pedagógicas e ações em sala de aula, não são capazes, isoladamente, de dar esse suporte. É algo que só será desenvolvido no “campo de batalha”, a partir da vivência e experiência com as situações conflitantes.

A prática docente, como nos mostra Paulo Freire, deve ser exercida com autoridade, que por sua vez, não pode ser confundida com autoritarismo. A autoridade exercida da maneira correta só tende a contribuir com o processo educativo, já que os estudantes conseguem compreender os professores como mediadores dos momentos de aprendizagem, como figuras que devem ser respeitadas e que só tem a contribuir com suas formações individuais e coletivas. Sendo assim, a liberdade e autonomia dos estudantes serão exercidas, tendo em vista as responsabilidades que as mesmas trazem consigo.

## Referências:

CAMPOS, Judas Tadeu de. **Paulo Freire e as novas tendências da educação**. Revista E-Curriculum, São Paulo, v3, n.1, dezembro 2007.

COSTA, Zuleika L. S. MAIER, Cibele Machado. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Disponível em: <[http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/elato\\_sensu/outubro\\_2011/pdf/medo\\_e\\_ousadia\\_-\\_o\\_cotidiano\\_do\\_professor.pdf](http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/elato_sensu/outubro_2011/pdf/medo_e_ousadia_-_o_cotidiano_do_professor.pdf)>. Acesso em: 28 de jun. de 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



MENEZES, Marília Gabriela. SANTIAGO, Maria Eliete. **Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório.** Pró-Posições, v.25, N. 3 (75), p. 45-62, set./dez. 2014.

SOBRINHO, Antônio Favéro. **O aluno não é mais aquele! E agora, professor? A transfiguração histórica dos sujeitos da educação.** Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## TECNOLOGIAS EM SALA DE AULA: DESAFIOS PARA PROFESSORAS QUE ATUAM EM UM COLÉGIO ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – BAHIA

**Helton Lima da Silva**

GEPHEG

[lima.helton@hotmail.com](mailto:lima.helton@hotmail.com)

**Irlana Jane Menas da Silva**

GEPHEG

[irlanamenas@hotmail.com](mailto:irlanamenas@hotmail.com)

### Resumo:

Este trabalho investiga como os profissionais da educação utilizam as tecnologias em sua sala de aula e que relação faz com o ensino e aprendizagem. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar os desafios dos profissionais da educação, ao incluir no seu currículo as aprendizagens necessárias quanto ao emprego da tecnologia como recursos metodológicos em sala de aula, o que pode gerar aprendizagens significativas a partir da produção de novos conhecimentos. A problemática tem como questionamento: Quais são os desafios que as professoras enfrentam no manuseio das tecnologias em sala de aula como ferramenta pedagógica? Nesse sentido buscamos alguns teóricos como Zanela (2007), Grinspun (1999), Mercado (1999), Moran (2009), Freire (1987; 1996) dentre outros. Para realizar a pesquisa, a metodologia proposta foi da aplicação de questionários. Os questionários elaborados constam de perguntas abertas e fechadas, visando aprofundar o pensamento do entrevistado, bem como identificar se respondem a problemática, com maior liberdade de resposta e maior facilidade para o preenchimento total do questionário. Esperamos construir os resultados da pesquisa assim que obtivermos as respostas dos questionários. Por enquanto ressaltamos o que Freire (1996, p. 36) evoca com muita propriedade “ao receberem o mundo que neles entra, já são seres passivos, cabe à educação apassivá-los mais ainda e adaptá-los ao mundo”.

**Palavras-chave:** Professores. Tecnologia. Desafios. Ferramenta Pedagógica.

### Introdução

O presente trabalho aborda o tema sobre o uso da tecnologia em sala de aula. O interesse pelo tema surgiu a partir do conhecimento vivenciado e observado com as dificuldades de alguns professores em lidar com o uso de tecnologias em sala de aula.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Diante da observação da dificuldade do uso das tecnologias de determinados professores comecei a desejar entender como o acesso ao uso das tecnologias em sala de aula pode constituir-se em desafios para o professor.

Sabe-se que muitos educadores têm uma visão ingênua sobre o uso da tecnologia e esperam encontrar uma “formula mágica” para lidar com este desafio. Sendo assim, surge o seguinte questionamento: De que forma os professores identificam e buscam soluções para enfrentar a inserção do aluno no mundo digital.

Assim, este trabalho tem como objetivo analisar os desafios dos profissionais da educação, ao incluir no seu currículo as aprendizagens necessárias quanto ao emprego da tecnologia como recursos metodológicos em sala de aula, o que pode gerar aprendizagens significativas a partir da produção de novos conhecimentos.

Por este motivo, o presente estudo pretende responder a seguinte questão-problema: **Quais são os desafios que as professoras enfrentam no manuseio das tecnologias em sala de aula como ferramenta pedagógica?**

Acreditando ser a educação escolarizada capaz de trazer à tona as novas linguagens comunicacionais tão importantes às novas formas de ensinar e de aprender, as quais viabilizam aos sujeitos serem participantes desta sociedade globalizada é que devemos reconhecer a função sócio educacional que as mídias vêm desenvolvendo na educação.

## **Os recursos tecnológicos de comunicação e informação: Inovação na escola**

Conforme o dicionário Michaelis (MICHAELIS. Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tecnologia/>>. Acesso em: 20 out. 2018). Conjunto de processos, métodos, técnicas e ferramentas relativos a arte, indústria, educação etc.: a palavra “tecnologia” deriva do grego “tékhne+o+gr



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



lógos+ia”. Ao mesmo tempo, entendido como o conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam a um determinado ramo de atividade e à totalidade desses conhecimentos. Logo, na raiz da palavra, segundo o dicionário, a tecnologia está relacionada às artes.

Vargas (1994) garante que atualmente teve uma ampliação do significado desse termo; tendo diversas abordagens visando fins distintos, em busca de solução para problemas característicos de áreas distintas. Assim, o termo tecnologia tem sido empregado para indicar: a) técnica; b) máquinas, equipamentos, instrumentos, a fabricação, a utilização e o manejo dos mesmos e c) estudos dos aspectos econômicos da tecnologia e seus efeitos sobre a sociedade. Conforme o autor, tais empregos do termo estão errados; para ele, tecnologia no sentido que é dado pela cultura ocidental é a “aplicação de teorias, métodos e processos científicos às técnicas” (VARGAS, 1994, p. 225).

A evolução da humanidade a partir da descoberta do fogo, da roda, da energia, entre outras, é um exemplo claro de análise diacrônica da história das tecnologias. “A invenção da imprensa por Gutemberg em 1442 foi a primeira grande revolução tecnológica na história da cultura humana [...]”. (PAIVA, 2008, p.2).

Tendo suas origens ainda na Grécia antiga, a tecnologia é a ciência (teoria) transformada em técnica (habilidade). O que, estenderá a possibilidade de produção de novos conhecimentos científicos.

A tecnologia envolve um conjunto organizado e sistematizado de diferentes conhecimentos, científicos, empíricos e até intuitivos voltados para um processo de aplicação na produção e na comercialização de bens e serviços”. (GRINSPUN, 1999, p. 49).

Empregar tecnologia tem como finalidade o avanço da atividade humana em todas as esferas, especialmente na produtiva. A tecnologia e seu uso é a representação da terceira Revolução Industrial. Com crescente transformação no campo tecnológico, com consequências no mercado de bens, serviços e consumo; no modo de organização dos trabalhadores; no modo de produção; na educação/qualificação e nas relações sociais. Pois, “a tecnologia revela o





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



modo de proceder do homem para com a natureza, o processo imediato de produção de sua vida social e as concepções mentais que delas decorrem” (MARX, 1988, p. 425).

A fase da Revolução Industrial é marcada por diversos aspectos do desenvolvimento tecnológico como na microeletrônica, na microbiologia e energia nuclear que expressam um grande avanço. Porém, nem sempre estão ao alcance da maioria.

A qualidade de vida da sociedade industrializada, a necessidade da participação popular nas decisões públicas, está cada vez mais sob o controle de uma elite que detém o conhecimento científico e, sobretudo, o medo e a frustração decorrente dos excessos tecnológicos propiciaram as condições para o surgimento de propostas de ensino, ciência, tecnologia e sociedade (WAKS, 1990).

A ênfase em ciência, tecnologia e sociedade apareceram, com a necessidade de formar o cidadão em ciência e tecnologia. Este panorama em que tais currículos foram desenvolvidos faz parte dos países industrializados, na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá e na Austrália, em que havia necessidades urgentes quanto à educação científica e tecnológica (LAYTON, 1994).

Krasilchik (1987), ao debater o desenvolvimento da inovação educacional dos currículos de ciências no Brasil no período de 1950 a 1985, nota que, na década de setenta, os mesmos começaram a incluir uma visão de ciência como produto do contexto econômico, político e social. Já na década de oitenta, a renovação do ensino de ciências passou a se nortear através do objetivo de analisar as implicações sociais do desenvolvimento científico e tecnológico.

Ainda sobre trabalhos de ciência, tecnologia e sociedade no Brasil, pode-se mencionar a realização, em 1990, da “Conferência Internacional Ensino de Ciências para o Século XXI: ACT – Alfabetização em Ciência e Tecnologia”, tendo como temática central a educação científica dos cidadãos. Considera-se, também, que a atual reforma curricular do Ensino Médio reúne,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



em seus objetivos e fundamentos, elementos dos currículos com ênfase em ciência, tecnologia e sociedade.

As tecnologias visam à satisfação de necessidades básicas de comunicação, informação e desenvolvimento social. Produtos são produzidos por empresas que, por sua vez, dão a elas um significado. O que implica considerar que a tecnologia possibilita a crescente produtividade e competitividade dos produtos. Foi apontado, por Marx (1988), como uma das forças produtivas que, juntamente com a força de trabalho, garantem a produção de mercadorias em maior quantidade e em menor tempo. A sua negociação proporciona lucro e a reprodução do capitalismo.

Nesse aspecto, a tecnologia é pensada de modo a otimizar a produção de bens para o mercado de consumo. Esta visão pragmática da tecnologia está também presente em outras instâncias da sociedade, como órgãos governamentais, institutos de pesquisa, ensino e órgãos de financiamento para o desenvolvimento científico e tecnológico.

Desse modo, segundo Castells (1996, p. 5-11) “a tecnologia influencia as ciências e as máquinas, porém também exerce uma força sobre o ambiente social organizativo”. No ponto de vista do autor, tanto a ciência quanto a tecnologia são forças consideráveis no crescimento contínuo da sociedade nos últimos anos.

Os recursos tecnológicos de comunicação e informação têm se desenvolvido e se diversificado rapidamente. Eles estão presentes na vida cotidiana de todos os cidadãos e não podem ser ignorados, desprezados ou simplesmente resistir às transformações sociais que influenciam diretamente na educação e aos poucos estão sendo inclusivas. Para Mercado (1999), a inovação na escola consiste em levar pequenas ações cotidianas que tornam possível a mudança, beneficiando o processo de ensino e aprendizagem do aluno.

Por isso, a educação escolarizada deve incluir em seu currículo propostas que possam ajudar aos professores a aprender ou aperfeiçoar conhecimentos nesta área. Assim, é que:



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Nós, educadores, temos de nos preparar e preparar nossos alunos para enfrentar exigências desta nova tecnologia, e de todas que estão a sua volta – A TV, o vídeo, a telefonia celular. A informática aplicada à educação tem dimensões mais profundas que não aparecem à primeira vista. (ALMEIDA, 2000, p.78)

Nesse aspecto, os educadores têm ainda muito a aprender, pois rapidamente a tecnologia muda e a educação ainda não consegue acompanhar estas modificações na sala de aula. Ao se falar em educação pensamos que juntamente com BELLONI (1999):

A educação é e sempre foi um processo complexo que utiliza a medida de algum tipo de meio de comunicação como complemento ou apoio à ação do professor em sua interação pessoal e direta com os estudantes. (BELLONI, 1999, p.54).

Infelizmente, para alguns educadores a introdução das mídias em sala de aula é importante em muitos aspectos, mas por não saberem como utilizar não conseguem implementar o seu uso como ferramenta pedagógica em sala de aula. Enquanto que para outros professores se torna mais fácil o seu manuseio, mas de certo modo a empregam de forma mecanizada e isto não viabiliza a verdadeira produção de novos conhecimentos, a partir das mídias, especialmente da internet. As mídias na educação é uma temática estudada e discutida com pouca ou nenhuma ênfase nos cursos de formação de professores e tornando-se uma questão recorrente na formação continuada dos profissionais da educação, apesar de existir a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira) nº 9.394 de 1996 que obriga todas as instituições educativas de manter um laboratório de informática, porém na real conjuntura, ou em sua maioria, encontram-se fechados, em constante manutenção ou em desuso.

## **A formação do professor em relação ao uso das ferramentas tecnológicas**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A educação e a escola, assim como demais setores de nossa sociedade, estão reféns da tecnologia, uma realidade no nosso cotidiano. Porém é importante compreender que o computador e a internet são possibilidades educativas e metodológicas. Libâneo (2006) afirma que as mídias devem ser um meio de mediação do conhecimento na modernidade, já que:

A escola e os professores não podem fazer guerra contra os meios de comunicação, a tecnologia e a informação. Antes, devem cumprir seu papel de mediadores, visando à compreensão daquilo que nas mídias assume formas de desumanização e de domínio das consciências. (LIBÂNEO, 2006, p. 36)

A Educação e a escola não podem ignorar que as tecnologias na sociedade se impõem a passos largos. Moran (2009) salienta que não importa a professores e alunos apenas aprender a usar os novos meios tecnológicos na educação, vale muito mais pensar as tecnologias para a educação como transformador de vidas em processos permanentes de aprendizagem. Nesse sentido, a ideia seria de auxiliar os alunos na construção de sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional, mostrar um projeto de vida que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, tanto no social como no profissional, com o objetivo de torná-los cidadãos realizados e produtivos: a escola reinventar a escola.

Nessa perspectiva podemos tomar emprestada a fala do FREIRE (1987) que sinaliza:

A educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica na negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim também na negação do mundo como uma realidade ausente dos homens. (FREIRE, 1987, p. 40)

Com relação à prática pedagógica, por mais que a educação se transforme com um emprego de novas metodologias e tecnologias, o professor, por meio da sua postura e do seu conhecimento, é quem efetiva a utilização desse aparato tecnológico e científico. Dessa forma, redimensiona o seu papel,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



deixando de ser o transmissor de conhecimento para ser o estimulador. “O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante”.

(MORAN, 2009, p.15).

Ao estruturar sua proposta pedagógica, utilizando essas tecnologias, o professor precisa estimular vínculos com os alunos, conhecer seus interesses, saber o que o aluno já sabe, o que o aluno não sabe e o que ele gostaria de saber. Motivar o aluno a fazer parte da proposta pedagógica, dando-lhe ciência sobre o que será abordado, convidando-o a contribuir e a participar ativamente da construção de conhecimentos. O que nos leva a pensar no que segundo FREIRE (1987, p. 41) “A educação problematizadora se faz, assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente, como estão sendo no mundo com que e em que se acham.” Nos entremeios da educação e tecnologia professores e alunos compreende-se mutuamente e juntos podem organizar os conteúdos, aprender e ensinar em compartilhamento de ideias, opiniões, crenças e valores.

Por isso, se torna relevante pensar que o professor também necessita de atualização permanente. Segundo Moran só tecnologia não basta. “Ensinar é um desafio constante” (MORAN, 2009, p. 29), deve-se então buscar sempre informações, saber o que está acontecendo, estar consciente da relação entre os diferentes saberes. Saber somente sobre a sua área de atuação não é mais suficiente para atender as necessidades dos alunos. Isto não quer dizer que o professor precise saber tudo, mas sim, saber o que o aluno quer conhecer. O processo educativo precisa estar vinculado ao contexto social, em que o sujeito - aluno está inserido. Isso irá implicar em conhecer e usar instrumentação eletrônica, bem como outros recursos pedagógicos.

Sobre isso Kochhann (2010) declara que:

Dessa forma, não basta que as escolas e universidades tenham equipamentos com a mais alta tecnologia, se os envolvidos com o processo não estejam qualificados para aliar estas ferramentas e suas informações ao cotidiano educacional, transformando-as em produção do conhecimento. (KOCHHANN, 2010, p. 151)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O professor deve primar pela curiosidade intelectual e originalidade das informações apresentadas, organizando o contexto de aprendizagem, sem que esta organização venha a impossibilitar o acesso do aluno a outras informações sobre o assunto abordado. Desse modo, deve organizar e gerir situações de mediações de aprendizagem com estratégias didáticas utilizando-se para isso dos recursos disponíveis e da tecnologia a favor da qualidade no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, apesar de que MARTIN – BARBERO (2006) nos convida a refletir que:

Vivemos num ambiente de informação que recobre e mistura vários saberes e formas muito diversas de aprender, ao mesmo tempo em que se encontra fortemente descentrado em relação ao sistema educativo que ainda nos rege, organizado em torno da escola e do livro. (MARTIN – BARBERO, 2006, p. 56)

A formação dos professores é fundamental para o desempenho não só das suas aulas, mas também de seus alunos. Para mediar um debate é necessário ter conhecimento da questão e saber o objetivo principal a ser atingido, com o educador não é diferente. Portanto, ele deve conhecer as ferramentas que serão utilizadas para desenvolver seu trabalho de forma satisfatória. Também é preciso que o professor esteja comprometido em relação ao uso das ferramentas tecnológicas, assumindo uma postura de predisposição à mudança em compreender as demandas das novas gerações e de se comunicar através do uso de diferentes tecnologias e linguagens. Nessa perspectiva, Freire (1987) alerta que:

O importante do ponto de vista de uma educação libertadora, e não “bancária”, é que em qualquer dos casos, os homens se sintam sujeitos do seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. (FREIRE, 1987, p. 69).

Vê-se a necessidade do debate, estudos e pesquisas. Especialmente, na articulação deste conhecimento com as aprendizagens necessárias aos alunos.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Se educar é preparar o indivíduo para enfrentar o amanhã, resulta em uma exigência social da introdução das novas tecnologias em todos os níveis escolares, adequando-se a cada um tanto os conteúdos como a metodologia. A consequência imediata será a necessidade de desenvolver um plano de formação dos professores adequado à nova realidade sócio educacional. (MERCADO, 1999, p.102).

Para consolidar os desafios e objetivos do ensino aprendizagem, deve-se direcionar a educação nos quatro pilares básicos aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (SANCHEZ, 2005, p. 10).

A comunicação deve ser capaz de enriquecer-nos, de mudar-nos, de converter-nos, simplesmente porque nos permite ver o que era invisível, saber o que desconhecíamos. É a partir da conquista das informações e dos conhecimentos que os indivíduos têm uma visão de mundo diferenciada, pois na medida em que se adquirem novos conhecimentos também se tornam diferentes. Neste aspecto, as tecnologias podem tornar-se elementos integradores dos ambientes de aprendizagem desde que sejam pensadas, discutidas e planejadas com base nos reais contextos educacionais com seus limites e possibilidades. Não se pode ser demagogo a pensar que será o salvador da pátria, mas dependendo do seu uso pode ou não contribuir para uma aprendizagem que realmente responda aos desafios da sociedade atual.

É preciso oportunizar aos alunos situações que permitam criar e desenvolver os processos de aprendizagem necessários para alcançarem os objetivos educacionais desejados. A aprendizagem se dá através da descoberta, e o professor passa a ser o guia do aluno, onde o ponto de partida do processo educativo não é nem o sujeito, nem os objetos do conhecimento, mas sim a interação de ambos conforme (HYMAN, 1974, p. 19) “cada elemento influencia e é influenciado pela relação entre os outros dois”. Nesta visão pode-se tomar emprestada as palavras do Freire (1996) quando assinala que:

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 1996, p.12)

Através de uma formação com conceitos de colaboração e interação, o professor como Freire (1996) menciona em sua citação, pode identificar e analisar as problemáticas envolvidas em sua prática pedagógica. Pode também, compreender melhor, problemas diagnosticados em relação ao uso de novas metodologias para a transformação profissional, adquirindo novos conhecimentos e assim adotando novas práticas para substituir a forma tradicional de lecionar.

## Considerações Finais

Devido à pesquisa ainda não estar finalizada e a abordagem ser qualitativa, com aplicação de questionários tendo perguntas abertas e fechadas ainda não foi possível concluí-la. No entanto, pretende-se ressaltar que o cotidiano das pessoas está cada vez mais integrado às tecnologias e seu conhecimento é pré-requisito para as principais profissões, pois a tecnologia nada mais é do que uma ferramenta para o saber, que deve ser acompanhada de perto por pais e professores e estes deveriam receber na sua formação inicial a oportunidade de desenvolver conhecimentos de informática aplicada à educação, aprender o quê e como ensinar, assumindo o papel de facilitador da construção do conhecimento pelo aluno e não mais um transmissor de informações.

## Referências

- ALMEIDA, Maria Elizabeth de; **ProInfo: Informática e Formação de Professores – Vol. 1**; Brasília: MEC/ Secretaria de Educação à Distância. 2000.
- BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições Setenta, 1994.
- BELLONI, Maria Luiza. **Educação a Distância**. 2.ed. São Paulo: Editora Autores Associados, 1999. (p.53-77).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



CASTELLS, Manuel. **Novas perspectivas críticas em educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CRESSWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas 1999.

\_\_\_\_\_. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: ed. 8ª. Record, 2004.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. Educação Tecnológica. In: GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin (Org.) **Educação Tecnológica**: desafios e perspectivas. São Paulo, Ed. Cortez, 1999.

HYMAN, Ronald T. **Ways of teaching**. 2ª edição. Philadelphia/New York/Toronto: J. B. Lippincott Company, 1974.

KOCHHANN, Andréa. A mediação pedagógica e a identidade docente: contribuições do paradigma holístico e das mídias, em especial o computador e a internet. In: TOSCHI, Mirza Seabra. **LEITURA NA TELA**: da mesmice à inovação. Goiânia: PUC, 2010.

KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo: EDUSP, 1987.

LAYTON, D. **STS in the school curriculum**: a movement overtaken by history? In: SOLOMON, J., AIKENHEAD, Glen. **STS education**: international perspectives on reform. New York: Teachers College Press., 1994. p.32-44

LIBÂNEO, José Carlos. **Cultura jovem, mídias e escola**: o que muda no trabalho dos professores? Revista Educativa: Goiânia. v.9, n.1, jan/jun. 2006. p.25-46.

MARCONI, M de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisas**: planejamento e execução de pesquisas, mostragens e técnicas de pesquisas, elaboração análise e interpretação de dados. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARTIN-BARBERO, J. **Tecnicidades, identidades, alteridades**: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, D. (org.). Sociedade midiaticizada. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



MARX, Karl. **O capital**: crítica da Economia Política. Livro I, Vol. I, 1988

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió, AL: EDUFAL, COMPED, INEP, 1999.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tecnologia/>>. Acesso em: 20 out. 2018

MORAN, J. M. *Educar o educador*. MORAN, J. M., MASETTO, M. e BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16ª ed. Campinas: Papyrus, 2009.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **O Uso da Tecnologia no Ensino de Línguas Estrangeira**: breve retrospectiva histórica. Disponível em <[www.veramenezes.com/techist.pdf](http://www.veramenezes.com/techist.pdf)> acesso em 25 out. 2017.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SÁNCHEZ, Pilar Arnaiz. **A Educação Inclusiva**: um meio para construir escolas para todos no século XXI. Inclusão: Revista da Educação Especial / Secretaria de Educação Especial. v.1, n.1, p. 7 -18, out. 2005. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

SELLTIZ, Claire et alii. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. Tradução de Maria Martha Hubner de Oliveira. 2ª edição. São Paulo: EPU, 1987.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a pesquisas em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1992.

VARGAS, Milton (Org.) **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo, Ed. Unesp: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

WAKS, L. J. **Educación en ciencia, tecnología y sociedad**: origenes, desarrollos internacionales y desafíos actuales. In: MEDINA, M., SANMARTÍN, J. (Eds.). *Ciencia, tecnología y sociedad*: estudios interdisciplinarios en la univeridade, en la educación y en la gestión política y social. Barcelona, Anthropos, Leioa: Universidad del País Vasco. 1990.

ZANELA, Mariluci. **O Professor e o “laboratório” de informática: navegando nas suas percepções**. 43f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. p. 25-27.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## DESAFIOS TRILHADOS PARA A INSERÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

**Hiago Borges Moreira**

Universidade Estadual de Feira de Santana

[hiago.borgesfsa@gmail.com](mailto:hiago.borgesfsa@gmail.com)

**Elizabete Pereira Barbosa**

Universidade Estadual de Feira de Santana

[beteuefs@gmail.com](mailto:beteuefs@gmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar o lugar que a Educação Física ocupa na Educação Infantil do Campo, em uma escola municipal, de um distrito de Feira de Santana/Bahia. O trabalho é de natureza qualitativa e trata-se de um recorte do projeto de pesquisa maior, vinculado ao Centro de Documentação em Educação (CEDE) intitulado: “Educação infantil na zona rural: caracterização e análise do cenário de implementação das políticas de educação do campo no município de Feira de Santana. Durante a realização da pesquisa, a entrevista semi-estruturada e o questionário são instrumentos de coleta de dados importantes para realizar o mapeamento das escolas de educação Infantil que compõem a amostra da pesquisa. No decurso da investigação, após identificação das instituições, foi realizada uma caracterização dos aspectos administrativos, pedagógicos e as implicações no trabalho dos professores da educação física. O trabalho proporcionou um espaço importante de estudo e reflexão sobre as ações desenvolvidas pelos professores nas aulas de educação física junto às crianças da Educação Infantil do Campo identificando elementos importantes para a formação de professores, na prática dos gestores e coordenadores pedagógicos que atuam no cotidiano das escolas do campo.

**Palavras-chave:** Educação Física. Educação Infantil. Educação Infantil do Campo.

### Introdução

Este artigo é parte integrante de uma pesquisa denominada “Educação Infantil na zona rural: caracterização e análise do cenário de implementação das políticas de educação do campo no município de Feira de Santana”, vinculada ao Centro de Estudos e Documentação em Educação (CEDE/UEFS) a qual objetiva “analisar como as políticas de Educação do Campo têm sido incorporadas nas instituições de educação infantil dos distritos do município de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Feira de Santana na Bahia.” A partir disso, no artigo busca-se compreender como a Educação Física está sendo trabalhada na Educação Infantil do Campo, numa escola de um distrito do município de Feira de Santana.

Nesse sentido, a Educação Infantil é essencial para o desenvolvimento da criança. Portanto, a Lei Federal 9.394/96 institui em seu art. 29. que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Diante dessa reafirmação do ordenamento jurídico fica evidente a importância da Educação Física como componente pedagógico para contribuir no processo de desenvolvimento global das crianças.

No tocante a Educação do povo camponês, para entendermos como ela está, precisamos entender de onde ela veio, para isso contamos com Pereira, o qual relata

Para compreender o processo de exclusão dos sujeitos do campo das políticas públicas voltadas à educação, precisamos ter clareza que o processo de colonização do Brasil foi marcado por lutas e ausência de direitos (direito a educação, a terra, a saúde, a moradia, entre outros direitos primários) envolvendo a grande maioria da população colona, escrava e aborígine. O modo de produção colonial, pensado pelos portugueses, não priorizava a construção de uma nova nação para todos seus habitantes e tem na exploração dos recursos e do homem, em benefício de uma classe, seu principal alicerce. (PEREIRA, 2016, p. 36)

Podemos constatar que a Educação foi negada por muito tempo ao povo do campo, tempos que remontam o Brasil colônia, como nos afirma Pereira.

Durante este período “o processo de colonização do Brasil tem como marco importante as Capitânicas Hereditárias, cujo elemento fundamental é a posse da terra, sustentada pela lógica produtiva das relações sociais sob o tripé latifúndio, religião e escravidão” (IDEM). Para sustentar o tripé das relações produtivas não era necessária a criação de um sistema de ensino, sendo os colonos (predominantemente camponeses) relegados à ignorância (...). (PEREIRA, 2016, p. 36)





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Essa forma de organização se manteve por um bom tempo no Brasil, trazendo bons frutos aos que tinha nessa base um modelo de perpetuação de poder. O momento de quebra e de mudança ocorreu na proclamação da república em 1988, quando o Brasil aboliu a escravatura fazendo surgir a classe trabalhadora. Dessa classe trabalhadora e de sua luta pelos seus direitos, o MST(Movimento dos Sem Terra), se organiza como um movimento que nasce da preocupação do povo do campo sem terra, em assegurar seus direitos previstos na lei. Diante do avanço da luta do movimento, percebeu-se que a educação era instrumento necessário para se continuar lutando. Assim então, a bandeira de luta do MST agora também tinha a educação como pauta, como relata Caldart, afirmando que

quase ao mesmo tempo em que começaram a lutar pela terra, os sem-terra do MST também começaram a lutar por escolas e, sobretudo, para cultivar em si mesmos o valor do estudo e do próprio direito de lutar pelo seu acesso a ele. No começo não havia muita relação de uma luta com a outra, mas aos poucos a Luta pelo Direito a escola passou a fazer parte da organização social de massas de luta pela Reforma Agrária, em que se transformou o Movimento dos Sem Terra.(CALDART, 2008, p. 91)

Dessa nova pauta do MST se ocupa com novas possibilidades de ser sem terra, possibilidades que foram conquistadas através da luta e das pressões realizadas dentro do próprio movimento pelas mães e professoras preocupadas com a educação das crianças. Dentro dessas discussões emerge uma pedagogia, a pedagogia do MST, que tem na união e na coletividade sua base para a construção de uma escola do campo. Assim Caldart, fala dessa pedagogia

A educação dos sem-terra do MST começa com o seu enraizamento em uma coletividade, que não nega ou seu passado mas projeta um futuro que eles mesmos poderão ajudar a construir. Saber que não está mais solta no mundo é a primeira condição da pessoa se abrir para esta nova experiência de vida. Não é este o sentimento que diminui o medo numa ocupação, ou faz enfrentar a fome num acampamento ? Por isso para nós o coletivo não é um detalhe, é a raiz de nossa pedagogia. (CALDART, 2008, p. 97)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Dentro dos ensinamentos do movimento a escola é criada e dentro dessa escola as pedagogias da luta social, da organização coletiva, da terra, do trabalho e da produção, da cultura, da escolha, da história e da alternância, são postas como elementos fundantes dessa escola do campo, uma escola que, a partir desses princípios, procura valorizar o homem do campo e o movimento que peleja por ele, pela terra e pela educação digna do campo, buscando enaltecer a luta que nele e por ele (campo) ocorre. A escola do campo só será realmente do campo se for construída pelo povo que nela vive, como nos afirma Caldart:

Uma escola do campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais (...) Porque não há escola do campo sem a formação dos sujeitos sociais do campo, que assumem e lutam por esta identidade e por um projeto de futuro. Somente as escolas construídas política e pedagogicamente pelos sujeitos do campo, conseguem ter o jeito do campo e incorporar neste jeito as formas de organização e de trabalho dos povos do campo. (CALDART, 2008, p. 110)

No que tange a Educação Infantil no campo, segundo Lima se faz necessário um trabalho para valorização do saber social, do modo de vida do camponês, ainda segundo o autor:

[...] Desse modo, só um trabalho educativo que valorize a vida no campo e propicie a integração do saber produzido no cotidiano do homem camponês (senso comum) com o conhecimento formal (saber científico) em um constante processo coletivo de fazer e refazer pode tornar possível uma educação significativa que atenda as necessidades de todo o coletivo campesino, que considere as especificidades do campo, a troca de experiências, a tomada de decisão coletiva, respeitando as condições reais da vida no campo. (LIMA, 2013, p 2)

Nesse sentido se pode pensar a Educação Física como componente que contribui para a eficiência da proposta educativa de valorização da Educação do Campo assumindo a função auxiliadora no que diz respeito a aprendizagens relacionadas a cognição das crianças.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



De acordo com (Brasil, 1996) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº. 9.394/96), onde consta no Art.26, § 3º “A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos.” Sabendo que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica, a Educação Física deve se fazer presente na organização pedagógica da instituição de Educação Infantil, pois sendo bem trabalhada auxilia nos processos de desenvolvimento físicos, intelectuais, psicológico, como também nas relações pessoais dos alunos, sendo de extrema importância pelo fato que, como nos afirma Ferreira

É no decorrer dos primeiros anos de vida que se procede às verdadeiras aquisições nos diversos domínios do comportamento (afetivo, psicomotor e cognitivo), visto ser a fase em que ocorrem as mudanças mais significativas, que determinam em grande escala as futuras habilidades específicas de comportamento. (FERREIRA, 1995, p.11)

É na escola que pode-se começar a instrumentalização dos sujeitos do campo, por isso a necessidade da luta do povo do campo por essa escola, por essa Educação do Campo de qualidade em detrimento de uma escola somente no campo, que é desgarrada das relações cotidianas do campo . É o ambiente onde se é possível estudar e construir a educação digna do povo camponês. Nesse sentido, Caldart continua defendendo que

a escola atual nem sempre se constitui como um lugar de estudo e também não é necessário estar em uma escola para estudar. Mas a escola pode ser um lugar em que se cultive o hábito, a disciplina e o jeito de estudar, especialmente nas novas gerações. Mas somente fará isto se houver uma intencionalidade dos sujeitos que a ocupam em fazê-la desta forma. (CALDART, 2008, p. 113)

Este artigo justifica-se por analisar como está organizado o trabalho da Educação Física na Educação Infantil do Campo, num distrito do município de Feira de Santana. Dessa forma, este estudo contribuirá com as discussões e avanços na área, uma vez que pouco tem se produzido em dados e análise



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



sobre tal temática. Tem como objetivos analisar o lugar que a Educação Física ocupa na Educação Infantil do Campo, num município de Feira de Santana, além de compreender e destacar a importância da Educação Física na Educação Infantil do campo; Muitos são os desafios presentes para o exercício da docência com Educação Física, na Educação Infantil do Campo principalmente quando o professor da Educação Infantil desenvolve seu trabalho a partir de uma concepção que não consegue reconhecer a importância da Educação Física para a faixa etária. Com o trabalho foi possível identificar como os professores compreendem as contribuições da Educação Física na Educação Infantil do Campo.

## **Metodologia**

Para analisar qual o lugar que a Educação Física ocupa, nas escolas de Educação Infantil do Campo, no município de Feira de Santana, foi utilizado a abordagem qualitativa de pesquisa (ANDRÉ, LUDKE, 1986) em conformidade com o projeto principal que originou este plano de trabalho. Sabendo que Feira de Santana tem 8 distritos, destes apenas um foi selecionado. De acordo com o andamento metodológico da pesquisa principal, inicialmente as entrevistas foram realizadas apenas com os professores que atuam na Educação Infantil do campo, escolhidos a partir de participação voluntária. Durante todo o processo está sendo realizado um mapeamento das escolas com turmas de Educação Infantil para compor a amostra da pesquisa. Nas escolas selecionadas, o trabalho segue também com uma caracterização dos aspectos administrativos, pedagógicos e as implicações no trabalho da Educação Física. A revisão da literatura é fundamental e necessária para todas as etapas da pesquisa, opção utilizada para melhor compreender a complexidade do tema a ser estudado. Para tal revisão a principal fonte é o banco de teses e dissertações de programas de pós-graduação em educação da CAPES. Além disso, o processo de investigação e catalogação tem como fonte o acervo bibliográfico do CEDE/UEFS (grupo de pesquisa no qual este estudo está vinculado), que possui um banco de dados sobre a Educação



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Infantil do Campo em Feira de Santana. E para garantir maior precisão dos dados sobre a produção e sobre o tema, foram levantados os acervos de eventos científicos e periódicos. Com base nos dados coletados nas escolas e na revisão de literatura será realizada a análise e a sistematização dos dados.

## Resultados

A pesquisa além de contribuir para os estudos acerca da Educação Infantil do campo, trata-se de uma temática de relevância para a Educação Física, para que sua prática se configure conforme está determinado na Lei 9.394/96(LDB). Através desta pesquisa levantamos dados sobre diversas temáticas como: infraestrutura, existência ou não de professores de Educação Física nas instituições de Educação Infantil de um distrito de Feira de Santana, concepções dos mesmos professores acerca de suas concepções sobre a disciplina entre outras questões.

Considerando a LDB 9.394/96 e a forma como este ordenamento jurídico estabelece as atribuições e responsabilidades com a oferta dos diferentes níveis de ensino da educação básica, fica estabelecido que a oferta da Educação Infantil é responsabilidade dos municípios. Mais adiante a mesma lei define a Educação Física como componente curricular obrigatório para toda educação básica. Neste caso, a Educação Infantil também tem direito a oferta e garantia de um profissional para a realização do trabalho. Neste sentido, tomando como referência as escolas municipais de Feira de Santana a pesquisa revela que a Educação Física não é trabalhada de forma sistemática. A maioria das escolas não possui um profissional da área, não há garantia de um tempo mínimo na carga horária curricular para tais aulas. Nos oito distritos do município pesquisado, em nenhum deles existe um profissional com formação na área que seja concursado e pertencente ao quadro permanente de funcionários.

Neste sentido, na Educação Infantil do campo em Feira de Santana, a Educação Física é desenvolvida por estagiários que são contratados



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



temporariamente gerando uma rotatividade muito grande de professores e , na maior parte do tempo, a escola fica sem ter o profissional para desenvolver o trabalho com as crianças do campo. Trabalho de extrema significância, pois a criança da Educação Infantil tem como um dos elementos que ajudam no seu aprendizado as brincadeiras e os jogos, e através destes, as crianças apreendem o mundo que as cerca e, de acordo com o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil -RCNEI:

(...) jogos e brincadeiras são expressão da infância. Brincar de roda, ciranda, pular corda, amarelinha etc. são maneiras de estabelecer contato consigo próprio e com o outro, de se sentir único e, ao mesmo tempo, parte de um grupo, e de trabalhar com as estruturas e formas musicais que se apresentam em cada canção e em cada brinquedo.(BRASIL, 1998, p. 71)

É necessário que as crianças expressem o seu modo de conhecer o mundo, de vivenciar o mundo, isso possibilitará uma nova gama de experiências sociais, sensoriais, motoras e afetivas para a criança, o que proporcionará uma infância com mais possibilidades, em todos os aspectos, nesse sentido Ferreira afirma que

Nas primeiras idades deverá existir uma preocupação de assegurar um papel de facilitação da ação, permitindo que cada criança tenha acesso à diversificação de experiências de movimento, na exploração direta de espaços e materiais. Se assim acontecer, a riqueza de aquisições processa-se de forma contínua e em plasticidade(...) (FERREIRA, 1995, p. 117)

Ainda nesta direção, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em sua subdivisão para a Educação Infantil, vislumbra em sua estrutura os “campos de experiências” onde demonstra quais são os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento além de constituir um arranjo curricular que tenta abrigar as situações cotidianas das crianças e entrelaçá-las com os conhecimentos que fazem parte da cultura. Nesses campos de experiências a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta o campo corpo, gestos e movimentos, o qual nos possibilita observar que a criança se desenvolve e





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



consegue apropriar-se da cultura através do movimento, dos sentidos , dos gestos inerentes ao corpo, onde Brasil (2017) relata que

com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem.(...) Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.). (BRASIL, 2017,p. 38-39).

A Educação Física, sendo a área que trabalha com os conhecimentos da cultural corporal, se faz importante e deve estar presente na Educação Infantil para que se consiga efetivar este trato minucioso do trabalho com as crianças na escola do campo, e, para reafirmar isso o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI diz:

O trabalho com movimento contempla a multiplicidade de funções e manifestações do ato motor, propiciando um amplo desenvolvimento de aspectos específicos da motricidade das crianças, abrangendo uma reflexão acerca das posturas corporais implicadas nas atividades cotidianas, bem como atividades voltadas para a ampliação da cultura corporal de cada criança. .(BRASIL, 1998, p. 15)

Nesse sentido, os resultados alcançados são de extrema importância para a formação dos profissionais envolvidos com a temática abordada: professores, funcionários, a gestão da escola, a gestão do sistema Municipal de educação em Feira de Santana e, com destaque, para a formação de professores de Educação Física.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Considerações Finais

A pesquisa mostra-se relevante no que tange ao levantamento de dados para melhor reconhecer a realidade da educação do campo e o espaço para a Educação Infantil e reflexões pertinentes acerca do lugar da Educação Física no contexto da Educação do Campo do município de Feira de Santana. Através dos levantamentos de dados foi possível diagnosticar esses elementos e confrontá-los com a atual realidade da Educação do Campo no país. De acordo com os dados coletados pode-se afirmar que, na realidade das escolas de Educação Infantil do Campo dos distritos de Feira de Santana, não tem no seu quadro de professores, o profissional de Educação Física para trabalhar nas escolas. Tal situação representa um retrocesso e um distanciamento entre o que propõe o ordenamento jurídico, e o que de fato acontece na escola. Ficou evidente que a Educação Física nestes espaços ainda ocupa o menor lugar, ou o não lugar, situação que pode ser considerado um retrocesso.

## Referências

ANDRÉ, Marli E. D. A. e LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acesso em: 01 de outubro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em: 05 de setembro de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. 2017**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp->



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



content/uploads/2018/06/BNCC\_EI\_EF\_110518\_versaofinal\_site.pdf. Acesso em: 08 de outubro de 2018.

CALDART, R. S. A Escola do campo em movimento. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. **Por uma Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 214. COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

FERREIRA, Neto, Carlos Alberto. **Motricidade e Jogo na Infância**. Rio de Janeiro-RJ. Sprint. 1995.

LIMA, L.P. F. **A escola na perspectiva da educação do campo e no contexto das lutas dos movimentos sociais**. Universidade Federal da Paraíba (Campus I) João Pessoa / PB, 2013.

PEREIRA, P. **Organização do Trabalho Pedagógico na Escola do Campo: uma proposta de formação de professores**. Centro de formação de professores – cfp programa de pós-graduação em educação do campo mestrado profissional em educação do campo , Amargosa, 2016.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## HISTÓRIAS INFANTIS: QUAIS CONHECEMOS? TECENDO UMA ALTERNATIVA DE VALORIZAÇÃO ÉTNICO -RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

**Itamara da Luz Santos**

Universidade do Estado da Bahia/CAMPUS XI/Serrinha

[itamarasantos502@gmail.com](mailto:itamarasantos502@gmail.com)

**Carla Priscila Borges da Silva**

Universidade do Estado da Bahia /CAMPUS XI/ Serrinha

[carlaborges06@gmail.com](mailto:carlaborges06@gmail.com)

**Madryacy Ferreira Coutinho Medeiros Ovídio**

Professora da Universidade do Estado da Bahia/ CAMPUS XI/ Serrinha

[madrycouthino@hotmail.com](mailto:madrycouthino@hotmail.com)

### Resumo:

Este estudo pauta-se nas reflexões e experiências vividas pelas autoras no estágio da Educação Infantil, no ano de 2018, no Centro Municipal de Educação Infantil, no município de Conceição de Coité/Bahia, além de pesquisas e estudos já realizados sobre a temática. O projeto “Tecendo contos africanos e (re)encantos”, surge a partir das observações de campo e da necessidade de trabalhar com a temática, diante das discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades na Educação Infantil, acarretando na negação de suas identidades e negação de si mesmo; percebemos a partir deste contexto, que os contos utilizados em sala de aula em sua maioria são de cultura predominantemente branca. Por esta razão, emergiu o seguinte questionamento: Como a Literatura Infantil pode fortalecer a valorização étnico-racial através da contação de histórias em classes de Educação Infantil? Nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo possibilitar através da contação de histórias a construção da identidade afrodescendente das crianças negras e dos demais grupos étnicos, promovendo entre as crianças, o reconhecimento dos valores e conceitos, sobre a igualdade e diferenças. Os principais resultados obtidos foram: no momento que os saberes étnicos foram trabalhados em sala de aula através das histórias contadas, foram desmistificados valores e conceitos sobre o igual e o diferente, o feio e o belo, o bom e o mal, entre outros, ampliando os saberes das crianças, possibilitando a estas enxergarem beleza no seu pertencimento racial, na sua pele e nos seus cabelos, corroborando com a formação afirmativa da identidade das mesmas.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil. Valorização étnico-racial. Educação Infantil.

### Introdução



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Este trabalho apresentará relatos e reflexões resultantes da experiência do estágio na Educação Infantil, no 6º semestre, desenvolvido no Componente Curricular Pesquisa e Estágio II - Educação Infantil, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, Serrinha, sob orientação da Professora MSc. Madryracy F. Coutinho Medeiros Ovídio. O projeto de ação pedagógica, denominado “**Tecendo contos africanos e (re)encantos**”, surge a partir das observações de campo e da necessidade de trabalhar com a temática, diante das discriminações sofridas por crianças negras de diferentes idades na Educação Infantil, acarretando na negação de suas identidades e negação de si mesmo, percebemos também a partir deste contexto, que os contos utilizados em sala de aula em sua maioria são de cultura predominantemente branca, sempre enfatizando aqueles da tradição europeia, como Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Rapunzel, Cinderela e outros. Por esta razão, emergiu o seguinte questionamento: Como a Literatura Infantil pode fortalecer a valorização étnico-racial através da contação de histórias em classes de Educação Infantil?

Para responder a essa questão recorreu-se a pesquisa de campo no Centro Municipal de Educação Infantil, no município de Conceição de Coité/Bahia, buscou-se fundamentação em autores que discutem e pesquisam a Literatura Infantil e as relações étnico-raciais na infância, como: Abramovich (1997), Gomes (2005), Lajolo (1991), Zilberman (1985/1987), entre outros, permitindo assim, uma ampliação de conhecimento sobre o tema.

O Projeto de intervenção pedagógica teve como objetivo possibilitar através da contação de histórias a construção da identidade afrodescendente das crianças negras e dos demais grupos étnicos, propiciando entre as crianças, o reconhecimento dos valores e conceitos, sobre a igualdade e diferenças, promovendo a educação para as relações étnico-raciais. Na realização da pesquisa, adotamos a abordagem qualitativa e utilizamos como instrumentos de coleta de dados observações/anotações, entrevistas e rodas dialogais, tomando como sujeitos da pesquisa um grupo de crianças composto



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



por meninas e meninos de quatro a cinco anos de idade, a professora e a gestora escolar.

Os principais resultados obtidos combinando as leituras e os estudos teóricos com a pesquisa de campo realizada na escola, foram os seguintes: no momento que os saberes étnicos foram trabalhados em sala de aula através das histórias contadas, foram desmistificados valores e conceitos sobre o igual e o diferente, o feio e o belo, o bom e o mal, entre outros, ampliando os saberes das crianças, possibilitando a estas enxergarem beleza no seu pertencimento racial, na sua pele e nos seus cabelos, corroborando com a formação afirmativa da identidade das mesmas.

O trabalho encontra-se estruturado por esta introdução, pela reflexão em torno da importância da literatura infantil e a questão étnico-racial na Educação Infantil, pela abordagem da investigação e pelos resultados observados durante a pesquisa/execução do Projeto de Ação Pedagógica e as considerações finais do estudo.

## **A Literatura Infantil (com suas histórias e contos) na Educação Infantil**

A literatura infantil passa a ser reconhecida a partir do momento em que a criança passou a ser vista como criança e não como um adulto em miniatura, com isso houve a necessidade de ter literaturas voltadas para as crianças, como destaca Zilberman (1987), ao afirmar que para as crianças os primeiros livros somente foram produzidos no final do século XVII na França, sob iniciativa de Charles Perrault e durante o século XVIII, mais especificamente na Alemanha, com os irmãos Grimm.

No Brasil, a literatura infantil só veio dar seus primeiros sinais a partir do século XX, passando a ser vista com mais empenho na proclamação da República, como aponta Lajolo: “a história da literatura brasileira para infância só começou tardiamente, nos arredores da proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações”. (LAJOLO, 1991, p.24)





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Com isso, começa-se a se pensar em literaturas voltadas para infância, contribuindo para a compreensão desse universo imerso de fantasias, sonhos, desejos, medos, angústias, descobertas e diferentes condições sociais.

Atualmente, discute-se a importância da Educação Infantil e da Literatura Infantil para as crianças, na maioria das vezes a escola é o segundo local em que a criança tem contato com a literatura infantil, o primeiro local muitas das vezes é a sua casa ouvindo sua mãe contar histórias para dormir, sendo a escola, o segundo local em que a criança tem contato com a leitura, cabe a ela realizar práticas e incentivo a valorização pessoal através dessas histórias pois,

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, é viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997 p.17).

Diante do exposto, observa-se que a literatura infantil permite à criança trabalhar o raciocínio, o imaginário, a percepção, pode ser também um caminho pelo qual a criança possa se valorizar, como também a sua cultura, raça, cor, onde ela possa se ver inserida nas histórias contadas em sala de aula, pois como destaca Abramovich que não só a leitura, mas como também a escuta de história faz bem para formação pessoal da criança,

[...] como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias.... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...] (ABRAMOVICH, 1997 p.16).

Desse modo, percebe-se que essa formação pode ser de caráter social, moral, valorização étnica, pois a literatura possibilita a criança conhecer coisas novas e entrar em um mundo imaginário, mas sem sair da sua realidade,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



dando oportunidade a criança conhecer coisas novas, palavras, e porque não se reconhecer dentro dos contextos narrados nas histórias.

A literatura também proporciona a criança entrar num mundo imaginário, mas essa imaginação está em contato com sua realidade “Ela sintetiza, por meio dos recursos da ficção, uma realidade, que em amplos pontos de contato com a que o leitor vive cotidianamente” (ZILBERMAN, 1985 p. 22).

A partir do momento em que a criança para e presta atenção para ouvir uma história, ela mergulha nesse mundo da imaginação, onde ela pode colocar todo seu imaginário para funcionar, e nesse momento é importante que essas histórias tenham significados para elas para possibilitar a interação entre as crianças, estimular à imaginação, a concentração, a criatividade e o interesse pela leitura, pois ela é como uma ferramenta para a leitura do mundo para a criança. Partindo desse pressuposto, a Literatura Infantil é um caminho que estimula a criança a desenvolver suas emoções e sentimentos de forma prazerosa, divertida e significativa, aprimorando seu vocabulário e desenvolvendo a oralidade, pois ao ouvir uma história a criança vai imaginá-la, e a partir disso, ela irá recontar do seu jeito e conseqüentemente vai criar outras histórias.

## **A Literatura Infantil (com suas histórias e contos) e a Questão Étnico-racial na Educação Infantil**

A questão da discussão de etnia na educação infantil muitas vezes não é dada a devida importância, porque muitos professores acreditam que nesta etapa a discriminação e o preconceito não se fazem presentes no cotidiano infantil, onde na verdade, diagnosticamos que não é bem isso que ocorre, principalmente quando se trata de crianças negras

Através dos estudos que tratam das relações raciais na infância e da pesquisa de campo realizada temos subsídios necessários para afirmarmos que existem muitas situações de discriminação e preconceito que envolvem crianças desde a Educação Infantil de maneira implícita ou explícita.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Os educadores da educação infantil apresentam dificuldades em produzir práticas educativas que promovam a educação para as relações étnico-raciais, é preciso que estes tenham formação para desenvolverem este trabalho e possam estar engajados, com propostas, para fortalecer esse exercício nas escolas como destaca Gomes,

Para que a escola consiga avançar na relação entre saberes escolares/realidade social/diversidade étnico-cultural é preciso que os (as) educadores (as) compreendam que o processo educacional também é formado por dimensões como a ética, as diferentes identidades, a diversidade, a sexualidade, a cultura, as relações raciais, entre outras. E trabalhar com essas dimensões não significa transformá-las em conteúdos escolares ou temas transversais, mas ter a sensibilidade para perceber como esses processos constituintes da nossa formação humana se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar. (GOMES, 2005, p. 147).

Nesse sentido, falar em diversidade significa reconhecer as variadas diferenças sociais, culturais e étnicas existentes nesse contexto, sendo que, para que a escola avance na relação entre tais saberes citados acima, cabe ao educador que possui um papel muito importante no contexto educacional ter a sensibilidade de captar interesses, suas ações e reações, pois tais processos se manifestam na nossa vida e no próprio cotidiano escolar.

É no contexto da sala de aula da educação com crianças, que a literatura infantil, tem muito a contribuir para a questão da diversidade e da promoção da igualdade entre todos, pois nos últimos anos houve um aumento de obras publicadas cujo tema principal é a diferença possibilitando que as crianças vejam o negro e sua cultura como ela realmente é, e não de forma equivocada como se costumava ver nas literaturas (negro sendo visto como algo negativo, como subalternos e representados de modo estereotipado e depreciativo), que as crianças possam se auto afirmarem como pertencentes dessa etnia, se valorizem e não venham a negar a sua etnia por não se ver como deveria nos contextos escolares e em histórias da Literatura Infantil contadas em sala de aula.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Aqui se faz importante ressaltar que nas histórias infantis as crianças não podem ter contato apenas com contos que falam e represente a cultura branca, elas precisam também ouvir histórias as quais falem, e mostre a cultura negra como ela é e não de maneira estereotipada ou apenas em datas comemorativas, como por exemplo no dia 20 de novembro, cuja data é comemorada o Dia da Consciência Negra, pois isso pode gerar um equívoco na cabeça da criança onde ela possa achar que só é importante em uma determinada época do ano ou que ela não possa se ver como uma criança afro-brasileira, pois ela não ver crianças como elas representadas nos contextos escolares, daí a importância de,

[...] realizar discussões na escola que trabalhem temas como: a influência da mídia, a religião, a cultura, a estética, a corporeidade, a música, a arte, os movimentos culturais, na perspectiva afro-brasileira. Essas e outras temáticas podem e devem ser realizadas ao longo do processo escolar e não somente nas datas comemorativas, na semana do folclore ou durante a semana da cultura. (GOMES, 2005, p.151).

É notório que a escola tem uma função importante, que é propiciar ao aluno desenvolver suas capacidades intelectuais, sendo responsável pela formação do sujeito social, mas se faz necessário trazer para a cultura escolar e para cultura infantil uma educação que respeite a diversidade, contemplando a riqueza cultural de outros povos, pois através dela, a criança passa a se reconhecer no contexto dos temas abordados em sala de aula, contribuindo também para o fortalecimento da sua cultura afro-brasileira desde a Educação infantil.

## **Mapeando o Percurso e os Resultados da Investigação**

A investigação que originou o presente artigo foi realizada num Centro de Educação Infantil mantido pela rede municipal de Conceição de Coité, situado em um contexto marcado pela heterogeneidade social, sendo ocupado



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



por grupos de pessoas com baixo capital econômico, aglomerando algumas famílias desfavorecidas nos aspectos de ordem econômica e social. O público de atendimento dessa instituição são crianças de 0 a 03 anos na creche e 04 a 05 anos na pré-escola, totalizando 95 crianças, sendo que tem capacidade para atender até 160 crianças. Trata-se de um local projetado para atender apenas a Educação Infantil, tem apenas um ano e três meses de funcionamento, portanto está bem conservada e equipada, com: computadores, impressoras, livros destinados aos professores e alguns materiais de arte. Quanto ao espaço físico, dispõe de oito salas de aula, mas estão funcionando apenas seis, devido à quantidade de crianças; possui três banheiros adequados para a faixa etária infantil, uma cozinha, um almoxarifado e conta também com um parque para as crianças brincarem.

Para realização deste estudo, adotamos a abordagem qualitativa, tendo em conta que é uma pesquisa de campo, exploratória e descritiva. Para esta investigação, seguimos as seguintes etapas: fase exploratória, coleta de dados, análise e interpretação de dados e elaboração do plano de ação – que foi sistematizado, considerando os estudos teóricos, o levantamento de dados (através de observações/anotações, entrevistas, e rodas dialogais), e as proposições oriundas do trabalho de campo, sugeridas pelos partícipes desta pesquisa, professora, equipe pedagógica e as crianças. O foco principal do plano de ação – Projeto de Ação Pedagógica (PAP) e das ações propositivas foi a criança, onde foram direcionadas ações que possibilitaram aos educandos terem contato com um rico repertório de histórias africanas e contos, através das rodas de histórias privilegiadas no decorrer do Projeto.

No Projeto de Ação Pedagógica, foi possível construir uma sequência didática a qual teve como tema: “ Contando e recontando histórias de um povo”, nela utilizamos quatro histórias infantis que valorizam a história e a cultura afro, com negros e negras como personagens principais:

1. **Bruna e a Galinha D’Angola** de autoria de Gercilga de Almeida, mostra o universo mítico africano, representado pela galinha d’Angola e sua



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



relação com a criação do universo. Expõe o conceito de ancestralidade, o valor das artes e da oralidade na transmissão da cultura africana.

2. **OBAX** este é um conto de ficção pensado por André Neves, com objetivo de resgatar e disseminar a cultura de diversas aldeias do oeste da África, através da literatura. Tribos essas que são referência na cultura étnica africana. As ilustrações remetem a arte feita por mulheres desses diversos grupos, que utilizam de pigmentos naturais feitos a partir de plantas. As referências visuais e linguísticas fazem desta obra uma conexão entre culturas, literatura e imaginação.

3. **O cabelo de Lelé** da autora Valéria Belém, apresenta o conteúdo do livro elaborado a partir de uma menina negra, dotado de cabelos cheios de “rebeldes” cachinhos. As gravuras retratam a beleza negra e autoestima da menina que descobre um livro sobre a África e passa a conhecer sua herança africana e valorizá-la. Inicialmente as personagens vivenciam o preconceito que deprecia a cultura negra. Aos poucos elas identificam o seu pertencimento racial, reconhecem o seu valor e saem da condição de oprimidos.

4. **Meninas Negras** que tem como autora Madu Costa, trabalha a identidade afrodescendente através da imaginação infantil e de forma lúdica reforça a autoestima a partir da valorização dos antepassados, de sua cultura e de sua cor.

Quanto aos resultados observados, ficou claro que analisar os dados da pesquisa e posteriormente colocá-los em forma de resultados, trouxe-nos a responsabilidade e o cuidado com os registros e inferências, bem como o compromisso ético com os envolvidos.

Notadamente, a partir do depoimento e das observações in lócus, evidenciou-se já no momento inicial da coleta de dados, ausência de uma prática que promovesse a educação para as relações étnico-raciais, percebemos que os contos utilizados em sala de aula em sua maioria são de cultura predominantemente branca, sempre enfatizando a ótica eurocentrada, aparecendo personagens brancos em papéis heroicos e negros em representações medianos ou simplesmente invisibilizados.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Na Educação Infantil a ausência de discussões sobre essa temática, desencadeiam problemas crescentes de violência moral, física, social e tantas outras, uma vez que não se incentiva a cultura de aceitação de si, de educar numa perspectiva de construção do indivíduo como um ser nem melhor ou pior, mas igual, independente de etnias, raças, crenças, valores. Nessa perspectiva, nos convém refletir sobre a formação inicial e continuada de docentes que vão atuar na primeira etapa da educação básica, é preciso que estes tenham formação para desenvolverem este trabalho e possam estar engajados, com propostas, para fortalecer esse exercício nas escolas.

O trabalho desenvolvido durante o estágio, nos mostra que as literaturas africanas e afro-brasileiras podem ser utilizadas como uma proposta didática na educação infantil, por possibilitar a construção afirmativa da identidade, do respeito as diferenças e as diversidades de realidades que permeiam o cotidiano infantil.

Os livros trabalhados mostraram naturalmente a diversidade do povo brasileiro, valorizaram a identidade, a cultura, a religião e os contos das tradições africanas, permitindo que algumas crianças negras enxergassem beleza no seu pertencimento racial, na sua pele e nos seus cabelos, contribuindo assim com a formação afirmativa da identidade das mesmas. Neste sentido os contos e histórias aqui mencionados propuseram uma reflexão que fomentou o respeito às diferenças.

## **Considerações Finais**

Tecendo nossas considerações finais, expressamos que o trabalho interventivo proposto não tem a pretensão de estabelecer-se como uma receita ou regras fixas, rígidas e infalíveis, mas pretende estabelecer-se como uma proposta que visa discutir e contribuir com o processo de educação para as relações étnico-raciais, trazendo para a cultura escolar e para cultura infantil uma educação que respeite a diversidade, contemplando a riqueza cultural de outros povos, pois através dela, a criança passa a se reconhecer no contexto



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



dos temas abordados em sala de aula, fomentando também o fortalecimento da cultura afro-brasileira desde a Educação infantil.

A leitura e contação das histórias infantis que valorizam a história e a cultura afro propostas poderão ser realizadas com crianças que frequentem instituições de educação infantil públicas e privadas, de diferentes pertencimentos étnico-raciais, com idade de 0 a 5 anos, que residam nas zonas urbanas e rurais, Para tal, a professora e o professor da educação infantil deverão considerar alguns elementos importantes da prática pedagógica: conhecer como a dimensão étnico-racial aparece nas relações entre pares e com os adultos, observar atentamente as crianças com as quais trabalham, conhecer o seu contexto sociocultural e de suas famílias, compreender as suas reais condições materiais de existência, considerar o potencial imaginativo, criativo e instigante da infância e ter uma postura de escuta atenta às demandas das crianças, das diferenças e da diversidade das realidades que permeiam o cotidiano infantil.

Para que esse trabalho se realize, há algo a superar: não se pode incorrer em práticas improvisadas. É preciso planejar previamente as atividades, ter objetivos claros, preparar o espaço físico de forma confortável para as rodas de histórias, selecionar um rico repertório de lendas, fábulas e histórias africanas, fortalecendo o respeito as diferenças e a construção da identidade étnica positiva, explicar claramente às crianças o que será feito (de acordo com a sua faixa etária), registrar e avaliar a atividade desenvolvida. São, na realidade, iniciativas que deverão ser seguidas na realização de toda e qualquer prática pedagógica, mas, nesse caso, tematizando a questão afro-brasileira e africana na Educação Infantil.

Esperamos que o estudo, que ressalta a importância da valorização étnico-racial na educação Infantil, possa contribuir para fundamentar debates com à comunidade acadêmica, professores e, sobretudo, estudantes de Pedagogia no despertar de novas reflexões acerca dessa temática.

## Referências



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ABRAMOVICH, Fanny. Ouvindo Histórias. In: **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997, p. 15- 22.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: Refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In\_\_ **MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na Escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2ª edição, 2005.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Na república velha a formação de um gênero novo. In\_\_ **Literatura Infantil Brasileira**. São Paulo: Ática, 1991, p. 23-41.

ZILBERMAN, Regina. A criança, o livro e a escola. In\_\_ **A literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 4ª ed. 1985, p.13- 31.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS COMO MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE HISTÓRIA: OBSERVAÇÕES NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I

**Jaqueline Santana Almeida**

Universidade do Estado da Bahia, Campus XIV

[jaquesantana.04@gmail.com](mailto:jaquesantana.04@gmail.com)

### Resumo:

O presente artigo tem como objetivo relatar uma experiência de estágio supervisionado feito em um colégio da rede estadual de Conceição do Coité interior da Bahia. Para isso foram realizadas 20 horas de observações em sala de aula e na instituição; Busquei analisar e refletir também se a professora da sala observada faz o uso ou não das mídias digitais no ensino de História como recurso didático. Para isso foi de fundamental importância a realização de entrevistas com alguns alunos e com a professora em questão para entender melhor sobre as concepções deles sobre o ensino de História e os materiais didáticos utilizados neste.

**Palavras-chave:** Ensino de História. Mídias digitais. Estágio supervisionado.

### O papel do estágio

Busco saber e refletir se as mídias digitais estão sendo utilizadas ou não, como materiais didáticos na sala de aula e no ensino e aprendizagem. Para isso, a metodologia utilizada neste trabalho se deu em forma de um estudo de caso, feito através de observações e da escrita de um diário de campo; de entrevistas com alunos e com a professora regente da turma observada; bem como a observação do projeto pedagógico da instituição e dos planos de aula da então professora. Esses procedimentos se deram em um colégio da rede estadual de Conceição do Coité, numa turma de 2º ano do ensino médio.

Foram 20 (vinte) horas de observações na sala de aula e no colégio em geral. Observei sua estrutura física e externa, como salas de aula, informática, biblioteca, secretaria, quadra de esportes, etc. Os resultados desta pesquisa com relação ao espaço físico observado da instituição foram os seguintes: o espaço da instituição é bem amplo, possuindo várias salas de aula, banheiros, área arborizada, muitos cartazes informativos e área de lazer para que os



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



alunos possam descontraír no momento em que não estiveram em aula. Vale ressaltar que o colégio funciona os três turnos e possui um sistema de ensino integral ou seja os alunos ficam o dia todo por lá. Além de contarem com um equipe grande de funcionários e professores.

Nesta perspectiva, é de suma importância fazer uma reflexão sobre a disciplina de estagio, que faz parte dos cursos de graduação e nos cursos de licenciatura não é diferente. Essa disciplina nos faz sair um pouco do campo teórico com o estudo de textos e ir para a pratica, sendo está em uma sala de aula. Para enriquecer essa análise é fundamental refletir sobre o que outros autores já escreveram sobre essa temática. Nessa perspectiva, as autoras Selma Garrido Pimenta e Maria Socorro Lucena Lima afirmam:

Entendemos que o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução a atividade pratica instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação como campo social no qual se desenvolve as práticas educativas. (PIMENTA; LIMA, 2005. p. 6).

A partir dessa fala das autoras, é perceptível notar o significado e importância do estágio, principalmente no que diz respeito a relação teoria e pratica nos cursos de graduação. No que toca os cursos de licenciaturas essa relação teoria e pratica é essencial, pois o graduando ao longo de sua carreira não ficará apenas na teoria, pelo contrário sua pratica bem feita é o que tornará em um profissional bem sucedido.

Porém, como já foi citado, esse estágio não se resume apenas em ir a campo e fazer observações, é mais do que isso pois como essa disciplina é dividida em 4 etapas e em cada uma delas é feita uma atividade diferente e com intervenções diferentes. E com isso as autoras enfatizam:

A pesquisa no estágio, como método de formação dos futuros professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



mesmo tempo compreender e problematizar situações que observam. Esse estágio pressupõe outra postura diante do conhecimento, que passe a considera-lo não mais como verdade capaz de explicar toda e qualquer situação observada, o que tem conduzido estágios e estagiários a assumirem uma postura de irem as escolas e dizerem o que o professores devem fazer. (PIMENTA; LIMA, 2005. p.14-15).

Logo pode-se perceber que o estágio não se resume apenas em observações, mais em uma interação maior com a turma em questão, não somente criticando o professor em questão, mais tentando entender suas práticas. E que os estagiários devem ter uma postura de compromisso muito grande, pois esses serão os futuros professores na sala de aula, e levaram consigo essas experiências advindas dos estágios.

## **Análise do projeto político pedagógico (ppp)**

Ao observar o Projeto pedagógico da unidade observada foi de suma importância para conhecer aspectos fundamentais sobre a instituição, como por exemplo o perfil do colégio, a formação do quadro docente, a equipe de funcionários e o perfil dos alunos.

O projeto político pedagógico além de ser o eixo de toda e qualquer ação a ser desenvolvida no estabelecimento de ensino, proporciona a busca da identidade da escola, tendo por finalidade o comprometimento na construção de uma sociedade mais humana e democrática, vendo o homem como ser social e sujeito participativo da educação. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2015. p.1.).

E segundo o documento analisado foi possível concluir que:

O colégio observado está localizado no centro da cidade e por isso grande parte dos alunos são de bairros próximos e também de povoados.

Os níveis de ensino da instituição são: ensino médio, o EJA (educação de jovens e adultos), e o ensino médio em tempo integral, e o número de series por níveis se dividem, em treze constituindo integral e duas da educação de jovens e adultos no turno da noite. O quantitativo de alunos compreende 535 alunos, somado dos três turnos, manhã, tarde e noite. Compõe a equipe





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



docente 21 professores capacitados para oferecer um ensino de qualidade visando à formação integral dos aprendizes e primando pela democratização e a participação de todos (comunidade externa e comunidade escolar) no processo educativo e pelo desenvolvimento das habilidades e competências. É disponibilizado para o professor a formação continuada, para encontros coletivos, capacitações como um formador que tenha a confiança e respeito da equipe e acompanhamento do planejamento, projetos e avaliação por parte do coordenador pedagógico.

Logo, o projeto pedagógico da instituição observada define-se como uma ação coletiva, constituindo a expressão da auto estima da escola, o PPP do colégio foi reformulado tomando como base os resultados da avaliação realizada com os pais, alunos, professores, funcionários e equipe gestora em julho de 2017. Diante desse diagnóstico foi constatado que os pais participam ativamente das reuniões escolares e existe grande comunicação da escola com eles.

## **Observações iniciais**

Nesta parte do trabalho, serão colocadas todas as impressões iniciais das observações, o primeiro contato com a sala de aula, com os alunos e com a professora regente, bem como as impressões sobre a arquitetura da instituição.

A escolha desta turma, por razões diversas, a primeira por ser uma turma de ensino médio, que fazia parte de minhas propostas de trabalho, e pela questão do horário, pois a noite era mais acessível para mim.

No que diz respeito a arquitetura, o local é bem grande e harmonioso, possui 14 salas, 4 banheiros, cozinha, bebedouros, coleta de lixo diária e captação de rede de esgoto, além de espaço de lazer com mesas e bancos e quadra de esportes, onde os alunos podem socializar assuntos quando não estiverem em sala de aula.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A instituição possui laboratório de informática equipado com 20 computadores que facilitam o acesso à internet, porém alguns necessitam de reparar. E uma sala de médio porte, com cadeiras e ventiladores. Quanto a biblioteca é perceptível que os alunos não tem o costume de frequentá-la.

Com relação aos alunos, é possível perceber que são de origens variadas, ao passo que uma parte desses alunos são moradores de bairros vizinhos ao colégio e a outra parcela de alunos da zona rural do município, que necessita de ônibus ou outro transporte para chegar a unidade de ensino.

Na primeira observação feita na sala de aula, pude perceber que a mesma possui cerca de 47 alunos, porém nem todos frequentam regularmente. Esses alunos são moradores de bairros vizinhos da instituição e também da zona rural do município, que utilizam transporte escolar para chegar no local. Foi possível perceber também, com base em conversas informais, que a maioria dos alunos trabalham durante o dia e só podem estudar à noite.

No primeiro dia de observação na sala de aula, pude perceber que a professora é bem dinâmica e utiliza muito o livro didático nas aulas, porém neste dia em questão, ela também fez uso de slides e notebook para executar o plano de aula. Aqui já foi possível perceber que a professora utiliza sim as mídias digitais nas suas aulas, com por exemplo o google para pesquisas, e filmes. Neste primeiro dia a professora discutiu sobre as capitânicas hereditárias e o tratado de Tordesilhas entre os países Espanha e Portugal. E propôs uma explicação prévia sobre o assunto trazendo também outras visões de autores sobre esse assunto e a aula contou também com a participação dos alunos que questionavam sobre aspectos do assunto e faziam leitura do livro sobre os mesmos.

Foi notório perceber aspectos da sala de aula, como por exemplo, a presença de um mapa mundi centralizado e cartazes com fotografias e textos que remetem às eras históricas, como por exemplo, a História Antiga, Moderna e Contemporânea.

Já na segunda observação, a professora não deu aula na sala fixa, e sim em uma sala de convivência, com colchonetes no chão ao invés de cadeiras e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



com uma televisão muito grande, nessa oportunidade a professora expôs um trecho de um filme intitulado “como era gostoso o meu francês”. Este tinha ligação com o assunto que era a colonização brasileira e trouxe mais riqueza de detalhes sobre o fato. O filme mostrou uma aldeia de índios tupis, e relatou também como eram as relações entre esses índios e os portugueses, ao passo que também trouxe com mais clareza as questões econômicas e escravista deste período.

Porém, para complementar a aula, a professora propôs um roteiro de leitura no livro didático, com a temática ligada à economia colonial, assim foram elencados tópicos com relação a monocultura e o capital utilizado nesta.

Por fim, em outros dias de observação, foi perceptível que a professora sempre utilizou-se do livro didático para a leitura e interpretação dos assuntos e que trouxe como proposta a construção de cartazes por parte dos alunos, em que eles fariam o uso da internet e de sites específicos para pesquisarem sobre as diversas etnias de índios existentes no território brasileiro e também na Bahia.

Foi possível concluir que a professora da turma observada, não utiliza somente livro didático, faz uso também de mídias digitais, como o google e you tube, o que atrai os alunos e os façam gostar mais da disciplina, como foi possível perceber nas entrevistas com alguns deles.

## **O uso das mídias digitais na sala de aula: análise da entrevista com a professora**

Falando sobre as entrevistas, foram feitas também três questionamentos sobre o ensino de História e uso de mídias digitais para a professora da turma observada.

- Quais são as dificuldades de ensinar História no turno noturno? A depoente respondeu da seguinte maneira;



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A principal dificuldade no turno noturno é a falta de leitura dos estudantes. Muitos não pegam no conteúdo fora da sala e quanto tem oportunidade de entrar em contato na sala não valorizam. Muitos estão cansados de um dia de trabalho e se interessam pelo que está sendo trabalhado inclusive por que não se sentem parte do processo histórico. As salas superlotadas é outro grande problema que associado ao primeiro complica ainda mais o desenvolvimento do meu trabalho.

- O que a senhora acha sobre o uso das mídias digitais (internet, you tube, redes sociais e sites) no ensino de História?

A internet é minha principal aliada na preparação das aulas, na pesquisa de música, vídeos e material de apoio. Uso pouco o livro. Atualmente estou tentando usar mais principalmente no noturno por que os alunos não pegam no livro se a gente não realizar atividade coordenada para tal fim.

- A senhora utiliza algum desses meios? Como?

Já usei grupos no face book para ampliar as discursões, postar novidades e links extras. Contudo, no momento estou mais restrita a sala de aula por que sentia que estava muito sobrecarregada em dar conta das demandas dos grupos. Sentia como se estivesse 24 de plantão trabalhando. Por isso não uso mais redes sociais com este fim. Apenas para divulgações das produções. Uso pouco a sala de informática pois a internet oscila muito, por isso prefiro baixar os conteúdos e utiliza-los na sala. Uso muito os recursos tecnológicos.

Portanto ao ouvir as respostas da depoente, é perceptível que ela utiliza as mídias digitais em suas aulas, pois como ela mesma ressalta, a maioria dos alunos trabalha o dia todo e não tem tempo para fazer as atividades propostas em livros e caderno. Assim, o uso das mídias digitais tornam as aulas mais atrativas.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Nas últimas décadas temos vivenciado o sucessivo crescimento das tecnologias e com isso é perceptível também a utilização destas como materiais didáticos no ensino. A valorização de recursos audiovisuais se constituem como uma forma de tornar a aprendizagem mais dinâmica e que toque na realidade dos alunos, principalmente os adolescentes que vivem conectados nesse mundo digital e tecnológico em seus iphones e tablets.

Nesta perspectiva do uso das mídias digitais são amplas as discussões feita por autores acerca destas, a exemplo de Nucia Alexandra Silva de Oliveira (2012), Selva Guimarães Fonseca (1989), e Leandro Karnal (2009), que discutem e refletem sobre o ensino de História e uso de novos recursos como matérias didáticos pelo na sala de aula.

Em seu artigo intitulado “Novas” e diferentes linguagens e o ensino de História: Construindo significados para a formação do professor”, Oliveira (2012), traz reflexões acerca do ensino de História e da necessidade dos professores utilizarem “novos” matérias didáticos.

Hoje é quase unanimidade entre professores em formação a necessidade de usar novas linguagens e tecnologias, seja como instrumento de trabalho (aqui estou considerando o uso do data show) ou ainda como fonte de investigação (considera-se aqui a escolha de trechos de filmes, sites, blogs e outros.). (OLIVEIRA, 2012.p.264-265).

A partir dessa afirmação fica claro perceber que o uso das mídias digitais pelos professores, ao passo que é de suma importância compreender que essas mídias fazem parte do dia- a – dia dos alunos e que esta opção de utilizar esses meios tecnológicos podem atrair a atenção dos alunos para a aula proposta.

Ainda falando sobre o ensino de História e o uso de novas linguagens, a autora Selva Guimarães Fonseca traz a seguinte reflexão;

Grande parte dos artigos publicados em revistas e livros atualmente, relatam experiências de professores e alunos ansiosos para utilizarem novas linguagens no processo de ensino/aprendizagem. Partindo de um alargamento da noção do que História e de seus objetos e das formas como se manifestam no social os professores



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



tem conseguido diversificar as maneiras de produzir História nas escolas de 1 e 2 graus. Com experiências através da literatura, do cinema etc. E com isso revelam uma de substituir a linguagem “oficial” que é o livro didático. (FONSECA, 1989 p.205).

Logo, é perceptível que a professora da turma observada já faz o uso das mídias digitais em suas aulas, e como ressalta Fonseca (1989), esta é uma maneira de diferenciar o ensino e não utilizar apenas o livro didático como ferramenta de ensino, mais sim, utilizar recursos mais próximos dos alunos, como a internet.

Porém, há situações em que mesmo os professores utilizando novos métodos de ensino as aulas ainda continuam monótonas e que não atraem a atenção dos alunos. Nessa perspectiva o autor Leandro Karnal faz a seguinte reflexão:

Há algumas décadas, houve um equívoco expressivo na modernização do ensino. Julgou-se que era necessário introduzir máquinas para ter uma aula dinâmica. Multiplicaram-se os retroprojetores, os projetos de slides e posteriormente os filmes em sala de aula. Que seja dito e repetido à exaustão: Uma aula pode ser exatamente conservadora ultrapassada contando todos os mais modernos meios audiovisuais. Uma aula pode ser muito dinâmica e inovadora utilizando giz, professor e aluno. Em outras palavras podemos utilizar meios novos, mais é a própria concepção de História que deve ser repensada (KARNAL, 2009 p.9).

Portanto a partir desta reflexão de Karnal (2009), é importante pensar se realmente o uso de novos métodos são a solução para tornar o ensino mais atrativo.

Porém, para reforçar a ideia de que introduzir novos métodos de ensino e novas tecnologias, Selva Guimarães Fonseca reforça a importância destes na formação do aluno/cidadão. Segundo ela:

A formação do aluno/cidadão se inicia e se processa ao longo de toda a sua vida nos diversos espaços de vivência. Logo, todas as linguagens, todos os veículos e matérias, frutos de múltiplas experiências culturais, contribui com a produção/difusão de saberes históricos, responsáveis pela formação do pensamento, tais como os meios de comunicação de massa/rádio, TV, imprensa em geral/cinema, tradição oral e etc. (FONSECA 2003 p.164).





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Logo com base nesta reflexão de Fonseca(2003), podemos afirmar que o uso de novos materiais didáticos dentre eles as mídias digitais são importantes e contribuem para a difusão do saber e influencia diretamente na aprendizagem do aluno, no que toca profundamente os meios que eles estão inseridos atualmente, que é o mundo tecnológico e moderno.

## O que pensam os alunos: análise das entrevistas

No decorrer destas observações foram feitas entrevistas com alguns alunos (10) da sala e com a professora. Essas entrevistas foram feitas com a presença de questionários com perguntas diretas, e que levaram a reflexão dos mesmos. E assim pude criar a seguinte tabela contendo as perguntas e as respostas.

O vocês acham da disciplina de História?	80% Interessante e 20% disse achar chata.
Qual a opinião de vocês sobre a utilização de mídias digitais (you tube, google, e sites), no ensino de História?	100% responderam que é uma boa opção, pois estes deixam o ensino mais interessante e divertido.
O deve ser feito para que o ensino de História seja mais atrativo?	100% Utilizar mais recursos como filmes por exemplo, não ficar só no livro.10% ter mais aula, pois só são duas aulas por semana.

Com base nas respostas dos alunos, foi possível perceber que o ensino de História é de suma importância para a formação deles, mas que ainda falta muitas coisas a serem alcançadas e colocadas em prática. Essas respostas também evidenciam que há uma mudança nas concepções dos alunos sobre o ensino de História pois, como foi evidenciado 80% dos entrevistados acham a disciplina interessante. Ou seja, é perceptível que há uma grande avanço nas desconstruções negativas sobre a disciplina ao passo que se tornou comum



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



escutar que a maioria dos alunos rotulavam a disciplina de História como chata e que só estuda o passado.

Esse interesse da maioria dos alunos pode está diretamente ligado a pratica da professora, que traz em suas aulas métodos diversos, relaciona os conteúdos a realidade dos alunos, além de utilizar em suas aulas algumas mídias digitais, a exemplo de filmes assistidos pela internet.

## Conclusão

Para concluir , foi possível perceber no decorrer das observações na sala de aula, de entrevistas com alunos e com a professora e da leitura de textos de autores consagrados na área do ensino de História que as mídias digitais utilizadas como matérias didáticos são muito importantes e eficientes, pois ajudam a trazer para os alunos os conteúdos de maneiras mais dinâmicas, principalmente com a utilização de jogos, filmes e pesquisas em sites, que fazem com que os alunos interagem na sala de aula, pois esses ambientes digitais são a realidades deles, principalmente os que adolescentes e o uso destas mídias fazem com que os alunos se sintam mais envolvidos nos assuntos trabalhados em sala.

## Referencias:

FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História**. Diversificação de abordagens. Revista brasileira de História, São Paulo, v.9 p.197-208.

FONSECA, Selva Guimarães. **Dadatica e pratica de ensino de História**: experiências, reflexões e aprendizagens, Campinas. Papirus, 2003.

KARNAL, L. Introdução IN\_ (org.) **História na sala de aula**: conteúdos, práticas e proposta. São Paulo: Contexto, 2009.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de. **“Novas” e diferentes linguagens e o ensino de História**: construindo significados para a formação de professores. Entre Ver, Florianópolis, V.2, P. 262-277, jan./jun. 2012.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



PIMENTA, Selma Garrido IN LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência:** diferentes concepções. Revista Poiesis-Volume 3, pp5´24, 2005/2006.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## AS CONTRIBUIÇÕES DE INTERVENÇÕES PEDAGÓGICAS NA APRENDIZAGEM DA DIVISÃO DE NÚMEROS NATURAIS POR ESTUDANTES DE 4º E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Karyne Santiago de Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Campus XI

[karynesantiago@hotmail.com](mailto:karynesantiago@hotmail.com)

**Claudene Ferreira Mendes Rios**

Universidade do Estado da Bahia / UNEB/Campus XI

[claudenefmr@uol.com.br](mailto:claudenefmr@uol.com.br)

### Resumo:

Este trabalho apresenta reflexões tecidas em um Trabalho de Conclusão de Curso a partir do problema de pesquisa: quais intervenções pedagógicas contribuem com o processo de construção do conceito da divisão de números naturais e de seus possíveis algoritmos por crianças de turmas de 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> ano?, em que objetivamos desenvolver intervenções pedagógicas de modo a compreender quais as relações existentes entre estas intervenções e o processo de construção do conceito e dos algoritmos da divisão de números naturais por crianças de turmas de 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup>. E, quanto aos objetivos específicos buscamos identificar as etapas apresentadas pelas crianças no processo de construção do conceito da divisão de números naturais, compreender como as crianças articulam a operação de divisão mentalmente e sistematizam essa operação e apresentar diferentes caminhos a serem percorridos. A metodologia constituiu-se em uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa com inspiração na pesquisa-ação, através da construção e execução de sete oficinas pedagógicas como estratégia de coleta de dados. Quanto a fundamentação teórica dialogamos com Gitirana et al.(2014), Thiollente (2011), Nunes et al.(2009), Magid (2012), Centurión (1995) , dentre outros autores, e a análise dos dados evidenciaram que a construção do conceito da divisão é um processo complexo, sendo de competência do professor o desenvolvimento de diferentes situações de aprendizagem, contemplando as ideias da divisão de distribuição e da cotação e nos indicaram que é preciso a escola investir em diferentes estratégias para a resolução de problemas matemáticos, potencializando a aprendizagem matemática.

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Intervenções pedagógicas. Divisão de números naturais.

### Contexto do estudo

É inegável, atualmente, o baixo aprendizado da ideia da divisão pelas crianças em idade escolar como também de muitos adultos que até chegam na graduação e apresentam um desconforto em não saber com segurança realizar



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



a operação da divisão seja no universo dos reais e até mesmo dos naturais. Portanto, a compreensão dos processos de construção dos conceitos matemáticos, em especial do conceito da divisão vai muito além do ato da operação matemática. Estudos têm mostrado que precisamos considerar que a formação dos conceitos matemáticos, especificamente, o conceito da divisão estão diretamente ligados à resolução de problemas envolvendo as ideias de distribuição e cotação.

Essa percepção decorre de diversas experiências que temos vivenciado, desde a educação básica até aqui na graduação, e fortalecida pelo diálogo estabelecido com autores como Gitirana (2014), Nunes (2009) e Pastells (2009), que enfatizam a importância de uma variedade de situações diferenciadas no processo de construção de conceito, além de Souza e Weschsler (2014) por refletirem como acontecem os processos de aprendizagem em crianças no estágio das operações concretas e Grossi, Lopes e Couto (2014), Rosamilha e Faria (1983), Meneghel (2017) e Rios (2016) por discutirem sobre processos de aprendizagem de conceitos matemáticos.

Assim, pretendemos comunicar através deste artigo reflexões conceituais e análises desenvolvidas em um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Licenciatura em Pedagogia realizado a partir de uma pesquisa de campo com inspiração metodológica na pesquisa-ação que teve como objetivo desenvolver intervenções pedagógicas de modo a compreender quais as relações existentes entre estas intervenções e o processo de construção do conceito e dos algoritmos da divisão de números naturais por crianças de turmas de 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup>, através da elaboração e execução de oficinas pedagógicas como estratégia de coleta de dados. Tais oficinas contaram com a participação de seis crianças em idade escolar entre 9 e 12 anos, matriculadas em turmas de 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> ano de uma escola da Rede Municipal de Serrinha, Bahia, no período de 25 de abril a 07 de maio de 2018. Os colaboradores tiveram sua identidade resguardada e foram convidados a escolherem nomes geométricos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



para os identificarem, a escolha foi por: Hipotenusa, Esfera, Retângulo, Prisma, Cone e Aresta.

E, nessa perspectiva da inspiração metodológica buscamos, como destaca Thiollente (2011), estudar o problema social e acadêmico da aprendizagem da ideia da divisão de modo a conceber um fazer e refazer reflexivo, visto que a pesquisa-ação fornece instrumentos ao pesquisador que o levam-no a alterar o que está sendo pesquisado, contudo, limitando-o pelo contexto e pela ética da prática.

Assim, buscamos fazer as análises acerca dos caminhos percorridos pelas crianças para a resolução de problemas e suas contribuições para o processo de construção do conceito da divisão, como também, das semelhanças existentes entre as estratégias próprias dos estudantes e os algoritmos da divisão conhecidos na literatura e das relações construídas nas intervenções pedagógicas e o processo de sistematização em forma de algoritmos.

## **A operação aritmética da divisão**

As operações aritméticas, segundo Centurión (1995), são ações que realizamos sobre determinados números, transformando-os. E, uma divisão pode repartir um todo em partes, sejam elas iguais ou não, ao contrário da ideia que é popularmente conhecida que a divisão sempre será feita em partes iguais. Isso deixa claro que as divisões podem ser exatas ou não.

Na verdade, a palavra “divisão” é comum a todos, pois dividimos constantemente muitas coisas em nosso dia-dia. Dividimos de tudo, desde objetos até sentimentos, e ao dividimos uma determinada quantidade de balas entre algumas pessoas estamos operando sobre essas balas.

Ainda, segundo Centurión (1995), há duas situações ligadas à concepção do que é a divisão: repartir igualmente determinada quantidade por um determinado número e medir quantos grupos se consegue formar com determinada quantidade. Porém, de acordo com Magid (2012) outras ideias também estão relacionadas ao ato de dividir, tais como: subtrair quantidades





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



iguais, agrupar, somar quantidades iguais até chegar a um número dado e fracionar.

Já para Nunes et al. (2009), a operação da divisão envolve duas variáveis em uma relação constante, ou seja, dados dois números, a divisão de um desses por outro, sempre resultará em um terceiro, sendo ele exato ou não.

E, sobre os aspectos cognitivos necessários para tal compreensão, Nunes et al. (2009) afirmam que dois são os esquemas mentais mais usados para resolver situações de divisão: esquema de distribuição - quando o problema for direto e esquema de correspondência um-a-muitos - quando o problema é inverso de divisão, ou seja, usando a multiplicação.

Assim, o esquema da distribuição equitativa é, segundo Nunes et al. (2009), um dos esquemas mais usados pelas crianças para resolver problemas que envolvam noções de divisibilidade e que desde os cinco anos a maioria das crianças não mostram dificuldade em realizar distribuições corretas, ou seja, elas se mostram capazes de solucionar problemas diretos de divisão. E, quando é utilizado a ideia por correspondência um para muitos, Nunes et al. (2009) afirma ser o esquema mental realizado para a operação de multiplicação.

Ainda nessa linha, Lorenzi e Chies (2009) afirmam que o processo de ensino desses algoritmos ainda são muitas vezes restringidos a transmissão oral, o que pode inviabilizar a construção do próprio conhecimento pelo estudante. Reafirmando que a aprendizagem de um algoritmo requer que o estudante tenha contato com situações didáticas que lhes possibilitem compreender esse processo de sistematização.

Portanto, é de extrema importância que o professor desenvolva uma proposta metodológica para o ensino da divisão, condizentes com a maneira que as crianças aprendem e coma maneira que elas se apropriam do conceito da divisão e de todas as relações e demais conceitos inter-relacionados a eles.

**Acerca da resolução de problemas e a construção do conceito da divisão**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Sabemos que um problema se caracteriza pela procura da solução que não acontece de forma imediata. Então, essas oficinas serviram para evidenciar que a operação da divisão em situações-problema com a ideia da distribuição é de fácil compreensão pelos estudantes, enquanto que, com a ideia de medida, já sentiam maior dificuldade.

Com esta constatação, ficou evidenciada a necessidade de trabalharmos partindo de problemas simples com números pequenos, visto que os estudantes ainda estavam em processos de construção dos “[...] conceitos de contagem, quantidade e de distribuição equitativa” (GITIRANA et al., 2014, p. 10) e de correspondência multiplicativa de um para muitos elementos, o que acaba por interferir no processo de assimilação do conceito.

E, no decorrer da pesquisa, através das intervenções, ficou claro que a ideia de cotação precisa ser melhor explorada nas aulas de modo a possibilitar a construção dos esquemas necessários para tal elaboração e resolução. Aliás, Nunes et al. (2009) afirmam, que no quinto ano a maioria dos estudantes apresentam uma maior compreensão das operações inversas, ou seja, estão no estágio das operações concretas quando ocorre a aquisição da noção de reversibilidade das ações - a operação da divisão é a operação inversa da multiplicação.

Neste contexto, percebemos certa dificuldade inicial, dos colaboradores, ao fazerem pequenas operações de divisibilidade mentalmente. Porém, tais dificuldades foram sendo superadas na medida em que eles foram fazendo uso dos esquemas de distribuição e de correspondência um-para-muitos, a partir das diferentes situações vivenciadas e que estão expressas nos registros nos diários das crianças.

Entretanto, como o conceito de divisão se desenvolve ao passo em que fazemos uso desses esquemas, podemos afirmar que os estudantes mostraram estar desenvolvendo o conceito da divisão, especificamente, como também demonstraram avanços em resolverem com um pouco mais de confiança/consistência “situações de caráter teórico ou prático” (GITIRANA et al., 2014, p.9).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Segundo Nunes et al. (2009), as crianças possuem dificuldades em coordenar os esquemas de divisão até que tenham a oportunidade de aplicação direta ou indiretamente desses esquemas. A construção do conceito de divisão requer que a criança utilize seus conhecimentos cotidianos, pois a divisibilidade está presente em diversas situações rotineiras do dia-dia das crianças.

Deste modo, as crianças precisam ter contato com situações-problema que fomentem o uso do raciocínio abstrato desde pequenas, pois quanto mais cedo elas elaborarem conceitos basilares da Matemática mais rápido estarão alfabetizadas matematicamente e mais facilidade terão para compreender conteúdos posteriores mais complexos.

Assim, podemos sinalizar sobre a necessidade das crianças terem contato com o estudo do sistema de numeração decimal, das operações da multiplicação, da subtração e mesmo da adição, não de modo isolado, pois um conceito pode ser paralelamente construído com outros e a ideia da reversibilidade que é fundamento cognitivo para possibilitar a percepção das operações que são inversas uma das outras, constitui-se base para que o professor possa trabalhar de forma paralela e articulada as operações.

Então, dada a variedade de estratégias e registros para os mesmos problemas fica perceptível que “[...] é fundamental que os professores estimulem individualmente a inteligência dos seus alunos, recolhendo as diferentes potencialidades, limitações e habilidades que cada indivíduo possui” (GROSSI, LOPES, COUTO, 2014, p. 31), pois cada criança busca o seu jeito de realizar as operações e deve ter suas estratégias valorizadas e compreendidas.

Nessa perspectiva, algumas reflexões acerca dessa interação conceitual serão explicitadas de forma mais aprofundada nas análises dos registros das crianças ao trabalhar com resoluções de problemas mentalmente envolvendo a operação da divisão, usando estratégias



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



próprias, de modo a compreender a ideia da divisão por distribuição a partir de situações cotidianas que envolviam operações exatas e não exatas.

Vejam no quadro 01 abaixo as estratégias de resolução dos colaboradores.

<b>Quadro 01:</b> Estratégias de resolução de problema n. 1.	
<b>Problema 1:</b> A professora Karyne tem 30 lápis de colorir para dividir igualmente entre 5 crianças. Quantos lápis cada uma vai receber?	
<b>Figura 01:</b> Estratégia n. 1 de Hipotenusa	<b>Figura 2 :</b> Estratégia n. 1 de Esfera
<b>Figura 3:</b> Estratégia n. 1 de Prisma	<b>Figura 4:</b> Estratégia n. 1 de Cone
<b>Figura 5:</b> Estratégia n. 1 de Retângulo	<b>Figura 6:</b> Estratégia n. 1 de Aresta

Fonte: Arquivos da pesquisa.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Podemos observar que Prisma e Retângulo utilizaram a estratégia do registro em forma de desenhos e na sequência fizeram os agrupamentos, uma estratégia que é característica do trabalho desenvolvido desde a Educação Infantil com a ideia da divisão por distribuição e por agrupamentos de objetos trabalhados para a introdução das noções de multiplicação. Estas estratégias apresentam grandes potencialidades, pois permite a resolução de problemas de diferentes contextos, visto que ela é a base para o trabalho mais aprofundado.

E, analisamos também as estratégias de Cone, Hipotenusa e Esfera que resolveram o problema usando a estratégia de correspondência um-para-muitos que permite uma série de outros aprofundamentos futuros, como a compreensão de problemas que exijam a reversibilidade do pensamento e a multiplicação direta. Já Aresta usou uma estratégia apenas pictórica, mas conseguiu resolver e representar o resultado do problema.

Em síntese, podemos concluir que no âmbito das oficinas a compreensão de informações por meio de situações similares as do cotidiano como a distribuição de lápis, balas e dinheiro de papel, tem grande potencialidade formativa, visto que, o trabalho com esta variedade de material e situações contribui com a formação de conceitos matemáticos e a aquisição de conhecimento acontece a partir de situações-problema que as crianças já tinham trabalhado ou que tivessem similaridade com atividades já realizadas (GITIRANA et al., 2014).

Nesse contexto de análise dos registros realizados, destacamos que também não tivemos como trazer os registros das estratégias dos jogos realizados nas oficinas devido sua grande variedade e extensão.

Esta variedade de situações, especificamente, as situações de jogos permitiram que as intervenções pedagógicas realizadas fossem importantes nesse contexto de reestruturação, pois durante esse processo elas precisaram passar de um ponto que já conheciam e tinham familiaridade para um patamar que elas ainda não dominavam, de modo que as desafiassem a buscar



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



esquemas para resolverem essas situações, sejam elas problemas ou jogos (GITIRANA et al., 2014).

Ao fazer uso de jogos, tais como os jogos “Restou, ganhou!”, “Dominó da divisão” e a “Trilha da divisão” percebemos que, quando a criança é desafiada a fazer algo que ainda não domina, passa por um processo de desequilíbrio, fruto da não presença de esquemas mentais que lhe permita resolver tal situação, exigindo assim, para que se reequilibre, a composição de novos esquemas. Então, quando a criança não encontra os esquemas necessários para resolver uma situação ela tem de “[...] decompor e recombina elementos que compõem o esquema, para formar novos esquemas” (GITIRANA et al., 2014, p.17).

De acordo com Nunes et al.(2009), talvez haja a necessidade que os estudantes tenham a oportunidade, na sala de aula, de aprender a coordenar seus esquemas de ação sobre representações. Por isso, a necessidade de atividade que sejam possíveis os estudantes resolverem, visto que assim, os esquemas podem ser coordenados. Nessa linha, buscamos para além do uso de materiais concretos, o uso constante de registros escritos para contribuir com a reflexão sobre as estratégias utilizadas.

## **Semelhanças existentes entre as estratégias dos estudantes e os algoritmos da divisão conhecidos na literatura**

No âmbito da pesquisa constatamos semelhanças entre estratégias de resolução dos estudantes e os algoritmos da divisão através das subtrações sucessivas e os algoritmos por estimativa, fruto do fato de alguns problemas trazerem justamente a ideia de algo dividido a partir de subtrações sucessivas.

No entanto, no que diz respeito às estimativas, que geralmente acontecem no pensamento natural das crianças, foi usada desde as primeiras oficinas quando as crianças faziam estimativas, tentando realizar os cálculos mentalmente. Entretanto, demonstraram dificuldades em realizar as estimativas e os cálculos mentais, estimando em muitos casos ainda sem levar em conta a





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



noção de quantidade, falando e registrando resultados diversos, sem muito critério.

Observemos então, a resolução escrita de um segundo problema em que as crianças apresentaram estratégias próprias de resolução. Podemos observar a escrita das respostas no quadro 02 abaixo.

**Quadro 02 :** Estratégias de resolução de problema n. 2.

**Problema 2:** Eu tenho 2 litros de água para dividir entre copos com 200 ml. Quantos copos conseguirei encher?

Figura 7: Estratégia n. 3 de Hipotenusa

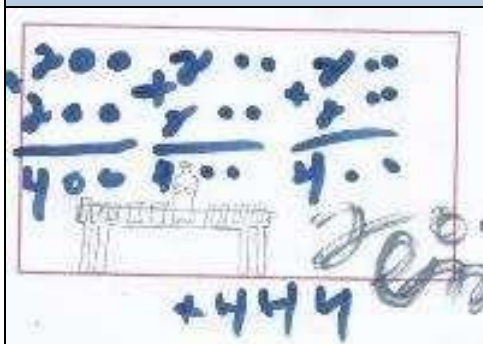


Figura 8: Estratégia n. 3 de Retângulo

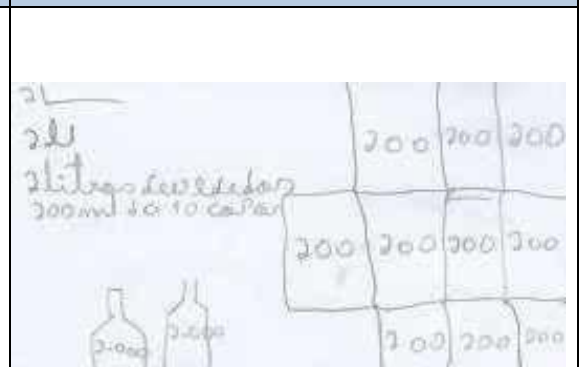


Figura 9: Estratégia n. 3 de Esfera

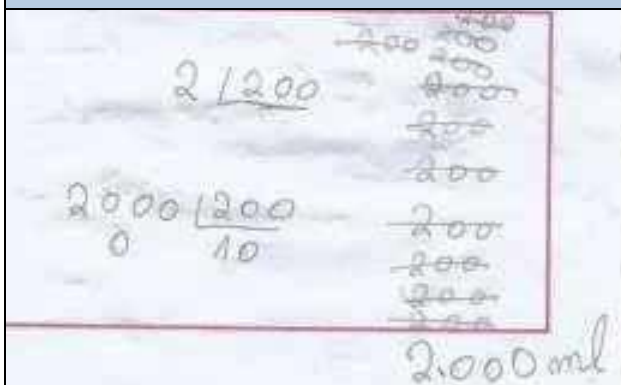


Figura 10: Estratégia n. 3 de Cone

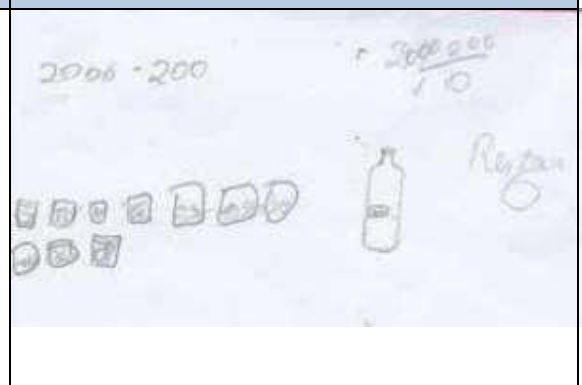


Figura 11: Estratégia n. 3 de Prisma

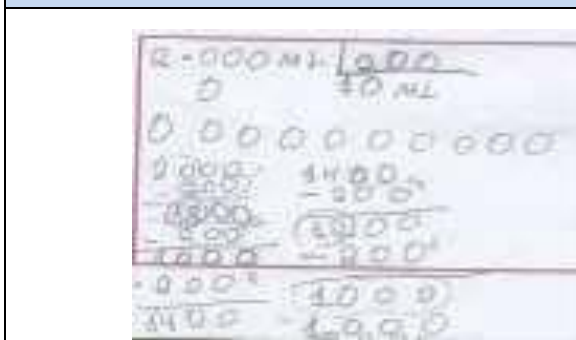


Figura 12: Estratégia n. 3 de Aresta



Fonte: Arquivos da pesquisa



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A partir desses registros, podemos observar que Aresta e Cone fizeram apenas a representação do procedimento realizado, sistematizando em forma de algoritmo tradicional curto, fruto de um incentivo nosso. No entanto, no registro de Aresta observamos que ela havia apagado e poderia ser uma estratégia própria, mas que com a indução para o algoritmo ela registrou como solicitado.

E, ficou constatado que todas as crianças que usaram o algoritmo padrão da chave o registraram apenas para cumprir o solicitado, não sendo algo determinante para a compreensão do resultado. Porém, ficou claro que o registro do algoritmo faz parte da tradição da operação divisão, e que observado de forma detalhada, encontra-se algumas inconsistências nas relações registradas. Esfera colocou o número 10 no quociente e relacionou ou definiu como 10 ml, no entanto, seriam 10 copos, o que demonstra a necessidade de revisão nos registros e a necessidade do diálogo para que a compreensão de fato aconteça.

Esfera e Retângulo usaram inicialmente a representação 2l (litros) para realizar a operação, porém como esta grandeza não condizia com a medida de capacidade em mililitro (ml) dificultaria a montagem do algoritmo. Nesse contexto, podemos analisar a importância do domínio de conhecimentos de outros aspectos da Matemática, tais como os de medida de capacidade e seus múltiplos. Na realidade, uma atividade como esta possibilita não só a aprendizagem do conceito de distribuição e cotação, como também, a apropriação de outros conteúdos como é o caso das medidas de capacidade.

Observando os registros, notamos que Esfera, Retângulo, Hipotenusa, Cone e Aresta fizeram uso da soma com números e da soma com desenhos para ver quantos copos de 200 ml cabem em uma garrafa de 2.000 ml. É a ideia da divisão por cotação, com o uso da adição em situações de correspondência multiplicativa. Esta análise nos permite refletir sobre a frequente ênfase que é dada na escola para a soma como recurso eficaz de problemas multiplicativos.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Já Prisma fez uso das subtrações sucessivas para representar as ações. No entanto, devemos destacar que ela realizou estas operações considerando o momento em que a garrafa foi esvaziada e fazemos alusão à subtração de 200 ml a cada copo retirado. Além do mais, no momento que tentava resolver a situação solicitava ajuda constantemente para a realização da operação da subtração. Este fato, assim como todas as observações realizadas, demonstrou a falta de domínio por parte das crianças do algoritmo da subtração, habilidade esta que já deveria estar garantida para crianças de 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> ano.

Por outro lado, a partir do registro de Esfera podemos concluir que apesar de não domarem a técnica de cálculo da subtração, os estudantes possuem compreensão quanto ao conceito da subtração, visto que os desenhos e os riscos sucessivos nos números 200 representam a ideia de retirar, de diminuir, ou seja, a ideia de subtrair.

Devemos considerar também que, diante do que foi observado, que a compreensão do algoritmo por subtrações sucessivas é diferente do euclidiano por considerar o número em sua totalidade, o que acaba por reverberar no cálculo dos novos dividendos parciais, que seriam encontrados pela subtração partindo das unidades até as demais classes, dos menores para os maiores e isso pode acabar por confundir o estudante.

Isso porque, como as estimativas refletem processos mentais, as crianças não necessariamente fazem relação aos cálculos anteriores. Diante disso, percebemos que nos cálculos por estimativa é ideal que, inicialmente as crianças não sejam incentivadas a colocar em forma de algoritmo, pois isso pode interferir em seu raciocínio natural.

Diante desse contexto, podemos analisar que o ensino em que o professor demonstra as regras no quadro ou de modo apenas oral, precisa ser evitado e que o algoritmo euclidiano, dito tradicional, só deve ser apresentado à criança posteriormente ao trabalho com essas demais estratégias.

Contudo, o trabalho com este tipo de atividade foi bem aceito, mas muitos estudantes optaram por responder usando o euclidiano, alegando ser mais fácil. O que nos leva a constatar que muitas vezes a escolha por estes



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



cálculos pode ter sido fruto das induções que fizemos para os algoritmos no decorrer do processo e isso não mostrar-se como algo positivo, pois a induções para o registro formal pode desmotivar a criança ao passo que demonstra uma desvalorização das suas estratégias por parte do professor.

Diante disso, constatamos que a estratégia de estimativa geralmente será usada pela criança em cálculos com números grandes e que para ela pode ser mais fácil estimar e colocar nos padrões do euclidiano, usando assim, não o algoritmo por estimativa, mas apenas o raciocínio estimativo.

Podemos destacar também que fizemos uma análise com as crianças de problemas que foram resolvidos usando diferentes algoritmos e elas compreenderam bem que todos os algoritmos usados como estratégias de resolução por diferentes crianças estavam corretos, e ainda conseguiram identificar os tipos de algoritmo e estratégias.

Com base nesta situação vivenciada, podemos concluir que se esse algoritmo foi trabalhado de maneira ideal e fundamentado - os estudantes tiveram oportunidade de aprofundar seu conhecimento sobre o sistema de numeração decimal, principalmente quando trabalhamos com o algoritmo por decomposição, também chamado de algoritmo expandido, que regularmente é usado de maneira não algorítmica como uma estratégia de resolução.

## Considerações Finais

À guisa de conclusão podemos afirmar que as intervenções pedagógicas realizadas interviram de forma positiva na aprendizagem da resolução de problemas e na construção de esquemas mentais importante para a construção do conceito da divisão, e que, devemos ter um certo cuidado ao incentivar as crianças nos processos de sistematização com algoritmo.

Aliás, tomando por base os registros das crianças podemos dizer que, as atividades, tarefas, jogos e problemas usados nas oficinas contribuíram com o processo de construção desse conceito. Conseguimos, também, auxiliar no processo de desenvolvimento da competência de resolução de problemas a partir do uso de estratégias próprias de resolução, com ênfase em



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



argumentos orais e/ou escritos. E que as crianças vão apropriando-se dos conceitos de contagem, de quantidade, e paralelamente, vão construindo esse conceito da divisão.

Também foi possível identificarmos as etapas apresentadas pelas crianças no processo de construção do conceito da divisão de números naturais, que vão do desenho até as estimativas e a cálculos primários, cálculos mentais e tentativas das mais diversas.

Assim, os resultados da pesquisa, através das oficinas, evidenciam que diferentes são os caminhos percorridos pelas crianças para a realização da operação divisão e que muitas das estratégias próprias de cada criança assemelham-se aos algoritmos da divisão conhecidos na literatura.

Além disso, o trabalho com os cálculos mentais, as estimativas e as aproximações estão ligados as outras tarefas matemáticas, mas os algoritmos por estimativas ou como chamam de algoritmo americano, exige uma compreensão mais ampla da divisão, da esquerda para a direita, enfatizando as ordens.

Portanto, concluímos que as estratégias para a resolução de problemas, os argumentos e os erros são mecanismos de aprendizagem importantes e devem ser bem trabalhados nos anos iniciais, visto que, no estágio das operações concretas o raciocínio lógico deve ser estimulado de maneira efetiva e eficiente, pois a ideia de cotação e da exigência da reversibilidade do pensamento, precisam ser trabalhadas nas aulas com maior ênfase, pois o trabalho com essa ideia da divisão possibilita a construção e a coordenação dos esquemas necessários para elaboração e resoluções futuras de situações-problema.

## Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Matemática**: orientações para o professor , Saeb/Prova Brasil, 4ª série/5º Ano, ensino fundamental –Brasília: INEP,2009.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



CENTURIÓN, M. **Números e operações:** conteúdo e metodologia da matemática. São Paulo: Editora Scipione, 1995.

CHIES, R. P.; LORENZI, R. M. P. L. **Algoritmo da Divisão:** Ajudando os alunos a construir a Noção de Partição. Revista do Professor, v. 100, p. 23-27, 2009.

GITIRANA, V. et al. **Repensando a Multiplicação e a Divisão:** contribuições da Teoria dos Campos Conceituais. São Paulo, Ed. PROEM Ltda, 2014.

GROSSI, M.; LOPES, A. M.; COUTO, P. A. A neurociência na formação de professores: um estudo da realidade brasileira. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 41, p. 27–40, 2014.

MEGID, M. A. B. A. **O ensino aprendizagem da divisão na formação de professores.** Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 6, no. 1, p. 175-187, mai. 2012. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acessado em 28 de maio de 2016.

MENEGHEL, A. L. P. C. A construção das estruturas infralógicas de espaço e a reversibilidade de pensamento. **Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genética.** Volume 9 Número 2 – Ago-Dez/2017.

NUNES, T. et al. **Educação matemática:** números e operações matemáticas. São Paulo: Cortez, 2009.

PASTELLS, À. A. i. **Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos: para crianças de 6 a 12 anos.** Curitiba: Base Editorial, 2009.

RIOS, C.F. M. A formação de conceitos científicos matemáticos na educação básica. VII Seminário de Pesquisa e Extensão no NUPE/Campus XI **"Política de Pesquisa, Ensino e Extensão: Perspectivas sobre a autonomia universitária"**. ISSN: 2525- 6777 36 ,p36-50.

ROSAMILHA, N.; FARIA, A. R. de. Evolução da noção de conservação de quantidade e desempenho em matemática. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 1983, vol.3, n.2, pp.25-44.S

SOUZA, N.M de; WESCHSLER, A. M. Reflexões sobre a teoria piagetiana: o estágio operatório concreto. In: **Cadernos de Educação:** Ensino e Sociedade, Bebedouro- SP, 1 (1): 134-150, 2014, p.134-150.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## PROPRIEDADES DO ESTÁGIO CURRICULAR: REFLEXÕES NECESSÁRIAS À ATUAÇÃO DOCENTE

**Layne Alves de Souza**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[laynealves06@hotmail.com](mailto:laynealves06@hotmail.com)

**Alana Ramos dos Santos**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[nanarsantoss@gmail.com](mailto:nanarsantoss@gmail.com)

**Cenilza Pereira dos Santos**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[cenisantos@gmail.com](mailto:cenisantos@gmail.com)

### Resumo

Este texto consiste em um relato de experiência que versa sobre o estágio curricular na formação inicial de professoras. Seguido do reconhecimento da importância em conhecer as propriedades do estágio e as atribuições do percurso desde os primeiros contatos com a escola a qual será campo desta vivência, este artigo foi elaborado durante a fase de planejamento e construção de uma proposta de intervenção logo após a realização do período de observação. Tendo como ponto de partida a fase diagnóstica exploratória, tal estudo tem a finalidade de tecer reflexões acerca do estágio curricular apontando para as aprendizagens essenciais à atuação docente neste contexto. Para isso, as considerações tecidas foram fundamentadas com autores/as como Pimenta e Lima (2004), Lima (2012), Tardif e Lessard (2005), Freire (1996), Mizucami (2011), entre outros/as. Com essa perspectiva, são apresentados saberes considerados relevantes para a compreensão e efetivação do estágio curricular e, assim, aponta para assuntos como a investigação do contexto e o olhar sobre a escola, a inseparabilidade entre teoria e prática na docência e ao significado do estágio para a formação profissional.

**Palavras-chave:** Estágio curricular. Proposta de Intervenção. Investigação do contexto.

### Introdução

A educação escolar tem solicitado emergencialmente um olhar sensível diante às demandas aderentes nos contextos das escolas públicas, visto que com o passar do tempo tem sido crescente os desafios a serem enfrentados pelos educadores e educadoras e, conseqüentemente, a importância destes profissionais para a sociedade. Nesse sentido, é indispensável compreender e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



refletir constantemente sobre o papel da escola e dos profissionais que trabalham nessa instituição.

Partindo desse pressuposto, este texto consiste em um relato de experiência sobre o momento que antecede a inserção em campo: a fase de planejamento e elaboração de uma proposta de intervenção para a realização do Estágio Curricular nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental após o período de observação. Tem como finalidade tecer reflexões acerca do estágio curricular apontando para as aprendizagens essenciais à atuação docente neste contexto. Assim sendo, pretendemos pontuar sobre a importância da construção desses saberes de professores em formação inicial atrelando-os a uma descrição e uma análise da etapa inicial do estágio curricular que denominamos de fase diagnóstica.

Ao saber que a educação “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1996) torna-se imprescindível ponderar sobre quais sujeitos se pretende formar e para qual sociedade. Então, ao planejar a proposta de intervenção identificamos a real relevância em ter este olhar sensível tomando a escola em sua complexidade e dinamicidade e tendo consciência de que o trabalho docente precisa explicitar suas intenções e fundamentar suas práticas em contextos específicos.

Por esse ângulo “compreender a escola em seu cotidiano é condição para qualquer projeto de intervenção, pois o ato de ensinar requer um trabalho específico e reflexão mais ampla sobre a ação pedagógica que ali se desenvolve.” (PIMENTA; LIMA; 2004, p. 104)

Isto posto, se tratando da elaboração de uma proposta de intervenção é crucial evidenciarmos a compreensão de que para a sociedade instável que vivenciamos é fundamental que a escola se comprometa em formar sujeitos críticos, autônomos, reflexivos e participativos para que possam exercer a cidadania. Isto sem jamais desconsiderar que se trata de uma formação essencialmente humana e que exige o trabalho com valores e atitudes através



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



de um ensino embasado nos princípios de igualdade, liberdade, respeito e solidariedade.

Diante disso e através de um caminho metodológico previamente definido, buscamos conhecer um pouco da realidade escolar em que realizaremos o estágio numa escola pública, em uma classe de 1º ano composta por 23 crianças. Para a fase diagnóstica, utilizamos de algumas estratégias para a coleta de informações tais como: o questionário, a entrevista semiestruturada e a observação participante. Entretanto, é válido frisar que a análise sobre o contexto escolar deve, de antemão, considerar que

O olhar para a escola, efetivado no decorrer do Estágio, objetiva a reflexão que precisa ir além da percepção da sala de aula de forma isolada, alcançando o contexto escolar e o processo educacional como um todo e este, na sociedade em que se insere. (LIMA, 2012, p. 65)

Nesse segmento, foi entregue a gestora, um questionário contendo perguntas referentes a estrutura física da escola, a composição e organização da equipe profissional. Haja vista que “a organização e a gestão constituem o conjunto das condições e dos meios utilizados para assegurar o bom funcionamento da instituição escolar, de modo que alcance os objetivos educacionais esperados” (LIBÂNEO, 2012, p. 411).

Ademais, no período reservado para observação participante, percebemos aspectos consideráveis a serem postos em questão e realçados para esta proposta de intervenção: violência entre as crianças; ausência de brincadeiras; discriminação racial; exclusão; ausência de motivação para aprender; crianças com necessidades especiais; sexualidade; pouco contato com recursos tecnológicos digitais; falta de domínio da leitura, escrita e oralidade.

Após leitura e análise destes aspectos, buscamos identificar qual seria o maior desafio para nós enquanto aprendizes da profissão num estágio supervisionado, levando em consideração também um foco que possibilite estabelecer constantes relações com as demais particularidades. Por conta disso, direcionamos a proposta à potencialização da aprendizagem e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



desenvolvimento da leitura, escrita e oralidade, visto que estes podem ser articulados aos demais aspectos já mencionados.

A referida realidade escolar pode ser analisada do ponto de vista social, como pertencente a uma comunidade de bairro popular com crianças que aparentemente pertencem a famílias com poucas condições financeiras. A professora entrevistada, regente da turma, declara que a maior interferência no seu trabalho é justamente a falta de “parceria com as famílias que não disciplinam e nem estimulam as crianças a levarem a escola a sério” (Professora Rosa, 2018).

Nesse segmento, a fase diagnóstica foi desenvolvida partindo do pressuposto de que o diagnóstico “não se limita a uma visão inicial, mas se realiza como um processo permanente de identificação de necessidades e possibilidades que permitam rever ou reafirmar as opções, uma vez que a realidade é dinâmica, viva, mutável” (PIMENTA; LIMA; 2004, p. 223).

Diante disso, é profícua a retomada aos estudos realizados durante formação acadêmica que nos fizeram compreender o trabalho docente através de diversas perspectivas e pontos de análise, para então poder estabelecer relações entre teorias que elegemos como basilares para a prática pedagógica e outras que emergem do contexto no qual atuaremos.

Assim sendo, atentamo-nos primordialmente para a importância em conscientizar-se de que,

Os alunos não são apenas seres psicobiológicos. São também seres sociais parcialmente definidos por sua situação socioeconômica, seus valores, suas crenças, seus interesses, etc. O docente também deve ajustar-se a esses fenômenos. (TARDIF; LESSARD, p. 70, 2005)

Tendo em vista os aspectos já mencionados, das necessidades pedagógicas percebidas e as atribuições legais para esta etapa do processo de formação escolar construímos uma proposta de intervenção que tem como questão norteadora: como desenvolver práticas que estimulem a aprendizagem da leitura e da escrita através de atividade lúdicas e dialógicas? Logo,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



pretendemos de modo geral desenvolver práticas que estimulem a aprendizagem da leitura e da escrita através de atividades lúdicas e dialógicas.

Para tanto, objetivamos especificamente provocar os educandos a atribuírem significado às aprendizagens escolares; possibilitar situações de diálogo entre os educandos sobre valores e princípios tais como: respeito, solidariedade, colaboração, entre outros; utilizar da ludicidade para potencializar o aprendizado da leitura e da escrita dos educandos; promover situações de aprendizagem de acordo com as competências gerais descritas na BNCC; desenvolver atividades pedagógicas numa perspectiva interdisciplinar.

Diante do exposto, vale acentuar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 estabelece que o Ensino Fundamental tem como objetivo a formação básica do cidadão mediante

[...] o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamentam a sociedade [...]. (BRASIL, 1996)

Assim sendo, a compreensão da importância em enfatizar o trabalho com o Eixo Leitura e Escrita se deu a princípio, através de estudos em documentos oficiais curriculares que demonstram a necessidade de desenvolver práticas que potencializem o processo de alfabetização dos educandos nesta fase escolar. Nessa lógica, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) realça a pertinência em prezar que,

[...] nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos. (BNCC, 2017)

Em vista disso, é essencial levar em consideração os conhecimentos prévios dos educandos e as habilidades basilares para os processos de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



alfabetização e letramento ao planejar práticas que possibilitem a participação dos estudantes na construção de conhecimentos e desenvolvimento de competências, além de dialeticamente atribuir significados à formação escolar para a vida. Logo, é válido salientar que, de acordo com Piccoli e Camini,

O termo letramento contribuiu para desestabilizar as práticas convencionais de ensino da leitura e da escrita que, durante muito tempo, desconsideram o contexto em que elas ocorrem socialmente. Agora, é preciso um novo movimento que, em vez de dar a ideia de segmentação nas práticas escolares de leitura e escrita – entre alfabetização e letramento –, as considere como um mesmo processo socialmente conduzido e que não se polariza em um determinado período escolar. (PICCOLI; CAMINI, p. 27, 2012)

Por esta razão, é relevante a proposta de intervenção que realça a necessidade de estabelecer relações de interação constantes durante o desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem. Estas que consideram as histórias de vida e o cotidiano dos educandos para uma compreensão através do diálogo e de experiências de motivação, viabilizar aprendizagens significativas.

Haja vista que “decodificar sem compreender é inútil; compreender sem decodificar, impossível. Há que se pensar a questão dialeticamente” (MARTINS, 1988, p. 32), daí a ludicidade e a dialogicidade na atuação docente possuem um efeito propulsor que ao considerar atividades voltadas para a aquisição da consciência fonológica não anulam os aspectos socioculturais.

Nesse segmento, espera-se que além de afetar positivamente os educandos e contribuir com o desenvolvimento de aprendizagens, possamos apontar novas possibilidades para as profissionais – professoras, gestora e auxiliares – de tornar as aulas e a escola mais interessante para as crianças.

## **Teoria e prática: elementos consubstanciados na docência**

Em diversos contextos escolares em que pudemos dialogar com as/os profissionais durante todo o percurso acadêmico formativo, é muito comum





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ouvir comentários como “na prática a teoria é outra” ou “tudo na teoria é um sonho, tudo muito lindo”, como se fosse possível estabelecer uma dicotomia entre teoria e prática. Pensamos que este deve ser um ponto de análise essencial para a verdadeira compreensão do estágio e da docência. Não se sabe ao certo, as causas desta segmentação da relação teoria e prática, porém, podemos imaginar que esta falsa consciência pode estar dificultando ainda mais a lida com os desafios da escola de hoje.

Por estas razões, é fundamental entender que “teoria e prática se apresentam como partes integrantes, complementares, essenciais para a composição do corpo da ação docente” (LIMA, 2012, p. 53) haja vista, que “a prática educativa não sucede no vazio, mas tem por base, necessariamente, uma concepção de homem, de sociedade e de escola que sustentam e dirigem o fazer docente” (FARIAS, 2009, p. 31). Dessa forma, é precipuamente considerado o entendimento desta indissociabilidade através de um olhar epistemológico para a prática docente, para que se possa desenvolver o estágio atribuindo-o seu real sentido.

Por esse motivo, para a elaboração da proposta de intervenção faz-se necessário explicitar a metodologia que assumiremos como direcionamento da prática por meio de uma breve descrição de um aporte teórico do qual nos identificamos. Segundo Farias (2009) aporte teórico refere-se a “um conjunto de ideias, valores, conceitos de homem e de sociedade que ancoram formas de interpretação e definição de rumos para o processo educativo.” (FARIAS, 2009, p. 30)

Por isto, desde então assumimos um compromisso com a profissão docente entendendo que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa.” (FREIRE, 1986, p. 97).

Nesse segmento, apresentamos um desejo e um compromisso em sermos professoras com práticas fundamentadas na teoria da aprendizagem sociointeracionista que agrega contribuições significativas do Psicólogo Lev Semyonovich Vygotsky e do educador brasileiro Paulo Freire. Neste sentido, a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



interação entre os sujeitos e os ambientes em que aprendem pode ser associada à abordagem pedagógica cognitivista que considera todo o processo de construção do conhecimento e formação contínua do sujeito tendo em vista suas fases de desenvolvimento e processos de maturação, esta que o biólogo Jean Piaget foi o precursor.

De acordo com Mizukami (2011), ao se tratar da abordagem cognitivista, centrada em Piaget,

O aluno deve ser tratado de acordo com as características estruturais próprias de sua fase evolutiva e o ensino, precisa, conseqüentemente, ser adaptado ao desenvolvimento mental e social. Cabe ao aluno papel essencialmente ativo (a atividade é uma forma de funcionamento do indivíduo) e suas atividades básicas, entre outras, deverão consistir em: observar, experimentar, comparar, relacionar, analisar, justapor, compor, encaixar, levantar hipóteses, argumentar etc. (MIZUKAMI 2011, p. 78)

Dessa maneira, ao vermos os educandos como sujeitos capazes de ser protagonistas do próprio processo de desenvolvimento e aprendizagem nos responsabilizamos em proporcionar situações desafiadoras para que possa instigar o desejo em aprender e em buscar novas descobertas. Isto se refere também a construção de uma postura perante o meio social, que não deve ser de passividade e comodismo. Por isso, reconhecemos que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 1996, p. 47)

Partindo do pressuposto de que há princípios e concepções que norteiam toda e qualquer prática pedagógica considera-se primordial refletir sobre estas continuamente no exercício da profissão. Há uma identidade profissional que precisa ser construída, reconhecida e assumida no fazer docente. E, além disso, pensar a função social dos/as professores/as entendendo que “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (FREIRE, 1996, p. 26)

Segundo Paulo Freire, há saberes que são indispensáveis à prática docente e dentre eles, para a concretização de um método dialético de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ensino/aprendizagem, em que todos ensinam e todos aprendem descobrindo o mundo e se descobrindo, é válido ressaltar que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.” (FREIRE, 1996, p. 23).

Com essa perspectiva, é imprescindível que os planejamentos sejam elaborados a partir dos conhecimentos prévios dos educandos, levando em consideração suas experiências extraescolares e as realidades socioeconômicas e culturais em que vivem. Isto significa antes de tudo, respeitar o tempo de aprendizagem e as histórias de vida dos educandos, pois para que ocorra aprendizagem é preciso que o sujeito consiga estabelecer relações entre os conhecimentos já construídos e o objeto de um conhecimento novo.

Logo, buscaremos que os educandos se compreendam como pesquisadores, investigadores, e potencializem suas capacidades de raciocínio lógico e análise crítica de tudo que está a sua volta. Nesse sentido, concordamos que,

Para isso é indispensável que os meninos e meninas tenham oportunidade de expressar suas próprias idéias e, a partir delas, convém potencializar as condições que lhes permitam revisar a fundo estas idéias e a ampliar as experiências com outras novas, fazendo com que se dêem conta, também, de suas limitações, situando-os em condição de modificá-las se for necessário, ao mesmo tempo que se buscam outras alternativas. (ZABALA, 2001, p. 112)

Por esse ângulo, o diálogo, a valorização e potencialização das capacidades dos educandos é o principal direcionamento para esta intervenção e, conseqüentemente, para a nossa formação profissional. Entendemos através dos autores mencionados e diversos outros que compartilham da proposta de uma educação libertadora, problematizadora e democrática que a nossa ação enquanto professoras extrapola a construção dos conhecimentos determinados pelo currículo escolar. Estes não serão, jamais,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



desconsiderados, mas articulados a uma proposta de formação ampla e desenvolvimento integral dos educandos.

Partido desses pressupostos, prezaremos em planejar atividades que intensifique o diálogo e a curiosidade, a exemplo de rodas temáticas de conversa e situações desafiadoras associadas ao cotidiano das crianças. Bem como outras atividades que tornem o ambiente da sala de aula mais lúdico, prazeroso e interativo, como dinâmicas, brincadeiras dirigidas, o uso de desenhos animados e músicas para apresentação de conteúdos e posteriores discussões, contação de histórias e produções artísticas.

Nesse contexto, os processos de alfabetização assumem uma dimensão lúdica, dialógica e contextualizada. Bem como Paulo Freire esclarece:

Implica, não uma memorização visual e mecânica de sentenças, de palavras, de sílabas, desgarradas de um universo existencial — coisas mortas ou semimortas — mas numa atitude de criação e recriação. Implica numa autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre seu contexto. Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto, sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza. Por isso, a alfabetização não pode ser feita de cima para baixo, como uma doação ou uma imposição, mas de dentro para fora, pelo próprio analfabeto, apenas com a colaboração do educador. (FREIRE, 1994, p. 8)

Portanto, a metodologia de ensino esta respaldada na concepção de “educação problematizadora, libertadora, que pretende, de imediato, a superação radical da dicotomia educador-educando” (BECKER, 2003, p. 59), haja vista que, para a sociedade que almejamos mais justa e democrática, é essencial que tenhamos em mente um processo de conscientização – em que os sujeitos se conscientizam em uma coletividade – e de libertação de modelos que desvalorizam a criticidade, a criatividade a liberdade de expressão das crianças.

Para o acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem e de acordo com a metodologia de ensino já mencionada, é importante salientar que trabalharemos com uma perspectiva de “ação avaliativa mediadora que tem a intenção de contribuir para a superação de quaisquer posicionamento



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



classificatório, arbitrários, excludentes que reforcem as relações de poder no ambiente escolar (HOFFMAN, 2014, p. 103).

Nesse segmento, a avaliação visa analisar o processo e não o produto ao final as atividades escolares. Esta não é direcionada apenas ao desempenho do educando como também a autoavaliação formativa que põe em análise a prática docente e os seus fundamentos. Ao assumir uma postura de professoras mediadoras concordamos que ao avaliar tenhamos em mente a pretensão de

[...] encorajar e orientar os alunos a produção de um saber qualitativamente superior, pelo aprofundamento as questões propostas, pela oportunização de novas vivências, leituras ou quaisquer procedimentos enriquecedores ao tema em estudo. (HOFFMAN, 2014, p. 92).

Isto significa dizer que as considerações obtidas em qualquer processo de avaliação são pontos de partida para as próximas ações de educadoras e educandos para a efetivação de aprendizagens significativas e desenvolvimento. Por conta disso, desde os primeiros contatos com a turma na qual o estágio será vivenciado, realizamos uma avaliação diagnóstica utilizando de duas estratégias: a tabela diagnóstica de habilidades e análise das atividades escritas dos cadernos e livros e outros registros das crianças.

## Considerações Finais

Diante do movimento reflexivo para compreender as propriedades do estágio ao planejar uma proposta de intervenção, tornou-se possível perceber a importância de um aprofundamento teórico com estudo diverso sobre o trabalho docente para este momento de aprendizagem da profissão em meio aos prazeres e deveres constituintes do ambiente escolar.

Ao assumir uma postura de estudante reflexivo para tornar-se professoras reflexivas sobre e no trabalho pedagógico, o estágio é concebido de acordo com Lima (2012) como,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



[...] um espaço de reflexão sobre a carreira docente. É o momento de rever os conceitos sobre o que é ser professor, para compreender o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade. É hora de começar a pensar na condição de professor sempre na perspectiva de aprendiz da profissão. É hora de começar a vislumbrar a formação contínua como elemento de realimentação dessa reflexão. (LIMA, 2012, p. 31)

Portanto, ponderamos para a necessidade de superar tanto a visão de estágio como o momento da prática quanto a fragmentação entre o que é teoria e o que é prática na profissão docente, visto que não há nenhuma prática realizada sem intenções – sejam elas quais forem – e sendo assim, na medida em que se sabe as intenções dos atos educativos expõe-se uma teoria do ensino, da aprendizagem e do desenvolvimento.

Contudo, há algo ainda a ser salientado no que diz respeito a fase exploratória diagnóstica do estágio que é a aprendizagem do olhar para a escola. Um olhar que precisa ser compreendido antes de tudo, para que não se direcione à escola como quem vai para identificar “problemas” e propor “soluções”. Não é essa a postura que nós estudantes precisamos assumir diante de uma realidade escolar, por mais que saibamos que os desafios são inúmeros e que teremos de propor alternativas de enfrentamento através da intervenção.

Nessa lógica, Lima (2012) aponta para o que o significa observar na escola em movimento, o que se refere a

Uma postura atenta, para além das paredes e demais estruturas físicas, objetos, estatísticas e documentos da instituição. É o olhar demorado sobre os fatos, nexos e relações que se estabelecem no movimento das pessoas para descobrir os fenômenos embutidos nos fatos aparentemente corriqueiros ou comuns as particularidades e detalhes do fenômeno estudado. (LIMA, 2012, p. 61)

Então, é pertinente previamente ao estágio e à atuação docente ponderar sobre o sentido que é atribuído a este momento, as particularidades que compõem a experiência de estagiar como parte da formação inicial e, ter em mente que para tanto, é imprescindível situar-se na formação acadêmica de





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



com um protagonismo estudantil em que a autorreflexão se faça presente tanto quanto os cuidados ao investigar a escola e a própria profissão docente.

## Referências

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar** – Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. lei nº 9.394\96**, de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL , Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Ensino Fundamental. Brasília, 2017.

BRASIL , Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Guia do formador**. Modulo 2. Brasília 2001.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. Brasília: Líber Livro, 2009.

FREIRE, Paulo. . **Educação como prática da liberdade**. 17. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 20. ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

HOFFMAN, Jussara. **Avaliação Mito e Desafio: Uma perspectiva construtivista**. 44.ed. Porto Alegre, RS: Mediação ,2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização** / José Carlos Libâneo, João Ferreira de Oliveira, Mirza Seabra Toschi – 10. ed. rev. E ampl. – São Paulo: Cortez, 2012.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9ª. Ed. São Paulo: Editora Bralience, 1988.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U., 2011.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



PIMENTA, Selma Garrido; LUCENA LIMA, Maria Socorro. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção Docência em formação; Série Saberes Pedagógicos.)

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis: Vozes, 2005.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## OLHARES DISCENTES SOBRE O COMPONENTE CURRICULAR ANTROPOLOGIA E EDUCAÇÃO NO CURSO DE PEDAGOGIA

**Leane Liny dos Santos Lima**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[leanelife@hotmail.com](mailto:leanelife@hotmail.com)

**Luiz Carlos Jandiroba**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

[ljandiroba@bol.com.br](mailto:ljandiroba@bol.com.br)

### Resumo:

O presente artigo aborda a relevância da Antropologia enquanto componente curricular no curso de Pedagogia. Contribui para o eixo temático por enfatizar a perspectiva discente sobre os componentes curriculares ofertados, o percurso da formação acadêmica e a organização do fluxograma curricular do curso de Pedagogia. Propicia a produção de futuras análises sobre a atuação docente nos diversos componentes curriculares ofertados pela instituição e as implicações do currículo na formação dos futuros pedagogos. Norteia-se pela questão: de que maneira os discentes do Curso de Pedagogia notam a relevância do componente curricular Antropologia e Educação na formação acadêmica? Objetiva analisar a percepção dos discentes sobre a importância deste componente curricular durante a formação acadêmica. Tem como objetivos específicos identificar a relevância da transposição didática dos conteúdos abordados no andamento das aulas realizadas durante os semestres 2017.1 e 2017.2, e compreender a significação na formação dos 99 conteúdos abordados no componente curricular Antropologia e Educação na perspectiva discente durante o primeiro semestre. Os caminhos metodológicos percorridos levaram a uma abordagem de pesquisa qualitativa, pois, visa a interpretação das informações coletadas pela monitora e da perspectiva dos sujeitos discentes sobre o componente curricular Antropologia e Educação, e o uso da observação participante e da entrevista semiestruturada como técnicas para coleta de dados. Fundamenta-se nos autores Luckesi (1998), Gatti (2003), Gusmão (2008), Moreira e Candau (2007) e Vieira e Badia (2015) para dialogar com as argumentações traçadas. Conclui ao traçar a relevância do componente e as habilidades que precisam ser potencializadas.

**Palavras-chave:** Antropologia. Currículo. Pedagogia.

### Introdução

A Antropologia emerge como uma ciência que legitimava as ações das nações no colonialismo. Ao longo dos anos, foi se reformulando e atualmente possibilita uma melhor compreensão dos comportamentos socioculturais nas pesquisas de cunho qualitativo. Por outro lado, a Educação também foi se



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



renovando ao se utilizar de outras áreas do conhecimento humano para fundamentar e aperfeiçoar as práticas pedagógicas em sala de aula, na medida em que a escola é vista como integrante do social e não mais como um *lócus* a parte.

Em vista disso, o componente curricular Antropologia e Educação, de caráter teórico, é ofertado com o intuito de propiciar aos discentes do Curso de Pedagogia uma assimilação e desmistificação de conceitos consideradas tabus sociais, a verificação do etnocentrismo e seus impactos no sistema de ensino e possibilitar a ampliação de saberes.

Com efeito, o presente estudo surge de vivências com as turmas que ingressaram nos semestres 2017.1 e 2017.2 durante a monitoria voluntária do componente curricular Antropologia e Educação, ofertado no primeiro semestre do Curso de Pedagogia no Departamento de Educação Campus XI - Serrinha da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Justifica-se no eixo temático Ensino, Formação, Currículo e Trabalho Pedagógico por enfatizar a perspectiva discente sobre os componentes curriculares ofertados, o percurso da formação acadêmica e a organização do fluxograma curricular do Curso de Pedagogia, elaborado na perspectiva de uma formação integral dos futuros pedagogos. Este estudo tende a propiciar a produção de futuras análises sobre a atuação docente nos diversos componentes curriculares ofertados na instituição e as implicações do currículo para uma formação diversificada e significativa.

Para nortear este estudo, temos como questão: de que maneira os discentes do Curso de Pedagogia notam a relevância do componente curricular Antropologia e Educação na formação acadêmica? Logo, objetiva analisar a percepção destes discentes sobre a importância deste componente curricular durante sua formação acadêmica.

Tem como objetivos específicos identificar como ocorreu a transposição didática dos conteúdos abordados no andamento das aulas realizadas durante os semestres 2017.1 e 2017.2, e compreender a significação na formação dos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



conteúdos abordados no componente curricular Antropologia e Educação na perspectiva discente.

Os caminhos metodológicos percorridos levaram a uma abordagem de pesquisa qualitativa, pois parte do princípio de compreender as ações e opiniões dos sujeitos durante as aulas de Antropologia e Educação. Segundo Minayo (1994), esta abordagem de pesquisa “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, [...]”.

Neste sentido, o presente estudo tem como pilar a interpretação do andamento das aulas do componente curricular e as percepções dos discentes dos semestres 2017.1 e 2017.2 sobre as abordagens dos conteúdos para a sua formação acadêmica. Considera-se, então, os testemunhos dos sujeitos e os dados coletados na observação participante.

Toma-se como referências os autores Luckesi (1998), Gatti (2003), Gusmão (2008), Moreira e Candau (2007) e Vieira e Badia (2015) para fundamentar as argumentações traçadas.

O estudo está organizado em quatro seções, na qual a primeira é a presente introdução, a segunda aborda o andamento e as temáticas das aulas do componente curricular Antropologia e Educação foram apresentados durante dois semestres, a terceira traz a reflexão a vivência dos discentes e finaliza com as considerações traçadas através da análise realizada na seção anterior.

## **A influência da Antropologia na Educação e a efetivação do componente curricular no Curso de Pedagogia**

O componente curricular Antropologia e Educação é ofertado durante o primeiro período do Curso de Pedagogia no Departamento de Educação Campus XI - Serrinha da UNEB como formação básica e visa compreender a relação entre homem e sociedade ao analisar as implicações da cultura no comportamento social e individual que conseqüentemente, reflete no âmbito educacional. Seguindo esta direção, Gusmão (2008) aborda que:



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A antropologia como ciência preocupa-se com a questão das diferenças e busca propor formas de intervenção sobre a realidade, papel a que se dirige qualquer conhecimento produzido a partir das relações entre os homens e o mundo social criado por eles torna-se necessário o desvendar da sociedade onde se está e onde se vive, para compreender os dispositivos da cultura ou das culturas que operam nesse contexto. (GUSMÃO, 2008, p. 54)

A partir dessa constatação da autora, pode-se compreender que a Antropologia, enquanto ciência, interpreta o objeto visando o diferente e busca o desenvolvimento da criticidade para posteriormente elaborações de intervenção no meio social. Possibilita mecanismos para compreender as situações sob aspectos de cunho cultural para ir além de uma perspectiva simplista. Reflete na Educação, quando analisa os sujeitos inseridos em um meio sociocultural, sendo influenciado por ele, e não como um sujeito isolado. Nesta direção, corroboram Vieira e Badia (2015) ao reconhecerem que “o diálogo com a Antropologia acontece na busca por fontes diversas e objetos específicos para tratar o fenômeno educacional em situações locais, regionais e com suas problemáticas próprias. (VIEIRA; BADIA, 2015, p. 250)

Sob este viés, a Educação na emergência de novos paradigmas utiliza-se da Antropologia para possibilitar a compreensão das problemáticas locais partindo de uma análise das influências socioculturais na vida dos sujeitos que adentram a sala de aula, evitando generalizações e considerando as particularidades. Assim, a escola passa a não ser um local isolado, neutro, das ações sociais e culturais, pelo contrário, torna-se o reflexo destas. Compreender estas influências é ampliar o conceito de cultura no currículo para abordar relações de poder implícitas que atingem o comportamento dos indivíduos atores do âmbito educacional.

Nesta direção, Moreira e Candau (2007) configuram currículo como “[...] um dispositivo de grande efeito no processo de construção da identidade do (a) estudante”. Logo, a inserção da Antropologia no curso de Pedagogia almeja, quando se analisa o objetivo formativo e curricular, auxiliar no entendimento e reafirmação das identidades dos sujeitos na formação docente no ensino





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



superior ao contrapor o conhecimento científico e ampliando e desmistificando saberes do senso comum.

Logo, para atender aos objetivos deste estudo, utilizou-se inicialmente a observação participante com registros escritos das aulas pela monitora voluntária de ensino no período dos semestres 2017.1 e 2017.2. Esta modalidade de observação consiste numa técnica onde o pesquisador se insere no grupo sujeito da pesquisa. Esta apresenta os fatos percebidos sem intermediações, dando ênfase à perspectiva do pesquisador.

Gil (2008, p. 103) define este tipo de observação como “a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”. Ou seja, é necessário vivenciar o cotidiano do grupo para compreender as ações dos sujeitos em determinadas situações. O que condiz com a monitoria voluntária nos dois semestres, pois, houve acompanhamento de registros escritos das aulas e participação no cotidiano da turma durante os encontros.

Subdividido em três unidades, o componente abordou nos três primeiros encontros o contexto histórico da Antropologia e os pais fundadores. Em segundo momento, trouxe o conceito de cultura na formação da sociedade e a religião como aspecto cultural e condicionante do comportamento individual. Realizou-se uma avaliação com os conteúdos abordados.

E na terceira unidade, discutiu temas de Antropologia política, identidade cultural na sociedade contemporânea e, no semestre 2017.2, com o filme *Spotlight*, as relações de poder promovidas pela religião no âmbito social. Em todos os encontros destes dois semestres foram realizadas atividades escritas de síntese ou interpretação textual para obtenção de nota, além da avaliação. Sobre as temáticas abordadas durante os semestres, Gusmão (2008) aborda de maneira significativa que:

Igualdade e diferença se fazem então, categorias referenciais por excelência; contudo, revelam-se não como categorias absolutas ou relativas como no passado, mas, sobretudo, como categorias relacionais, cuja definição exige compreender as relações em jogo e os processos de poder e de dominação que, no passado e no



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



presente, geraram e geram marginalidade e exclusão. (GUSMÃO, 2008, p. 57)

Logo, os conceitos identidade e diferença relacionados com o poder devem ser pontuados quando remetidos a Antropologia. Relacionados a Educação, auxiliam na compreensão desta enquanto um sistema que sofre influências das relações de poder existentes na sociedade. Desse modo, propiciará a formação crítica e reflexiva dos sujeitos que atuam ou atuarão nos diversos âmbitos educacionais.

A respeito da avaliação, esta é de fundamental importância como um instrumento auxiliador da prática pedagógica e de compreensão da atribuição de valores dos conteúdos abordados durante os encontros. Gatti (2003, p. 99) declara que “pensemos a educação em sala de aula como uma atividade contínua e integrada às atividades de ensino, algo que é decorrente destas atividades, inerentes a elas e a seu serviço”. Luckesi (1998) caracteriza avaliação “como uma forma de ajuizamento da qualidade do objeto avaliado, fator que implica uma tomada de posição a respeito do mesmo, para aceitá-lo ou para transformá-lo”.

Portanto, a avaliação permite tanto ao educador como aos educandos, quando esta tem uma intencionalidade, interpretar o andamento das aulas e a qualidade da assimilação dos conteúdos abordados no componente curricular durante o semestre. A avaliação enquanto diagnóstico torna-se imprescindível para subsidiar a atuação dos sujeitos posteriormente.

Durante o semestre 2017.1, realizou-se treze encontros aos sábados no turno matutino. Estes sofreram alterações no calendário da disciplina devido a feriados e paralisações sindicais. Foram discutidos textos encontrados no acervo da Biblioteca Paulo Freire, localizada no Campus XI da UNEB, dos seguintes autores: Laraia (1986), Gomes (2015) e Santos (2005) que nortearam as discussões em sala.

No semestre 2017.2, foram quinze encontros aos sábados pela manhã, nos quais, além dos textos discutidos no semestre anterior, introduziu-se os



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



artigos de Matta (1981), Hall (2011) e o filme “Spotlight: segredos revelados” (direção Tom McCarthy, 2015).

Este filme apresentado no final do semestre 2017.2, propiciou novos olhares sobre a religião enquanto instituição social de modo a exemplificar os textos sintetizados e analisados em sala, ampliando a assimilação dos conteúdos. A turma conseguiu gerar reflexões sobre a temática e desenvolveram resenhas entregues ao docente.

Com esses encontros fundamentados em diversos autores, notou-se que, em sua maioria, a turma não tinha conhecimento sobre a Antropologia enquanto ciência. Houve empenho na realização das atividades e dificuldade em distinguir os diferentes trabalhos acadêmicos, como resumo crítico e fichamento. Os discentes eram assíduos e participaram das aulas com questionamentos e exemplificações. Demonstra, assim, que em sua maioria as turmas estavam engajadas com a ampliação de saberes.

Portanto, o contato com os textos de diferentes autores subsidiou a assimilação dos conteúdos abordados. A ementa seguida pelo docente traça uma lógica necessária para compreensão. Contudo, há diferentes caminhos para alcançar a aprendizagem, a inserção de outros recursos, além dos textos, e a devolução das produções dos discentes fazem-se necessários.

## **O olhar discente a respeito do componente curricular Antropologia e Educação**

Compreender como os sujeitos das turmas vivenciam o componente curricular Antropologia e Educação torna-se imprescindível, pois a aprendizagem é uma relação dialética, na qual o docente e o discente, quando cientes disso, assimilam, dialogam e produzem ou ampliam um conhecimento.

Logo, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas no fim do semestre 2017.2, através de gravação de áudio com seis discentes, ingressos no Curso de Pedagogia nos semestres 2017.1 e 2017.2. Ambos assinaram



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



termo de consentimento de autorização de uso de voz e de divulgação dos depoimentos, contudo sem a identificação de suas identidades.

No que tange a entrevista semiestruturada, esta permite que o pesquisador tenha liberdade de adequar as questões ao contexto da entrevista para uma significativa coleta de dados. Corroborando com esta afirmação, Lavelle e Dione (1999, p. 188) afirmam que possibilita “plena liberdade quanto a retirada eventual de algumas perguntas, a ordem em que essas perguntas estão colocadas e ao acréscimo de perguntas improvisadas”.

Neste sentido, possibilita, assim, que a entrevista seja, por parte do pesquisador, um levantamento de opiniões e vivências, e na percepção dos entrevistados como um momento significativo de contribuição de seus testemunhos.

Utilizou-se, então, nomes de frutas nativas do território baiano de identidade do sisal numa valorização dos alimentos regionais. São estes os sujeitos: Umbu, 26 anos com três meses de experiência em sala de aula; Cajá, 22 anos com quatro meses de experiência; e Goiaba, 22 anos sem experiência na docência, ingressos no semestre 2017.1.

E os discentes, Acerola, 22 anos com dois anos de experiência em sala de aula, Siriguela, 20 anos, sem experiência em sala de aula; e Graviola, 27 anos com três anos de experiência em sala de aula; ingressos no semestre 2017.2.

A compreensão do intuito dos conteúdos abordados nas aulas, difere no testemunho de cada discente. As discussões que vão desde elementos culturais, religiosos e políticos a identidade e gênero tende a ampliar as vivências dos sujeitos. Quando questionados sobre qual abordagem chamou atenção durante os encontros, os discentes responderam:

O que mais me chamou atenção foi a questão da diversidade cultural. (UMBU, 2018)

Mas que a gente não imagina que vai discutir sobre isso, como discutiu acerca do tabu do incesto, acerca das diversas religiões. São assuntos que a gente não espera discutir na abordagem da disciplina,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



mas que são discutidos. Isso me chamou muita atenção. (CAJÁ, 2018)

Antes de entrar na faculdade, eu não sabia que existia essa matéria Antropologia que estuda o homem né em profundo, a profundidade da evolução humana. Uma coisa que chamou muito atenção foi a evolução social; como o professor explicou como a sociedade se desenvolvia, como se desenvolveu a civilização desde as primeiras civilizações até a civilização de hoje; que tem relação com o darwinismo social, que representa a primeira teoria da evolução cultural. (GOIABA, 2018)

Torna-se perceptível que ambos os sujeitos sinalizam as descobertas oportunizadas pelos textos utilizados, nos quais as situações do cotidiano são analisadas e respaldadas pelo conhecimento científico. Goiaba sinaliza que no ensino básico não teve aproximação com a Antropologia, que possibilita compreender a formação das sociedades, a cultura como um conceito mais amplo do que modo de vida e a interferência cultural no comportamento dos indivíduos. Esta situação pode dificultar os discentes na assimilação e contextualização dos conteúdos. Ainda, sobre as temáticas mais relevantes, os demais pontuam:

É a questão do homem diante da sociedade como a Antropologia mostra, entendeu. E mostrando também a questão da Igreja, do sagrado e do profano. (GRAVIOLA, 2018)

Um dos assuntos que mais chamou minha atenção no componente curricular Antropologia e Educação foi o que é sagrado e o que é profano. (SIRIGUELA, 2018)

É notório que cada discente se sensibilizou com determinado assunto, o que demonstra as diferentes perspectivas sobre as temáticas desenvolvidas durante o semestre. As temáticas sobre grupos sociais e religiões foram as que mobilizaram os discentes, pois são questões cotidianas, vivenciadas pela maioria dos sujeitos da turma.

Todos evidenciam que as temáticas abordadas nas aulas de Antropologia e Educação possibilitaram conhecer e dialogar sobre questões sociais, como a diversidade cultural existente nas sociedades, a organização



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



social através do tabu do incesto e o darwinismo social que moldou o pensamento cultural durante a expansão colonialista.

Neste aspecto, o componente curricular Antropologia e Educação tenta promover diálogos e novas perspectivas e soluções para os contextos existentes na sociedade que refletem dentro da sala de aula. Gusmão (2008) alega que:

Trata-se de ver a ciência antropológica não naquilo que simplesmente foi, mas no que ela e sua história podem nos proporcionar para olhar o nosso tempo e sobre ele estabelecer explicações possíveis. (GUSMÃO, 2008, p. 58-59)

Sendo assim, cabe ao docente que aborda sobre os conceitos antropológicos possibilitar o melhor entendimento dos caminhos percorridos pelos teóricos da Antropologia, para trazer para as turmas no Curso de Pedagogia a ampliação de conhecimentos pré-existentes, compreendendo como a sociedade é mutável e como a cultura pode explicar algumas ações dos sujeitos em um determinado tempo e espaço.

Posteriormente, questionados sobre em que ponto o componente curricular Antropologia e Educação poderá auxiliá-los em sua atuação como professores em sala de aula, os discentes responderam:

Vai ajudar a ter mais conteúdo, a dominar certos assuntos, a trazer mais informações para os alunos que a gente ensina. Porque todo mundo gosta de aprender sobre coisas que não conhece, sobre pessoas que viveram e às vezes não tem àquela... não dá importância para entender como foi, como funcionou. Então isso ajuda a ter essa direção. (UMBU, 2018)

Ele pode me ajudar a auxiliar os meus alunos a serem críticos. A ajudar a fazer com que eu possa ajudá-los a pensar criticamente sobre eles e os demais que o acompanham e a entender como eles podem atuar criticamente com o mundo aí fora, não somente na sala de aula, mas em suas casas, em outros lugares que eles convivam. (CAJÁ, 2018)

Acho que não vai me ajudar... (GOIABA, 2018)

É... ajudar os alunos no desenvolvimento cultural, material, social. (GRAVIOLA, 2018)





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Bom, este componente curricular vai me ajudar futuramente em sala de aula a desenvolver digamos assim um comportamento de um determinado aluno no caso onde poderíamos fazer uma pesquisa de campo saber porque ele age daquela tal forma. É onde entra a questão sociocultural e a desenvolver mais essa questão da interação. (SIRIGUELA,2018)

Nas conquistas dos povos nativos, irei fazer trabalhos amplos para registrar as atividades das gerações passadas, valorizar a cultura. (ACEROLA, 2018)

Pode-se notar, através dos testemunhos de Goiaba e Graviola, que para alguns ainda não ficou explícito como o componente Antropologia e Educação, definido como formação básica, podem auxiliá-los na atuação enquanto docentes. São abordadas nas falas as seguintes contribuições: a ampliação de conhecimento, o desenvolvimento da criticidade, reconhecimento da cultura e da historicidade do Outro.

É através deste componente que os discentes compreendem a importância da valorização da cultura regional para futuramente auxiliá-los na atuação em sala de aula. Conseqüentemente, possibilitando que os atores da escola se aproximem da comunidade em seu entorno e que os agentes nela inseridos possam compreender o papel desta na formação cidadã.

Posto que, por estarem nos semestres iniciais e numa recente construção de suas carreiras na docência, alguns não tenham a percepção de que Antropologia e Educação tem o intuito de possibilitá-los a desmistificar conceitos, pois, serão eles que irão se deparar com diferentes realidades que acometem o âmbito escolar. Em seguida, questionados sobre a relevância do componente curricular em estudo para sua formação enquanto pedagogo, dois dos discentes reiteram:

É fundamental saber a formação do Homem, o início da civilização, como surgiu, para poder passar para os nossos alunos, né. Sem a matéria da Antropologia é impossível saber disso. Ajudou bastante! (GOIABA, 2018)

A importância da cultura né e de você está englobado no meio da sociedade também. (GRAVIOLA, 2018)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A gente acaba ficando enriquecida com esse saber que a gente não tem ainda, que até então não sabia o que significava Antropologia. E também né nos envolveu mais assim sobre assuntos de raças, etnias, sociedade, enfim, essa coisa toda. (SIRIGUELA, 2018)

Verifica-se que novamente pontuam a importância de entrar em contato com o conceito de cultura para assimilar o processo histórico de formação das sociedades e, como afirma Siriguella, o não terem conhecimento prévio a respeito da Antropologia, enquanto área do saber, devido a vacância em níveis de ensino anteriores. É para suprir esta vacância que Antropologia e Educação é ofertado na grade curricular do primeiro período do Curso de Pedagogia.

Em vista do que foi exposto, a Antropologia, enquanto ciência, pode ser utilizada para dar suporte a Educação no que corresponde às situações do cotidiano escolar sob uma perspectiva científica, ao propor intervenções na transposição didática, considerando os sujeitos e o meio que estes vivenciam, para atenuar os fatores externos prejudiciais à aprendizagem. Sobre a importância da Antropologia na Educação, Vieira e Badia (2015) relatam que:

No campo educacional é inegável que a Antropologia tenha contribuído, principalmente, no que diz respeito a uma aproximação do saber/fazer antropológico e de seu aparato teórico-metodológico em pesquisas educacionais e práticas pedagógicas. O diálogo com a Antropologia acontece na busca por fontes diversas e objetos específicos para tratar o fenômeno educacional em situações locais, regionais e com suas problemáticas próprias. (VIEIRA; BADIA, 2015, p. 250)

Neste intuito, a Educação quando foi influenciada pelos conceitos e métodos de estudo da Antropologia pode expandir o leque de estudos e, com as mudanças paradigmáticas em vigência, que visam a escola como um *locus* de formação e de subjetividades que devem ser consideradas na prática pedagógica, conceder aos sistemas de ensino local a apropriação de sua autenticidade ao ponto de possibilitar que o contexto de cada escola deva estar de acordo com a localidade.

Ao dar ênfase ao meio sociocultural em que os atores da escola estão inseridos e como este condiciona as ações, os valores e as percepções de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



mundo, a Antropologia incentiva os discentes do Curso de Pedagogia o pensar na contextualização de suas práticas pedagógicas perante um sistema educacional local, por vezes, excludente. Oferece métodos para a formação de professor-pesquisador quando se ampara na etnografia.

Perceber como o componente Antropologia e Educação vai muito além de um semestre, pois a aprendizagem dar-se de modo contínuo, faz-se necessário na promoção de uma significativa formação. É ao longo do curso que os discentes apropriarão e aprofundarão os saberes que tiveram contato nas suas primeiras vivências na universidade, pois a grade curricular é pensada para que haja interligação de conteúdos e competências.

## Considerações finais

O componente curricular Antropologia e Educação possibilita aos discentes do Curso de Pedagogia, ofertado no Departamento de Educação Campus XI - Serrinha da UNEB, compreender e ampliar suas perspectivas sobre distintas culturas e religiões, fatores que exercem influência na escola. Além de elucidar o conceito de cultura, propicia a aproximação dos sujeitos com seu meio cultural. Faz com que durante sua formação o sujeito perceba que a cultura molda e influencia no comportamento e conseqüentemente a aprendizagem dos indivíduos.

Para tanto, possibilita que, durante a formação acadêmica, os futuros pedagogos consigam compreender e possibilitar que haja transposição didática entre os conteúdos propostos pelo currículo com a realidade sociocultural dos estudantes, para que a escola, enquanto instituição inserida num sistema complexo e mutável, não esteja distante do seu entorno, a comunidade a qual está inserida.

Diante disso, podemos afirmar que há lacunas na formação da educação básica na abordagem da Antropologia enquanto ciência, o que dificulta a compreensão das temáticas deste e de outros componentes quando os estudantes ingressam no ensino superior.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



No que cabe ao docente que pretende atuar nesse segmento, há necessidade de diversificação da metodologia, através da inserção de mídias visuais durante as aulas, como vídeos e filmes, de pesquisas de campo e apresentações em grupo para propiciar o protagonismo dos discentes e dar devolutiva às produções das turmas realizadas em sala para significar a avaliação no decorrer do semestre.

No mais, o componente curricular Antropologia e Educação é imprescindível para proporcionar aos discentes no Curso de Pedagogia a desmistificação de conceitos considerados tabus sociais, a valorização da cultura regional na transposição didática e a fundamentação que subsidiará os demais componentes curriculares durante a formação acadêmica.

## Referências

GATTI, B. A. O Professor e a Avaliação em Sala de Aula. **Estudos em Avaliação Educacional**, n. 17, pp 97-114, Jan./Jun. 2003.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas S. A., 2008.

GUSMÃO, N. M. M de. Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. **Pro-Posições**, v. 19, n. 3 (57), p 47-82, set./dez. 2008.

LAVILLE, C.; DIONE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

MINAYO, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. Currículo, conhecimento e cultura. In: MOREIRA, A. F. B. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



VIEIRA, K. A. L.; BADIA, D. D. O ensino de antropologia nos cursos de pedagogia: caminhos para a diversidade. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 20, p. 247-269, set./dez. 2015.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## MEIO AMBIENTE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA NA TERCEIRA IDADE

**Marilza da Silva Santos**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI

[marilza.vida@hotmail.com](mailto:marilza.vida@hotmail.com)

**Ismário de Araújo Maciel**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI

[ysmariomaciel@gmail.com](mailto:ysmariomaciel@gmail.com)

**Jones Costa Lima**

Universidade do Estado da Bahia- Campus XI

[joness\\_007@hotmail.com](mailto:joness_007@hotmail.com)

### Resumo:

O presente artigo é resultado do relato das experiências vivenciadas durante a realização do Estágio Supervisionado em Geografia III em espaços não formais, sendo que este foi realizado no período de 17 a 24 de maio de 2018, na instituição vinculada a Universidade do Estado da Bahia/Campus XI com o grupo da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), localizada no Centro de Pesquisa Cultural e Tecnológica na cidade de Serrinha-Ba. O projeto do Estágio Supervisionado em Geografia III foi produzido e aplicado pelos graduandos autores deste presente artigo e teve como orientadora a professora da Universidade do Estado da Bahia-Campus XI, Ana Margarete Gomes da Silva, durante o estágio foi aplicado o projeto que teve como objetivo principal compreender a importância da Geografia na análise e produção do espaço social e seus rebatimentos socioambientais, além de refletir sobre a importância do estudo do meio ambiente e o exercício da cidadania na terceira idade.

**Palavras-chave:** Educação. Meio Ambiente. Cidadania.

### Introdução

O ensino de Geografia é de grande importância tanto para a educação em espaço formal quanto para o não formal, pois através dos conhecimentos geográficos, os sujeitos têm a oportunidade de compreender o espaço em que vivem e assim, entender a dinâmica global no diálogo e nas suas relações com as demais escalas. Dessa forma, os conhecimentos geográficos contribuem para a formação de um cidadão crítico e, assim, resultará no exercício de um cidadão ativo no seu meio social, com ações que possibilite o desenvolvimento da sociedade da qual faz parte.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Propor temas que está relacionado com a vida dos indivíduos em sociedade é de fundamental importância, pois possibilita um leque de informações e conhecimentos, e temas como Meio Ambiente, por exemplo, estão inseridos no dia a dia das pessoas. Foi nessa perspectiva que optamos para trabalhar o tema “Meio ambiente: educação ambiental e o exercício da cidadania na terceira idade”. Tema como este, apresenta uma grande importância para o processo de ensino e aprendizagem para os sujeitos, principalmente para o grupo da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), com os quais realizamos essa modalidade de estágio, no espaço acima citado, localizado no município de Serrinha-Ba, possibilitando-nos uma reflexão social em relação às questões ambientais na atualidade. Sabe-se que as questões ambientais são temas que envolvam a sociedade brasileira, desde a infância até a terceira idade, onde requer a conscientização de cada cidadão no exercício da cidadania para a preservação e uso consciente dos recursos naturais, além da sensibilização sobre o seu papel enquanto agentes formadores de opinião e transformadores da realidade em que vivem.

Partindo da problemática de como compreender a dinâmica do meio ambiente e os impactos causados pelas ações antrópicas no espaço rural e urbano do Brasil, e, refletindo como os impactos reverberam na escala local, propomos ações que podem possibilitar uma vivência, sem causar grandes danos ao meio ambiente?

Nessa concepção, a definição dos conteúdos que foram abordados sugeriu ao grupo uma compreensão mais ampla da atual realidade que o país vivencia sob o ponto de vista da Geografia, além de expor suas opiniões e terem um novo modo de perceber e analisar a importância do estudo voltado para o meio ambiente no Brasil, principalmente no seu município, pensar nas atitudes de cada cidadão em relação à preservação dos recursos naturais, através das diversas leituras relacionadas com a temática que foram dialogadas, onde puderam ampliar o conhecimento sobre a mesma, reforçando sobre a postura de cada cidadão diante dos desafios que o meio ambiente se encontra.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **A importância da educação ambiental para a terceira idade**

Percebe-se que a atenção para as causas ambientais é responsabilidade de todo cidadão, o exercício da cidadania do idoso em relação ao meio ambiente, ou seja, o contato com o meio ambiente beneficia a saúde do cidadão nessa fase, e este poderia contribuir com a melhoria da qualidade de vida da população. Sabe-se que a sociedade brasileira está vivendo em meio a sérios problemas ambientais que requerem soluções imediatas, então se faz necessário que a educação ambiental ultrapasse também os limites dos espaços educacionais formais, ou seja, das escolas e atinja aqueles que são responsáveis pelas tomadas de decisões, tanto no Estado, como na família e em outras instituições, e que através dos vários segmentos da população, e em especial dos idosos para que seja repassada para as futuras gerações possibilitando uma interação entre os seres vivos e o meio ambiente.

As mudanças ambientais geralmente ocorrem devido à interação do homem com a natureza, a interação desses fatores são influenciados diretamente por uma tradição cultural de extrativismo, que desempenha um papel expressivo no comportamento humano. No entanto, o que se percebe é a grande necessidade da substituição dessa tradição cultural pela construção de uma ética ambiental, em que todo o nosso habitat seja reconhecido como um valor em si, natureza, em que todos tenham direito ao meio ecologicamente equilibrado e essencial para uma qualidade de vida saudável em sociedade. Nesse sentido, as discussões sobre o meio ambiente estão cada vez mais presente em nosso cotidiano, e falar sobre a educação ambiental é de fundamental importância em todos os níveis dos processos educativos.

A Educação Ambiental, para Lessa (2008), se configura como um processo transversal e interdisciplinar que deve permear todas as áreas do saber objetivando a formação do indivíduo e de uma consciência coletiva (interdependência social), construindo para a questão ambiental numa prática



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



de educação contínua e integrada, baseada no respeito a todas as formas de vida.

De acordo a Lei 9.795/99, art.1º entende-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências, todas voltadas para a conservação do meio ambiente, tendo como meio veiculador, a escola através de projetos.

Em vista aos problemas ambientais existentes, é de suma importância o desenvolvimento e implantação de programas educacionais ambientais na tentativa

de reverter os danos causados pelo próprio homem a natureza. Os problemas pelos quais o meio ambiente vem passando foram causados por gerações que constituíram um modelo de desenvolvimento degradável, e hoje faz-se necessário orientar e preparar as novas gerações para promover um modelo que vise a sustentabilidade para uma qualidade de vida do indivíduo e do meio em que vive.

Nos últimos anos a Educação Ambiental tem assumido um grande desafio, que é a de construir uma sociedade sustentável. Trazer essa discussão para a sala de aula é de grande importância para promover uma conscientização na qual levem os alunos a repensarem suas ações com o meio ambiente podendo assim, alcançar uma mudança de comportamento para uma sociedade mais saudável, dessa forma Chalita (2002), afirma:

A educação constitui uma valiosa ferramenta de intervenção para construção de novos conceitos e consequentes mudanças de hábitos. É também o instrumento de construção de conhecimento e a forma com que todo desenvolvimento intelectual conquistado é passado de uma geração a outra, permitindo, assim, a máxima comprovada de que cada geração avança um passo em relação à anterior no campo do conhecimento científico e geral. (CHALITA, 2002, p.37.)

Cabe ao educador promover ações diretas e formas de levar a Educação Ambiental a comunidade, pois esses problemas ambientais enfrentados pela sociedade, ele tem o papel fundamental de buscar desenvolver em seus alunos uma melhor conscientização através de hábitos e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



atitudes sadias, e de respeito à natureza. Portanto, a temática composta no projeto de Estágio Supervisionado em Geografia III se baseou em discutir as ações que tanto os graduandos quanto o grupo de idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) refletiram durante as oficinas pedagógicas propostas e na construção do conhecimento.

Portanto o tema Meio ambiente: educação ambiental e o exercício da cidadania na terceira idade, proposto para a realização do Estágio Supervisionado em Geografia III no qual foram abordados os conhecimentos geográficos referentes a importância do meio ambiente para a sociedade brasileira, além da discussão sobre a educação ambiental e o exercício da cidadania das pessoas na terceira idade. Nesta perspectiva, tornou-se indispensável discutir sobre os impactos causados pela ação antrópica ao meio ambiente, além de serem apresentados possíveis soluções que podem diminuir os impactos aos recursos naturais no espaço geográfico brasileiro.

## **Procedimentos metodológicos aplicados durante o estágio**

Durante a realização do Estágio Supervisionado em Geografia III cuja temática abordada foi Meio ambiente: educação ambiental e o exercício da cidadania na terceira idade, buscou-se a reflexão sobre os conhecimentos geográficos e a importância do meio ambiente para a sociedade brasileira, bem como, a discussão referente à educação ambiental e o exercício da cidadania das pessoas na terceira idade. Nesta perspectiva, apresentou-se os impactos causados pela ação antrópica ao meio ambiente, além de refletir sobre as possíveis soluções que podem diminuir os prejuízos aos recursos naturais no espaço geográfico do Brasil.

Sabe-se que a discussão do tema Meio ambiente: educação ambiental e o exercício da cidadania na terceira idade, interessa a toda a sociedade, sejam crianças, jovens e adultos, com as pessoas da terceira idade torna-se ainda um tema bastante importante, pois elas trazem uma experiência de vida que pode



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



contribuir e influenciar no exercício da cidadania dos mais jovens. Pensando nessa perspectiva que a realização do projeto de Estágio Supervisionada em Geografia III na UATI buscou a discussão do tema com a utilização de diversas linguagens que contribuíram para que as oficinas se tornassem eficazes e prazerosas.

As práticas metodológicas realizadas no Estágio Supervisionado em Geografia III foram pautadas na valorização e conscientização do idoso para com o meio ambiente. Durante a realização das oficinas didáticos-pedagógicas na instituição de espaço não formal Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), onde foi desenvolvido o projeto de Estágio Supervisionado em Geografia III, realizou-se as discussões dos conteúdos com a utilização de equipamentos tecnológicos para a exposição dos mesmos através de slides, rodas de conversa, aula de campo, dentre outros. Também foram utilizadas várias linguagens no desenvolvimento das atividades, para abordar o tema em questão, dentre elas: linguagem cinematográfica com filme de curta metragem, linguagem imagética de fotografias e desenhos, linguagem musical, linguagem cartográfica, além de produção de artesanato com material reciclado.

Para relacionar com o projeto cujo tema foi Meio ambiente: educação ambiental e o exercício da cidadania na terceira idade, foi utilizada a canção Herdeiros do Futuro de autoria do cantor Toquinho cuja letra apresenta uma reflexão clara sobre os cuidados para com a preservação dos recursos naturais, também foi utilizada a canção Xote Ecológico de autoria de Luiz Gonzaga, a mesma discute as problemáticas causadas pela ação antrópica ao meio ambiente, dentre as quais a poluição. Percebe-se que a utilização de músicas como um recurso para auxiliar nas aulas de Geografia é importante para a motivação no processo de ensino e aprendizagem, sendo a música uma ferramenta onde se descreve diversas situações do cotidiano, com letras e melodias que retratam as diferentes realidades.

Durante as discussões dos conteúdos na realização das oficinas no Estágio Supervisionado em Geografia III, utilizou-se em uma das oficinas a linguagem fílmica de curta metragem A maior flor do mundo cuja obra é



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



referente a obra literária de José Saramago com o mesmo título do filme, para contextualizar a temática o exercício da cidadania na preservação dos biomas brasileiros, abordada na aula. De acordo com Rivero (2007 apud Moreira, 2012, p. 60) “o cinema na sala de aula pode se transformar em uma ferramenta prática, eficiente e prazerosa no processo de aprendizagem”, sendo assim a utilização da linguagem fílmica nas aulas de Geografia contribui para a ampliação do conhecimento através da percepção de imagens e atitudes demonstradas através do filme.

Outras linguagens foram utilizadas durante as oficinas do estágio como a fotografia, onde foram fotografados locais mostrando problemas ambientais no município de Serrinha-BA, as mesmas foram referentes ao lixo lançado em lugares inapropriados, essas fotografias foram exibidas nos slides, e algumas delas foram trazidas por uma participante do grupo da UATI. Além da fotografia foi utilizada a imagem impressa do mapa Área de Estudo Serrinha Bahia durante a aula de campo realizada no entorno do Shopping Serrinha para observação e discussão referente a urbanização e os impactos ambientais no município de Serrinha – BA, também foram produzidos artesanatos a partir de garrafas pet reciclada em uma das oficinas.

A tabela 01 refere-se ao cronograma da ação realizada durante a realização do Estágio Supervisionado em Geografia III com o grupo de idosos da Universidade Aberta à Terceira Idade vinculada a Universidade do Estado da Bahia, Campus XI em Serrinha-BA. Neste estágio foram realizadas cinco oficinas pedagógicas na qual foram abordados os conteúdos e os roteiros das atividades descritas na tabela a seguir.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



**Tabela 01: Cronograma da ação do Estágio Supervisionado em Geografia**

### III

CRONOGRAMA DA AÇÃO		
PERÍODO E CARGA HORÁRIA	CONTEÚDOS	ROTEIRO DE ATIVIDADES
1º Semana 17/05/2018  4 h	<ul style="list-style-type: none"><li>- O meio ambiente, educação e sociedade;</li><li>- Conceito de meio ambiente e cidadania;</li><li>- A relação entre o meio ambiente, educação e sociedade.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Realização da dinâmica Complemento para integração com o grupo;</li><li>- Exposição dos conteúdos com slides no data show;</li><li>- Utilização do vídeo clipe da canção Herdeiros do Futuro e o vídeo de animação A relação do homem com a natureza e o meio ambiente que o rodeia, estes foram relacionados com o tema;</li><li>- Roda de conversa sobre os conteúdos e os vídeos.</li></ul>
1º Semana 18/05/2018 4 h	<ul style="list-style-type: none"><li>- Ecossistemas e a importância da biodiversidade brasileira para a produção econômica;</li><li>- O exercício da cidadania na preservação dos biomas brasileiros.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Utilização do filme de curta metragem A Maior Flor do Mundo relacionada com o tema;</li><li>- Exposição dos conteúdos com slides no data show;</li><li>- Atividades em equipes para a produção de acrósticos e roda de conversa sobre os conteúdos.</li></ul>
2º Semana 21/05/2018 4 h	<ul style="list-style-type: none"><li>- Os problemas ambientais no espaço urbano e rural do Brasil;</li><li>- A importância da preservação do meio ambiente: o papel do idoso na preservação do meio ambiente.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Apresentação dos conteúdos com slides no data show;</li><li>- Utilização do vídeo clipe da canção Xote Ecológico sobre os conteúdos;</li><li>- Realização da dinâmica Boneco onde foram formados seis grupos e produziram os desenhos e responderam as questões propostas referentes aos conteúdos.</li></ul>



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



PERÍODO E CARGA HORÁRIA	CONTEÚDOS	ROTEIRO DE ATIVIDADES
2º Semana 23/05/2018 4 h	<ul style="list-style-type: none"><li>- Análise de problemas ambientais no município de Serrinha – BA resultante da expansão urbana no mesmo;</li><li>- O papel da Universidade Aberta à Terceira Idade e o exercício da cidadania ambiental no município de Serrinha – BA.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Orientação para o campo com slides contendo a imagem do mapa do espaço que será visitado;</li><li>- Realização de um trabalho de campo no espaço do entorno do Shopping Serrinha no município de Serrinha - BA para observação e discussão sobre os elementos da paisagem modificada pela ação antrópica.</li></ul>
2º Semana 24/05/2018 4 h	<ul style="list-style-type: none"><li>- Reciclagem e meio ambiente no Brasil;</li><li>- Importância da reciclagem para o meio ambiente;</li><li>- A reciclagem como atividade econômica;</li><li>- Exemplos de projetos a partir de material reciclado no Brasil.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>- Discussão dos conteúdos com apresentação de slides no data show;</li><li>- Exibição e análise do vídeo Sustentabilidade Ambiental;</li><li>- Confecção de artesanatos, no qual foram feitas uma cestinha e uma taça com material reciclado.</li><li>- Encerramento do estágio com entrega de lembrancinhas.</li></ul>

Fonte: Arquivo dos autores deste artigo, 2018.

Sabe-se que a avaliação é um processo muito importante no processo de ensino e aprendizagem, pois é um momento de ver o resultado obtido através de um projeto que foi planejado para a ampliação do conhecimento geográfico, além de despertar no grupo da UATI uma visão crítica sobre o papel de cada cidadão na sociedade. Por isso, o grupo foi avaliado durante a participação ativa das discussões dos conteúdos teóricos, além do cumprimento de atividades escritas individuais e em grupos, também na produção de artesanato com material reciclado.

Para a elaboração do projeto de Estágio Supervisionado em Geografia III foi realizada a revisão bibliográfica dos seguintes autores: Chalita (2002), Gohn (2005), Josso (2004), Lessa (2008), Moreira (2012), Pimenta e Lima (2008), Oliveira ((2007), Rangel (2007), Scalabrin e Molinari (2013), Silva (2015), além de outras fontes como a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023 (2002), BRASIL. Lei 9.795, de 27 de abril de 1999 e

[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11\\_2\\_meiamb\\_soci\\_educ.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_2_meiamb_soci_educ.pdf).

## Considerações Finais

O Estágio Supervisionado em Geografia III realizado com o grupo da UATI foi uma experiência muito importante para a nossa formação acadêmica, pois durante a realização das oficinas houve uma interação entre os estagiários e as participantes do grupo, havendo participação somente de pessoas do gênero feminino. O processo de ensino e aprendizagem foi bastante enriquecedor, durante as discussões o grupo teve a oportunidade de expor suas experiências cotidianas relacionadas com o tema do projeto, além de participarem ativamente das atividades propostas durante as aulas.

Por tanto, esta experiência nos trouxe muitas reflexões a respeito do papel e a prática docente. Pensar no ensino de Geografia não implica apenas seu papel como componente curricular, mas também o alcance social da ciência geográfica na compreensão espacial. Sendo assim, o professor de Geografia deve ser comprometido com ensino de geografia de forma significativa, ou seja, uma educação que proporcione a instrumentalização dos sujeitos para análise do espaço ao qual estão inseridos. Segundo Rangel (2007), “o estágio deve ser a oportunidade de os alunos estagiários experimentarem situações onde possam rever, redefinir e discutir os conhecimentos teóricos, pedagógicos e metodológicos ensinados, estabelecendo um elo com teórico e a realidade vivida em sala de aula”, dessa forma, todo aprendizado adquirido durante essa etapa de Estágio Supervisionado em Geografia III, foi de grande importância para nossa formação pessoal e futuros professores de Geografia.

## Referências



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



**A Maior Flor do Mundo.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U>> Acesso em maio de 2018.

**ÁREA DE ESTUDO SERRINHA BAHIA.** Fonte elaborado por OLIVEIRA (2018). Imagem SPOT (11/12/2015) disponível no Google Earth e capturada pelo QGIS.

**A relação do homem com a natureza e o meio ambiente que o rodeia.** Disponível em: < <https://youtu.be/wcBwFCVC1R0>> Acesso em maio de 2018.

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.** NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

**BRASIL.** Lei 9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Brasília: Diário Oficial da União, 28 de abril de 1999.

**Cestinha com garrafa pet.** Disponível em: <https://youtu.be/wJ-Qyog89wk>. Acesso em maio de 2018.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** São Paulo: Gente, 2002.

**Dinâmica do complemento.** Disponível em: <<http://gloriaeporto.blogspot.com.br/2009/12/dinamica-do-complemento.html>> Acesso em 14 de maio de 2018.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal. In: \_\_\_\_\_ **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005. Cap. III.

**Herdeiros do Futuro.** Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=bXT-1K5IWuw>> Acesso em maio de 2018.

JOSSO, Marie-Christine. As experiências ao longo das quais se formam identidades e subjetividades. \_\_\_\_\_ In: **Experiências de Vida e Formação.** Cortez Editora. São Paulo, 2004. Cap. I.

LESSA, L. A. **O papel da educação ambiental no desenvolvimento do turismo Sustentável no município de Maceió, Alagoas.** Revista nordestina de ecoturismo. Aracajú. v. 1, n. 1, p.55, 2008.

MOREIRA, T. de A. **ENSINO DE GEOGRAFIA COM O USO DE FILMES NO BRASIL.** Revista do Departamento de Geografia – USP, Volume 23 (2012), p. 55-82.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



OLIVEIRA, Washington Candido de. **A CONTRIBUIÇÃO DA GEOGRAFIA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: As Relações entre Sociedade e a Natureza no Distrito Federal**. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília. Dep. De Pós- Graduação de Geografia. Brasília, 2007.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência. 3º ed. São Paulo/ BRA**. Cortez: 2008.

**O Boneco.** Disponível em: <<http://apoiojuvenil.blogspot.com.br/2011/06/dinamica-o-boneco.html>> Acesso em maio de 2018.

**O meio ambiente, educação e sociedade.** Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11\\_2\\_meiamb\\_soci\\_educ.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/11_2_meiamb_soci_educ.pdf)> Acesso em maio de 2018.

RANGEL, Maria Cristina. ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NA LICENCIATURA EM GEOGRAFIA: uma proposta de operacionalização. \_\_\_\_\_ In: **Discutindo Geografia: doze razões para (re)pensar a formação do professor**. Ed - Ilhéus: Editus, 2007. P. 184.

SCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. **A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NAS LICENCIATURAS.** Disponível em: <[http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7\\_n1\\_2013/3\\_a\\_importancia\\_da\\_pratica\\_estagio.pdf](http://revistaunar.com.br/cientifica/documentos/vol7_n1_2013/3_a_importancia_da_pratica_estagio.pdf)> Acesso em maio de 2018.

SILVA, R. S. da. **A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA: Práticas e métodos diferenciados no uso da música como metodologia de ensino nas aulas de geografia**. Monografia (Graduação) - UFCG/CFP. Cajazeiras, 2015.

**Sustentabilidade ambiental.** Disponível em: <<https://youtu.be/L1pAYNLaRJI>> Acesso em 20 de maio de 2018

**Taça feita com garrafa pet.** Disponível em: <https://youtu.be/7-LqSd22I7E>. Acesso em maio de 2018.

**Xote Ecológico.** Disponível em: <https://youtu.be/jmqYEOhLpsM>> Acesso em maio de 2018.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## NAS ENTRELINHAS DAS CANÇÕES: A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ENTENDER CONTEÚDOS GEOGRÁFICOS

**Tâmires Lima da Silva Morais**

UNEB-Universidade do Estado da Bahia

[tamiresmorais2@hotmail.com](mailto:tamiresmorais2@hotmail.com)

**Lívia Pinho dos Santos e Santos**

UNEB-Universidade do Estado da Bahia

[livinha\\_santista@hotmail.com](mailto:livinha_santista@hotmail.com)

**Isadora Pinto dos Santos Pereira**

UNEB-Universidade do Estado da Bahia

[lsafsa1@hotmail.com](mailto:lsafsa1@hotmail.com)

### Resumo:

O presente trabalho emerge de práticas pedagógicas pensadas e realizadas a partir da proposta do V Atelier Geográfico Temático, que faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido no contexto do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus XI, no município de Serrinha.<sup>24</sup> Tal proposta tem como objetivo inserir a linguagem musical como recurso metodológico para auxiliar nas aulas de Geografia buscando destacar as potencialidades didáticas desse recurso e proporcionando discutir como a musicalidade, enquanto linguagem auditiva instiga e viabiliza uma maior percepção por parte dos discentes frente aos conteúdos trabalhados em sala, tornando assim o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e participativo. Dessa forma, acredita-se que a inserção da linguagem musical como um recurso pedagógico inovador para a construção do conhecimento geográfico possua uma grande relevância, visto que, quando bem utilizado, torna-se uma ferramenta capaz de promover análises críticas e reflexão sobre uma diversidade de conteúdos por parte dos educandos.

**Palavras-chave:** Linguagem Musical; Ensino de Geografia; Práticas Pedagógicas.

### Introdução

---

<sup>24</sup> Este trabalho teve a orientação geral da Professora. Me. Juliana Araújo dos Santos, professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI e supervisora de Área do Subprojeto de Iniciação a Docência, “Formação Docente e Geografia Escolar: das práticas e saberes espaciais à construção do conhecimento geográfico”, contemplado pelo Edital PIBID/CAPES 061/2013.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Diariamente os professores enfrentam grandes desafios, sendo um destes, despertar nos aluno(a)s maior interesse pelos conteúdos do currículo escolar, e assim permitir que sejam mais ativos e participativos, interagindo com os conteúdos trabalhados em sala de aula. Pensando nestas dificuldades enfrentadas pelos professores, sobretudo no que diz respeito à falta de interesse por parte de alguns educandos em relação a alguns conteúdos, é que muitas produções acadêmicas vem insistentemente buscando inserir novos métodos, colocando em destaque a importância de serem trabalhados os conteúdos geográficos a partir da inserção das diferentes linguagens.

Uma das linguagens que pode ser útil nas aulas de Geografia é a linguagem musical, pois a mesma tem potencial de proporcionar aos aluno(a)s experimentar novos caminhos que direcionam para a aprendizagem de diferentes temáticas, já que diversas músicas retratam questões políticas, naturais, sociais, econômicas, culturais, e outras. Estes temas podem favorecer a compreensão, reflexão e assimilação dos conteúdos geográficos, e assim favorecer o desenvolvimento de um pensamento crítico por meio de uma nova forma de interpretar canções ouvidas e cantadas em suas cotidianidades.

É com essa perspectiva, que o presente trabalho emerge de práticas pedagógicas pensadas e realizadas a partir da proposta do V Atelier Geográfico Temático, que faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido no contexto do curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB/Campus XI, no município de Serrinha. Tal proposta tem como objetivo inserir a linguagem musical como recurso metodológico para auxiliar nas aulas de Geografia, e dessa forma, diversificar o uso de recursos em sala. Assim, foram selecionadas músicas que apresentassem em suas letras correlações com os conteúdos que estavam sendo trabalhados em sala.

Pensando nessas novas ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores, Cousin (2012) sugere a utilização de diferentes linguagens como: cinema, poesia, charges, história em quadrinhos, música, literatura, lendas,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



pinturas, gravuras, mapas, gráficos, fitas de vídeo, DVD, fotografias, no âmbito da sala de aula, como estratégias metodológicas e linguagens, tendo em vista dinamizar o ensino, abordar conceitos e temas da Geografia Escolar e, tentar garantir as aprendizagens dos alunos. Com isso, o uso da linguagem musical na sala de aula pelo professor, torna-se um importante artefato para o ensino e aprendizagem de conteúdos e temas da Geografia, pois possibilita aos professores contemplar uma abordagem diferenciada dos conteúdos, além de contribuir para atrair a atenção dos discentes frente aos conteúdos trabalhados.

O cerne do trabalho se configura em discutir como a musicalidade, enquanto linguagem auditiva instiga e viabiliza uma maior percepção dos conteúdos geográficos por parte dos discentes, além de tornar o processo de ensino-aprendizagem mais dinâmico e participativo. Assim, o uso da música nas aulas como ferramenta didática, além de dar a oportunidade aos alunos conhecer diferentes canções, auxilia na interpretação de mensagens subliminares que as mesmas possuem. Com isso, o trabalho com a música ultrapassa o simples ouvir, permitindo que os alunos venham de fato escutá-las, e a partir disso, interpretá-la de forma crítica e reflexiva, buscando em suas entrelinhas, o real sentido de sua mensagem.

## **Linguagem musical: uma possibilidade metodológica para o ensino de conteúdos geográficos**

Considerando o período tecnológico em que vivemos é preciso nos adaptarmos ao contexto introduzido pelo período denominado por Santos (1990) de meio técnico-científico-informacional, trazendo elementos do mesmo para a sala de aula. Nota-se que na realidade de muitas escolas os alunos tem sempre em mãos aparelhos de celulares modernos que os permitem se manterem conectados com o mundo. Além disso, este equipamento, dentre suas funcionalidades, é usado entre os jovens com intuito de ouvir música, fato que tem se tornado um hábito entre eles. Diante dessa realidade, os



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



professores podem está direcionando suas práticas agregando essa linguagem, tão presente na vida dos jovens, a realidade da sala de aula.

Sabemos também que a prática de utilizar a música no contexto escolar não é algo novo, pois se compreende a mesma como uma importante ferramenta que pode tornar as aulas mais dinâmicas e atrativas, permitindo que os alunos experimentem momentos diferenciados dos que muitas vezes são classificados como métodos tradicionais de ensino. No entanto, nota-se que muitos professores por estarem sobrecarregados com as demandas do dia-a-dia nas escolas, uma vez que requer tempo para selecionar músicas e traçar estratégias que possam garantir êxito na aprendizagem dos conteúdos que serão trabalhados em sala, acabam por seguirem uma mesma metodologia de ensino, deixando de fazer uso de novos recursos para inovação das suas práticas. No entanto, mesmo nesse cenário de falta de tempo e quantidade de atribuições pedagógicas, é vital que os professores busquem meios de tornar suas aulas mais interativas e dinâmicas, e nesse sentido a música pode ser um grande auxiliador.

A música se estabelece como um recurso que pode ser trabalhado em consonância com os conteúdos geográficos, visto que, “ao utilizar letras de músicas na prática pedagógica possibilita a análise e a reflexão dos conteúdos vistos em sala de aula por meio da dinâmica da nossa sociedade” (MUNIZ, 2012, p. 81). Assim, o uso de diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem tende a desenvolver a criticidade do alunado, além de auxiliar no processo de construção do conhecimento. Dessa forma, a inserção da linguagem musical no ensino de Geografia torna-se importante, pois auxiliará para atrair a atenção dos estudantes, além de promover o desenvolvimento de competências e habilidades por parte destes.

Diversas músicas trazem em suas entrelinhas as mais distintas realidades de uma sociedade, seja por meio de um clamor, um desabafo, uma crítica social, e ao ouvi-las os alunos podem se perceber fazendo parte da história cantada, e isso pode instigá-los a participar com mais afinco nas aulas.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Segundo Muniz (2012, p. 81) “as letras de música apresentam noções e conceitos básicos de Geografia. Também é uma das artes que mais influência na subjetividade, nos desejos e nos comportamentos humanos”. Assim sendo, por meio da música é possível trabalhar fazendo uma relação com a realidade dos alunos, uma vez que a mesma está presente nos seus cotidianos e vivências, conseguindo, assim, atrair a participação dos mesmos, permitindo-os desenvolver o senso crítico de forma contextualizada.

A Geografia se caracteriza, entre outras questões, pelo potencial que seus conteúdos apresentam de possibilitar relacionar com o cotidiano dos alunos, assim, quando o docente toma como ponto de partida as experiências dos alunos, seus conhecimentos prévios e lugar de vivência, permite que eles não se sintam alheios ao processo de construção do conhecimento, mas que os mesmos possam exercer papel ativo durante todo o processo de ensino e aprendizagem, se constituindo como um agente construtor do seu próprio conhecimento.

Cabe salientar que a música possibilita mexer com os sentimentos dos alunos, dessa forma, os resultados positivos alcançados com a inserção desta ferramenta nas aulas, não apenas de Geografia, mas também de outras disciplinas, são evidentes e capazes de tornar as aulas mais dinâmicas.

Cabe destacar, que o uso de outros recursos na sala de aula exige uma preparação por parte do educador, pois é necessário que o mesmo saiba manusear e tenha controle sobre estes. Com isso, posterior ao uso de uma música, é indispensável uma discussão com os alunos sobre o que foi demonstrado ou relatado, pois a mesma não deve ser utilizada em si e por si só, conforme Kaercher (2003, p. 17) “a música não substitui a problematização, reflexão, sistematização do professor”. Destarte, o professor deve ter o cuidado em tornar a música um aliado do conteúdo, pois com a inserção desse recurso o que se pretende é problematizar os conteúdos geográficos de forma contextualizada auxiliando no processo de construção do conhecimento de forma crítica e reflexiva.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O professor tem um papel fundamental na aprendizagem do alunado por ser o mediador no processo de construção do conhecimento, portanto, cabe a este se comprometer em buscar novos métodos para inovar suas aulas, instigando os alunos a alcançarem novos saberes. Em virtude disso, Passini (2010) nos diz que, o método inclui a escolha de recursos didáticos e dinâmica da aula. A voz, o quadro-negro e giz são os recursos mais simples e antigos que o professor tem utilizado, o que não significa que não são eficientes, porém, é interessante agregar novas metodologias. O professor tem liberdade e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande na escolha da forma e conteúdos para melhor atingir os objetivos propostos (PASSINI, 2010, p.101).

Ver-se que só a aula teórica não atrai mais um percentual da atenção dos estudantes, pois muitos destes estão dispersos, desinteressados e desestimulados. Assim, ao buscar outros meios para resgatar a atenção e o prazer por aprender destes alunos, o trabalho com as diferentes linguagens, como a música, irá possibilitar a participação e envolvimento dos mesmos nas atividades em sala de aula.

Apoiado nas discussões de Kaercher (2007), aos futuros professores e aos que já são atuantes na sala de aula, cabe a estes serem coerentes com a sua base teórico-metodológica e ousar no ensino de Geografia, pois:

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como sujeito repleto de experiências de vida, como curiosidades sobre o mundo em que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem esta na postura coerente com a prática, na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como um mero receptor de verdades absolutas, mas como um sujeito que cria, que pode transformar e tecer duvidas. (KAERCHER, 2007, p. 22)

Deste modo, a linguagem musical poderá sim ser uma nova metodologia eficaz para ensinar e aprender geografia.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## As contribuições da linguagem musical no ensino de Geografia: análise e interpretação

A inserção da música no contexto das aulas de Geografia aconteceu em forma de oficina, a qual parte de uma conjuntura metodológica qualitativa, sendo que, sua aplicação se dá após a explanação do conteúdo pela professor/a regente, e acredita-se que ela possa fortalecer a compreensão por parte dos alunos do que já foi trabalhado em sala de aula. Além disso, a oficina se constitui como uma atividade prática e dinâmica, capaz de propiciar métodos criativos, de forma a permitir uma interação dos temas em questão com a realidade e vivência dos alunos e alunas, desenvolvendo o senso de prática, criticidade e autonomia dos mesmos.

Nessa perspectiva a oficina desenvolvida durante o V Atelier geográfico, na turma de 2º ano do Ensino Médio do Programa de Educação Integral (ProEI), no Centro Educacional 30 de Junho, teve como tema: “A música como recurso didático no ensino/aprendizagem de conteúdos geográficos do Ensino Médio”, e foi realizada em três etapas com o auxílio de duas canções pré-selecionadas: “*Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles e Os Rolling Stones*” de Brancado Júnior e interpretada pela banda Engenheiros do Hawaii, e “*Disneylândia*”, composta e interpretada pela banda Titãs. Com isso, partiu-se de uma proposta metodológica na qual foi constituída primeiramente em uma aula expositiva, abordando o tema da oficina, na qual objetivava inserir a música nas aulas de Geografia como um dos recursos didáticos facilitador do processo de ensino e aprendizagem. Assim, foi apresentada para os alunos, de forma breve, uma contextualização da origem e significado da música, fazendo-os perceber que ela está presente nas diversas culturas. Além disso, buscou-se motivá-los a observar como as músicas presentes em suas cotidianidades trazem questões de grande relevância tanto políticas como sociais, e por fim permitir aos alunos identificar a relação existente entre o conteúdo trabalhado em sala e as letras das músicas analisadas por eles.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Nessa primeira etapa, foi possível garantir que os alunos tivessem uma contextualização com a linguagem musical, sendo posteriormente atrelada ao conteúdo geográfico já trabalhado em sala pela professora regente, no qual se tratava da “Guerra do Vietnã”. A música escolhida para abordar essa temática foi: *“Era Um Garoto Que Como Eu Amava Os Beatles e Os Rolling Stones”*, a qual aborda diretamente os aspectos relacionados com esse episódio histórico, como podemos observar nas estrofes a seguir.

(...)  
Stop! Com Rolling Stones  
Stop! Com Beatles songs  
Mandado foi ao Vietnã  
Lutar com vietcongs  
(...)  
Não tem amigos, não vê garotas  
Só gente morta caindo ao chão  
Ao seu país não voltará  
Pois está morto no Vietnã  
(...)

Para finalizar, tendo por intuito permitir aos alunos e alunas fazerem uma análise e interpretação da letra música ouvida e acompanhada de forma impressa, foi aplicado aos mesmos um questionário, possibilitando a estes relacionar o conteúdo estudado com a letra da música.

Na segunda etapa da oficina fez-se uma pequena discussão com os alunos e alunas recapitulando brevemente o conteúdo “Geografia das indústrias”, uma vez que este também já tinha sido explicado pela professora regente, a fim de enfatizar o contexto da Geografia das indústrias vinculada a uma produção mundializada, que ocorre por meio de um sistema produtivo integrado globalmente, bem como as distintas realidades globais e também do nosso país. Na sequência, foi ouvida e acompanhada pelos alunos a letra da música *“Disneylândia”*, que faz referência em sua letra tanto a produção como o consumo globalizado e integrado, conforme se pode observar na estrofe a seguir.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



(...)

Armênios naturalizados no Chile  
Procuram familiares na Etiópia,  
Casas pré-fabricadas canadenses  
Feitas com madeira colombiana  
Multinacionais japonesas  
Instalam empresas em Hong-Kong  
E produzem com matéria prima brasileira  
Para competir no mercado americano

(...)

Como atividade sugerida, a música foi mais uma vez analisada com o auxílio de questões reflexivas, na qual permitia que os alunos fizessem interpretação e correlação com o conteúdo, estimulando-os a refletirem sobre os contextos atuais que envolvem os processos industriais e a expansão das transnacionais.

Dando seguimento, e tomando como referência a música “Disneylândia” e a questão da produção globalizada, na terceira e última etapa da oficina, além do uso da linguagem musical, também foi feito uso da cartografia através de outra atividade prática. Oliveira e Portugal (2012 p. 202) destacam a possibilidade da inserção da música na sala de aula diante das discussões de conteúdos geográficos relacionados às atividades que envolvam também a cartografia:

A inserção da música no âmbito dessa prática configura-se como uma possibilidade de diálogo entre a Geografia, a Cartografia escolar e outras linguagens e também, por considerá-la um dos mais importantes instrumentos didáticos do processo de ensino e aprendizagem da Geografia. Trabalhar com a interpretação das letras das músicas e dar sentido e significado ao conteúdo ministrado, pois, além de concebê-las como alternativa didática, as mesmas fazem parte da vida cotidiana das pessoas, o que possibilita uma interação entre os sujeitos, os conteúdos curriculares da Geografia e sua apreensão (OLIVEIRA; PORTUGAL, 2012 p. 202).

Assim, a partir da revisão feita dos tipos de indústrias na aula anterior, foi distribuída aos alunos uma tabela contendo diferentes marcas de empresas que serviram de base para a realização de uma pesquisa feita por eles na sala



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



de informática, sendo que esta pesquisa tinha a intenção de fazer com que eles pudessem além de classificar a qual ramo de produção aquelas marcas vista em seus cotidianos pertenciam, poderiam também localizar o país sede onde essas empresas estão instaladas, e verificar em quais outros países elas tem atuação.

Após a pesquisa realizada no laboratório de informática da escola (fot. 1), as informações colhidas pelos alunos, relacionadas com as diferentes marcas e os países de atuação, estas foram transferidas para um mapa mundi (fot. 2), com o auxílio de um globo, e posteriormente foram feitas ligações entres esses países, demonstrando como é um sistema produtivo integrado globalmente.

1: Alunos fazendo pesquisa na *internet*



Fonte: MORAIS, T. L. S, 2017



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Foto 2: Alunos transferindo as informações colhidas na pesquisa da *internet* para um mapa mundi



Fonte: MORAIS, T. L. S, 2017

Na dinâmica de localizar e demarcar em um mapa em branco as sedes das grandes marcas foi um momento que despertou muito interesse nos alunos na realização da atividade, pois os mesmos relataram terem muita dificuldade em saber a localização dos países em um mapa mundi, com isso, eles se sentiram motivados e curiosos para encontrá-los, tendo grande participação dos alunos e alunas, sendo de fato um trabalho coletivo, que possibilitou a eles serem sujeitos ativos durante toda a aula.

Dessa forma, acredita-se que a inserção da linguagem musical como um recurso pedagógico inovador para a construção do conhecimento geográfico seja de grande relevância, e este adquire ainda maior potencial quando é agregado a outras ferramentas como a cartografia.

## Considerações finais

Conforme foi destacado neste trabalho, a música é um importante recurso didático que permite ao professor inserir novas possibilidades de ensino nas aulas de Geografia, pois as questões embutidas nas mensagens das canções



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



de forma subliminares admite problematizar, interpretar e fazer correlações com os conteúdos geográficos trabalhados em sala de aula. Porém, o uso deste recurso deve sempre ocorrer em consonância com uma reflexão e um olhar crítico, e isso requer do educador um devido planejamento, pois o uso desta linguagem, aliada aos conteúdos, precisará ser pensado, sistematizado e ter objetivos específicos. Além disso, vale destacar, que ela não deve substituir as discussões dos conteúdos pelo professor, antes, porém, juntamente com os alunos, deve haver uma problematização da letra da música em correlação com os conteúdos trabalhados. Desta feita, a linguagem musical irá apresentar-se como um recurso facilitador do processo de ensino e aprendizagem, capaz de permitir que se crie uma ponte entre a vivência do aluno e o conhecimento geográfico, instigando o discente a refletir a mensagem presente nas entrelinhas das canções, uma vez que, muitas dessas canções fazem parte de suas cotidianidades, e por serem tidas apenas como formas de entretenimento passam despercebidas de um olhar mais crítico e geográfico.

## Referências

COUSIN, M. Janela para o mundo: o cinema como ponte entre lugares reais e imaginários. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; Vânia Alves Martins Chaigar. (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. 1 - ed. - Curitiba, PR: CRV: 2012. p. 65-77.

KAERCHER, N. A. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. 4ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB, 2003.

MUNIZ, A. **A Música nas Aulas de Geografia**. Revista de Ensino de Geografia, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, Simone Santos de; PORTUGAL, Jussara Fraga. O ensino da geo(carto)grafia: práticas com o desenho em uma proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; Vânia Alves Martins Chaigar. (Orgs.). **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia**. 1 - ed. Curitiba, PR: CRV: 2012. p. 65-77.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



PASSINI, Elza Yasuko. **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **PEDAGOGO EM ESPAÇO NÃO ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NA UNIVERSIDADE ABERTA A TERCEIRA IDADE**

**Virgínia Gonçalves de Souza Santos**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[virginiagoncalves03@gmail.com](mailto:virginiagoncalves03@gmail.com)

**Ana Roberta Carneiro Araujo**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[anarobertah1223@gmail.com](mailto:anarobertah1223@gmail.com)

**Mikaele dos Santos Silva Araujo**

Universidade do Estado da Bahia – UNEB

[mikaelesantos94005@gmail.com](mailto:mikaelesantos94005@gmail.com)

### **Resumo:**

Este artigo trata-se de um relato de experiência, obtido no componente curricular Pesquisa e Estágio I: em espaço não escolar, por meio da construção e desenvolvimento de um projeto de intervenção pedagógico intitulado “O exercício cerebral e a educação na Terceira Idade” que teve como *locus* o programa de extensão Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI), realizado pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, no Departamento de Educação Campus XI, situado na cidade Serrinha- BA. O trabalho buscou responder a seguinte questão, quais as contribuições do Estágio Supervisionado em espaço não escolar a partir dos resultados obtidos do projeto de intervenção mencionado, para a formação do pedagogo? Objetivando assim, expor análises dos resultados obtidos a partir do projeto de intervenção; e discutir a contribuição do estágio em espaço não escolar na formação do pedagogo. Desse modo, utilizamos autores como, Libâneo (2010) e (2001), Guerra (2012), Pimenta (1999) Freire (1978), Kishimoto (1993) que embasaram teoricamente as discussões contidas neste trabalho. Para tanto, essa experiência de estágio em espaço não formal é de grande relevância na formação do pedagogo, pois, dá oportunidade de conhecer outras realidades distintas do cotidiano escolar, auxiliando assim na construção da identidade profissional destes sujeitos.

**Palavras chaves:** Estágio. Formação do pedagogo. UATI.

### **Introdução**

A pedagogia nasceu para formar educadores e planejadores da educação, e hoje observa-se que o campo de atuação do pedagogo se ampliou ao longo dos últimos anos. Este atua em diversas áreas e campos educativos, as possíveis áreas de atuação do pedagogo vão além dos limites da escola,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



áreas estas, que abrangem desde a gestão educacional, pedagogia hospitalar, empresarial, até a pedagogia social.

Tendo em vista a amplitude do campo de atuação do pedagogo, o estágio em espaço não formal é muito importante para a formação dos graduandos em pedagogia, pois, possibilita o contato com outras realidades para além do espaço escolar.

É necessário que o estudante de pedagogia reflita em todo o seu percurso formativo e principalmente nos estágios curriculares, pois, é a partir desta reflexão que pode desenvolver-se um profissional pensante das suas ações, competente e dotado de conhecimento necessário para enfrentar as dificuldades que corriqueiramente estão em todos os espaços educativos. Por isso, nossa discussão é pautada em evidenciar quais as contribuições do estágio supervisionado em espaço não escolar a partir dos resultados obtidos do projeto de intervenção, para a formação do pedagogo.

Deste modo, faz-se necessário expor análises dos resultados obtidos a partir do projeto de intervenção, enfatizando a contribuição do estágio em espaço não escolar na formação do pedagogo através de relatos de experiências obtidas no estágio supervisionado.

Isto posto, sistematizou-se este artigo por intermédio do projeto de intervenção denominado “O exercício cerebral e a educação na Terceira Idade” realizado no componente curricular Estágio Supervisionado I em espaço não escolar – que foi aplicado no Programa de Extensão universitária, Universidade aberta à Terceira Idade (UATI) – desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia no Departamento de Educação Campus XI, situado na cidade Serrinha – BA. A UATI consiste em um programa de extensão que realiza um trabalho com idosos no âmbito da educação não formal, visando à melhoria da qualidade de vida dos idosos alunos do programa.

O presente trabalho se divide em três sessões a primeira consiste em “O estágio e sua contribuição na formação do pedagogo”, a segunda “Relato de experiência do estágio supervisionado: Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI”, a terceira as “Considerações Finais”. Para embasamento teórico às



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



discussões contidas neste trabalho foram utilizados os autores: Libâneo (2010) e (2001), Guerra (2012), Pimenta (1999) e Freire (1978), Kishimoto (1993), também foi utilizada a fala de uma das senhoras no momento de autoavaliação das intervenções do projeto, cabendo ressaltar que para preservação da sua identidade a nomeamos de “Flor”.

Desse modo, debater os resultados obtidos nos estágios curriculares é um exercício de construção profissional consciente, e preocupado com o tipo de pedagogo que se deseja ser, ou atingir, buscando de fato experiências que enriqueçam sua profissionalização, e estabeleçam uma relação da teoria e prática que precisa está presente em sua ação pedagógica independente do espaço que está ou estará atuando.

## **O estágio e sua contribuição na formação do pedagogo**

É sabido que o curso de pedagogia abre um grande leque de possibilidades para a atuação do pedagogo, este pode atuar em vários campos, que são denominados “[...] de tipo formal e não-formal e informal” (LIBÂNEO, 2010, p. 38). Desta forma, durante o processo formativo deste profissional, é necessário que o mesmo passe por estes campos, assim, articulando a teoria e a prática, ou seja, estabelecendo conexão entre o que é dito e a ação subsequente, além de oportunizar o contato com a realidade, possibilitando experiências que são fundamentais.

Ter acesso a estes espaços no processo formativo é criar condições no estabelecimento ou não de uma identidade profissional, que acarreta também a escolha ou não de uma teoria que vai fundamentar a prática pedagógica.

É evidente que o curso em si, deve possibilitar esta formação, que dê condições para que o estudante conheça de fato e de modo aprofundado todas as teorias, todos os espaços que lhes são atribuídos. Mas, somente isto não determina uma formação eficaz, pois, a transmissão do conhecimento não se dá de maneira transferível, e sim uma via de mão dupla, na qual o estudante também tem seu papel a cumprir, que é de interessar-se pelo o que é



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



apresentado, buscando conhecer, analisar, criticar e principalmente pensar em que tipo de profissional que quer ser e está sendo formado. Isto posto, é preciso entender que a pedagogia:

[...] é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa. O *pedagógico* refere-se a finalidade da ação educativa, implicando objetivos sócio-políticos a partir dos quais se estabelece formas organizativas e metodológicas da ação educativa. (LIBÂNEO, 2010, p. 29-30)

Evidencia-se então, de maneira mais acentuada, que o conhecimento disponível para os estudantes de pedagogia deve ser apresentado em sua totalidade e orientador da ação educativa, que implica conhecer e estabelecer uma forma de organização e metodologia da mesma. Assim, reafirmando a importância de conhecer tanto o espaço formal, não formal e informal, sem hierarquização, no qual todos são possibilitadores de conhecimento com o mesmo grau de importância para a formação.

Assim sendo, os estágios que são presentes nos componentes curriculares do curso, vêm a ser o espaço que possibilita esta conectividade do conhecimento acadêmico com a realidade social educacional existente.

Ressaltando o estágio em espaços não escolares ou espaços não formais – que podem ser ONG's, hospitais, empresas entre outros – dão possibilidades de experiências e ao mesmo tempo estabelece diferença de identidade profissional que o pedagogo pode vir a ser. No entanto, segundo Libâneo:

Até hoje, a preparação formal e sistemática de agentes e lideranças não-escolares não recebeu a devida atenção, levando em conta sua importância como mediadores da educabilidade, necessária e capilarmente presente mesmo no processo informal de consolidação de uma cultura que seja articulada com uma proposta de construção da cidadania. (LIBÂNEO, 2001, p. 15)

É perceptível reconhecer que a ênfase maior dada nos cursos de pedagogia é a docência – da educação infantil e o ensino fundamental, nas series iniciais –, dessa maneira o curso em si visa formar o docente.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Desse modo, discutir a contribuição do estágio em espaço não escolar na formação do pedagogo é imprescindível, pois, a partir do mesmo legitima a importância de profissionais formados pedagogicamente para atuarem nessa diversidade, e para isto é exigido preparação prévia, sistemática e qualificada. Sendo assim, o estágio em espaços não formais é fundamental para a formação do pedagogo, além de poder impedir de maneira não tão determinante, uma visão reducionista que pode construir frente a este enfoque dado à docência.

Um dos fenômenos mais significativos dos processos sociais contemporâneos é a ampliação do conceito de educação e a diversificação das atividades educativas, levando, por consequência, uma diversificação da ação pedagógica na sociedade. Em várias esferas na prática social, mediante as modalidades de educação informais, não-formais e formais, é ampliada a produção e disseminação de saberes e modos de ação (conhecimentos, conceitos, habilidades, hábitos, procedimentos, crenças, atitudes), levando a práticas pedagógicas. (LIBÂNEO, 2001, p. 3)

Evidencia-se então, que a sociedade é eminentemente pedagógica, com diversidades e diferenças do ato educativo, que conseqüentemente necessita de diferentes ações pedagógicas. Isto posto, elenca-se que a sociedade precisa destes diferentes profissionais, dotados de habilidades e conhecimentos dos saberes necessários da sua ação, ou seja, formados e preparados para atuarem na/para a sociedade.

Nesta linha de raciocínio, a discussão no curso de pedagogia e aos estágios que ele possui, este se ocupa majoritariamente com a formação escolar de tipo formal, mas, a partir dos argumentos de Libâneo (2001) a pedagogia vai além disto, pois, é um campo de conhecimento sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade, que não se reduz a docência, é então uma diretriz orientadora da ação educativa. “Ela tem um caráter ao mesmo tempo explicativo, praxiológico e normativo da realidade educativa, pois, investiga teoricamente o fenômeno educativo” (LIBÂNEO, 2001, p. 6).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O campo educativo é vasto, ou seja, não se refere somente as práticas escolares. Por isso, o estágio supervisionado em espaço não escolar ou não formal é importantíssimo na formação educativa, por que, este vem a fornecer possibilidade de conhecer, investigar, refletir, intervir e determinar a teoria que fundamenta a prática condizente com meio.

Em vista disso, o estudante em seu processo formativo a partir do estágio em espaço não escolar, torna-se conhecedor de uma das partes da totalidade da pedagogia, assim, de maneira consciente estabelecendo uma identidade profissional que vai se construindo desde as apresentações e aprofundamentos teóricos até a prática.

Pedagogia é, então, o campo de conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação – do ato educativo, da prática educativa como componente integrante da atividade humana, como fato da vida social, inerente ao conjunto dos processos sócias. Não há sociedade sem práticas educativas. (LIBÂNEO, 2001, p. 6)

Se configura então a pedagogia como fato social inerente aos processos sociais. Ela se encarrega do ato educativo em todas as esferas, e para isto é estabelecido organização, planejamento, objetivos e intencionalidade na ação educativa, exigências que se ocupam em estarem presentes nas práticas pedagógicas em todos os campos da vida social que dela faz parte.

O espaço não formal é parte da pedagogia, e dela decorre ações que o espaço formal e informal não poderia dar conta por si só, no que tange a objetivar algumas mudanças necessárias e específicas na sociedade por meio das práticas pedagógicas que são diversificadas de acordo com a exigência do meio. Logo, este espaço que ultrapassa os muros da escola é de maneira não mais ou menos considerada do que os outros espaços, mas equivalente a mesma importância entre eles.

Com tudo, fica perceptível a relevância dos estágios na formação do profissional pedagogo. Este que tem em sua conjuntura várias instâncias a seguir, e uma função social imprescindível a cumprir, na qual por meio da sua ação educativa intencional e dotada de capacitação decorre participação na





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



sociedade em todas as esferas – tanto política, socioeconômica, educacional e cultural – estas que fazem parte da formação do cidadão.

## **Relato de experiência do Estágio Supervisionado: Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI**

O estágio como primeira experiência em espaços não escolar é de fundamental importância para a formação do profissional pedagogo. Sendo a prática supervisionada primordial para tomada de consciência para os futuros profissionais, que segundo Pimenta (1999) é crucial o aprofundamento nos contextos reais, assim vivenciando a prática que deve ser mediada por professores já habilitados na área. Assim, se faz necessário à orientação do professor no direcionamento do estágio, como na escolha do espaço o qual irão atuar no período de estágio.

Nesta perspectiva, escolhemos como espaço de estágio o programa Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia, presente também no Departamento de Educação Campus XI, situado na cidade Serrinha – BA. Nosso estágio foi desenvolvido na criação e aplicação de um projeto de intervenção denominado “O exercício cerebral e a educação na Terceira Idade”.

A UATI consiste em um programa de extensão que realiza um trabalho com idosos no âmbito da educação não formal, visando à melhoria da qualidade de vida dos idosos alunos do programa, que surgiu a partir de um olhar sensível ao idoso, buscando a valorização do mesmo:

A Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI é um Programa de Extensão Universitária que se caracteriza como um programa de educação não formal, que atende a pessoas de ambos os sexos, de qualquer nível sócio-educacional, cuja a faixa etária seja igual ou superior a 60 anos, objetivando a reinserção psicossocial para o pleno exercício da cidadania e desenvolvendo ações educativas de caráter permanente, tem o propósito de, sobre a ótica da Pedagogia Social, estimular a reflexão sobre as diversas concepções de velhice no cenário da contemporaneidade. (GUERRA, 2012, p. 11)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Desta forma, este programa que é caracterizado na educação não formal, vem atender todos os idosos que residem onde o projeto está atuante, tendo em vista seu poder do exercício da cidadania, mais abrangentemente de ações educativas, na ótica da aceitação da velhice, buscando integrá-los na contemporaneidade que é marcada por uma sociedade jovial, na qual o ser idoso é sinônimo de imperfeição e de inutilidade, na busca de romper estes estereótipos e enxergar melhor o envelhecimento, sem rejeição e distanciamento.

Para darmos início a nossas atividades de estágio foram divididas em dois momentos. Primeiro foram feitas as observações em dois dias com carga horária de 10 horas, no qual percebemos que este período de pesquisa de campo é de fundamental importância para conhecer o meio que iremos intervir e relacionar teoria e prática. Assim sendo, tomamos como ponto de partida para a realização do projeto de intervenção a necessidade das alunas participantes da UATI, considerando-as em nossos estudos.

Ao término dessas observações foi realizado o projeto de intervenção intitulado “O exercício cerebral e a educação na Terceira Idade”, que segundo Filho (2015) “ginástica cerebral é para privilegiar a memória na qual está relacionada com diversos aspectos”, por isso, justifica-se esse projeto, em reconhecemos o papel importantíssimo da UATI para a sociedade como um todo, no qual os cidadãos necessitam destes projetos e programas na busca do exercício da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. Assim sendo, tivemos como objetivos do projeto executar a ginástica cerebral relacionando a teoria e prática em favor da melhoria da qualidade de vida e aprendizagem na terceira idade, em vista disso, numa ótica de transpor aos alunos da UATI sobre o exercício cerebral, conhecer a proposta da ginástica cerebral, seu conceito, objetivo e benefícios, relacionar ginástica cerebral e qualidade de vida à aprendizagem na terceira idade e exercitar a ginástica cerebral tencionando a reaprendizagem e apreensão de novas aprendizagens.

Partindo desta perspectiva o projeto buscou contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem e do apreender na terceira idade, através



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



do exercício do cérebro, que provoca benefícios para memória, concentração e dentre outros.

Em segundo momento foram realizadas as atividades planejadas embasadas no projeto de intervenção, que foram divididas e concentradas em exercícios específicos em cada encontro, como: a memória, concentração, tato, movimento dentre outros. À medida que íamos fazendo as atividades planejadas, percebemos que algumas atividades desenvolvidas não envolveram as alunas de forma considerável, não havendo o interesse delas de dar continuidade na atividade, assim, mudávamos a atividade proposta, que não fugia do objetivo antes estabelecido, mas que necessitava de flexibilidade em desenvolvê-lo, por isso a importância de um planejamento flexível, pois nos permite buscar saídas para algumas dificuldades que podemos enfrentar no espaço que está atuando.

Desta forma, “[...] prática de pensar é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por ela iluminada tal como a prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado” (FREIRE, 1978, p. 68). Nessa perspectiva, devemos pensar a prática como uma forma de aprender a pensar reflexivamente, assim, a teoria transforma a prática, e também de forma inversa.

Nos momentos de planejamento das próximas ações, percebemos quão é fundamental o momento de pensar a nossas práticas já colocadas em ação e as que iriam ser praticadas, pois, somente desta maneira seria possível atingir nossos objetivos, como de fato atingimos.

Para o terceiro momento dividiu-se este em dois pontos, um que consistia na apresentação do Baú de memórias produzido e montado por elas, com objetos que marcaram as suas histórias, e a avaliação delas quanto a nossa atuação com atividades durante o estágio. Desta forma, tivemos assim, uma experiência de uma visão geral de como foram as nossas atividades na UATI, a partir do olhar das alunas, além do nosso.

Concluídas as intervenções do projeto, então foi possível perceber, que o estágio supervisionado na UATI nos proporcionou a oportunidade de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



observar, aprender, e utilizar metodologias em um espaço não escolar, analisando os aspectos positivos e negativos dessas metodologias, bem como realizar atividades, dinâmicas, oficinas, dentre outras atividades, que nos possibilitou ter um contato direto com uma realidade diferente da escolar.

## Considerações finais

Os resultados obtidos com as intervenções do projeto foram satisfatórios e corresponderam aos objetivos propostos, e isso ficou explícito quando foi feito o momento de autoavaliação, ao questionar os/as alunas/os da UATI sobre o que acharam do projeto? Todas as respostas foram positivas. Segundo dona Flor:

Há! Gostei muito das atividades que vocês fizeram principalmente a da memória por que ando muito esquecida, e foi bom por que aprendi e vou poder fazer em casa quando não puder vir para UATI (FLOR, 2017).

Assim, é possível perceber que as atividades surtiram um efeito positivo para alunas, contribuindo também na melhoria da qualidade de vida das idosa/os do programa. A metodologia adotada buscou sempre por meio lúdico, trazer atividades que envolvessem o dia a dia dos sujeitos alunos/as no programa. Pois por meio do lúdico o idoso/a toma iniciativa, planeja, executa, avalia. Enfim, ele aprende a retomar decisões, a introjetar o seu contexto social na temática do faz de conta. Ele aprende a se reeducar (KISHIMOTO, 1993, p.35).

Com essa experiência foi possível enriquecer o aprendizado referente à nossa prática e a nossa identidade profissional, pois durante esse momento foi possível perceber aspectos que são inerentes ao pedagogo e que vão além da sala de aula e do cotidiano escolar.

Ao fim do trabalho cabe salientar que, o estágio em espaço não escolar foi e é de grande relevância, pois, contribui para que os estudantes futuros



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



pedagogos construam uma visão distinta do exercício docente no ambiente escolarizado. Foi despertado também um olhar reflexivo para com a construção da identidade profissional do pedagogo.

Conclui-se que o estágio em espaço não formal propicia aos estudantes de pedagogia uma formação mais abrangente tendo em vista que, os mesmos conhecem a diversidade do campo de atuação do pedagogo, nos quais futuramente poderão atuar e assim, estes terão mais segurança e preparo para ingressar no mercado de trabalho.

## Referências

FILHO, Júlio de Mesquita. **A linguagem e a neuróbica:** a leitura e a narrativa como prática da ginástica cerebral. Rio Claro – SP: UNESP, 2015.

FREIRE, Paulo. **Consciência e história:** a práxis educativa de Paulo Freire. São Paulo: Loyola. 1978.

GUERRA, Sérgio Armando Diniz. **Os caminhos da UATI.** Salvador: EDUNEB, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis:** o jogo, a criança e a educação. Petrópolis: Vozes, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. **Educar**, Curitiba, n.17, p 153-176, 2001. Editora da UFPR.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 1999.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## CLIENTELISMO: CONCEITO, CONTEXTUALIZAÇÃO E ESCALAS DE ATUAÇÃO

**Alana Cerqueira de Oliveira Barros**

Universidade do Estado da Bahia

[alanabarro04@hotmail.com](mailto:alanabarro04@hotmail.com)

**Renato Leone Miranda Léda**

Universidade do Estado da Bahia

[renatolmleda@gmail.com](mailto:renatolmleda@gmail.com)

### Resumo:

Este trabalho contempla parte da discussão teórica realizada na pesquisa de conclusão de curso, intitulada “O clientelismo na organização política local do município de Biritinga-BA”, em fase final de elaboração. O objetivo da pesquisa é analisar as práticas políticas locais no referido município do ponto de vista da reprodução do clientelismo na atuação dos vereadores frente a representação política e suas respectivas ações parlamentares, na esfera do poder local. As reflexões expostas na sequência deste trabalho constituem, portanto, o substrato teórico-conceitual e de contextualização histórica da temática da pesquisa em curso, etapa importante na qual foi possível estabelecer um melhor discernimento acerca do fenômeno, bem como o amadurecimento das possibilidades de sua abordagem ainda muito pouco explorada no campo da geografia política, com a imprescindível aproximação com as ciências sociais. A ênfase é dada à compreensão do clientelismo como prática política que viceja em contextos socioespaciais de grandes carências e desigualdades de acesso aos recursos públicos, como sobretudo nos pequenos municípios no qual assume formas específicas, mas que, simultaneamente, se moderniza e se adapta a um cenário mais amplo onde se estabelecem e atuam instituições e políticas de caráter nacional e que também moldam as práticas e relações em grandes cidades e metrópoles.

**Palavras-chave:** Clientelismo. Poder Local. Município.

### Introdução

As reflexões trazidas neste texto constituem parte da discussão teórica realizada na minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, intitulada “O clientelismo na organização política local do município de Biritinga-BA”, ora em andamento. O objetivo da pesquisa é analisar as práticas políticas locais no município de Biritinga/Ba do ponto de vista da reprodução do clientelismo na





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



atuação dos vereadores frente a representação política e suas respectivas ações parlamentares, na esfera do poder local.

O contexto da pesquisa se explica pelo fato das estruturas políticas do pequeno município indicarem a presença de características ligadas ao clientelismo. Algumas observações empíricas sugerem que seria prática corrente na sociedade brasileira, sobretudo entre políticos e parte da população mais carente dos pequenos municípios, o tipo de barganha caracterizada pelo mecanismo de troca dos votos, visando a obtenção de proveitos, tais como dinheiro, pagamento de contas, combustível, entre outros.

Diante dessa observação empírica o objetivo é conhecer essa realidade a partir do aporte teórico das ciências sociais e da geografia política para o entendimento de como as relações clientelistas se enraízam nas práticas políticas do local. Sendo assim, os vereadores foram escolhidos como sujeitos fundamentais dessa realidade, tomados assim como objeto de análise pelo fato de serem os atores políticos que mantem os vínculos mais próximos junto a população, constituindo um canal para que a prática clientelista se manifeste de forma mais acentuada.

Assim, a trajetória das leituras e discussões concernentes ao tema em foco conduziram, num primeiro momento, às reflexões aqui exposta neste artigo, condição necessária ao devido embasamento da referida pesquisa<sup>25</sup>. A metodologia consiste na pesquisa bibliográfica, com análise de artigos científicos e livros sobre os conceitos que embasam a pesquisa, assim, discutiu-se sobre o conceito de clientelismo, uma discussão conceitual sobre política local e a questão da participação da sociedade civil.

O modelo de análise adotado tem inspiração na pesquisa de Almeida e Lopez (2017) que identifica a existência de três tipos de representantes: i) “assistencialista”, que atende preferencialmente pedidos particulares, em

---

<sup>25</sup> Estudo de caso, cujo *locus* é o município de Biritinga/BA. A investigação é uma tentativa de compreender como o clientelismo se manifesta na política local, a partir da verificação de sua existência como um traço de representação (práticas e discursos) de legisladores. Para sua operacionalização foram realizadas entrevistas junto aos vereadores do município, buscando colher informações sobre o exercício da representação política e seu relacionamento com a população.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



benefício de um eleitor ou toda sua família; *ii*) o “legislador” que é aquele que exerce as funções atribuídas a um vereador e, *iii*) o “captador” que dedica-se aos anseios coletivos, em busca de ações de infraestrutura para o município.

Para se chegar a conclusão sobre o tipo de representação dos legisladores do município e também como a população percebe essas relações foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas. A escolha por esse instrumento se deu pela das questões formuladas permitirem que os sujeitos entrevistados possam discorrer sobre pensamentos, reflexões e experiências sobre o universo da temática de pesquisa.

As reflexões expostas na sequência deste trabalho constituem, portanto, o substrato teórico-conceitual e de contextualização histórica da temática da pesquisa em curso, etapa importante na qual foi possível estabelecer um melhor discernimento acerca do fenômeno, bem como o amadurecimento das possibilidades de sua abordagem ainda muito pouco explorada no campo da geografia política, com a imprescindível aproximação com as ciências sociais.

## **Clientelismo: uma rede de compromissos**

O entendimento do que seja o fenômeno do clientelismo tem especial importância no contexto da história política do Brasil, principalmente porque compunha a trama de ligação da política no país no XX e também por ser um dos pilares que norteavam as ações políticas da época. Sendo assim muitas vezes o sucesso eleitoral dependia, sobretudo, de seu uso. A prática clientelística em sua forma mais convencional, ou seja, conceder cargos e recompensar aliados pelo apoio eleitoral se tornou uma prática muito eficiente para que chefes políticos conseguissem alcançar a vitória nos processos eleitorais.

Uma vez que tais práticas se constituíram na política brasileira, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, não quer dizer que diante de um novo momento histórico tenham se extinguido, mas pode-se observar que ainda se conservam como um traço marcante da política brasileira.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O clientelismo, aqui entendido enquanto um fenômeno político que se expressa por meio de concessão de favores e benefícios entre um político e um “cliente”, foi um elemento chave para se entender o mecanismo de dominação dos proprietários de terra sobre seus dependentes no meio agrário brasileiro diante do momento histórico e político da Primeira República no qual tínhamos a presença de uma sociedade marcada pelo monopólio de terras nas mãos de poucos, assim como pelo exercício de tal monopólio com um “trunfo de poder” (RAFESTIN, 1993) essencial, sobretudo em suas bases territoriais municipais e sua imprescindível articulação com o nível estadual de governo. Essas características, bem como outras como a questão da escravidão que permeou durante muito tempo o conjunto das relações sociais e o imobilismo social, foram marcas muito presentes na sociedade brasileira tradicional. Mas tais práticas políticas retrocederam ou foram adaptadas ao novo contexto com o advento da industrialização e da urbanização e o consequente desenvolvimento do capitalismo, impulsionados principalmente a partir da década de 1930, quando tivemos o Estado como principal agente modernizador da nova sociedade que estava em curso.

Na literatura nota-se que sempre quando se trata do conceito de clientelismo também o conceito de coronelismo costuma vir associado, isso porque os agentes das práticas do coronelismo necessitavam da barganha eleitoral (clientelismo) para a manutenção do poder, conseguir votos e exercer sua influência local, pois “Quanto ao apoio que os coronéis precisam para manter seu poderio na sociedade tradicional, o clientelismo é elemento chave para sua sustentação”. (SILVA, 2010, p. 32).

Para uma delimitação teórica da temática temos a contribuição de José Murilo de Carvalho (1997), que sintetiza alguns conceitos importantes para este estudo, tais como o de coronelismo, mandonismo e clientelismo. Para este autor o “coronelismo” é entendido como um sistema político, uma complexa rede de relações que vai desde o coronel até o presidente da República, envolvendo compromissos recíprocos. É historicamente datado: pertence à Primeira República (1889-1930), como um sistema eleitoral específico à



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



decadência econômica dos fazendeiros. Este autor está entre aqueles que defendem que o “coronelismo” foi uma prática política característica da Primeira República e chegando ao seu ocaso em 1930 com a prisão dos coronéis baianos.

Dentro desse contexto o clientelismo esteve muito associado aos estudos de sociedades rurais, onde as relações estabelecidas eram do tipo pessoal entre *patrons* e camponeses, marcadas pela desigualdade, nas quais o camponês (cliente) encontrava-se em uma situação de subordinação e essa desigualdade irá desempenhar um papel chave para a existência e sobrevivência tanto do *patrons* quando do cliente. Assim, “o *patron* é o ator que tem contato com o mundo exterior e tem comando sobre recursos políticos externos. O *patron* tem recursos – internos e externos à comunidade – dos quais dependem os clientes”. (NUNES,1997, pg.27)

Na década de 1930 o país passa por diversas transformações. A afirmação de um Brasil capitalista é datada desse período, e nele o Estado foi o principal agente fomentador desse processo. É com o governo de Getúlio Vargas que o industrialismo começa a ganhar espaço sobre uma economia essencialmente agrário-exportadora, na qual figurava essencialmente a exportação de produtos primários.

Realmente, em 1930, a economia brasileira já se não podia considerar essencialmente rural porque a produção industrial rivalizava com a produção agrícola e a crise do café havia reduzido o poder econômico dos fazendeiros, em confronto com o dos banqueiros, comerciantes e industriais. Concomitantemente, haviam crescido a população e o eleitorado urbanos, e a expansão dos meios de comunicação e transporte aumentara os contatos da população rural, com inevitáveis reflexos sobre sua conduta política. Todos esses fatores vêm de longa data corroendo a estrutura econômica e social em que se arrima o “coronelismo”, mas foi preciso uma revolução para transpor para o plano político as modificações de base que surdamente vinham se processando. (LEAL, 1986, p.256)

Esse quadro de evidências demonstra o quanto o coronelismo se viu enfraquecido diante de uma série de transformações de ordem social, econômica e política. A urbanização, a industrialização, maior acesso as informações foram elementos que aceleraram o processo de declínio das



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



oligarquias e a figura do coronel na política interiorana. Apesar disso, o autor afirma que “temos a [...] subsistência do “coronelismo”, que se adapta, aqui e ali, para sobreviver, abandonando os anéis para conservar os dedos” (LEAL, 1986, p. 256)

Com essas alterações a política realizada no âmbito municipal ganha novas nuances, resultado de mudanças no quadro econômico e social do país, quanto ao processos de urbanização, industrialização e desenvolvimento do capitalismo, articulados entre si na modernização do país, e isso refletiu na política interiorana. O poder local (esfera municipal) agora passa a ser disputado pelos partidos políticos, ou seja, o ambiente que se instaura nessa escala política-territorial é alvo de novas atitudes, prevalece a disputa por alguns candidatos e cabe ao eleitor realizar a escolha das melhores propostas.

Farias (2000) em seu artigo *Clientelismo e Democracia Capitalista: Elementos para uma abordagem alternativa* nos traz uma contribuição para o entendimento do clientelismo. Ele chega à conclusão de que o “coronelismo”, como sistema político, não existe mais. Há sim a ascensão do clientelismo como prática política dominante.

Alguns estudiosos afirmam uma oposição entre clientelismo e democracia. Se fundamentam na perspectiva de que a pobreza, a ignorância e os resquícios de um passado pré-moderno são responsáveis pela existência do fenômeno dentro de um contexto político regido por princípios democráticos. Assim, em sociedades com democracias fortalecidas o clientelismo deixaria de existir. Para Farias (2000) a oposição entre o clientelismo e a democracia é pouco consistente, e o clientelismo é um padrão de política que pode ser analisada à luz da democracia.

Uma expressão característica do clientelismo é o *voto mercadoria*, ou seja, a relação de barganha, em torno de vantagens materiais, entre o eleitor e o cabo eleitoral (uma espécie de líder local, que cuida dos interesses de seus representados, principalmente junto às “autoridades públicas” [...]). (FARIAS, 2000, p.50)

Então, nessa condição socioeconômica regida pelo grande capital, o voto adquire valor de troca, pois o voto de barganha tem relação direta com o



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



modo de produção capitalista. Segundo Farias, o trabalhador abandona a condição da *dependência pessoal* (o colonato, a moradia) frente ao dono de terras, para se submeter à *dependência impessoal* (o assalariamento) relativa às coisas.

Outro argumento defendido é que o fundamento das práticas clientelistas encontra-se não em uma herança de relações pré-capitalistas, mas, sim, na própria estrutura social capitalista. Farias (2000) aponta duas objeções indicadas quando a vinculação do clientelismo como fenômeno pré-capitalista.

Primeiro a situação de pobreza e marginalização econômica e social das periferias urbanas, que geralmente são os alvos das práticas clientelistas muitas vezes compreendidas como se fossem resultado exclusivamente de um processo histórico e de um passado colonial, entretanto, não levam em consideração que essa situação de precarização é um fruto do próprio sistema capitalista, que é seletivo e também excludente.

Para este autor os fundamentos do clientelismo devem ser buscados “na estrutura social *particular* que produz uma pobreza *específica*” numa relação produzida por cabos eleitorais e pelo clientelismo estatal. (FARIAS, 2000, p. 52).

O clientelismo possui, na sua essência a mesma relação de transferência mútua de coisas, mas aqui, no clientelismo estatal a barganha se apresenta de forma mais impessoal e [...] “tendem a dirigir-se a comunidades inteiras, e menos a pessoas privadas” (FARIAS, 2000, p.59).

Assim, a utilização do clientelismo estatal torna-se mais eficiente para alcançar um maior número de eleitores. Por ser menos abrangente o clientelismo privado é mais restrito nesse sentido de atingir um maior público visto que atinge objetivos e indivíduos mais particulares, assim como a estratégia eleitoral se torna menos eficiente.

De acordo com Farias (2000) ao passo que a sociedade capitalista se desenvolve e possibilita uma maior ascensão, oportunidade de emprego e renda o clientelismo privado tende a se tornar mais insignificante, pois a sua





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



atuação é muito mais explícita na relação de barganha entre político e cliente, haveria então, um crescimento da variante estatal, modo mais sofisticado e impessoal nas relações de clientela.

Avelino Filho (1994) afirma que o uso do conceito de clientelismo começou a ser amplamente discutido entre as décadas de 1950 e 60 pelos cientistas políticos. Foi empregado para uma possível explicação para a perspectiva de “desenvolvimento político”, que seria basicamente caracterizado por três estágios: sociedades tradicionais, sociedades em transição e sociedades politicamente “mobilizadas”.

*Grosso modo*, as sociedades tradicionais são caracterizadas pelos partidos dos “notáveis”, pela dependência dos recursos pessoais do patrono que se reflete num poder quase doméstico, e pelo caráter afetivo da relação. No estágio de transição, o poder pessoal dos “notáveis” é enfraquecido; os recursos passam a ter origem predominantemente estatal; os partidos são mais organizados e disputam posições no aparelho do Estado para manipular os recursos públicos; e as relações entre o patrono e o cliente ganham um acento mercantil. No estágio mais desenvolvido, as “sociedades mobilizadas”, conforme indica o termo, são marcadas pela presença de partidos ideológicos e de massa, pela possibilidade de planejamento e execução de políticas de longo prazo, e pela legitimação do sistema político a partir de valores públicos e universais. (AVELINO FILHO, 1994, p.226)

Então, o tipo de relação clientelista se expressa a partir do avanço que a sociedade apresenta na passagem de uma “sociedade tradicional” para uma “sociedade em transição” na qual temos uma estrutura marcada pela desorganização das suas relações políticas e institucionais. Assim o clientelismo se apresenta da forma mais tradicional possível a partir da relação de barganha entre o patrão e cliente, de forma pessoal. Quando temos a presença de uma “sociedade em transição” o clientelismo assume uma versão mais atualizada, assumindo um tom mais generalista e impessoal, além disso a origem dos recursos para a relação clientelista é estatal. Para ele

A política clientelista “moderna” é mais competitiva que sua antecessora e suas relações tendem a ser muito mais frágeis, já que mais “instrumentais”. Ela sobrevive a partir da sua capacidade de substituir os antigos laços de lealdade pessoal pela oferta de benefícios materiais, os mais individuais possíveis, de maneira a evitar conflitos e maximizar o seu arco de influência eleitoral. O



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



patrono moderno é o *broker*. E seu poder depende das suas habilidades em operar como intermediário entre sua clientela e os recursos públicos. (AVELINO FILHO, 1994, p.227)

Por outro lado, o clientelismo pode ser interpretado como uma forma de intermediação de interesses que está presente em países de Terceiro Mundo, com democracias frágeis e relações políticas ainda muito arcaicas, mas também em países com democracia avançada, como apontam D'Ávila Filho *et al.* (2004),

A questão é saber se ao falarmos de clientelismo, estamos diante de uma herança, um resíduo de uma sociedade hierarquizada embutida dentro da sociedade moderna. Se assim for, estaremos vivendo em uma sociedade que ainda não se modernizou completamente, e ao fazê-lo destruiria estes resíduos; ou, de outra forma, estamos diante de um tipo de relação política que, ao contrário de definhir, tenderia a assumir formas de expressão que disfarçam o seu conteúdo original, confundindo-se com o meio democrático, frustrando as expectativas de superação de traços considerados residuais e passageiros. Longe de simplesmente suprimir relações de clientela, o aumento da competição política vem reduzindo a distância ou a desigualdade entre *patronus* e clientes, possibilitando novos formatos e maior espaço de negociação entre as partes com incidência direta sobre as possibilidades da troca. (D'AVILA FILHO *et al.*, 2004, p.215-216).

O clientelismo se metamorfoseia para se adaptar ao contexto social no qual opere. Esse fenômeno não está preso aos traços mais tradicionais da sociedade, pelo contrário, vem se refazendo diante de uma sociedade democrática moderna. Portanto, o clientelismo não se constitui como um resíduo das sociedades tradicionais, pois, nessa perspectiva interpretativa, o fenômeno deixaria de existir em situações comandadas pela modernidade. Porém, o que se percebe é que o fenômeno do clientelismo vem se atualizando a partir dos contextos em que o mesmo está inserido. Sendo assim, considera que o clientelismo e suas práticas estão presentes em todas as sociedades. Para os autores,

A relação clientelista vai operar dentro do campo das hierarquias e assimetrias, como em um jogo em que serão definidos os quinhões distributivos de toda a sorte de benefícios, um jogo absolutamente político, onde o poder de barganha e a capacidade dos atores em trocar e negociar os benefícios mútuos serão decisivos para os seus resultados. (D'AVILA FILHO *et al.*, 2004, p.217).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Então, o clientelismo se apresenta a partir de uma relação assimétrica, ou seja, a relação é baseada em situações de desequilíbrio, há uma desigualdade no processo entre as partes envolvidas. Em situações de pobreza e miséria em muitos cantos do nosso país é evidente que aquilo que é conseguido através das trocas clientelistas, muitas vezes não passam de direitos daquela população, porém como estão desassistidas pelas autoridades a troca clientelista significa a oportunidade de conseguir coisas básicas.

Diante dessas análises (D'AVILA FILHO *et al* 2004, FARIAS 2000, AVELINO FILHO 1994) considera-se que o clientelismo pode ser entendido através de um viés interpretativo que o considere com um fenômeno “moderno”, que se metamorfoseia e se adapta à dinâmica democrática. Diferentemente de outros autores que comungam da ideia que o clientelismo é um resquício de sociedades tradicionais e pré-modernas. Portanto, “os arranjos clientelistas não foram minados pela moderna ordem capitalista – permaneceram nela integrados de maneira conspícua”. (NUNES, 1997, p.26). O mesmo autor conceitua o clientelismo como,

[...] um sistema de controle do fluxo de recursos materiais e de intermediações de interesses, no qual não há número fixo ou organizado de unidades constitutivas. As unidades constitutivas do clientelismo são agrupamentos, pirâmides ou redes baseados em relações pessoais que repousam em troca generalizada. As unidades clientelistas disputam frequentemente o controle do fluxo de recursos dentro de um determinado território. A participação em redes clientelistas não está codificada em nenhum tipo de regulamento formal; os arranjos hierárquicos no interior das redes estão baseados em consentimento individual e não gozam de respaldo jurídico (NUNES, 1997, p.40-41).

Partindo desse fragmento percebemos que a sua definição nos remete a uma ideia de clientelismo baseado em um sistema político em que há desigualdade hierárquica e financeira por parte dos envolvidos e que acontece de maneira pessoal e informal. Além disso, no âmbito das relações sociais é possível perceber uma disputa entre as redes clientelistas dentro de um determinado território, configurando o acirramento das relações de poder.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Assim o clientelismo vai buscar na troca de forma desigual a perpetuação de poder diante daqueles que estão no topo da pirâmide da troca clientelista.

## **Clientelismo e poder local no contexto dos pequenos municípios**

O clientelismo entendido como “troca específica” e “troca generalizada” traz um importante refinamento do conceito, tal como feito por Nunes (1997). Nas trocas clientelistas específicas a relação acontece de forma pessoal, e aquilo que é o objeto de troca tem muita referência com a condição do grupo. Na troca específica há promessas e expectativa de retornos futuros. Em contextos de muitas carências econômicas e sociais, é pertinente afirmar que a “troca específica” permanece sendo praticada e explorada como sistema de barganha, sobretudo em pequenos municípios onde as circunstâncias de proximidade cotidiana dos eleitores facilitam essa interação com lideranças locais e membros dos poderes públicos.

Nesse sentido, é necessário lembrar que há uma divisão de poderes e de atribuições dentro do protagonismo de cada escala territorial. Iná de Castro (2010) chama atenção que ao longo do processo histórico da política brasileira, houve fases de maior ou menor influência das ações da União ou das unidades da federação, e essa alternância foi reflexo de interesses de grupos políticos. Mas, aqui o foco se detém prioritariamente na escala local, onde o “município começa a exigir atenção da geografia política como um recorte espacial institucionalizado importante” (CASTRO, 2010, p.134). É nesse contexto específico que as relações entre clientelismo e práticas políticas se tornam tangíveis e ganham pertinência como objeto de pesquisa, pois “[...] a escala municipal [...] é significativa do fazer político no espaço e oferece um vasto campo para a geografia política contemporânea” (2010, p. 134).

O clientelismo entendido como “troca específica” e “troca generalizada” é uma observação feita por Nunes (1997). Nas trocas clientelistas específicas a relação acontece de forma pessoal, e aquilo que é o objeto de troca tem muita referência com a condição do grupo. Na troca específica há promessas e



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



expectativa de retornos futuros. Em contextos de muitas carências econômicas e sociais, é pertinente afirmar que a “troca específica” permanece sendo praticada e explorada como sistema de barganha, sobretudo em pequenos municípios onde as circunstâncias de proximidade cotidiana dos eleitores facilitam essa interação com lideranças locais e membros dos poderes públicos.

A troca generalizada, por outro lado, faz uma referência ao capitalismo moderno. Neste o processo de troca não inclui relações pessoais que possam existir futuramente, nem depende de relações anteriores entre as partes envolvidas. Mas chama atenção que as trocas específicas, de cunho mais pessoal encontram-se também no capitalismo moderno.

O clientelismo continua vivo e cada vez mais está se adequando no contexto social e político vigente. Muito se pensava que o clientelismo tinha sido marca de um Brasil arcaico, e que se findaria com um país regido por novas práticas modernas em diversas instâncias, porém o clientelismo se reinventou ao gerar novas formas de beneficiamento mútuo. “[...] o clientelismo se manteve forte no decorrer de períodos democráticos, não definiu durante o período do autoritarismo, não foi extinto pela industrialização e não mostrou sinais de fraqueza no decorrer da abertura política.” (NUNES, 1997, p.33).

Dentro do clientelismo temos uma nova forma de organização, ela se diferencia das formas elementares do clientelismo em seus aspectos mais tradicionais, o clientelismo institucional se estabelece entre o Estado que:

[...] exerce um papel preponderante e atua como patrão e mediador. Nesse caso, a estratégia do patrão é dar legalidade à estrutura de dominação através de determinados programas, como exemplo, o programa municipal "Leve-Leite" ou o programa "Bolsa Família", do Governo Federal. Essas práticas ilustram o clientelismo institucional. (BIASON, 2009, p.132)

Assim, o clientelismo dentro dessa versão institucional está para além da relação concebida e limitada entre duas pessoas, como nas relações de troca de caráter mais pessoais, como na versão do clientelismo tradicional. Cabe



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



ressaltar, que não se exclui os benefícios sociais que esses programas tenham causado para populações com grande vulnerabilidade social, mas a sua utilização por parte de políticos para angariar votos, visto que se “expressa um jogo dissimulado de uma contratualidade não-explicita que reduz a favores, direitos sociais e políticos.” (SEIBEL, OLIVEIRA, 2006, p.135). Sendo assim, esse tipo de clientelismo é apresentado dentro de um aparato burocrático institucional, moldando-se dentro de um ambiente público.

Dentro da perspectiva do clientelismo e as práticas tradicionais e institucionais, há uma diferenciação no âmbito dessas relações. No primeiro – clientelismo tradicional – se estabelece uma relação desigual de fidelidade entre o cliente que busca favores/bens e o político que dispõe de recursos estatais para promover os benefícios de caráter individual. No segundo – Clientelismo institucional –, “a estrutura decisória mais ampla, representada pelo Estado em sua totalidade, exerce o papel de patrão e de mediador ao mesmo tempo, buscando dar legalidade a sua forma de dominação”. (BIASON, 2009, p.132).

“Como opera o clientelismo numa sociedade complexa como a brasileira? O clientelismo repousa num conjunto de redes personalistas que se estendem aos partidos políticos, burocracias e *cliques*. Estas redes envolvem uma pirâmide de relações que atravessam a sociedade de alto a baixo. As elites políticas nacionais contam com uma complexa rede de corretagem política que vai dos altos escalões até as localidades. Os recursos materiais do Estado desempenham um papel crucial na operação do sistema; os partidos políticos –isto é, aqueles que apoiam o governo –têm acesso a inúmeros privilégios através do aparelho de Estado. Esses privilégios vão desde a criação de empregos até a distribuição de outros favores como pavimentação de estradas, construção de escolas, nomeação de chefes e serviços de agências, tais como o distrito escolar e o serviço local de saúde”. (NUNES, 1997, p. 32)

Dentro da conjuntura política, o clientelismo se apresenta nas mais diversas escalas, desde práticas institucionais como o exemplo do programa Bolsa Família até aquelas mais cotidianas que ocorrem nas pequenas localidades onde se criam junto laços de dependência de forma pessoal. Assim, muitas vezes os recursos públicos destinados a suprir as demandas da população acabam por ser utilizados como “feitos” para manter a relação de





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



troca e os clientes que se sentem beneficiados de alguma forma acabam por nutrir um sentimento de gratidão.

## Considerações finais

O clientelismo, toda sua estrutura e suas diversas formas de manifestações não ficaram ilesas as transformações históricas porque passou toda a sociedade. Esse fenômeno político foi capaz de ir se adaptando ao tipo de sociedade, as condições econômicas e culturais do país.

No contexto de municípios de pequeno porte, onde o número de habitantes e eleitores é reduzido, seria predominante uma relação pessoal entre os políticos e eleitores, esse fator é bastante explícito na escala territorial da pesquisa, o que poderia aumentar as práticas do tipo clientelista, especialmente aquelas que se enquadram na categoria de “troca específica”. Outra questão a ser considerada é a confusão, no seio da população, acerca do que realmente são as atribuições dos políticos, em especial dos vereadores e sua representação, que é o foco da pesquisa em curso, isso acaba indicando uma série de questionamentos sobre a representatividade desses agentes políticos que muitas vezes podem não estar em consonância com o que realmente deveria ser posto em prática no exercício do mandato. As reflexões aqui desenvolvidas trazem importante subsídio para a compreensão desse fenômeno político e para o estudo de suas formas de manifestação na escala local, em particular nos pequenos municípios dadas as suas condições socioespaciais específicas, sem perder de vista, porém, suas articulações com instituições e políticas públicas em escala nacional.

## Referências

ALMEIDA, Acir; LOPEZ Félix. **Legisladores, Captadores e Assistencialistas: A representação política no nível municipal**. Rev. Sociol. Polit., v. 25, n. 62, p. 157-181, jun. 2017

AVELINO FILHO, G. **Clientelismo e política no Brasil: revisitando velhos problemas**. Novos Estudos, São Paulo, Cebrap, n. 38, p.225-240, mar. 1994. Disponível em:



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



<[https://pesquisaeaesf.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/george\\_ave\\_lino\\_clientelismo\\_e\\_politica.pdf](https://pesquisaeaesf.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/george_ave_lino_clientelismo_e_politica.pdf)> Acesso em 23 de maio de 2018.

BIASON, Rita. “**A Corrupção como fator de desigualdade na política brasileira.**” Revista Ciências Sociais em Perspectiva (8) 15 : p. 131 – 143. 2º sem. 2009. Disponível em:  
<<http://erevista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/2237>>  
Acesso em 14 de junho de 2018.

CARVALHO, José Murilo de. **Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo : Uma Discussão Conceitual.** Dados, Rio de Janeiro, Vol. 40, n.2, 1997, p. 229-250.

CASTRO, Iná Elias. **Geografia e Política.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

D’AVILA FILHO, Paulo et alli (2004). **Acesso ao Poder. Clientelismo e Democracia: Desconstruindo uma dicotomia.** IN: Democracia a Novas Formas de Participação Política, Revista Civitas, Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, Volume 4, n.2, p. 211-233, Julho-Dezembro de 2004.

FARIAS, Francisco Pereira de. **Clientelismo e Democracia Capitalista: Elementos para uma abordagem alternativa.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, N.º15/novembro 2000

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.** 2. ed. São Paulo, Editora Alfa-Omega, 1986.

NUNES, Edson. **A Gramática Política do Brasil: clientelismo e insulamento burocrático.** 2 ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 1997.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SEIBEL, Emi J.; OLIVEIRA, Heloísa M. J. **Clientelismo e seletividade: desafios às políticas sociais.** Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 135-145, Abril de 2006.

SILVA, Bruno Souza da. “**SIM SENHOR, SEU CORONÉ!**”: **CORONELISMO, CLIENTELISMO E FAVORITISMO NA REPÚBLICA VELHA.** Revista Todavia, Ano 1, nº 1, jul. 2010, p. 23-38. Disponível em:  
<<http://www.ufrgs.br/revistatodavia/Artigo2%20-%20Revista%20Todavia.pdf>>  
acesso em 13 de maio de 2018.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## PLANEJAMENTO E GESTÃO DE CARREIRA SOB A PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA, CAMPUS XI, SERRINHA.

**Cláudio de Jesus Silva**

UNEB, Campus XI – Serrinha-Ba.

[claudio85silva@gmail.com](mailto:claudio85silva@gmail.com)

**Jocely Santos Caldas Almeida**

UNEB, Campus XI – Serrinha-Ba

[jcaldas@uneb.br](mailto:jcaldas@uneb.br)

### Resumo

Até pouco tempo atrás, os profissionais deixavam as empresas gerenciar suas carreiras profissionais, e assim não se atinham no aprimoramento profissional. Hoje esse comportamento quase não existe, pois o conceito de carreira tornou-se mais amplo, entendendo-se não apenas como ocupar um cargo ou função ano pós anos em uma empresa, e sim como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes que o profissional desenvolve durante as fases da vida com o objetivo de manter a sua empregabilidade e também uma forma pensada de equilibrar suas necessidades à da empresa. Nesse contexto, o objetivo principal dessa pesquisa é analisar as percepções dos ingressantes (calouros) e formandos do curso de Administração, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, Serrinha, sobre o Planejamento e Gestão de Carreira. Além disso, a pesquisa visa atender aos objetivos específicos que são: verificar se ingressantes (calouros) e formandos possuem planejamento de carreira; investigar a importância do planejamento de carreira para os estudantes de administração da UNEB, Campus XI e analisar o papel das organizações, da família e da Universidade no processo de planejamento de carreira dos mesmos. Para atender aos objetivos foi desenvolvida pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo com aplicação de questionário aos estudantes do curso de Administração. Dos vários resultados obtidos nesta pesquisa, é possível destacar que os estudantes ainda oferecem certa resistência em planejar e gerenciar a carreira profissional, mesmo que, em maioria eles reconhecem a sua importância para desenvolvimento profissional, além disso, ela explicitou o grau de relevância de fatores como família, organizações e a Universidade nesse processo.

**Palavras-chave:** Carreira profissional. Gestão de carreira. Planejamento. Universidade.

### Abstract

Not long ago enterprises used to manage its employees careers, which would let them unconcerned about their professional enhancement. Nowadays this conduct



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



is almost done because career, in its notion, is wider encompassing not only the performance of a long time function, but also the acquirements, skills and practices developed during lifetime aiming to maintain employability as well as to balance personal needs to the company's ones. In this context, the main goal of this research is to analyze perceptions from Universidade do Estado da Bahia administrations students, in the campus XI, Serrinha, in what concerns to Career Planning and Management. In addition, this research aims to perform specific objectives: to examine if new and old students have a career planning, to investigate the value of this subject to UNEB administration students and to search the importance of organizations, family and university in the planning process of their careers. For this purpose, bibliographic and field research were developed, including the application of a questionnaire. From the results obtained it is noted that students still are resistant to plan and manage their professional careers despite their acknowledgment of this subject importance. The research also showed the significance of factors such as family, organizations and university in the construction of this process.

**Keywords:** Professional Career. Career Management. Strategic Planning. University.

## Introdução

Não é necessário ser conhecedor do assunto para se chegar à conclusão de que o mercado de trabalho de hoje não é mais aquele proposto no início do século XX, em que a forma como era estabelecida a cultura organizacional das empresas praticamente não permitia o desenvolvimento profissional dos empregados, tornando a ideia de se planejar a carreira algo praticamente impensável. Tratava-se de sistemas autoritários e com atividades excessivamente repetitivas. Nessa ocasião, segundo Dutra (2010), algumas pessoas percebiam o desenvolvimento de carreira como uma responsabilidade primária, exclusiva da empresa, ou ainda, alguns achavam que a ascensão da carreira era uma questão de sorte, bastando estar no lugar certo na hora certa.

No início do século XXI, esse tipo de pensamento quase não mais existe dentro das organizações, ao menos para aquelas mais estruturadas, visto que foi nesse período que fatores como globalização e os avanços tecnológicos fizeram com que padrões e empregados mudassem de paradigma sobre a



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



forma de se relacionar, uma vez que, os mesmos se veem em um cenário de competição, no qual empresas recrutam os mais qualificados para compor seu quadro de funcionários e os por sua vez colaboradores passam a procurara empresas que lhes proporcionem maiores benefícios.

Nesse contexto, empregados passam a direcionar seus esforços para o sucesso da organização, atuando de forma ativa, contribuindo com as necessidades da empresa e sendo empreendedor de sua própria carreira para poder se adaptar às constantes mudanças ocorridas dentro e fora do espaço organizacional, assim como também lhe resguardando o direito de usufruir qualidade de vida. Nessa perspectiva, o tema planejamento de carreira passou a ganhar espaço na vida dos profissionais, nas organizações, universidades e na sociedade, atuando como um facilitador desse processo.

Considerando o exposto, o presente artigo apresenta o seguinte questionamento: quais as percepções dos estudantes da UNEB, Campus XI, acerca do planejamento e gestão de carreira profissional?

Para nortear está pesquisa busca-se atender como objetivo principal a análise das percepções dos graduandos do curso de Administração, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI, Serrinha, sobre o planejamento e gestão de carreira profissional, para isso foram estabelecidos três objetivos específicos: verificar se ingressantes (calouros) e formandos do curso de Administração possuem planejamento de carreira; investigar a importância do planejamento e gestão de carreira para os estudantes deste curso e analisar o grau de relevância da universidade, da família e das organizações neste processo.

Pelo fato desta pesquisa ser de natureza exploratória foram aplicados questionários de caráter qualitativo com perguntas semiestruturadas direcionadas aos discentes do referido campus e curso. Assim esse trabalho se organiza da seguinte forma, além dessa introdução: a revisão teórica, para poder fundamentar o tema facilitando seu entendimento, destacando os subtemas: conceitos sobre planejamento e gestão de carreira, processo de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



escolha de carreira, planejamento individual de carreira e o grau de relevância da universidade, da família e das organizações no planejamento e desenvolvimento de carreira. Nos capítulos seguintes serão apresentadas a metodologia de pesquisa, análise dos e considerações finais.

## Referencial teórico

Nas próximas seções serão explicitados os conceitos e reflexões sob o ponto de vista de alguns autores que estudaram de forma aprofundada do tema, visando fundamentar esta pesquisa. O referencial teórico que norteia esse estudo consiste em uma revisão bibliográfica que evidencia o planejamento de carreira como uma ferramenta de suma importância na vida profissional do indivíduo.

## Planejamento e Gestão de carreira

Antes de expor os conceitos sobre planejamento de carreira é importante definir separadamente o termo “carreira”, a fim de facilitar a compreensão do tema. Segundo Bastos, a palavra é originada do latim - carraria (caminho, estrada para carruagem) -, onde a carreira é entendida como "um curso da vida profissional ou de emprego que oferece oportunidade para progresso e avanço no mundo" (BASTOS, 1997, p. 30). Atualmente, no século XXI, a carreira profissional é vista como uma sequência de atividades, experiências e decisões relacionadas ao trabalho, que contribuem para o desenvolvimento do indivíduo (HALL, 1976, apud ARAUJO, 2006). Nesse sentido, Dutra (2010, p. 17), complementa o conceito de carreira como sendo:

[...] as sequências de posições ocupadas e de trabalhos realizados durante a vida de uma pessoa. A carreira envolve uma série de estágios e a ocorrência de transições que refletem necessidades, motivos e aspirações individuais e expectativas e imposições da organização e da sociedade.

Diante disso, pressupõe-se que a carreira profissional não se estabeleça de forma espontânea, é necessário o delineamento dos seus





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



passos de forma planejada. Para Chiavenato (2006), o planejamento significa pensar antecipadamente o que deve ser feito para alcançar determinado objetivo, a fim de poder fazê-lo melhor logo na primeira vez. Dessa forma, entende-se que o planejamento é uma atividade de grande relevância, pois facilita a tomada de decisão proporcionando melhor desempenho na carreira profissional. O planejamento de carreira, segundo Oliveira (2013), refere-se a um conjunto de ações pensadas e estruturadas que evidenciam a evolução de cada indivíduo, de

maneira interativa com as necessidades das empresas, dos indivíduos e das comunidades onde elas atuam.

Conforme essas abordagens observa-se que o planejamento de carreira deve acontecer antes mesmo de se iniciar a vida profissional, isso porque ela precisa estar alinhada com os sonhos, desejos, necessidades e metas. Saber o que deseja cursar, o local e empresa que pretende trabalhar, entre outros aspectos, se faz necessário a arte de planejar, pois assim, seja muito provável que a pessoa que age dessa forma apresente um índice de eficiência positivo no cargo ou função que exerce, assim como também pode vir a eliminar possíveis frustrações de cunho profissionais e/ou pessoais.

## **Processo de escolha da carreira**

Fazer uma reflexão sobre si mesmo, pontuando tudo aquilo que realmente acredita ser importante e estimule sua vida profissional, é uma atitude necessária para aqueles que pleiteiam a uma vaga no mercado de trabalho, pois assim é possível traçar um plano em cima de seus objetivos profissionais e identificar as oportunidades de crescimento dentro da organização que se pretende trabalhar.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



O processo de carreira, segundo Dutra (1996) e Soares (2002), envolvem alguns fatores, a saber:

- relação com a família : engloba expectativas familiares, pois as pessoas procuram integrar as suas necessidades com as da família e da carreira;
- aspectos ideológicos e psicológicos: considera os interesses, motivações e habilidades dos indivíduos;
- necessidades econômicas: refere-se ao mercado de trabalho e a atual conjuntura econômica;
- reconhecimento e realização: o individuo tem necessidade de ser reconhecido através de seu trabalho, afim de se sentir realizado;
- expectativa de conhecimento pessoal e profissional: busca de crescimento tanto na empresa quanto na vida pessoal.

Esses fatores de fato são elementares no desenho da carreira profissional, embora vale salientar que esse processo é contínuo pode sofrer mudanças do individuo e do ambiente em que ele está inserido, ou seja, o que se planejou hoje amanhã pode não fazer mais sentido.

De acordo com Ginzberg (1951, apud DUTRA, 1996, p.31), o processo de escolha de uma carreira tem lugar em três estágios da vida de uma pessoa:

- estagio da fantasia – cobre o período da infância até os 11 anos;
- estágios das escolhas e tentativas – geralmente cobre o período dos 11 aos 16 anos. Esse estágio é baseado primeiramente, em interesse e, posteriormente, em capacidade e valores.
- estagio das escolhas realistas – ocorre a partir os 17 anos e geralmente cobre três períodos: exploratório em que é examinado uma serie de opções de carreira; cristalização em que a opção começa ser focada de uma forma melhor; e especificação em que a pessoa escolhe uma carreira em particular.

As fases supracitadas anteriormente são elementos fortes para determinação da carreira profissional, no entanto existem variáveis consideráveis que também podem surgir isoladamente. Martins (2001) considera que existem alguns obstáculos que podem influenciar no processo de escolha autêntica da profissão desejada: as possibilidades conjunturais ou existenciais, a falta de informação sobre si mesmo ou sobre o ambiente da



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



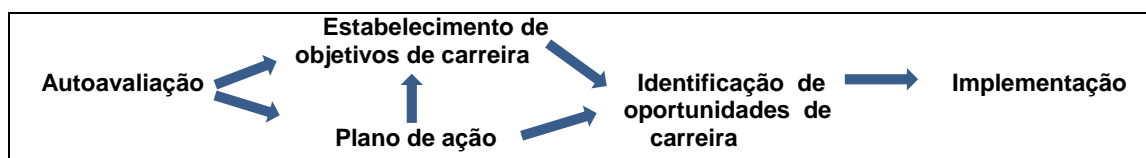
carreira, as dificuldades no processo decisório ou em assumir riscos e as dificuldades na dialética ação-imaginação quando as escolhas ficam no imaginário.

Diante do exposto, entende-se que o processo de tomada de decisão das pessoas para escolha da carreira e ao desenvolvimento profissional está intimamente condicionado a fatores como a condição socioeconômica, educacional, familiar, política e psicológica. Todavia, é bom lembrar que, o dinamismo contido nesses fatores leva ao indivíduo rever constantemente o seu plano de carreira podendo alterá-lo ou não, visto que, no decorrer de sua elaboração deste, podem surgir obstáculos que não foram devidamente analisados.

## Planejamento individual de carreira

London e Stumph (1982, apud DUTRA, 1996), afirmam que o planejamento de carreira depende de três tarefas de responsabilidade do indivíduo: autoavaliação, estabelecimento de objetivos de carreira e implementação do plano de carreira. Veja abaixo o modelo proposto por esses autores:

Figura 1 - Tarefas de responsabilidade do indivíduo no planejamento de carreira



Fonte: London e Stumpf ( apud Dutra, p. 25, 1982)

Dutra (1996), ainda enfatiza que no Brasil existe uma resistência por parte das pessoas no planejamento de suas carreiras, ou por não terem recebido estímulo ao longo de suas vidas ou por encarar a carreira como algo dado, oferecido pelo mercado e empresas. Ainda dentro desse contexto, Dutra



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



(2002, p. 104-105), propõe um modelo de planejamento individual de carreira, que é constituído por seis etapas, a seguir:

1º Passo – Autoconhecimento – as técnicas mais comuns são: análises de realizações, análises de valores pessoais e análise de personalidades.

2º Passo – Conhecimento de Mercado – o mercado de trabalho deve ser analisado dentro e fora da empresa, observando as poções, as tendências, as limitações e as alternativas de desenvolvimento pessoal.

3º Passo – Objetivos de Carreira – utilizar o referencial individual, fazendo perguntas do tipo: “ como posso está mais feliz profissionalmente daqui a cinco anos”?

4º Passo – Estratégias de Carreira – estudar a melhor estratégia para alcançar o objetivo da carreira. As estratégias podem ser: adquirir novas responsabilidades e atribuições, trabalhar numa nova área na empresa (ou fora dela), e ou combinações destas estratégias.

5º Passo – Plano de Ação – o plano de ação deve conter metas de curto prazo, indicadores de sucesso, fatores críticos para o sucesso e uma avaliação de recursos como tempo, dinheiro e aperfeiçoamentos necessários.

6º Passo – Acompanhamento do Plano – avaliação dos resultados das estratégias de carreira deve ser um processo contínuo. Avaliar a compatibilidade com outras áreas da vida.

Swartz (apud Caravantes; Bjur, 1997), também corrobora enfatizando que, o planejamento individual como um processo que permite a pessoa definir seus valores (missão, visão, princípios), identificar seus desejos e necessidades, além de traçar objetivos e prazos.

Assim sendo, o planejamento individual de carreira sugere certas responsabilidades do individuo que associadas a algumas etapas que envolvem o planejamento propriamente dito, possivelmente auxiliarão na obtenção de êxito na carreira profissional. É importante que todos aqueles que estejam inseridos dentro do contexto que envolve questões relacionadas ao mercado trabalho fiquem atentos ao dinamismo que faz parte de todo esse processo, não desconsiderando a ideia de que nós como seres humanos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



possuímos limitações das mais diversas naturezas, e estas certamente poderão alterar nossos planos sejam eles profissionais ou pessoais.

## **O papel da universidade no planejamento e desenvolvimento de carreiras**

Os jovens que abandonam ou trocam de curso, ainda é uma realidade nas universidades do Brasil, dentre outros motivos, podemos destacar a insatisfação com a escolha do curso. De acordo com Dias (2009), a realidade acadêmica é diferente daquela em que o estudante vivenciava na escola, habituando-se a um ambiente com novas regras e rituais, vislumbrando a carreira de sucesso e oportunidades. A universidade atua como um agente disseminador de culturas, preparando-os para o mercado de trabalho e para a relação de educação e estrutura socioeconômica que se vive no momento (Cambi, 1999; Manacorda, 1997; Santos, 2005).

Na opinião de Gil (2010), a universidade proporciona, através de seus docentes, um ambiente propício para instruir, orientar, apontar, guiar, dirigir, formar, treinar, amoldar, preparar, doutrinar e instrumentar os seus alunos, a fim de tornarem-se profissionais mais completos no que tange às competências técnicas e comportamentais. Bastos (2008, p. 175), contribui descrevendo que:

A Universidade faz parte desse sistema na medida em que é reconhecida como uma instituição social responsável pela difusão do conhecimento e pela geração de novos saberes pautados nos princípios da verdade, da justiça, da igualdade e do belo, comunicando-os à sociedade.

Dessa forma, fica claro que o ambiente acadêmico é um lugar adequado para individuo explorar um leque de opções, as quais lhe orientará no caminho a ser trilhado no tocante à carreira profissional. As universidades precisam se ater a essa questão, inclusive dando um devido suporte na orientação da carreira profissional para os ingressantes nos seus respectivos curso, valorizando seus talentos e habilidades e fomentando ações que os motivem a continuar no curso que escolheu ou até mesmo mudar para outro caso seja necessário.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## **Procedimentos metodológicos**

No desenvolvimento deste artigo foi utilizada uma abordagem de pesquisa de caráter qualitativo que, de acordo com Demo (2011), é caracterizada, principalmente, por ser um estudo ligado à práxis, ou seja, esse tipo de pesquisa transforma o lado subjetivo dos fenômenos em dados relevantes. De acordo com Vergara (2001), quanto aos fins, essa pesquisa se classifica como exploratória; quanto aos meios, como pesquisa bibliográfica e de campo. É exploratória, pois há pouco conhecimento acumulado e sistematizado sobre esse assunto: Planejamento de carreira sob a percepção dos estudantes de administração do Campus XI, da Universidade do Estado da Bahia. A pesquisa é bibliográfica, pois tem seu embasamento teórico em livros, dissertações e anais de eventos.

Neste sentido, a aplicação de uma pesquisa de campo se faz necessário devido ao seu caráter exploratório. Segundo Vergara (2010), as pesquisas de campo contemplam investigações que podem envolver observações, testes, entrevistas e aplicação de questionários. Este estudo caracteriza-se como pesquisa de campo, pelo fato da pesquisa ser realizada, por meio de um questionário com estudantes do Curso de Administração iniciantes ou em fase de conclusão de curso que de fato é a população e a mostra do objeto de estudo da pesquisa. De acordo com Vergara (2001), a população é um conjunto de elementos que possuem características que serão objeto de estudo, já que perpassa à delimitação da amostra. A pesquisa qualitativa pode usar recursos aleatórios, para delimitar a amostragem, de acordo com Feitosa e Franco (2006).

## **Apresentação e análise dos dados**

O objetivo principal dessa pesquisa é analisar a percepção dos estudantes do curso de Administração sobre planejamento de carreira





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

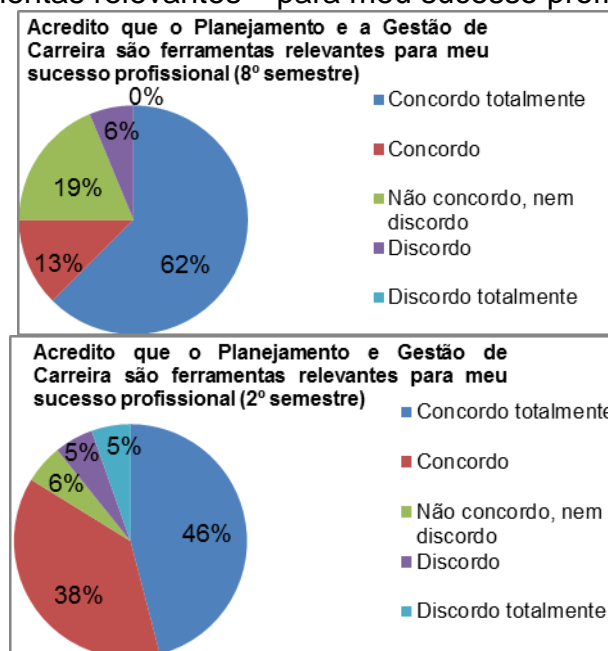
ISSN 2595-8534



profissional, de tal forma, a análise dos resultados ficou condicionada, verificar se os ingressantes (calouros) e formandos possuem planejamento de carreira; investigar a importância do planejamento de carreira para os estudantes de administração da UNEB, Campus XI e verificar o grau de relevância universidade, da família e das organizações no processo de planejamento de carreira dos estudantes.

No tocante ao planejamento e a gestão de carreira como ferramentas relevantes para o sucesso profissional, a análise da figura 2 nos permite concluir claramente que respondentes concordam com essa proposição. A soma dos percentuais mais elevados, nos dois casos atingem os índices de 75% e 84% dos respondentes que concordam que planejar e gerenciar a carreira proporcionará sucesso profissional.

Figura 2 – Acredito que o planejamento e a gestão de carreira sejam ferramentas relevantes para meu sucesso profissional.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Conforme descrito por Dias e Soares (2009), o tema Planejamento de Carreira tem passado por mudanças e ganhado espaço na vida dos universitários, que estão preocupados em ascender profissionalmente em um contexto incerto e instável.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

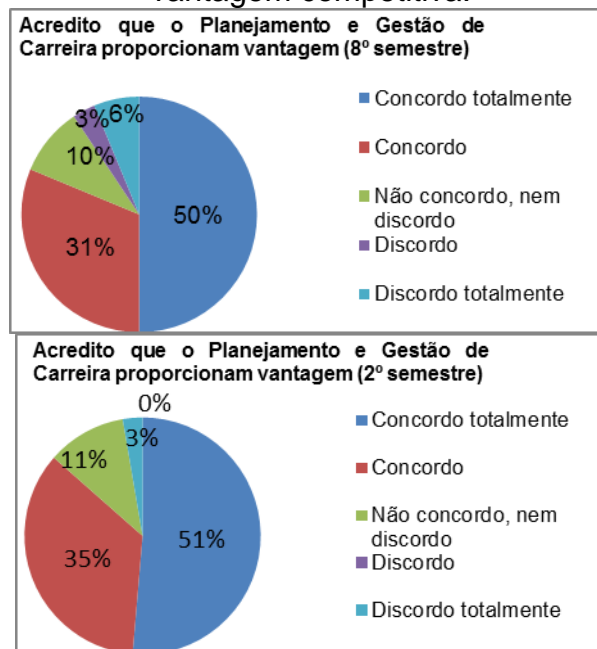
21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Como se ver na figura 3, a pesquisa revelou que o planeamento e gestão de carreira proporcionam vantagem competitiva na concepção dos académicos. Apesar de bem distintos, o 2º e o 8º semestre têm essa mesma percepção sobre o tema. Efetivamente 81% dos formandos concordam que o planeamento e a gestão de carreira proporcionam vantagem competitiva, essa realidade praticamente é a mesma no segundo semestre, 86%.

Figura 3 – Acredito que o planeamento e a gestão de carreira proporcionam vantagem competitiva.



Fonte: Elaborado pelo autor ( 2018).

Segundo Chiavenato (2006), a vantagem competitiva é característica dos profissionais que possuem resultados superiores à média. Nesse contexto, entende-se que os entrevistados acreditam está em uma condição favorável em relação aos seus concorrentes pelo fato de planejarem a sua carreira profissional e se prepararem para o mercado de trabalho cada vez mais exigente.

Com relação ao conhecimento dos académicos sobre planeamento e gestão de carreira, constatou-se que dos 32 formandos que responderam ao



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

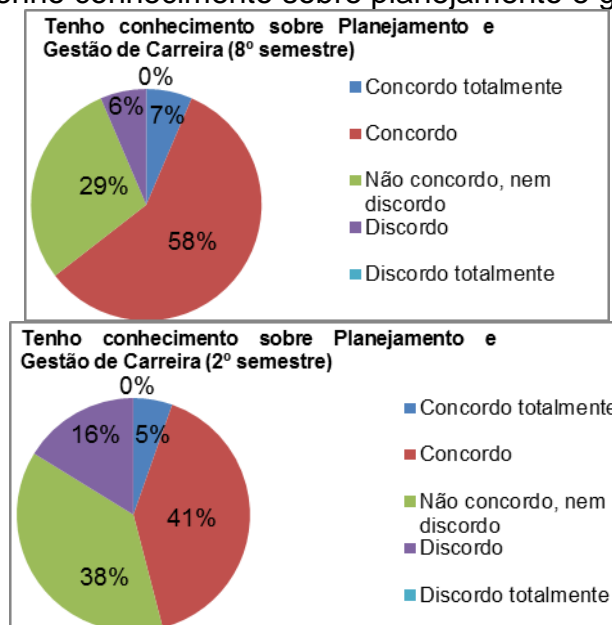
21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



questionário, 65% deles têm conhecimento do tema, 29% mostraram-se indiferentes, outros 6% não o conhecem. No caso dos ingressantes (2º semestre) a falta de conhecimento sobre o tema foi maior ainda, entre os 37 respondentes, 46% deles são conhecedores da temática, 38% foram indiferentes e 16% alegaram não conhecê-lo, nenhum deles discorda da proposição, como pode se observar na figura abaixo. Esse resultado está relacionado com o pouco tempo vivencia acadêmica desses estudantes na instituição, que de forma equivocada, a disciplina que aborda tal tema é ofertada a partir do 4º semestre e não nos períodos iniciais do curso de Administração.

Figura 4 – Tenho conhecimento sobre planejamento e gestão carreira



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Nesse sentido seria interessante que as instituições de ensino, de modo geral, pudessem ofertar uma disciplina sobre o tema, para estimular e dar suporte ao estudante na definição de objetivos e planos de ação para a implementação da carreira profissional.

Observou-se que, a respeito da prática do planejamento de carreira, que 50% dos formandos afirmaram realiza-la, ou seja, metade dos entrevistados,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

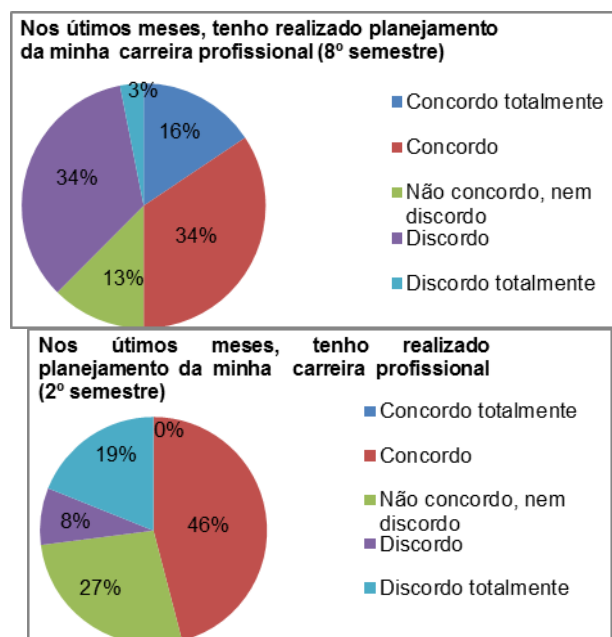
21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



apesar dos mesmos reconhecerem a sua importância para vida profissional. Com isso é possível identificar uma notória resistência por parte destes na efetivação desse plano, visto que se encontram no último período do curso. No caso dos ingressantes, essa situação é um pouco melhor, 65% dos respondentes têm realizado seus planos de carreira. Nota-se que no caso dos ingressantes, essa situação torna-se um pouco mais confortável pelo fato deles ainda estarem no segundo período do curso, onde ainda terão tempo suficiente para aprofundar seus conhecimentos acerca do tema e amadurecer suas convicções em relação à carreira profissional.

Figura 5 – Nos últimos meses, tenho realizado planejamento da minha carreira profissional.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Os números relativamente altos no que tange a falta de planejamento de carreira podem ser justificados dentro do contexto histórico desse tema. Os autores renomados no assunto enfatizam, que apesar do estudo do tema planejamento e gestão de carreira tenham se desenvolvido desde a década de 70 e ganhando espaço no cenário empresarial brasileiro somente a partir da



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



década de 80, vem se intensificando nos últimos anos, em virtude dos novos comportamentos e mudanças de postura que passam a ser exigidos pelas empresas e pela sociedade em geral (DUTRA, 1996). Sendo assim, o Brasil ainda necessita avançar um pouco mais nessa “cultura”.

Outro dado evidenciado na pesquisa, diz respeito à representatividade da universidade na elaboração do plano de carreira dos seus discentes, como se ver no gráfico abaixo, a soma dos respondentes que concordam totalmente com aqueles que apenas concordam, totalizam 56% entre formandos. Os que discordam e/ou discordam totalmente, ambos representam 19%. Já para os ingressantes, os resultados apresentam outra realidade. Os dados apresentados nos gráficos abaixo apontam para distanciamento na influencia da universidade na elaboração de um plano de carreira, em números isso corresponde 33% para indecisos (não concordam e nem discordam) 32% discordam. Estes resultados são reflexos das respostas sobre conhecimento do tema planejamento de carreira, onde mais da metade dos entrevistados disseram desconhecer-lo. Conforme descrito por Dias e Soares (2009), o tema Planejamento de Carreira tem passado por mudanças e ganhado espaço na vida dos universitários, que estão preocupados em ascender profissionalmente em um contexto incerto e instável.



# Seminário do NUPE

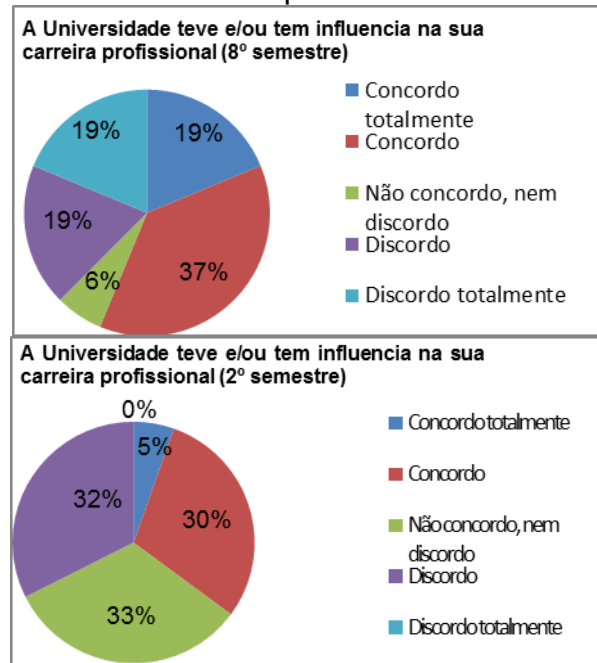
“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Figura 6 – A universidade teve e/ou teve influencia na elaboração na sua carreira profissional.



Fonte: Elaborado pelo autor (2018).

Estes resultados têm uma forte relação com o conhecimento do tema planeamento de carreira, onde mais da metade dos entrevistados disseram desconhecer-lo. Conforme descrito por Dias e Soares (2009), o tema Planeamento de Carreira tem passado por mudanças e ganhado espaço na vida dos universitários, que estão preocupados em ascender profissionalmente em um contexto incerto e instável.

As análises inferidas sobre a participação da família na orientação da carreira, os dados revelam que se for levada em consideração as somas do número de indecisos (não concorda, nem discorda), com os que discordam e os que discordam totalmente, juntos perfazem 56% no oitavo semestre e 49% no segundo semestre, conforme a figura abaixo. Este resultado transparece um leve distanciamento da influencia familiar na projeção profissional dos respondentes.





# Seminário do NUPE

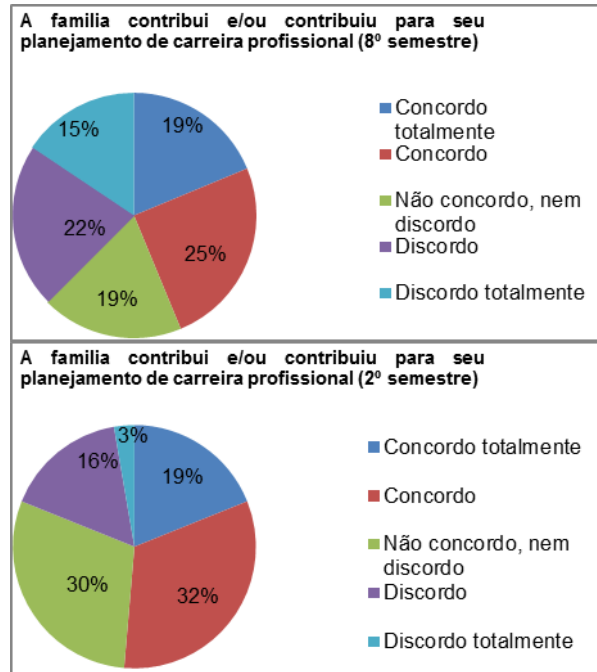
“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Figura 7 – A família contribuiu e/ou contribuiu para seu planejamento de carreira profissional.



Fonte: Elaborado pelo autor ( 2018).

Segundo Dutra (1996), na hora de se decidir sobre a carreira profissional, muitos aspectos são levados em consideração, dentre eles a relação com a família tanto em termos afetivos quanto materiais; os compromissos assumidos; necessidades econômicas, reconhecimento e realização; as expectativas formadas em relação ao desenvolvimento pessoal e profissional, entre outros devem ser ponderados.

No que tange ao papel das organizações no processo de planejamento de carreira, a pesquisa revelou que formandos e ingressantes avaliam salários e benefícios como um critério muito importante para sua vida profissional, respectivamente eles são 75% e 62% dos respondentes; seguido da valorização profissional com 60% dos formandos e 54% dos ingressantes; no tocante ao ambiente de trabalho agradável esses números são respectivamente, 53% e 32,4% dos respondentes; plano de carreira e crescimento profissional 28% para os formando e 48% para os ingressantes;



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



oportunizar novos desafios também foi bem avaliado, ela representa 28% dos formandos e 24% para os calouros; boa imagem no mercado tem sua relevância, os formandos são 16% e ingressantes 24%; carreira internacional, boa infraestrutura, empresas com políticas inovadoras e flexibilidade de horários apresentaram pouca relevância como critério, conforme apontam os gráficos. Nenhum dos respondentes assinalou Outros critérios.

Segundo Chiavenato (2010) a oferta de benefícios e serviços prestados pela organização aos seus colaboradores influencia poderosamente o grau de qualidade de vida na organização. Dessa forma, as organizações oferecem alguns benefícios no intuito de atrair e reter de colaboradores com potencial. É comum muitos profissionais ficarem motivados e até mesmos se sentirem valorizados com a oferta de benefícios, entretanto é bom lembrar que uma empresa não está necessariamente valorizando um profissional só com esses investimentos, Gramigna

(2002) ressalta que a valorização vai além do reconhecimento financeiro, é necessário haver o respeito pelo profissional e suas competências; a aceitação de sugestões potenciais; a segurança em tomar as decisões e a perspectiva de crescimento.

É importante que o profissional trace seu plano de carreira sem desconsiderar que a empresa a qual ele pretende trabalhar e/ou já trabalha tem a lhe proporcionar, não apenas naquilo que é de direito, mas também na oferta de incentivos que promovam seu bem-estar, desenvolvimento profissional, pois o que se sabe é que na maioria das organizações isso não ocorre como deveria.

## **Considerações finais**

Considerando que o planejamento e a gestão carreira profissional é uma estratégia que comina em vantagem competitiva, essa pesquisa foi de grande relevância, pois através dela foi possível identificar quais as percepções dos estudantes do curso de Administração da Universidade do Estado da Bahia



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Campus XI - Serrinha-Ba sobre essa temática, assim como também identificou o grau de relevância de alguns fatores que condicionam a elaboração de um plano de carreira para os estudantes do campus.

A turma do oitavo semestre 2014.1 possui 44 estudantes e destes, 32 responderam ao questionário e a pesquisa apontou que 75% deles acreditam que o planejamento e a gestão de carreira são ferramentas relevantes para o sucesso profissional. Os ingressantes (calouros) pertencem à turma do semestre 2017.1 e totalizam 38 estudantes e a maioria deles também tem percepções semelhantes sobre o tema, 84% deles dos respondentes, isto é, dos 37 estudantes que responderam ao questionário 31 deles concordam com essa tese. Esse resultado evidencia que ingressantes e formandos reconhecem a importância do planejamento e da gestão de carreira para seu desenvolvimento profissional.

Sobre a prática do planejamento de carreira entre os estudantes entrevistados constatou-se que nos dois casos, ela ainda não ocorre de forma efetiva. No 8º semestre, os que afirmaram estão realizando um plano de carreira, corresponde a 51 % dos que responderam ao questionário, já no 2º semestre isso representa 46 % dos respondentes. Em um cenário, em que o mercado de trabalho apresenta-se cada vez mais competitivo, com esse resultado a pesquisa revela que existe certa resistência na execução desse plano por parte dos estudantes, embora os mesmos reconheçam sua importância.

De acordo com os dados obtidos a universidade também tem um papel relevante na formulação do plano carreira na concepção dos estudantes dos dois períodos, eles também acreditam que a participação da família exerce sua contribuição nesse contexto, mesmo com menor relevância, como aponta os dados.

Com relação ao papel das organizações na elaboração de um plano de carreira, os respondentes levam em consideração questões como salários e benefícios, valorização profissional, ambiente agradável de trabalho, plano de carreira profissional, etc.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Considerando o exposto, acredita-se que o estudo dessa temática seja importante não somente para os acadêmicos que estão concluindo o curso, mas também para aqueles que estão ingressando na instituição, pois se trata de questões como orientação e plano de carreira profissional, e conseqüentemente diz respeito à vida como todo. Sendo assim, sugere-se à Instituição que volte mais olhos a esse tema, promovendo mais palestras e/ou até mesmo podendo inserir uma disciplina exclusiva para tratar esse tema com abrangência.

Podemos concluir que o planejamento e a gestão de carreira são ferramentas que apresentam relevância na vida de todos aqueles desejam ter uma vida profissional e pessoal com condições favoráveis. E, por fim, pode-se afirmar que esta é a mesma percepção dos estudantes da Universidade do Estado da Bahia, Campus XI - Serrinha – BA.

## Referências:

ARAÚJO, Luís Cesar. **Gestão de pessoas: estratégias e integração organizacional**. São Paulo: Atlas, 2006.

BASTOS, A. V. B. **A escolha e o comprometimento com a carreira: estudo entre profissionais e estudantes de administração**. REVISTA DA ADMINISTRAÇÃO. São Paulo, V. 32, n.3, 1997.

BASTOS, Fernanda Santos. **A contribuição da universidade para a formação do sujeito moral**. Práxis Educacional, Vitória da Conquista, v. 4, n.5, p. 173-190 jul./dez.2008. Disponível em:  
<<http://periódicos.uesb.br/index.php/praxis/article/view>

CAMBI, F. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.

CARAVANTES, Geraldo R.; BJUR, Wesley E. **Magia e gestão: aprendendo a readministrar sua vida pessoal**. São Paulo: Makron Books, 1997.

CHIAVENATO, Idalberto. **Carreira: você é aquilo que faz**. São Paulo: Saraiva, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de Pessoas**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2011.

DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. **Planejamento de carreira**: uma orientação para estudantes universitários. São Paulo: Vetor, 2009.

DUTRA, J. S. **Administração de carreiras**: uma proposta para repensar a gestão de pessoas. São Paulo: Atlas, 1996.

DUTRA, Joel Souza (Org.) **Gestão de carreira na empresa contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2010.

FEITOSA, M.G.G.; FRANCO, A.P. Da sala de aula de aula ao mundo empresarial: compreendendo a aprendizagem dos consultores juniores em suas relações com o sistema cliente. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DA PÓSGRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO-ENANPAD, XXX, 2006, Salvador/BA. Anais. Salvador: ANPAD, 2006, 1 CD ROM.

File/323/356>. Acesso em: 27 de abril 2018

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRAMIGNA, M. R. **Modelo de competências e gestão de talentos**. São Paulo: Makron Books, 2002.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. Tradução de Gaetano Lo Monaco. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARTINS, H. T. **Gestão de Carreiras na era do conhecimento**: Abordagem Conceitual & Resultados de Pesquisa. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração**: da revolução

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Plano de carreira**: foco no indivíduo: como elaborar e aplicar para ser um profissional de sucesso. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SORES, D. H. P. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo. Summus, 2002.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



VEGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 12. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## DINÂMICA DA PAISAGEM E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL DAS EMPRESAS DO RAMO DE AUTOPEÇAS EM FEIRA DE SANTANA/BA

**Cleber de Souza Couto**

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

[cleber.couto@yahoo.com.br](mailto:cleber.couto@yahoo.com.br)

**Carlos Rangel Portugal Pereira**

UNEB- Universidade do Estado da Bahia

[rangel2405@gmail.com](mailto:rangel2405@gmail.com)

**Adriana Batista Mattos**

ADAB – Agência Estadual de Defesa Agropecuária da Bahia

[adrian-abm@hotmail.com](mailto:adrian-abm@hotmail.com)

### Resumo:

Feira de Santana, na Bahia, se destaca como centro de referência regional de comércio. É deste espaço que trata o presente estudo, com os objetivos de discutir, através das revelações e ocultações da paisagem, quais os significados da localização espacial das empresas de autopeças na cidade; levantar questionamentos quanto ao processo de formação da aglomeração de empresas deste ramo em áreas do centro da cidade; discutir se e de que maneira a reunião dessas empresas contribui para o desenvolvimento local. A metodologia utilizada baseou-se na observação da área central, buscando determinar a localização espacial das empresas do ramo de autopeças e levantar questões das causas e consequências geográficas, históricas, econômicas e sociais dessa espacialização, através de referências bibliográficas. Constatou-se a possibilidade da paisagem determinar locais de maior concentração de empresas de um ramo de atividade em uma cidade, embora haja limitações da paisagem como única ferramenta para o conhecimento do ordenamento e da dinâmica de tal espaço. Assim, essa observação não é suficiente para determinar e/ou compreender que fatores contribuíram para essa concentração e nem o seu significado. Evidenciou a importância de Feira de Santana como um centro regional de comércio e a carência de informações específicas em relação à Rua São José.

**Palavras-chave:** Paisagem. Localização espacial. Feira de Santana.

### Introdução

As formas urbanas atuais são, em grande parte, frutos da intervenção humana, por um período de tempo no “substrato espacial material”, e se expressam através da paisagem. E, se é verdade que não se deve tomar a paisagem como única ferramenta de análise do espaço geográfico, não se pode negar a importância desta, como sua primeira percepção.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A paisagem pode ser, justamente, o fator que irá despertar a necessidade de estudos mais aprofundados, que visem verificar o que afinal significa aquela configuração espacial e, finalmente, aquele espaço. O município de Feira de Santana, no Estado da Bahia, possui grande importância como cidade central de atendimento, para onde converge a demanda comercial de uma vasta região. Diversos estudos têm demonstrado essa aptidão comercial da cidade e esse fato tem contribuído para determinar sua configuração territorial, e é o que vê quem circula pelas suas vias, principalmente das áreas centrais.

Através da paisagem do centro da cidade de Feira de Santana, se pode observar dois pontos de concentração de atividades comerciais destinadas a venda de autopeças: a Praça da República (próxima à Praça da Matriz) e a Rua São José e vias adjacentes. São consideradas como vias adjacentes a São José, as ruas perpendiculares a esta e as avenidas que lhes são paralelas: Senhor dos Passos e José Falcão da Silva. Pode-se perceber na paisagem das áreas citadas como, com o passar do tempo, as lojas destinadas ao comércio de autopeças na Praça da República têm sido substituídas por lojas destinadas ao comércio de produtos importados, devido à expansão das atividades do “*Shopping Center* popular denominado Feiraguai” (SANTOS, 2013, p.2), que lhe tem proximidade.

Percebe-se também, como tem crescido o número de lojas destinadas ao comércio de peças automotivas na Rua São José e vias adjacentes, bem como, de outras “empresas” (formais e informais) relacionadas com esse ramo de atividade, tais como oficinas mecânicas, retificadoras, etc. Contudo, a reunião dessas lojas do ramo de autopeças na área estudada, provoca em si questões outras, que tão somente a contemplação da paisagem é incapaz de responder.

Nesta perspectiva é que se entende que a paisagem da Rua São José, ao demonstrar a concentração de empresas de determinado ramo de atividade (comércio de autopeças) nesta via e nas vias adjacentes, possibilita reconhecer, mais amiúde, as questões geográficas, históricas, sociais,



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



econômicas e políticas que influenciaram nessa concentração, bem como, verificar se essa concentração significa apenas um processo de coesão ou possui características que podem caracterizá-la com sendo a formação de um *cluster* ou arranjo produtivo local e se essa concentração tem contribuído para o desenvolvimento local.

Deste modo, são objetivos do trabalho: discutir através das revelações e ocultações da paisagem, quais os significados da localização espacial das empresas de autopeças em Feira de Santana; levantar questionamentos quanto ao processo de formação da aglomeração de empresas deste ramo em duas áreas do centro da cidade (principalmente na Rua São José e vias adjacentes); discutir se e de que maneira a reunião dessas empresas contribui para o desenvolvimento local.

A metodologia utilizada para o trabalho baseou-se na observação da área central (comercial) de Feira de Santana, buscando determinar, através das formas das vias que a compõe, a localização espacial das empresas do ramo de autopeças e levantar questões das causas e consequências geográficas, históricas, econômicas e sociais dessa espacialização.

A visualização das formas foi realizada através da locomoção destes observadores, pelas vias ou canais de circulação, de modo tanto habitual, como ocasional e potencial, conforme sugere Lynch (1997), em seu mais conhecido trabalho - A Imagem da Cidade. A circulação pela cidade facultou perceber os locais de maior concentração das empresas do ramo de autopeças e despertou o interesse do aprofundamento do estudo dessas áreas, dando especial atenção à Rua São José e suas vias adjacentes. A visualização das formas das vias do centro comercial da cidade e a observação da existência de duas áreas de concentração de empresas do ramo de autopeças (Praça da República e Rua São José e vias adjacentes) despertaram questionamentos desde a própria contribuição da paisagem para o estudo do espaço urbano, passando pelas possíveis causas e chegando até a repercussão dessa concentração para o desenvolvimento (social e econômico) dessa concentração.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A bibliografia utilizada relativa ao estudo da paisagem do centro comercial de Feira de Santana e da Rua São José, encontra-se ancorada em constatações de Souza (2013), no que se refere ao conceito de paisagem, considerando a sua complexidade e não isenção de controvérsias, mas, sobretudo, em sua importância na pesquisa sócio-espacial, tendo como apoio os pensamentos de diversos outros autores, tais como: Santos (1985, 2006, 2008a, 2008b); Lynch (1997); Maciel (2001); Corrêa (2005).

## Espacialização das empresas de autopeças em Feira de Santana

Neste estudo, a paisagem é tomada no seu conceito mais específico “ligado, primordialmente, ao *espaço abarcado pela visão de um observador*” (SOUZA, 2013, p. 43-44), ou seja, o que vê o observador ao transitar pelas vias do centro da cidade de Feira de Santana? É possível, através da observação das paisagens vistas, determinar os locais de concentração de empresas de determinado ramo de atividade? A pura e simples visão desta paisagem é capaz de fornecer informações confiáveis a respeito dos fatores desencadeadores desta concentração e do que efetivamente ela significa?

Santos (2008a) ao discutir a relação entre os conceitos de paisagem, configuração territorial e espaço, faz algumas afirmações que muito contribuem para o entendimento e a possibilidade do uso do conceito de paisagem, a saber, é apenas uma parte da configuração territorial do espaço,

....é o conjunto de objetos que o nosso corpo alcança e identifica. O jardim, a rua, o conjunto de casas a nossa frente, como simples **pedestre**” (grifo nosso) (p. 84); “não é total, mas parcial. Ela é sempre setorial, um fragmento, e por isso mesmo sua percepção nos engana **e não pode, diretamente** (grifo nosso), conduzir-nos à compreensão do real, porque nunca se dá como um todo (SANTOS, 2008<sup>a</sup>, p. 85).

O conceito de paisagem utilizado no trabalho encontra-se ancorado nas palavras de Souza (2013) no que se refere à sua complexidade e não isenção de controvérsias, seu conteúdo fortemente visual e representacional, que é uma forma, uma aparência, que o conteúdo “por trás” da forma pode estar em



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



consonância e/ou em contradição com a forma ou o que ela por hábito nos sugere, mas, sobretudo, na admissão de sua importância na pesquisa sócio-espacial.

No entendimento de Santos (1985), a forma é uma das categorias de análise do espaço (função, estrutura e processo) e não devemos tomá-la individualmente para discutir os fenômenos espaciais, uma vez que representam realidades parciais, limitadas e que não se deve construir uma base teórica e metodológica unicamente com base nela.

Maciel (2001, p.1), ratificando tanto a importância, quanto as controvérsias relativas à paisagem, afirma que “como instrumento de apreensão do espaço pela geografia, ela representa uma de nossas mais ricas tradições, e também mais profundas querelas”. Com relação à cidade, esta é concebida neste trabalho, em concordância com o entendimento de Corrêa (1995), como sendo o resultado da ação de diversos agentes sociais (os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos), que a fazem e a refazem continuamente.

Em certa medida, é bastante comum discutir a aptidão comercial de Feira de Santana. Nascida primordialmente de uma feira de gado, a cidade já há algum tempo passou a se destacar como importante centro regional de comércio. Vários estudos corroboram para ratificar essa afirmação.

Silva (2000, p. 7-8) observa que “o processo mais amplo de construção de uma identidade social urbana em Feira de Santana” se deu “inicialmente em torno da ideia de uma cidade de clima especial, e depois, com o abandono desta, a partir de uma visão da cidade como espaço civilizado e progressista, cuja expressão mais concreta seria a maximização de suas potencialidades comerciais”.

Tricart e Santos (1958, p. 38), afirmam que o desenvolvimento alcançado por Feira de Santana e a penetração do seu comércio em outras “regiões urbanas da Bahia”, se deveu ao fato de: ser um importante entroncamento rodoviário; ter uma localização geográfica favorável (“a meio



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



caminho entre a costa e o interior”), ressaltando a proximidade com a capital; possuir uma importante indústria de couro.

Poppino (1968, p. 10), constatou que em 1950 Feira de Santana já era “uma das mais importantes comunidades da Bahia. Em população, o município ocupava o quarto lugar no Estado, enquanto a cidade vinha em segundo lugar, após a capital”. E, segundo este autor, “essa importância explica-se pela feliz combinação de fatores geográficos e humanos que fazem de Feira de Santana a *Princesa do Sertão*”.

Atualmente, Feira de Santana é estruturada pelo seu conjunto de vias organizadas, apresentando todo conteúdo das imagens, limites, bairros, pontos nodais e marcos e pode ser considerada uma cidade legível, uma vez que esses bairros, marcos ou vias, são facilmente reconhecíveis e agrupados em um modelo geral, especialmente nas áreas centrais e nas próximas a estas (LYNCH, 1999).

A Rua São José é uma das vias que compõem a cidade de Feira de Santana. Está localizada entre os Bairros Centro e Baraúna e se estende da Praça Froés da Mota (Centro), até a Avenida Padre José de Anchieta, conhecida como Avenida do Canal (Baraúna). No decorrer de sua extensão, esta via é entrecortada ou interceptada por quatro outras ruas: Santos Dumont, Carlos Valadares, Intendente Abdon e Artur de Assis. Destas vias, a Rua Carlos Valadares é a que possui maior destaque no número de lojas do ramo de autopeças, ficando atrás apenas da Rua São José. Nesta mesma perspectiva, ganha importância também as vias paralelas a São José, como as Avenidas Senhor dos Passos e José Falcão da Silva. Ressalte-se, porém, que à medida que estas vias se distanciam da São José, a imagem sofre alterações, uma vez que se reduz o número e, conseqüentemente, a concentração de lojas do comércio de autopeças.

Apesar de não ser uma via de largura e extensões consideráveis, a Rua São José pode ser entendida como uma via principal, pois possui qualidades singulares, que a diferenciam dos canais de circulação circundante (LYNCH, 1999), como a concentração de empresas comerciais de autopeças e





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



serviços relacionados, ser limite de dois bairros (Centro e Baraúna) e servir como ligação com grandes bairros residenciais, como Sobradinho, Jardim Cruzeiro, Cruzeiro, Pampalona e Asa Branca.

Existe uma carência quanto a referências bibliográficas específicas sobre a Rua São José e suas vias adjacentes. As citações encontradas são relativas a trabalhos que tratam, principalmente, da prostituição em Feira de Santana: Silva (2000), Silva (2004) e da vida de um militante político feirense perseguido pela ditadura militar (Cerqueira, 2002), quando, geralmente, é denominada de Minadouro.

No decorrer deste trabalho serão consideradas vias adjacentes à São José, as ruas perpendiculares: Santos Dumont, Carlos Valadares, Intendente Abdon e Artur de Assis e as avenidas paralelas Senhor dos Passos e José Falcão da Silva. Importa fazer este esclarecimento porque a concentração de empresas de autopeças não se dá apenas na Rua São José, apesar de ser esta a de referência no imaginário popular.

A paisagem atual da Rua São José e vias adjacentes, mesmo demonstrando a função comercial atual de suas formas para atender aos anseios atuais da sociedade (SANTOS, 2006), não deixa de refletir as diversas lutas sociais e econômicas travadas no decorrer do tempo. Na Rua São José, principalmente, e em suas vias adjacentes havia, em passado não muito distante, uma grande concentração de casas de prostituição. Essa atividade formava a paisagem destas vias. Com o crescimento da cidade de Feira de Santana e a consequente ampliação do seu centro, o comércio necessitou de maior espaço. Assim sendo, ocorreu à absorção do espaço da Rua São José e suas vias adjacentes por empresas comerciais, mais especificamente, do ramo de autopeças, o que transformou a função e consequentemente a forma (paisagem) destas vias.

A importância da Rua São José na concentração deste tipo de atividade tem crescido, principalmente depois da implantação do “*Shopping Center* popular denominado Feiraguai” (SANTOS, 2013, p. 2), que tem expandido suas atividades para as áreas circunvizinhas (inclusive para a Praça



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



da República), competindo e provocando a valorização imobiliária do espaço físico e, de certa forma, expulsando as lojas de autopeças.

Como discutido anteriormente, a paisagem das citadas vias não é suficiente para esclarecer o que ocorre além da aparência, quais as relações existentes, quais as causas e consequências da reunião de empresas de um mesmo ramo de atividade. Entretanto, através da observação das formas das vias do centro da cidade de Feira de Santana, foi possível determinar os locais de maior concentração de empresas comerciais do ramo de autopeças.

Existe dificuldade em se analisar a conformação atual da Rua São José e suas vias adjacentes. Esta dificuldade deve-se principalmente às limitações decorrentes do próprio uso da paisagem como única base teórica e metodológica, por representarem realidades parciais, conforme preceitua Santos (1985). Outras dificuldades devem-se a limitação e carência de registros históricos, específicos, deste espaço urbano.

A busca por registro fotográfico de épocas passadas da Rua São José e suas imediações, mostrou-se, também, infrutífero. Segundo o fotógrafo Antonio Ferreira de Magalhães, um dos autores da obra *História nas Lentes* (2009), que contém 142 imagens relativas à cidade de Feira de Santana e produzidas entre os anos de 1968 e 1988, a inexistência de fotos da referida área se deve a certa resistência (receio) das pessoas, no passado, em relação a esta técnica, bem como, por este ser um espaço associado à prostituição, o que não oferecia maiores atrativos e pelo fato de que os frequentadores da área não queriam ser associados ao local.

Contudo, a imagem da Rua ficou “gravada” na memória de uma geração dos habitantes da cidade e vai sendo transmitida de forma oral para as novas gerações, mas tendendo a se perder no tempo. Convém esclarecer a estreita ligação da Rua São José, no passado, com a prostituição. O que pode ser constatado, mesmo que indiretamente, no trabalho de Cerqueira (2002, p.43) quando este afirma que na tentativa de prender o militante feirense de esquerda Santa Bárbara, a Polícia Federal e o DOPS percorriam os prostíbulos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



da cidade e cita entre eles o Minadouro, que corresponde atualmente à Rua São José, bem como ainda figura no imaginário popular.

Como em outras cidades, o ordenamento urbano da cidade de Feira de Santana é decorrente de decisões políticas e sociais do passado. Na medida em que os dirigentes políticos e as classes mais abastadas decidiram por transformar a cidade em centro comercial de referência regional, diversas ações foram adotadas para alcançar esse objetivo.

Possivelmente, as ações adotadas no centro da cidade como um todo, podem ser admitidas como sendo as mesmas que foram adotadas na Rua São José e suas vias adjacentes, reconhecendo, entretanto, um hiato temporal, uma vez que a área da Rua São José não era tão “central” assim. Assim sendo, só após a ocupação das áreas mais centrais pelo comércio é que a Rua São José e suas imediações passaram a ser utilizada para este fim. Assim, verifica-se que alguns trabalhos têm demonstrado a ação do Estado e de grupos sociais privilegiados sobre a conformação urbana do centro da cidade de Feira de Santana desde tempos mais remotos, mais especificamente no que se refere à absorção de áreas dedicadas à prostituição pelo comércio.

Esse esclarecimento se justifica, uma vez que a configuração territorial atual, e conseqüentemente a paisagem da Rua São José possa ser decorrente de ações governamentais (estatais) que visavam dar uma redefinição espacial à Feira de Santana, no sentido de dar-lhe maior destaque em relação a outras cidades da região. Neste sentido, o trabalho de Silva (2004, p.1) pode fornecer alguns esclarecimentos. A autora ao “analisar os discursos sobre as práticas sexuais ‘ilícitas’, especificamente a prostituição, durante o processo da ditadura militar entre 1960 e 1980, e as políticas de redefinição espacial da cidade de Feira de Santana e suas implicações com a prostituição”, constata que:

...no período do regime militar, ocorreu a reestruturação da cidade com o intuito de destacá-la das demais do sertão nordestino. Na década de 70 (setenta), esse processo aprofunda-se em meio ao desenvolvimento industrial e comercial, evidenciado, pela implantação do Centro Industrial Subaé. (IBDEM, p. 2)



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Acrescenta ainda Silva (2004, p.4) que “no processo de organização da cidade houve uma tentativa de relocar (*sic*) os prostíbulos do centro para a periferia com o propósito de dar lugar a novos imóveis centrais para a expansão comercial”. O que contribuiu para “uma significativa mudança espacial em Feira de Santana”. Existem contribuições teóricas sobre a disposição das atividades econômicas no espaço geográfico, através da colaboração de economistas e geógrafos da geografia urbana e regional (geografia espacial) e da geografia econômica.

Fica, no entanto, determinado que a Rua São José e suas vias adjacentes formam uma aglomeração de empresas comerciais do ramo de autopeças. Essa aglomeração pode ser considerada apenas como uma coesão ou “magnetismo funcional” (área especializada), entendendo que as empresas comerciais do ramo de autopeças buscaram se localizar juntas, criando um monopólio espacial, atraindo consumidores, mas sem manter relações entre elas (CORRÊA, 1995). Ou pode ser percebida como formando um *cluster* ou Arranjo Produtivo Local – APL, que além de obter os benefícios da proximidade de localização, existe uma coordenação de ações entre os agentes que faculta resultados mais favoráveis.

Parece unânime a aceitação de que o economista inglês Alfred Marshall, utilizando o conceito de rendimentos crescentes de escala, a partir da experiência dos distritos industriais da Inglaterra no século XIX, foi o primeiro a considerar as vantagens da aglomeração dos produtores, prestadores de serviços, inclusive, decorrente da apropriação de economias externas (MARSHALL, 1985).

Diversos autores utilizaram-se do estudo de Marshall para analisar as vantagens competitivas obtidas pelas empresas decorrentes da concentração geográfica de setores econômicos, apresentando várias contribuições para o assunto, a exemplo de Krugman e Porter. Krugman também se dedicou ao estudo da importância das economias externas e da tendência à aglomeração da atividade produtiva. Seu estudo propõe uma aplicação na dimensão regional do entendimento das externalidades, uma vez que a apropriação dos retornos



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



para firmas, decorrentes da concentração geográfica, em um mercado em concorrência imperfeita, se dá a nível regional e local e não a nível nacional (KRUGMAN, 1991).

Os estudos de Porter (1990), a exemplo de Marshall, demonstram que as empresas que se encontram concentradas em um espaço tendem a apresentar um desempenho competitivo maior do que as isoladas, pela possibilidade de obter acesso a serviços e informações que estão disponíveis para os diversos produtores localizados no entorno da concentração. Ele denomina de *clusters* essas aglomerações produtivas, e destaca a possibilidade de catalisação dos recursos de uma economia, pela coordenação das ações entre os agentes envolvidos, inclusive com o apoio do Estado e das instituições de pesquisa.

Os trabalhos que tratam das aglomerações empresariais, desde Marshall, passando por Porter e até os mais recentes que tratam dos APLs, têm se detido mais especificamente sobre as indústrias, o que, de maneira alguma, inviabiliza sua compreensão e adaptação ao setor comercial. É significativo citar o trabalho de Rosenfeld (2005) que sugere que os *clusters* varejistas (comerciais) apresentam maior competitividade pela concentração geográfica dos estabelecimentos e pela interdependência entre eles o que proporciona a vivência dos mesmos problemas e, também, os benefícios das mesmas oportunidades.

A utilização do termo Arranjo Produtivo Local surge no final da década de 1990, para abrigar a ampla diversidade do fenômeno das aglomerações, quando as discussões sobre o apoio das políticas públicas poderiam fomentar o desenvolvimento dessas aglomerações e se constituir como um promissor instrumento de política pública (COSTA, 2010). Na verdade não se pode denominar toda e qualquer aglomeração territorial como sendo um Arranjo Produtivo Local – APL. Existem elementos que dão “coesão e sustentabilidade para um processo virtuoso de desenvolvimento: a institucionalidade intra-aglomerado derivada da existência de capital social e da capacidade de governança dos agentes locais” (COSTA, 2010, p.19).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Zaccarelli *et al.* (2008) propõem, inclusive, certos parâmetros, que denomina fundamentos de performance competitiva de *clusters*, para evidenciar a vantagem competitiva presente nesse aglomerado, a saber: 1º grupo – Viável por auto-organização; não demanda: (1. concentração governança geográfica em área reduzida; 2. abrangência de negócios viáveis e relevantes; 3. especialização das empresas; 4. equilíbrio com ausência de posições privilegiadas; 5. complementariedade por utilização de subprodutos; 6. cooperação entre empresas; 7. substituição seletiva de negócios; 8. uniformidade de nível tecnológico; 9. cultura da comunidade adaptada ao cluster; 2º grupo – Inviável por auto-organização; demanda governança: (10. caráter evolucionário por introdução de tecnologias; 11. estratégia de resultado orientada para o cluster).

Villela e Soares (2009, p. 60), também defendem a importância dos APLs para o desenvolvimento econômico e social da região em que se encontram e ressaltam a necessidade de um “processo de governança democrática e ativa, onde todos os membros participem”.

As discussões relativas à participação do Estado e instituições de pesquisa como agentes no processo de desenvolvimento e manutenção do possível *cluster* ou APL, são no sentido de que existe uma carência, mesmo tendo um número representativo de instituições nacionais e internacionais, incluindo diversos governos estaduais e municipais envolvidos com o fomento dos aglomerados, tais como: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), o Ministério da Integração Nacional (MI), a Caixa Econômica Federal (CEF), a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), a Confederação Nacional da Indústria (CNI) e suas diversas afiliadas, o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), o Banco do Brasil (BB), o Banco da Amazônia (BASA), o Banco do Nordeste Brasileiro





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



(BNB), o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o Banco Mundial (BIRD).

Nada impede que caso seja constatada que a aglomeração de empresas de autopeças na Rua São José e vias adjacentes não formem um APL, que se utilize dos estudos como base para ações dos agentes envolvidos nessa concentração, incluindo aí o Estado e as instituições de pesquisa, no sentido de proporcionar uma maior articulação e conseqüentemente o desenvolvimento do local e da cidade de Feira de Santana.

Para análise da repercussão ou não desse aglomerado de empresas de um mesmo ramo, no que refere ao desenvolvimento local de Feira de Santana, a Teoria do Desenvolvimento Endógeno pode contribuir para o estudo. A verificação da participação dos agentes locais no processo, através de decisões autônomas, mas incluindo o setor público (Estado), como sendo um destes agentes. Assim, o conceito de autonomia não chega a ser tão abrangente (ou radical) como o proposto por Souza (2013).

O estudo parte do pressuposto de que o desenvolvimento regional e/ou local pode ser discutido com base na abordagem de teorias que inter-relacionam os aspectos econômicos e espaciais e na possibilidade dos APLs se constituírem em uma das alternativas para o desenvolvimento. Ultimamente, inclusive, tem se defendido que os APLs podem reunir características que geram as sinergias fundamentais para o desenvolvimento econômico e social.

Em geral, nos estudos da utilização da Teoria do Desenvolvimento Endógeno, tem se verificado a formação de parcerias público privadas, tendo o governo local o papel de legitimador da mobilização dos agentes locais.

Costa (2010), acredita que apesar da importância dos APLs como um promissor instrumento de política econômica, em geral, as ações públicas de apoio ao desenvolvimento destes aglomerados carecem de melhor direcionamento e coerência, no sentido de potencializar e otimizar a atuação do Estado. Propõe, assim, estabelecer uma agenda para intervenção do setor público, visando o desenvolvimento de arranjos produtivos consolidados.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Observa-se que esta potencialização e otimização da atuação do espaço possam ser extrapoladas além do universo dos arranjos produtivos consolidados, e possam alcançar aglomerações que tenham ocorrido de forma independente e mesmo que não estejam em um estágio de grande evolução, possuam características favoráveis a seu ajustamento.

## Considerações Finais

A revisão bibliográfica realizada demonstrou limitações do uso da paisagem como única ferramenta para o conhecimento de determinado espaço territorial. Diversos autores afirmam que estudos realizados utilizando unicamente a paisagem como referência podem e, certamente serão, superficiais e, mesmo, equivocados. O presente trabalho não teve como escopo defender a utilização da paisagem como uma possibilidade única para realização de pesquisa sócio-espacial, mas buscou conhecer melhor a determinação deste conceito, bem como, sua importância e os questionamentos relativos à sua aplicação.

Constatou-se, contudo, que através da paisagem é possível determinar os locais de maior concentração de empresas de um ramo de atividade (comércio de autopeças), em uma cidade (Feira de Santana). Entretanto, essa observação não é suficiente para determinar e/ou compreender que fatores contribuíram para essa concentração e nem o seu significado.

A pesquisa ratificou a importância de Feira de Santana como um grande centro regional de comércio, bem como evidenciou a carência de informações específicas em relação à Rua São José e suas vias adjacentes. Nesta perspectiva é que em uma análise da formatação atual da Rua São José não se pode deixar de considerar a história da cidade de Feira de Santana como um todo, desde a sua “fundação” até os dias atuais, passando por aspectos de seu relevo, localização geográfica, aptidão econômica, entre outros fatores.

Atualmente, o saber popular relaciona a Rua São José (comumente conhecido como Minadouro), no Bairro Baraúna e Centro, ao comércio de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



peças automotivas e em seus serviços relacionados, como oficinas mecânicas e retificadoras. Por outro lado, a memória mais antiga resgata a imagem de uma área caracterizada pela prostituição. A paisagem atual desta via ratifica a ideia de um espaço dedicado ao comércio, principalmente de autopeças, e seus serviços relacionados, haja vista o que se vê são fachadas de lojas dedicadas a esta atividade, restando pouquíssimas fachadas com “aparência” de residência em toda sua extensão. Se, por um lado, a reunião nesta área de empresas de um mesmo segmento (processo de coesão ou economias de aglomeração) pode representar a formação de um *cluster* ou Arranjo Produtivo Local - APL, por outro lado, pode significar a expulsão de uma parte da população anteriormente residente, para outras áreas.

Diversas teorias foram levantadas na discussão do estudo da configuração espacial da Rua São José e vias adjacentes, conforme algumas citadas neste trabalho. Entretanto, uma melhor adequação e aprofundamento dos estudos destas teorias serão realizados em momento posterior de ampliação da pesquisa para a configuração espacial de Feira de Santana, considerando sua funcionalidade.

## Referências Bibliográficas

AMARAL FILHO, Jair. É negócio ser Pequeno, mas em Grupo. In: **Desenvolvimento em Debate: painéis do desenvolvimento brasileiro II**. Org. de Ana Célia Castro, BNDES, Rio de Janeiro, 2002. p. (indicar as páginas

CAMPOS, Antonio Carlos de, CALLEFI, Patrícia, SOUZA, João Batista da Luz de Souza. A teoria de desenvolvimento endógeno como forma de organização industrial. **Acta Sci. Human Soc. Sci. Maringá**, v. 27, n. 2, p. 163-170, 2005.

Disponível em:

<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/197/145>. Acesso em: 30.05.2014.

CERQUEIRA, Ruy. **Santa Bárbara: O Estudante da Guerrilha. A vida e a trajetória política do único estudante de Feira de Santana que se tornou guerrilheiro**. Feira de Santana: Gráfica Modelo, 2002.

CORREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



\_\_\_\_\_. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro: 5(3): 115-121, 1992.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, Iná Elias de, GOMES, Paulo Cesar da Costa e CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p .

COSTA, Eduardo José Monteiro da. **Arranjos Produtivos Locais, Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional**. Brasília: Mais Gráfica Editora, 2010.

KRUGMAN, Paul. **Geography and trade**. Cambridge: MIT Press. 1991.

\_\_\_\_\_. **What's new about the New Economic Geography?** *Oxford review of economic policy*, v. 14, n. 2. 1998. p

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACIEL, Caio Augusto Amorim. Morfologia da paisagem e imaginário geográfico: uma encruzilhada onto-gnoseológica. **Geographia**, (cidade) Vol. 3, Nº 6, 2001. pgs

MAGALHÃES, Antônio F.; SILVA, Aldo José M.; OLIVEIRA, Clóvis Frederico R. M. **História nas lentes: Feira de Santana pelo olhar do fotógrafo Magalhães**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2009.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de Economia: tratado introdutório**. Série: Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapuã, 1968.

PORTER, Michael. **Vantagens competitivas das nações**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

\_\_\_\_\_. (1998). **Clusters and the new economics of competition**. Harvard Business Review, nov-dc, 1998. p .

ROSENFELD, S. A. Industry clusters: business choice, policy outcome or branding strategy? **Journal of New Business Ideas and Trends**, v. 3, n. 2, p. 4-13, 2005. p .

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

\_\_\_\_\_. **O centro da cidade do Salvador: estudo de geografia urbana.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Salvador: Edufba, 2008b.

SILVA, Aldo José Morais. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana:** Elementos para o Estudo da Construção de Identidade Social no Interior da Bahia (1833 -1937). (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, 2000.

SILVA, Maria Carolina Silva Martins. **Prostituição em Feira de Santana durante o regime militar.** In: Encontro Estadual de História. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2004. Disponível em: [http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh\\_II/maria\\_carolina\\_silva\\_martins\\_da\\_silva.pdf](http://www.uesb.br/anpuhba/artigos/anpuh_II/maria_carolina_silva_martins_da_silva.pdf), Acesso: 13.05.2014.

SILVA, Sylvio Carlos de Mello e. **Teorias de localização e de desenvolvimento regional.** Geografia, 1(2): 1-23, out.1976. Rio Claro – São Paulo. p.

SILVA, Sylvio Carlos Bandeira de Mello e, FONSECA, Antonio Angelo Martins da. Políticas territoriais de integração e fortalecimento dos centros urbanos do Estado da Bahia/Brasil. **IX Colóquio Internacional de Geocrítica.** Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2013.

TRICART, Jean, SANTOS, Milton. **Estudos de Geografia da Bahia.** Salvador: Progresso, 1958.

VILLELA, Lamounier Erthal, SOARES, Luiz Cláudio. Gestão participativa, informação e acesso a financiamentos no Banco do Brasil S/A, na percepção de atores locais e de empresários de micro e pequenas empresas dos APLs de Cabo Frio – RJ e Nova Friburgo – RJ. **APGS**, Viçosa, v1. n.3, pp. 56-75, jul./set. 2009, p

ZACCARELLI, S. B.; TELLES, R.; SIQUEIRA, J. P. L. de; BOAVENTURA, J. M. G.; DONAIRE, D. **Clusters e redes de negócios: uma nova visão para a gestão dos negócios.** São Paulo: Atlas, 2008.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## GESTÃO ESCOLAR A SUA IMPORTÂNCIA NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL DO CAMPO

**Liliane Rangelia Alves de Queiroz**

Universidade Estadual de Feira de Santana

[lili.alves15@hotmail.com](mailto:lili.alves15@hotmail.com)

**Jacqueline Nunes Araujo**

Universidade Estadual de Feira de Santana

[jacnunes3@gmail.com](mailto:jacnunes3@gmail.com)

### Resumo:

A educação do campo é sem dúvidas um tema de extrema relevância a ser discutido, pois, é importante que as especificidades de todos os povos sejam respeitadas. Sendo assim esse presente texto servirá como uma reflexão acerca do eixo: Gestão, Planejamento, Territorialidade, Estudos Ambientais e Sustentabilidade, já que apontamos a gestão como elemento crucial para o bom desenvolvimento da escola como um todo. O presente texto, que se constitui em um recorte da pesquisa “Educação Infantil na zona rural: caracterização e análise do cenário de implementação das políticas de Educação do Campo no município de Feira de Santana”, realizada na Universidade Estadual de Feira de Santana no Centro de Estudos e Documentação em Educação, e tem como objetivo analisar em que medida a gestão escolar na educação do campo contribuí com práticas democráticas no âmbito das escolas de educação infantil. Para respaldar tais estudos nos fundamentamos em autores como Caldart (2004); Cury (2005); Luce e Medeiros (2008), entre outros, além de leis, portarias e decretos que legitimam os direitos dos sujeitos do campo. O texto em análise é de cunho qualitativo e visa investigar o perfil dos gestores, e o seu cotidiano de trabalho. Para atingirmos os objetivos realizamos análises documentais e bibliográficas e entrevistas com gestores com o intuito de analisar as características da gestão adotada na escola pesquisada. Os resultados encontrados apontam o quão relevante é o papel da gestão educacional no que tange ao bom desempenho das práticas e ações cotidianas da escola.

**Palavras-chave:** Gestão Escolar- Educação do Campo- Espaço Infantil.

### Introdução

A educação no campo é sem dúvidas um tema de extrema relevância a ser discutido, pois, é importante que as especificidades de todos os povos sejam respeitadas e isso não deve ser diferente quando se trata da educação das pessoas da zona rural.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Estas instituições em especial enfrentam inúmeras dificuldades, que vão desde a precariedade de no que diz respeito à infraestrutura física, quanto ao descaso e a má qualidade no ensino ofertado.

Lugar onde as crianças costumam conhecer o trabalho desde muito cedo, a educação infantil no campo não é uma etapa da educação muito valorizada, mesmo que existam leis que garantam tais medidas.

Porém sabemos que esses direitos nem sempre são garantidos. A educação rural no Brasil foi algo que sempre esteve em segundo plano. Havia um pensamento que ‘gente da roça não necessita de escola’. Furtado [2003 ou 2004]. Conceitos estes que através de muitas lutas sociais vem sendo rompidos.

Mas para que haja uma educação que propicie melhores condições aos povos do campo, seja na educação infantil ou não é necessário que a gestão da escola pense e propicie no ambiente educacional políticas que sejam apropriadas para os mesmos, pensando e agindo como uma gestão democrática, e levando em conta onde vivem, suas bagagens e vivências.

Partindo do ponto de que a gestão da escola é responsável por analisar, elaborar e lançar propostas que contemplem toda a comunidade escolar é preciso que se pense em uma gestão democrática no sentido mais amplo da palavra.

Uma gestão bem articulada e firmada em conceitos éticos e democráticos deve ter em vista sempre a melhoria da qualidade educacional, a participação e o trabalho coletivo, proporcionando a valoração da cultura local, empoderando os mesmos a orgulhar-se de sua trajetória histórica e cultural, no Art. 12 da LDB diz que, cabe à escola “articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração” entre esta e a sociedade” nesse sentido é necessário repensar, por exemplo, que sejam trabalhados nas escolas do campo assuntos totalmente desconectos com suas realidades, o que acaba por ser desmotivador.

É preciso compreender a educação no campo como um processo de lutas e conquistas dos trabalhadores, dos movimentos sociais, em busca de



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



igualdade de direitos já que os mesmos sofreram e ainda sofrem uma imensa disparidade de oportunidades. Onde o foco da formação desses estudantes eram basicamente forma-los para o mercado capitalista.

A gestão escolar deve compreender o espaço das escolas do campo, como um lugar repleto de cultura, e de saberes que se diferencia do espaço das escolas urbanas, fator esse que deve ser valorizado. Nesse sentido o campo não deve ser entendido apenas como um setor ou local que produz mercadorias ou mão de obra barata.

É preciso compreender que a gestão escolar do campo democrática, torna-se um modelo de gestão decisivo para o desenvolvimento das ações na escola, no qual todos os sujeitos (não somente a gestão) devem para além de identificar os problemas, avalia-los para juntos possibilitarem a sua solução. Para isso faz-se necessário também que a gestão promova a participação coletiva no espaço escolar, possibilitando que esses sujeitos possam também discutir, avaliar, planejar e inclusive deliberar junto à equipe gestora, a fim de promover uma gestão efetivamente democrática.

Vale ressaltar que, quando se trata da construção de uma gestão democrática, não devemos excluir a importância da existência de normas e regulamentos, uma vez que estes buscam a eficácia dos seus objetivos. Sendo assim, o modelo democrático busca que seus atores (gestores, professores, pais, alunos), possam participar de forma assídua atuando em órgãos normativos presentes na escola como, por exemplo: Conselhos Escolares, Unidades Executoras dentre outras, colaborando assim para a construção de uma gestão verdadeiramente democrática.

Existem diversos documentos que respaldam a importância da educação infantil, um documento analisado durante a pesquisa foi o Plano Municipal de Educação de Feira de Santana, que estabelece as diretrizes para políticas de educação no período de (10) dez anos - e fora aprovado em 2011 com vigência até o ano de 2021- apresenta no seu tópico 2 a análise situacional dos campos de ação para a educação de Feira de Santana.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Através da observação na escola pesquisada pudemos notar que a equipe gestora busca sempre cumprir as especificidades e demandas dos alunos da educação infantil, inclusive as citadas acima presentes no Plano Municipal de Educação. Mesmo a instituição não sendo uma escola exclusiva de educação infantil todas as etapas de educação ali presentes têm o mesmo respaldo diante da gestão, a educação infantil não é vista como depósito de crianças, muito pelo contrário, é um local de troca de saberes constante.

## O percurso da pesquisa

A pesquisa tem como objetivo analisar em que medida o trabalho do gestor escolar contribuí com práticas democráticas no âmbito das escolas do campo. Assim como verificar qual é o tipo de gestão efetiva na escola; Analisar as atribuições do gestor e o modelo de gestão vivido na escola de educação do campo; Descrever e analisar os processos meios e estratégias de articulação do gestor na escola do campo para promoção de práticas efetivamente democráticas.

Sendo assim a gestão democrática deve ser:

Voltada para um processo de decisão baseado na participação e na deliberação pública, a gestão democrática expressa um anseio de crescimento dos indivíduos como cidadãos e do crescimento da sociedade enquanto sociedade democrática. Por isso a gestão democrática é a gestão de uma administração concreta. Por que concreta? Porque o concreto (cum crescere, do latim, é crescer com) é o que nasce com e que cresce com o outro. Este caráter genitor é o horizonte de uma nova cidadania em nosso país, em nossos sistemas de ensino e em nossas instituições escolares (CURY apud OLIVEIRA, 2005, p. 20).

A pesquisa que propomos é agregada a um projeto maior, este intitulado Educação infantil na zona rural: caracterização e análise do cenário de implementação das políticas de educação do campo no município de Feira de Santana. É uma pesquisa filiada ao Centro de Estudo e de Documentação em Educação (CEDE) este se situa no Departamento de Educação (DEDU), faz parte da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Para alcançar âmbito das unidades escolares que ofertam a educação infantil, esta pesquisa investiga, sobre o perfil da gestão, o seu cotidiano de trabalho (tarefas de rotina, trabalho pedagógico, equipe e comunidade), o seu modelo de gestão por meio do trabalho, e reflexões acerca da educação infantil.

As atividades de pesquisa envolveram: levantamento, compilação e análise da bibliografia existente sobre a temática; levantamento e pesquisa documental (pareceres, portarias, resoluções) sobre a gestão escolar na educação do campo nas escolas que oferecem a primeira etapa da educação básica, a educação infantil; aplicação de entrevista com a gestão escolar.

A pesquisa consiste em levantamento documental das ações desenvolvidas, do gestor das escolas bem como investigará os efeitos na gestão da educação infantil do campo no âmbito dos distritos pesquisados. A investigação será também por meio de questionários sobre: o perfil dos gestores, recursos humanos e materiais; a formação continuada dos gestores e coordenadores.

Para atingir os objetivos propostos dessa pesquisa foram realizadas análises documentais e bibliográficas e também entrevistas com a gestora de uma unidade escolar, com o intuito de analisar as características da gestão adotada dentro da escola. Entendemos que esta pesquisa contribuirá como um espaço de reflexão sobre o trabalho desses gestores, coordenadores, que atuam nestas escolas do campo. É um desafio posto compreender essa intercessão das políticas para a educação infantil no campo e como se efetiva esse trabalho da gestão escolar.

Analisar o seu cotidiano, as especificidades e dificuldades da gestão na educação do campo, não é uma tarefa fácil, em todo momento nos reportamos ao contexto político e histórico, econômico, para entendermos a construção da administração dessas escolas, situadas em lugares que ao longo da história foram menosprezadas. Diante disso, esse trabalho contribuirá certamente com a formação de profissionais da educação e poderá apresentar também



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



algumas respostas para uma melhoria na organização do sistema municipal, na rede da educação de Feira da Santana e seus distritos.

Diante do exposto e para respaldar as nossas afirmações acerca da importância da gestão escolar nas escolas de educação infantil do campo, realizamos observações e questionários em uma escola do campo, especificamente com a equipe gestora da instituição a fim de analisar as práticas/ações que permeiam a rotina da gestão escolar da instituição pesquisada.

## **A escola observada**

Para respaldar nossa pesquisa, além das análises bibliográficas realizamos observação e aplicação de questionário em uma escola pública Municipal. Foram desenvolvidos tanto a observação quanto a aplicação do questionário na Escola Núcleo Municipal Agrário de Oliveira Melo que está situada na sede do Distrito Governador João Durval Carneiro-Ipuaçu na Praça das Algarobas S/N, no Município de Feira de Santana Bahia, seu telefone é o (75)3204-3051, código do INEP 29096910, CNPJ 02.067.375/0001-02.

A escola observada, localizada na área rural de Feira de Santana, apresenta resultados bastante significativos no que tangem ao desenvolvimento dos alunos ali presentes. De acordo com os dados fornecidos pela secretaria da escola pesquisada, esta escola é composta pelo total de 285 alunos matriculados e frequentando, distribuídos entres os turnos matutino e vespertino, que residem tanto na sede do próprio Distrito, quanto em comunidades rurais vizinhas. É ofertado o ensino do grupo 2 ao 5º anos iniciais, nos turnos matutino e vespertino, das 08h00min às 11h45min, e das 13h00min às 16h45min respectivamente.

## **Dados encontrados.**



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Através da observação na escola pesquisada, pudemos perceber o quanto a gestão escolar está empenhada em fornecer para as crianças uma educação digna, específica e de qualidade. A equipe gestora busca aproximar as crianças desde muito cedo a cultura e as práticas exercidas no campo, valorizando assim a cultura e os costumes dos povos das zonas rurais, o objetivo principal da gestão é fazer com que os alunos se desenvolvam e tenham orgulho de sua própria história.

A gestão da escola torna-se um fator crucial nesse desenvolvimento e na qualidade da educação dessas crianças, e isso se faz ainda mais importante quanto falamos das escolas localizadas nas zonas rurais. Como diz Fernandes é preciso “ver o campo como parte do mundo e não como aquilo que sobra além das cidades” (FERNANDES, 2002, p. 62).

É bastante satisfatório perceber que existem escolas que se empenham na promoção e construção de uma educação do campo de qualidade, e mais satisfatório ainda é poder conhecer uma escola baseada nesses princípios de perto, sua rotina, suas buscas diárias e suas conquistas.

À Luz da literatura pesquisada percebe-se que a gestão escolar também é responsável por desenvolver ações que promovam ações democráticas na escola, entre todas as instâncias presentes na escola, tanto no que diz respeito às tomadas de decisões administrativas propriamente ditas, quanto às pedagógicas, faz-se necessário a elaboração de canais específicos de escuta e a afirmação do trabalho coletivo.

Deste modo, a partir das análises realizadas destacam-se quatro dispositivos considerados pela gestão escolar da instituição pesquisada como cruciais para o bom andamento de suas práticas/ações. São elas: Conselho Escolar; Eleição do Diretor; Parcerias; e a Unidade Executora.

Esses quatro elementos juntos tornam a escola pesquisada um ambiente democrático e participativo, a gestão empenha-se em construir uma escola que promove uma educação infantil do campo participativa.

Diante dos quatro elementos mencionados acima destaco a questão da importância das parcerias na escola pesquisada.





# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



A instituição apresenta uma postura bastante receptiva em relação à presença de parcerias com empresas privadas, desde que as mesmas se comprometam a oferecer o melhor para os alunos inclusive para a educação infantil e também para a comunidade local. O que por sua vez acaba sendo um privilégio, pois segundo a gestora a secretária de educação que deveria estar empenhada em desenvolver práticas específicas na escola do campo que aproximassem os estudantes da sua cultura, da sua história.

Destaco aqui o Projeto Horta Escolar Comunitária, que foi desenvolvido na escola em parceria da Fundação Alphaville, que tem como um dos seus objetivos principais propiciar e fortalecer o vínculo das pessoas com a preservação da biodiversidade local.

Em se tratando de uma escola especificamente do campo, a horta chegou como um canal muito importante de aproximação dos estudantes com a sua própria cultura fortalecendo sua identidade. O projeto estendeu-se não somente aos alunos, mas também aos professores, e a comunidade. As crianças da educação infantil puderam além de obter novas aprendizagens, puderam se divertir bastante, com manejo da terra entre outras atividades.

A empresa propiciou para a escola diversas contribuições, como a Criação, capacitação e manutenção da Horta Escolar junto aos responsáveis da Comunidade; o trabalho com a questão do aproveitamento das ÁGUAS CINZAS que são: Água de pias, tanques, chuveiros, lavatórios, entre outros, e ferti-irrigação em pomar produtivo; Plano de Gerenciamento de Resíduos Sólidos; Central de Compostagem e Coleta Seletiva; Projeto paisagístico produtivo com produção de cerca viva, vivificação do solo, criação de microclimas de umidade e abundância.

A horta comunitária teve como objetivo aproximar também os pais das crianças e a comunidade em geral para dentro dos muros da escola, pois além da formação com o engenheiro ambiental que trouxe para o distrito novas aprendizagens, os pais também tiveram a oportunidade de expor seus conhecimentos tanto para seus próprios filhos quanto para toda a comunidade envolvida.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



## Considerações Finais

Diante do exposto, pudemos comprovar o quanto a presença e atuação de uma gestão efetivamente democrática, só tem a agregar dentro do âmbito escolar, em uma escola do campo o papel da gestão torna-se ainda mais essencial, pois são varias as especificidades a serem observadas e levadas em conta.

Promover a valorização da cultura do campo na escola desde a educação infantil é crucial para que as crianças cresçam e se desenvolvam sabendo de onde elas vêm, entendendo desde cedo o valor a cultura do campo que se faz tão importante tanto para si próprios e para a sociedade como um todo..

Ao longo desse percurso, pudemos perceber através das práticas/ações cotidianas da equipe gestora, que a escola pesquisada caminha em consonância com as bibliografias analisadas, já que a qualidade da educação é prioridade dentro da instituição.

O trabalho da gestão pautado na coletividade e descentralização do poder impulsiona a comunidade em geral a participar das ações da escola. Enfim, uma gestão que tem práticas efetivamente democráticas, constrói uma escola democrática que atende as necessidades de todos, e isso se aplica na gestão das escolas do campo.

## Referências

ARROYO, M. G. *Formação de Educadores e Educadoras do Campo*. Brasília: MEC, 2004

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Gestão Democrática dos sistemas Públicos de Ensino. In: OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro (org.). **Gestão Educacional: Novos olhares Novas abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2005.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



FERNANDES, Bernardo Maçano. Diretrizes de uma Caminhada. In: KOLLING, Edgar Jorge. CERIOLI, Paulo Ricardo. CALDART, Roseli Salete (orgs.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas** – Coleção Por Uma Educação do Campo, n.º 4. Brasília: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002.

LUCE, Maria Beatriz. MEDEIROS, Isabel Letícia Pedroso de. “Gestão democrática na e da educação: concepções e vivências” IN: LUCE, Maria Beatriz. MEDEIROS, Isabel Letícia Pedroso de (org.). **Gestão escolar democrática: concepções e vivências**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2006.



# Seminário do NUPE

“Ensino, Pesquisa e Extensão na Universidade Pública no contexto da reestruturação neoliberal”

21 a 23 de novembro de 2018

ISSN 2595-8534



Os textos que compõem esses anais são de responsabilidade dos seus respectivos autores e coautores.

Comissão Organizadora  
Serrinha, 23 de novembro de 2018